
O Sétimo Continente
THAÍS FERREIRA


O Sétimo Continente
THAÍS FERREIRA

O sétimo continente

THAÍS FERREIRA

Todos os direitos desta obra são reservados a Thaís Ferreira.

Revisão: Ioná Raquel Nunes e Thaís Ferreira

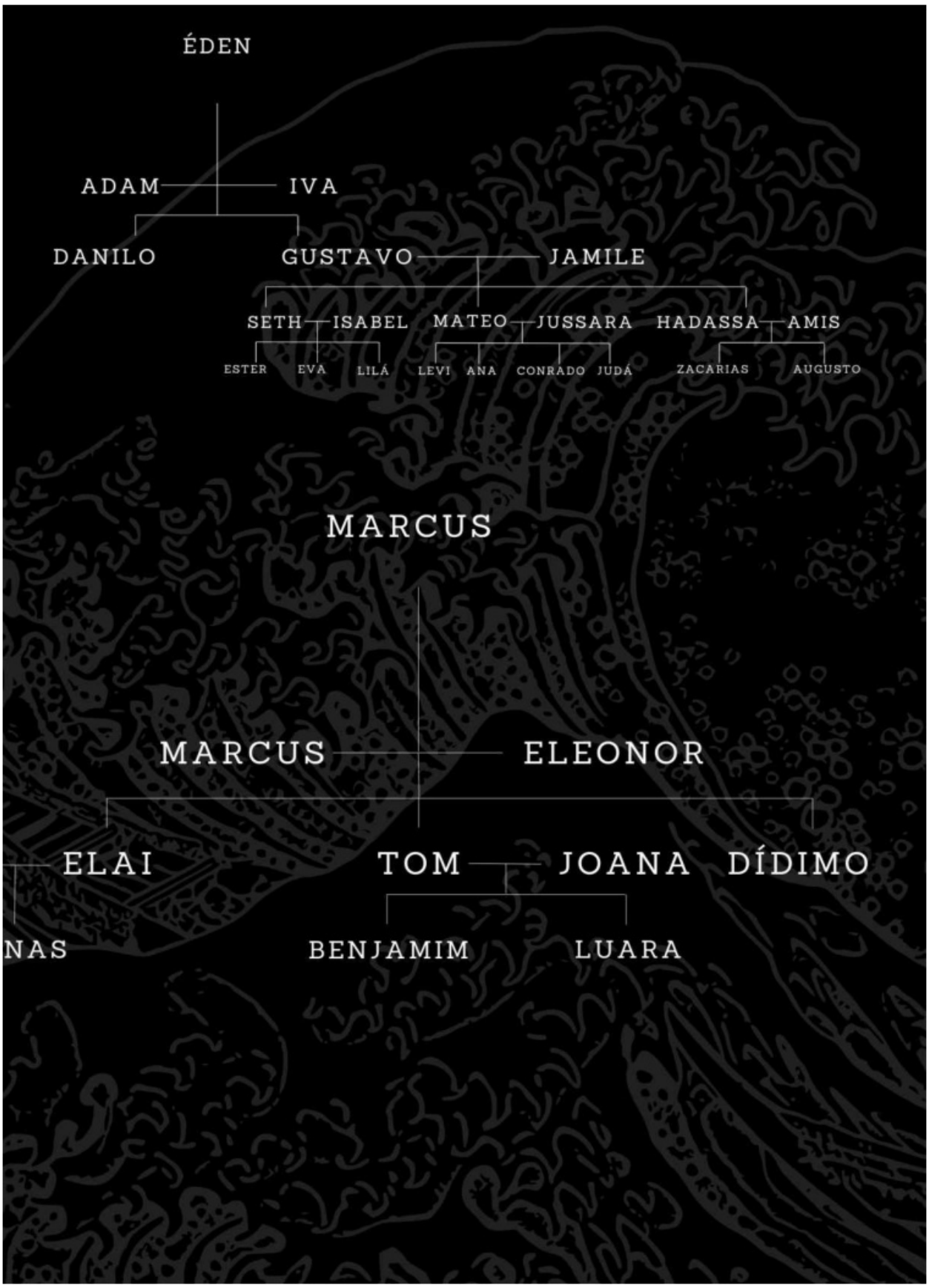
Diagramação: Thaís Ferreira

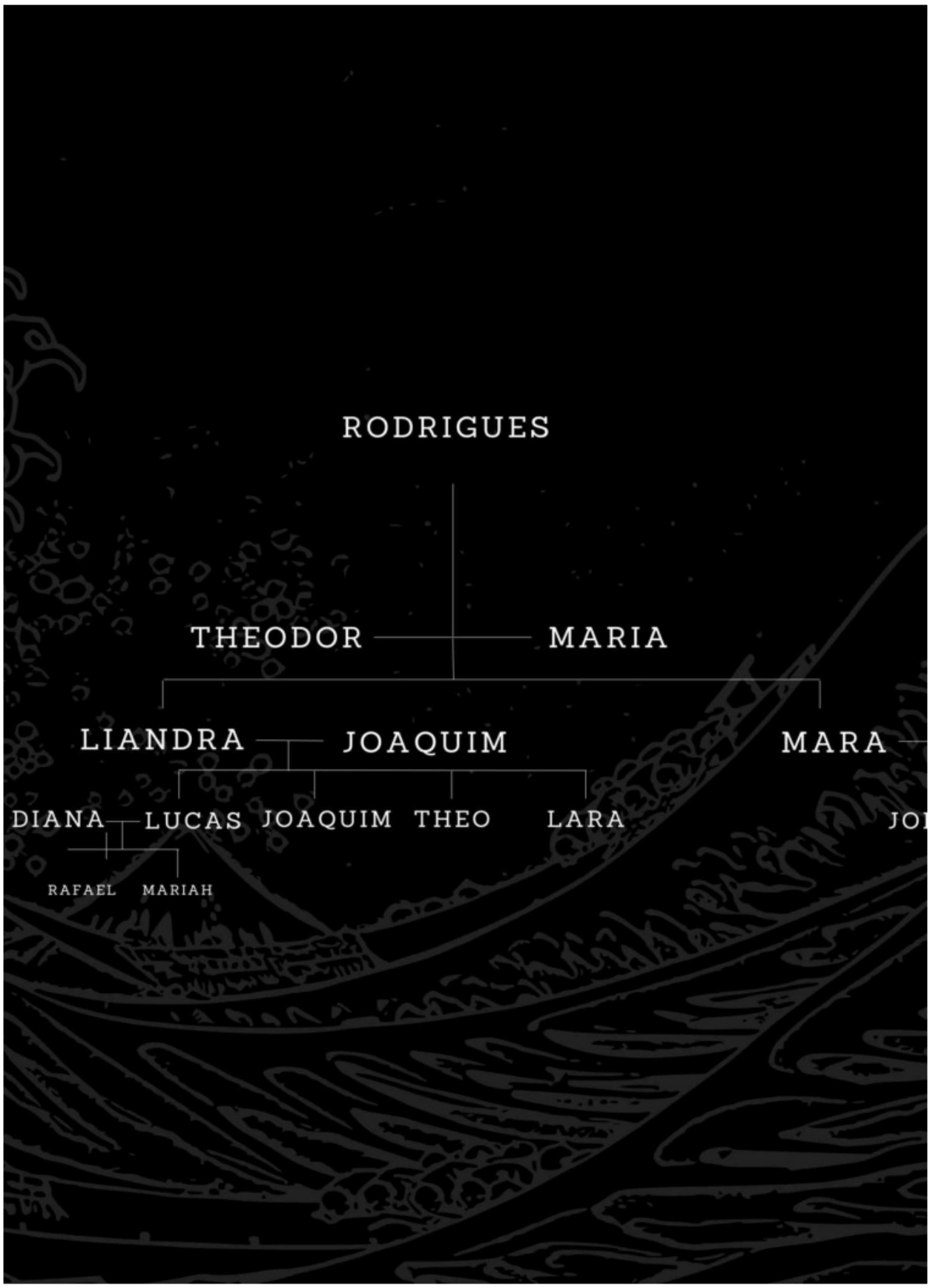
Capa: Fernanda Carvalho

Primeiras leitoras: Biatriz Lírio, Bruna Diana, Gabrielle S. Costa, Ioná Raquel Nunes, Isis Hainner, Jane Cardoso, Jani Gomes e Renata Aires.

Esta é uma obra de ficção. Tudo relacionado a história é produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a vida real é mera coincidência.




ÉDEN
ADAM
IVA
DANILO
GUSTAVO
JAMILE
SETH
ISABEL
MATEO
JUSSARA
HADASSA
AMIS
ESTER
EVA
LILÁ
LEVI
ANA
CONRADO
JUDÁ
ZACARIAS
AUGUSTO
MARCUS
MARCUS
ELEONOR
ELAI
TOM
JOANA
DÍDIMO
NAS
BENJAMIM
LUARA


RODRIGUES
THEODOR
MARIA
LIANDRA
JOAQUIM
MARA
DIANA
LUCAS
JOAQUIM
THEO
LARA
RAFAEL
MARIAH





Ouve-se um grito. Estridente, cortante como navalha. A Oráculo tivera outra visão. O rei a mantinha tão perto que quase a ouvia respirar à noite. Sabia que na escuridão ela tinha as visões a respeito do futuro de seu reino. A mantinha como um pássaro aprisionado em uma gaiola sem poder observar o céu. Entre os

claustrofóbicos papéis de parede nos quatro quantos de seus aposentos, ela gritou. Gritou tão alto que acordou todo o castelo. Um suor frio desceu pela linha que se forma nas suas costas delineando a coluna.

— O rei perderá tudo que tem. — Ela sussurrou ainda de olhos fechados.

A dama de companhia da rainha adentrou os aposentos sem bater à porta. Havia recebido a incumbência a tal serviço. Não gostava de cercar a Oráculo quando tinha suas visões proféticas. Mas quem gostava, afinal?

Os pés descalços da criada sinalizavam a pressa que a realeza tinha para descobrir o que havia de errado no aposento abaixo. Não esperaram que a mulher calçasse os sapatos, tinham urgência em saber o que houve de errado dentro daquele quarto frio e escuro. Quando Ana chegou, viu a mulher sentada na cama ainda de olhos fechados. Não sabia, mas ela visualizava o mal presságio movimentando as órbitas dos olhos por trás das pálpebras. Tinha muito o que ver naquele sonho. Os globos oculares serpenteavam com veemência. A boca aberta formando um ‘O’ desesperado deixava a cena ainda mais perturbadora. A moça que a assistia

sentiu um calafrio e enorme desejo de sair dali ainda mais rápido do que quando foi chamada pela rainha.

—O rei perderá o que tem. Do início ao fim, perderá tudo que tem. —Falou a vidente. Ana colocou a mão no peito assustada.

Assim que a aterrorizante mulher disse aquilo, um raio brilhou no céu atrás de sua cabeça, projetando a sombra de sua silhueta na parede. O quarto inteiro ficou em evidência. A cama era envolta em enormes véus como um presente em tempo inoportuno. Era isso que ela representava: um presente em tempo inoportuno. Ninguém se sentia à vontade sabendo que ela morava no castelo. As Escrituras dizem respeito a essa arte das trevas: tentar visualizar o passado ou futuro por meios não divinos. Buscar esse tipo de mensagem é trazer para si terrível sorte. O rei estava brincando com a linha fina da espiritualidade ao trazer a Oráculo para o castelo. E ele jamais poderá se queixar de não ter sido avisado. Todos os conselheiros do reino o haviam alertado.

Naquele aposento, Ana viu que as janelas abertas permitiam a entrada de um vento que, ora quente ora gelado, sacodisse as cortinas brancas do local. Os

cabelos negros e lisos da figura assustadora na cama se moveram junto a brisa que entrou, jogando- os para trás, limpando a visão da jovem criada para os olhos assustadores da mulher a sua frente. *Esses olhos...* ela pensou. Parecia que a pele da mulher tinha sido cortada na horizontal para que as órbitas tivessem por onde sair. Ninguém sabia exatamente de que parte do continente ela viera e nenhum dos moradores do castelo tinha coragem de perguntar.

Esta foi a pior aquisição que o Rei fez. Constatou assustada.

Outro raio, o vento e então, uma torrente chuva. Pareciam pedregulhos pretos batendo com ira no vidro das janelas. A moça correu para elas e as fechou para que a chuva não inundasse o lugar. Uma a uma as fechou, pareciam portas para a escuridão. Quando estava para cerrar a última, deu uma olhadela na negritude do lado de fora. Seu rosto foi lambido por um vento quente que parecia vir de baixo da terra, muitos metros abaixo de onde ela estava. Limpou-o ao sentir aquele vapor. Acima de sua cabeça batiam grossas gotas de chuva que em contato com o couro cabeludo a faziam estremecer um pouco. Era dolorido. Pedras. As

nuvens subiram tão alto que a água congelou, depois ficou tão pesada que precisava cair do céu em pedregulhos. Afiados como lâminas forjadas.

O lugar fica no penúltimo andar da torre real. A Oráculo não tinha permissão para sair e não se jogaria pelas janelas, não se não quisesse morrer. Estava muito alto do nível chão.

Ana apertava os olhos na escuridão como se vasculhasse algo lá fora que fosse capaz de fazê-la compreender o que havia de errado dentro daquele quarto. Em segundos se deu conta de que ali do alto corria perigo. Sentiu tanto medo de cair que fechou a janela com força. O vidro fez um *claque*, mas era resistente demais para se quebrar. Com as janelas fechadas, mais um clarão ligou as luzes no céu e logo abaixo, no jardim do castelo, estava a figura de um homem. A mulher semicerrou os olhos para obrigá-los a enxergar no escuro. Estremeceu quando viu várias cobras atreladas a seu corpo. Subindo e descendo em espirais. Os olhos amarelados brilharam assim que os que olhos castanhos da moça os encontraram. Ela piscou e ele desapareceu.

Sonhei acordada de novo, pensou. Tivera vislumbres como este algumas vezes ao longo da vida. Sua avó dizia que seus olhos eram como janelas abertas para o mundo espiritual. Sua mãe discordava veementemente. Não a queria pensando

nesse assunto.

Se virou para levar alguma informação do que ouviu a respeito da Oráculo e deu de cara com ela agora de olhos abertos a centímetros de seu rosto. Eram esbranquiçados. Ana sentiu o medo crescer dentro da barriga, como se seus órgãos tivessem se transformado em vapor frio e quisessem fazer o caminho para fora dos lábios. Um grito ficou aprisionado em sua garganta, que agora parecia estar sem lubrificação. Engoliu um pouco da saliva para tentar fazer aquilo que queria, só que foi interrompida quando a ouviu dizendo:

— O Rei já perdeu tudo o que tinha e perderá aquilo que seu coração ainda nem desejou ter.

***

— Pode tamborilar na mesa o quanto quiser, Danilo. Não vou te contar absolutamente nada.

— Mas, Majestade, aquele grito foi apavorante! Por favor, me diga o que Ana viu.

A jovem criada entrou no salão biblioteca quando ouviu o Príncipe Danilo tentar coagir a mãe para saber o que houve na noite anterior. Teve vontade de voltar o caminho que fez, porém, o Príncipe a chamou assim que levantou os calcanhares na direção oposta.

—Conte-me, Ana. O que você viu?

—Não conte nada, Ana. —Falou a rainha Iva.

— Mamãe!

— Danilo!

—Posso me retirar, Majestade? —A moça quase implorou.

—Sim. —A rainha respondeu. Ana fez revência para se retirar.

— Não! — O príncipe falou. Ela se levantou da reverência e permaneceu no

salão.

— Ainda sou a rainha deste castelo. — A mulher falou impaciente. Não gostava dos joguinhos do filho mais velho. — O que dito tem total validade.

—Não acima da minha vontade, príncipe herdeiro da coroa.

— Seu pai precisa morrer para que sua palavra tenha alguma validade aqui, Danilo!

— Não no caso dele ter se retirado do castelo. Sou responsável pelas tomadas de decisão na sua ausência. É a lei.

— O rei saiu do castelo? — A rainha perguntou a sua dama de companhia.

—Não tenho certeza, Majestade.

—Sim, ele saiu. —Danilo insistiu.

— Pois bem. — Iva se levantou contragosto, mas de queixo erguido. — Tome as decisões. Só cuidado para não pôr todo nosso futuro em desgraça.

A mulher saiu, Ana teve o ímpeto de sair atrás dela. Não queria reviver toda aquela história, porém, o Príncipe ainda sentado à mesa oval a regulava de cima abaixo esperando respostas.

—Preciso lhe perguntar mais uma vez?

—Não, alteza. —Respondeu se desculpando.

O tamborilar da mesa descompassou e perdeu o ritmo à medida que ouviu a história. Ajeitando o cabelo um pouco comprido no alto da cabeça, separado ao meio como duas franjas bagunçadas, o Príncipe estalou o pescoço quando terminou de ouvir tudo. Maxilar contraído. Se ao menos seu irmão, Gustavo, se importasse mais

com o destino do Reino, os dois talvez pudessem discutir o assunto juntos.

—Traga ela aqui. —Ordenou entredentes.

—Mas, alteza, ela nunca sai dos aposentos...

— Eu reconheço uma charlatã quando vejo uma. — A interrompeu —Esta mulher pode ter mandado meu pai em uma viagem sem volta e eu quero ouvir de sua boca o que têm a dizer sobre este castelo. Ana fez referência ao Príncipe que voltou a fazer música no tampo da mesa oval do salão biblioteca. Ele se sentava quase de colunas na cadeira do Rei. Batucava nervoso uma marcação de tempo 6/8 que aprendeu na aula de música quando criança: *O Rei orgulhoso perdeu a cabeça/ Perdeu a cabeça, só quer governar/ O Rei orgulhoso perdeu o seu reino/ Qualquer um pode nele mandar.*

As janelas naquele andar formam arcos quando encontram o teto, aquele é o lugar onde todos os conselheiros do rei se sentam à mesa e o aconselham. A lei era específica a respeito deles. Onze homens casados de sangue puro. Porém ela não impedia a majestade de não ouvi-los se não quisesse. E àquela altura o rei Adam só escutava uma pessoa: a Oráculo que trouxe de uma de suas expedições ao oriente. Danilo sabia disso e odiava esta predileção.

— Mandou me chamar, Alteza? — Perguntou a vidente entrando em silêncio no salão. Ele se ajeitou na cadeira. Sentia calafrios quando estava no mesmo lugar que ela. — Gosto desse lugar. É bonito.

—Agora enxerga? —Perguntou desafiador.

— Nos vi ontem à noite. Tudo faz parte do plano do universo. — Disse como quem diz trivialidades —Nada muda.

—Universo? Pensei que tratava dos assuntos divinos.

— O que quer de mim, Príncipe? — Ela o indagou ignorando sua pergunta.

—Presumo que saiba o que tenho a dizer.

— Um dos problemas de minhas visões é que não ouço o que vejo. Acordada não enxergo e sonhando não ouço.

A Oráculo foi na direção exata da mesa e se sentou. Os olhos esbranquiçados miravam o Príncipe que se sentiu desconfortável no ato. Tinha dúvidas se ela não

enxergava de fato. No fundo sabia que ela não era confiável. Só não conseguia fazer o pai entender isso.

—Devo acreditar no que diz? —Ela sorriu ao ouvir a pergunta. —Fique à vontade... mas acredito que você quer acreditar.

— Por que pensa dessa forma? Acha que sou manipulável? — O Príncipe Danilo a odiava tanto que quase podia ouvir seu sangue ferver.

— Você tem um interesse, então vai acreditar no que quiser acreditar baseado no seu interesse. Todos os humanos são assim. — Você fala como se não fosse humana. — Disse enojado e ela gargalhou.

—É nisso que você quer acreditar? Que eu não sou humana?

A Oráculo estalou o pescoço. Ele sentiu os dedos coçarem para pegar sua espada. Não a tinha no alforje no momento, em respeito à rainha que detestava vê-lo usando-a na cintura. Pensou que um corte rápido e limpo acabaria com o ódio crescente que se formava na garganta, queimando como brasas acesas há tempos. Um de seus olhos piscou involuntariamente e seus punhos ficaram cerrados em cima das coxas ainda sentadas na cadeira. Se a matasse ali e agora teria apoio de todo o castelo. Poderia enterrar seu corpo na floresta. Muitos de seus servos se sentiriam úteis o ajudando na tarefa, mas se ele o fizesse não teria respostas a respeito de seu pai. — Não tenho tempo para isso. — Falou para si mesmo. — Vou direto ao ponto. Soube que nem sempre tem razão a respeito do que diz...

— E você acha que não tenho razão nenhuma. — Ela o interrompeu.

—Exatamente... quero dizer que...

—Me mande embora, já que não confia em mim.

— O rei não permitiria. — Disse com os dentes a mostra, pronto para atacá-la.

—Não se preocupe com seu pai. Ele está morto.

Aquilo era demais. O Príncipe se levantou arrastando a cadeira com força no chão. Andou rápido como um gato até a mulher na cadeira. Levantou os punhos

que agora mantinham as mãos abertas em garras na frente do pescoço da Oráculo, que se pudesse enxergar fugiria assustada. Quando se deu conta do que estava prestes a fazer, abaixou as mãos, porém ainda estava diante dela quando cuspiu as palavras em seu rosto:

—Como se atreve?

— Eu avisei que ele ia perder tudo. Do início ao fim, tudo. Ele foi na direção do que o tomaria tudo esta manhã e agora morreu.

—Para onde você mandou o meu pai?

— Eu o adverti para que não fosse. Mas ele foi, como me dizia a visão.

—Para onde? — Gritou.

— Ele acha que existe um mundo completamente novo fora da Redoma. E ele tem razão. Existe mesmo um mundo completamente diferente do que vocês conhecem nessa bolha em que vivem. — Dizia tranquilamente — Seu pai queria conquistar o que há lá e acabou morrendo no processo.

— Escute bem o que eu vou lhe dizer, *Oráculo.* — Ele começou nervoso. Tremia de raiva. Apoiou-se em cima da mesa. — Eu vou atrás de meu pai, que com toda certeza ainda está vivo, e você virá comigo.

—Fui comprada por seu pai. Não por você, Alteza.

—Já ouviu falar em herança? — Debochou.

— É impossível herdar um Oráculo. — Ela zombou do príncipe — Se me quiser em sua peregrinação, pague o preço.

—Eu sabia que arrumaria um jeito de me extorquir!

— Não se preocupe, não custará o seu ouro. É só confessar que eu sou uma vidente poderosa, que tudo sei e vejo. — Sussurrava próximo ao rosto do homem.

—Que ego enorme!

—Apenas diga. —Ela sorriu o fazendo estremecer.

— Você é uma vidente poderosa que sabe de tudo e vê tudo. — Falou sem entusiasmo. — Satisfeita?

A Oráculo estalou a língua o fazendo piscar assustado.

—Não consigo confiar em você. —Ele respondeu entredentes.

— Então, não confie. — A mulher deu de ombros — Me chame quando decidir partir. Sabe onde me encontrar, Danilo.

—Alteza. —Ele a corrigiu.

— Guarde os pronomes de tratamento para quem lhe serve. Somos uma só alma agora. Te sirvo tanto quanto você me serve. *Danilo.*

Se a Oráculo estava certa, ele se tornou o rei de Nova Terra. Não precisou de muito para se lembrar de como desejou que este dia chegasse, mas nunca quis seu pai morto. Então vivia em conflito, já que o rei havia deixado claro que só a morte o tiraria do trono. Estava começando a se acostumar com a ideia de ser rei só depois da morte do pai quando ouviu aquele grito que o acordou na noite anterior.

No instante que ouviu a Oráculo bradar, seu quarto também foi inundado pela luz repentina do raio que cortou o céu. As janelas estavam fechadas e pouco depois ele conseguiu ouvir a chuva. *Chuva de granizo.* Pensou. Se aproximou delas para vê-la do lado de fora. Seu quarto inteiro acendeu e a forma de seu corpo foi desenhada na parede atrás de si. Ele puxou as cortinas para amenizar o brilho vindo da natureza o cegava. Assim que o fez sentiu um calafrio e os pelos da nuca se arrepiaram, pois ouviu a respiração ofegante as suas costas. Se virou assustado e encontrou o rei, ainda vivo, horas antes de partir.

—Vou sair do castelo pela manhã.

O homem que viu estava com olheiras profundas. Não comia direito há semanas e por isso emagreceu demasiadamente. A figura na frente do Príncipe era a capa velha de um rei, que fora jogada no chão dos aposentos reais. Foi assim que

Danilo enxergou seu pai, como uma capa velha destoando do restante do universo real. Era o fiapo de um homem que não sabia mais o que fazer.

—O que? Por quê?

— Não faça perguntas. Me prometa que não vai vir atrás de mim. —O rei disse categoricamente.

— Pai...

—Prometa, Danilo.

—Eu prometo.

—Assim está bem. —Falou e andou na direção da porta.

—Pai, devo me preocupar?

O rei parou no meio do caminho. Olhava para baixo e balbuciava palavras que Danilo não ouviu. Ele piscava rápido e entre as piscadelas os olhos brancos da Oráculo assumiu o lugar dos seus. Apertou-os com força e então seus olhos castanhos voltaram para seu lugar habitual.

— Pai?

—Volte a dormir, meu filho. Amanhã é um novo dia.

***

— Entendo perfeitamente que tenha seus interesses e convicções, mas veja bem... — Dizia um homem no porto da Ilha Real. Estava aflito observando a tripulação do navio Inobedientia II subir a bordo. — Você não vai me convencer Marcus. — O príncipe Danilo respondeu sem nem o olhar nos olhos. —Se quiser, vem comigo em silêncio.

O príncipe assumia uma expressão preocupada naquela tarde. Mirou os criados e toda a tripulação do navio Inobedientia II colocar todos os seus pertences para dentro com a boca repuxada para baixo. Malas, comida e ouro, muito ouro.

—O que pretende com tanto ouro?

— Se meu pai estiver em apuros, preciso de riqueza para negociações.

— Seremos roubados! — Marcus falou chocado. A ideia lhe pareceu muito idiota no momento.

O príncipe estava cansado de toda aquela conversa e só não fez nada com Marcus porque ele era um dos seus melhores amigos e o queria perto nesta aventura. O amigo desesperado por vê-lo fazer aquela loucura, segurou o braço da realeza enquanto ele se desvencilhava para dentro do navio. O segundo maior de todo o Reino.

— Você ao menos sabe para onde ele foi? — Marcus perguntou subindo abordo também. A tripulação os olhava curiosa.

—A Oráculo sabe e vai nos levar.

— Está confiando nesta mulher? Pretende mesmo colocar metade dos despojos do rei dentro de um navio e sair a procura dele com uma Oráculo como guia? Se esqueceu do que os Livros Sagrados dizem a respeito de gente feito ela? — Marcus conhecia muito bem as Escrituras e não gostava nada daquela ideia. — Você vai nos matar! Iremos para o inferno por sua causa.

— Basta! Está livre para ficar. Não me importune mais com isso! É o meu pai. O seu Rei. Como ousa negar as buscas pelo Rei de Nova Terra? —Ele estava perto de colapsar. —Onde está a sua lealdade?

— Minha lealdade nada tem a ver com o que pretende fazer, Alteza .

—Não interfira na minha decisão. —Falou categórico.

—Espere mais um dia, se o rei não voltar iremos atrás dele.

— Não esperarei nem mais um segundo. Venha ou vá embora. Não vou ficar lhe convidando ou tentando lhe convencer dos meus propósitos.

Sabia que Marcus tinha três filhos pequenos e uma esposa em casa o esperando. Reconhecia os riscos da missão e jamais obrigaria seu amigo a acompanhá-lo,

considerando os problemas que eles poderiam encontrar.

— Está bem, eu vou. Mas para garantir que não fará nenhuma besteira no caminho. — Disse e respirou fundo. — Só preciso me despedir de minha família.

***

Eleonor, esposa de Marcus, havia passado a manhã inteira com os filhos na ilha Litoral. Eles se divertiram muito e estavam exaustos. Depois do almoço se deitaram em suas camas e apagaram. Ela também estava com os olhos caindo de sono quando o marido chegou a despertando por completo. Ele contou toda a história e mesmo que tentasse parecer ser uma missão como as outras, tinha uma urgência na voz que só ela conhecia.

— Quando foi que eu me enganei? — Marcus perguntou a esposa em tom de brincadeira.

—Não quero envergonhar você. —Sorriu triste. —Se eu começar a contar aqui, você vai ficar de cara no chão.

Ele sorriu também.

—Danilo precisa encontrar o rei Adam e eu sou seu melhor amigo, não posso deixá-lo na mão.

— ... e é o melhor marinheiro de todo o reino... — Eleonor sorriu tentando parecer convincente.

—Ih, não sei se você acredita nisso... —Ele riu e a abraçou forte. Não queria acordar seus filhos, o que parecia ser um cochilo talvez resultasse no restante da tarde e noite. Elai o mais velho e os gêmeos Tom e Dídimo dormiam tranquilos debaixo do ventilador de teto que acabara de ser instalado. Olhá-los dormindo era o lembrete

constante de que fosse como que fosse, abandonar os ideais de seu pai na ilha Friaze não foi tão ruim quanto ele fez parecer. Marcus tinha uma família. Gente por quem lutar e amar. E mesmo que acompanhar o príncipe fosse uma questão de amizade, o fazia para que seus filhos encontrassem propósito em honrar seus

compromissos. Ainda que mirá-los dormindo sem poder se despedir fosse a coisa mais cruel que tivesse que fazer, contava para si mesmo que voltaria logo, logo.

— Traga o rei e o príncipe sãos e salvos... seja rápido por favor... —Falou com a cabeça apoiada em seu peito.

—E quanto a mim? —Brincou —Não se importa comigo? Eleonor se soltou do abraço, encarou no fundo de seus olhos e

disse:

—Não preciso me preocupar com você. Você é o meu Marcus.

O homem sorriu aberto para amada esposa e a beijou já sentindo saudade.

***

Outubro de 1983, Acampamento Militar, Ilha Real, Nova Terra, Sétimo Continente.

Eleonor levava Elai pelas ruas da Ilha Real. Andava rápido e o menino mal conseguia acompanhá-la. Ele gostava de observar tudo que havia ao seu redor e aquela fora a primeira vez em que teve contato com uma ilha tão impressionante quanto a Ilha Real. Eles sempre moraram no Litoral, uma ilhota pesqueira. Observando a ilha que parecia desenhada por um arquiteto, o menino tinha muito para ver. A praça central estava iluminada pelo sol que se punha e algumas pessoas caminhavam tranquilamente. Nenhuma delas parecia ter sofrido a perda de alguém ou se preocupava com a dor constante no estômago. Aquele povo sempre escolheu bem quem alimentar e era exatamente isso que Eleonor buscava para sua família.

Marcus havia desaparecido um ano antes numa busca desenfreada do príncipe Danilo por seu pai que nunca havia saído do

castelo. Ele fora enganado pela Oráculo que seu pai, Rei Adam, havia comprado para si, mesmo contragosto a todas as recomendações de seus mais leais conselheiros.

Agora o filho mais novo do rei, Gustavo, era quem governava Nova Terra. Tinha três filhos e uma esposa muito doente. Ninguém imaginava que algum dia ele fosse se tornar alguém tão importante. Seu irmão mais velho nem ao menos se casou, porque considerava mais o reino do que as trivialidades da vida. Enquanto isso, Gustavo ficou despreocupado por ter um irmão assumindo responsabilidades, viveu sua vida como se fosse qualquer outro membro do reino. O príncipe mais novo se tornou rei, porque seu pai, Adam, morreu desgostoso quando notou seu erro ao comprar a Oráculo. E sua esposa Iva não tinha a menor condição de ser governante.

Nova Terra havia mudado e todos precisavam acompanhar as mudanças se quisessem sobreviver, por isso Elai estava sendo levado para o quartel general, seria treinado e muito bem alimentado. Para uma mãe desesperada, isso valia muito. Os garotos estavam sofrendo com a fome e Eleonor não havia encontrado nenhum emprego digno. Ainda estava pensando no que fazer com os gêmeos em casa quando chegou sozinha aos portões do quartel.

—Identificação. —Disse um jovem soldado na entrada.

— Sou Eleonor Marcus e trouxe meu filho, Elai Marcus, para o treinamento.

—Não vejo ninguém com você.

A mulher se virou assustada e procurou o filho ainda parada diante do portão de ferro do quartel. Seus dedos apertavam a grade com tanta força que estavam esbranquiçados. Pouco depois encontrou Elai em cima da ponte observando o rio abaixo dela.

— Elai! — O garoto se assustou e foi correndo na direção da mãe aflita. — Elai, meu filho, precisa prestar mais atenção. Não percebe que poderia ter problemas muito sérios se distanciando de mim?

—Desculpe, mamãe. —Respondeu encabulado.

— Este garoto não tem 12 anos ainda, tem? — O soldado perguntou rude, avaliando Elai do alto da cabeça aos dedos dos pés nas sandálias infantis.

—Sim. Ele completou 12 anos há duas semanas.

O menino olhou com descrença para mãe que acabara de mentir. Ele na verdade havia completado 11 anos e não 12.

— Sua mãe é uma mentirosa? — O soldado perguntou quando notou que o menino estava desconfortável.

—Não, senhor. Minha mãe não é mentirosa...

— Bom, de todo modo, ele está muito atrasado. Se fosse para se alistar deveria ter chegado às 8h como todos os outros — O soldado deu as costas e começou a andar.

— Espere! Nós não... — O homem parou seu caminho para escutá-la, mas ainda estava de costas — nós não sabíamos que haveria alistamento hoje, s-só soubemos agora a tarde e moramos na ilhota Litoral... tivemos problemas para chegar aqui... e-eu imploro que o aceite.

Ele se virou e encarou os olhos desesperados daquela mãe.

— A senhora entende onde está deixando seu filho? Sabe que aqui não é nenhum parque, não sabe?

—Sim, senhor.

—Amanhã é dia de iniciação. E seu filho é um Marcus, filho de um marinheiro da realeza, vai mesmo colocá-lo para aprender a lutar? Não teme pela vida dele?

O garoto procurou palavras melhores do que as que escutou sair da boca de sua mãe:

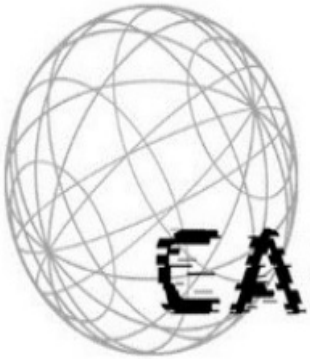
—Eu não me importo.

Elai engoliu em seco e respirou com dificuldade. Ser um bom observador da natureza não facilitou o trabalho de examinar as pessoas e lê-las. Ele ainda era jovem demais. Ouvir sua mãe dizendo aquelas palavras doeu fundo em seu coração, tão forte que sentiu a visão embaçar e as paredes do cérebro encolherem causando claustrofobia. Entretanto, se tivesse levantado mais os olhos, encontraria a lágrima grossa e arredondada rolando pelo rosto de sua cansada mãe, e então saberia que dizer aquelas palavras foi a tarefa mais difícil que já

enfrentou, até mesmo quando entendeu que seu marido jamais voltaria para casa. Dizer que não se importava com a vida de Elai foi como queimar toda a carne por debaixo da pele.

O garotinho entrou para o quartel com os olhos vermelhos, queimando, pedindo para produzir lágrimas enquanto sua mãe, ainda

parada no mesmo lugar, se agarrava as barras de ferro do portão com força, como se tentasse derretê-las já que por dentro queimava.



CAPÍTULO 1

OUTUBRO DE 2013, ESPÍRITO SANTO, BRASIL, SEGUNDO CONTINENTE, AMÉRICA DO SUL.

Jonas achava que sua vida era complicada demais. Aqueles eram os limões mais azedos que já havia espremido. Era impossível sair uma boa limonada. Seu pai, que aparece apenas uma vez ao ano em outubro, havia sumido há meses. Fez 18 anos em junho e ele não apareceu nem mesmo depois para comemorar sua maioridade como tinha prometido. No fundo considerava aquilo muito bom, pelo menos não teria que falar sobre seu fracasso no vestibular.

Agora que é um jovem adulto precisa trabalhar. “Regras são regras” sua mãe disse, não ia dar uma chance para que ele ficasse apenas estudando até que

passasse na prova. “Terminou o ensino médio, comece a trabalhar!”

Odiou a ideia de começar na lanchonete da Praça dos Namorados. Sua mãe trabalhara ali na juventude e seu pai o levava para lanchar naquele lugar sempre quando precisava se despedir, para Deus sabe onde ele vivia nos outros 11 meses do ano. “Foi aqui que sua mãe e eu nos conhecemos.” Contava a história toda vez antes de se despedir.

Agora estava trabalhando no lugar onde seus pais se conheceram, porém, um deles sumiu. Não quem ele gostaria. Às vezes pensava que sua vida seria muito mais fácil se quem tivesse sumido fosse sua mãe e não seu pai. Contudo, do mesmo jeito que o

pensamento vinha, a culpa se instalava e ele se arrependia. Da última vez, comprou pizza como pedido de desculpas para as palavras que pensou. Sua mãe nunca soube, mas gostou da surpresa.

“Ele sempre faz isso, filho. Ele é assim.” Mara lhe disse quando ele questionou o desaparecimento repentino. Não gostou da resposta, mesmo que fosse a verdade. Ele dizia ser um marinheiro muito importante, só que não de onde exatamente. Passava um mês com eles e depois ia embora sem muitas explicações.

— Essa é a relação mais estranha que existe. — Jonas falou à mãe certo dia. — Ninguém que eu conheço já viu algo parecido. Eu nem falo do meu pai para as pessoas, porque essa é a mentira mais deslavada que alguém poderia contar. O cara some por 11 meses! Ah, faça-me o favor.

Ficou de castigo por 1 mês. De casa para a escola, da escola para casa.

O pai também tinha uma particularidade intrigante. Trabalhava por 11 meses interruptos, entretanto não contribuía financeiramente com a casa. Quando o garoto se deu conta disso, no início da adolescência, teve uma crise arrasadora. Brigas atrás de brigas na escola. Respondia mal aos professores e não respeitava nenhuma autoridade masculina. A fase difícil o fez acreditar que os homens não eram bons e que todos mentiam. Bastou outubro chegar que as coisas se ajeitaram.

— Está envergonhando sua mãe na escola, Jonas? Tem alguma coisa a me dizer sobre isso? — O pai perguntou com a mandíbula quase cerrada.

A conversa aconteceu no quarto do menino, os dois estavam sentados na cama. O mais velho havia acabado de chegar e Jonas estava se recusando a ficar no mesmo cômodo que ele.

— Por que você não contribui com a casa? — Perguntou petulante.

— Eu contribuo com a casa de formas que você jamais imaginaria.

O pai o corrigiu e depois disso Jonas nunca mais tocou no assunto ou deu trabalho na escola. Bom, a respeito das brigas, nada mudou. Ele continuou sendo o mesmo garoto brigão de sempre.

Com o dinheiro curto, o jovem adulto precisa trabalhar. Valeu, pai! Sentia que isso era mais culpa de seu pai do que de qualquer outra pessoa.

— Vai fazer a prova do ENEM este ano? — Mara perguntou quando os dois tomavam café da manhã antes de saírem para trabalhar.

— Como eu poderia fazer se nem estudei? — Devolveu a pergunta com desdém.

—E por que não estudou?

— Mãe, você sabe que eu não consegui estudar para a prova, pelo menos não trabalhando como eu trabalho.

— Se você quisesse mesmo alguma coisa, teria se esforçado mais. —Mara respondeu ríspida.

—É claro que eu quero passar no vestibular!

—Não é o que parece.

— Foi você quem me mandou trabalhar feito escravo! — Jonas vociferou.

— Escravo? Você trabalha feito escravo? Eu sustentei esta casa por anos, não me venha falar que trabalha muito. — Falou irada — Eu sei o que é trabalhar muito!

— Por que o papai não te ajudou? — O rapaz perguntou e bebericou um pouco

do café. A ferida já fora cicatrizada e ele não se importou de expô-la de novo.

— Não vamos colocar o seu pai no meio da conversa. Termine seu café e vá trabalhar. —Respondeu calma, só que sua mão tremia nervosa.

— Você nunca quer falar do meu pai. Quero saber dele! Ele tem outra família? É por isso que não passa muito tempo com a gente? —Jonas perguntou rasgando o tecido cicatrizado mais fundo.

— Nós somos a família do seu pai. — Ela respondeu com os olhos cheios de lágrimas.

— Então por que ele não está aqui? Outubro do ano passado ele não apareceu. Nós já estamos quase em novembro e meu pai não apareceu de novo.

—Ele tem suas razões.

— E você sabe quais são? — Jonas indagou ainda mais petulante.

—Isso não vem ao caso. —Mara disse ressentida

—Você não sabe. —Ele interrompeu a mãe.

—Jonas, você está me desrespeitando!

— Eu quero respostas, mãe! Respostas. Você está me tratando como adulto, me mandando trabalhar, mas não me conta o que está acontecendo de verdade. Eu sei que meu pai tem outra família, sempre desconfiei. Só não entendo porque você aceita isso.

— Basta. — Mara se levantou com as mãos apoiadas na mesa. — Eu não aceito que você fale do seu pai desta maneira. Vá trabalhar, agora. — pegou a caneca cheia de café e o pão francês das mãos do filho e os jogou na pia. —Agora que terminou seu café, pegue suas coisas e vá trabalhar.

— Claro. — Jonas cuspiu a palavra, arrastou cadeira e saiu pisando forte.

A sobrancelha da mulher tremeu e o coração se descompassou. Sentou-se de volta à mesa e começou a chorar com as mãos no rosto. Ele nunca foi fácil de

lidar e sempre tinha perguntas que ela não podia responder, mesmo que soubesse.

Mara culpava o esposo pelo comportamento do filho: *os dois são parecidos demais!*

A mulher se levantou e foi na direção do retrato da família que está pendurado na parede da sala de televisão. Viu o marido 10 anos mais jovem, sorrindo com Jonas nas costas, e ela agarrada ao seu braço. Se lembrou do dia que se conheceram na lanchonete perto do mar, em uma época distante, 24 anos antes.

Outubro de 1989, Vitória, Espírito Santo, Brasil, América do Sul.

Seu rosto estava sujo, como se usasse maquiagem. Uma faixa preta na altura dos olhos e dois raios vermelhos no olho direito. Quando notou que Mara o observava curiosa, abriu um sorriso, andou na sua direção e seguiu a ultrapassando diretamente para o banheiro. A versão jovem da mulher engoliu em seco envergonhada. Não sabia muito bem como se portar diante de um rapaz. Nunca havia namorado antes. Sua mãe era categórica a respeito disso: *não saia por aí procurando, o homem certo virá até você.*

Tomava seu milk-shake favorito: morango com pedaços congelados semi batidos. Sentada no lugar que mais gostava, em uma mesa de frente para a janela com vista para o mar. Já era noite e ela precisava voltar para casa antes das 20h.

O ensino médio havia acabado, finalmente, e ela pedira seu primeiro emprego naquela mesma lanchonete. Começaria no dia seguinte.

Pensando na vida e nos desafios que enfrentaria, mal notou que o rapaz se sentou em sua mesa. Os cabelos compridos na altura dos ombros faziam ondas como o mar atrás de si. Bronzeado pelo sol, usava uma camiseta branca e calças jeans, evidenciando ainda mais a cor amendoada. Lavou o rosto, não estava mais maquiado e ainda exibia o sorriso largo. Os olhos verdes do rapaz a desconcertaram de tal modo que ela engasgou quando o notou na sua frente.

— Hum... — Ele disse ainda sorrindo, colocou os cabelos atrás da orelha. —Está tão ruim assim? Deixe-me ver. —tomou o copo da mão de Mara e bebeu um pouco a encarando. Fez careta e sorriu de novo. —Muito doce!

Ele tossiu e Mara continuou fitando-o sem saber o que fazer.

— Meu nome é Elai. — Falou e esperou. A moça não respondeu então ele começou a fazer linguagem de sinais.

—Hã... eu consigo falar. —Finalmente respondeu. O sorriso dele se acendeu. — Mara.

—O que tem?

—É meu nome: Mara.

— Sério? — Indagou surpreso. Apoiou os cotovelos na mesa, tocou no relógio de pulso e disse: — Mara? — Esperou um momento, sorriu e falou mais uma vez: —Não sei se concordo. Você não me parece amarga, nem tendenciosa a guerra, ou desordem... —C-como assim? —Perguntou e bebeu mais um pouco do milk- shake. Tentou não pensar no fato de que o rapaz acabara de colocar os lábios no canudo em que ela estava usando no momento.

— É o significado do seu nome. — Respondeu e pegou o copo da mão dela de novo, bebeu um pouco, fez careta e continuou: — Acho que seus pais escolheram um péssimo nome para você... seu rosto está sujo...

—Hã, quê? Sujo?

Mara tentou limpar o rosto, mas Elai sempre dizia que estava limpando o lugar errado. Até que ele mesmo segurou o queixo dela e com a mão livre limpou o canto de sua boca que não estava suja, ao contrário do que ele disse. Como ela era uma dessas moças que não sabia direito como se portar, por instinto acertou o rosto do rapaz com um tapa. Ele virou o rosto e teve a impressão de que por pouco sua cabeça não girou no pescoço. Ela, atônita com o que fez, se levantou da cadeira com a mão na boca. Quando Elai a olhou surpreso, se desesperou e saiu correndo pela porta na direção da praia.

— Ei, espere! — Elai gritava atrás dela com a mão no rosto que queimava pela intensidade do tapa. Ainda sorria largo.

Mara, que já conhecia aquele lugar, andava apressada para chegar logo à praia. Tirou as sandálias, pulando em um pé só para frente enquanto tentava se

desvencilhar deles. Ele resolveu andar mais devagar e assistir a cena da moça desengonçada que tanto chamou sua atenção. Tinha um sorriso satisfeito nos lábios, mesmo que a bochecha esquerda estivesse vermelha e queimando.

—Eu sou ridícula mesmo! —Sussurrava envergonhada.

Quando finalmente chegou na faixa de areia, se sentou diante do mar e ficou observando as pequenas ondinhas chegando a margem, sem força. Aquelas águas tranquilas lhe traziam paz e ela amava passar tempo diante delas. Se sentiu feliz, porque mais cedo conseguiu o emprego ali perto, assim poderia ir à praia todo fim de expediente. Morava em outra cidade, mas isso nunca a impediu de amar o lugar. Era capaz de agradecer o tempo exorbitante que passava dentro de um ônibus para chegar até ele.

—Sabe, —o jovem começou a falar e se sentou a seu lado e ela se assustou com a chegada — essa foi a primeira vez que a tática não funcionou. É um clássico! Primeiro eu falo o significado do nome da garota, depois digo que ele não condiz com ela... e então, eu insinuo que o rosto dela está sujo, uma mentirinha boba para poder tocá-la. — Falava como um professor, olhava para o mar, seu velho conhecido — E então, depois de fingir limpar o rosto dela, eu digo que seu nome deveria ser Bela, porque é a garota mais bela que já havia visto...

Fez uma pausa e depois a encarou.

— Talvez devesse repensar suas táticas. — Mara respondeu mais confiante, afinal ele pareceu interessado. Elai sorriu.

—É verdade. O que eu deveria ter dito?

— Palavras não me convencem. — Respondeu se fazendo de difícil e encarou o mar a sua frente, sorrindo.

— Muito menos ações... — Falou segurando a bochecha vermelha. Ela o encarou de novo e riu envergonhada.

—Desculpe por isso. Sinto muito.

— Não tenho certeza se sente mesmo... — Ele respondeu rindo também e se levantou. — Acho melhor eu ir andando... você não é uma boa companhia pra

mim.

—Por quê? —Mara perguntou recolhendo o sorriso.

— Porque eu não posso ficar e você, — respirou fundo — vai me fazer desejar ficar.

O rapaz estendeu a mão na direção dela a cumprimentando. Sorriu de canto de boca e foi embora. Talvez aquelas fossem as palavras que eram capazes de convencê-la, mas agora, Elai estava longe demais para saber disso.

Pouco depois, graças a sua tecnologia, estava atravessando a Redoma. Atravessar os limites da Nova Terra não é tão difícil. Depois que Marcus desapareceu do mapa, Elai começou a analisar a Redoma com cuidado. Fez alguns testes depois que se submeteu a carreira militar e em um mês de outubro, quando tinha apenas 13 anos, acabou enxergando a falha no sistema. Saiu dos limites todos os dias, até que deixou de ser possível. A falha tinha memória, durava 30 dias e nada mais. Descobriu a duras penas que não eram quaisquer barcos que permitiam a partida, apenas flutuantes feitos de uma madeira específica tinham essa sorte. Madeira Brava. Vinda de uma árvore avermelhada que só existe em Friaze, ilha de difícil acesso. É quase um novo reino dentro do velho. A madeira que vem da enorme e imponente ilha, fabricou o Inobedientia I e o Inobedientia II. O segundo navio foi quem levou seu pai para longe. Assim como a promessa de aliança divina, feita a um homem na antiguidade, aquela Redoma prometia uma aliança de proteção a maldade que havia do lado de fora dela. O problema é o mau que há dentro.

Quando chegou a Nova Terra foi convocado ao palácio.

—Achou algo interessante no Brasil? —O rei perguntou. —Nada demais — Mentiu e deu de ombros.

— É uma pena... porque se você tivesse encontrado algo que valha a pena, de repente eu poderia conceder carta branca a você. Assim seria meu espião. Analisaria a forma de governo daquele pais e me contaria se é uma ameaça ou não.

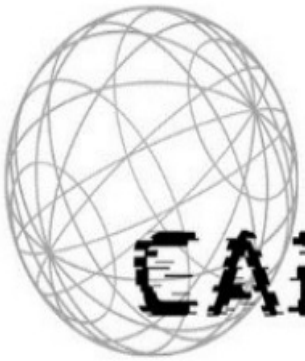
Elai segurou o riso. O Brasil não apresentava nenhum perigo. O governo do lugar não era muito eficaz aos olhos do jovem. Nenhum continente no planeta

apresentava perigo a Nova Terra. Eles sempre estiveram debaixo de seus narizes e ninguém conseguia enxergá- los. Deviam agradecer a tecnologia avançada que embaçava os olhos das tripulações de navios que passavam pela Redoma.

— Bom, neste caso. Se é essa a vontade do rei, será um prazer tentar descobrir o que acontece...

O rei assentiu achando que havia feito um ótimo negócio.

Elai sabia muito bem que no dia 31 o limite se fecharia de novo e que só conseguiria voltar ao continente no próximo ano. Teria tempo suficiente para ficar e o rosto de Mara estava em sua cabeça quando pensou nisso.



CAPÍTULO 2

OUTUBRO DE 2013, ESPÍRITO SANTO, BRASIL, SEGUNDO CONTINENTE, AMÉRICA DO SUL.

Jonas não se sentia como as pessoas a sua volta, se considerava importante e inteligente demais para ficar perdendo tempo com eles. Se recusou a chamar as pessoas pelo nome, sempre fingia olhar o nome dos colegas no crachá para deixar claro que não havia decorado ainda, apesar de ter feito isso no mesmo dia que começou o trabalho por causa da sua memória eidética.

Se ele tivesse se esforçado mais e lido todo o material necessário, teria passado no vestibular sem muito esforço, mas estava preocupado demais com a namorada que arrumou no último ano. Denise, o nome dela. Quando o resultado do vestibular saiu eles terminaram. Precisava culpar alguém e desferiu toda a culpa na garota, que não só passou no vestibular como foi morar em outro país para estudar. Ela queria continuar o namoro, a internet poderia facilitar as coisas para os dois, só que Jonas sentiu tanta raiva dela que fez o possível para que se sentisse péssima e nunca mais o procurasse.

As melhores amigas de Denise, Marisa e Elis entraram na lanchonete rindo de alguma coisa.

—Vou fazer meu intervalo —Jonas disse para o gerente.

— Ainda não está no seu horário — Ele respondeu e sorriu para as garotas que chegaram ao caixa.

Jonas revirou os olhos e falou rispidamente:

—O que vão querer?

— Oi, pra você também, Jonas. — Marisa falou com o celular na mão.

Ela era a loira de farmácia mais inconveniente da escola. Jonas detestava quando Denise a convidava para um programa em que ele estivesse e isso quase sempre acontecia. Ele sorriu debochado.

—Oi, Marisa. Elis.

Elis ficou o encarando, ela havia corrido atrás dele logo depois que ele Denise terminaram. Nunca a quis, sempre a achou burra demais. A garota ajeitou os cabelos negros atrás das orelhas cheias de brincos e depois se apoiou no balcão. Jonas a ignorou, o que só aumentou ainda mais seu interesse.

As duas fizeram seus pedidos e depois se sentaram em uma mesa de frente para Jonas que ainda estava aborrecido em seu posto de caixa.

— A princesa tem razão... — Jonas ouviu um homem falando. — Nós devemos ter foco e encontrar o garoto de uma vez. Ela disse que ele está por aqui...

Ele conversava com outro na língua que Elai havia lhe ensinado. Seu pai lhe contou que a inventou para conversarem secretamente. Até deu um nome para ela: sanctus. Os olhos de Jonas se fixaram na conversa dos dois. Mal conseguia se concentrar no que diziam.

—Mas nós já visitamos o segundo continente inteiro!

—Quer voltar a ser operário? —O outro perguntou aborrecido. —Claro que não...

Um deles era alto como Jonas e o outro devia medir 1,60cm. Os rostos estavam manchados de preto. Pareceriam mendigos se não estivessem com a roupa limpa, roupa essa que parecia vir de um filme de piratas. Como se eles tivessem acabado de pisar em uma terra muitíssimo. O estômago de Jonas se revirou. Os dois na sua frente usavam brincos de argola dourada e tranças embutidas no alto da cabeça como Elai, seu pai.

— Pode fazer seu intervalo. — O gerente disse a Jonas tomando seu posto de caixa. — Como posso ajudá-los? — Perguntou aos distintos homens.

O garoto foi para os fundos da lanchonete com a cabeça cheia. Pensou no seu pai e na última conversa que tiveram. Pensou na língua nada secreta que os dois tinham e em como aqueles homens a conheciam. Lembrou-se da quantidade de exercícios que seu pai deixava para que ele estudasse a tal língua. Pensou nas cartas também, com enigmas para que o garoto treinasse sanctus, o que ele achou ser só mais uma brincadeira entre os dois. Nunca se sentiu tão enganado. Seu pai pertencia a algum lugar e aqueles homens eram a resposta.

Amava Elai, porém estava começando a perder a paciência com ele e toda aquela conversa de “não posso falar sobre isso”.

Jonas se apoiou na parede dos fundos do comércio e ficou observando as pessoas na praia ao longe. Olhou o horizonte e todas as lanchas ancoradas perto da praia de frente para o píer. Sentiu inveja dos riquinhos que podiam velejar a hora que quisessem. E de novo se lembrou do pai que dizia ser marinheiro. *Será que ele é mesmo marinheiro ou só estava curtindo com a minha cara?*

30 dias. Jonas contava todas as vezes que o pai aparecia. E nem as 720 horas

completas ele podia ficar. Sempre tinha a hora certa para ir embora.

Marisa e Elis saíram da lanchonete e o procuraram do lado de fora.

— Ai que saco! — Falou para si mesmo. De repente sentiu uma vontade imensa de voltar a trabalhar.

— Se eu fosse paranoica, acharia que está fugindo da gente! — Brincou Elis enquanto as duas se aproximavam.

—Por que não faz isso? Banca a paranoica. Combina com você. Ela gargalhou. Marisa ficou desconfortável e segurou o braço da amiga de leve.

— Sempre te achei engraçado! — Elis falou fingindo achar graça. Ela chegou perto demais e apertou o braço de Jonas. Ele olhou para mão dela no seu bíceps e a encarou com desdém.

—Uau, anda malhando?

— Seu desespero me dá vergonha alheia, Elis. Por que vocês não vão andando?

—Nossa, Jonas. Deixa de ser idiota! —Marisa o repreendeu. Ele revirou os olhos.

— Tá bem, vou responder sua pergunta, Elis. — Ele disse sorrindo debochado. — Sim, eu malho. Faço artes marciais também. Quer que eu te dê o endereço da minha academia pra você conferir de pertinho?

—Grosso! —Elis falou ofendida e deu um passo para trás.

— Só falei o que você queria ouvir. — Jonas respondeu e revirou os olhos.

As duas ficaram reclamando e ele desligou o cérebro enquanto as encarava falando. Não estava dando a mínima. Ao fundo, atrás delas, notou que os dois homens estranhos saíram da lanchonete falando sobre a necessidade de encontrar o garoto que procuravam. —Shiu! Olhem aqueles caras, estão procurando alguém.

— Como você sabe? — Elis perguntou olhando para os homens se distanciando.

—Eles disseram.

— Falaram com você? Eles quase não falam português e ficaram falando um monte de coisa sem sentido na mesa ao nosso lado.

—Vai ver estavam falando inglês... —Jonas despistou.

— Não seja idiota, Jonas, se eles tivessem falando em inglês nós saberíamos. Não sei se você lembra, mas nós duas fizemos Idiomas

(Antigo CEI – Centro Estadual de Idiomas, programa do Governo do Espírito Santo que dá oportunidade a estudantes da rede pública estadual aprofundarem os estudos da língua inglesa ou espanhola.), e eu fui selecionada para ir ao Canadá no ano passado.

— Tá, tá... cala a boca, Marisa! — Jonas disse e começou a caminhar atrás dos homens.

As vozes das garotas estavam ficando cada vez mais longe enquanto Jonas se aproximava dos esquisitões a sua frente indo em direção à praia.

— A princesa vai nos esfolar vivos. O mês está quase acabando... a Redoma vai se fechar e nós não teremos um garoto conosco na volta para casa. —Falou um deles, o mais alto.

— Será que teremos que voltar para as minas? — Perguntou o baixinho.

—Muito provável que sim.

— Mas você viu o que aconteceu com meu calcanhar da última vez! —O baixinho choramingou.

—Sim, e eu já lhe pedi desculpas o suficiente, Luca!

— Eu já te desculpei, Lio. Só que ainda dói quando eu tenho que correr, é uma droga!

Os dois andaram despreocupados sem notar a presença de Jonas atrás deles.

Tiraram os sapatos e amarram os cadarços às canelas quando chegaram na faixa de areia da praia. Jonas achou a ideia muito idiota, se afastou um pouco andando devagar sem fazer barulho. A praia não é extensa e por mais idiotas que os dois fossem, ele não conseguiria se tornar invisível. Se eles olhassem para trás o descobririam.

— Devíamos ter ancorado mais perto. No píer talvez... — Disse o baixinho.

—E arriscar ser vistos pelos tontos? Eles notariam o navio...

— Você tem razão. Sempre tem... — O menor respondeu sorrindo.

—Eu sou o mais inteligente!

O baixinho assentiu com a cabeça e os dois começaram a tirar as roupas. As pessoas passavam pelos dois e os observavam chocadas. Se a intenção era não serem vistos, estavam fazendo um péssimo trabalho. Usavam calças escuras e blusas de manga comprida de tecido fino. As argolinhas nas orelhas reluziam no sol. Jonas semicerrou os olhos com o brilho. Seu pai usava duas argolas na orelha direita e os dois homens apenas uma. Ele sabia que os dois tinham alguma coisa a ver com o paradeiro de seu pai e já estava disposto a interrogá-los a respeito quando eles pularam de cuecas no mar e começaram a nadar com as roupas amarradas ao pescoço. A intensão era não molhar as vestes, todavia estava mais que claro que tiveram todo um trabalho à toa. Nadavam rápido e Jonas pensou que se afogariam com os laços firmes que ataram, mas deu de ombros e voltou para seu trabalho. O tedioso trabalho de sempre.

Ao menos naquele momento tinha muito no que pensar. Seu pai lhe deu material para isso sem nem aparecer. Agora tem um enigma nas mãos e pode começar a desvendá-lo sozinho. Elai não falhava neste aspecto. Sempre com os deveres de casa. Era um professor perfeito. Nem deu as caras, contudo, mesmo assim se encarregou de ocupar a mente de Jonas. *Valeu, pai!*

—Você deveria ter voltado cinco minutos antes. Tem 15 e não 20 minutos de intervalo. — Falou Orlando, o gerente, quando ele voltou para o caixa.

—Tá. —Ele respondeu.

—Amanhã, fará 10 minutos.

Tanto faz, pensou e se colocou a trabalhar de novo. As duas garotas que ele ignorou agora estavam o encarando pelo vidro da parede lateral. Ele as notou através da visão periférica e decidiu fingir que elas não estavam ali, tinha muito mais o que fazer naquele momento.

A lanchonete fechou mais tarde naquele dia, 20h40min. Jonas ficou bufando atrás do gerente que decidiu atender os últimos clientes às 20h15min. Orlando fingiu não perceber. Alguns dos outros colegas ao notarem o aborrecimento de Jonas, concordaram em apoiar o superior só para vê-lo suar de raiva.

Quando eles começaram a se preparar para fechar a lanchonete, Jonas correu para o banheiro dos funcionários e vestiu uma roupa mais confortável e seus tênis de corrida. A academia que frequenta fica a oito quilômetros do trabalho e ele se aquece para o treino correndo até ela. Leva entre 25 a 30 minutos de corrida, correndo a 16 km/h em média. Tem tentado abaixar seu tempo de corrida pelo simples prazer de dizer que consegue. Colocou seu fone de ouvido e o velho Rock ‘n’ Roll começou a tocar, ecoando em seu cérebro. Sua mãe odeia quando ele faz isso, sabe que pode tirar a atenção do que acontece ao redor, mas Jonas gosta de redobrar o alerta e entende como um desafio não ser atropelado enquanto corre. Dá a ele a sensação de ser invencível. Sem contar o prazer que sente ao desobedecer a mãe.

Um e noventa de altura e mais músculos do que precisa no atendimento ao cliente. A pele morena e o cabelo curtinho debaixo do boné preto costumam afastar os assaltantes. O que Jonas detesta, já que sempre teve o sonho de brigar com um trombadinha na rua. A mochila nas costas carregando seu uniforme, balançava junto com o som dos seus pés que pisavam firme e estáveis durante a corrida.

Já era tarde, ele não podia se demorar muito senão a academia ia fechar. Adiantou o passo e chegou às 21h30min em ponto. Sorriu

ofegante quando viu o horário na tela do celular. Ele subiu as escadas escuras no mesmo pique da corrida e encontrou seu instrutor, Eduardo, se despedindo de uma moça gordinha.

—Tchau, Laís. Boa noite.

—Tchau, Edu. Até amanhã.

Eduardo, um homem de meia idade, alto e magricela, quando viu Jonas o fitou aborrecido.

—Finalmente! Não posso ficar com você por muito mais que 22h, vai ter que terminar seu treino sozinho.

—Beleza, eu fecho tudo e deixo a chave no lugar de sempre. —Minha mulher não gosta nada disso... você sabe!

A academia era dos dois, Eduardo e a esposa, que dava aula de aeróbico para mulheres cinquentonas.

—Vai virar o cachorrinho dela agora, Edu?

Eduardo se aproximou rápido como um leopardo, segurou a camisa de Jonas com as duas mãos e com a perna direita fez uma espécie de gancho por trás lhe dando uma rasteira. O garoto caiu de costas no tatame e sorriu. O professor sentou em cima da barriga dele e socou o tatame a milímetros de distância de seu rosto zombeteiro. Parte do soco acertou a orelha esquerda dele que queimou, mas continuou sorrindo.

—Tá bem, tá bem... só quis implicar!

— Me chame de cachorrinho de novo que eu faço o treino com você de correntes nas mãos.

Eduardo se levantou e estendeu a mão para Jonas que bateu nela e se ergueu sozinho. Ele nunca aceita ajuda de ninguém.

—Já se aqueceu?

Jonas assentiu, abriu a mochila e pegou sua garrafa d’agua. Bebeu um pouco da água já quente e depois a colocou no chão do lado de fora do tatame. Tirou os tênis ainda de pé, confirmando sua estabilidade com um pé só. Os colocou junto da garrafa, estalou o pescoço e levantou guarda com os punhos na altura das bochechas. Eduardo calçou as luvas e apontou para as de reserva penduradas perto do espelho. Jonas se negou a usá-las.

— Você tem razão... não vai precisar mesmo! — O professor brincou com os punhos já cerrados na altura do queixo. Jonas riu.

Eduardo é um ótimo lutador e é verdade que quase nunca seu aluno consegue acertá-lo.

O mais velho se aproximou e deu um soco lateral na direção da bochecha do garoto. Um gancho de direita. Não projetou muita força, porém, Jonas cambaleou para trás. Já não sorria mais. Detestava apanhar.

— Você abriu demais a guarda. Sempre espera que eu comece com os cruzados . Por isso armou guarda na altura das bochechas. Precisa ser mais rápido.

—É que 90% das vezes você é...

Eduardo deu um jab e Jonas conseguiu se proteger a tempo. Mas o braço esquerdo na guarda acabou acertando de leve o seu rosto. —... previsível. — Jonas terminou a fala.

—Muito papo e pouca ação.

Eduardo fez uma sequência de jabs e diretos, socos na altura do nariz de Jonas, que se protegeu de todos. Alguns cruzados acertaram o rosto do garoto que fingiu não sentir dor. Quando o cinquentão ofegou pela rapidez dos seus movimentos, Jonas fez o que sabia. Girou o pé de apoio e acertou o primeiro chute na cintura do instrutor. Seu pé ardeu, por mais que Eduardo parecesse magricela, tinha muito músculo debaixo das roupas largas que usava. O professor riu e acertou um chute de frente, com o pé na barriga do rapaz que cambaleou para trás. Ele abaixou o queixo e o fitou com raiva. Andou rápido na direção jogando vários socos na direção do instrutor que se desviou de cada um. Quando Jonas sentiu os bíceps arderem, Edu lhe deu uma rasteira que o derrubou no chão.

— A brincadeira está muito boa, mas tenho que ir para casa. — Ele estendeu a mão na direção de Jonas que bateu nela e levantou sozinho. — Aumente uma série das que já te passei duas semanas atrás. Está vai ser a última semana com essa, semana que vem eu vou intensificar.

—Beleza. —Jonas disse e cuspiu no chão. —Não esqueça de limpar tudo antes de sair. Ele assentiu.

—Vou nessa, até amanhã.

— Tchau.

Terminou seu treinamento e já eram 23h. Tinha que limpar a academia o mais rápido que pudesse senão sua mãe ia pirar de novo. Fez um acordo com Eduardo no início do ano. Não tinha grana para manter a academia porque Mara havia cortado todos os gastos em excesso, e academia para ela, era um gasto desnecessário. Desgostoso, perguntou o que poderia fazer para se manter matriculado. Eduardo de bom coração ofereceu a ajuda em troca da limpeza da academia. De cara, ele disse não, mas duas semanas depois voltou atrás e aceitou. Engoliu seu orgulho porque não queria abandonar seus treinamentos. Só que o trato era que ninguém soubesse o que ele fazia. Por isso treinava depois do expediente e não pela manhã como a maioria das pessoas preferia.

Usou os produtos de limpeza com sabedoria porque sabia que Lorraine, a esposa de Eduardo, reclamava quando ele usava muito produto. Para evitar o aborrecimento e a vergonha de ela sair contando para todo mundo que era ele quem limpava a academia, obedeceu.

Toda vez que começava a limpeza se sentia desvalorizado e enojado. Sua mãe o estava punindo por parecer com seu pai? Ou ela só não queria que ele treinasse pesado como Elai faz? Enquanto limpava o espelho, viu os olhos de seu pai o fitando de volta. Tem os mesmos olhos verdes brilhantes. O mesmo porte físico e temperamento. Dá para contar nos dedos de uma mão o que tem em comum com a mãe.

Terminou a limpeza e calçou seus tênis de corrida de novo. Correria menos agora, cerca de quatro quilômetros até sua casa. Já era mais de 00h, disso ele sabia. Sabia também que se sua mãe o estivesse esperando, ele ia ouvir bastante.

Apressou o passo com a música alta nos ouvidos. Chegou na frente do prédio antigo em que mora, respirou fundo e torceu para que a mãe estivesse dormindo. Subiu as escadas para o segundo andar correndo, se esforçou para não fazer barulho. Apartamento 16. Desligou a música. Girou a chave na fechadura com cuidado e entrou em silêncio feito um gato. Trancou a porta e andou rápido até

seu quarto, colocou a mochila no chão e foi para o banheiro tomar seu banho. Deixou as luzes do banheiro desligadas.

Demorou o máximo que pôde até se sentir relaxado. Escovou os dentes no escuro. Amarrou a toalha na cintura e abriu a porta do banheiro com cuidado, deu de cara com sua mãe que o estava esperando do lado de fora.

—Jesus! —Gritou assustado.

— Não fale o nome do Senhor em vão. E fale baixo, vai acordar os vizinhos! — Sussurrou aborrecida.

—Você me assustou. —Sussurrou aborrecido também.

—Anda, Jonas, quero usar o banheiro!

Mara se esgueirou no portal do banheiro e acendeu as luzes com Jonas ainda parado na sua frente. Ele se desvencilhou do toque da mãe e foi para seu quarto se vestir.

— Comeu alguma coisa? — Ela falou em tom normal de dentro do banheiro. Jonas não só a ouviu falar como a escutou fazendo xixi. —Sim. Comi no trabalho.

—Tá. —Ela disse e deu descarga.

Droga de paredes finas!

— Chegou muito tarde de novo! Odeio quando você faz isso, fico com medo de alguma coisa te acontecer assim tão tarde, Jonas. Poxa vida, você sabe disso!

Ele vestiu seu samba-canção de dormir e se jogou na cama. No alto da parede onde sua cama encosta, está o interruptor para luz e ventilador de teto. Ele bateu a mão nele desligando a luz e bateu de novo para ligar o ventilador. As hélices começaram a se mover e o ventinho fresco atingiu sua pele o deixando ainda mais relaxado. O vento também fez com que o cheiro de limpeza do quarto subisse as suas narinas. Sua mãe havia o arrumado mais cedo.

Mara abriu a porta com tudo e Jonas bufou de raiva. Detestava a falta de tranca.

Mara havia tirado a chave do seu quarto para impedir que ele fizesse alguma coisa escondido. Este é o terror de qualquer adolescente: não poder fazer nada escondido. Para evitar discussão, fechou os olhos para fingir que estava dormindo.

— Jonas.

Se ele conseguisse ignorá-la, talvez pudesse deixar o vento refrescante do ventilador niná-lo até dormir.

— Jonas.

Seus olhos deram um espasmo ao ouvir a voz que ele considerava irritante na maior parte do tempo. Sem aviso prévio, a mão de Mara acertou sua barriga em cheio. Mesmo que o garoto estivesse dando duro na musculação, nem mesmo o abdômen mais musculoso era capaz de aguentar o tapa que ardeu no formato exato da mão delicada da mulher.

—Mas que... —Ele segurou o palavrão na língua.

—Ah, então está acordado...

—Lógico! Como que dorme com um tapa desses?

—Seu pai te mandou uma carta.

Jonas se sentou ligeiro na cama. A imagem do pai veio à mente com rapidez, assim como a imagem dos dois homens que viu na lanchonete mais cedo. Mara acendeu a luz do quarto e em sua mão estava uma carta que já havia sido aberta. Ele olhou para o papel e depois para mãe.

—Sério? Você abriu minha carta?

—Abri. —Mara falou com os olhos fumegando.

—... crime federal...

Mara respirou fundo fazendo barulho.

Jonas sabia que aquele era o momento de parar. Não dava conta de sua mãe, os golpes dela são muito mais rápidos dos que o de Eduardo e mesmo que conseguisse, jamais a machucaria. E considerando a hipótese mais louca: se tentasse machucá-la, seu pai o mataria. Tinha certeza de que mesmo sumido, seu pai daria um jeito de encontrá-lo se descobrisse que havia batido nela. Essa era uma das linhas que ele de forma alguma cruzaria. Ainda que não honrasse sua mãe devidamente, a lei estava implantada em sua mente. Seu pai, nas poucas vezes em que se encontraram, garantiu isso.

Mara entregou a carta e Jonas a leu com cuidado. Absorvendo cada letra, na expectativa de que ela lhe entregasse o paradeiro seu pai. Passou os dedos entre as palavras, conferindo em seu coração que aquela era de fato a letra de Elai. Os relevos das letras penetraram seu coração expondo a saudade.

—O que ele quer dizer com “não banque o espertinho”? — Jonas perguntou a mãe.

— Ele quis dizer o que disse. Vai ver ele sabe que você anda me desobedecendo...

— Como ele saberia? — Perguntou aborrecido. Mara deu de ombros, mas sabia muito bem a resposta. Bateu a mão no interruptor e falou:

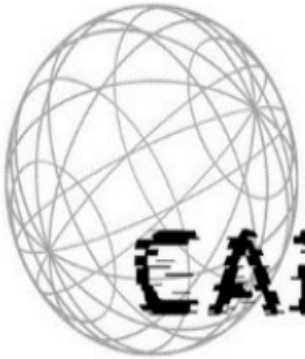
—Agora chega, vá dormir. Está tarde, como sempre! Ela saiu do quarto e ele não demorou muito a pegar no sono aquela noite.

filho.

Você já tem idade suficiente para saber tudo a meu respeito e contarei assim que nos encontrarmos de novo. entretanto. o tempo passou rápido demais e eu não posso lhe visitar de novo. Estou enfrentando uns problemas no trabalho e confesso que ajudaria muito se você já soubesse de tudo. Seria muito útil e me ajudaria a resolver. mas o que tenho a lhe dizer não pode ser dito por carta.
Por hora. enquanto pode. quero que você cuide muito bem da sua mãe. estou fazendo o possível para que fiquemos juntos definitivamente.
P.S. Não banque o espertinho. obedecer é uma questão mais lógica do que você imagina.

Com amor.

Elai.



CAPÍTULO 3

SONHOS DE JONAS, ALGUM LUGAR, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

A floresta não é convidativa a noite. Qualquer barulho pode te tirar do sério. A armadura de aço batido pesava os ombros de Jonas. Em mãos uma espada, como um extensor de seu braço. Partilhavam as enervações como um só. A lâmina em contato com a luz do luar brilhava fantasmagórica. Com os ouvidos atentos, um movimento na mata atrás dele o fez girar os calcanhares rapidamente. Praguejou em sua mente, pois o barulho dos seus pés saiu mais alto do que gostaria. Quebrou alguns galhos e movimentou folhas secas. Se fosse visto por um de seus líderes seria expulso.

A visão já acostumada com a escuridão, vasculhou algo e assim que encontrou, focalizou os dois pares de olhos amarelados entre os arbustos da mata fechada. Deu dois passos para trás, longe da abertura da luz do luar a cima de sua cabeça, o colocando no completo escuro de novo. A fera escondida se movimentou com ele como num espelho. Ao contrário dele, podia enxergar perfeitamente no escuro. Mal piscava. O rapaz pisava devagar buscando apoio atrás de si. Com a respiração já ofegante, uma vez que seu coração trabalhava em frenesi, decidiu se concentrar ainda mais.

Seja o que for, poderá ouvir meu coração se eu não me acalmar.

A adrenalina pulsava entre as veias do garoto. Agradecido pelas sandálias de couro que não permitiam que seus pés já suados o desestabilizassem, sentiu cada tendão dos membros fincados no chão. A fera se aproximou produzindo sons animalescos de arrepiar. Mostrou-se abrindo caminho na mata e projetando-se para relva, no círculo aberto no meio da floresta. Jonas respirou fundo aliviando o cérebro. Estava prestes a lutar pela vida contra um raríssimo leopardo negro. A boca do animal pingava sangue. Andava devagar na direção do humano intruso na mata que decidiu ficar parado, conferindo se o plano daria certo. Levantou a espada com cuidado evitando movimentos bruscos, fitou os olhos amarelados que lhe davam arrepios e esperou.

O animal parou e o fitou, parecia esperar um só movimento para atacá-lo.

Uma nuvem de moscas zunia no canto. Havia sangue no chão. A fera já estava alimentada. Colocou o pé esquerdo na frente e se apoiou no direito. O animal, assim que notou a movimentação por parte de seu adversário ereto em duas patas, parou com as dianteiras abaixadas se preparando para pegar impulso para frente. Com a espada em punho e um punhal no cinto, esperou que o bicho viesse para cima. Como se lhe fosse sujeito, foi o que fez, avançou na sua direção com um pulo. Caiu em cima do rapaz, que mesmo que segurasse sua espada com força, devido ao peso do animal, acabou deixando-a escorregar e cair longe. Empurrou o pescoço do bicho com o antebraço esquerdo. Não era fácil, ele grunhia e mordia o ar com força. O barulho feroz estava o apavorando, mas a concentração é a primeira lição de sobrevivência na selva. Era isso ou a morte.

Com a mão direita procurou o punhal em seu cinto. Por causa disso, a fera foi ganhando espaço, tão próxima que quase mordia seu rosto. Afastou o pescoço do animal de novo, conferindo ainda mais força. Lembrou-se do punhal, todavia teve dificuldade de puxá- lo, estava muito bem preso ao cinto. Balançou veemente a arma na coxa e se cortou. Arquejou de dor, dando mais espaço para o avanço do bicho. Consciente de que perderia a luta se não tomasse uma atitude, fez sua última tentativa de agarrar o punhal com a mão

direita. A violência do movimento fez com que o cinto se rompesse e por isso a roupa de baixo da armadura se afrouxou.

O leopardo se aproveitou do momento e ganhou um pouco mais de espaço, abriu a boca, confiante de que vencera a batalha da selva para abocanhar o rosto de Jonas, entretanto, o garoto foi mais rápido e cravou a pequena lâmina na altura do ouvido do animal. O sangue escorreu quente para seu rosto. Ferido, sua última ação foi revirar os olhos, tamanha dor que sentiu. O ar quente de seu hálito sessou pouco depois.

Já cansado pelo o que pensou ser horas lutando pela vida, Jonas empurrou o corpo do animal para o lado e respirou ofegante ainda no chão. Sentiu o impacto, assim que terminou. Seus braços e pernas doeram como nunca.

Ele se sentou e analisou o monte de pelos negros sem vida ao seu lado. Sabia que precisava voltar para o acampamento, pois em breve amanheceria. Se levantou e esticou bem todos os ossos que conseguiu e depois agachou para pegar o corpo no chão. O animal era a prova de que foi bem-sucedido. Só a presença do sangue não significava nada. Apoiando-se nas coxas fez força para levantar o animal que pesava mais 100kg. Abaixou a cabeça e o passou para trás da nuca colocando-o em seus ombros. Ao se levantar do agachamento, as pernas cederam um pouco.

Vamos lá, antes que outro bichão desses apareça.

Ficou ereto, mas afastou os pés para se estabilizar. Sentiu o peso em suas coxas, e decidiu que ignorar a exaustão era o único meio de acabar logo com aquilo. Passar entre a floresta com um animal como aquele nas costas foi muito mais difícil do que ele imaginava. Lutar com ele fora o mais fácil até o momento.

A falta de estabilidade sob seus pés devido ao terreno desnivelado, o faziam tropeçar ou escorregar o tempo inteiro. Algumas vezes quase deixou o bicho escorregar dos seus ombros. Pé ante pé, seguiu caminho, abrindo atalhos com o corpo para agilizar o tempo e finalizar logo o rito de passagem. Galhos arranharam seu rosto e panturrilhas nus. A bermuda em baixo da armadura não apresentava muita segurança a não ser agilidade na locomoção. Se ao menos fosse uma calça.

Quando as luzes do acampamento apareceram, pôde relaxar um pouco. Alguns soldados o viram chegando e ficaram surpresos.

— Por essa eu não esperava... nunca imaginei que um Marcus conseguiria. —

Um rapaz sorridente disse.

—Marcus? —Jonas perguntou.

— Meus parabéns, você é oficialmente um homem, Elai. — O garoto se aproximou o ajudando a tirar o animal morto de seus ombros.

—Elai? Meu nome não é esse, meu nome é...

—Jonas! —Gritou Mara o acordando de seu sonho.

De volta a realidade, Vitória, Espírito Santo, Brasil, Segundo Continente, América do Sul.

— Vamos, filho, já é mais de 9h. Você pega às 10h! Vai se atrasar. —Mara disse da porta do quarto de Jonas.

Ao ouvir os gritos da mãe deu um pulo da cama. Não teve tempo suficiente para odiar ser acordado daquela forma, portanto, correu para fora do quarto, chutou a mochila no chão que atrapalhava seu caminho e então adentrou o banheiro. Tomou um banho rápido e escovou os dentes enquanto ajeitava seus cabelos no espelho. Correu de volta para seu quarto para se arrumar e ao abrir o guarda-roupas não encontrou seu uniforme.

—Mãe, você não lavou meu uniforme?

— E por que eu faria isso? É responsabilidade sua. — Ela respondeu como quem diz o obvio. Sua voz vinha da cozinha.

— Putz, mãe! Vou ter que usar o uniforme sujo de ontem. — O garoto choramingou. Não que fosse resultar em alguma coisa.

— Já te avisei, tem que lavar o uniforme quando chega do trabalho.

— Cadê o meu outro uniforme, eu tenho outro. Duas camisas e duas calças. Cadê?

— Não sei, Jonas. Procure. Não é você que vive exaltando sua memória eidética? Como pode ter esquecido algo assim? — Sua mãe perguntou

despreocupada —Tenha um bom dia, estou atrasada para o trabalho.

Mara é recepcionista em um hotel em Camburi de 10h às 20h

— Argh! — Jonas gritou nervoso ao escutar a porta da cozinha batendo. —Mas que droga!

Vasculhou cada centímetro do seu guarda-roupas e não encontrou o uniforme. Jogou todas as roupas no chão do quarto e nada. Bateu a mão com força na porta do armário, ela não aguentou e caiu no chão acertando seu pé em cheio.

— Mas que... — Segurou o pé com uma mão só e ficou dando pulinhos, arquejando de dor. Xingou vários palavrões agradecido porque a mãe não estava em casa para escutá-lo e repreendê-lo com a mesma conversa de que Deus tudo ouve e vê.

Assim que reclamou o tanto que queria, vasculhou entre roupas no chão em busca da mochila. A encontrou poucos segundos depois. Abriu-a com raiva fazendo o zíper ranger e puxou o uniforme todo amassado.

Só melhora!

No quarto de sua mãe, ligou o ferro de passar roupas e se colocou a passar as peças. O cheiro de suor subiu em suas narinas. Havia usado aquelas roupas no dia anterior e elas pareciam sujas. Não havia manchas, porém o tecido do uniforme é tão ruim que dava para notar a diferença de cor.

Desligou o ferro e vestiu a roupa no lugar em que estava. Andou ainda sentindo dor no pé, para seu quarto, terminou de pentear o cabelo diante do espelho e notou o resultado do treino do dia anterior. O gancho que atingiu seu queixo estava marcado de roxo num círculo perfeito. No centro dele, um ponto vermelho. Para notá- lo era preciso que ele levantasse o queixo. Parte do hematoma era visível, mas boa parte dele estava mais abaixo do rosto. De todo jeito, acreditava que seu gerente ia reclamar.

Colocou na mochila outro conjunto de roupas para malhar — que a memória eidética convenientemente sempre o lembrava de lavar — e seus tênis de corrida. Seguiu para o trabalho, não antes de pegar uma banana na fruteira da cozinha. Correu até o ponto de ônibus e logo entrou em um que o levou à Praça

dos Namorados. Olhou a hora no visor de celular. 20min atrasado.

A lanchonete já estava aberta quando chegou e os funcionários em seus postos. Tudo conforme deveria ser. Os caras o fitavam enojados como de costume. Todavia, ao contrário do que gostariam,

Jonas não dá a mínima. Entrou e foi direto para os fundos na salinha do gerente, a poucos metros dos fundos da cozinha. O encontrou sentado atrás da mesa digitando algo no computador. Orlando é baixinho e barrigudo. Gosta muito do lanche que é servido aos funcionários na hora do almoço.

—Desculpe o atraso, Orlando.

— Não vai se justificar? As pessoas geralmente fazem isso, pelo menos inventam desculpas. — Disse desdenhoso, olhando para tela do computador.

—Não. Eu assumo meu erro. Acordei atrasado.

— Os banheiros são seus hoje. — O superior respondeu rispidamente.

—Ok. —Jonas falou entredentes e saiu da sala.

—Ei, espere aí.

O rapaz voltou para o portal da saleta de Orlando.

— Este uniforme está com uma aparência terrível! Faltou sabão na sua casa?

Jonas se limitou a não responder deixando seu gerente um pouco envergonhado com o silêncio, o garoto é bom em deixar os outros desconfortáveis. Por causa do incômodo de seu gerente, sentiu-se muito contente aquela manhã, até ignorou a dor latejante em seu pé. —Tudo bem, pode ir agora.

Andou na direção da dispensa e pegou tudo que precisava para limpar os banheiros. Essa era a pior tarefa de todas e havia uma escala para o serviço. Não era o dia de Jonas, teria que fazê-lo no lugar de outra pessoa que não chegou atrasada. Ele fez seu trabalho com perfeição, por isso não demorou a ouvir:

— Você é um bom lavador de banheiros. — Orlando debochava enquanto Jonas

se dirigia ao balcão da frente.

Ele decidiu não responder. A resposta em sua língua o demitiria. —Pode ir para o caixa.

— Ok. — Dessa vez respondeu. Mas antes lavou as mãos três vezes. Detestava lavar banheiros.

Durante os atendimentos, ele se pegou olhando a praia ao longe. Balançou os pés no chão enquanto estava sentado no banco alto do caixa. Pensar no pai não ajudava em nada. A ansiedade era tanta que ele se pegou mordendo o lábio inferior, parou quando sentiu o

gosto de sangue. Sinal de que a ansiedade atingira seu auge. Controle era a chave para sua mente se manter sã, portanto se obrigava a respirar fundo, aliviando-a.

— Esperando alguém? — Perguntou Penélope. Ela trabalha na chapa e sempre dá um jeito de deixar o posto e puxar assunto.

— Talvez.

— Sempre misterioso... — Ela disse e soltou um risinho. Jonas revirou os olhos. — Hoje, depois do trabalho, vai rolar uma festinha lá na minha casa... você deveria ir, vai ser legal.

Fazia tempo que não ia a uma festa e estava dolorido demais para treinar de novo. O acordo de Eduardo e Jonas só valia se ele tivesse usufruído da academia, então os dois não tinham um compromisso firmado todos os dias.

—Talvez eu vá. —Ele respondeu se virando na direção dela.

A jovem engoliu em seco, ficou desconcertada quando ele a encarou por mais do que cinco segundos. Ele gostava do efeito que causava nas garotas então sustentou o olhar e sorriu de canto de boca.

Penélope tem dois piercings no nariz, um no septo e outro na ponte. Jonas achava aquilo estranho, mas não teve a oportunidade de dizer isso ainda. Os cabelos pintados de preto cortados na altura das orelhas, faziam contraste com a pele muito branca da garota, que provavelmente não gostava de praia.

—Vai ser legal. —Ela disse e mordeu o lábio.

Jonas teve que segurar o riso. Se virou para olhar quem chegava. Os dois homens do dia anterior estavam de volta.

—Queremos dois números 9. —Falou o mais alto em sanctus. — Está em falta. — Jonas se arriscou na língua para ver no que dava. Penélope os olhou assustada e indagou:

—Que língua é essa?

Jonas encarou os homens boquiabertos na sua frente.

— Por que vocês conhecem a língua secreta do meu pai? — Perguntou ríspido.

—É claro! Ele é igualzinho ao... —Falou o baixinho.

— Cale a boca! — O mais alto o repreendeu com um tapa na cabeça.

— Pareço com quem? Hã? Pareço com quem? — Indagou se levantando do banco. Apoiou os punhos no balcão e encarou os homens na sua frente.

— Com ninguém... meu amigo te confundiu. — O homem alto falou e sorriu satisfeito.

Os dois saíram cambaleando da lanchonete. Correram na direção do mar novamente. A curiosidade de Jonas só cresceu. Sabia que se parecia com o pai. Aquilo não era novidade. Então recebeu mais pistas para seu enigma. A primeira delas é que os homens estranhos sabiam a língua “secreta” que o pai e ele partilhavam, e que além disso, deixaram subentendido que o conheciam.

—Desse jeito não dar! Falando assim você vai espantar todos os clientes! — Disse Orlando sem paciência, apareceu de supetão justo na hora do ocorrido — Vá para chapa, a Penélope pode cuidar do caixa hoje.

A caminho da cozinha considerou seus próximos passos. Aqueles homens poderiam voltar a qualquer momento e fazê-los correr para seus esconderijos não o ajudaria em nada, portanto, assim que os visse teria que fazê-los querer ficar muito mais se quisesse descobrir o que o pai havia aprontado. Entretanto, estava tão magoado com toda aquela situação que ainda não sabia se realmente queria seu pai de volta a sua vida.

Ao fim do expediente Penélope agarrou o braço de Jonas e o puxou para perto.

—Minha casa é logo ali.

Jonas respirou fundo, havia se esquecido da ideia de ir a uma festa. Tinha até se aprontado para ir à academia. Não conseguia passar uma só noite sem se exercitar. Olhou para garota e pensou um pouco.

Nem se me amarrassem!

—Foi mal, não vai rolar não...

— Tá falando como se estivesse me dispensando. — Ela disse sorrindo, tentando parecer não ofendida.

— Foi mal. — Ele falou e colocou os fones de ouvido. Detestava as festas na

época da escola, não ia ser agora que ia começar a gostar.

Tirou a camisa enquanto a garota ainda o fitava chateada por não conseguir levá-lo para festa. Ela ficou boquiaberta com a forma que ele se sentia à vontade consigo mesmo. É claro que gostou da atenção que recebeu. Penélope abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a música estava alta demais, Jonas nem se deu o trabalho de ouvir o elogio que a garota fez. Acenou com a cabeça e se pôs a correr na direção de sua casa. Estava cansado demais para treinar, só que a corrida não, isso ele tinha que fazer.

Quatro quilômetros depois encontrou sua mãe esparramada no sofá, já vestindo pijama. O cumprimentou sorrindo, porém logo recolheu o sorriso quando entendeu que ele estava sem camisa.

—Sem camisa, filho? Vai pegar sereno!

— Esse corpinho aqui é a prova de doenças. — Ele disse apontando para a barriga sarada. Mara jogou o controle remoto nele que o pegou com a mão.

O reflexo tá bom.

—Você estava se exibindo de novo?

— Como assim de novo? — Ele perguntou rindo enquanto tirava os tênis na soleira da porta.

— Você sempre faz essas coisas idiotas. Se acha o tal... por isso que eu parei de pagar sua academia.

— Tá me zoando? Eu me matando pra limpar aquela academia toda pra poder malhar! — Jonas estava surpreso com a declaração da mãe. As luzes da tevê brilhavam em seu rosto cansado. — Se você pelo menos deixasse eu usar meu dinheiro... o dinheiro que eu trabalho para conseguir.

— Você vai ter seu dinheiro quando virar homem e tiver sua própria casa. Enquanto isso, sou eu quem decide o que vai ser feito com ele. — Mara disse e se virou para televisão informando que aquela conversa tinha acabado.

—Isso não é justo. Meu pai sabe disso?

—A ideia foi dele. —Ela respondeu despreocupada.

— Ah, então vocês ficam armando as coisas pelas minhas costas?

— Não seja ridículo, ele só te conhece, vocês são iguais. — Falou como quem diz trivialidades, já com os olhos colados na tela de novo —Coisa de Marcus!

—Que droga é essa de Marcus? —Indagou confuso, se lembrou do sonho que teve. Mara arregalou os olhos como se tivesse dito demais. —Por que me chamou assim?

—Deixa isso pra lá.

— Mãe.

—Deixa isso pra lá, Jonas.

— Mãe, me conta. Poxa vida, vocês nunca me dizem nada! Eu sonhei com esse nome noite passada. — Jonas disse chateado e Mara se levantou e o olhou aterrorizada.

Jonas nunca havia visto sua mãe daquele jeito. Os fios brancos começaram a aparecer no topo de sua cabeça naquele ano. Estava com a aparência mais velha, mas ainda assim era a mulher mais linda que conhecia.

—O que você sonhou?

— O de sempre... no meio do mato, matando um o bichão preto. Como na história de iniciação do guerreiro... aquela história que papai me contava quando criança.

—E de onde veio o nome no sonho?

— Me chamaram de Marcus dessa vez... Uns caras num acampamento. O cara disse alguma coisa sobre não esperar que um Marcus fosse capaz de matar um leopardo. Alguma coisa assim.

—Só isso? —Ela perguntou mais aliviada.

— Só. O que é que tá pegando, mãe? Meu pai disse que ia me contar tudo... e eu sei que tem a ver com ele. Foi ele quem me contou a história do garoto que teve que provar que era homem para o pelotão...

—Ele é quem vai te contar tudo o que precisa saber.

— Mãe, por favor! A gente não tem notícia dele há meses... nenhum de nós dois sabe quando ele vai poder voltar. Outubro já está quase no fim. Eu preciso saber!

— Tudo bem... vou dizer o significado do nome Marcus... mas nada mais que isso e você vai se contentar até que seu pai lhe explique tudo.

— Ok. — Jonas respondeu e seu coração disparou. Sua mãe, ou pai, nunca haviam lhe dado respostas antes.

— Seu pai é de uma sociedade... diferente. Ele era filho de um marinheiro que morreu décadas atrás. O nome do seu avô era

Marcus, e quando ele morreu o nome passou a ser o sobrenome da família. Seu nome na comunidade de seu pai é Jonas Marcus.

—Sociedade diferente? —Jonas indagou.

— Isso.

—E meu sobrenome é Marcus e não Rodrigues?

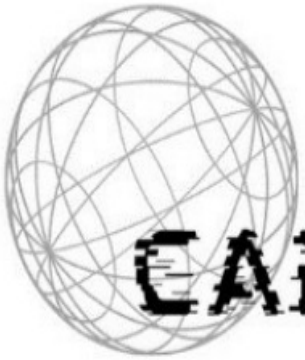
— Aqui na nossa sociedade você é Rodrigues, lá... você é Marcus.

— Sei... e você não vai me dizer mais nada? Tipo, me contar quando é que eu vou conhecer essa comunidade...?

— Me dê o controle remoto. — Mara estendeu a mão para o filho que o colocou em sua mão. — Obrigada. — Ela se sentou de volta ao sofá e colou os olhos na televisão. — Agora vai tomar um banho, você está fedendo. Já lavou seu uniforme? Seu quarto está uma zona, arrume antes de dormir... e seu uniforme reserva estava pendurado no varal. Não sei para que você tem memória fotográfica se não consegue se lembrar onde está o uniforme...

Jonas bufou na direção do banheiro e antes de dormir fez tudo que sua mãe ordenou. De início pensou que talvez fosse melhor contar a ela sobre os dois homens que apareceram em seu trabalho, mas ela havia se negado a contar partes de sua história por tantos anos, por que ele deveria compartilhar o que só ele sabia agora?

Ao fechar os olhos e pegar no sono, encontrou a floresta de novo.



CAPÍTULO 3

SONHOS DE JONAS, ALGUM LUGAR, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

A floresta não é convidativa a noite. Qualquer barulho pode te tirar do sério. A armadura de aço batido pesava os ombros de Jonas. Em mãos uma espada, como um extensor de seu braço. Partilhavam as enervações como um só. A lâmina em contato com a luz do luar brilhava fantasmagórica. Com os ouvidos atentos, um movimento na mata atrás dele o fez girar os calcanhares rapidamente. Praguejou em sua mente, pois o barulho dos seus pés saiu mais alto do que gostaria. Quebrou alguns galhos e movimentou folhas secas. Se fosse visto por um de seus líderes seria expulso.

A visão já acostumada com a escuridão, vasculhou algo e assim que encontrou,

focalizou os dois pares de olhos amarelados entre os arbustos da mata fechada. Deu dois passos para trás, longe da abertura da luz do luar a cima de sua cabeça, o colocando no completo escuro de novo. A fera escondida se movimentou com ele como num espelho. Ao contrário dele, podia enxergar perfeitamente no escuro. Mal piscava. O rapaz pisava devagar buscando apoio atrás de si. Com a respiração já ofegante, uma vez que seu coração trabalhava em frenesi, decidiu se concentrar ainda mais.

Seja o que for, poderá ouvir meu coração se eu não me acalmar. A adrenalina pulsava entre as veias do garoto. Agradecido pelas sandálias de couro que não permitiam que seus pés já suados o

desestabilizassem, sentiu cada tendão dos membros fincados no chão. A fera se aproximou produzindo sons animalescos de arrepiar. Mostrou-se abrindo caminho na mata e projetando-se para relva, no círculo aberto no meio da floresta. Jonas respirou fundo aliviando o cérebro. Estava prestes a lutar pela vida contra um raríssimo leopardo negro. A boca do animal pingava sangue. Andava devagar na direção do humano intruso na mata que decidiu ficar parado, conferindo se o plano daria certo. Levantou a espada com cuidado evitando movimentos bruscos, fitou os olhos amarelados que lhe davam arrepios e esperou.

O animal parou e o fitou, parecia esperar um só movimento para atacá-lo.

Uma nuvem de moscas zunia no canto. Havia sangue no chão. A fera já estava alimentada. Colocou o pé esquerdo na frente e se apoiou no direito. O animal, assim que notou a movimentação por parte de seu adversário ereto em duas patas, parou com as dianteiras abaixadas se preparando para pegar impulso para frente. Com a espada em punho e um punhal no cinto, esperou que o bicho viesse para cima. Como se lhe fosse sujeito, foi o que fez, avançou na sua direção com um pulo. Caiu em cima do rapaz, que mesmo que segurasse sua espada com força, devido ao peso do animal, acabou deixando-a escorregar e cair longe. Empurrou o pescoço do bicho com o antebraço esquerdo. Não era fácil, ele grunhia e mordia o ar com força. O barulho feroz estava o apavorando, mas a concentração é a primeira lição de sobrevivência na selva. Era isso ou a morte.

Com a mão direita procurou o punhal em seu cinto. Por causa disso, a fera foi ganhando espaço, tão próxima que quase mordia seu rosto. Afastou o pescoço do

animal de novo, conferindo ainda mais força. Lembrou-se do punhal, todavia teve dificuldade de puxá- lo, estava muito bem preso ao cinto. Balançou veemente a arma na coxa e se cortou. Arquejou de dor, dando mais espaço para o avanço do bicho. Consciente de que perderia a luta se não tomasse uma atitude, fez sua última tentativa de agarrar o punhal com a mão direita. A violência do movimento fez com que o cinto se rompesse e por isso a roupa de baixo da armadura se afrouxou.

O leopardo se aproveitou do momento e ganhou um pouco mais de espaço, abriu a boca, confiante de que vencera a batalha da selva para abocanhar o rosto de Jonas, entretanto, o garoto foi mais rápido e cravou a pequena lâmina na altura do ouvido do animal. O sangue escorreu quente para seu rosto. Ferido, sua última ação foi revirar os olhos, tamanha dor que sentiu. O ar quente de seu hálito sessou pouco depois.

Já cansado pelo o que pensou ser horas lutando pela vida, Jonas empurrou o corpo do animal para o lado e respirou ofegante ainda no chão. Sentiu o impacto, assim que terminou. Seus braços e pernas doeram como nunca.

Ele se sentou e analisou o monte de pelos negros sem vida ao seu lado. Sabia que precisava voltar para o acampamento, pois em breve amanheceria. Se levantou e esticou bem todos os ossos que conseguiu e depois agachou para pegar o corpo no chão. O animal era a prova de que foi bem-sucedido. Só a presença do sangue não significava nada. Apoiando-se nas coxas fez força para levantar o animal que pesava mais 100kg. Abaixou a cabeça e o passou para trás da nuca colocando-o em seus ombros. Ao se levantar do agachamento, as pernas cederam um pouco.

Vamos lá, antes que outro bichão desses apareça.

Ficou ereto, mas afastou os pés para se estabilizar. Sentiu o peso em suas coxas, e decidiu que ignorar a exaustão era o único meio de acabar logo com aquilo. Passar entre a floresta com um animal como aquele nas costas foi muito mais difícil do que ele imaginava. Lutar com ele fora o mais fácil até o momento.

A falta de estabilidade sob seus pés devido ao terreno desnivelado, o faziam tropeçar ou escorregar o tempo inteiro. Algumas vezes quase deixou o bicho escorregar dos seus ombros. Pé ante pé, seguiu caminho, abrindo atalhos com o corpo para agilizar o tempo e finalizar logo o rito de passagem. Galhos

arranharam seu rosto e panturrilhas nus. A bermuda em baixo da armadura não apresentava muita segurança a não ser agilidade na locomoção. *Se ao menos fosse uma calça.*

Quando as luzes do acampamento apareceram, pôde relaxar um pouco. Alguns soldados o viram chegando e ficaram surpresos.

— Por essa eu não esperava... nunca imaginei que um Marcus conseguiria. — Um rapaz sorridente disse.

—Marcus? —Jonas perguntou.

— Meus parabéns, você é oficialmente um homem, Elai. — O garoto se aproximou o ajudando a tirar o animal morto de seus ombros.

—Elai? Meu nome não é esse, meu nome é...

—Jonas! —Gritou Mara o acordando de seu sonho.

De volta a realidade, Vitória, Espírito Santo, Brasil, Segundo Continente, América do Sul.

— Vamos, filho, já é mais de 9h. Você pega às 10h! Vai se atrasar. —Mara disse da porta do quarto de Jonas.

Ao ouvir os gritos da mãe deu um pulo da cama. Não teve tempo suficiente para odiar ser acordado daquela forma, portanto, correu para fora do quarto, chutou a mochila no chão que atrapalhava seu caminho e então adentrou o banheiro. Tomou um banho rápido e escovou os dentes enquanto ajeitava seus cabelos no espelho. Correu de volta para seu quarto para se arrumar e ao abrir o guarda-roupas não encontrou seu uniforme.

—Mãe, você não lavou meu uniforme?

— E por que eu faria isso? É responsabilidade sua. — Ela respondeu como quem diz o obvio. Sua voz vinha da cozinha.

— Putz, mãe! Vou ter que usar o uniforme sujo de ontem. — O garoto choramingou. Não que fosse resultar em alguma coisa.

— Já te avisei, tem que lavar o uniforme quando chega do trabalho.

— Cadê o meu outro uniforme, eu tenho outro. Duas camisas e duas calças. Cadê?

— Não sei, Jonas. Procure. Não é você que vive exaltando sua memória eidética? Como pode ter esquecido algo assim? — Sua mãe perguntou despreocupada —Tenha um bom dia, estou atrasada para o trabalho.

Mara é recepcionista em um hotel em Camburi de 10h às 20h

— Argh! — Jonas gritou nervoso ao escutar a porta da cozinha batendo. —Mas que droga!

Vasculhou cada centímetro do seu guarda-roupas e não encontrou o uniforme. Jogou todas as roupas no chão do quarto e nada. Bateu a mão com força na porta do armário, ela não aguentou e caiu no chão acertando seu pé em cheio.

— Mas que... — Segurou o pé com uma mão só e ficou dando pulinhos, arquejando de dor. Xingou vários palavrões agradecido porque a mãe não estava em casa para escutá-lo e repreendê-lo com a mesma conversa de que Deus tudo ouve e vê.

Assim que reclamou o tanto que queria, vasculhou entre roupas no chão em busca da mochila. A encontrou poucos segundos depois. Abriu-a com raiva fazendo o zíper ranger e puxou o uniforme todo amassado.

Só melhora!

No quarto de sua mãe, ligou o ferro de passar roupas e se colocou a passar as peças. O cheiro de suor subiu em suas narinas. Havia usado aquelas roupas no dia anterior e elas pareciam sujas. Não havia manchas, porém o tecido do uniforme é tão ruim que dava para notar a diferença de cor.

Desligou o ferro e vestiu a roupa no lugar em que estava. Andou ainda sentindo dor no pé, para seu quarto, terminou de pentear o cabelo diante do espelho e notou o resultado do treino do dia anterior. O gancho que atingiu seu queixo estava marcado de roxo num círculo perfeito. No centro dele, um ponto

vermelho. Para notá- lo era preciso que ele levantasse o queixo. Parte do hematoma era visível, mas boa parte dele estava mais abaixo do rosto. De todo jeito, acreditava que seu gerente ia reclamar.

Colocou na mochila outro conjunto de roupas para malhar — que a memória eidética convenientemente sempre o lembrava de lavar — e seus tênis de corrida. Seguiu para o trabalho, não antes de pegar uma banana na fruteira da cozinha. Correu até o ponto de ônibus e logo entrou em um que o levou à Praça dos Namorados. Olhou a hora no visor de celular. 20min atrasado.

A lanchonete já estava aberta quando chegou e os funcionários em seus postos. Tudo conforme deveria ser. Os caras o fitavam enojados como de costume. Todavia, ao contrário do que gostariam,

Jonas não dá a mínima. Entrou e foi direto para os fundos na salinha do gerente, a poucos metros dos fundos da cozinha. O encontrou sentado atrás da mesa digitando algo no computador. Orlando é baixinho e barrigudo. Gosta muito do lanche que é servido aos funcionários na hora do almoço.

—Desculpe o atraso, Orlando.

— Não vai se justificar? As pessoas geralmente fazem isso, pelo menos inventam desculpas. — Disse desdenhoso, olhando para tela do computador.

—Não. Eu assumo meu erro. Acordei atrasado.

— Os banheiros são seus hoje. — O superior respondeu rispidamente.

—Ok. —Jonas falou entredentes e saiu da sala.

—Ei, espere aí.

O rapaz voltou para o portal da saleta de Orlando.

— Este uniforme está com uma aparência terrível! Faltou sabão na sua casa?

Jonas se limitou a não responder deixando seu gerente um pouco envergonhado com o silêncio, o garoto é bom em deixar os outros desconfortáveis. Por causa do incômodo de seu gerente, sentiu-se muito contente aquela manhã, até ignorou

a dor latejante em seu pé. —Tudo bem, pode ir agora.

Andou na direção da dispensa e pegou tudo que precisava para limpar os banheiros. Essa era a pior tarefa de todas e havia uma escala para o serviço. Não era o dia de Jonas, teria que fazê-lo no lugar de outra pessoa que não chegou atrasada. Ele fez seu trabalho com perfeição, por isso não demorou a ouvir:

— Você é um bom lavador de banheiros. — Orlando debochava enquanto Jonas se dirigia ao balcão da frente.

Ele decidiu não responder. A resposta em sua língua o demitiria. —Pode ir para o caixa.

— Ok. — Dessa vez respondeu. Mas antes lavou as mãos três vezes. Detestava lavar banheiros.

Durante os atendimentos, ele se pegou olhando a praia ao longe. Balançou os pés no chão enquanto estava sentado no banco alto do caixa. Pensar no pai não ajudava em nada. A ansiedade era tanta que ele se pegou mordendo o lábio inferior, parou quando sentiu o

gosto de sangue. Sinal de que a ansiedade atingira seu auge. Controle era a chave para sua mente se manter sã, portanto se obrigava a respirar fundo, aliviando-a.

— Esperando alguém? — Perguntou Penélope. Ela trabalha na chapa e sempre dá um jeito de deixar o posto e puxar assunto.

— Talvez.

— Sempre misterioso... — Ela disse e soltou um risinho. Jonas revirou os olhos. — Hoje, depois do trabalho, vai rolar uma festinha lá na minha casa... você deveria ir, vai ser legal.

Fazia tempo que não ia a uma festa e estava dolorido demais para treinar de novo. O acordo de Eduardo e Jonas só valia se ele tivesse usufruído da academia, então os dois não tinham um compromisso firmado todos os dias.

—Talvez eu vá. —Ele respondeu se virando na direção dela.

A jovem engoliu em seco, ficou desconcertada quando ele a encarou por mais do que cinco segundos. Ele gostava do efeito que causava nas garotas então sustentou o olhar e sorriu de canto de boca.

Penélope tem dois *piercings* no nariz, um no septo e outro na ponte. Jonas achava aquilo estranho, mas não teve a oportunidade de dizer isso ainda. Os cabelos pintados de preto cortados na altura das orelhas, faziam contraste com a pele muito branca da garota, que provavelmente não gostava de praia.

—Vai ser legal. —Ela disse e mordeu o lábio.

Jonas teve que segurar o riso. Se virou para olhar quem chegava. Os dois homens do dia anterior estavam de volta.

—Queremos dois números 9. —Falou o mais alto em sanctus. — Está em falta. — Jonas se arriscou na língua para ver no que dava. Penélope os olhou assustada e indagou:

—Que língua é essa?

Jonas encarou os homens boquiabertos na sua frente.

— Por que vocês conhecem a língua secreta do meu pai? — Perguntou ríspido.

—É claro! Ele é igualzinho ao... —Falou o baixinho.

— Cale a boca! — O mais alto o repreendeu com um tapa na cabeça.

— Pareço com quem? Hã? Pareço com quem? — Indagou se levantando do banco. Apoiou os punhos no balcão e encarou os homens na sua frente.

— Com ninguém... meu amigo te confundiu. — O homem alto falou e sorriu satisfeito.

Os dois saíram cambaleando da lanchonete. Correram na direção do mar novamente. A curiosidade de Jonas só cresceu. Sabia que se parecia com o pai. Aquilo não era novidade. Então recebeu mais pistas para seu enigma. A primeira delas é que os homens estranhos sabiam a língua “secreta” que o pai e ele partilhavam, e que além disso, deixaram subentendido que o conheciam.

—Desse jeito não dar! Falando assim você vai espantar todos os clientes! — Disse Orlando sem paciência, apareceu de supetão justo na hora do ocorrido — Vá para chapa, a Penélope pode cuidar do caixa hoje.

A caminho da cozinha considerou seus próximos passos. Aqueles homens poderiam voltar a qualquer momento e fazê-los correr para seus esconderijos não o ajudaria em nada, portanto, assim que os visse teria que fazê-los querer ficar muito mais se quisesse descobrir o que o pai havia aprontado. Entretanto, estava tão magoado com toda aquela situação que ainda não sabia se realmente queria seu pai de volta a sua vida.

Ao fim do expediente Penélope agarrou o braço de Jonas e o puxou para perto.

—Minha casa é logo ali.

Jonas respirou fundo, havia se esquecido da ideia de ir a uma festa. Tinha até se aprontado para ir à academia. Não conseguia passar uma só noite sem se exercitar. Olhou para garota e pensou um pouco.

Nem se me amarrassem!

—Foi mal, não vai rolar não...

— Tá falando como se estivesse me dispensando. — Ela disse sorrindo, tentando parecer não ofendida.

— Foi mal. — Ele falou e colocou os fones de ouvido. Detestava as festas na época da escola, não ia ser agora que ia começar a gostar.

Tirou a camisa enquanto a garota ainda o fitava chateada por não conseguir levá-lo para festa. Ela ficou boquiaberta com a forma que ele se sentia à vontade consigo mesmo. É claro que gostou da atenção que recebeu. Penélope abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a música estava alta demais, Jonas nem se deu o trabalho de ouvir o elogio que a garota fez. Acenou com a cabeça e se pôs a correr na direção de sua casa. Estava cansado demais para treinar, só que a corrida não, isso ele tinha que fazer.

Quatro quilômetros depois encontrou sua mãe esparramada no sofá, já vestindo

pijama. O cumprimentou sorrindo, porém logo recolheu o sorriso quando entendeu que ele estava sem camisa.

—Sem camisa, filho? Vai pegar sereno!

— Esse corpinho aqui é a prova de doenças. — Ele disse apontando para a barriga sarada. Mara jogou o controle remoto nele que o pegou com a mão.

O reflexo tá bom.

—Você estava se exibindo de novo?

— Como assim de novo? — Ele perguntou rindo enquanto tirava os tênis na soleira da porta.

— Você sempre faz essas coisas idiotas. Se acha o tal... por isso que eu parei de pagar sua academia.

— Tá me zoando? Eu me matando pra limpar aquela academia toda pra poder malhar! — Jonas estava surpreso com a declaração da mãe. As luzes da tevê brilhavam em seu rosto cansado. — Se você pelo menos deixasse eu usar meu dinheiro... o dinheiro que eu trabalho para conseguir.

— Você vai ter seu dinheiro quando virar homem e tiver sua própria casa. Enquanto isso, sou eu quem decide o que vai ser feito com ele. — Mara disse e se virou para televisão informando que aquela conversa tinha acabado.

—Isso não é justo. Meu pai sabe disso?

—A ideia foi dele. —Ela respondeu despreocupada.

— Ah, então vocês ficam armando as coisas pelas minhas costas?

— Não seja ridículo, ele só te conhece, vocês são iguais. — Falou como quem diz trivialidades, já com os olhos colados na tela de novo —Coisa de Marcus!

—Que droga é essa de Marcus? —Indagou confuso, se lembrou do sonho que teve. Mara arregalou os olhos como se tivesse dito demais. —Por que me chamou assim?

—Deixa isso pra lá.

— Mãe.

—Deixa isso pra lá, Jonas.

— Mãe, me conta. Poxa vida, vocês nunca me dizem nada! Eu sonhei com esse nome noite passada. — Jonas disse chateado e Mara se levantou e o olhou aterrorizada.

Jonas nunca havia visto sua mãe daquele jeito. Os fios brancos começaram a aparecer no topo de sua cabeça naquele ano. Estava com a aparência mais velha, mas ainda assim era a mulher mais linda que conhecia.

—O que você sonhou?

— O de sempre... no meio do mato, matando um o bichão preto. Como na história de iniciação do guerreiro... aquela história que papai me contava quando criança.

—E de onde veio o nome no sonho?

— Me chamaram de Marcus dessa vez... Uns caras num acampamento. O cara disse alguma coisa sobre não esperar que um Marcus fosse capaz de matar um leopardo. Alguma coisa assim.

—Só isso? —Ela perguntou mais aliviada.

— Só. O que é que tá pegando, mãe? Meu pai disse que ia me contar tudo... e eu sei que tem a ver com ele. Foi ele quem me contou a história do garoto que teve que provar que era homem para o pelotão...

—Ele é quem vai te contar tudo o que precisa saber.

— Mãe, por favor! A gente não tem notícia dele há meses... nenhum de nós dois sabe quando ele vai poder voltar. Outubro já está quase no fim. Eu preciso saber!

— Tudo bem... vou dizer o significado do nome Marcus... mas nada mais que

isso e você vai se contentar até que seu pai lhe explique tudo.

— Ok. — Jonas respondeu e seu coração disparou. Sua mãe, ou pai, nunca haviam lhe dado respostas antes.

— Seu pai é de uma sociedade... diferente. Ele era filho de um marinheiro que morreu décadas atrás. O nome do seu avô era

Marcus, e quando ele morreu o nome passou a ser o sobrenome da família. Seu nome na comunidade de seu pai é Jonas Marcus.

—Sociedade diferente? —Jonas indagou.

— Isso.

—E meu sobrenome é Marcus e não Rodrigues?

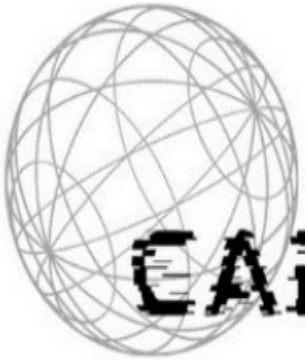
— Aqui na nossa sociedade você é Rodrigues, lá... você é Marcus.

— Sei... e você não vai me dizer mais nada? Tipo, me contar quando é que eu vou conhecer essa comunidade...?

— Me dê o controle remoto. — Mara estendeu a mão para o filho que o colocou em sua mão. — Obrigada. — Ela se sentou de volta ao sofá e colou os olhos na televisão. — Agora vai tomar um banho, você está fedendo. Já lavou seu uniforme? Seu quarto está uma zona, arrume antes de dormir... e seu uniforme reserva estava pendurado no varal. Não sei para que você tem memória fotográfica se não consegue se lembrar onde está o uniforme...

Jonas bufou na direção do banheiro e antes de dormir fez tudo que sua mãe ordenou. De início pensou que talvez fosse melhor contar a ela sobre os dois homens que apareceram em seu trabalho, mas ela havia se negado a contar partes de sua história por tantos anos, por que ele deveria compartilhar o que só ele sabia agora?

Ao fechar os olhos e pegar no sono, encontrou a floresta de novo.



CAPÍTULO 4

OUTUBRO DE 1989, VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL, SEGUNDO CONTINENTE, AMÉRICA DO SUL

O barco que Elai construiu não era bem a definição de segurança, mas atravessava a Redoma e era o que importava. Ele colocou o motor que seu pai havia desenvolvido antes de partir em direção ao desconhecido. Marcus era um homem inteligente e apesar disso, Elai não gostava de carregar este nome. Depois que sua mãe modificou seus sobrenomes não teve a chance protestar, na época não tinha idade suficiente para questioná-la. Essa na verdade, era uma prática muito comum entre os novaterrianos. Uma forma de homenagear os mortos.

O motor era muito potente, em menos de um minuto atravessou a redoma, ninguém poderia saber o que estava fazendo, por isso, mirou num ponto que não era frequentado. A leste da Ilha dos Dragões. Todos sabiam bem o que havia na Floresta Amaldiçoada. Uma hora depois ele já estava encarando a lanchonete onde conheceu Mara. Secou a testa suada, já era 12h, a metade do dia. Olhou sua mão e notou a tinta que o marcava como propriedade real. Em seu rosto estava a faixa preta simbolizando que era soldado e os raios vermelhos, a marca da luta de iniciação com um animal feroz da floresta na Ilha do Siri, que no seu caso foi o leopardo negro. Tornou-se uma lenda ao levar aquela raridade para o Acampamento

Militar. Não havia um homem em todo continente que não respeitasse aquela marca. Molhou as mãos na água salgada e tentou lavar o rosto. Desfez as tranças dos cabelos e eles se soltaram em ondas. Não tinha certeza se havia se limpado bem, mas ancorou entre algumas rochas, a metros da praia. As rochas são altas e formariam uma ilha se não houvesse uma fenda entre elas. As ondas ali são calmas, portanto Elai não se preocupou com o seu flutuante de construção duvidosa.

Havia ancorado uma lancha que roubou na América do Norte no início do mês. Usou o motor que o pai desenvolveu para atravessar o oceano mais rápido. Também aproveitou a redoma portátil que a guarda real usava para esconder lugares no Distrito Real. Vivia roubando coisas na Ilha Real e ninguém nunca o descobrira. Estava começando a gostar da sensação. Algumas coisas, furtou sem nem saber o porquê.

Foi o mais próximo que conseguiu com a lancha, a ancorou no lugar permitido pelo estado, num píer perto da Praça dos Namorados e andou em direção a lanchonete. Porém não podia se demorar muito, não tinha registro algum e se fosse descoberto teria que dar explicações. Estava com a ideia fixa em Mara enquanto caminhava no píer.

Adentrou a lanchonete e percebeu que ela estava atendendo no balcão e não notou sua chegada. Ficou ansioso, não sabia bem o que poderia lhe dizer então entrou no banheiro e se fitou no espelho. Engoliu em seco algumas vezes ao notar que ainda estava com o rosto manchado de tinta. Lavou-o várias vezes com o sabonete líquido que encontrou na pia até notar que estava com a cor natural da sua pele. O aspecto dela não ficou como é exatamente, mas iria servir.

—Bonitão. —Falou para si mesmo no espelho e riu.

Saiu do banheiro e andou na direção do atendente no caixa. Ele havia trocado ouro de Nova Terra com um contrabandista brasileiro alguns dias antes. Foi roubado e ainda não sabia disso. Entregou uma quantia exorbitante e o homem, achando que ele era um turista burro, ou alguém desesperado, o trocou por pouco dinheiro brasileiro.

— Boa tarde, o que vai querer hoje? — O rapaz no caixa perguntou.

— Um número 3. E o telefone daquela garota. — Disse para o caixa e apontou para Mara que o observava do outro lado do balcão. Mara sorriu envergonhada. As bochechas enrubesceram na hora que Elai apontou sem nem olhá-la. Ele tem uma ótima visão periférica, é de família. Seu pai dizia que um bom marinheiro precisava ficar atento aos monstros marinhos que em sua maioria, são silenciosos. Nunca foi marinheiro, mas entendia de lutas. A boa visão periférica o conferiu vitórias atrás de vitórias.

— Elai... não é mesmo? — Ela perguntou envergonhada com a atenção de todos os colegas de seu trabalho.

Colocou o dinheiro no balcão e o caixa rapidamente devolveu seu troco. Depois olhou para Mara e sorriu de canto de boca.

— E você é Mara. Andei pensando em você. — Ela ficou ainda mais vermelha.

—Um número 3, para seu amigo, Mara.

— Ah sim, claro... — Ela disse desajeitada. Elai se apoiou no balcão e a fitou trabalhando.

Terminou de ajeitar o pedido dele e falou:

—Qual refrigerante?

— Refrigerante?

—É. A gente tem cola, guaraná e limão.

— Hã, guaraná. — Ele respondeu. Escolheu aleatoriamente, nunca havia bebido nenhum refrigerante.

—Com gelo?

Elai assentiu, porque achou que deveria ser o certo a se fazer. Ainda não sabia do que gostava. Já havia visto vários personagens nos filmes norte-americanos se entupindo com a bebida, mas não teve a oportunidade de provar. Mara encheu o copo de gelo até a metade e depois despejou o refrigerante. Ao observar o que ela fazia, pensou: *é gelo pra caramba. Será que ela sabe mesmo o que está*

fazendo? Ele vai derreter e o gosto vai diluir muito...

Após terminá-lo, colocou o pedido na bandeja e o apoiou na bancada. O refrigerante quase caiu, porém Elai o segurou com os olhos ainda colados na garota que se colou em seu pensamento.

O reflexo tá bom.

—Ah, me desculpe. Que desajeitada! —Falou envergonhada. —Está tudo bem. Obrigado.

Pegou sua bandeja e se sentou em uma mesa de frente para a praia. Ficou observando as pessoas se movimentando na areia e algumas velejando mais ao longe. Pegou a bebida e tomou um gole. *Eca, que doce!*

Mordeu o hambúrguer e gostou do que comeu. Seu Horloge de pulso apitou assim que engoliu um pedaço da comida. Elai tocou no visor e o som subiu até seus ouvidos, a mensagem foi tocada em sua língua, somente ele pôde ouvi-la:

Hambúrguer, originário do continente América do Norte, este em especial foi adaptado ao paladar brasileiro do segundo continente América do Sul. 238 gramas, cerca de 625 calorias. Nenhum valor nutricional.

—Mas que comidinha vagabunda... —Sussurrou para si mesmo. —O que disse? —Mara perguntou se sentando em sua mesa. — Ah, oi, Mara... eu não disse nada importante. Deu uma pausa

no trabalho?

— Está na hora do meu almoço. — Ela falou e sacudiu o hambúrguer na frente dele.

—Vai comer hambúrguer também? Na hora do almoço?

— Tá parecendo minha mãe, ela acha que eu vou acabar morrendo com as veias entupidas... ou que eu vou acabar gorda feito a Dona Redonda (Personagem da telenovela brasileira Saramandaia). — Respondeu e deu uma mordida no hambúrguer.

— Bom, talvez ela tenha razão sobre as veias entupidas. Quanto a Dona Redonda... eu não sei bem quem é.

—É, você não tem mesmo cara de quem assiste telenovelas. —Telenovelas... — Ele falou e tocou no visor do relógio.

Telenovelas: programas televisivos sobre a vida cotidiana. Dividida em episódios e capítulos. Encenações gravadas e projetadas em redes de comunicação televisivas. Tem muita fama no segundo continente, mais especificamente na América do Sul.

—... nunca assisti.

— Há, não disse? — Ela sorriu e deu uma mordida no hambúrguer.

— A gente pode assistir juntos se quiser. — Elai falou e as bochechas de Mara se avermelharam de novo. — Eu tenho uma televisão guardada na lancha. Não sei se pega os canais direitinho... Ele não sabia se a televisão norte-americana roubada tinha tecnologia compatível com a brasileira. Os continentes fora da redoma não são muito bons com tecnologias.

—Você quer que eu entre na lancha de um desconhecido? —Eu não sou um desconhecido...

— O que você pensa que eu sou? — Mara perguntou se levantado ofendida.

Elai não esperava por essa, então ficou a encarando com os olhos arregalados. Havia feito um convite simples. Não entendia porque estava tão aborrecida.

—Hã. Você é a Mara!

—Idiota. —Vociferou e voltou para trás do balcão.

Ainda confuso, decidiu que não perderia mais tempo com aquela garota esquentadinha, deixou todo o lixo culinário pelo qual pagou em cima da mesa, quase intacto. Além da decisão sobre Mara, decidiu que não ia confundir seu paladar com aquela comida pobre de nutrientes. Achou que a mãe da nervosinha estava coberta de razão, mesmo que não fizesse ideia de quem era a tal da Redonda. Pisou fundo até a praia com o pensamento a mil. Se desse o mínimo da

atenção que dispensou à Mara sobre qualquer garota em Nova Terra, seria pedido em casamento, mesmo que isso fosse uma afronta aos costumes do povo. *A questão é,* pensou Elai, *que se essa esquentadinha fosse um pouquinho mais agradecida, já teríamos resolvido tudo e eu estaria de volta para minha terra.*

Com o sol ainda acima da cabeça marcando presença, parou de pensar no que a garota brasileira pensava dele e se colocou a procurar a lancha que minutos antes estava no píer. Alguém o roubou.

— Horloge, — Tocou no dispositivo de novo. — as pessoas costumam ser roubadas no Brasil?

O tempo todo.

—Então não sou só eu o ladrão aqui.

Não, senhor.

—Que droga!

Teve que voltar para seu barco a nado.

Outubro de 2013, Cariacica, Espírito Santo, Brasil, Segundo Continente, América do Sul.

Jonas e sua mãe estavam a caminho da casa de seus avós, Maria e Theodor. Ele gostava de ir a casa deles tanto quanto gostava de trabalhar. E ele foi impedido de ir aonde realmente queria: a academia. Para Jonas, ir à academia era uma espécie de terapia. Depois de um dia cansativo de trabalho era isso que ele considerava importante, não um jantar tarde da noite com parentes que ele gosta muito de evitar.

—Se eu vou, você também vai.

— Sabe, existem lugares que você vai em que não me leva. — Ele falou com a sobremesa amparada nos braços acima do peito. Ele a equilibrava sem vontade.

— Quais por exemplo? — Ela indagou enquanto eles caminhavam.

—Devo fazer uma lista mesmo? Aqui no meio da rua?

— Vai falar o quê, Jonas? Vai dizer que não te levo ao ginecologista e a igreja?

— Na verdade era exatamente isso que eu ia dizer. — Os dois riram. — Que droga, você me conhece melhor do que qualquer outro.

— Vamos, são seus avós. Você sempre volta para casa mais rico quando os encontra.

— Mãe, eu não tenho mais 12 anos. 10 reais não é nada pra mim.

—Pois então, comece a juntar. Quem sabe assim você consegue pagar a mensalidade da academia. —Ela o alfinetou.

— Háhá, muito bom. Eu teria que ir a casa deles todos os dias por semanas. E eu odeio Cariacica... essa cidade é... sei lá, eu não sei se devo dizer em voz alta.

—Foi daqui que eu vim! Devia agradecer.

—Eu agradeço mesmo é você ter atravessado a Segunda Ponte!

— Pois morar aqui seria muito mais barato... às vezes eu penso no assunto. — Assumiu-se pensativa.

— Nem vou me preocupar, mãe. Você jamais deixaria Vitória! Ainda mais porque é perto do lugar de onde ele vem... — Falou triste. Sentia que seu pai tomava muito de suas vidas para quem aparecia uma vez ao ano.

Mara não respondeu, mas aquilo era verdade, facilitava a vida de Elai. Ele conseguia ficar alguns minutos a mais, quando vinha de Nova Terra. Aquele lugar era cheio das memórias que os dois construíram juntos. Não tê-lo por perto em todos os momentos era exaustivo e muito triste e o que ela tinha com a ausência do marido eram as memórias. Ela não conseguia se desfazer delas.

Depois de andarem alguns minutos, e de terem enfrentado dois ônibus cheios, chegaram a casinha dos pais de Mara. Os dois senhores já estavam velhinhos demais para organizarem comemorações, por causa disso, Liandra, irmã mais velha de Mara, e seu marido Joaquim, eram as pessoas por trás daquele jantar tão

tarde.

Jonas nem esperou muito, se sentou à mesa bocejando de sono. Seu priminho mais novo Theo se sentou à sua frente e o ficou encarando. Ele tem 7 anos e acha que tudo que o primo faz é incrível. Se Jonas se movimentava na cadeira, o menor repetia como num espelho. Então o primo mais velho se aproveitou da situação para arrancar algumas risadas da irmã gêmea do garoto, Lara, que também se sentou à mesa.

Colocava a língua entre os dentes e o lábio superior, Theo o imitava. Fingia que colocava o dedo no nariz, e o garotinho arregalava os olhos chocado, depois procurava pela sala a presença da mãe e quando não a encontrava, repetia o sinal, só que de verdade, enfiando mesmo o dedo no nariz. Jonas segurou o riso, mas Lara gargalhou tão alto que assustou o avô que cochilava na cadeira de balanço no canto da sala.

—Lara! Se comporte. —Liandra a repreendeu.

Aos poucos os outros foram se sentando à mesa também. Joaquim Jr., outro primo de Jonas, foi um dos primeiros. Eles têm a mesma idade e já foram muito amigos, só que Junior decidiu que ia usar drogas e os dois se afastaram. A questão ficou evidente no

almoço de páscoa, quando ele foi pego fumando no quintal. Não é um garoto muito inteligente.

Lucas, o primo mais velho, já era um homem casado e sua esposa Diana ninava a filinha Mariah no colo. Estava com a barriga enorme do segundo filho, um menino, Rafael. Lucas parecia cansado e não era para menos, estava trabalhando dobrado desde que descobriu que a esposa estava grávida pela segunda vez. A filha ainda não tinha completado um ano. Ficou chocado. O resto da família comemorava enquanto ele se ofereceu para turnos extras na sapataria em que trabalha.

— E aí, Jonas, como vai? — Lucas perguntou com um sorriso cansado.

—Eu vou bem e você? Parece cansado.

—É, pois é... tô trabalhando bastante e...

— Ele está fazendo um curso técnico à noite. — A tia Liandra o interrompeu se sentando a mesa. — Faltou hoje para essa reuniãozinha. Mas está indo muito bem.

Liandra não se parece muito com Mara, gosta de se vestir como uma velinha de 70 anos. Ao lado da mãe, parecem irmãs.

—Que ótimo, Lucas! —Jonas sorriu.

—Você bem que poderia estudar também. Vender hambúrgueres não vai te dar futuro. — A tia chegou no ponto que queria. Jonas recolheu o sorriso.

— Do que estamos falando? — Mara perguntou se sentando à mesa também.

— Estava falando que Jonas deveria começar a estudar para valer. Aquele trabalho não vai levá-lo a lugar nenhum.

—É, não vai. Já disse isso a ele.

—Ué, você não quer que ele trabalhe? —Liandra perguntou.

A mesa já estava cheia, com exceção de Theodor que voltara a cochilar na cadeira de balanço e Joaquim Pai que estava assando costela na churrasqueira.

— Claro que quero que ele trabalhe. Ele é jovem, consegue fazer os dois ao mesmo tempo. Se ele quiser, é claro.

—Eu quero estudar! —Jonas falou categórico.

—Viu? Ele quer estudar! —Falou vovó Maria.

— Não o estou impedindo de estudar, gente! Lucas não está trabalhando e estudando ao mesmo tempo? Qual é o problema? Já é um homem e precisa arcar com responsabilidades. Além do mais, Elai e eu decidimos que ele vai trabalhar e...

— Elai? — Liandra perguntou com desdém. — Desde quando Elai se preocupa com vocês?

Jonas se ajeitou na cadeira. Só ele podia falar desse jeito. Mais ninguém.

— Você não o conhece. Não tem direito de falar nada. — Mara respondeu.

— Claro que não, o vi o quê? Umas 5 vezes nesses 20 anos? É claro que não o conheço. Você deveria ter uma família de verdade, como Joaquim e eu temos.

—Mãe, não fala assim. —Lucas pediu envergonhado.

—Mara precisa enxergar isso de uma vez! —A mulher insistiu. — Você quer que eu me separe, é isso? — Mara perguntou

nervosa.

— É isso ai! Você ainda é jovem, vai conseguir alguém bem melhor. Nunca vi um marinheiro ficar 11 meses no mar! Isso é mentira.

— Eu não vou me separar. Casamento é um só! Já leu a Bíblia alguma vez ou só tem ela guardada na gaveta? — A mais nova indagou com raiva —E ele não mente, eu sei disso perfeitamente.

—Você é uma iludida isso sim.

—Gente, por favor, falem mais baixo. A Mariah está dormindo. — Diana falou depois de colocar a filha no carrinho de bebê.

— Quem te garante que Elai não tem outra família? — Liandra perguntou aborrecida, mas sussurrava para não acordar a neta. Os primos de Jonas pareciam assistir uma partida de tênis de mesa.

— Eu sei que ele não tem outra família. Jonas e eu somos a família dele. —Mara respondeu sussurrando também.

—Isso é ridículo. —Jonas falou em tom normal.

—Shiu! Fala baixo! —Diana o repreendeu sussurrando.

— Seu filho tá todo confuso, não passou no vestibular e olha que ele tem

memória fotográfica! — Liadra disse sussurrando de novo. Jonas revirou os olhos. Essa conversa estava começando a o irritar de verdade.

—E o seu? Tá confuso por que se sua família é toda perfeita?

— Lucas não está confuso! Ele tem uma família linda e está lutando por ela, trabalhando e estudando para dar o melhor a eles! — Não estou falando do Sr. Perfeito. Estou falando do maconheiro do seu filho, o Junior! — Mara explodiu. Liandra abriu a boca chocada e se levantou da mesa.

—Retire o que disse.

—Não retiro. —Mara respondeu e se levantou.

— Você não tem direito de falar assim dele! — Liandra tentava sussurar mais não estava funcionando — Ele está lutando contra o vício. E não ajuda a tia dele, a única que tem, o tratá-lo dessa forma. —Desculpe, Joaquim. —Mara falou com o sobrinho.

—Beleza, tia. —O garoto deu de ombros.

— Mas a única coisa que eu vou retirar daqui é a minha presença. Elai... quero dizer, Jonas! Vem. — Jonas se levantou e quase agradeceu. Não queria ficar ali mais nenhum minuto. — E a minha sobremesa vem comigo.

— Ah, Mara, você é tão infantil! — Liandra foi atrás dos dois na cozinha. — Vai tirar a única sobremesa do jantar só porque a gente não concorda com sua vidinha medíocre.

— É isso aí. Vou tirar minha sobremesa porque vocês não me aceitam e ainda por cima, tentam colocar mentiras na cabeça do meu filho. — Mara falou, pegou a sobremesa intacta dentro da geladeira e entregou a Jonas.

—Eu me preocupo com vocês!

— Se preocupa porcaria nenhuma. — Mara andou na direção da sala de novo e disse: —Tchau. Mamãe, eu volto outra hora... se bem que ela nem vai se lembrar que eu falei isso...

—Tá bem, Cibele, volte aqui outra hora! —Maria disse.

— É Mara, mamãe! A quer saber? Deixa pra lá... vem Jonas, vamos.

— Você vai se arrepender de nos dar as costas, Mara! — Gritou Liandra no portão da casa de Maria e Theodor.

Jonas e Mara já estavam indo na direção do ponto de ônibus. A mãe levantou a mão, ainda de costas, e deu tchau para a irmã sem dizer uma só palavra.

— Esse foi o jantar mais rápido que em que eu já fui. — Jonas cortou o silencio quando já estavam dentro do primeiro ônibus que os levaria para casa.

—Foi mesmo...

—E eu estou com fome.

— A gente podia comer uma pizza. — Mara falou e deu uma piscadela.

—É, a gente podia mesmo...

—Já que sua tia estragou tudo!

—Como assim? Pensei que você não estava muito interessada. — Claro que estava, eu fiz um plano! — Mara choramingou — A intenção desse jantar era fazer você querer voltar a estudar... droga, Liandra!

—Sério? —Jonas começou a rir.

— Você vai se dar muito mal se não acordar pra vida, Jonas. É sério.

—Tá, eu resolvo isso! —Ele se deu por vencido.

— Esse é meu garoto! — Mara disse e o abraçou. Deu um beijo no rosto dele e sorriu.

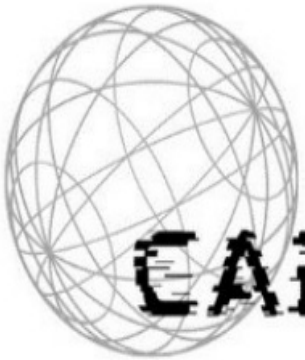
—Você me chamou de Elai, mais cedo.

— Você está muito parecido com seu pai. A cada dia mais parecido. — Mara

respondeu e deitou a cabeça no ombro do filho. Estava triste, cheia de saudade.

— É, tô sabendo. — Jonas falou e se lembrou dos homens estranhos que apareceram na lanchonete.

Deitou sua cabeça por cima da de sua mãe e suspirou. Mesmo que ela fizesse planos mirabolantes para trazê-lo para a realidade, a amava tanto que só de pensar em ficar longe, seu peito doeu. Será que Elai se sentia assim?



CAPÍTULO 5

OUTUBRO DE 2013, VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL, SEGUNDO CONTINENTE, AMÉRICA DO SUL

No outro dia, no fim do expediente, Jonas se vestiu para ir à academia. Penélope o convidou para mais uma festa, em comemoração a viagem dos pais:

—Vem, vai ser legal! Você nem aproveitou a última... — Implorou fazendo beicinho.

—Tenho que treinar. Não vai rolar. —Respondeu ríspido. *Se você soubesse como fica feia fazendo essa cara...*

Já havia se vestido para a atividade física e estava se alongando enquanto todos

iam embora para suas casas. Jonas colocou os fones de ouvido e o volume alto abafou não só os pensamentos, como também o som dos passos que vieram logo atrás. Nem pôde se defender antes de um saco de estopa cobrir sua cabeça. Em resposta, se virou furioso e acertou um soco no rosto do homem alto e esquisito que apareceu na lanchonete dois dias antes. A

iluminação da praça entrou pelos buraquinhos do tecido revelando em fragmentos, a imagem à sua frente.

—Ei, calma aí, Marcus! —Disse Luca, o homem mais alto.

— Meu nome é Jonas! — Vociferou e guiado pela voz acertou outro soco.

— Calminha, Jonas Marcus. Nós conhecemos seu pai. — Falou Lio, o homem baixinho. Jonas deu uma rasteira nele o derrubando de cabeça no chão. —Aí, seu... seu...

Arrancou o saco de sua cabeça e o homem mais alto jogou um pó preto brilhoso em seu rosto o paralisando e o derrubando-o no chão. Tentou gritar, porém não pôde. Os seus sequestradores colocaram o saco de estopa em sua cabeça de novo.

Sentiu seu corpo balançando, mas a única coisa que enxergava era a escuridão e os pequenos pingos de luz no céu. Luca e Lio o carregavam. Os ombros eram carregados pelo homem maior e os tornozelos pelo mais baixo. Ele teve a sensação de que ia cair durante o trajeto. Foi apavorante não poder se mexer e ainda ter a quase certeza de que ia desabar.

Lio resmungava baixinho:

— O garoto é pesado, pra caramba... você acha que ele pesa quanto?

— Sei lá, uns 90 kg ou 100. Ele é grande feito o pai. — Respondeu Luca.

—Verdade. da última vez que o vimos ele estava maior que esse garoto... — Concordou o outro. — Você acha que a princesa vai fazer o quê com ele?

—Sei lá. Espero que dê uma surra nele. Ele me machucou! —Ela detesta a existência dele...

—Por que você acha isso? —Perguntou Luca.

—Porque ele é um filho amado e os dela são filhos de outro! —Não fale besteira! Elai os ama como se fossem dele.

— É, mas esse aqui nasceu do amor, os outros... bem, você sabe.

— Pare com esse assunto. O rapaz está paralisado e não surdo. —Luca finalizou a conversa.

Ele tem outra família. Eu sabia!

Jonas urrou recuperando a voz. Os dedos começaram a formigar.

— Joga o pó paralisante de novo, joga de novo! Ele vai matar a gente. Ele vai matar a gente.

—Calma, Lio. Calma.

Os dois colocaram Jonas no chão e ele sentiu a areia abaixo de seu corpo.

— Ele precisa de mais pó paralisante do que o normal. A quantidade que eu joguei nele paralisaria um homem normal por um dia inteiro.

— Ele é um Marcus. Você esperava o quê? — Perguntou Lio. Luca levantou o saco de estopa e jogou mais pó paralisante no rosto de Jonas.

— Acho que vou jogar logo tudo. Desse jeito a gente não se preocupa no caminho. — Luca disse e despejou todo o pacote que tinha nas mãos direto no rosto de Jonas que sentiu vontade de espirrar, só que não conseguiu. — Agora eu quero ver esse babaquinha se mexer de novo. Acho que só amanhã...

—Ou talvez depois... você jogou muito pó paralisante nele.

— Tanto faz, ele me socou. — Luca falou e tapou o rosto de Jonas de novo. — Vamos, a Redoma vai fechar em poucas horas. Os dois carregaram o rapaz até o mar e ele flutuou. Eles se despiram, amarraram as roupas e sapatos no pescoço e começaram a nadar empurrando Jonas para frente. O saco de estopa se

encharcou e ele começou a enfrentar problemas para respirar. Não conseguia dizer nada porque estava paralisado. Os dois idiotas não pensaram que o tecido ficaria encharcado quando entrasse em contato com a água. Isso demonstrava muito a respeito da inteligência dos dois. Entretanto, Jonas estava com dificuldades muito maiores do que medir o QI de seus sequestradores. A medida que o ar faltava em seus pulmões seu corpo começou a submergir. —O que ele tá aprontando? —Lio perguntou.

—Não sei, como ele consegue? —Luca devolveu a pergunta. Os dois levantaram o corpo de Jonas para que flutuasse, mas sempre que o soltavam ele afundava mais.

—Que porcaria!

—Vem, vamos colocá-lo no navio.

Luca e Lio o levantaram para colocar no pequeno navio e o corpo de Jonas amoleceu-se como se estivesse morto. Na verdade, ele

havia ficado inconsciente. Eles o jogaram no convés e ficaram o observando assustados.

—Acho que ele morreu. —Lio foi o primeiro a falar.

— Você sabe que se Elai souber que o sequestramos, levamos para Nova Terra e o matamos, vai acabar nos matando também.

— Nós não o matamos em Nova Terra, Luca. Ainda não estamos no Brasil.

Luca andou devagar na direção de Jonas e tirou o saco de seu rosto.

— Ele se afogou! O saco se encheu de água, ficou molhado... e ele... ele não conseguiu respirar.

— Mas que burro, que burro! — Lio disse e começou a se bater. —A gente vai voltar paras minas...

— Acho que a gente vai ser enforcado, Lio. A gente vai ser enforcado...

—Ou talvez vão nos afogar!

—Isso, seria perfeito. Morreremos como o filho do guerreiro mais importante de toda a Nova Terra. —Luca concordou.

Jonas voltou da inconsciência, respirou fundo e depois tossiu várias vezes, cuspindo água salgada. Seu corpo por outro lado, ainda permanecia paralisado. Com os olhos descobertos encarou os dois paspalhões no convés e rosnou como um bicho enjaulado. Eles estremeceram.

— Que bom que está vivo, Jonas Marcus. — Lio fez uma reverência.

— Estamos muito felizes... certamente estamos. — Luca falou cheio de medo.

— Vamos levá-lo para a Nova Terra, a terra original de seu pai. A princesa Hadassa quer te conhecer.

— Não dê muitos detalhes. — Luca disse e deu um tapa na cabeça de Lio. — Deixe que a princesa se apresente. Então, vamos? — Ele sorriu para Jonas que ainda rosnava deitado no chão. — Vou entender isso como um sim. Parece que o pó não é muito eficaz em você... então nós vamos nos apressar!

Luca andou na direção do timão e o girou duas vezes para direita e três vezes para a esquerda. O corpo de Jonas foi jogado para trás, porque o navio deu um forte puxão para frente. Os dois idiotas

correram na sua direção e o ouviram arquejando de dor, pois bateu a cabeça na madeira firme do navio.

— Desse jeito ele vai acabar quebrando nosso navio... com essa cabeça dura... —Luca falou nervoso.

—É verdade. Vamos amarrá-lo?

—Boa ideia! Que tal amarrá-lo na frente da proa?

—Ótima ideia! Ele vai parecer a Oráculo no Inobedientia II.

— Isso mesmo, enfeite vivo. Meu pai me contou que foi assim que ela navegou

pelo continente. — Luca estava entusiasmado. — Mas espere aí, será que teremos o mesmo destino?

— Claro que não! Eles saíram do continente, nós estamos voltando.

— Ah é verdade, você está coberto de razão... quando voltarmos teremos muita história para contar!

— Claro que não, seu idiota! Não podemos contar para ninguém... as pessoas ainda não sabem que a Redoma dá defeito de vez em quando.

—É imagine só se soubessem... todos iam acabar notando que o mundo não acabou como nos diziam na escola.

—Ah, cale a boca, Luca! Você fala demais!

—Cale a boca você, Lio!

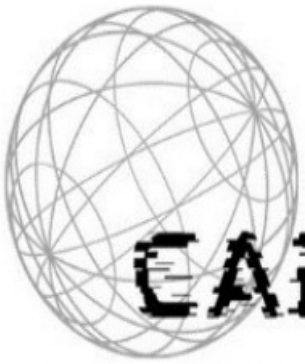
O silêncio reinou no navio e os dois se esqueceram de pendurar Jonas. A pequena alegria veio em fração de segundos porque Luca e Lio pararam de forma brusca no meio do oceano Atlântico e o corpo de Jonas bateu de novo no convés. Aborrecidos com a possibilidade de haverem buracos ao fim da viagem, penduraram-no na proa. Ele ainda rosnava. Foram precisas muitas cordas e nós firmes para mantê-lo intacto durante o percurso.

Quando eles recomeçaram, a pele do rosto de Jonas foi esticada para trás com a velocidade em que o navio atingiu. Ele sentiu uma vontade enorme de fazer xixi, porque estava molhado e o vento gelado que sobrevoava o oceano o estava congelando de fora para dentro. Devido a rapidez da viagem, desmaiou algumas vezes porque ficou tonto. Vomitou também e estava se sentindo péssimo e envergonhado. Não queria que ninguém o visse daquele jeito humilhante.

Alguns minutos se passaram e então, entraram a redoma. Por milésimos de segundos Jonas viu que atravessaram uma espécie de véu multicolorido. Como se diversos pós furta-cor estivessem pairando no ar. *Arco-íris triturado. Ou melhor, arco-da-aliança.* Seu pai havia o ensinado que o arco de diversas cores, que se forma no céu depois da chuva chama-se arco-da-aliança. Os colegas da pré- escola, ao ouvirem-no falando assim, o chamaram de burro e riram por semanas. Ridicularizado, nunca mais disse a palavra para os outros. Porém agora

diante dos seus olhos, atravessou um fino véu que parecia composto do pó de arco-da-aliança, que se moviam em micro-ondas, como faz a poeira em contato com um fino raio de sol pela manhã. A luz da lua, projetada na Redoma, fazia-a imprimir todas as cores desde o nível do mar a mais além, onde o garoto não podia enxergar.

Passado o véu, Jonas teve que respirar fundo para entender o que estava vendo. Antes era só o oceano na escuridão e agora ele conseguia ver algumas luzes e movimento. Sabia que estava vendo uma ilha, mas não entendia como ela havia aparecido do nada. *Então eu passei pela redoma. E ela esconde uma ilha.*



CAPÍTULO 6

NOVEMBRO DE 2013, CIDADE FLUTUANTE, ILHA DO SIRI, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

—Ilha do Siri. —Disse Luca para seu Horloge novinho. Comprou um novo na expectativa de se manter fora da mina em que trabalha — Estamos adentrando o continente pela Ilha do Siri. Não... não entramos pela Cidade Litoral, em direção ao Distrito Real... Porque a Ilha do Siri estava mais perto. Como assim é a ilha dos Marcus? Ninguém me avisou!

— Como você é burro, Luca! Os Marcus moram na Cidade Flutuante!

— Mas eles não moravam na Cidade Litoral? O mapa das famílias mostra que eles moram na Cidade Litoral! Olhe aí no seu Horloge.

— Isso há anos atrás, quando a Leonor ainda estava viva! — Lio falou e deu um pescotapa em Luca.

—Vou dar meia-volta. —A voz de Luca estava sobressaltada. Ele começou a fazer a volta, entretanto dois navios apareceram rápidos como se estivessem ali o tempo todo, camuflados na redoma. Se posicionaram um de cada lado no navio dos paspalhões. —Diz pra mim que não são os Marcus. —Falou Lio tremendo de medo.

—Não são os Marcus. —Luca respondeu.

—Ah, Graças ao Deus, Soberano na Terra, céu e mar.

— Aleluia — Os dois disseram em uníssono com as mãos levantadas para o céu, depois beijaram seus indicadores.

— Como vão, senhores? — Perguntou um homem que parecia um pirata mau encarado. Ele pulou no navio como um gato.

—Você disse que não eram os Marcus!

—Porque você me pediu!

— Enfeite legal, esse na proa do seu navio! — Falou Tom Marcus.

Ele é uma versão menor e menos forte do pai de Jonas. Os olhos verdes brilhavam no escuro, como os olhos de um animal selvagem no meio da selva.

Dídimo Marcus, irmão gêmeo de Tom, chegou em silêncio, ancorou a centímetros. Se segurou na proa e desceu como um chimpanzé a milímetros do rosto de Jonas. O encarou vez ou outra inclinando a cabeça para os lados como um cachorro quando escuta barulhos que gosta.

—Pó paralisante. —Ele disse mostrando os dentes de ouro para o sobrinho.

Jonas o encarou de volta, reconhecendo os olhos do pai. Via semelhanças nos

dois e já havia escutado que os homens que cercaram o navio que o havia sequestrado eram Marcus como ele. Estava um pouco aliviado, mas ainda não sabia se podia confiar nos de próprio sangue. Seu pai nunca mencionou os irmãos.

Dídimo subiu a bordo de seu navio sem esforço e voltou com um saquinho cheio de pó anulador que o faria voltar a se mexer.

— Você é grande... os idiotas devem ter jogado um monte de pó paralisante em você. Tomara que seja suficiente...

Dídimo despejou todo o saco em cima de Jonas que assim que recuperou a sensibilidade, começou a espirrar.

—Argh! — Resmungou.

— O que vocês têm aqui? — Perguntou Tom a Luca e Lio ainda no convés.

—Ah, nada que vocês queiram... —Luca estava muito nervoso. —Não é ninguém importante... só um garoto.

—Um garoto? —Tom perguntou.

Dídimo tirou um punhal de seu cinto e começou a cortar as cordas que o prendiam.

— Espero que saiba nadar. — Disse e então Jonas caiu no fundo do mar.

—Eu ouvi um *splash*. —Falou Tom.

—*Splash*? —Lio perguntou esbaforido.

—É eu ouvi também. —Dídimo conversou subindo ao convés. — Vocês ouviram, foi? Deve ter sido uma baleia... ouvi dizer que elas gostam de fazer esses barulhos no meio da noite... — Luca falou nervoso. —A gente pode ir embora agora?

— Não antes de me contarem por que escolheram este lado do continente para adentrar a Redoma. — Tom falou despreocupado. — E como sabiam que dava

para sair dela.

—Era o ponto mais próximo... e nós fomos contratados... —Cale a boca, Lio!

— Mais próximo de onde? — Perguntou Dídimo se aproximando. Ele se desconcertou e escorregou no chão do convés.

— Do segundo continente, América do Sul... a gente estava no estado Espírito Santo do Brasil. A princesa Hadassa queria que a gente buscasse um garoto que morava lá.

—Um tonto? —Tom perguntou.

—Não, um tonto não. Ele tem um pouco do sangue desta terra. — É mesmo? — Dídimo perguntou interessado. — Meio a meio? *Malus Sanguis?*

— Cale essa boca, Lio! Só falta você dizer que ele é filho de Elai! —Luca disse e tapou a boca em seguida.

Os irmãos Marcus se entreolharam. Dídimo se arrependeu de ter cortado as cordas do garoto, todavia foi Tom quem pulou de imediato no mar. Jonas já nadava em direção à Ilha do Siri. Seu tio movimentou as mãos como se fossem asas debaixo da água e então uma corrente feita de água subiu em sua mão. A corrente se ligou ao calcanhar de Jonas e o pendeu como um prisioneiro. O puxou, e ele sem entender o que acontecia, nadou com toda força em direção à praia.

—Há! Este é um Marcus! —Gargalhou emocionado.

— Vocês estão livres, senhores. Levem, esse casco velho daqui. Deem a volta na ilha e sumam. — Dídimo disse a Luca e Lio no

convés.

— Mas, senhor. Se voltarmos para a Ilha Real sem o garoto, seremos mortos, ou pior, voltaremos para o trabalho operário nas minas.

—Isso não é problema meu. —Dídimo respondeu entediado.

O vento empurrou o navio dos dois imbecis para longe. Bateu na Redoma, porém eles não saíram de Nova Terra, apenas foram redirecionados para fazer a curva na ilha.

— Precisa de ajuda, irmão? — Dídimo perguntou a Tom que ainda puxava a corrente de água salgada com força.

— Não, está tudo bem... só o estou cansando um pouco. Quero que ele pense que está conseguindo chegar. Olhe.

Jonas estava chegando a faixa de areia quando o tio o puxou de novo rindo.

— Deixe-me ver se ele é forte. — Dídimo colocou a mão na corrente e puxou no lugar do irmão. Puxou Jonas para valer e em segundos o garoto estava diante deles.

Tom sorriu para o sobrinho que ofegava aterrorizado, mas Dídimo o encarava curioso. Jonas já não usava mais de toda sua arrogância. Tom o abraçou forte e depois apertou a corrente de seu tornozelo que se soltou como se fosse de borracha.

— Um Marcus! — Deu palmadas nas costas do garoto que foi para frente e para trás se sentindo fraco. — Vem, vamos subir a bordo e adentrar a Ilha do Siri. Há uma cidade flutuante depois da praia. — Falou para o garoto, cheio de orgulho. — Você é um Marcus, vai gostar!

Os três subiram a bordo de um navio de madeira cor âmbar e Jonas começou a tremer de frio. Sem nenhum comando que conhecesse, o navio começou a se locomover em direção à praia. Não precisava de grande tripulação para fazê-lo. A tecnologia novaterriana era a mais avançada de todo o planeta. O outro navio seguia o mesmo curso sem ninguém a bordo o que deixou o recém- chegado ainda mais assustado.

Não havia muito o que fazer naquela situação. Para onde olhava só via o desconhecido, ou encarava a situação de peito aberto enfrentando o que viesse, ou morreria. Pensou que sua mãe ia enlouquecer se ele não estivesse em casa pela manhã, mas se tudo

ocorresse bem, era provável que seus tios fossem bons o bastante a ponto de

levá-lo para casa antes do amanhecer. Quanto mais se forçava a pensar no que estava acontecendo, mais não sabia o que confabular a respeito de toda aquela informação. Mal digerira a ideia de que adentrou um continente desconhecido, escondido sob uma redoma invisível no meio do Oceano Atlântico.

Sentiu uma gota gélida descendo a sua espinha. Talvez eles sejam bruxos, ou algo do tipo. Engoliu em seco diversas vezes e então se deu conta de que havia bebido muita água salgada, pois sua garganta ardia. Sentiu a areia colada à sua pele e por isso valorizou o banho com muito fervor. Sem mencionar que havia feito xixi e vomitado em suas roupas.

Seus tios, continuavam olhando para frente, Tom sorria e Didímo ainda era uma incógnita. As expressões deles o aterrorizavam. Estava diante de homens que não conhecia. Pareciam mais velhos do que realmente eram, o sol e a água marinha haviam castigado suas peles. Dídimo tem um apreço a dentes que reluzem, e trocou vários dos seus permanentes por dentes de ouro, dando-lhe o aspecto de piratas de filme de terror. Barbudos como seu pai, escondendo parte do rosto com a pelugem, coisa que Jonas ainda não podia fazer. Os dois têm cabelos compridos como Elai.

Os gêmeos Marcus, usam bermudas com um tecido muito similar ao jeans e camisas de manga longa. Suspensórios seguram a peça de baixo, o que deu a Jonas a impressão de que os tios eram de fato piratas dos filmes que assiste.

— Me sinto numa versão real de Piratas do Caribe (Série de filmes norte-americanos de fantasia e aventura. Título Original: Pirates of the Caribbean). — Murmurou.

— O que você disse? — Dídimo, estava mais perto do garoto e perguntou com as sobrancelhas arqueadas.

—Me sinto no filme Piratas do Caribe.

— Como ousa, moleque? — Dídimo empurrou Jonas para a beirada do navio e o segurou com uma mão só.

Apavorado balbuciava palavras, mas não encontrou nenhuma que servisse. A água do mar respingava nas costas já molhadas do garoto. O navio não parou. Aquela situação só o fazia se sentir ainda mais humilhado. Pensou que aquilo era

uma piada de muito mal gosto, porque agira com superioridade a vida inteira e então quatro

pessoas completamente estranhas, acabaram de humilhá-lo em graus diferentes. O último parecia saber exatamente como fazer o serviço com perfeição.

—O que está fazendo, Dídimo? Ficou maluco? —Tom perguntou tentando apaziguar a situação.

—O garoto nos chamou de pirata. —Cuspiu a resposta.

—Garoto, você é louco? —Tom perguntou ao sobrinho.

— E-eu... eu não chamei vocês de pi-piratas! Só disse que me senti num filme muito famoso de onde eu venho...

—Filme? —Os dois irmãos perguntaram em uníssono.

— Si-sim.

Dídimo o puxou de volta para o convés e ficou o observando com as sobrancelhas cerradas.

— Chamar um Marcus de pirata é uma desonra. — Disse Tom olhando para a praia que se aproximava.

—Pude notar. —Engoliu em seco.

Dídimo permanecia desconfiado do sobrinho.

— Tem certeza que é filho de nosso irmão Elai? — Dídimo perguntou. — Ele deveria ter te ensinado que é desrespeitoso chamar um Marcus de pirata... mas quem sou eu para dizer o que o perfeito do Elai deve ensinar ao filho! Vai ver ele mesmo o encorajou a nos chamar assim.

— Eu não cham... quer saber?! Me desculpem pelo erro terrível! — Respondeu aborrecido. — E sobre eu ser filho do irmão de vocês, estou começando a duvidar também.

Os três fizeram silêncio para apreciar a vista da Ilha do Siri e para fingirem que o assunto intimo familiar não veio à tona justo no momento em que se conheceram. Quando Jonas olhou para direita, entendeu o nome da ilha. As rochas que cercam a praia formam o animal. Uma enorme puã se impunha na entrada do local. Era tão grandioso que os dois navios entraram com folga na enorme fenda na puã feita de rocha. O garoto ainda não sabia que ela tem sensores instalados e somente navios regulamentados podem adentrar a Cidade Flutuante sem serem interceptados. Há explosivos por toda parte e os moradores da cidade não são nem um pouco fãs de novas amizades. Luzes se acenderam no alto da rocha, que por

dentro era acinzentada. Jonas pensou em como aquele lugar era interessante.

Minha mãe ia gostar...

— Minha mãe vai surtar quando não me encontrar em casa. — A voz dele ecoou na fenda. —Por favor, me levem de volta.

—Já passou da meia-noite garoto, a Redoma só abre de novo no ano que vem.

—Como assim ano que vem? —Indagou estupefato.

— Tom, tem razão. Só ano que vem. Já tentamos burlar o mecanismo antes e perdemos diversos barcos. Se você tentar, vai acabar se matando...

As vozes dos três Marcus ecoavam entre as rochas. A água antes cristalina sob o navio, agora tem uma aparência mórbida, fria. Jonas ficou arrepiado. Pensou no desespero de sua mãe.

— Cartas... meu pai gosta de enviar cartas... como isso é possível?

— Cartas?

Jonas assentiu.

— Ele devia estar fora da Redoma quando enviou. Os dispositivos de esconderijo são impenetráveis. E ninguém descobriu uma forma de enviar mensagens de dentro para fora do continente. Muitos nem sabem que ela se abre em outubro... —Disse Dídimo.

—E se ele enviou?

— Seu pai é muito inteligente, — os irmãos riram — mas nem tanto assim.

—Vocês não têm como saber.

— Muito menos você, garoto, muito menos você. — Disse Tom colocando a mão sobre o ombro de Jonas. — Agora contemple A Cidade Flutuante.

Jonas apertou os olhos para entender melhor o que sua visão estava capitando. Ainda era noite e algumas luzinhas mexiam como vagalumes. A cidade é repleta de navios casas, rentes uns aos outros, formando vilas. Uma comunidade.

Dezenas de navios e barcos enfileirados do menor para o maior. Os navios dos gêmeos Marcus foram para um lugar vazio. Mais adiante, o restante da ilha tem rochas enormes fechando a cidade e impedindo que pessoas não convidadas tenham acesso. De repente

Jonas entendeu que aquele era o endereço dos dois quando não estavam conferindo algo importante no oceano. Mais cedo, receberam informações de que um navio estranho havia atravessado a Redoma e estava velejando na direção da ilha. Tinham seus próprios sensores no limite do esconderijo e ninguém mais sabia disso, nem mesmo seus vizinhos.

Uma das luzinhas voadoras pousou na ponta do nariz de Jonas e se apagou. Não eram vagalumes, pareciam com um inseto, porém eram feitos de metal. O garoto pegou o estranho objeto e conseguiu ouvir as engrenagens parando aos poucos até o completo silêncio. — Ah, veja só o que encontrou... mais um Marcus. — Disse uma garota que parecia ter a idade de Jonas.

Ela andava descalço e usava roupas estranhas. Seus cabelos loiros passavam a cintura e estavam trançados nas duas laterais da cabeça, com finas tranças. As duas se encontravam acima da nuca e formavam-se em uma até as pontas do cabelo. O restante dos fios balançava ao vento. Sua pele também era bronzeada, mas era mais clara do que as dos Marcus.

A moça arqueou as sobrancelhas para Jonas e estendeu a mão esperando que ele devolvesse seu brinquedo. Ele desceu do navio e andou em uma passarela de

madeira escura e entregou o bichinho de metal na mão da menina. Ela passou o dedo gentilmente acima dele e ele se acendeu de novo e recomeçou o trajeto.

—Belo brinquedinho...

— Obrigada. Só que da próxima vez, — a garota sorriu debochada — caso um desses cruze seu caminho, não o aperte demais, se ele se sentir ameaçado pode ferroar você.

— E fazer o quê, me passar tétano? — Perguntou debochando também.

— Não se deixe enganar — Tom entrou na conversa — esses bichinhos são traiçoeiros, fazem você enxergar... bem, coisas que não deveria...

—Venenos alucinógenos?

— Exatamente. E você vai preferir a morte. — A garota finalizou com orgulho.

Ela deu as costas e começou a andar para longe, estendeu dois dedos no ar e os movimentou em ziguezague. Todos os vagalumes

de metal a seguiram até seu navio no fim da primeira quadra. Ela pulou como uma ninja para dentro de sua casa flutuante e levou todas as luzinhas com ela.

Jonas assobiou.

—Que garotinha nervosa...

— Se eu fosse você não mexia com ela. Ela tem um humor um tanto quanto controverso, andou fazendo uns experimentos esquisitos... aqueles bichinhos simpáticos mandaram um cara para o hospital. Ele ficou internado por três semanas. Não falava nada com nada. —Tom respondeu de cima do navio.

Dídimo subiu à bordo de seu navio.

—Vou dormir. —Disse e sumiu abaixo do convés.

— Vem, eu te arranjo um lugar pra ficar. — Tom o convidou depois de assistir o irmão se despedindo — Parece que seu tio não quis nem tirar na sorte pra saber

quem fica com você.

— Desculpe o incômodo. Teria avisado que estava chegando, se soubesse. — Jonas falou irônico.

— Dramático! Você é mesmo filho de seu pai! Nem precisamos de um exame de DNA —Tom caiu na gargalhada.

O garoto o seguiu pela escada abaixo do convés. Os degraus rangeram um pouco com seu peso e ele teve que abaixar a cabeça para passar com tranquilidade. Não era nenhum hotel cinco estrelas, mas o navio âmbar, tem seu valor. Uma área ampla com sofá, mesa de sinuca, uma tela enorme do que Jonas julgou ser uma televisão e algumas portas de ferro fundido escondiam outros cômodos da casa flutuante.

—Rosberta é um encanto, não é?

— Hã, sua esposa? Onde ela está? — Jonas procurou a mulher por todo canto.

— Rosberta é o nome do meu navio. — Ele respondeu sorrindo triste.

Andou pelo o que considerou ser uma sala de estar e os pensamentos ainda pairavam em sua mãe que àquela altura deveria estar muito preocupada. Apesar do sentimento latente, repetitivo, conseguiu fincar seus olhos em um quadro preso à parede. Trata-se de um anzol enorme dentro de um quadro de vidro. Abaixo dele uma inscrição:

—Anzol de Jonas?

— É uma réplica... — O mais velho disse e Jonas permaneceu com a interrogação nos olhos. — O pescador que sobreviveu ao ataque do Giatã. Diz a lenda que ele conseguiu fincar o anzol nos olhos do bicho. Não me pergunte como!

— Giatã?

— É o guardião da Redoma, estou surpreso que ele não tenha atacado você... afinal, não tem sangue puro.

—Devo me preocupar? —O garoto se sobressaltou.

— Não, não, ele não apareceu hoje... você está atrapalhando a ordem natural das coisas, então... ele teria aparecido...

—Entendi... Hã, o cara que atacou ele. Seu nome era Jonas?

—Sim, é um nome comum aqui no continente. Depois que o cara sobreviveu, é claro. Mas isso foi antes do meu pai morrer, então...

—Vou encontrar outros Jonas por aí...

— Se você for esperto, não vai se dar o trabalho de conhecer o nome de ninguém. A princesa Hadassa em pessoa está te procurando. — O tio disse categórico — Acha que vai durar quanto tempo até que ela te descubra e faça sei lá o quê com você?

—Ela é a esposa do meu pai? —Jonas perguntou querendo tirar logo a bandagem da ferida que é a história com seu pai.

—Garoto, você é doido? —Tom indagou enojado.

— Quê?

— Seu pai é casado com sua mãe. — Falou como quem diz o óbvio.

—Sim, só que eu imaginei que ele tivesse duas famílias...

Tom arregalou os olhos surpreso e depois fechou a cara com raiva. Se aproximou de Jonas com passos pesados. Estava nervoso. O garoto confirmou, os Marcus têm mesmo um temperamento muito difícil de controlar.

— Isso é contra a lei. Nunca mais diga algo tão desrespeitoso a respeito de seu pai. —Sua voz estava sombria. —É uma desonra. —Tudo bem.

— Elai cria os filhos da princesa, desde que o pai deles morreu. Nada mais.

— Entendi. Então ele cria os filhos dos outros e deixa o dele sozinho. —Jonas debochou com vontade.

O mais velho deu um passo para trás, o garoto tinha razão. Por mais que toda Nova Terra acreditasse que Elai era um homem incrível, existia essa enorme falha em seu caráter. Seu irmão por exemplo, daria tudo para cuidar dos seus...

Enquanto o herói de Nova Terra brinca de ser pai de outras crianças que não são suas, seu filho é sequestrado e trazido para um lugar desconhecido. Desaparecido ou não, aquilo era culpa dele e de mais ninguém. Naquele momento, claro como o dia, a ideia de que deveria cuidar do sobrinho ficou nítida em sua mente. Não abandonaria nenhum Marcus, custasse o que custasse. Abandono é coisa de Elai que aprendeu com os monarcas a se distanciar da família. Tom era diferente, passara tempo suficiente com sua mãe para aprender o que é família. Teve a sua e daria tudo que tem para recuperá-la.

— Como você sabia que ele era casado com minha mãe? — Jonas quis encompridar a conversa — Nem sabia da minha existência!

— Você é a maior prova. Se você existe, sua mãe é esposa de seu pai até que um deles esteja morto.

— Ele poderia ter engravidado minha mãe... não

necessariamente precisaria estar casado com ela.

— Garoto, o que foi que te ensinaram? — Tom perguntou estarrecido.

—Bom, de onde eu venho isso acontece e muito.

— Pois bem, na sua terra corrompida, isso é comum, mas aqui isso não acontece, de jeito nenhum! — Respondeu corrigindo o sobrinho. Jonas estalou a língua por não ter respostas e nem interesse em permanecer naquela conversa. — O banheiro fica atrás daquela porta. — Apontou para porta atrás de Jonas — É melhor tomar um banho, está terrível. E você pode dormir no quarto ao lado do banheiro. Dentro do armário há roupas que vão lhe servir. Meu quarto fica no fim do corredor.

— Porque suas roupas ficam em outro quarto? — Jonas perguntou achando que estava debaixo do mesmo teto que um maluco.

—Não são minhas.

—E de quem são? —Indagou ainda mais confuso.

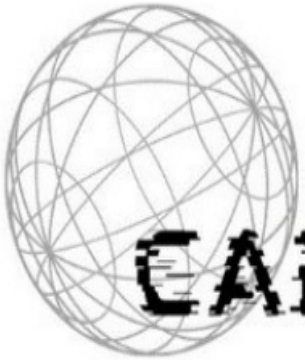
—Já está tarde, é melhor você dormir. —Tom respondeu ríspido, deixando claro que aquele assunto não lhe competia.

O garoto não viu outra alternativa senão assentir, porém, seu tio já estava andando na direção do quarto. Abriu a porta num solavanco e se escondeu na penumbra atrás dela. Jonas foi até o quarto sinalizado pelo tio e imaginou que poderia viver ali, já que não tinha opções.

Uma cama de solteiro, um armário de madeira. Uma janelinha dava visão para o mar, que naquela hora da noite parecia negra como petróleo. As ondas naquela parte do oceano eram calmas e olhá-las deu sono.

Ele foi na direção da primeira gaveta e encontrou cuecas, meias e pijamas. Achou estranho. *Por que Tom guarda essas roupas aqui?* Abriu a segunda gaveta e encontrou camisas e bermudas. Levantou os olhos e em cima do armário havia a foto de um garoto muito parecido com ele, os cabelos não eram muito compridos, como os dele. O rapaz estava apoiado no leme do Rosberta. Parecia um pouco mais novo.

Naquele momento Jonas entendeu quem era aquele garoto e torceu para que ele só tivesse andando por outras bandas.



CAPÍTULO 7

NOVEMBRO DE 2013, CIDADE FLUTUANTE, ILHA DO SIRI, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Jonas acordou com um alarme muito alto. Tateou ainda de olhos fechados os lados da cama em que estava à procura do seu despertador. *Mais um dia de trabalho, que ótimo,* ironizou na própria mente. Depois de alguns segundos, abriu os olhos e a claridade do dia iluminou tudo. Ficou claro que ele não estava em casa e sim dentro de um navio muito esquisito, de um tio que ele nem fazia ideia que existia.

Fez silêncio tentando compreender que barulho era aquele, vasculhou em sua mente ávido por alguma resposta. Como não se lembrou do que se tratava, presumiu que nunca havia escutado nada como aquilo. Parecia uma sirene anasalada e à medida que o tempo passava, mais alto ficava. Ouviu a movimentação do tio dentro do navio e sentiu que começou a zarpar.

O barulho estava alto demais, a ponto de ele começar a sentir um zunir em seus ouvidos. Levantou cambaleando da cama. A velocidade em que o navio estava se movendo era de assustar. Tentou segurar algumas coisas, que imaginou que em breve cairiam, como o porta-retratos do primo em cima do armário, mas nem ele nem qualquer outro objeto se moveu. O garoto por outro lado, estava engatinhando feito um bebê desengonçado para chegar até as

escadas que dão para o convés. Cada objeto se prendia como ímã aos móveis no quarto. Foram projetados para isso, afinal, Tom é bom no leme, tão bom que Jonas enfrentava dificuldade para se manter de pé.

— Você o viu chegando? — Gritou Dídimo para Tom. O alerta já estava ficando ao longe.

—Não, eu estava dormindo.

—E o garoto?

—Tá lá embaixo...

— E ainda não acordou? — Dídimo tinha urgência na voz. Parecia desapontado.

— Estou tentando subir! — Jonas gritou se agarrando a escada. Subiu como um gato que não gosta de banho foge da água.

Ao chegar no convés, viu os dois tios navegando lado a lado com uma distância considerável. Os navios poderiam ser borrões no oceano. Olhou ao redor, se segurando onde dava e viu muitos outros navios indo na mesma direção, rápidos, como se fugissem da morte. E realmente estavam.

—O que está acontecendo? —Jonas gritou para os tios.

— O Giatã. Ele apareceu. Fazem anos desde que o vimos pela última vez. — Disse Dídimo.

— E o que seria isso? — Perguntou, pois não ouviu direito o que o tio falou.

— O guardião da Redoma. Deve ter notado sua presença aqui... você é um Malus Sanguis. Mas se eu fosse você, não espalhava isso por aí.

—Malus Sanguis...

— A mistura dos sangues. Você é uma falha no sistema. Não deveria ter acontecido e o Giatã sabe disso. Conhece todos nós pelo cheiro. — Dídimo gritou como se desse uma sentença de morte e de fato era a mesma coisa.

— Tá, tá, já entendi essa parte, e aí? Estou na porcaria da casa dele?

— Não, você está na porcaria do refeitório! — Dídimo ironizou com os dentes à mostra — Ele vive no Atlântico e atravessa a Redoma pelo centro da Terra. Gosta de comer por aqui... na Ilha dos Dragões.

Ao ouvir “Ilha dos Dragões”, Jonas se arrepiou inteiro. Não pensou em nada mais assustador. Se a ilha fosse o que prometia já no título, não fazia questão de conhecê-la. *E que bicho é esse, Giatã? O que isso significa?* Só havia visto dragões em histórias e filmes, nunca imaginou que existissem de verdade e já que nada que estava vivendo fazia sentido, resolveu acreditar.

—Se ele protege a Redoma, por que estão fugindo?

— Garoto, você não me ouviu? Ele atravessa a redoma pelo centro da Terra. Não entendeu que ele é perigoso? Ele nos deixa viver na área do lanche, só que isso não significa que não pode nos matar a hora que quiser! Ele poderia acabar com todas as 12 ilhas se quisesse. —O tio mal-humorado gritou de seu navio.

— Se o Jonas do passado enfiou um anzol no cara, estão esperando o que pra enfiar logo uma espada no coração do bicho? — Jonas perguntou, porém já sabia a resposta. Se agarrou ainda mais firme para ouvir o tio gargalhar e responder:

—Ele é indestrutível.

—Tom! —Gritou a garota metida a cientista. Navegava com uma lancha preta com painel cheio de botões verdes brilhantes. — Vocês viram meus pais? Eles pegaram o Cobra D’agua e tentaram contornar o Giatã. Meu irmãozinho estava com eles...

—Sinto muito, Abigail. Não vi.

—Tá certo. —Ela disse e deu meia volta.

— Ei, garota! Você é maluca? — Jonas gritou para ela. — Tom, ela está voltando!

— Mas que droga! — Ele falou e bateu no leme com a palma da mão. Virou-o à

bombordo com força e ele girou várias vezes até que o navio se posicionou na direção da garota. — Essa menina vai acabar se matando!

Os cabelos da moça estavam soltos e voavam alto. Dividiu-se em dois parecendo duas asas brancas no céu.

— Tá indo aonde? — Dídimo perguntou, também tinha dado a volta.

—Abigail foi atrás dos pais. —O irmão respondeu.

— Deixe que morra, não é problema nosso. — O outro foi categórico. Jonas o olhou furioso. Sentiu os dedos formigarem e a mão se cerrou em punho fechado.

—Você quer deixá-la para morrer? —Gritou para o tio.

— Não finja que se importa! — Ele respondeu maldoso — A culpa é sua se o Giatã apareceu.

— Não é culpa dele, Dídimo. — Tom tentou apaziguar — Ele não veio por conta própria.

— Por que você não vem aqui pra gente conversar melhor? — O mais novo perguntou. Sua intenção era extravasar a raiva. Era o momento perfeito para se sentir no comando de novo.

—Ei, olha. —Tom disse apontando para destroços de um navio. A lancha de Abigail estava ancorada próximo aos destroços, mas não havia sinal dela. Tom e Dídimo pararam seus navios também, um pouco mais distantes, pois temiam o que poderia lhes acontecer. Os dois mantinham as mãos nos lemes prontos para zarpar de imediato. Jonas procurou sinal da garota. Seus olhos dançavam nas órbitas apreensivos. Detestava a ideia de que tudo aquilo fosse culpa dele. Temia pela vida da garota e de sua família.

Algumas bolhas subiram na superfície. Um borrão branco começou a emergir. Era Abigail. Ela respirou fundo e mergulhou de novo. Jonas não pensou duas vezes e pulou no mar atrás dela. Seus tios gritaram:

—Ele vai te matar! —Se referiam ao Giatã. Ele não se importou. De olhos abertos submergindo cada vez mais fundo, notou que aquela parte do oceano era

imensa. Os raios solares penetravam a primeira camada das águas cristalinas do Atlântico. À medida que mergulhava mais fundo, a luz ia desaparecendo e seus ouvidos notavam o quão submerso estava. Precisava ser mais rápido para encontrá-los. Seu peito começou a arder e ele precisou respirar evidenciando o quão humano e frágil é. Diferente dos peixes cinzas que o rodeavam e se escondiam entre rochas nas profundezas. Desacreditado de quão longe foi, seu cérebro começou a dar sinais da falta do oxigênio. Os olhos ardendo devido o contato com água salgada, demoraram um pouco para focalizar pedaços do navio que fora submerso. Aquela visão era assustadora, velas e madeira, muita madeira no lugar que pertencia somente a âncora. Estava prestes a desistir quando viu Abigail agarrada a alguém. Um menininho desacordado. Batia os braços e pernas com uma veemência desesperadora. Fazia força para levar o menino, nadando

na direção da luz acima de suas cabeças, mas aos poucos foi perdendo a força, pois assim como Jonas precisava de ar. Não demorou muito para perder a consciência também, já que fazia esforço para levar outro além de si mesma para a superfície. Abandonando a lógica e tentando remediar o problema que trouxe consigo, Jonas mergulhou ainda mais fundo e pegou os dois. Bateu forte os pés, todavia parecia nunca sair do lugar. Agitou o braço esquerdo, pois com a mão direita segurava os dois desacordados. Aos poucos foi avistando o céu, a superfície estava próxima. A dor no peito intensificava-se. Os pulmões imploravam por oxigênio. Ele começou a ouvir os motores dos navios, a visão foi ficando turva, mas ele decidiu que iria lutar e permaneceu no ritmo, até que finalmente o ar entrou nos pulmões e a luz solar beijou sua pele.

Seus tios esbravejavam nos navios.

—Me ajudem, por favor. —Ele sussurrou ofegante.

Tom e Dídimo pegaram Abigail e seu irmão. Jonas precisou de mais tempo para se recompor então decidiu boiar um pouco até se recuperar. O pensamento estava em chamas. Não fazia o menor sentido ter conseguido submergir por tão longe abaixo do nível do mar e muito menos o tempo que ficou sem ar. Deveria ter morrido no meio tempo.

—Garoto, você está querendo morrer? Sai logo da água! —Já vou.

Jonas subiu por uma escada que seu tio Tom estendeu. Se jogou no chão do

convés e fechou os olhos. Os gêmeos Marcus faziam a ressuscitação dos irmãos Tales também deitados no convés. Ele respirava fundo e ofegava regularmente. Abigail foi a primeira a ressurgir. Desesperou-se ao ver o irmão ainda desacordado. A boca do menino estava roxa e ele inteiro era pálido como se não visse o sol a semanas.

— Deus, Todo Poderoso, domina céus e terra. Misericórdia de meu irmão! — Orou ofegando — Por favor, não posso perder mais ninguém!

Algum tempo depois ele tossiu e cuspiu toda a água que havia bebido no fundo do mar. Colocou a mão na garganta e fez cara de dor. A água salgada subiu ferindo-o por dentro.

— Graças a Deus. Louvado seja! — Abigail disse com as mãos estendidas ao céu. Abraçou o irmão.

—Amém. —Os gêmeos disseram.

— Pode me soltar agora. — O garotinho falou com a voz rouca. —Estou bem, estou bem... onde estão papai e mamãe?

Abigail o soltou e começou a procurar as palavras certas. Não as encontrou.

—Eles morreram, não é?

Ela assentiu com a cabeça e começou a chorar, não demorou muito para que o irmão a acompanhasse.

— Sinto muito. — Jonas respondeu com sinceridade. Sentia muito pela morte dos pais dos dois e por ter parte nisso. Sentia muito de todo o coração. Os dois o olharam e assentiram juntos.

— Como saímos da água? — Abigail perguntou a Tom ainda agarrada ao irmão.

—Jonas. Ele mergulhou atrás de você.

Abigail soltou o irmão e rastejou até perto de rapaz que se encontrava sentado no chão. O abraçou forte, depois olhou em seus olhos e disse:

—Devo minha vida a você.

—Eu também. —O menino falou corajoso.

— Não foi nada... — Jonas respondeu sem graça. — n-não foi nada...

***

Não conseguia olhar nos olhos dos dois irmãos quando eles apareceram para almoçar. Aquilo era demais. Jonas achou que Tom não deveria tê-los convidado sabendo de toda a história. Ele era o culpado de terem se tornado órfãos. Por outro lado, eles só tinham uma lancha que não apresentava nenhum conforto ou segurança. Tom, mostrou-se um homem muito bom, ofereceu abrigo aos irmãos. Em parte, porque sentia a necessidade de reparar o que aconteceu. Mesmo que soubesse que o sobrinho não era culpado, o sentimento de culpa era mútuo aos Marcus. Os garotos órfãos aceitaram, mas a moça prometeu que iria comprar outro navio assim que pudesse.

Dídimo, ficou recluso em seu navio. Estava mais que claro que não estava à vontade com o Malus Sanguis no Rosberta, muito menos o que aconteceu por causa da sua visita surpresa ao continente. Ele não entedia como Tom conseguia ficar perto do garoto. E este não conseguia acreditar como um tio não podia apoiar o próprio sobrinho, considerando tudo.

— De que ilha você veio, Jonas? — Abigail perguntou enquanto eles estavam almoçando à mesa. Estava triste e cansada, preferia ocupar a mente com outras coisas que não envolvia o corpo de seus pais no fundo do oceano.

Usando roupas masculinas cedidas por Tom, encarou o garoto sem repostas do outro lado da mesa. O garotinho, por outro lado, comia com vontade o peixe assado servido. Não se deu ao trabalho de levantar os olhos ao ouvir a voz da irmã. Se nadar dá fome, que dirá se afogar.

—Hã... —Jonas olhou aflito para o tio que o interrompeu: —Friaze, aquela ilha gelada...

—Você é um Marcus, certo? —Ela indagou confusa.

— S-sim.

—O que fazia em Friaze? Não há muitos navios por lá.

— É que ele é o filho bastardo de meu irmão Elai. Ele acabou se encantando por uma mulher de Friaze... enfim, é melhor mantermos segredo. — Tom respondeu rapidamente. Jonas o encarou estupefato.

— Ele é a cara do pai! — Abigail achou graça — Vai ser difícil esconder a existência dele por muito tempo.

Tom ficou ponderando sobre o assunto e acabou concordando. Nenhum dos dois havia tido tempo para se preparar para aquela pergunta. Friaze surgiu a sua mente por ser a ilha em que seu pai nasceu. Sempre teve curiosidade de conhecê-la de perto, então imaginar que o irmão mais velho também a tinha, foi um bom escape. Seria mais fácil aceitar que ele buscava saber mais sobre a família quando se engraçou com alguém, o que poderia ser dito caso a menina os enchesse de perguntas. Mas ainda era estranho pensar no assunto, considerando que horas antes brigou com o sobrinho por pensar assim de seu pai.

—A princesa Hadassa deve ter ficado bem aborrecida. — Abigail continuou o assunto. —Não deve ter sido fácil sofrer rejeição. Nunca entendi por que Elai não havia se casado com ela, agora entendi. Ele é apaixonado por outra mulher.

— *Bingo*! — Tom disse encontrando a resposta que queria e trazendo os olhares curiosos para si. — Hã... é isso, a princesa é apaixonada por Elai, daí ele preferiu manter o casamento em segredo para não magoá-la... — Abigail abriu a boca para contestar, mas ele prosseguiu notando a falha na sua versão dos fatos: — ... mesmo que ela tenha se casado com seu melhor amigo... Elai achou melhor respeitar...

— Ah, bem nobre da parte dele. — A garota assentiu um pouco confusa.

Jonas encarou o tio ainda mais incrédulo por ter inventando uma resposta tão rápido e abaixou os olhos pensando na mãe. Passou a manhã inteira com ela na cabeça e em como devia ser angustiante não ter notícias do filho. Pensou que talvez a imagem dele estivesse pelas ruas num cartaz de desaparecido. Imaginou os repórteres entrevistando seus colegas de escola e as coisas maravilhosas que diriam, porque agora ele era um cara desaparecido. Porém não gostou nem um pouco de pensar nos colegas do trabalho refutando as coisas legais que os da escola levantariam. Àquela altura, seu nome já deveria estar na internet.

— Imagino como deve ser difícil ficar longe do seu pai... — Abigail disse o tirando de sua reflexão.

—Não, não é como se ele estivesse morto... —Falou sincero, só que ao ver o reflexo da falta de tato nos olhos de Abigail, se arrependeu.

— Espero que o encontrem logo. — A garota falou sem ressentimentos pela grosseria —Foi por isso que veio para cá? Quer ajudar nas buscas?

—Do que você está falando? Tom, do que ela está falando?

— Jonas, você não sabia? — Ela perguntou e depois encarou Tom. —Vocês não contaram pra ele?

— Quando chegou ontem, achei que sabia. — Tom ficou tão surpreso quanto Abigail.

— Sabia do que? — Odiava suspense — Alguém vai me dizer ou vou ter que adivinhar?

— Seu pai desapareceu, faz mais de um ano. — Tom respondeu rápido como se tira um curativo. — Você não achou que, hã... — pigarreou, quase disse algo que os entregaria — bom, o certo era você ficar com ele e não comigo...

Jonas pensou na carta que recebeu há pouco, abriu a boca para dizer que havia tido notícias dele, entretanto se calou. Não queria dizer na frente da garota. Porém uma carta não quer dizer nada, se fosse uma ligação, daria para engolir, mas era um texto num papel. Estava tão acostumado a ficar sem ver o pai que achou que tudo bem entrar em seu continente escondido e não o encontrar logo de cara. Ele não foi acessível até agora, porque se tornaria assim do nada? Quando compreendeu a situação, quase deu um tapa na própria testa. Já foi mais inteligente!

Duvido que tenha morrido. Vaso ruim não quebra!

Encarou o prato à sua frente e notou que nem havia tocado no peixe. Segurou o garfo e começou a cutucar a carne. Tirou a pele crocante dourada e encarou a carne branca. O cheiro da comida fez seu estômago pular extasiado. Levantou os olhos de novo e tinha plateia. Até mesmo o garotinho o encarava buscando respostas.

— Não acho que está morto — falou como se pedisse desculpas — acho que ele está fazendo algo importante. Sempre se empenhou em coisas que realmente importam e é nisso que está concentrado agora.

Tom assentiu orgulhoso, ainda não sabia que ele dizia isso sem acreditar. Só falou o que sabia que a plateia queria ouvir.

—Vou te ajudar no que for preciso. —Abigail disse com os olhos marejados.

— Eu também. — O garotinho falou. — Ninguém deveria perder um pai assim... do nada...

Os irmãos se encararam por alguns segundos constrangedores. Tinham um carinho um pelo outro que era quase palpável. Jonas se sentiu ainda mais

culpado. Queria poder dizer que o que havia acontecido. Ele achava que talvez assim, teriam um sentimento melhor: raiva. É melhor sentir raiva do que luto. Sempre preferiu este sentimento a tristeza. Com a raiva podemos quebrar coisas e talvez

até ossos. Ossos podem ser consertados. Não há conserto para a morte.

***

O jovem Marcus, não sabia absolutamente nada a respeito do pai, mas era orgulho demais para ficar perguntando. Desesperado para saber o que estava acontecendo e onde ele estava exatamente, decidiu que ia descobrir tudo sozinho. Para ele, pedir ajuda aos outros é sinal de fraqueza. E não há nada que deteste mais do que se sentir fraco, impotente.

Quando todos estavam no convés decidindo se era ou não a hora certa para voltar à Ilha do Siri, Jonas foi para o quarto, entrou e fechou a porta para não ser incomodado. Vasculhou entre as coisas do primo — que torceu que estivesse vivo e que não tinha coragem de perguntar ao tio se estava ou não — e encontrou no fundo do armário um dispositivo que ele nunca havia visto antes. Parecia um livro petrificado. Transparente e leve, medindo cerca de 30 cm e de espessura fina. O colocou com cuidado em cima da cama e deitou de barriga para baixo olhando-o com curiosidade. Ficou se perguntando por que o primo tinha guardado aquilo.

Qual é? Um pedaço de vidro? Ele queria fazer o quê com isso? Passou o dedo indicador no objeto, marcando-o com suas digitais, e ele brilhou. Jonas se levantou em choque e ficou olhando- o ligar feito um celular. *Droga, isso é como um computador?*

E era mesmo uma espécie de computador. Esperou nada paciente. Andava de um lado a outro enquanto a máquina iniciava. Fazia tempo que ela não era ligada e precisou de um pouquinho mais de tempo para se iniciar completamente. Quando o objeto mostrou o que pareceu ser uma tela inicial, Jonas se debruçou em cima dela de novo e começou a passar os dedos esperando que mostrasse alguma informação importante. A primeira coisa que encontrou foi um jornal de um ano atrás. Aquela foi a última pesquisa.

A foto do pai se mexia. Parecia uma 3x4 usada em documentos militares. Ele

encarava de um lado a outro e depois a frente. Parecia

olhar dentro dos olhos do filho. A expressão mal-encarada repetia os mesmos movimentos sem parar.

Mais abaixo, uma mulher loira de cabelos curtos, óculos engraçados, feito asas de borboleta e roupa extravagante sorria e assinava seu nome no ar: *Rita Quiter.* O nome brilhava e depois desaparecia para ser escrito de novo.

Jornal Nova Terra

Elai Marcus desaparece sem deixar vestígios. Realeza demostra preocupação.

Por Rita Quiter



Não é novidade para ninguém em todo Continente que o Distrito Real tem total devoção ao misterioso guerreiro Elai Marcus, o primeiro de sua família a assumir a vida militar. Seus irmãos, os gêmeos Tom e Dídimo Marcus, não quiseram comentar, mas muitos da comunidade novaterriana, acreditam que os irmãos se ressentiram quando o mais velho resolveu ser um nobre guerreiro a um simples marinheiro como o pai e os irmãos.
Depois que a mãe de nosso herói, Eleonor Marcus, faleceu, vizinhos próximos a família disseram que os gêmeos acusaram o irmão de tê-la matado de angústia. Não sabemos ao certo o que houve, mas fontes muito próximas a Elai, acreditam que ele estava chateado com tais boatos e que não era próximo aos irmãos que o acusaram. Os relatos médicos por outro lado, afirmam que Eleonor Marcus faleceu por uma doença respiratória grave. Não sabemos ao certo o nome desta, pois o laudo médico está sob sigilo.

O desaparecimento do nosso herói ainda é um mistério, mesmo que muitos tentem culpar os gêmeos Marcus, há quem acredite que na verdade, Elai estava em uma missão. Na primeira semana de outubro, ele foi visto saindo da Sala de Reuniões do Rei em direção a mina de Caelum Arcus, matéria prima da nossa protetora Redoma. Depois disso, nosso guerreiro favorito nunca mais foi visto. O rei Gustavo prometeu enviar homens para descobrir seu paradeiro, mas até então não tivemos nenhuma informação a respeito de qualquer pista.

Esperamos ansiosos pelo desfecho deste mistério.

Aquilo foi o bastante, sabia por onde começar.

A missão de um guerreiro de verdade muitas vezes pode ser solitária. Jonas não queria envolver ninguém nas suas buscas porque temia que mais alguém se machucasse. Além do que, não queria ter que explicar suas razões ou conversar a respeito do que pensava. Lidou com seus pensamentos sozinho até agora, por que deveria mudar isso?

O plano pareceu simples em sua cabeça. Se seu pai foi visto pela última vez na Mina Caelum Arcus, o primeiro lugar que deveria ir para encontrar pistas era este. Entretanto, ele não fazia ideia de como chegar. O total de lugares que conheceu em Nova Terra até agora era muito escasso. Precisava de um mapa e um meio de transporte. Roubar de pessoas que você mal conhece de repente não pareceu ser uma ideia tão horrível.

Tentou pesquisar através daquele dispositivo como chegar até a mina, mas a bateria acabou. Procurou no quarto algo que pudesse recarregá-lo e não encontrou a fonte e nem uma tomada para fazê- lo. Estava de mãos atadas. Guardou o estranho objeto no mesmo lugar em que encontrou e saiu do quarto. Noah, Abigail e Tom estavam no convés, ele pode ouvir a movimentação deles acima de sua cabeça, só queria ficar sozinho e resolver tudo de uma vez.

E se este lugar só for navios, barcos e água salgada? Esse povo é cheio de tecnologia, onde estão os carregadores e tomadas?

Subiu as escadas para o céu aberto mais azul que já havia visto. Sentiu falta de um protetor solar. Sua pele estava começando a ficar avermelhada e ardia um pouco. Os três estranhos à sua frente conversavam tranquilos e então Jonas notou que seu tio vestia uma roupa similar a de mergulhadores do restante do mundo. Se aproximou de Tom, que começou a andar em cima de uma prancha que se movia para cima e para baixo.

— Qual é a sua? Vai andar na prancha, marujo? — Jonas debochou com voz rouca de pirata. Todos o encararam confusos. Nada do que disse fez sentido. — Esquece.

— Beleza, vou começar... — Tom falou sem jeito, não se sentia à vontade com tanta gente em seu navio. Levantou dois dedos da mão direita e fez um gancho

no ar. Um arpão que estava caído no chão voou até sua mão. Ele estalou o pescoço e pulou na água.

— C-como? Ele tem su-superpoderes? — Jonas perguntou boquiaberto. Abigail e Noah caíram na risada.

— Superpoderes? Isso é história de criança! — Noah falou com desdém e depois desceu para a parte casa do navio.

Ele encarou Abigail que apoiou os cotovelos e segurou o queixo enquanto olhava o mar lá embaixo.

—O único poder do seu tio é entender muito de tecnologia... mas ouvi dizer que os Horloges foram invenção do seu pai, então...

— Horloges?

— Sim. São esses relógios aqui. — Então Abigail tirou o relógio de seu pulso e o afivelou no pulso de Jonas. Teve que afivelar no último furo e ainda ficou apertado. — Faça uma pergunta para ele com o dedo aqui no visor.

Jonas queria muito saber onde ficava a mina de Caelum Arcus, porém se conteve a perguntar:

— Quem é o Giatã? — Os olhos de Abigail o encararam tristes. Ele não teve muito tempo para se arrepender, uma voz disse:

Você não é Abigail. Antes de responder a sua pergunta, gostaria de saber: qual é o seu nome?

— Jo-Jonas.

Ok, Jo-Jonas, — disse a voz feminina computadorizada — ***o Giatã é o monstro marinho mais antigo do mundo. Ele guarda a redoma de Nova Terra. Conhece todos os moradores novaterrianos pelo cheiro. A Redoma nunca o deteve porque ele consegue transitar pelo centro do mundo. Mantém este arquipélago, pois se alimenta de dragões na Ilha dos Dragões. Estudiosos acreditam que a permanência de seres humanos aqui ocorre em função da manutenção da vida no Sétimo Continente. Por isso o Giatã os permite viver.***

Desde que não tragam nenhum Malus Sanguis para Nova Terra. Respondi todas as suas perguntas?

—Hã. Sim. Obrigado.

Não há de quê, Jo-Jonas. —Horloge terminou.

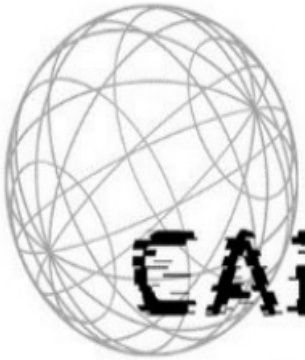
— Agora que já brincou, me devolva, por gentileza. — Abigail pediu o Horloge de volta. Jonas o entregou boquiaberto.

—Hã... tá... — começou uma pergunta. Abigail tirou os olhos do oceano e o encarou — como vocês, aqui da Ilha do Siri, fazem para

carregar os dispositivos tecnológicos?

— Isso depende. Alguns objetos têm vida útil e outros são recarregados por energia solar.

—Legal... como é feito em Friaze...



CAPÍTULO 8

MAIO DE 2012, PALÁCIO, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

A princesa Hadassa vasculhou fundo a história do guerreiro real e descobriu Mara e Jonas. Não precisou de muito para isso. Enviou espiões atrás dele. Elai os despistou durante um tempo, mas um deles acabou conseguindo atravessar a Redoma em direção ao segundo continente. Ela não ficou chocada. Imaginou que essa devia ser a razão de os dois não poderem ficar juntos. Afinal, ele sempre foi um homem respeitador das leis.

Quando soube, anos antes de seu desaparecimento, o chamou na Sala de Reuniões do Palácio. Vestiu seu melhor vestido e se perfumou como se tivesse um compromisso real. Enfeitou-se toda na esperança de impressioná-lo. Ficou de pé encarando a mina de Caelum Arcus. Achou que assim poderia fazer sua virada triunfal. Quando ele chegasse ia se virar para que ele encarasse sua exuberância. Elai, entretanto, entrou na sala sem cumprimentá-la, apertou o botão abaixo da mesa de mármore e o mapa dourado apareceu. Pressionou o centro do mapa com força, então ele se dividiu em quatro partes e o mecanismo do objeto girou para dentro mostrando o mapa completo de Nova Terra.

Sério, não vai nem olhar para mim?— Aqui. — Ele apontou para a Ilha dos Dragões. — Cidade Perdida. Estão acontecendo

movimentações estranhas abaixo do nível do mar. Acho que há algo em baixo da terra e nós precisamos investigar.

— Elai.

— ... não acho que seja o Giatã, ele se movimenta muito mais ao centro da Terra, a tecnologia real nem consegue documentar, por isso quando ele aparece sempre somos pegos de surpresa... se o rei tiver um tempo... eu posso falar sobre essas movimentações na ilha...

— Elai, eu não te chamei aqui para falar sobre problemas na Cidade Perdida. O próprio nome já diz, está perdida. Há dezenas de anos isso é verdade! — Falou sistemática. — Não vamos nos preocupar com aquela ilha! Esqueça isso.

— O quê? Está brincando? — Os olhos do homem arregalaram- se —E se tiver algo lá que afete nosso futuro?

— A única coisa que afeta o futuro deste reino é a sua relutância em se casar comigo. — Ela disse encontrando o gancho perfeito para sua real motivação.

—Me chamou aqui pra isso? —Ele perguntou entediado. — Não é natural que uma mulher se ofereça em casamento. Já parou pra pensar no quão desesperada você parece ser fazendo isso?

—Elai, sejamos práticos. O reino tem muito a ganhar se nós dois estivermos no comando. Nova Terra só ganha se nós firmarmos compromisso. Não entendo o que lhe impede.

— Não vou me casar com você. Esqueça essa ideia idiota. — Respondeu ríspido e deu as costas.

— Você a ama? — Ela perguntou. Elai parou e deu meia volta. Sorria amargamente como se tivesse sido pego fazendo besteira.

Na mão da princesa estava uma foto de Elai e sua família na América do Sul. Os três sorridentes sentados na areia na praia Ilha do Boi, no Espírito Santo. Elai a encarou esperando o afronte. Não queria que o sétimo continente soubesse de sua família. Fez o possível para escondê-los, nem mesmo seus irmãos sabiam da

existência deles, mas ninguém era páreo para Hadassa, não quando ela tinha uma ideia fixa na cabeça...

—Então, a ama ou não? É só um casinho? — Zombou.

—Ela é minha esposa. —Respondeu sem medo.

—Por isso não se casou comigo.

—Por isso e muitas outras razões. Você sabe. —Falou ríspido. —Meu marido está morto, há anos...

— É eu lembro, não precisa tocar no assunto todos os dias. — Ele respondeu nervoso.

—E a culpa foi sua, se você tivesse ido com ele, nada disso teria acontecido. — Falou se aproximando. Elai semicerrou os olhos cheio de ira.

—... eu estou cuidando dos filhos dele. —O homem se afastou e foi na direção da janela para visualizar a mina. — Centenas de homens trabalham incansavelmente por este reino... eles sim sofrem e você aqui preocupada com casamentos.

— Casamentos não. Casamento. — Choramingou feito uma garotinha mimada — Quero me casar com você, sabe que sou apaixonada desde que éramos crianças... — segurou o braço de Elai.

— Para mim você é como uma irmã. Te vejo assim. — Deu de ombros e andou na direção da porta.

— Irmã? Sério? — Gargalhou amarga — Não consegue imaginar uma desculpa melhor? Nós não somos irmãos, Elai.

—Se você não me vê assim, sinto muito.

—Bom, já que me acha como sua irmã, —falou enojada — deve saber que eu sempre faço de tudo pelo o que quero.

— Bom, eu também, princesa. — Se virou para ela com os dentes a mostra —

Faço de tudo pela minha família. Se surpreenderia com o que sou capaz.

—Eu garanto, Elai, você também pode ficar surpreso.

***

— Como assim o garoto escapou? — Hadassa perguntou a Lio e Luca.

Estavam diante dela na sala de reuniões do rei. O rei Gustavo não se importava com o que a filha fazia com seu reino. Ela estava dominando tudo e domá-la era como nadar contracorrente. Os príncipes eram sedentários demais para suportar tanto exercício.

— Alteza, pedimos perdão. Mas não conseguimos... eles são muito fortes. — Luca se desculpou.

Os dois palermas miravam o chão de cabeça baixa. Sentada ereta na cadeira de seu pai, com a mina de Caelum Arcus atrás de si. Juntou as mãos entrelaçando os dedos. Suas unhas eram como garras. Ela se levantou e ajeitou o vestido branco que fazia contraste com sua pele negra reluzindo. O rei havia a adotado quando foi encontrada velejando sozinha próximo à Ilha dos Dragões, era muito pequena e ele sempre teve um coração mole para tragédias. Temeu pela vida da menina e a registrou como filha. Tentou fazer o mesmo com Elai, só que ele já tinha idade para contestar. Não quis ser chamado príncipe de Nova Terra, o título de herói lhe coube melhor. — Um garotinho deu uma canseira em vocês, — ela zombou — então...

— Bom, ele é um Marcus. Se parece muito com o pai. — Lio respondeu. A princesa apertou o maxilar com raiva. — ... Alteza. — Disse pensando que havia se esquecido como se dirigir a ela.

— Tudo que eu faço é pelo bem deste reino. — Hadassa se levantou da cadeira e se virou para mina. — A única forma de Elai reaparecer é se achar que estou guardando seu filho no palácio.

Ela colocou a mão no vidro temperado. As unhas bateram nele e fez um ruído irritante.

— Acho que superestimei vocês. O verdadeiro lugar a que pertencem é a Mina

de Caelum Arcus. Me precipitei quando achei que poderia dar-lhes trabalho tão importante... pegar um adolescente não deveria ser tão complicado.

—Mas, Vossa Alteza... —Luca começou desesperado.

—... eu tenho dois debaixo das minhas asas. Não são tão difíceis de manipular assim. Vocês são inúteis. —Ela concluiu.

— Podemos tentar de novo? Por favor, imploramos! — Lio se desesperou também, ajoelhou-se no chão e tudo — Traremos o garoto em sete dias, prometemos!x

— Não dou duas chances. Voltem para mina. — Hadassa pegou a documentação e a carimbou.

— Por favor, imploramos! — Lio choramingou feito um garotinho assustado.

— Eu não sou piedosa. Desistam. Tomem. — Estendeu os documentos para os dois. — Lembrem-se que cabelos longos não

são permitidos na mina. Antes de voltarem para lá tirem esses extensores e raspem as cabeças. Tchauzinho.

Hadassa sorriu debochada. Eles se curvaram em reverência e seguiram para fora da sala de reuniões. Os filhos da princesa esperavam no corredor. Zacarias e Augusto. 15 e 13 anos. Os traços faciais dos meninos eram similares aos do pai Amis, que era branco, mas são negros como a mãe. Elai também deu sua contribuição, pois pelo modo de se vestir e se portar pareciam dois Marcus. O homem teve muito efeito em suas vidas.

Os meninos aproveitaram que Lio e Luca saíram da sala. —Tem notícias de Elai? —Zacarias perguntou a mãe.

— Filhos, deveriam ter sido anunciados. Eu trato de negócios aqui.

— Esta é a sala de nosso avô. Por que está agindo como se lhe pertencesse? — Zacarias indagou com o queixo erguido. Estava tentando parecer mais velho nos últimos dias.

— Ah, qual é Zac? Mamãe é a chefona aqui. Não percebeu ainda? — Augusto brincou e se jogou num sofá branco no canto da sala.

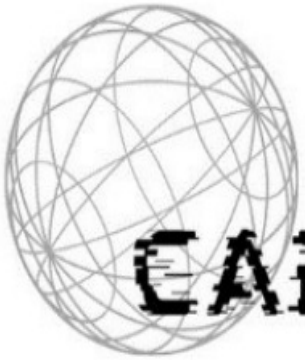
—Isso não está certo. —O mais velho cruzou os braços.

— Zacarias, meu filho. — Hadassa falou paciente, porém estava entediada — Pare de falar como se eu estivesse cometendo um crime! Seu avô confia em mim, gostaria que também confiasse.

— Não é isso, mamãe. É que... bom, eu me preocupo com o que o povo vai pensar de nós se você assumir o reino. A lei é a lei.

—Está falando como seu pai... —Hadassa sorriu e o abraçou. —Sinto falta dele.

—Calma filho, estou fazendo todo o possível para encontrá-lo. Hadassa abriu os braços na sua direção, mas ele se afastou surpreso com o que ouviu. Augusto que havia se deitado, sentou-se abruptamente no sofá e a encarou como se visse alguém de outra dimensão. Temiam que a mãe estivesse enlouquecendo, já que o príncipe se referia a Amis, seu verdadeiro pai. Apesar do choque, nenhum deles a repreendeu.



CAPÍTULO 9

ALGUM LUGAR NO OCEANO ENTRE A ILHA DO SIRI E A ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Jonas colocou o computador de mão que encontrou no sol durante algumas horas. Escondeu-o da vista dos outros, mas de nada adiantou. Ele não recarregou a bateria. Aquele era o tipo de objeto descartável que a garota comentou. Não restava outra alternativa a não ser pegar o Horloge de Abigail e ela estava dormindo com o irmão nos aposentos ao lado. Tinha arquitetado um plano. Seu tio tinha um bote de bom tamanho acoplado ao lado do Rosberta, pegaria o Horloge e zarparia em direção a mina de Caelum Arcus. Bastava perguntar a voz sabichona no disposto. O plano era simples e limpo. Deixou o pequeno flutuante em prontidão para o caso de mais alguém acordar no meio da noite e ele tivesse que desaparecer na penumbra.

Esperou que todas as luzes fossem apagadas. Seu tio Dídimo, com o navio ao lado, foi o último a desligar tudo. Ainda dava para ouvi-lo cantando desafinado. Jonas já sabia que ele não seria nenhum problema. Não houve uma noite desde o dia em que se conheceram que ele não bebesse até cair. Seu tio Tom por outro lado, poderia ser uma ameaça ao seu plano. Algumas vezes ele levantava à noite para ir ao banheiro. O garoto não sabia, mas o tio fazia aquilo para conferir se ele estava bem.

Já que todas as luzes se apagaram, não precisava esperar mais, entretanto aguardou mais um pouco até que o silêncio reinasse no navio. O som da água batendo no casco o deixou relaxado de tal modo que ele quase se perdeu nos pensamentos.

Abriu a porta do compartimento em que estava devagar. Ela não rangeu, portanto suspirou aliviado. Amarrou os cadarços do tênis e os pendurou no pescoço para que não fizesse barulho ao caminhar. Guardou as meias no bolso da bermuda, não queria deslizar no chão de madeira, depois, com cuidado abriu a porta do compartimento de Abigail e seu irmão Noah.

Os dois dormiam um sono pesado. Olhou para o garoto, esperando que fizesse algum movimento estranho, ele estava apagado, dormindo de boca aberta. Um som fraco saia de suas narinas, feito um apito. Se virou para Abigail e ela parecia feita de cera. Se lembrou das estátuas dos famosos no Museu de Cera, nunca visitou o lugar, mas viu algumas fotos na internet. Estava perfeita. Sentiu pena dela, não queria fazer nenhum mal àquele anjo. De estátua de cera a anjo. A mente de Jonas viajou na aparência da garota e depois, ficou pensando se aquele relógio era caro. Perdera muito tempo.

Se concentra, idiota. Não interessa se é caro, ou se a pele dela não tem espinhas... ela se vira depois!

Jonas segurou a mão da menina da forma mais gentil que conseguia. A levantou um pouco e com a outra mão começou a desfivelar o Horloge. Abigail nem se mexeu.

Será que está morta?

Colocou o indicador na altura das narinas da menina e conferiu. Estava respirando. Voltou ao trabalho. Teve dificuldades de tirar o relógio do pulso da menina, porque teve medo de acordá-la. Ajoelhou no chão para ficar mais próximo do corpo deitado na cama. Engoliu em seco, não deveria vê-la dormindo, era errado.

Só que ainda mais errado é roubar. Então se concentra. Seu pensamento era categórico.

Atrás dele, Noah acordou, o viu abaixado e se assustou. Não fez barulho afim de

entender o que estava acontecendo na penumbra. Enquanto seus olhos focalizavam a imagem de Jonas ajoelhado perto do corpo desacordado da irmã, ele passou a mão por debaixo

do travesseiro e pegou um punhal. Andava perturbado pela cena terrível que foi a morte de seus pais. Estava tendo pesadelos com isso, então para se sentir mais protegido, guardou um dos punhais que Tom escondia, em baixo de seu travesseiro. O roubou na saleta de armas, quando mais cedo, Jonas e Abigail assistiam-no mar.

Com os pés descalços, andou na direção de Jonas que tentava desafivelar o Horloge de Abigail. Com o punho fechado encostou a lâmina fria no pescoço do rapaz que em resposta levantou os braços, deixando a mão de Abigail cair em cima da cama. Ela acordou assustada.

—Fica quietinho, Jonas. —Noah disse ao seu ouvido.

—Não precisa disso... eu... eu só...

—O que estava fazendo com a minha irmã?

— Jonas? — Abigail se levantou e ligou as luzes. Se enrolou na manta em que estava dormindo e esperou respostas.

—Preciso do relógio dela.

— Por que precisa do relógio dela? — Noah indagou apertando ainda mais o punhal a pele do rapaz.

—Porque quero ir a um lugar... preciso dele.

—Por que não pediu a ela? —O menino perguntou nervoso.

— É, Jonas, por que não me pediu no lugar de aparecer no meu quarto no meio da noite? — Abigail perguntou se envolvendo na manta com mais força.

— Quer fazer o favor de tirar essa droga do meu pescoço? — Jonas bufou de raiva.

— Responde a minha pergunta. — Noah falou firme apertando-o mais. A pele de Jonas ardeu.

— Vocês iam querer vir atrás de mim e eu não quero ajuda. — Respondeu levemente chateado —É perigoso.

— Nós é que vamos decidir isso... para onde quer ir? — Abigail falou decidida.

—Mina Caelum Arcus.

Noah soltou o pescoço de Jonas e ele se levantou. Quase meio metro de diferença, fez com que o garotinho se sentisse forte e imparável. Se Jonas um homem, bem maior cedeu a sua investida, confiava que mais ninguém se oporia a ele.

— Você está louco! Tom jamais permitiria isso. — Abigail refreou- o nervosa.

— Não pensei em pedir permissão. — Jonas abaixou a mão de Noah que permanecia levantada em sua direção.

— Você não entende, Jonas, Tom jamais permitiria que outro Marcus fosse para as minas. —A garota foi ainda mais categórica. —O que quer dizer com isso?

— Pergunte você mesmo! — Respondeu mal-humorada — Se queria meu Horloge, bastava me pedir. Não deveria vir ao meu quarto tarde da noite a procura dele. Eu mesma teria lhe dado. Quer esta droga? Tome, — ela tirou o relógio e jogou na direção de Jonas —espero que estejamos quites agora.

— Sim, estamos. — Jonas falou tentando não parecer envergonhado.

— Onde pensa que vai na calada da noite? — Tom perguntou do batente da porta.

—Isso não é da sua conta.

— Daqui você só sai nadando. Não vai levar meu bote. — O tio falou como quem dissesse trivialidades.

—Como sabia que eu ia usar seu bote? —Perguntou surpreso. — Ficaria

surpreso com a quantidade de coisa que eu sei. — Falou a famosa frase dos Marcus. —Para onde quer ir?

—Pensei que soubesse de tudo. —O garoto debochou, detestou ouvi-lo dizer a frase que seu pai usava quando o pegava mentindo. — Eu sei para onde vai, só esperava que fosse macho o suficiente de dizer na minha cara. —Tom respondeu ríspido.

—Mina Caelum Arcus.

— Eu te deixo lá pela manhã. — Falou indiferente. Deu as costas e já no corredor para seu quarto, falou mais uma vez: — Da próxima vez que eu encontrar você no quarto de uma moça, acho bom ela ser sua esposa, senão te amarro pelos pés no casco do navio e carrego você de ilha em ilha. A viagem vai ser bem longa!

Eles ouviram o bater da porta de Tom. Jonas olhou para os irmãos Tales se perguntando se devia pedir desculpas, mas não conseguiu dizer nada. Foi para seu quarto em silêncio, muito envergonhado.

Tom acordou cedo na manhã seguinte. Abriu a janelinha do seu quarto e respirou fundo, deixou a maresia entrar em suas narinas. Amava o cheiro do mar. Pensou em Elai e no problemão que deixou para ele não contando tudo sobre o continente a Jonas. Não queria levar o garoto a Ilha Real, mas se era isso que ele queria, era o que ia fazer. Até que se importava com o sobrinho, mal o conhecia, portanto se quisesse ter problemas indo até o lugar que provavelmente descobriria seu sangue ruim, quem era ele para contestar? Talvez assim Elai, o herói da nação, aparecesse com a solução ou quem sabe assim, o problema sumiria de vez do seu navio.

Pena que ele não foi o herói de nossa mãe.

Tom vestiu sua roupa de mergulho e andou para o convés. Afivelou seu Horloge modificado.

— Iniciar.

Bom dia, Tom.

— Bom dia. Acionar arpão. — Ele levantou os dois dedos para o ar e os girou.

Havia revestido o arpão com componentes magnéticos que se ligavam ao Horloge. Um belo truque, truque de mestre. *Uma pena não ter podido esfregar isso na cara de Elai, ele sempre se gabou pela inteligência, ia ser bom fazê-lo engolir um pouco as palavras.* Sorriu imaginando a cara de surpresa do irmão mais velho quando visse todas as modificações tecnológicas que havia feito em seu navio e nos Horloges, sua invenção. Lembrou-se também, das armadilhas na Ilha do Siri. Elai cairia para trás.

Quando Jonas chegou ao continente pela ilha pensou que os tios tinham superpoderes, Tom notou isso em seus olhos e gostou da sensação. Teria explicado se ele não fosse um babaca como o pai. Além do que, o garoto estava muito silencioso. Para quem não conhecia Nova Terra, deveria ter muitas perguntas sobre tudo. Mas se não ia fazê-las, Tom é que não ia chegar com as respostas.

Com arpão na mão, se sentiu poderoso. *O rei do mar.* Flexionou os joelhos e saltou sem fazer barulho. Girou no ar e caiu de cabeça na água. Quando tocou líquido salgado, automaticamente, o traje de mergulho o equipou com máscara de oxigênio. Respirou fundo

conferindo se estava tudo certo e ao perceber que sim, nadou rápido para mais fundo.

Geralmente não usava o traje de mergulho, pois tinha uma resistência sobre-humana. Conhecia isso e a identificou em seus irmãos, só que não entendia o porquê. Todavia, naquela manhã, iria para mais fundo que poderia suportar e desejava passar o máximo de tempo que pudesse debaixo d’água.

Viu um cardume de peixes Gray brilhando ao norte de sua posição. Sem escamas, porte médio. Fazem sucesso na feira da Ilha Real. *Dois coelhos numa cajadada só.* Tom viu a oportunidade de lucrar enquanto seu sobrinho se aventurava pela ilha. Aqueles peixes de água salgada davam um ótimo cozido com as especiarias certas. Acionou um botão no arpão e ele soltou uma corrente transparente como água. Conectou a corrente ao seu Horloge. Nadou atrás dos peixes e se posicionou em um ângulo para que conseguisse acertar o máximo de peixes em uma tacada só. Eles passaram pelos corais e rochas e entraram numa bifurcação estreita. Aquele era o ponto perfeito, portanto, mirou e em segundos

jogou o arpão afiado na direção deles. Acertou cinco. Puxou seu instrumento de caça pela corrente. Os peixes pareciam estar em um espeto gigante.

Nunca pescara tão rápido, já estava pronto para voltar para o navio quando avistou a Cobra Marinha de Duas Cabeças. Negra como a noite. Entre duas rochas na penumbra do fundo do oceano. Ela se movimentava rente a areia, levantando finos grãos na água, alertando outros peixes a respeito de sua presença.

O que esse monstro faz aqui? Ele pensou. Seus olhos arderam, queria chorar. Se lembrou da esposa Joana e sua filinha Luara. A cobra dormia no fundo, tranquila. Movia-se como se estivesse tendo sonhos, mas não estava em seu habitat. Tom sabia disso. As lembranças começaram a bombardeá-lo sem compaixão:

— Não sei se é uma boa ideia querido. — Joana disse quando ele mudou o curso do navio para a Ilha dos Dragões anos antes.

Era mais bela de todo sétimo continente. Tom dizia isso para quem quisesse ouvir. Ela usava cabelos curtos na altura dos ombros e os olhos castanhos dela o faziam sorrir toda vez que os encontrava depois de um dia cansativo de pesca. Os traços finos enganavam

quem não a conhecia, pois era a mulher mais resistente que já viu. Nascera na Cidade Litoral como ele e aprendera a velejar quando criança também. Filha única de um marinheiro como o seu pai. Os dois combinavam de diversas formas, inclusive na teimosia.

— Quero estudar o máximo deles, quem sabe a gente consegue dominar a ilha de volta? —Tom disse sorrindo, queria convencê-la — Eles não podem simplesmente se apoderar de tudo.

— O Giatã os levou até lá. Tem seus motivos. — A mulher falou certa de que essa era a única verdade.

—Isso é conversa pra dormir, querida!

— Tom, sejamos razoáveis. As crianças estão lá em baixo! — Joana relutava.

— Eu só quero caçar uma Cobra Marinha de Duas Cabeças. Só isso. Vou atrás de uma delas... nem vou chegar tão perto da ilha assim. Prometo. — Falou e beijou o mindinho fazendo a esposa rir. Eles prometiam usando esse sinal quando crianças.

— Papai, onde estamos indo? — Benjamim, seu filho mais velho perguntou. Ele tinha 10 e quase alcançava o tamanho do pai.

—Ilha dos Dragões.

—Uhu! —Ele gritou animado e deu um pulo no ar.

— Não se empolga não, Ben. — A mulher o repreendeu. Não queria outro animado com a ideia idiota do marido — Seu pai me disse que não vai chegar tão perto assim.

—Ah, pai! Qual é!

— Ilha dos Dragões? — Luara sua filhinha de 8 anos subiu ao convés, outra Marcus, mas com traços gentis como os da mãe. Os olhos verdes cintilavam na direção do pai. — Não é perigoso? Li nos jornais que a ilha é proibida.

— Muito boa leitura, para uma garotinha... — brincou — mas preferia que você lesse os contos para dormir. As Irmãs Lim fizeram um bom trabalho com aquele em que a garotinha era curiosa... como é mesmo o nome? —Tom perguntou a filha.

— A Garotinha de Capuz... — respondeu entediada — papai eu não gosto disso mais, prefiro ler a verdade.

— Você é muito nova para essas coisas! — Falou, porém estava orgulhoso da inteligência da filha.

— Veja, estamos chegando. — Benjamim constatou e todos silenciaram para ver a imagem da tenebrosa Ilha dos Dragões alguns quilômetros a frente.

Tom ancorou o Rosberta. Só era possível ver a vegetação esverdeada por toda a extensão da costa. Árvores costeiras invadiam o espaço, imóveis. Quilômetros e quilômetros de vegetação.

— É, chegamos. — O homem disse sorrindo animado. O estômago gelou, porque se preocupava com o que fosse encontrar no fundo do mar. — Filho, vá a dispensa e pegue o máximo de algas Mus que encontrar...

Benjamim desceu as escadas depressa.

—Amor, tem certeza disso?

— Absoluta. — Respondeu ríspido dessa vez, esperava que a esposa o entendesse.

Um rugido alto saiu da Floresta Amaldiçoada da ilha. Algumas aves levantaram voo e fugiram. Joana olhou para o marido esperando que ele decidisse recuar e quando não o viu fazendo isso, se aborreceu.

—Vem, querida, vamos lá para baixo. —Chamou a filha.

—Poxa, mamãe, eu gostaria de ver... —A garotinha relutou. —Venha comigo, agora.

As duas desceram as escadas. Luara olhou para o pai de soslaio esperando que ele a livrasse do castigo de não ver a ação. Ele, porém, não contrariou a esposa, ela já estava magoada o suficiente para fazê-lo lembrar disso por meses caso algo desse errado. Benjamim voltou para o convés com uma caixa de madeira cheia

de alga Mus.

—O que faremos agora? —Ele perguntou ao pai.

— ... rasgar algumas e jogar no mar. Vamos deixar a cobra vir na nossa direção.

—E se ela nos atacar?

— Ela é cega, filho. Mas sente os cheiros muito bem, então cuidado. Não sue demais ou se machuque. Ela sente cheiro de sangue e suor a quilômetros de distância.

— Espero que seja mesmo uma boa... estudar esse bicho... — O menino pareceu preocupado.

— Se estiver com medo, pode se juntar a sua mãe lá me baixo. Não precisa me provar nada, filho. Sei que é corajoso.

—Não, pai. Eu quero.

—Está certo então. Vamos começar.

Os dois rasgaram várias folhas de algas Mus, que pareciam vegetação morta, pela coloração cinza. Algumas se desfizeram nas palmas de suas mãos.

— Vamos ter que lavar bem as mãos... a cobra pode querer nos morder por causa do cheiro. — Benjamim cheirou a mão e disse confuso:

—Ué, não estou sentindo nada!

—É imperceptível aos humanos.

— Nossa, então elas farejam muito bem, não é? — Estava tão surpreso quanto assustado.

— Sim, elas têm um faro quase impecável. Compensa a cegueira. Geralmente os bichos são assim, quando um sentido está prejudicado...

—Outro tenta compensar... —Benjamim completou a fala do pai. —Isso aí! — Cumprimentou o filho.

Eles terminaram o trabalho e lavaram as mãos com sabão. Agora restava esperar. Benjamim ficou um pouco apreensivo porque a cobra demorou muito a aparecer.

—Ela está chegando. —Tom falou ao filho. —Eu posso sentir. —Como assim?

— A água. Não está mais quieta. Vai, filho, coloque a mão no chão e se concentre.

Benjamim obedeceu e sentiu uma pequena vibração na madeira do navio. Ele sorriu para o pai e Tom ficou maravilhado com a percepção do filho. Um

Marcus! Todos eles tinham uma conexão inexplicável com a natureza.

Enquanto o garoto olhava animado para o pai, a vibração do navio aumentou. Ele se levantou assustado e então a Cobra Marinha de Duas Cabeças emergiu em um pulo. Em contato com a luz do sol, sua pele negra adquiriu um brilho esverdeado. A cabeça principal estava escancarada com todos os dentes afiados. Saiu um sibilar crepitante do fundo de sua garganta. Os olhos esbranquiçados, cegos. Suas brânquias abriam e fechavam veementes. Ela fez um

arco acima das cabeças dos dois atravessando o navio no ar. Viram a segunda cabeça na ponta do rabo do animal, sibilando sem dentes. Tom correu na outra direção do navio e se jogou no chão do convés, deslizou de joelhos, pegou seu arpão que se encontrava a estibordo e se jogou no mar.

—Pai! —Benjamim gritou atrás dele.

Com os olhos bem abertos viu a cobra se distanciando para o fundo do mar. Antes que encontrasse outros monstros, mirou o arpão e o disparou com toda sua força. Seu corpo foi jogado para trás e por pouco ele não conseguiu ver o resultado da caçada. O arpão atravessou a garganta da cabeça sem dentes ferindo o animal por dentro. Ela se mexeu mais rápido tentando fugir, mas aos poucos, seu corpo foi cedendo.

Tom nadou ainda mais rápido e a puxou pela cauda. Com o peso do animal teve muita dificuldade para subir a bordo do Rosberta. Quando o fez, ofegou por minutos interruptos. Não conseguiu colocar todo o corpo do bicho no navio.

—Você conseguiu! —Benjamim gritou animado.

Joana e Luara apareceram para conferir. Tom estufou o peito orgulhoso do que havia feito e sorriu para a esposa que estava de braços cruzados e cenho franzido. Se aproximou sorrindo galanteador, e a esposa aos poucos foi cedendo também, só que ainda posava brava.

—Você fica linda quando está nervosa. —Jogou os cabelos para o lado com um movimento da cabeça. Estava encharcado.

—É por isso que gosta tanto de me irritar?

—Sim. —Ele respondeu e a beijou.

—Eca! —Benjamim e Luara disseram em uníssono.

O casal começou a rir no meio do beijo. Tom girou o corpo da mulher para baixo e a segurou ainda beijando. Ele sempre fazia isso quando os filhos reclamavam dos dois em demonstrações de carinho. A mulher deu gritinhos como uma adolescente reclamando da roupa encharcada do marido e ele se divertia ainda mais.

Depois, Tom e Benjamim amarraram a cauda do monstro marinho ao navio e zarparam em direção a Cidade Litoral.

— Querido, alguma coisa está errada... tem um gotejamento insistente no teto da cozinha. Você pode conferir para mim? — Joana

perguntou ao marido que ensinava o filho a usar o leme.

—Claro. —O homem assentiu —Você assume agora, filho. —Sério? — Benjamim perguntou.

—Acha que não consegue?

— Consigo sim, claro! — Falou segurando o leme bem firme, preocupado de o pai voltar para tirá-lo do posto.

— Se acha que não, tudo bem, eu posso conferir a cozinha depois.

— Pode ir, pai! — Benjamin disse e deu um empurrãozinho de leve nele.

— Tá bem, tá bem... você já é um homem. Além do mais, é um Marcus! Velejar está no sangue. — Brincou — Vem, querida, me mostre, por favor.

Chegando à cozinha Tom notou que o gotejamento tinha um certo brilho acinzentado. Ele calçou as luvas culinárias e tocou no líquido. — Nós estávamos cozinhando aqui esse tempo todo... tocamos nisso aí. Deveríamos estar usando luvas? — Joana se referia a filha e a ela.

— Tudo bem, querida, ainda não sabemos. Por hora, vamos nos afastar da

cozinha, está bem? Que tal acendermos nosso forno no convés? Podemos assar uns peixes Gray...

— Mas você estava guardando para vender na Ilha Real... — Falou a garotinha.

—Mudei de ideia. —Ele respondeu e sorriu.

Tom colocou um balde abaixo da goteira e subiu para o convés. Ia conferir o que era aquilo mais tarde. Joana e Luara decidiram tomar banho antes de começar a assar os peixes no convés. A noite estava chegando e as estrelas começaram a apontar no céu. Tom respirava o ar noturno feliz enquanto colocava carvão dentro do forno a céu aberto. Ateou fogo e o viu ganhar forma.

— Olha pai, que legal! — Benjamim o chamou — O Rosberta está deixando uma marca cinza brilhosa por onde passa!

Ao ouvi-lo entendeu que não podia ser normal, correu para os fundos do navio e viu do que o filho estava falando. Alguns peixes começaram a pular na superfície em agonia, como se não conseguissem respirar no meio daquele rastro cinza brilhante.

—A cobra... droga! A cobra! —Tom gritou.

Ele tirou uma faca do cinto e começou a cortar as cordas que prendiam a Cobra Marinha de Duas cabeças ao navio.

—O que está fazendo pai? Tivemos um trabalhão!

— Vamos, Ben, me ajude! Depois de morta ela libera alguma toxina! Está matando os peixes, vamos!

Benjamim ajudou o pai sem questionar mais. O corpo se soltou deixando um rastro daquele líquido no chão do convés. Tom jogou água em cima dele para limpá-lo. Benjamim tentou ajudar, porém ele não permitiu.

—Não, filho. A gente não sabe direito o que é isso...

E então ele se deu conta. Aquele líquido havia gotejado na cozinha logo abaixo deles. Correu para os compartimentos do navio atrás da esposa e da filha.

—Querida? Lulu? Onde vocês estão?

— Pai, o que está acontecendo? — Benjamim perguntou logo atrás.

—Querida? —Tom insistiu nervoso.

— Aqui! Rápido, Luara não está respirando! — Joana chamou aos prantos.

Tom correu para o quarto da filha e lá estava ela segurando a garganta, puxando o ar com força.

— Filha! — Tom pegou a menina no colo. — Benjamim, mude o curso, precisamos chegar ao hospital! Vamos para a Ilha Real! Vamos, filho! Agora.

Benjamim correu para o leme e poucos segundos depois o navio mudou de curso.

Luara ficou com o rosto arroxeado, Tom não sabia o que fazer. A mulher andava de um lado ao outro no compartimento e ele decidiu deitá-la na cama para começar a fazer respiração boca a boca. Ela respondeu bem, mas dependia inteiramente do pai no processo da respiração. A garotinha se agarrou ao seu braço com força, seus os olhos imploravam por ajuda.

A esposa, que caminhava de um lado a outro preocupada, também estava enfrentando problemas para respirar. Achou que fosse ansiedade pelas condições da filha, porém, a respiração ofegante, ficou ainda mais complicada. Não encontrava oxigênio, como se ele tivesse se extinguido. Tom a ouviu fazendo muito

barulho para puxar ar e se desesperou enquanto soprava na boca da filha.

— Não, continue! Não se preocupe comigo... só estou muito nervosa. —Ela disse respirando com dificuldade.

Tom continuou respirando pela filha, todavia não foi suficiente. Aos poucos, perdeu as forças e dedinho por dedinho, ela soltou o braço do pai, havia morrido. Mesmo assim ele continuou, porque parte dele não acreditava na morte da filha. Joana desabotoou as costas do vestido que usava na tentativa de respirar melhor.

Se aproximou do marido e segurou seu braço com força.

—Não... pare...

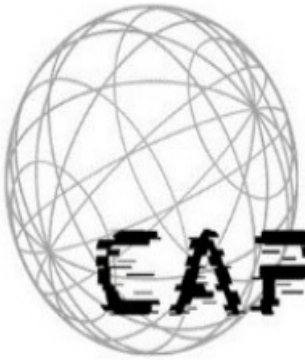
Ele assentiu sem olhá-la.

Depois de alguns minutos, médicos adentraram o compartimento. Benjamim fora rápido, porém não o bastante. Estavam mortas.

O oxigênio do seu traje está em 20%. O Horloge informou Tom que encarava uma Cobra Marinha de Duas Cabeças cinco anos depois do acidente.

Talvez eu devesse ficar aqui e morrer sem ar como elas morreram. Ele pensou, e logo se corrigiu: *Então o estúpido do Jonas vai acabar morrendo também... não conhece a Ilha Real...*

Nadou até a superfície com seu arpão cheio de peixes Gray. Subiu à bordo e encontrou o sobrinho fazendo flexões no convés. *Esse garoto é mesmo filho de Elai.* Pensou e revirou os olhos. *A droga de um Marcus.* Seus olhos lacrimejaram, mas não era por causa do sol que o afligia, era por causa da impiedosa saudade e ainda mais, por causa do cruel sentimento de culpa.



CAPÍTULO 10

MINA CAELUM ARCUS, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Com o vento no rosto e o cheiro de maresia impregnando o ar, Jonas se sentiu fortalecido. Às vezes conferia se o tio ainda estava com a cara nada amigável que encontrou quando o viu saindo do mar mais cedo. De vez em quando dizia algo como: “para um Marcus, você é bem burrinho” se referindo a missão de encontrar respostas na mina de Caelum Arcus, mas no mais, estava se “desarmando”. A ideia de arquitetar o plano sozinho era para não ter que envolver o tio mais do que já estava envolvido. Desse jeito não ficaria devendo nada, porém lá estavam os dois no meio do oceano, em direção à Ilha Real.

Dídimo zarpou em direção à Ilha do Siri para conferir se já estava segura e enviaria resposta assim que a obtivesse.

— Te dou até às 16h para voltar para o navio. Se não voltar eu zarpo e te deixo sozinho. — Disse Tom entediado, só que não falava sério. Jonas assentiu.

—Estaremos de volta antes disso. —Abigail respondeu entrando na conversa. Eles ainda não haviam notado a presença dela.

—Você não vai comigo, esquece. —Jonas falou aborrecido.

— Seu tio me falou que você não conhece a ilha, já que só fica em Friaze... só quero ajudar. —Ela insistiu.

— Ele tem razão Abi, você não vai. — Falou Noah tomando a frente da situação.

—Obrigado! —Jonas debochou.

—... eu é que vou com ele. Isso é coisa de homem.

— Há! Homem? Não se enxerga não, garotinho? — O rapaz ironizou.

—Quer que eu pegue meu punhal?

— Seu punhal? Aquele que você pegou da minha sala de armas e que eu já o devolvi para o lugar? —Tom perguntou do leme.

—Quando você pegou de volta? —O menino perguntou batendo as mãos nos bolsos.

— Isso é o que menos importa agora. E você está proibido de pegar minhas coisas. — Noah revirou os olhos e assentiu com a cabeça. Se virou para o horizonte e disse baixinho para que só Jonas pudesse ouvir:

— Eu vou com você, te levo até a mina e volto para o navio. Não vou estragar sua missão e a chance de se gabar por ter conseguido. Prometo. — Falou e beijou o dedo mindinho direito. — Sei como é importante ganhar suas próprias batalhas... quando eu matar o Giatã, te deixo assistir, mas ele é meu. Entendeu?

—Perfeitamente, assassino. —Jonas respondeu e sorriu. — Vou aceitar sua ajuda.

Noah abriu um sorriso largo.

— Chegamos. Passe a tinta. —Tom falou e jogou um pote de tinta preta para o sobrinho.

—O que é isso?

—Você precisa marcar o rosto na altura dos olhos com essa tinta para se misturar entre os escravos da mina. — Falou olhando para frente — Coloque o capuz e esconda as orelhas. Escravos tem as orelhas furadas.

—Meu pai é um escravo das minas? —Indagou surpreso. —Claro que não, que pergunta estúpida!

—Ele tem dois furos na orelha.

— O primeiro por causa das Forças Militares e outro pela Guarda Real. Ele não é um escravo das minas! Não seja idiota.

—Desculpa aí, titio. — Debochou.

— Para de falar assim, titio, é ridículo. Pode falar tio, — deixou a voz mais grave —feito um homem!

—Tá, tio.

—Anda logo, garoto, pare de palhaçada!

Jonas se arrumou para parecer um escravo da mina e quando se olhou no espelho, os olhos cintilaram forte. *Acho que serei identificado por eles.* Pensou a respeito. Colocou o capuz e subiu ao convés.

—Meus... dá pra ver que sou um Marcus, vão me identificar.

— Você não é o único Marcus naquele lugar, vai dar tudo certo. — Tom respondeu e colocou o bote no mar. — Vem, vou te levar à praia.

Jonas subiu no bote sem perguntar pelo outro Marcus na mina, queria o mínimo de contato. Noah se sentou a seu lado.

— Garoto, volta pra perto da sua irmã! — Tom chamou sua atenção —Tá maluco?

— Vou levar Jonas até a mina e vou voltar para o bote. Me dê 30min... melhor, me dê 10min. Se eu não voltar a tempo, terei que subir a bordo do navio a nado. —Falou solene.

— Garoto, você é muito doido mesmo. — O mais velho disse balançando a cabeça em negativa. Ligou o bote motorizado e em 1 minuto, por causa do potente motor, eles chegaram à praia. — Quer se matar mesmo? Ainda dá tempo de voltar a trás.

— Vai dar tudo certo, eu consigo. — Noah respondeu no lugar de Jonas e Tom revirou os olhos.

— Relaxa, preocupação dá rugas! — Jonas respondeu com um sorrisinho e desceu do bote em cima do píer.

—Então tá, espertinho... se o Soberano for por você, vai voltar. Jonas o encarou surpreso. Ouvir o tio dizer aquilo o fez pensar na mãe em casa, que devia estar muito preocupada com seu paradeiro. Respirou fundo e começou a andar atrás de Noah que já estava atravessando a trilha, se desafiando a chegar o mais rápido que conseguisse de volta ao bote.

Havia um corredor feito de vidro que separava a trilha da floresta ao redor da ilha. Era possível ver animais do outro lado do vidro. Jonas colocou o indicador na parede translucida e bateu de leve.

—Deve ser temperado...

Alguns macacos subiram depressa em uma árvore na costa e o rapaz riu, achou aquilo incrível.

—Você vem? —Noah o interrompeu e ele voltou ao caminho. Quando acabou a trilha, deram de cara com uma cidade construída sobre pedras. Construções largas e altas adornadas com ouro. Linhas verticais e horizontais pintadas em casas ou estabelecimentos. Carros de luxo passavam entre as ruas e mal dava para ver as pessoas dentro delas. Não era muito diferente do que estava acostumado no segundo continente, mas ainda sim havia algo distinto naqueles automóveis. Pareciam... melhores. O sistema de sinalização era tão luminoso que fadigou a visão do rapaz e seu guia acostumado com a vida flutuante na Ilha do Siri.

No alto de um monte havia um enorme outdoor piscando informações: *Trajes Tec: transformam sua diversão em realidade.* Piscou uma vez e apareceu um

garoto vestindo trajes similares a uma armadura. Ele clicou no centro do peito e então entrou em um vídeo game, usava uma besta para atirar em dragões. Em seguida: *Loção Capilar Acqua: deixe seus fios como as ondas do mar.* Longos cabelos loiros se transformaram no mar, imitando ondas. Um barco velejava em cima dele.

— Você vem ou não? Já perdi 5min com você aqui na praça olhando para a Alta-Tela. Quer deixar seus cabelos como as ondas do mar é? —Debochou da masculinidade de Jonas. Em resposta ele fechou a cara, só estava curtindo com a cara do garotinho.

— Quer morrer? — Perguntou. Assustado, Noah recomeçou o caminho, Jonas ria baixinho atrás dele.

Os dois atravessaram a feira e várias bugigangas saltaram os olhos do forasteiro, mas ele não tinha tempo para conferi-las, ainda que quisesse, tinha que continuar a missão. A tecnologia avançada de Nova Terra brilhava e pulava no seu rosto a cada passada, era difícil não parar para admirar tudo.

Alguns soldados da Guarda Real apareceram em fila na feira. Jonas abaixou a cabeça para que eles não o vissem. Não era difícil reconhecê-los. Usavam armaduras com espadas presas as alforjes e bestas penduradas nas costas. Uma faixa preta feita de tinta nos olhos como a que o garoto usava, entretanto, dois raios vermelhos

pintados na vertical nos olhos direitos os diferenciavam dos outros. As argolinhas douradas brilhavam também.

Um dos soldados se serviu em uma banca de frutas, o que Jonas, à primeira vista julgou ser maçãs. Todavia, ao observar o homem mordê-la, notou que o interior era azul. O líquido azulado sujou seu queixo. A curiosidade quase o fez tropeçar no caminho.

— Olhe para onde anda, garoto! — O homem era muito alto e forte. Sua voz pareceu um rugido.

—Sinto muito. —Jonas disse e abaixou os olhos.

—Está tentando fugir do trabalho?

—Nã-não, senhor.

Ele procurou por Noah e o encontrou correndo na direção contrária. Ia voltar para o navio afinal.

— A mina fica por aqui! — O soldado segurou Jonas pelo pescoço, no tecido da camisa. Fazendo-o compreender como os escravos são tratados no sétimo continente.

Seus pés cambaleavam no chão enquanto o soldado o levava na direção da mina. Os outros riam e faziam comentários maldosos. *A situação só melhora,* pensou. Até que o som foi diminuindo e diminuindo. Quando mais distantes das risadas, mais perto da mina. Agora além de humilhação, sentia um frio insistente na barriga fazendo-o desejar ir embora.

A entrada para a mina era em uma caverna feita de forma disforme. As paredes do lugar pareciam ter sido feitas com as unhas e não com instrumentos de escavação. Se existia alguém que fosse capaz de fazer uma caverna com a força dos dedos, Jonas não estava a favor de conhecê-lo. E ao passo que pensava nisso, a ideia de que talvez existisse um líder covarde ao ponto de ordenar algo dessa magnitude fazia-o querer vomitar. A sensação estranha só crescia em sua barriga conforme iam se aproximando de um filete de luz que aumentava de tamanho, indicando o fim da caverna. Ao fim do passeio desagradável, o soldado o jogou no chão o deixando cair para frente de cara com um desfiladeiro enorme, quase tão grande quanto o *Grand Canyon* no segundo continente, mais especificamente América do Norte. Um centímetro a mais e ele morreria na queda.

Várias vozes masculinas encheram o lugar. Eles cantavam, uma melodia diferente de tudo que já conhecera. Cantavam grave como se suas vozes viessem do mais profundo. Surgia logo abaixo deles. —Nem pense em fugir. Vai descendo, garoto. —O soldado disse

e Jonas olhou para baixo, encontrou uma escada e começou a descer de pernas bambas. Ajeitou o capuz para esconder as orelhas diversas vezes, tantas que poderiam chamar atenção.

Mesmo que a vista fosse impressionante, o que mais saltava aos olhos eram as

pedrinhas na parede do desfiladeiro. Sob seus pés várias partículas de Caelum Arcus começaram a subir à medida que ele andava, como se fosse poeira de diamante misturada a rocha alaranjada. As cores do arco-da-aliança: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil, violeta e lilás estavam presentes fazendo-o lembrar que estava muito longe de casa.

Enquanto descia, as vozes ficavam cada vez mais altas. Agora mais próximo, Jonas entendeu o que os homens cantavam:

Oh, não, Oh, não.

Oh, não, Oh não,

Não posso negar o meu destino,

Eu fui tolo ao pensar que Ainda era um garotinho, E agora, tenho que pagar.

Oh, não, Oh, não. Oh, não, Oh não, Fui estúpido, Roubei do reino

Minha mãe não vai me ajudar.

Quando eu canto alto,

Meus problemas não aumentam.

Quando eu lembro,

Me envergonho.

Oh, não. Oh, não.

Sou um ladrão,

Oh, não. Oh, não.

Ninguém vai me ajudar.

— Vamos, garoto! Primeiro dia aqui? — Perguntou um idoso ao pé da mina. — Se você fizer seu trabalho direito consegue viver tanto quanto eu! Tome, vai

precisar disso.

Ele entregou um instrumento para Jonas que parecia uma enxada com a ponta fina.

— Cuidado para não bater forte demais, o chefe minerador te mata... é sério, ele matou um garoto da sua idade uma vez porque ele partiu uma pedra de Caelum Arcus perfeita. — Gargalhou amargamente — ... nem precisa da pedra inteira, eles geralmente trituram a *brilhosa*. É assim que a gente chama esse pequeno pedaço de problema.

— Entendi. Obrigado! — Falou desconfiado — Para que lado eu devo ir?

—Pode ficar aqui comigo.

Jonas assentiu e a canção só aumentava de volume a cada minuto. Mais e mais homens se juntavam ao trabalho. O senhor começou a cantar ao lado de Jonas e algum tempo depois, ele acabou se unindo as outras vozes. A música ritmava o trabalho pesado e os impulsionavam a continuar mesmo que as mãos já estivessem dormentes. O som das vozes era um lembrete constante de que eram escravos e deviam seus segundos ao reino.

Na parada para o almoço, já exausto, se deu conta de que não havia levado comida. O idoso notou e quis ajudar. Dividiu seu sanduíche. Se sentaram no mesmo lugar por onde começaram o dia. A poeira alaranjada estava sujando as mãos dos dois, então o homem entregou um cantil com água para Jonas se lavar um pouco. Depois de limpos o velho disse:

— Pode comer, é de fígado de peixe. Uma delícia! — Falou com a boca salivando.

— Fígado de peixe? — Jonas perguntou perplexo com a sua metade parada no ar, quase chegando à boca.

—É eu sei... mas é que hoje é meu aniversário, —o senhor falou empolgado — então resolvi fazer essa graça a mim mesmo!

Jonas pigarreou e então encarou o sanduíche incomum. Ele não era tão ruim quanto imaginava que fosse, ou era só a fome.

—Você não me disse seu nome... —Jonas falou de boca cheia. — Jonas.

— Sério? O meu também é Jonas! — O velho sorriu com a boca suja de fígado de peixe.

— Roubou o quê para estar aqui, Jonas? — O rapaz quase engasgou. Não havia pensado no que dizer.

— Não precisa contar se não quiser... — Deu de ombros. — Eu roubei pão para dar aos meus filhos. Já fazem 40 anos... não me arrependo... às vezes os encontro na feira... são homens bons.

Já que estava atolado na mentira, resolveu mergulhar mais fundo. Pensou em algo que o levasse ao ponto principal de sua breve visita. Acreditou que não podia contar ao homem o que fazia ali exatamente, entretanto poderia induzi-lo a falar alguma coisa que o ajudasse na missão.

—Tentei roubar o punhal do guerreiro Elai. Conhece ele?

— Há! — O velho riu e tossiu um pouco. — Se eu sei quem é Elai? Todos sabemos quem ele é... Mas está desaparecido há muito tempo. Como você fez isso?

— Demoraram a me pegar. — A mentira poderia deixá-lo mais importante no meio dos ladrões. O velho Jonas riu bem alto.

— Temos um corredor entre nós, pessoal! — Ele disse e os outros escravos sorriram e levantaram seus cantis. Jonas assentiu agradecendo e continuou sua conversa:

—Soube o que houve com ele? Os jornais disseram que ele veio aqui antes de desaparecer.

O velho Jonas olhou para todos os lados e depois de se certificar de que ninguém os ouvia ou observava, sussurrou:

—Ele não é tão diferente de nós, se quer saber...

—É mesmo?

— Entrou naquela caverna... — O velho Jonas apontou para uma caverna a alguns metros dos dois. — Meu amigo viu, estava anoitecendo, havia deixado o cantil para trás e veio buscar. Elai entrou na caverna e desapareceu.

—Você contou à Guarda Real?

O velho sorriu triste.

— Eles não acreditariam em mim. Olham para meus olhos marcados de preto e duvidam de tudo que sai da minha boca. Meu

passado me condena, garoto. E por causa disso — ele apontou para a marca nos olhos de Jonas e depois para sua orelha escondida atrás do capuz —você está condenado também.

Talvez fosse a culpa por estar de barriga cheia por causa do sacrifício do velho, ou a voz de Mara insistente em sua cabeça dizendo que mentir é errado. Não importa, o que importa mesmo é que Jonas não conseguiu sustentar a mentira por mais tempo:

—Se eu te contar uma coisa, promete manter segredo?

O velho Jonas sorriu triste mais uma vez e disse:

—Você vai me contar, porque sabe que ninguém vai acreditar em mim. Pelo menos não ninguém que realmente importe aqui na ilha. Desembucha.

— Eu sou filho dele. Não roubei ninguém, só quero encontrá-lo. — Falou e tirou o capuz mostrando a orelha sem argola. O velho, ao vê-lo contando a verdade, sorriu mostrando todos os dentes escurecidos. Jonas colocou o capuz de novo.

—Seu segredo está guardado comigo. O que quer fazer?

— Entrar na caverna. Pode me ajudar a chegar até ela sem ser notado? —Pediu esperançoso.

—Posso. Mas você precisa saber que aquela caverna... bom, vai te mostrar umas

coisas que não existem. — Ele sussurrou apavorado.

— Entendi. — Assentiu sem querer se demorar mais. — O que vai fazer pra me ajudar?

— Vou despistar da melhor forma que um velho pode fazer. — O velho Jonas começou a tossir com a mão na garganta. Jonas se levantou para ajudá-lo.

—Garoto, não seja burro, essa é a distração!

—Ah, sim... claro. —Respondeu sem graça, e ele voltou a tossir. — Alguém pode ajudar? — Jonas gritou e as tosses do velho começaram a ficar cada vez mais altas.

Os homens se amontoaram em volta do senhor, queriam ajudar, mas não sabiam o que fazer. A movimentação estranha naquela parte da mina fez o minerador chefe se aborrecer e descer para conferir o que estava acontecendo.

—O que está acontecendo aí?

Jonas aproveitou a oportunidade e correu sem olhar para trás na direção da caverna. Não demorou muito a chegar na entrada. Olhou em volta para ver se alguém o havia notado e quando não viu os olhos de ninguém em cima de si, entrou. Ela o deixou um pouco claustrofóbico, as paredes eram muito próximas. Foi se enfiando cada vez mais, com dificuldade e encontrou a iluminação cada vez mais escassa. A sensação de que estava se colocando em perigo o fez respirar fundo várias vezes, assim manteria o ritmo e ficaria mais calmo com um bom fluxo de oxigenação no cérebro. Apoiou as mãos entre as paredes fazendo força para que elas não o empresassem, mesmo que o esforço fosse inútil, sentia que estava recuperando o controle da situação. Encontrou uma bifurcação no fim da caverna e se espremeu ainda mais para entrar nela.

Espero que aquele velho não esteja curtindo com a minha cara. Se espremeu mais um pouco até que encontrou um lugar completamente diferente. Havia encontrado um lago com luzes brilhantes e translucidas. A luz da água refletia no alto da caverna e acima de sua cabeça revelando vários pontinhos de luz. Caelum Arcus por todo lado, brilhando como estrelas no céu da caverna. À medida que Jonas se movia, conseguia notar as cores diferentes nas pedras.

Isso é arco-da-aliança, ele pensou e tinha mesmo razão. Aquelas pedrinhas mineiradas pelo reino de Nova Terra eram o próprio arco que depois de sua aparição, desce à terra e se solidifica. Aquele ponto na Ilha Real era o único lugar no sétimo continente que tinha acesso a elas. Ninguém sabia dizer o porquê, só que serviu de matéria prima para a Redoma que os guarda há anos. Aliança de proteção.

Jonas estava olhando para o teto e não notou uma movimentação no lago. Só se virou quando ouviu um barulho de mergulho. Uma cauda enorme bateu na água e submergiu. Ele se sobressaltou com a aparição. Seu estado de alerta se intensificou enquanto procurava por algo que o fizesse descobrir o paradeiro de seu pai.

Caminhou pé ante pé entre o chão liso da caverna. Esquadrinhou o lugar e então olhou no Horloge de Abigail, que escondera no bolso da roupa: 13h. Precisava se apressar. Ouviu o barulho de novo e se

virou para checar o que havia nas águas cristalinas do lago. Encontrou uma moça muito bonita sentada na pedra. Sua era pele bronzeada como a de Jonas. Não vestia nada. Os cabelos avermelhados tampavam a nudez, sua cauda estava dentro da água. *Isso é uma sereia?* Jonas se aproximou com cuidado e ela sorriu.
— Oi. — Levantou a mão e acenou mostrando peles entre os dedos, para ajudá-la a nadar melhor.

—Você é uma sereia? —Perguntou atônito.

— Você é uma sereia? — Imitou a voz dele. Jonas se assustou e deu um passo para trás. Ela riu fininho tapando a boca.

— O que faz aqui, garoto? — Ela perguntou. Ele, ao ouvir uma voz doce, deu vários passos em sua direção, encantado.

—E-eu, procuro meu pa-pai.

— Aqui não tem nenhum, pa-pai... talvez ele esteja lá em baixo. — Ela disse e apontou para o fundo do lago. — Posso te levar lá, se quiser.

Ele assentiu abobado, como se estivesse diante da coisa mais linda que já viu. Tirou a camisa e os tênis. A sereia encarando seu corpo estalou a língua. Quando

o fez, seu rosto mudou em fração de segundos, os dentes pareceram afiados e a pele ficou cinza. Como se fosse um sonho. Jonas engoliu em seco e vestiu sua camisa de novo.

— Você é uma sereia e vai me matar, não é? — Falou, ela riu debochada e assentiu. — Mas e se eu não quiser morrer hoje? — Perguntou levantando a guarda de punhos fechados a encarando.

— Já recebi um homem feito você. — Ela falou com a voz doce de novo, ele quase andou em sua direção mais uma vez. — Ele entrou na água comigo... você tem medo?

— Por que você não me encara aqui? — Jonas indagou dando pulinhos para frente e para trás como se estivesse prestes a lutar. — Não consegue ficar longe da água?

Ao ouvir isso, seu semblante se transformou, ficou mais sério. Aos poucos a pele do rosto da sereia mudou. Já não parecia mais uma moça. Escamas projetaram-se em sua face, como se virassem a pele para dentro e exibissem um homem com cara de peixe, todo cinza, de dentes muito afiados e olhos completamente negros. Jonas sentiu ânsia de vômito. Calçou seus tênis de novo.

— Não posso ficar longe da água. Muito bem observado. — Respondeu com sua voz grave, masculina. Era enojador encarar aquele ser à sua frente. —O que foi, prefere a moça bonita?

Jonas não respondeu.

— Posso fazer o lago chegar até a entrada da caverna e aí eu pego você quando tentar sair. Não tem problema, leve o tempo que precisar. —Ele estalou a língua de novo e sorriu debochado.

A passagem estreita da caverna parecia arquitetada pelo monstro à sua frente, afinal ele poderia fazer o que quisesse com quem adentrasse seus domínios.

— Entendi. — Jonas disse tentando parecer confiante, mas estremeceu. — Só queria encontrar alguém aqui... engraçado como sempre que procuro essa pessoa acabo me colocando em enrascadas!

—Procura por quem? —Perguntou fingindo interesse.

— Elai, Elai Marcus. — Ao ouvi-lo o monstro semicerrou os olhos e o encarou de cima abaixo.

—Jonas? —Indagou com nojo.

—Como sabe meu nome?

O monstro bufou.

— Fiz um acordo com seu pai. Espere aí. — Ele pulou na água e submergiu.

Não queria esperar nada, portanto, assim que não o viu mais, correu para bifurcação que o levou para aquele lugar terrível e começou a se apertar entre o buraco para sair. Achava que aquilo era o mais sensato a se fazer. As pessoas sempre morriam nos filmes quando não aproveitavam os momentos de sorte.

Enquanto ele se espremia para sair da caverna, a água do lago começou a encher o lugar. Olhou para trás e viu um peixe grande sem escamas passar pelo buraco em que ele havia acabado de passar. Jonas ficou submerso. Nadou até a entrada da caverna e a água fez uma parede impenetrável. Conseguia enxergar e até mesmo ouvir as vozes dos homens trabalhando na mina, porém não conseguia alcançá-los.

Se virou de novo para dentro da caverna e encontrou o monstro à sua frente. Gritou de baixo d’água e muito dela entrou em sua boca.

O bicho movimentou a mão para baixo e a água desceu um pouco, cobrindo só até a cintura dos dois.

— Idiota. — Disse e tirou uma espada de trás das costas. — Tome, vai precisar.

Jonas pegou e o ser esquisito deu as costas para ele.

—Não vai me dizer mais nada? —Indagou e o monstro parou. —O que quer saber?

—Qual é seu nome?

— Meu nome? — O monstro riu debochado. — Você poderia me perguntar um monte de coisas e pergunta o meu nome?

— É a primeira pergunta! Também quero saber que acordo foi esse. Só achei mais educado saber seu nome, já que poupou minha vida.

O monstro se movimentou rápido, parecia rastejar feito cobra. O garoto ficou com medo quando ele se levantou a milímetros de seu rosto. Sentiu o hálito quente e putrefato. Olhou dentro dos olhos e viu seu reflexo perfeito. Os dentes afiados guardavam a língua fina dentro da boca. Só agora o rapaz notou que ele não tinha nariz e sim guelras pelo pescoço e por vários lugares do corpo.

— Sou Tritão. O último da minha espécie. E o acordo que fiz com seu pai foi bem simples. Ele disse o que queria e eu não posso fazer nada a respeito da missão dele. — Falou enojado — ... digamos que algo muito maior que do eu está por vir e que a única coisa que posso fazer é esperar em silêncio.

— Pelo visto não gosta do que meu pai está fazendo. — Jonas afirmou.

— Não. Mas já estava estabelecido muito antes de eu nascer, então...

— O que já estava estabelecido? — Jonas arriscou. Os olhos negos do Tritão brilharam ódio e sua língua estalou de novo.

— Por que não agradece o fato de estar vivo e dá logo o fora daqui? — Perguntou aborrecido.

—*Valeu* —Falou entredentes. —Só queria entender melhor toda essa história de missão.

O tritão revirou os olhos e disse:

— Esconda a Espada Indestrutível. Se o minerador chefe o encontrar com isso, não vai conseguir completar a sua missão.

— Que palhaçada é essa de “minha missão”? Está falando do fato de eu encontrar meu pai né? —Jonas se aborreceu.

— Mostre essa relíquia a seu tio Tom, ele saberá o que fazer. — Respondeu entediado.

— Como você sabe que ele está comigo? — Jonas perguntou e ele respirou fundo aborrecido.

—Seu pai sabia que ele o ajudaria.

— Olha só, eu *caguei* pra esse negócio de missão. Eu só quero encontrar meu pai. Quer fazer o favor de me ajudar?

— Não sou seu guia. O problema é seu. — Tritão respondeu e sumiu na caverna.

Sem opção, Jonas escondeu a espada nas costas pelas vestes. A relíquia estava fria, marcando presença em suas costas e para piorar a sensação, as roupas molhadas colavam em seu corpo dificultando a movimentação. Pelo menos a arma é leve. Estava preocupado de se cortar em algum momento, só que não tinha tempo para isso. Precisava dar o fora daquele lugar antes das 16h. — Por que ele tá molhado? — Perguntou um homem enquanto ele passava já do lado de fora da caverna.

Jonas apressou o passo para subir pelo caminho que desceu para chegar a mina. Vários homens o notavam molhado e comentavam entre si até que uma voz grave soou nos alto-falantes: —Voltem ao trabalho! —Os homens voltaram a escavação.

O garoto resolveu evitar o centro da mina para não ser visto pelo chefe minerador. Era evidente demais, portanto, andou rente aos homens trabalhando e às vezes encostava em algum deles sem querer.

—Quer morrer, garoto? —Um deles o ameaçou.

Apressou-se para não ser notado, até que um rapaz o segurou pelo braço e o levou para dentro de uma outra caverna com homens trabalhando ao fundo.

— Eu vi você dentro da Caverna do Tritão. — Disse rápido. O menino olhava para todos os lados e falava baixo. Estava com o rosto muito sujo. A marca da escravidão o deixava igual aos outros, mas Jonas teve a sensação de que já haviam se encontrado.

— Sei que não é daqui. — O rapaz continuou — Se eu te levar para a Cidade Real, você envia uma mensagem para meu pai na Ilha

do Siri?

—Sim. Claro.

Jonas tentava encarar seu rosto, o garoto estava preocupado se alguém ia ouvir o que eles estavam conversando e não parava quieto conferindo todos os lados. O menino era poucos centímetros menor que ele, porém era forte, ombros largos devido ao trabalho na mina. O cabelo era curtinho, provavelmente raspado para o trabalho. A argolinha na sua orelha balançava enquanto ele procurava espiões na caverna.

—Fala pro meu pai que eu sinto muito. A gente não pode ficar se vendo sempre. Mas se ele quiser vir até minha casa uma hora dessas, é só aparecer...

—Tá bem, eu falo. Qual é o nome do seu pai?

—Tom. Tom Marcus.

Cansado de esperar que ele ficasse quieto, pegou o queixo do primo e o segurou para olhá-lo nos olhos. Benjamim viu os olhos de Jonas e entendeu na hora.

—Vem comigo. —Jonas disse. —Você vai voltar comigo.

— Não posso. Tá maluco? De onde você é? Não é do sétimo continente... tem até um pouco de sotaque...

—Sou sim. Friaze.

— Quer mentir pra mentiroso? — Caçoou — Eu sei que outros continentes ainda existem, meu tio me contou. De onde você é?

—Que tio te contou? —Jonas indagou.

—Elai. Ele é seu pai, não é? Ou você é filho do meu tio Dídimo? —Elai. — Respondeu sem muita convicção.

— Ele é um homem bom. — Assentiu fazendo beicinho. — Veio me visitar todos os dias desde que eu fui pego roubando.

—Seu pai não veio?

— É complicado... agora eu quero que ele venha. — Confirmou, porém não parecia ter certeza.

—Vem comigo! —Jonas insistiu puxando o braço do primo.

— Eles vão matar a gente. Não dá. Bom, você não fez nada, pode voltar para casa. Onde ela fica? — Benjamim respondeu se desvencilhando.

—América do Sul.

— Hum, segundo continente... A Redoma já fechou? — Perguntou. —Nunca sei direito em que mês estamos...

— Já fechou sim. — Respondeu tristonho. Benjamim encarou o primo, não estava interessado em ouvir suas mazelas.

— Nossa o tempo passou rápido... — coçou a nuca — bom, chega de papo, vamos...

Ele pegou um pouco de poeira e jogou em cima de Jonas. A poeira agarrou em seu corpo molhado e logo ele estava parecendo um trabalhador da mina. Camuflou-se sem dificuldade. Só tinha que ir embora antes do expediente terminar.

— Acho que seu pai vem hoje ainda te ver. — Jonas disse quando os dois estavam saindo da caverna. — Posso falar com ele pra vir...

Benjamim abriu um sorriso largo pensando no assunto, mas seus olhos ainda estavam confusos. Não sabia direito se queria encontrar o pai, era difícil encará-lo. Levou o forasteiro até a subida da mina, ninguém os observava no trajeto. Começaram a subir o mais rápido que conseguiram.

—Vai. Não olha pra baixo. —Benjamim orientou.

Os braços de Jonas começaram a doer, havia trabalhado muito, todavia, manteve o ritmo. A espada, ainda gelada, sinalizava sua presença. Durante a subida, enquanto o peso de seu corpo deixava seus ombros e braços queimando, se lembrou do que já fez na academia e de como adorava aquela sensação dos músculos se rompendo para se renovarem maiores e mais fortes. Fincou as unhas, certas vezes, nas rochas delineadas como escada, para não cair em cima do primo que estava logo abaixo dele.

— Ei, onde pensam que vão? — Gritou o minerador chefe no alto-falante.

— Vai, eu despisto ele. — Benjamim falou e Jonas terminou a subida sem olhar para trás, ficou esperando o primo subir. Escondeu-se o máximo que pôde na entrada na caverna que parecia escavada a unhas.

— Pensou que ia fugir, garoto? — O chefe minerador gritou a pergunta quando se encontrou com Benjamim —E seu amigo? Jonas se encostou em uma das paredes e se abaixou para ouvir melhor.

— Você cuspiu na minha cara, seu nojento? — O garoto perguntou insolente.

Jonas ouviu uma movimentação acima de sua cabeça e decidiu ver o que estava acontecendo. Levou os olhos para fora e olhou para cima, um soldado da Guarda Real mirava com uma besta. Ele se retirou apavorado e então o dardo cortou o ar. Um grito acumulou-se em sua garganta, por isso tapou a boca com as duas mãos. Podia ouvir seu coração batendo forte. Tremeu como se estivesse febril. Andou na direção da abertura da caverna de novo e olhou para baixo. Benjamim estava ferido no peito, estirado no chão. Arfava de dor.

O soldado que o acertou colocou-se a descer a parede da mina para pegá-lo no chão.

— Que sirva de lição. Agora voltem ao trabalho! — O minerador chefe gritou. — E vocês, soldados, procurem o fujão. Quero ele morto. Tragam-me a cabeça dele até o anoitecer.

Não precisou de maior incentivo para sair daquele lugar. Correu para fora da caverna, com a imagem repetindo-se diversas vezes na sua mente. Não queria ser identificado como o fujão, portanto, levantou a camisa e com o tecido, limpou o

rosto. Como havia ficado molhado minutos antes a tinta preta já não estava mais tão aderida a pele. Mas ainda sim dava para notar a presença dela. Vestiu a camisa do avesso rapidamente para que ninguém visse a enorme espada que carregava e seguiu seu caminho para a Cidade Real, dessa vez sem cobrir a cabeça com capuz.

Quando chegou de novo ao centro da cidade ainda tremia assustado com tudo que viu. Ficou pensando no que ia dizer para o tio. Mordeu o lábio inferior tão forte enquanto pensava que ele sangrou. *Isso é culpa do meu pai, tudo isso.* Nem teve tempo para perguntar ao primo porque ele estava ali.

Quando já estava de volta à praia e viu seu tio no bote ao lado de Noah o esperando, correu em direção ao mar.

— Aonde você vai garoto? — O tio perguntou e deu partida no bote. Se colocou ao lado de Jonas que nadava em direção ao navio. —Vou para o navio.

—A nado?

— Isso.

—Tá tão sujo assim, por quê? —Noah perguntou.

Jonas mergulhou fundo para não ouvi-los mais. Abriu os olhos e viu o bote seguindo seu caminho acima de sua cabeça. Se demorou debaixo d'água e gritou sem se importar com a água salgada que entrou em sua boca tamanho era seu pavor. O encontro com o Tritão foi a melhor parte de seu dia terrível. E o pior de tudo é que seu pai já sabia que ele ia acabar aparecendo no sétimo continente, como disse o monstro na caverna. O privou de tanta informação que talvez, se Elai tivesse se dado o trabalho de dizer algumas palavras, Jonas não teria colocado o primo naquela situação. Morto. Benjamim estava morto e a cabeça do garoto não parava de pensar no que eles fariam ao corpo e no que ele deveria ter feito para evitar. Sentiu- se covarde no fundo do mar.

Seu peito clamava por oxigênio e o pensamento ficava cada vez mais turvo. Ao passo que seu corpo sinalizava a falta de ar, a espada parecia congelar entre sua roupa. Um constante alerta de que ela estava ali e que precisava sair do fundo do mar, como se tivesse consciência. Puxou um pouco a lâmina para tentar ficar mais confortável e ela cortou seu dedo. Esbravejou debaixo d'água e então

nadou para cima.

—Meu dia só melhora!

Quando subiu a bordo do Rosberta, jogou a espada com toda força no chão do convés. A encarava como se o ferisse de propósito. — O que...? — Tom perguntou perplexo olhando a espada. Abigail e Noah o encararam surpresos também.

—Parece a Espada Indestrutível, feita de Caelum Arcus. — Noah disse e chegou perto para analisar o instrumento. A espada é cinza, feita de aço, mas quando é movimentada à luz do sol assume as cores do arco-da-aliança, uma de cada vez. Cravejado com pedras Caelum Arcus também. Belíssima, só que para Jonas não valia o que custou.

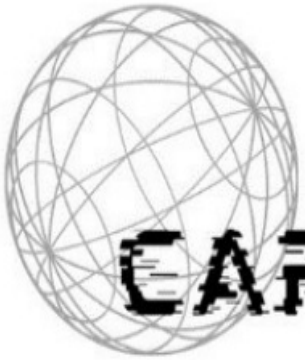
— Gostou? Pode pegar. — Jonas entregou a espada para o garoto e quando ele a pegou ela se guardou e tomou a forma de um cilindro pequeno como uma caneta.

— Meu Deus, você pegou a Espada Indestrutível mesmo! — Noah falou perplexo. — Dizem que faz parte do arsenal de uma

guarda especial em Friaze... e bom, ninguém se mete com os friazenses... como conseguiu? Foi seu pai? Ela estava onde?

— Tudo que você precisa saber é que ela custou muito mais do que vale. — Respondeu aborrecido e saiu pisando fundo infeliz com os ocorridos.

— Vai secar meu chão depois, engraçadinho! — Tom gritou para o sobrinho enquanto ele descia para seus aposentos. Pouco depois pôde ouvir o tio dizer: — Caramba... eu achava que essa espada era coisa de Friaze, não imaginava que viria parar aqui.



CAPÍTULO 11

PALÁCIO, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

A princesa Hadassa estava se preparando para o baile de fim de ano que havia inventado alguns anos antes. Tornou-se tradição e o evento a deixava mais nervosa que o normal e o fato de Jonas estar andando pelo sétimo continente livremente, a deixava ainda mais ansiosa. Contava que os idiotas Lio e Luca fossem capazes de levar o garoto através da Redoma e que o Giatã resolvesse o resto. Ainda que fizesse parecer que só o queria por perto no palácio, acreditava muito mais que a morte dele seria devastadora para o pai, que com certeza sairia do buraco em que se meteu. Entretanto, o garoto permanecia vivo. Não só estava vivo, como deu as caras pela Mina Caelum Arcus.

Quando soube que alguém havia fugido e que o número de escravos permanecia o mesmo, concluiu que o fujão na verdade não era escravo. Não demorou muito para imaginar que poderia ser Jonas. *É claro que o garoto se meteria na mina, foi o último lugar em que Elai foi visto.* Essa conta era mais fácil que um mais um. Para confirmar suas suspeitas, assistiu a filmagem do rapaz que fugiu. Quando viu a réplica mais nova e um pouquinho reduzida do guerreiro, teve a certeza.

O que mais a deixava surpresa era o fato de que o garoto ter ido embora sabendo

que o primo estava gravemente ferido. Poderia

parecer com o pai fisicamente, mas não era nem um pouco herói. Isso estava mais que claro.

Hadassa ainda não havia mandado nenhum soldado no encalço dos tios de Jonas porque sabia que os Marcus são complicados e que fariam alardes. Por mais que considerasse o povo desprovido de inteligência, não queria que se fizessem perguntas a respeito de quem era o misterioso Jonas. Quanto menos soubessem, mais fácil. Matar o garoto parecia divertido, só que e se ele ficasse em perigo o bastante para que Elai voltasse? Bom, nessa linha de raciocínio a princesa definiu que as pessoas não poderiam saber de quem ele era filho e se soubessem de alguma forma, precisava garantir que o plano continuasse. E ainda outra coisa veio em sua mente: o torneio de heróis. Sempre quis fazer um torneio de força para conferir de perto o que as ilhas tinham de melhor e o que mais representava perigo para a vida no Palácio.

— Ana, convoque uma reunião com o Comandante Ares. — A princesa falou com sua dama de companhia. A mulher já era de idade um pouco avançada, todavia, sempre trabalhou com excelência.

—Aqui na sala de reuniões, Vossa Alteza?

— Não, quero que seja num lugar reservado, mas ao mesmo tempo neutro. Zac e Guto andam preocupados demais...

—Que tal na biblioteca real? —Ana sugeriu.

—Grandioso demais...

— Jardim?

— As pessoas podem pensar que eu estou compromissada com ele. —Falou enojada —Não! Nem pensar! Acho que a biblioteca é o melhor lugar.

—Está bem. —Assentiu e fez reverência para se retirar.

— Obrigada.

Hadassa girou a cadeira e ficou observando a mina, relembrando os passos do garoto Marcus. Ele havia entrado na caverna do Tritão, *o monstro deve ter morrido, senão ele não sairia de lá com vida.* Tamborilou com as unhas compridas em cima das coxas. Estava usando anéis de ouro em todos os dedos, pulseiras do mesmo material enfeitavam os pulsos e balançavam, dançando a música que ela estava compondo com os dedos.

Naquela manhã pediu que sua cabelereira fizesse uma trança única em seu cabelo. O penteado chegava a cintura. Maquiou-se como se fosse para uma festa e colocou vários brincos em suas orelhas. Pensou em adornar seu nariz também, mas imaginou que seus filhos fossem implicar.

Vestiu um de seus vestidos brancos justos até a cintura, corte reto até os pés. O tecido cintila, pois há finos fios de ouro entrelaçados ao branco de suas vestes. Ela queria que Elai pudesse vê-la vestida daquela forma, talvez ele pudesse esquecer a esposa no outro continente. E em seus sonhos mais profundos, acreditou que ele mesmo pudesse dar um fim na vida da mulher para que os dois pudessem ficar juntos. Afinal, ela mesma já havia feito algo parecido...

— O Comandante a espera na biblioteca, Alteza. — Ana interrompeu seus pensamentos.

—Que rápido! Parece desesperado.

Ana fechou a porta e então Hadassa começou a se ajeitar. Procurou seu reflexo nos objetos brilhantes e conferiu se ainda estava bonita o bastante para se encontrar com o Comandante. Mesmo que não tivesse interesse no homem, gostava da ideia de que ele quisesse desposá-la. Afinal, os enfeites não estavam nela por acaso.

Andou pelos corredores do palácio de queixo erguido e adentrou a biblioteca. Assim que as portas foram abertas, as paredes adornadas com arabescos folheados a ouro brilharam em seus olhos. As muitas janelas cobertas por cortinas foram uma a uma, abertas para que a claridade entrasse no imponente cômodo. À medida que o pé direito se estendia, ele tornava-se arredondado no alto, unindo-se em uma pintura do Céu Celestial. Anjos e nuvens olhavam para baixo enquanto ela passava. Zacarias certa vez acreditou que os anjos o acompanhavam com os olhos à medida que ele se movia entre as estantes de livros. Sempre que o observava, ria-se lembrando do filho.

O Comandante estava sentado na mesa de 20 lugares no centro da biblioteca, quando viu Hadassa se levantou em sinal de respeito, mas seus olhos e sorriso indicavam outro comportamento. Ares olhou-a de cima a baixo e sorriu de canto de boca. Intimamente ela

gostou de como o homem reagiu a sua presença, porém fingiu não notar se sentando à mesa de frente para ele. Ele ainda de pé, observou-a se sentando. Parecia um lobo diante de uma ovelha desprotegida. Usava uniforme, porém o rosto estava livre da pintura. Seus cabelos na altura das orelhas foram penteados para trás. Usou Loção Cola, para manter os fios grudados na mesma posição até terminar sua pequena reunião.

Quando finalmente se sentou, bateu os coturnos no chão forçando a princesa a encará-lo curiosa. Queria que ela pensasse em como ele é forte, talvez mais forte que o guerreiro Elai, por quem ele sabia que ela nutria interesse e de quem sentia falta. Os olhos cinzas dele a fitaram estreitos, esperando o mover de seus lábios.

—Obrigada por vir. —Respondeu imponente.

— É sempre um prazer me encontrar com a belíssima princesa de Nova Terra. — Sua língua quase estalou.

— Não acho necessário o elogio, porém, vou agradecer mesmo assim. — Disse se desfazendo um pouco dele. — Obrigada, Comandante... só que tenho centenas de espelhos no Palácio, acho que consigo saber da minha beleza. — O homem sorriu triunfante, como se tivesse atingido seu objetivo. Hadassa ficou desconcertada, mas continuou: — Entretanto, não o chamei aqui para isso... vamos direto ao ponto: quero que você envie alguns homens a caverna do Tritão.

—Não vai me oferecer uma bebida? — Brincou.

— Estamos em uma biblioteca. A única coisa que posso te oferecer é um livro. Quer? —Indagou desafiadora.

— O que quer com a Caverna do Tritão? — Ares voltou ao assunto principal, ainda sorria feito predador. — Se eu enviar meus homens, eles morrerão.

— Com sorte eles sobrevivem. — Respondeu entediada — Quero saber se o

Tritão está morto.

—Por quê?

— Não é da sua conta, Comandante. Anda muito confiante, não acha?

— Me chame de Ares, Alteza. A confiança é meu charme... — Hadassa o encarou esperando mais respeito. — ... tudo bem, envio

alguns homens inúteis, se morrerem não farão diferença... mais alguma coisa?

— Na verdade, há sim outra coisa. — Ela começou ignorando o olhar atrevido do Comandante. — Quero que você capture o filho de Elai que fugiu dos seus domínios ontem na Mina Caelum Arcus.

— Aquele garoto era filho de Elai? — Ares se sobressaltou. — Como isso é possível?

— Ele andou pelo segundo continente, na América do Sul, debaixo do nariz do rei, fazendo burrices. —Respondeu enojada.

— O que eu faço com o garoto? — Ares perguntou entediado. — Esquartejo, queimo vivo...?

— Nada, só o traga aqui. — Ela revirou os olhos. — Quando ele chegar ao palácio eu decido o que fazer com ele.

—Vossa Alteza acha mesmo que Elai aparecerá no momento em que o filho despontar aqui? — Interrogou com a expressão dura. Hadassa ficou surpresa com o atrevimento do homem à sua frente e com a forma como foi transparente em suas intenções.

—Já disse que não é da sua conta. —Falou e engoliu em seco. —Acho que o Giatã o pega antes de mim...

— Não se você for mesmo bom, como eu acredito que é. — Ela falou flertando. Ares se ajeitou na cadeira e sorriu.

— Eu sei que acha que sou idiota, princesa. Porém vou aceitar seu tom pretencioso... uma hora dessas ele virará verdade... —Riu e ela fechou a cara. — se as pessoas souberem de onde ele é o rei terá problemas. Não pensou nisso? Nova Terra é o único continente que existe no micro cérebro de seu povo. Enumeramos os continentes nos livros de história para as crianças afim de que elas nem humanizassem demais as terras “contaminadas pelo pecado”. — Fez aspas com os dedos — Esqueceu que os novaterrianos acreditam que o mundo todo acabou exceto este aqui?

Ares tinha razão, os outros continentes são enumerados por ordem de extensão

nos livros de história de Nova Terra. Mas para muitos novaterrianos, apenas o menor continente: o sétimo, ainda existia de fato. Eles acreditavam que Deus havia subjugado todo o mundo e apenas aquele arquipélago no Oceano Atlântico fora digno de permanecer de pé. Essa era a mentira que os monarcas contaram

para o povo ao longo dos anos. Eles sabiam dos outros continentes, só não acham que eles ainda existiam.

— Deixe que eu me preocupe com isso. — Falou Hadassa. Queria acrescentar: deixe que as pessoas com cérebro pensem no que fazer, todavia temia ofender o único que poderia lhe ajudar.

— Não me leve a mal, princesinha, mas não acho que você seja tão competente assim... tenho a impressão que vai colocar tudo a perder. — Ela ficou boquiaberta com a audácia do Comandante. — Entretanto, se me quiser no seu joguinho sujo, tenho minhas condições.

— Muito ousado da sua parte pedir uma condição a uma princesa. Não pensou que talvez eu escolha outro para fazer o trabalho?

—Correria esse risco? — Zombou.

—Poderia acabar com você, assim mais ninguém saberia do que estou prestes a fazer. —Hadassa falou de queixo erguido.

— Primeiro que me matar seria a coisa mais difícil de se fazer, e segundo, perderia a sua melhor chance de êxito. É mesmo assim tão burra?

— Você está chamando sua princesa de burra? — Hadassa se sobressaltou. — Com ousa?

— E então, princesinha, tenho uma condição. É pegar ou largar. —Ignorou sua pergunta.

Ela ponderou sobre o assunto. Teve que admitir que a coragem e audácia do Comandante eram surpreendentes. Ele tinha razão de que era o único crápula o suficiente em toda Nova Terra capaz de fazer o que ela tinha em mente.

—Qual é a sua condição?

— Sua mão em casamento. Se me der sua mão em casamento, farei tudo o que quiser. Até mato o garoto em praça pública... faço até uma fogueira com ele dentro... se for o que minha belíssima princesa quiser. —Ele disse com o sorriso de canto de boca.

— Que ultrajante! — Hadassa se levantou da mesa gargalhando. Ares continuou sentado a olhando nervosa. — Quem pensa que é para me fazer um pedido desses?

—Tudo bem, escolha outro então... mas enquanto procura, saiba que todo o pelotão conhecerá a história: As Aventuras de Elai na

América do Sul... — Debochou — Sabia que existem militares que ainda acreditam que este é o único continente que sobreviveu? Imagine só como a Guarda vai ficar preocupada... sem contar o restante do povo que certamente ficará sabendo... você não faz ideia de como os soldados são fofoqueiros.

—Está me ameaçando? —Ela semicerrou os olhos.

— Não, só estou lhe oferecendo uma aliança. Comigo, você só tem a ganhar. Sem mim, você não consegue fazer nada que pretende. — Sorriu atrevido. — Ah, qual é o problema, princesinha? Um casamento por aliança de projetos!

— Preciso pensar na proposta. — Ela respondeu e ajeitou o vestido. — Ainda não entendi muito bem como você ganha nessa história.

—Já te disse o quanto é linda hoje? —Perguntou sorrindo.

O interesse dele era status e a princesa era a porta de entrada para uma vida repleta de regalias. A beleza era um bônus ao qual ele fazia questão. Sem contar que o desespero dela por encontrar Elai, traria a chance de acabar o encontrando e no processo, conseguir o que ele sempre sonhou desde que quando se conheceram na infância.

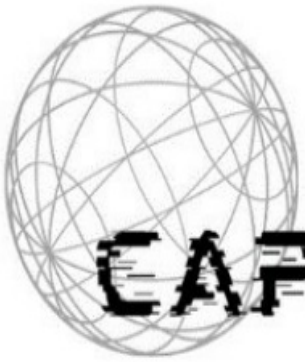
Sem interesse em prolongar a conversa, Hadassa começou a andar na direção da porta, aquele era um sinal de despedida.

— Você tem até o baile. — Ares falou e se dirigiu a primeira estante de livros

que encontrou. Ela o olhou boquiaberta. Cometera um erro?

Se aproximou da mulher na saída, segurou seu queixo olhando dentro de seus olhos. Dois pares de olhos maus se encararam. Os dela exibiam desconforto e os dele, como um lobo selvagem, exibiam o prazer da caçada. Piscou para a princesa e a deixou sozinha, assustada. Teve medo do que aquele homem era capaz de fazer. Ambos faziam planos de como obteriam seus interesses. Ares sabia perfeitamente que Hadassa aceitaria seu pedido de casamento, pois não havia outro que pudesse fazer o que ela queria em silêncio. Porém, compreendia que a princesa seria sua esposa, mas que também planejaria sua morte, assim como fez com o marido anos antes.

Este fora o encontro de duas cobras planejando quem daria o bote primeiro.



CAPÍTULO 12

CIDADE FLUTUANTE, ILHA DO SIRI, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Deitado na cama, Jonas já havia analisado a Espada Indestrutível por diversos ângulos. Descobriu o dispositivo que a deixava no formado de uma caneta, um pequeno botão disfarçado de pedra Caelum Arcus, mas não sabia como poderia, através daquela arma, encontrar seu pai. Apertou o botão várias vezes e em uma delas se distraiu e acabou fazendo um corte feio no dedo. Logo a camisa se

pintou de sangue. Esbravejou e seu tio abriu a porta do quarto com tudo. Quando viu o dedo do garoto cortado deu um pescotapa nele.

—Estava brincando com a espada? Deixe de ser idiota!

Em resposta, o garoto jogou a espada em cima da cama para poder pressionar o dedão cortado. Falou alguns palavrões em português e sorriu porque seu tio não entendia o que ele dizia. Se seu pai estivesse no quarto acertaria outro tapa em sua nuca. Sentiu- se um idiota e o efeito que isso causava era muito mais irritante do que qualquer outro sentimento. Ria irônico da situação, a raiva por ter sido um estúpido queimava por dentro.

—Tá rindo, por quê?

— Eu xinguei pra caramba agora e você nem entendeu. — O rapaz falou e logo levou outro pescotapa.

—Já te falei pra parar com essa língua esquisita. Te proíbo! — O tio disse, Jonas revirou os olhos e correu para o banheiro.

— Você não é meu pai. — Disse de dentro do banheiro. Acrescentaria: *e mesmo que fosse, não o obedeceria agora.* Pensava assim sob o efeito da idiotice que fez, mas na verdade, não teria coragem.

— Claro que não, se você fosse meu filho já estaria corcunda, porque só faz besteira! —O tio falou e deu outro tapa no pescoço do garoto.

— Tá, já entendi! — Respondeu ríspido depois de ajeitar a cabeça —Me ajuda aqui, tem alguma bandagem... curativo?

—Vou pegar.

Tom deixou o garoto machucado sozinho, ele colocou o dedão na boca e pressionou a ferida com os dentes. Sentiu o gosto de sangue na boca e ficou esperando o tio voltar. Quando chegou com uma caixinha de remédios e viu o menino com o dedo na boca, começou a rir.

— Vamos, me dê — tirou uma bandagem esverdeada bem larga —é curativo feito de algas. Vai cicatrizar mais rápido.

— Obrigado. Lembrou de alguma piadinha? — Debochou e depois disse irônico: —Me conta, estou precisando rir.

— Parece um vampiro chupando sangue. — Jonas não entendeu a palavra que o tio disse. Não conhecia a palavra *vampiro* na língua de Nova Terra.

—Vampiros? —Repetiu na língua.

— Chupadores de sangue! — Tom respondeu tentando esclarecer o assunto.

Elai nunca havia mencionado a palavra, mas também nunca falou sobre monstros. Se existia um feito o Tritão nadando livre dentro de uma caverna, por que não existiram monstros chupadores de sangue? A conclusão chegou à mente de Jonas como uma avalanche. Teve que segurar o riso nervoso para não soar um irônico repetitivo.

—Só falta você me dizer que existem vampiros aqui!

—Por quê? Não existem lá na América do Sul?

— Claro que não! — Jonas se sobressaltou. — Co-como eles são? Não me diga que brilham a luz do sol! Isso ia ser demais pra

mim. —Se lembrou dos livros favoritos da ex namorada.

— Eles não gostam do sol. — Tom respondeu concentrado em terminar o curativo no dedo do sobrinho.

— Como eles são? — Perguntou de novo e a imagem do Drácula de Bram Stoker preencheu as lacunas do pensamento. O livro mais difícil que já leu.

— Hã... pretos. Alguns são marrons. Vivem em cavernas, só saem a noite...

— São inteligentes? — Não havia outra escapatória. Mais uma representação de vampiro veio a sua mente. Kurt Barlow (Vampiro de Stephen King em seu livro Salem de 1975.), a visão que o mestre dos livros terror tinha.

Stephen King choraria de medo, se soubesse desse lugar.

— Não sei, acho que sim. Dormem de cabeça para baixo e à noite alguns chupam sangue de animais... comem frutas... alguns carregam uma doença que fazem espumar a boca.

— Espera aí. São animais pequenos assim? — Jonas mostrou o tamanho com as mãos, cerca de 20 cm.

—Sim, parecem ratos voadores.

Morcegos. Suspirou aliviado

—Pensei que eram homens bebedores de sangue. —Ao ouvir o sobrinho, Tom arregalou os olhos chocado.

— Que porcaria é essa? É no sangue que está toda a vida! Que maluquice! — O tio do garoto não parava de pensar que de onde ele vinha, as pessoas eram loucas. — Existem homens que fazem isso lá de onde você vem?

—Fazem o quê? —Abigail apareceu no corredor. Viu camisa de Jonas suja de sangue e falou: —Meu Deus! Jonas, você está bem? —Estou, só foi um cortezinho...

— Verdade, olha só... — Tom puxou a bandagem e quando Jonas ia protestar notou que o corte estava quase todo fechado. — Viu? Até anoitecer ele está inteiro de novo. — Apertou o dedo do sobrinho e ele deu um grito de dor. — Isso é coisa de mulherzinha! Tem certeza que é um Marcus?

O garoto abriu a boca para responder, mas o tio saiu do banheiro antes que ele tivesse a chance de desonrar sua autoridade. Já havia

acumulado diversos pontos negativos na área de respeito ao tio, não precisava de mais nenhum.

—Hã... Jonas, —Abigail começou a falar envergonhada — você ainda não conheceu a Ilha do Siri, não é? — ele assentiu. — Se quiser eu te levo para conhecer um pouco... em alguns minutos o sol vai se por, é bem bonito...

— Tá me chamando pra sair? — Perguntou se aprumando todo vaidoso, mas ela

não fazia seu estilo.

—Hã... sim, a gente nunca saí muito por aqui. Achei que você ia gostar. Bom, Noah, meio que está insistindo... Ele disse que vocês dois vão ser grandes amigos! —Abigail riu ao mencionar o irmão.

O rapaz ficou escarlate. Sentiu o rosto queimar. Já havia até pensando em como dispensá-la de forma educada, já que não se interessava, ela, porém, só queria fazer um programa legal, tirando-o do navio.

—Claro, vai ser legal. —Respondeu envergonhado.

— Beleza, em dez minutos a gente sai. Aposto que Noah vai achar isso o máximo! Só não conta pra ele que eu te falei que foi ele quem te convidou. Noah tem tentado parecer mais velho ultimamente... desde que papai e mamãe morreram. — O sorriso dela sumiu. —... hã, te vejo daqui dez minutos! Vai ser legal!

A garota saiu sorrindo e Jonas, surpreso com a situação, colocou a cabeça para fora da porta e encarou a garota andando. Notou que ela caminhava feito um gato ágil e em alguns momentos acreditou que ela dançava no processo. Sorriu ao constatar o jeito peculiar da garota.

Poucos minutos depois a pequena tripulação estava na costa da Ilha do Siri. O mais velho desativou as bombas e sensores de movimento para que todos pudessem se divertir, porém a existência deles ainda não era de conhecimento geral. Preferia assim, não queria que se preocupassem. Entretanto, haviam pontos cegos na praia. Para evitar que alguém perdesse um pé, levou os garotos para uma área mais segura.

Benjamim e Luara amavam jogar bola com o pai, e abaixo do convés o brinquedo passava o tempo sem utilidade. Pegá-la nas mãos foi devastador. Considerou que talvez fosse importante para os meninos passar um tempo diferente na praia, portanto, jogou-a para

Abigail que a pegou no ar sorrindo. Também fazia tempo que não se divertia. Ela levou o irmão mais novo para brincar na beira do mar. Vê-los brincando, mesmo que o fizesse pensar no passado, trazia uma sensação gostosa, como se a dor por perder os dois filhos não existisse. O mais velho perdeu para a escravidão

enquanto a mais nova, para a morte.

O sol parecia beber da água salgada, deixando o céu multicolorido, azul, laranja e rosa. Nenhuma nuvem para atrapalhar a bela pintura no céu. O vento bagunçava os cabelos de Abigail, que não os havia trançado desde a morte dos pais. Jonas não sabia, mas era um sinal de luto. Cada um sabia o tamanho de seu pesar, não havia quantidade de tempo ou análises profundas como fazem nos outros continentes, era apenas a dor guiando o homem pelo tempo que quisesse.

Sobrinho e tio se sentaram em umas pedras altas e negras próximas a puã do siri, entrada para Cidade Flutuante. O mais novo ficou observando os dois irmãos e pensou que se ele não tivesse sido sequestrado, eles ainda teriam pais. Mirou o tio, que observava os garotos brincando próximos a água e pensou no primo que foi atingido quando ele estava fugindo. A quantidade de problemas só somava e ele não sabia como inverter aquela equação.

— Você quer me dizer alguma coisa? — Tom perguntou sem olhá-lo. Notou que estava sendo observado.

—Não. —Jonas pigarreou e fixou os olhos no céu.

— Recebi uma notificação do hospital da Ilha Real. Benjamim tentou fugir quando você estava na mina. — Falou pausadamente — Por que não me contou?

O garoto ficou chocado, não imaginava que o tio já soubesse de tudo e se lembrou de quando ele disse que são poucas as coisas que não sabe. Achava que seu pai exagerava na frase, mas pelo visto os pais realmente sabem de muita coisa.

—Sinto muito. Não sabia o que dizer.

—O que aconteceu?

Jonas contou tudo. Tom, ao ouvi-lo, sentiu a dor massacrante no peito a ponto de explodir, porém os olhos permaneciam intactos, ainda que quisessem prantear pelo filho.

—Sinto muito.

— Ele ainda está vivo. — Falou, não queria que o sentimento de pena reinasse na conversa. — Dídimo foi até o hospital, ele estava precisando de sangue...

— Por que você não foi? — Jonas perguntou um pouco revoltado. —Ele queria muito te ver.

— Porque sem mim você fica desprotegido. Dídimo não liga muito pra você e Hadassa está na sua cola. Se ficasse sozinho, ia acabar com você em segundos.

—Isso não é justo.

—Olha, você não vai querer conversar comigo sobre injustiças... —Tom riu amargo.

— Por que a princesa Hadassa — Jonas mudou o tom e o assunto da conversa — não me pegou na ilha quando teve chance? — Acho que ela não esperava que você fosse tão burro. — Encarou o menino e disse com um sorriso debochado: — Ela ainda não te conhece tanto quanto eu.

—Ainda com esse papo de que sou um idiota? Termina quando? — Jonas perguntou irritado. — Me avisa porque aí eu compro um bolo pra comemorar.

— Vou parar assim que você parar de ser um burro. É simples, não foi a escola não? — Ironizou. — Se tivesse programado tudo comigo, talvez a sua cara não estivesse estampada na base do Acampamento Militar!

—Como assim?

— Como assim? — Tom o imitou com escárnio. — Cara, será que você não entendeu? Entrou no território da mulher que te sequestrou e a babaca tem um monte de tecnologia maluca. Sem mencionar que ela é uma princesa de Nova Terra. Com certeza fez um monte de imagem sua pra poder te pegar depois.

—E daí? —O garoto se aborreceu. —Não foi visitar seu filho no hospital por que acredita que é o bonzão que vai me salvar?

— Pois é, é exatamente isso, idiota. — Debochou ainda mais aborrecido. — Mas o mais importante é que nós somos Marcus. A morte de meu pai, seu avô¸ nos deu um pouco de prestigio na comunidade. Eu quero te ajudar e se algo der

errado, posso abrir o bico... se as pessoas souberem que você vem de outro continente, vão descobrir que a realeza escondeu a verdade por anos. Todo

mundo pensa que somos os únicos, “os separados pelo Soberano”. Como se o mundo tivesse acabado e nós fossemos os sortudos. Então você é a prova de que os monarcas mentiram.

— E depois o burro sou eu... por que a princesa me trouxe aqui então?

— Sei lá, deve ter alguma coisa a ver com a paixão louca que ela sempre nutriu por seu pai. Deve achar que Elai está vivo e que você sabe de alguma coisa... ou que você vai trazê-lo de volta... — Falou pensativo. —Mas nós vamos mudar sua situação!

— Como?

— Vai acontecer um baile no palácio e nós vamos. Nada melhor do que esfregar sua existência na cara de todo mundo. Como seu pai tem convite vitalício e está desaparecido, seu sangue deve resolver as coisas...

—Tô achando que ela vai servir minha cabeça no jantar...

— Bom, seria um prato terrível... — Zombou e Jonas não conseguiu segurar o riso. — Sei que não é o melhor plano, quanto mais pessoas souberem que você existe, maior é a chance dela te deixar vivo e sustentar a história de que é friazense. Isso vai te manter a salvo até que a Redoma abra de novo.

—Tomara que tenha razão.

— Leve Abigail como acompanhante. Vai parecer ainda melhor se estiver acompanhado, e ela será uma testemunha também, no caso de alguém tentar algo contra você... — Tom concluiu e Jonas ficou um pouco desconfortável.

—... beleza, hã... mas e a questão do convite?

— Já disse, seu pai tem convite vitalício para todos os eventos dos monarcas. Ele foi basicamente adotado pelo rei... — Ao dizer isso, sentiu raiva, todavia, engoliu-a para não deixar o garoto alerta. — Diga que é o filho de Elai e eles testarão seu sangue, quando comprovar a paternidade você poderá entrar sem

nenhum problema. Eu acho...

—Essas coisas demoram...

— Não, em segundos o resultado fica pronto. Todos os soldados deixam a prova de DNA quando são alistados, não vai ser um problema... só precisamos torcer para que os testes não te identifiquem como um Malus Sanguis.

—Por que será que eu estou sentindo que vou acabar morrendo nessa festa?

—Provavelmente porque você é muito dramático! —Tom falou e colocou a mão no ombro do sobrinho. Sentiu a responsabilidade nos seus quando o tocou, então tirou a mão rapidamente. Espero que Elai não demore a aparecer. — Beleza. O baile nós já resolvemos... e a história do Tritão, como ele é?

O rapaz contou toda a história para o tio que pareceu fascinado e surpreso com a possibilidade. Tom daria tudo para analisar um Tritão de perto, mas sabia que eles eram metamorfos e carnívoros. Adoravam carne humana e não eram confiáveis. A lenda dizia que eles eram especialistas em hipnose garantindo que a presa se sentisse atraída para morte. E enquanto Jonas falava, sua mente também viajou para o estado do filho no hospital. Olhar para seu sobrinho às vezes era como ver Benjamim. Ele mudara muito desde que a mãe e a irmã morreram naquele acidente. Estava mais rebelde e foi pego roubando artefatos reais. Foi condenado à escravidão. Elai apelou com todas as forças, só que nem mesmo o herói do continente poderia apagar aquele erro.

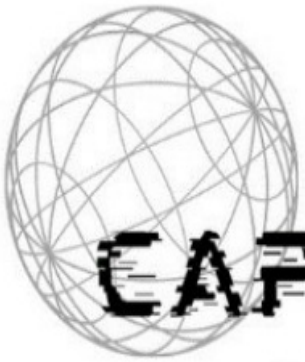
Os olhos verdes de Jonas que o encarava ora sorrindo, ora dramatizando o encontro com o Tritão, o fizeram pensar em como seria bom se toda a sua família estivesse reunida. Sua mãe presava muito a relação familiar, então aprendeu a valorizá-la, mesmo que quisesse matar Elai noventa por certo das vezes. Bom, os outros dez é só porque estava dormindo. Dídimo, porém, ainda tinha dificuldades em ficar no mesmo lugar que o menino desde que o Giatã apareceu. Como se ele tivesse cometido algum pecado, quando na verdade, não era culpado de absolutamente nada.

Assim que o rapaz terminou a história os dois ficaram analisando a cena dos irmãos Tales brincando de bola na areia. Abigail vestindo uma bermuda antiga de Benjamim ao passo que Noah e Jonas também usavam roupas do garoto escravo, em épocas diferentes da vida. Vê-los vestidos como Benjamim fez Tom

sentir ainda mais vontade de ter seu filho de volta.

Entrementes, cercado pelos desejos de fazer diferente, Jonas pensava na mãe e no que ela deveria estar fazendo naquele momento. Se perguntava como estava se sentindo agora que seu

filho e marido estavam desaparecidos. Queria se desculpar por ser tão impulsivo e por não tê-la ouvido sobre os fones de ouvido. Se ele não os tivesse usando, Luca e Lio jamais conseguiriam se aproximar sem ser percebidos e agora ele estaria em casa com ela.



CAPÍTULO 13

DEZEMBRO DE 2013, PALÁCIO, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Jonas não gostou das vestes que o tio lhe emprestou. Pareciam exageradas demais. Sentiu-se como um noivo.

— Tô parecendo um noivo dos anos 90. — Noah também estava com ele e ria do desconforto do rapaz —... isso é ridículo!

— Você vai se sentir bem desarrumado quando chegar lá, vai por mim. — Tom falou ajeitando o terno azul anil que emprestou ao garoto.

— E é sério que não se usa camisa por dentro? — Jonas estava usando o paletó sem camisa. Achou a combinação muito estranha. — Não se você quiser parecer um idiota. — Noah respondeu zombando.

— Tá entendi, comediante. — Parou para analisá-los já vestidos e disse: — Vocês estão bonitões...

— Eu sou bonitão. — O menino respondeu sorrindo para o espelho.

— Olha só o garotinho colocando as manguinhas de fora — Tom brincou com o menino. —Ele está terrível hoje!

— Só hoje? — Abigail perguntou. Ela havia terminado de se aprontar e apareceu na porta do quarto de Jonas.

Seu acompanhante a encarou estupefato. Ela estava inacreditavelmente linda. Os cabelos desciam em ondas, como na

propaganda que viu na Alta-Tela: *Loção Capilar Acqua*. Usava um vestido cinza justo na cintura, comprido que ia até os pés e neles sandálias pratas. Vários adornos prateados nas orelhas pescoço e pulsos. Em seus olhos, delineou pequenas asas azuis rentes aos cílios. As bochechas estavam levemente coradas e os lábios cintilando com *gloss* labial.

—Obrigada pelo convite, Jonas. —Ela sorriu amigável.

Ele engoliu em seco e respondeu boquiaberto:

— Não há de que. — Acrescentaria: *acho que você é quem está me fazendo um favor hoje*, contudo, achou que ela poderia se ofender com o elogio atrevido.

Calçou os coturnos do tio debaixo da calça de alfaiataria. Não era a combinação perfeita, mas era o que tinha em mãos. Escondeu as canelas cobertas pela bota com a calça mais larga e olhou de novo para sua acompanhante que ainda sorria simpática.

— Ah, já ia me esquecendo. — Abigail se aproximou do rapaz e colocou uma florzinha branca na lapela dele. —Um toque especial. Engoliu em seco pela

segunda vez ainda mais nervoso. O cheiro dos cabelos da garota invadiu suas narinas. Isso porque ela é bem menor que ele, mesmo de saltos. Seu coração disparou e ele quase a empurrou para longe, com medo de que ela o ouvisse. Tom o encarou e percebeu o desconforto.

— Vamos, então? — Perguntou aos garotos. A moça bateu no bolso da lapela de Jonas e sorriu.

—Vamos! —Disse e saiu do quarto.

— É, vamos. — Jonas concordou olhando hipnotizado para seus cabelos compridos.

Péssima hora pra ficar encantadinho pela garota dos pais mortos por minha causa...

O Rosberta já estava diante da Ilha Real, os homens desceram o bote para que todos atravessassem o restante do caminho até a praia. Jonas ajudou Abigail a entrar no pequeno barco e eles seguiram rumo a entrada da ilha. A trilha havia sido enfeitada com pequenas luzes como no natal.

— Parece natal. — Jonas falou em português. Os outros o encararam curiosos.

—Que língua é essa? —Noah o indagou. Tom pigarreou.

— É uma língua que meu pai e eu inventamos. — Jonas mentiu, foi o que conseguiu com o tempo.

—Uau, Elai é incrível! —O menino falou.

—Ah, ele é muito fã do seu pai! —Abigail disse rindo do irmão. —Fica quieta, Abi!

Ao chegarem à praia, Jonas estendeu a mão para sua acompanhante e a ajudou a subir no píer. Depois seguiram lado a lado pela trilha iluminada, volta e meia suas mãos se encostavam de leve. A garota fitou as luzes brancas indicando o caminho e suspirou. —Sinto falta dos Lumis.

— Lumis? — Jonas perguntou, mas o pensamento estava no toque da garota que

poucas horas atrás julgava não ser *seu tipo.*

— Aquele *brinquedinho* que pousou no seu nariz quando chegou a ilha era um Lumis. —Ela sorriu triste.

— O que aconteceu? — Franziu as sobrancelhas, havia se esquecido deles.

— Afundaram com o navio dos meus pais. — Ela respondeu e fitou o chão sob seus pés. Jonas segurou sua mão e ela se surpreendeu. Ele queria poder ajudá-la de alguma forma.

—Sinto muito. —Falou e aquela foi a mais pura verdade.

Noah passou correndo entre os dois fazendo-os soltarem as mãos.

— Noah! — Abigail chamou a atenção do irmão, mas ele já estava longe. — Hoje ele está impossível... nós viemos a Ilha Real mais cedo, notificamos a morte de nossos pais. Acho que só agora ele entendeu...

— E você? Como está lidando com tudo isso? — Essas perguntas nunca passaram por seus lábios antes, era estranho encará-las diante de si. Os olhos da garota marejaram pelo luto e gratidão.

— Obrigada por perguntar. — Respondeu enquanto caminhavam — Não sei exatamente como estou. A história toda ainda é um borrão... sei lá — sorriu triste de novo — acho que nunca vou me acostumar.

—Como que fica essa situação de vocês sem pais? Você ainda é adolescente né?

— Sou maior de idade. Fiz 18 anos em maio... — suspirou triste —agora sou responsável pela grana e pelo garoto.

O barulho que ouviu na manhã em que os pais de Abigail e Noah foram mortos pelo Giatã, ecoou em sua mente alertando que aquilo era por sua causa. Jonas se afastou um pouco da garota, mas ela não notou. Continuou olhando as luzes até que chegaram no centro da cidade: a praça. Noah estava brincando com a água de uma fonte que havia sido adornada com luzes também.

Todo o centro da cidade estava iluminado e ao se aproximarem das construções,

Jonas notou que as linhas pintadas nas paredes brilhavam também, como se estivessem acesas. Ele nunca tinha visto nada parecido. Colocou o dedo indicador entre uma fissura na fonte e as linhas pintadas pareceram se mover, como se pontinhos de brilho minúsculos andassem entre as linhas.

— Vamos logo, antes que a praça fique vazia... já vejo uns soldados da Guarda nos rodeando. — Falou Tom segurando o braço do sobrinho. Ao notá-los, também, apertou os punhos e o maxilar. — Segura a onda, matador. Segura, sua onda... — Tom o repreendeu percebendo sua tensão.

Eles seguiram o caminho para o Palácio, que tinha sua ilha particular no centro da Ilha Real. Jonas ficou sem fôlego quando avistou a construção. Um lago artificial retangular abrigava diversos peixes semelhantes a carpas, bem na entrada dos portões que já estavam escancarados para receber os convidados do baile. Os últimos andares do palácio apontavam para o céu em formato triangular. Várias torres e todas aquelas linhas horizontais e verticais brilhantes enfeitavam as paredes externas.

O jardim era cercado por telas transparentes, Jonas só notou a presença da tela porque uma borboleta pousou e ao toque, formas circulares saíram do centro onde ela pousou e aumentaram de tamanho a circulando em seu comprimento, como quando uma pedra atinge a água, fazendo pequenas ondas.

Na porta principal um Guarda Real pedia identificação.

—Sou Jonas, filho único de Elai Marcus.

O guarda arregalou os olhos surpresos, mas logo escancarou um sorriso brincalhão.

— Essa é boa! Que brincadeira é essa Marcus? — O soldado encarou Tom e o rapaz diversas vezes, estava mesmo achando o garoto a cara do pai.

— Confira você mesmo. Peça o exame. — Tom respondeu sorrindo.

O guarda estreitou os olhos na direção daquele grupo incomum e então fez sinal para outro guarda dentro do Palácio. A lei de Nova Terra é clara, o filho de um soldado tem direito a todos os benefícios de seu pai. Jonas solicitava seu acesso ao baile e seu sangue comprova a filiação. Os guardas que o fitavam surpresos

não podiam negar a semelhança.

— Este garoto quer provar seu direito em nome de Elai Marcus. Traga o material para confirmarmos.

— Não trouxemos... não pensei que fosse necessário... — O outro soldado respondeu, era mais novo que o primeiro, parecia inexperiente no assunto.

—Então busque!

—Não achei que precisaríamos. —Se desculpou.

—Cara, anda logo!

— Sim, senhor. — Ele se apressou para fora do Palácio na direção em que Jonas e seus acompanhantes passaram.

—Teremos que esperar aqui na porta? —Tom perguntou.

— Sim. — O guarda respondeu ainda surpreso com a semelhança.

— Ah, qual é?! O garoto é filho de Elai, você não para de olhar para a cara dele. — Tom insistia — Tem que concordar que é a mesma cara abusada! — Abigail e Noah começaram a rir enquanto Jonas fingia ignorar o tio. — ... as mesmas orelhas, grandes... Ele é muito alto também, como o pai... exageradamente, na verdade. Sempre disse isso a meu irmão, achei desnecessário ele crescer tanto. E também tem esse desespero por músculos... sempre fazendo flexões. Coisa de Elai. Esse garoto é todo o pai dele!

— Voltei! — O soldado mais novo chegou com os instrumentos para fazer o exame e Jonas suspirou aliviado.

— Olha só, ele chegou! — Tom falou comemorando. — Finalmente!

— É uma pena que você não precise mais me ridicularizar, né? —Jonas debochou.

— Estou aqui para ajudar. — O tio falou e colocou a mão no ombro do sobrinho sorrindo brincalhão.

—Me dê seu dedo. —O soldado pediu.

Jonas estendeu o indicador então o soldado o espetou com um instrumento similar a uma caneta prata e colheu seu sangue. O resultado do exame foi exibido segundos depois no Horloge do homem.

— Sim, ele é filho de Elai. — O rapaz estava chocado. Olhou para Jonas mais uma vez e ele mantinha a cara de poucos amigos. — Não te disse, Mathias? — Tom gargalhou afoito, estava preocupado com a feição do soldado que colheu o exame. Esperava que ele não identificasse o Malus Sanguis diante de seus olhos. — O garoto é um Marcus.

— Tudo bem então, sejam bem-vindos! — Mathias respondeu e quando Tom passou por ele deu dois tapinhas em suas costas sorrindo largo. Era um dos soldados que sentia falta do herói de Nova Terra. Ficou empolgado com uma réplica quase perfeita do homem. Talvez isso significasse alguma coisa enfim.

O chão de mármore branco fazia os coturnos nos pés de Jonas parecerem os sapatos mais imundos de todo continente. Vaidoso como é, sentiu vergonha. Ajeitou o paletó e continuou passando entre as pessoas arrumadas como estrelas de cinema no tapete vermelho do Oscar. Seu tio tinha razão, ele estava muito inferior às pessoas ao seu redor e odiou a sensação. Além de assumir o quão ingênuo foi ao não imaginar que isso fosse acontecer.

É um baile real, imbecil. Achou que o povo ia usar chinelos?

Pelo palácio, luzes como vagalumes dançavam valsa no ar, o que deixou Abigail extasiada. Por um instante Jonas se sentiu melhor ao saber que sua acompanhante estava se divertindo. A luz mais amena do lugar favorecia a aparição das luzinhas artificias que circulavam todas as áreas. O sorriso da garota o convenceu a se concentrar em outras coisas. Esticando a mão para conferir um dos vagalumes de perto, seu rosto se iluminava pelo pequeno feixe de luz. Como não alcançou, Jonas o pegou com uma mão só e despejou o bichinho de lata em suas mãos.

— Parecem muito com os Lumis... — Ela disse saudosa. — Só que versões muito mais elaboradas.

— Aposto que esses não mandam ninguém para o hospital. — Jonas brincou. Abigail ainda não sabia que ele conhecia a história e se surpreendeu, mas logo tomou as rédeas da situação:

— Talvez eles ainda não saibam o quanto você merece. — Semicerrou os olhos sorrindo.

— Beleza! — Levantou os braços em sinal de rendição. — Você está coberta de razão.

— Eu sempre tenho razão, e quanto antes você entender isso, melhor. — Brincou também e levantou a mão jogando o dispositivo no ar. —Vem, vamos continuar andando...

No fundo do salão principal, no centro exato do castelo, num lugar mais elevado estava a realeza em tronos estofados com encostos adornados em arabescos de ouro. Quando Jonas os viu pensou em representações artísticas de divindades. Eles usavam coroas que imitavam raios solares e todos, sem exceção, usavam vestes douradas combinando com os adornos da cabeça. Os olhos frios de Hadassa circulavam o lugar. Seu queixo erguido demonstrava o quanto se sentia superior.

No pé direito extravagantemente alto, haviam vários lustres com cristais que desciam como gotas. Algumas luzinhas imitando vagalumes passavam entre eles os fazendo reluzir feito diamantes. Caelum Arcus bem polidas.

Uma música ambiente com flautas, violinos e piano enchia o lugar, as pessoas quase não conversavam para ouvi-la. A sensação que a música trazia era quase palpável. Um pouco de melancolia disfarçada de felicidade. Jonas se lembrou de um artigo que leu um ano antes sobre como as músicas podem interferir no nosso humor. Se questionou se a realeza tinha consciência disso. Seria uma forma interessante de manipular as sensações.

— Talvez devêssemos apresentá-lo ao rei. — Tom falou no ouvido do sobrinho.

— Jonas, gostaria de dançar comigo? — Abigail perguntou. Ela não havia escutado o que Tom disse.

— Dançar?

Seu tio assentiu e sussurrou “acho que isso vai ajudar”, puxou Noah para o canto na promessa de encontrarem algo mais interessante para fazer.

Algumas pessoas dançavam acompanhadas no centro do salão. Jonas encarou como uma boa forma de ser visto por Hadassa, que estava sentada em um trono ao lado de seu pai, o velhinho rei Gustavo. Mas para ser visto precisava ficar mais evidente, então levou a menina para o mais próximo da elevação dos tronos que conseguiu. Quando finalmente se deu conta de que estava prestes a dançar com Abigail, olhou dentro dos olhos dela buscando respostas para seus pensamentos mais profundos, esquecendo o que deveria fazer de verdade. Ela sorriu e segurou a mão dele. Ele olhou para os lados e notou que os homens tocavam de leve a cintura das acompanhantes e foi o que fez, Abigail deu um passinho para trás: —Perto demais, espertinho.

—É mesmo? —Ele perguntou sem graça.

Na América do Sul, homens e mulheres dançam sem o menor pudor, colados corpo a corpo sem se importar com qualquer tipo de defraudação. Jonas anotou em sua memória aquela informação: *as mulheres,* ou no caso de Abigail: *garotas novaterrianas são bem recatadas.*

Com o pensamento a mil a respeito da moça ser mais certinha do que as garotas que conhecia e com o fato de que precisava ser visto por Hadassa, sem querer, apertou um pouco a cintura da acompanhante e, ela em resposta, apertou seus dedos com força torcendo-os. Ele, por instinto, soltou sua cintura. A garota quando viu que Jonas aprendera a lição, brincalhona, girou por debaixo do braço dele sorrindo.

— Me aperte de novo... sempre quis ver um dedo quebrado de pertinho! — Sorriu mostrando todos os dentes. O rapaz soltou uma gargalhada baixinha.

— Desculpe. É que as danças de onde eu venho são bem diferentes. — Abigail franziu o cenho e Jonas se arrependeu do que disse.

Eles dançaram até a música acabar. O rapaz olhou para o lado mais elevado onde estavam todos da realeza, mas não encontrou Hadassa.

— O que foi? — Abigail perguntou encarando o lugar para onde ele olhava.

—Nada. Só pensei ter visto alguém.

A mulher que queria encontrar deu o ar de sua presença assim que a dança terminou. Apareceu atrás de Jonas, o cutucou no ombro e falou:

— Me concede a honra de dançar com você, Jonas Marcus? — Sua voz parecia um pouco nervosa.

Abigail abaixou os olhos e flexionou os joelhos em sinal de reverência. Jonas, por outro lado, a encarou de queixo erguido, esperando que a língua dela o chicoteasse feito a de uma cobra. Era assim que ele a imaginava. Olhou dentro de seus olhos negros e viu a profundidade de alguém que pode tudo. Encarou a coroa em sua cabeça, era extravagante demais. Sentiu como se estivesse diante de uma patricinha dos tempos da escola e não havia nada que ele achasse mais ridículo.

— Jonas, dance com Vossa Alteza. — Abigail falou baixinho em repreensão.

Ele assentiu para a acompanhante e ela deixou seu campo de visão. Se virou enojado para a princesa e segurou de leve a cintura da mulher. Hadassa, por outro lado, apertou sua mão por cima da do rapaz deixando-o desconcertado. Talvez nem todas as novaterrianas sejam recatadas.

— Seu pai dançava assim comigo. — Mentiu com um sorriso atrevido. O rosto de Jonas queimou com o desrespeito a sua mãe. — Sabe, você me livrou de um problemão hoje, Jonas. — Concluiu quando a música começou e os dois iniciaram a dança.

— Que pena, queria que você tivesse problemas. Quando mais melhor. — Respondeu sorrindo irônico.

— Olha, olha! — Zombou. — Não deveria falar assim com uma princesa, sabia?

—Caguei para seu título idiota. —Completou entediado. —Ainda assim, obrigada. —Fingiu não ter se ofendido.

— Como eu te ajudei? — Jonas perguntou fingindo falta de interesse.

—Veio na direção que eu queria. Estava mesmo te procurando.

— Mas eu duvido que esperasse que eu aparecesse no seu bailezinho. — Caçoou.

— Bailezinho? — Ela gargalhou — Assim você me ofende! Eu passei meses planejando tudo...

—Já estive em melhores! —Mentiu dando de ombros.

— Por que toda essa raiva de mim, queridinho? Não estou entendendo. Sempre quis seu bem. —Sorriu abusada.

— Sei lá, você mandou dois caras atrás de mim no meu continente... eles me arrastaram pra cá. Um bichão enorme quer me matar... — ironizou sua trajetória — não sei porque eu deveria sentir raiva de você, afinal, só me quer morto... só isso.

— Não quero que você morra. Seu pai iria ficar arrasado... — Mentiu mais uma vez. Entretanto sua ideia já havia mudado tantas vezes, que nem ela sabia ao certo. Só queria Elai de volta.

—O que você quer então?

— Sabe que eu ainda não sei exatamente? A única coisa que eu tenho certeza é que seu pai, mais cedo ou mais tarde, aparecerá aqui por sua causa.

—Isso é o que você diz. —Jonas deu de ombros.

— Gostou do Tritão? — Ela perguntou ignorando a fala do rapaz. Analisou sua expressão que permaneceu imóvel.

—Cara maneiro.

— ... legal... Hã, soube que o Giatã matou umas pessoas... — disse e mirou Abigail dançando com Noah mais ao longe. — Seria péssimo se ela soubesse não acha?

— Por que não vai lá contar? Eu ia gostar de contar segredos também... —

Levantou o indicador no ar fez círculos para cima — bastante gente para ouvir o que tenho pra contar.

— Agora sim! — Ela comemorou. — Somos mais parecidos do que imaginava, queridinho. Mas, sabe, tem uma coisa que não sai da minha cabeça: por que o Giatã não voltou ainda? Já parou para pensar nisso?

— Talvez ele apareça hoje, aí você morre juntinho comigo. — Respondeu petulante segurando-a cintura dela.

Hadassa estalou a língua, sorriu debochada e olhou na direção do Comandante Ares, que pareceu impaciente do outro lado do salão. Era um homem ciumento e acabara de ser derrotado. Como

faria com que a princesa se casasse com ele agora que Jonas deu as caras no palácio?

— Cada monstro te deu uma coisinha... O Giatã deu a morte dos pais da sua namoradinha...

— Ela não é minha namorada, mais respeito. — Falou categórico com o maxilar apertado em ira.

— ... tanto faz. — Revirou os olhos. — Você é igualzinho ao seu pai, não sabe aproveitar as coisas boas de Nova Terra! — Jonas bufou de raiva. — Continuando... tenho certeza que o Tritão deve ter te dado uma coisa melhor do que a chance de sobreviver. Pelo o que eu soube ele adora uma carninha humana.

— Pois é, você pode ir tranquila na caverna bater um papo com ele, está pele e osso. —Zombou da aparência magra da princesa. — Há! Essa foi ótima! — Riu da ousadia — Agora desembucha, ele te deu alguma coisa?

— Um artefato... uma concha... — Jonas olhou ao redor fingindo preocupação de ser ouvido. — ... que quando você coloca na orelha faz um barulho esquisito...

—Que tipo de barulho? —Hadassa mordeu a isca.

—Som de ondas quebrando no mar. Muito bacana. —O rosto de Hadassa

obscureceu. — Posso vir aqui outro dia trazer pra você conferir...

— Muito engraçadinho. Quando seu pai voltar, a gente resolve esse seu comportamento.

—Eu tenho mãe, obrigado.

Hadassa sorriu debochada e falou:

—É mesmo? —Fez uma pausa para que ele se questionasse — Obrigada pela dança, queridinho. — Ela disse e apertou a bochecha dele. —A gente vai se ver. Pode apostar.

Hadassa soltou a mão de Jonas que ainda a segurava, mas ele a apertou firme pela cintura e encarou dentro dos seus olhos. Sem medo do que viesse a seguir, a ameaçou como um homem já adulto: — Você pode ser a princesa aqui e talvez meu pai te devesse algum respeito, porém não está diante dele. Se tiver feito algo a minha mãe... um corte que seja a um fio de cabelo dela, vai ser a última coisa que fez.

Hadassa nem se mexeu. O encarou e susteve o olhar por muito tempo. Sorria extasiada com a coragem do rapaz. Ares se aproximou e ela levantou uma mão na direção dele o mandando parar. Jonas continuou a encarando de frente, ainda com a mão firme em sua cintura. Ela sentia dor, todavia não demonstrou fraqueza diante do garoto. O odiava muito, sua existência era uma afronta ao governo monarca e aos planos de ser esposa de Elai. Ainda assim, a semelhança era inegável.

—Vejo seu pai em você. —Ela tentou elogiá-lo.

— Não é o meu pai que você está vendo, posso te garantir isso. —Ele respondeu e a soltou.

Hadassa se desconcertou quando ele o fez. Sentiu a pele queimar no formato dos dedos do rapaz. *Ele é um guerreiro como o pai*, pensou. Quando mandou que Luca e Lio fossem atrás de Jonas não tinha a imagem que recebeu diante de seus olhos no baile. Ficou surpresa até o último fio de cabelo. Desde a foto que conseguiu da “família feliz”, Jonas havia crescido bons centímetros e estava muito mais forte.

A expressão dele era como a de quem sentiu algum cheiro pútrido. Narinas dilatadas, olhos semicerrados, dentes quase à mostra. O corpo dele formigava tamanho ódio que sentia. Elai e Jonas eram parecidos em muitos aspectos, só que o mais novo tinha uma raiva crescente no peito que era alimentada há anos pela falta de respostas. A ausência do pai o deixou livre para nutrir suas próprias batalhas. Nunca havia batido em mulher alguma, mas o fato de Hadassa ter insinuado que poderia fazer algo a sua mãe o deixou fora de si. Seus olhos capitaram o perigo. Em milésimos de segundos o cérebro enviou a informação para o restante do corpo. Adrenalina pulsava em suas veias. Se fosse possível um homem ser metade monstro, seria neste momento que a metade monstro de Jonas iria se sobressair.

—Sim, seu pai é inteligente. —Ela respondeu zombeteira.

Ares encarou o rapaz com os punhos apertados, alguns soldados fardados circulavam ao redor. Não era hora de brigar.

—Comandante. —Hadassa o chamou e ele veio rapidamente. — Só não esquece do petisco dele depois. — Jonas disse insinuando que Ares era um cachorrinho. O homem se virou para o

garoto e o encarou por alguns segundos, depois desviou o olhar e seguiu a princesa pelo salão.

— Você ficou maluco? — Tom apareceu para repreender o garoto. — Ela pode te matar a hora que quiser e ninguém vai se opor. Precisa ser visto e amado como seu pai, não odiado! Desse jeito vai dificultar as coisas para você.

—Adoro um desafio. —Jonas rosnou em resposta.

— Tá agindo feito um tonto. Use o sangue Marcus que você tem e esquece o tonto que há em você.

— Que droga é essa de tonto? — Indagou irado — Já entendi que você me acha burro, pode parar.

—Sim, você é mesmo burro. Mas tonto é o nome que damos aos que não são de Nova Terra. —Respondeu ríspido.

— Só que o significado de tonto na minha língua é o mesmo que tolo, burro.

—Agora você pegou a essência! —Tom zombou e Jonas revirou os olhos.

—Apelidinho babaca, hein?

Antes que Tom pudesse responder, o rei se aproximou do palanque e à frente dele um microfone no mais alto volume. A pele branca enrugada deixava clara sua idade. A roupa dourada, entretanto, iluminava-o de forma juvenil:

— Boa noite a todos. Sejam bem-vindos à minha casa. — Sua voz saiu firme e seu sorriso estampava o rosto. Tom e Jonas pararam de discutir para escutá-lo. Vários convidados se aproximaram com suas taças mirando o alto. — Gostaria de brindar a vida de nosso continente. Todos os outros foram dizimados por causa de seus delitos e pecados, porém, nós saímos vitoriosos. Isso antes mesmo de nascermos e faz muito tempo! — Ele brincou e depois continuou: — Somente nós sobrevivemos. Do primeiro continente ao sexto. Portanto, que este baile anual eternize isso em nossos corações. Eu brindo à Nova Terra, o sétimo e último continente na Terra.

Todos os convidados levantaram suas taças e brindaram a vida em Nova Terra. Jonas achou-os os verdadeiros tontos.

Então esses idiotas acreditam mesmo que são os únicos na Terra?

Buscou na memória a extensão dos continentes e chegou a conclusão de que a Ásia era o primeiro continente, o segundo era a América, o terceiro a África, o quarto continente era Antártida, o quinto era a Europa, o sexto Oceania e por último havia o sétimo: Nova Terra.

Porém, antes que pensasse mais no assunto uma música semelhante a salsa começou a tocar.

— É sério que esse lixo me acompanhou até aqui? — Jonas bufou querendo o bom e velho Rock ‘n’ Roll que tocava em seus fones de ouvidos, antes de serem danificados pela água salgada. Tom sorriu mesmo sem entender e começou a dançar movimentando os ombros. Ao redor dos dois, todos dançavam movimentos parecidos. Jonas procurou de onde vinha aquele som que

considerava irritante e encontrou instrumentistas dançando ao ritmo dela. O garoto procurou nos olhos do tio algum sinal de hipnose. Para ele era impossível que alguém conseguisse gostar daquilo. Tom sorria e se aproximava dançando. Jonas não conseguiu se segurar por muito tempo, começou a rir dos movimentos do tio.

—Até que pra um velho você dança muito bem. —Jonas disse e Tom andou dançando mais próximo só para lhe dar um pescotapa. Ele reclamou rindo alto: — Ai!

—Se liga, *tonto* !

Enquanto observava o pé de valsa que estava à sua frente, se lembrou dos pais que quando se encontravam gostavam de dançar aquele ritmo, fazia tempo que ele não os via juntos, mas a memória ainda era viva. Até tentava se desvencilhar, só que não havia nada que não o fizesse lembrar de sua vida no segundo continente, ou em seu pai. Por mais que estivesse com muita raiva de Elai, e preocupado com a mãe, a memória ia e vinha na mesma proporção que os pés de seu tio se moviam no chão.

Para surpresa do garoto, ele puxou uma senhora para dançar. Ela aceitou e os dois rodopiaram no meio do salão. Abigail se aproximou de Jonas também se balançando, porém seu interesse não era convidá-lo para dançar, estava mais empolgada em assistir junto dele: Tom, quase um dançarino profissional. Parecia vir direto da América Latina. Ao contrário do que Jonas queria acreditar, aquela dança não era nada parecida com a que poderia ser

encontrada nos outros continentes. Os homens tinham um jeito específico de mostrar força e masculinidade.

— Já ouvi uma história sobre seu tio ter tentado ser um bailarino profissional... — sussurrou ao lado de Jonas e ele quase engasgou de tanto rir. —Nunca diga que fui eu quem te contou.

Ainda do lado de Jonas, observando o casal dançando, movimentava as mãos próximas as coxas como se as estivesse delineando água, ela se sente confortável com o mar e sempre que pode se lembra dele. Com seus movimentos de mão e ao olhar Tom e a senhora no centro do salão, se lembrou dos pais também. A forma como seu pai tinha dificuldades em demonstrar carinho, mas que sempre

sabia exatamente daquilo que eles precisavam. Do jeito meigo da mãe ao colocar mechas de seus cabelos atrás da orelha quando ela estava experimentando tecnologias novas abaixo do convés. Pensou nos dois quando mais cedo teve que notificar suas mortes e se declarar capaz de cuidar do irmão mais novo. Se lembrou deles ao sentir medo por ter que assumir todas contas bancárias da família e pensar em como cuidar de todos os detalhes para que nada nunca os falte.

Pensou principalmente na mãe, quando teve que se dar por vencida e comprar roupas novas sozinha. Ela usara roupas masculinas por tempo demais, não podia continuar com aquilo. Já foi muito complicado andar entre a Ilha Real daquela forma, que dirá agora que terá que cuidar de tudo pelos dois, Noah e ela. Olhar Tom dançando a fez pensar no peso que o Giatã colocou sobre seus ombros, no que ela julgou cedo demais. Se ao menos seu irmão fosse mais velho, talvez eles tivessem que enfrentar problemas diferentes e quem sabe não fosse mais fácil.

Jonas a encarava outra vez curioso para entender o que se passava em sua cabeça.

—Você... —Os dois falaram ao mesmo tempo.

—Você primeiro. —Jonas disse.

—Quer conhecer o jardim real? —Ela perguntou.

— Quero. — Respondeu quase a interrompendo, por pouco não ouve a frase completa.

—Então vamos... o que você queria falar?

— Queria saber se não tinha nada mais interessante para fazer aqui nessa ilha. — Ele respondeu.

—Talvez o jardim te desaponte...

— Vamos descobrir. — Falou sorrindo. Fazia tempo que não sorria tanto.

Saindo pela lateral do salão, os dois encontraram a portão aberto para o jardim. Um frio na barriga atingiu Abigail. Apesar de tê-lo convidado, ela não fazia

ideia do que os dois poderiam encontrar. Nunca havia ido a outro lugar do palácio senão o salão. No chão haviam pedrinhas brancas polidas. Jonas imaginou servos agachados no chão esfregando aquelas pedras para que ficassem branquinhas. Revirou os olhos àquela extravagância.

A grama do jardim estava muito bem aparada e tinha cheirinho de acampamento. Jonas se lembrou de quando sua mãe o levou a um acampamento da igreja. A única coisa que ele realmente gostou foi aquele cheiro característico de grama recém cortada. Um sorriso pintou seu rosto até ele pensar na mãe de novo e se dar conta de que talvez ela esteja em perigo. Engoliu em seco e recolheu o sorriso.

Os arbustos firmavam-se arredondados por todos os lados. Jonas estendeu os olhos e viu os campos de força em volta do jardim e se sentiu aprisionado.

—É assim que os animais se sentem então...

—O que disse? —Abigail perguntou.

— Os campos de força... — ele apontou para um ponto onde um inseto havia pousado, deixando um mar de pequenas ondas multicoloridas. —Os animais devem se sentir aprisionados.

—Talvez. Bem observado.

Os dois ficaram em silêncio enquanto caminhavam pelo jardim. Jonas estava começando a se sentir estranho ao lado de Abigail, ela por outro lado não se importava com o silêncio, as vezes até o preferia. Acreditava em todas as palavras que podem ser sentidas no calar e mesmo assim, apreciava o silêncio para não precisar compartilhar o que não quisesse. Tem o costume de falar demais quando fica nervosa. Ela não emanava nenhuma palavra, nem sentia aquilo que Jonas queria dizer e por causa disso, se sentia em paz. Haviam muitos sentimentos que estava guardando para si na

esperança de se livrar deles mais rápido. Muitos de Nova Terra lidam com suas dores dessa forma e Abigail não queria fugir à regra. Andaram por alguns minutos até que encontrarem um labirinto. Havia um campo de força alguns metros antes da entrada impedindo que eles chegassem mais perto.

— Existe uma lenda a respeito desse labirinto. — Ela finalmente falou.

—Aposto que existe. —Jonas brincou.

— Dizem que ele age como o basilísco, para nos manter dentro dele até o fim da vida.

— Basilísco?

— Sim, a serpente. — Disse e se agachou. Colocou a mão na terra à sua frente e logo tirou —É... já posso sentir.

— O que você sentiu? — Jonas perguntou enquanto ela se levantava. Pensou que a garota era muito mais interessante que o baile. Ficaria ali fazendo o máximo de perguntas para desvendá-la mais rápido.

—Você não sabe o poder do basilísco?

Não respondeu, talvez fazer perguntas não fosse uma boa ideia afinal. Teve medo de fazê-la entender que estava num lugar que não lhe pertence. Por mais que ele desejasse de todo coração dizer a verdade para Abigail, que já sofrera demais com a sua chegada, não podia. Havia muito em jogo e talvez isso representasse mais perigo. —Ele mostra o nosso maior desejo. —Ao ouvir esta frase, Jonas pensou no que ele encontraria naquele labirinto. Seria sua mãe?

—Algumas pessoas se perderam aí dentro e enlouqueceram... —Mas não é uma lenda?

— Sim. É uma lenda... — Abigail falou sem acreditar em suas palavras.

Ela olhou para o interior do labirinto já escurecido pela noite e pensou nos pais e que provavelmente os veria vivos lá dentro. A possibilidade de entrar naquela ilusão estava queimando em seu peito, aquele era seu maior desejo no momento. Era um alívio saber que havia um campo força ao redor dele a impedindo, pois, lenda ou não, não sabia se voltaria a salvo. Jonas, compadecido pelo sentimento da garota que emanou no silêncio, colocou a mão no

ombro dela, o que a assustou como quando ele segurou sua mão. Ele engoliu em seco e retirou sua mão envergonhado.

—Acho melhor a gente voltar. —Ela disse sem graça.

—Tá. —Respondeu ressentido.

Voltaram o caminho que fizeram, mas agora o silêncio os incomodava. Abigail queria poder dizer que estava tudo bem, porém, por gostar tanto do silêncio, não sabia o que dizer. Ele andou o mais rápido que pôde, justamente por não querer ouvir nada.

Quando estavam próximos da entrada do palácio viram Hadassa e Ares saindo do salão em direção ao jardim. Jonas puxou Abigail pelo braço e se escondeu com ela entre os altos arbustos.

—O que você está fazendo? —Ela cochichou.

— Shiu! — A repreendeu e apurou os ouvidos para entender o que Hadassa falava.

—... não, isso não vai acontecer. —Ela falou veemente.

Ares se aborreceu e segurou firme o braço da princesa. Abigail prendeu a respiração. Aquilo era uma afronta.

—Solte meu braço. —Ela falou com raiva.

—Eu ainda sei de muita coisa...

— Não há necessidade de nenhum de nós cumprir o que prometemos. O garoto apareceu. — Falou de queixo erguido, mas sentia medo.

— Não importa. Eu continuo sabendo de muita coisa... — Ares disse nervoso —... aposto que gostou do garoto ser a cara do pai.

— Está com ciúmes? Sério? — Hadassa tinha lágrimas nos olhos. Ares se ajeitou e soltou o braço da princesa. — Isso me dá nojo.

— Nega que o achou parecido com o pai? — Ares interrogou cheio de ódio.

— Não.

— Aposto que já esqueceu seu propósito. — Ele cuspiu as palavras.

— Não pense que eu não sei qual é o seu. Você quer que Elai apareça para acabar de vez com a rixa que vocês têm. — Falou zombando: — Aliás, só você a tem, porque ele mal sabe da sua existência.

Abigail se virou para Jonas e o encarou surpresa. Ele tentou ignorá-la, todavia, estavam muito próximos, era impossível não notar seus olhos o mirando.

—Isso é o que você quer acreditar, Alteza. Não sabe de nada. —Você me enoja.

—É, você já me disse isso. —Ele caçoou.

—Porque é verdade —Hadassa debochou —Mas por favor, não me diga que duelará pela minha mão. Seria ridículo.

— E improvável também. Elai jamais lutaria pela sua mão. — Ares a alfinetou.

A mulher levantou o dedo em riste e apontou para ele. Aquela imagem deu a Jonas a impressão de que um deus estava prestes a amaldiçoar um mortal. Pelo tom dourado que usava dos pés à cabeça, somado a luz amarelada do jardim, a expressão da princesa se intensificou e enalteceu o ódio pulsante em sua pele. Ares, alguns centímetros mais alto, deu meio passo para trás, mas parecia gostar da situação difícil em que se meteu.

— Escolha muito bem suas palavras. Não se esqueça de que você é apenas um peão no meu tabuleiro e eu posso sacrificar você a hora que eu bem entender.

— Você fica linda quando está nervosa. — Ares respondeu sorrindo atrevido. Hadassa bufou e o deixou sozinho no jardim.

A garota nos arbustos estava desconfortável e ao ver a princesa entrando para o palácio relaxou um pouco, soltando o ar. Os ouvidos apurados de Ares capitaram o mínimo som e seus olhos o acompanharam. Com um pé à frente do outro, caminhou lentamente na direção do som. Puxou uma faca do cinto de suas vestes. Jonas prendeu a respiração e tapou a boca de Abigail. Ela segurou o braço do rapaz com força, morrendo de medo de que os dois fossem

encontrados.

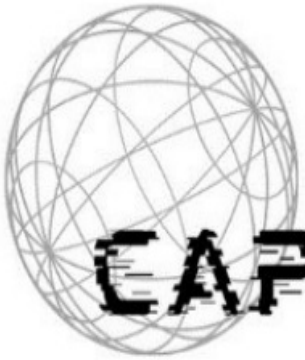
— Ares... — Um guarda o chamou na entrada para o palácio. — ... precisamos que você dê uma olhada aqui...

O Comandante parou, só que ainda de olhos semicerrados na direção de Jonas e Abigail. Não os enxergava, porém sabia que estava sendo observado de volta.

—Ares? —O guarda chamou de novo.

— Já ouvi. Estou indo. — Respondeu ríspido e foi na direção do guarda e os dois sumiram dentro do salão.

Jonas respirou fundo e soltou Abigail, que saiu do arbusto de imediato. Entraram no palácio em silêncio e reflexivos ao que tinham escutado, ambos por motivos diferentes. Abigail ainda não sabia de toda a história e começou a somar as informações, enquanto Jonas, pensava de que forma ele poderia encontrar o pai ou melhor ainda, como ele poderia burlar o sistema da Redoma e fugir daquele lugar o mais rápido possível.



CAPÍTULO 14

CAVERNA DO TRITÃO, MINA DE CAELUM ARCUS, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Dois soldados estavam parados de frente para a pequena abertura na mina de Caelum Arcus que leva a Caverna do Tritão. Ambos haviam acabado de completar o rito de passagem. Não foram bem-sucedidos, levaram uma semana para sair da mata e no lugar de enfrentarem uma fera cada, os dois levaram um só corpo para o acampamento. Trabalharam em conjunto, mas Ares desconsiderou o trabalho em equipe e os julgou fracos assim que os encontraram lavando suas feridas.

O Comandante sabia que precisava enviar a notícia de que dois homens morreram na Caverna do Tritão para a princesa Hadassa. Era o que ela queria. Na verdade, ela só tinha interesse em saber se o Tritão havia ou não morrido. Ares já sabia que ele ainda estava vivo, porém não iria perder seu tempo discutindo o assunto. Se a princesa quer provas, ele enviará provas. Ou melhor, contará a história.

Deixou duas testemunhas na abertura da caverna para ouvir os gritos dos soldados. Para ele a questão era simples: no reino animal, um filhote que nasce mais fraco ou deficiente é considerado bondade matá-lo no ninho, já que na selva não existe inclusão. Desse modo, não estava sendo um homem mau, estava

apenas cuidado para que soldados fracos não manchassem sua reputação. Mesmo que

dezenas de homens fracos tenham se multiplicado pelo acampamento e que matar todos seja complicado para as estatísticas.

Fazia tempo que Ares não encontrava guerreiros de verdade.

— Tem certeza que nos enviaram para essa missão? — Perguntou um deles.

—Entrem logo, o Comandante quer que vocês documentem tudo que encontrarem aí dentro.

—Nós vamos morrer. —O outro disse.

—Não se forem bons soldados.

Engoliram em seco e adentraram a caverna. Os outros dois se entreolharam, um deles deu de ombro pensando que não fazia diferença se os dois voltariam ou não e então se sentou no chão de costas para a caverna, apoiando-se entre as paredes da mina. Não havia trabalhadores, o sol estava quase se ponto naquele dia quente. —Hoje está muito quente, notou?

— Notei. — Respondeu o soldado e continuou olhando para dentro da caverna atento ao que pudesse ver e ouvir.

— Acho que eles vão morrer em... — olhou no Horloge e disse: —10 minutos. E você? Acha que eles morrem em quanto tempo?

—Cale a boca! Poderia ser nós dois!

— Elai jamais faria isso conosco. — O rapaz constatou angustiado.

— Sim, mas é Ares quem comanda o posto militar agora, o que você acha que vai nos acontecer se não melhorarmos em combate? —Indagou com a verdade quase presa na garganta.

—Você se preocupa demais!

— E você de menos. Deveríamos pensar nisso. Elai sumiu e não tem previsão de voltar. Já pensou se Ares decide que somos os próximos em missão suicida?

— A Guarda Real precisa de pessoal especializado, o número de soldados no posto militar vai diminuir em breve. Ele não é burro de nos mandar para morte e perder mais gente.

Um dos soldados gritou dentro da caverna. Ele estava apavorado:

—Socorro! Miguel está morto, me ajudem, por favor.

O soldado temeroso por seu futuro com Ares como Comandante, tirou a besta das costas e a apontou para a entrada da caverna. Colocou o dedo indicador no ar acima do gatilho e esperou. Eles ouviram o barulho da água subindo. Os passos do rapaz se arrastavam no líquido que inundava a caverna. O soldado se movimentou para entrar.

— Pedro, não faça isso. — O soldado que estava sentado se levantou e parou o colega no caminho com a mão na saída dos dardos da besta.

—Tire a mão daí, Natã. —Ele obedeceu.

Pedro colocou o pé na entrada da caverna que estava muito escura. Esperou a visão ser recuperada e quando notou o que estava diante de seus olhos desejou voltar para a escuridão. O Tritão havia levantado a parede de água novamente e ele e o outro soldado estavam submersos. O monstro com as mãos no pescoço da vítima. Quando notou a presença do rapaz na entrada da caverna, o observou e então mostrou os dentes.

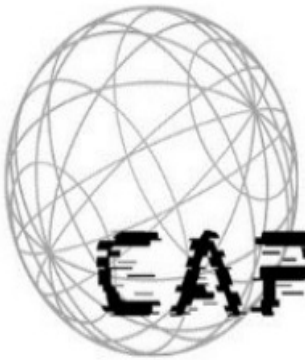
Pedro saiu da caverna desesperado.

— Pedro, o que houve? — O colega perguntou, mas ele corria para longe da mina. —O que você viu?

—Espero que esse seja mesmo o último da espécie.

— Como ele se parece? — Perguntou, só que não queria ouvir a resposta. Estava muito assustado.

—Parece um ser das profundezas.



CAPÍTULO 15

JANEIRO DE 2014, CIDADE FLUTUANTE, ILHA DO SIRI, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Desde que havia se machucado com a Espada Indestrutível, nunca mais a manuseou de novo. A deixou guardada na gaveta de roupas de Benjamim. Após tê-lo conhecido, não houve um só dia em que entrasse no quarto e não se perguntasse a respeito do primo. Por causa desse sentimento de culpa, dormiu no sofá algumas noites. Benjamim já estava muito bem, tanto que voltou para a mina. Tom o visitou todos os dias desde que ele retornou do hospital. Jonas não acompanhou nenhuma das visitas, mas o tio sempre voltava para o Rosberta muito mais nervoso do que da vez anterior. —Não acha que está perdendo tempo demais sem saber o que a espada esconde? — Perguntou uma tarde quando Jonas estava debruçado sobre um livro sentado à mesa.

— Hã? — Indagou e quando levantou os olhos notou Abigail sentada no sofá o observando.

Os dois não estavam se falando direito desde o baile. Ele sabia o que aquilo significava, então se aprumou todo enquanto conversava com o tio. Abigail ficou envergonhada e saiu de seu campo de visão. Percebendo o quanto era idiota,

respirou fundo frustrado. Gostava de entender as garotas, só que aquela era difícil demais de decifrar.

— Ei, preste atenção em mim! — Tom estalou os dedos na frente do sobrinho. — Seu pai lhe deu a incumbência de descobrir o

próximo passo. O Tritão lhe deu essa dica... não é?

— A única coisa que o Tritão me disse é que o estava por vir era maior do que ele e que não podia fazer nada senão esperar.

—E isso quer dizer o quê?

— E eu que vou saber? — Jonas interrogou desrespeitoso e levou um tapa na nuca como castigo. — Você precisa parar com isso, é irritante.

— Conheço atitudes bem irritantes também! Enfim, você é um idiota, mas precisa me respeitar. — Tom falou como se dissesse algo óbvio. O garoto revirou os olhos quando o tio não estava olhando. — Minha mãe contava uma história quando a gente era criança, de que havia uma espécie de metamorfos, que eram metade homem metade peixe. Alguns acreditaram que eles viviam naquela caverna que você atravessou. Só que a lenda dizia que eram animais que apenas reproduziam frases que aprenderam. A memória deles seria curta, portanto quem quisesse receber uma mensagem teria que encontrá-los logo.

—Então ele não deveria ser inteligente assim?

— Não.

— ... ele manipulou a água que havia dentro da caverna. — Jonas falou quase que para si mesmo.

— Com certeza os metamorfos na lenda não fazem isso. — Tom respondeu enfatizando sua curiosidade.

—O que é aquilo então?

—Pode ser um espírito infernal.

Jonas o encarou estupefato. Já havia escutado demais. Acreditar em espíritos era a gota d’água.

— É sério que você acredita em demônios? — Indagou entediado.

— Que palavra é essa? — Tom perguntou confuso — Isso é português?

—É. É a tradução do que você falou.

— Então sim, acredito na existência deles e você deveria acreditar. — Falou categórico — Eles sabem muito bem que você existe. Agora a minha pergunta é: por que seu pai se associou a isso?

—Ah, tio, para! Essas coisas não existem.

— ... seu pai deve ter um plano muito sério para fazer isso. — Tom começou a ponderar ignorando o comentário do sobrinho. — Ele disse que só tinha que esperar o que estava por vir e que era maior que ele...

—Tá aí uma coisa que não faz o menor sentido. —Jonas se deu por vencido — Por que ele obedeceria a alguém, já que é um espírito infernal?

—Porque o que vem é maior que ele. —O mais velho respondeu como quem diz o óbvio — Não seja burro, garoto! Se concentre. O que o seu pai estava fazendo ali naquele lugar? A espada não deveria estar lá... acho que ele a levou para o “Tritão” guardar... — Tom ficou pálido de repente.

— Benjamim não vai entrar naquele lugar. Eu tenho certeza disso. — Jonas falou e o tio engoliu em seco e acreditou também. Precisava acreditar.

— ... os homens que trabalham na mina são escravos e ninguém se importa com eles. — Disse para si mesmo — Então é isso, ele poderia ficar à margem fazendo o que bem quisesse. Mas por que seu pai confiou a espada a ele?

— Ele deveria saber que eu ia entrar na mina querendo respostas. Porque aquele foi o último lugar em que esteve. — O garoto estava convicto —Fez um acordo com o Tritão...

—... ele sabia que o Tritão não era o da lenda. —Tom levantou o dedo e

balançou no ar — Seu pai sempre foi muito racional. Ele sabia que algo estava por vir e que o espírito infernal não seria capaz de detê-lo. Então o que seu pai está fazendo tem a ver com a Vontade Soberana.

—Vai começar...

— Nenhum espírito infernal se coloca na frente dos planos do Soberano, Jonas... mas não é isso o que você está pensando. Você tem dúvidas a respeito da existência dEle.

— Esse lance de deus não é comigo. Na minha terra um monte de gente fica maluca por causa de crenças. — Jonas respondeu. — Inclusive, você tá parecendo um maluco agora.

— Beleza, problema seu se não acredita — Tom revirou os olhos —, só que agora a gente precisa descobrir o que a espada está escondendo e partir daí.

— Você não está preocupado em saber como meu pai saiu da caverna, já que ninguém o viu saindo pela entrada da mina?

—Eu sei por onde ele saiu, não temos respostas lá.

— E você só me fala isso agora? — Jonas se levantou estupefato.

—Não interessa, eu já conferi, não há sinal algum dele.

—Eu quero ver o lugar.

— Uma hora dessas te levo, — mentiu, não tinha o menor interesse em levá-lo a qualquer lugar que não fizesse parte da jornada — agora pare de bancar o tonto e vamos! Pegue a espada, vamos dar uma olhadinha...

Jonas entrou no quarto do primo e se concentrou somente na espada guardada dentro da gaveta. Respirou fundo e pegou-a ainda em formato de caneta. Apertou o botão que a revelava. A movimentou no ar girando o pulso e pensou em como seria usá-la em batalha. Tom não esperou o sobrinho voltar para sala, o encontrou no quarto de Benjamim e o observou no batente da porta. O rapaz colocou a espada na frente do rosto.

—O que está fazendo? —Tom perguntou.

Jonas girou os calcanhares e encontrou o tio o encarando com as sobrancelhas arqueadas. Ele apertou o botão de novo escondendo a lâmina.

—Não, espere. Faça de novo.

Jonas obedeceu e então os olhos de Tom se acenderam.

Diante dele esteve a resposta todo esse tempo. Quando a espada estava diante do rosto do rapaz, o outro lado da lâmina mostrava coordenadas geográficas. Tom correu os olhos e o dedo indicador pelos pequenos números gravados na lâmina. Eles só apareciam por causa da posição em que Jonas a estava segurando. O sol que entrava no quarto iluminou os pequenos números, fazendo-os saltarem aos olhos do homem mais velho que imediatamente os decorou. Já havia os visto antes...

—A gente está frito. Ilha dos Dragões.

Depois da descoberta, Jonas e Tom arquitetaram o plano para atravessar a Floresta Amaldiçoada. Debruçados sob o mapa, circularam possíveis movimentações. Noah, tentando fazer parte de

cada passo, fazia suas observações, mas ninguém parava para escutá-lo. É criança demais para ser considerado na viagem. Os dois sabiam que os atrasaria e que eles ficariam obcecados pela sua segurança. Tom é protetor como se fosse pai dos irmãos Tales e Jonas se sente culpado por terem se tornado órfãos.

—E se a gente sobrevoasse o local? —Noah sugeriu.

— Você não vai, Noah! Desiste. — Jonas vociferou já cansado das intromissões do menino.

— Espera, a ideia é boa. Se a gente sobrevoar, podemos descer na Cidade Perdida. Seu pai deve ter colocado outra pista na cidade, é o centro de tudo.

— Ótimo! Eu sei quem aluga helicópteros. — Noah respondeu se levantando.

— Beleza, garotinho esperto! — Tom bagunçou o cabelo do menino e

continuou: — A tentativa é muito boa, só que você vai ficar guardadinho aqui no Rosberta, junto de sua querida e amada irmã. —Brincou e Abigail riu ao fundo.

— Isso não é justo! Eu quero ficar com vocês que são homens como eu. — Depois que falou Jonas riu dele. — Eu deveria ter perfurado sua glote àquela noite. — Falou obscuro se aproximando. O mais velho o encarou e levantou uma das sobrancelhas segurando o riso.

— Tá bom, matador, chega de ameaças que você não vai cumprir. —Disse Tom para o garoto o puxando para perto.

— Eu ainda nem comecei, Jonas. Nem comecei. — O menino disse apontando enquanto Tom o retirava da cozinha que havia se tornado a sala de reuniões do Rosberta.

— De onde saiu esse assassino de rapazes arrogantes? — Tom caçoou, Abigail gargalhou e Jonas fechou a cara na hora.

Ninguém comia à mesa mais. O mapa da Ilha dos Dragões estava sempre em cima dela com um papel translúcido onde eles desenhavam as possibilidades da missão e quando se deparavam com uma dificuldade irremediável conseguiam apagá-lo sem a menor força.

— Você precisa ter mais paciência com o garoto. — Tom sussurrou depois. — Você, melhor do que ninguém, sabe como é difícil crescer sem um pai.

— É, só que o pai dele partiu porque foi obrigado, o meu é só um babaca mesmo.

Tom pensou no que iria dizer para repreendê-lo, porém notou que quanto mais tentava colocar juízo na cabeça do sobrinho, mais difícil a comunicação entre os dois ficava. Ele já era um homem e Tom não era seu pai, não tinha a menor obrigação de cuidar de sua educação. Mesmo que a mão coçasse para ensiná-lo uma lição, achou melhor não.

Elai que cuide disso quando voltar.

—Sobrevoar então... até que o garoto é espertinho mesmo.

— Aham... — Jonas respondeu, mas estava atento a Abigail que resolveu subir ao convés. Eles ainda estavam em estado de silêncio. —Ainda estranhos? —Tom perguntou.

—Quê? —Indagou surpreso

— Eu tenho olhos, sabia? — O homem falou — ... ouvidos também.

— Hã... sei. E o que seus olhos viram? — Jonas brincou sem graça —E os ouvidos?

—Vocês não têm se falado direito.

O garoto respirou fundo. Talvez aquela fosse sua chance de falar com alguém a respeito. Nunca havia feito nada disso e como ele sentia que seu tempo em Nova Terra se arrastava entediante, por que não gastar um pouco dele colocando para fora as paranoias da cabeça?

—Eu acho que ela é muito certinha... sabe?

— Certinha?

— É... toda vez que eu me aproximo ela foge. — Falou buscando respostas.

—Ela deve estar desconfortável com você.

—É —ele deu uma risadinha se vangloriando —, eu sei.

— Então se ela se sente desconfortável, você precisa dar espaço. Não se deve incomodar uma moça dessa forma. Eu mataria você se fizesse isso a uma filha minha. — Falou sincero e por uma fração de segundos esqueceu que sua filha morreu, mas ao encarar os olhos verdes do sobrinho, recobrou a consciência e a infelicidade o aplacou.

— Como é que é? — Jonas se surpreendeu com o rumo que as coisas estavam tomando.

— Se ela não consegue ficar no mesmo lugar que você, pode estar se sentindo ameaçada.

— Olha, eu acho que você não entende muito bem desse assunto. É melhor a gente voltar para o que temos que fazer aqui. — Finalizou apontando para o mapa na mesa.

— Então ok. Só que se eu pegar você fazendo besteira... — O ameaçou.

Na semana seguinte, Tom conseguiu um pequeno avião por uma pechincha. Jonas, Abigail e Noah atracaram com o Rosberta em uma ilhota próxima a Ilha dos Dragões enquanto ele pilotava o avião. O barulho das hélices afastou algumas aves da ilha. Jonas sentiu todo o seu corpo se arrepiar apavorado. Se aqueles animais enormes eram capazes de voar e ainda por cima saíram da ilha para onde ele estava indo, não conseguia imaginar o tamanho dos animais que não tinham asas.

Tom pilotou para perto e jogou uma escada feita de corda para que Jonas escalasse-a, já que era impossível aterrissar no mar ou no navio. O rapaz pulou se exibindo para a pequena plateia que fingiu não notar sua força e rapidez.

—Vamos. —Disse depois de se equipar com os fones de ouvido já dentro do avião.

Nenhum dos dois notou nem ouviu os gritos de Abigail abaixo deles. Jonas não recolheu a escada por onde subiu e Noah se agarrou a ela. Queria fazer parte da aventura a todo custo. Pendurado no alto ele sentiu muito medo, mas quando Tom levantou voo, era impossível voltar atrás. Terminou de subir com muita dificuldade. Sua mão ardeu e logo ficou vermelha. Por sorte, estavam voando devagar, tentando absorver o que viria em seguida. Quando terminou a difícil escalada, se escondeu em um acento atrás de Jonas. O rapaz é muito grande, então quando o tio se virou para ver se estava tudo bem, viu apenas o sobrinho.

— Jonas, o cinto. — Gritou. O rapaz afivelou o cinto. Noah também.

À medida que subiam mais alto, os três se perdiam nos pensamentos. Já acima da temível ilha, ao olhar para baixo só viam a neblina. Semelhante a um vapor, parecia espessa e movimentava- se no ar em ondas. Alguns barulhos os deixaram alertas. A mensagem que captavam de tudo aquilo era apenas perigo. Mesmo que os habitantes de Nova Terra dissessem o pior sobre a ilha, nem mesmo em seus maiores pesadelos poderiam imaginar o que vinha de baixo, nas entranhas da

ilha habitada por dragões e monstros. Ninguém havia se ocupado em mapeá-la até agora com medo do Giatã e suas visitas em tempo de fome. Estavam diante de um mistério.

—Estamos chegando. Vamos começar a descer... o quê, o quê é isso? — Tom olhava para um animalzinho sobrevoando o painel do avião. Ele é do tamanho de um gafanhoto e estava voando alto demais. Semelhante a uma salamandra negra, suas asinhas batem tão rápidas quando as de um beija-flor. O homem continuou o trajeto ignorando o animal à sua frente. Estava se preparando para aterrissar quando o bichinho pousou no painel. Assim que o fez tornou-se vermelho como brasa e seu corpinho emanou tanto calor que começou a derreter onde havia pousado.

— Droga!

—O que foi, Tom? —Jonas perguntou.

Ele forçou a aterrisagem para impedir que eles se machucassem, mas foi tarde demais. Aquele era o Dragão de Fogo e ele acabara de destruir o motor do aeroplano. Os três estavam caindo na direção do desconhecido, no meio da Floresta Amaldiçoada.

O avião tremia como se sentisse frio. Tom puxava o volante com força e o metal estalava devido a velocidade em que eles estavam descendo. Jonas e o tio notaram a presença de Noah quando ele começou a gritar.

—Eu não devia ter subido!

—O que está fazendo aqui? —Jonas gritou para o garoto.

Ele não respondeu. O pânico de morrer no acidente se instalou em cada partícula dos aventureiros. O pequeno dragão já havia desaparecido de vista deixando o rastro de destruição no painel para trás. Da mesma forma que o som dos três gritando deixava sua marca no ar, o avião ganhava mais velocidade, cortando o céu.

A neblina que enturvava tudo abaixo deles foi se dissipando à medida que caíam. Com adrenalina correndo livre pelas veias, Tom puxava o volante para ainda mais perto do peito e torcia para que fosse suficiente. Jonas pensou em soltar o

cinto para ajudar o tio, mas entendeu que se fizesse, morreria. Noah, desesperado começou a orar:

— Soberano, Criador da Terra, céu e mar... É assim que os profetas começam a intercessão? — Ninguém respondeu. — Gente, é assim que os profetas começam a intercessão?

— É, é assim mesmo — Tom respondeu nervoso, o volante apertado no peito e os bíceps queimando de dor.

Em dez metros eles bateriam no chão.

—Soberano... eu... —O menino recomeçou.

Ele não terminou a oração porque o avião atingiu algo, mas sim porque antes disso foi partido em dois. A parte da frente bateu primeiro apertando Tom entre o painel. O metal também se partiu e tornou-se em várias lâminas afiadas como bisturis. O cinto de segurança segurou o piloto no lugar, porém suas pernas foram gravemente feridas e por razão do impacto, logo desmaiou.

Depois que se partiu, um vento forte entrou pela traseira do avião desprotegido, o levando para outro ponto da ilha, a alguns metros distantes de Tom. Jonas e Noah, aterrorizados, aterrissaram em cima de um pinheiro que dilacerou o espaço entre os acentos. A traseira do avião pareceu uma carne fria sendo fincada num espeto. Quando pareceu que o metal ia segurar no tronco, ele começou a partir acima das cabeças dos garotos.

— Calma. Noah, calma. — Jonas disse para o garotinho chorando, todavia também dizia para si mesmo.

—Tá bom... a gente tá perto do chão?

—Claro, estamos... vai ser rápido. —Jonas mentiu. Ele não tinha certeza.

O metal rangeu e estalou. Noah gritou e Jonas tentou olhar para baixo para entender o que os esperava, porém ouviu o rangido de novo, por causa de seu peso. Então ele voltou a se sentar direito no acento ainda afivelado pelo cinto de segurança.

—Noah, não tire o cinto, tá? Fique de cinto o tempo todo. —Por que eu tiraria o cinto? —Perguntou nervoso.

—Isso aí. Continue com ele.

Fechou os olhos e as órbitas dançavam veementes acompanhando a intensidade de seus pensamentos. Precisava se concentrar, não só a sua vida estava em risco, mas a de outra pessoa também. Mesmo que Noah tenha se colocado em perigo de propósito, queria poder fazer algo para ajudar. Passaram-se alguns minutos e Noah ainda chorava com medo, os soluços dele estavam deprimindo Jonas, o fazendo pensar no tio.

Será que está morto?

—A gente precisa terminar a descida. —Concluiu afinal.

— Você está maluco, Jonas? — Choramingou — A gente vai morrer!

—Pretende ficar aqui até quando? —Indagou sem paciência. —Até seu tio aparecer... ele vai dar um jeito.

— A gente não sabe onde ele está... de repente é ele quem precisa de ajuda. Precisamos sair daqui.

—Não! Eu sou criança demais pra morrer! —Noah gritou. —Por que subiu no avião? Não era pra você ter vindo!

O menino chorou ainda mais alto e chamou a atenção de algum animal na mata. Eles ouviram o estalar da vegetação à esquerda.

—Então é isso, um dragão vai comer a gente vivo...

— Cale a boca, Noah! Fica quieto. — Jonas se mexeu de novo e o metal estalou mais uma vez.

— Pare de se mexer! — Noah gritou e o animal na mata moveu um arbusto mais abaixo deles.

—Pare de gritar —Jonas vociferou.

O rapaz não conseguia ver muita coisa a não ser outra árvore à sua frente. Esticou a mão direita para tentar se agarrar a ela e quem sabe assim, descer sem problemas. Suas costelas doeram no ato e o metal estalou de novo e se partiu mais um pouco. Com isso, o garotinho choramingou atrás dele implorando que ficasse quieto, mas Jonas fingiu não ouvir. Estava com a cabeça a mil pensando em formas dos dois saírem vivos daquele lugar. Sabia que seu tio estava pela floresta e que precisava de ajuda, porque se não fosse por isso, já teria aparecido para salvá-los. Noah passou a tremer de modo que o avião chacoalhou com ele.

—Jonas, por favor fique quieto —ele implorou de novo.

—Eu estou quieto.

Outro estalo e a parte traseira ficou pendurada por muito pouco. O corpo de Jonas pendeu todo para frente e ele conseguiu enxergar o chão, estavam muito próximos. A queda não seria tão terrível afinal.

— Noah... a gente tá... — Antes que ele terminasse a frase o metal terminou de se partir.

Ainda presos pelos cintos de segurança, Jonas e Noah caíram em extremidades opostas. Noah gritou, mas rapidamente a parte em que estava atingiu o chão. Ele ficou com o rosto virado para cima. Jonas olhava para o solo o tempo inteiro depois que o atingiu. Estava no escuro, pois o metal do avião o fechou como numa concha. Atrás dele não havia impedimento algum, só que encontraria problemas para sair.

—Jonas? —O menino o chamou temeroso, quase sussurrante. —Eu estou bem. Só tenho que dar... —desafivelou o cinto e caiu

de joelhos no chão —um jeito de sair daqui...

—Hã... me ajuda! —A voz do garoto tremia.

— Você deve ter caído de costas... — Jonas engoliu em seco, temeu que Noah tivesse lesionado a coluna. — Está conseguindo se mexer?

Então o animal que havia escutado os dois, rosnou.

— Eu já saí do avião. — Noah respondeu com a voz ainda trêmula. —O problema é o lobo...

Havia um lobo cinza enorme andando lentamente na direção de Noah, que tremia o corpo inteiro. Rosnava e a saliva crepitava na sua boca. Os olhos cinzas como a pelugem do animal, brilhavam sedentos enquanto caminhava.

Jonas colocou as mãos nas costas do assento que o havia livrado da morte minutos antes e começou a empurrar para cima na esperança de movimentar toda aquela parte do avião. Quando o fez, sentiu as costelas arderem e cedeu um pouco.

— Jonas, por favor, me ajude! — Noah implorou. O lobo estava ganhando espaço.

Empurrou o metal com toda a força se desligando da dor. Não fazia diferente na academia, ainda com dor continuava levantando peso. Entretanto, aquela era diferente, mas ao contrário de querer

cultivar músculos, tentava agora, cultivar sua sobrevivência. Aos poucos, resistindo ao máximo que conseguia, se livrou da parte que o enclausurava e então viu o lobo, que por causa de todo aquele barulho, mudou de direção. Por pouco pensou que aquilo era um lobisomem vindo direto de um filme de terror, por causa de seu tamanho exagerando. Todavia, não demorou a se dar conta de que não importava o quão grande ele fosse, estava vindo na sua direção e ainda que tentar identificá-lo fosse interessante, precisava começar a correr. Foi o que Noah fez, escalou uma árvore com rapidez ignorando o fato de Jonas estar em perigo.

Enquanto corria, tropeçou em uma raiz no chão e caiu com o rosto em terra. Se virou ao sentir que o animal já estava em seu encalço, tentou se levantar, porém não conseguia. O lobo projetou o corpo para saltar, todavia um animal muito maior o agarrou no ar. Um dragão de couraça vermelha batia as asas fazendo um vento atingir os cabelos de Jonas, limpando sua visão para aquele momento aterrorizante. Das narinas do animal saíam fumaça e o exercício o fazia respirar com a boca. O vento que saía de seu hálito era semelhante a um vendaval. Ele agarrou o lobo com suas garras afiadas e ele morreu antes de alcançar o céu. O enorme monstro com asas levantou voo mais alto até sumir de vista.

Boquiaberto, sentiu que aos poucos as descargas de adrenalina que fizeram com que o coração trabalhasse rápido demais ocasionassem na falta de oxigênio para o cérebro. Por causa disso, desligou por completo. Desmaiou.

Noah, cheio de medo, ainda ficou um tempo encarando o corpo desacordado de Jonas do alto da árvore. Estava em choque, não sabia o que fazer. De repente a imagem do enorme Giatã subindo das profundezas do mar preencheu sua mente, não houve nada que ele pudesse fazer e sentia que aquela situação era igual. Seus pais morreram e ele se sentia culpado, pois avistou o monstro e, sem reação, não disse nada. Estavam mortos, porque tiveram pouco tempo para fugir. *Se ao menos Abigail não tivesse saído cedo aquele dia, talvez eles ainda estivessem vivos.* Mas lá estava Noah no meio da floresta. Não havia oceano. Os monstros ali são outros. Quando se deu conta disso, entendeu a furada em que tinha se colocado. Desejou com todas as forças que alguém resolvesse aquele

problema o quanto antes, porque sabia muito bem que aquela ilha poderia mastigá-los vivos. Cada centímetro dela escondia perigos inimagináveis.

O dia parecia nublado dificultando o alcance da sua visão. Viu um riacho se movimentando lentamente mais adiante de Jonas e calculou que talvez pudesse beber um pouco daquela água. Sempre que olhava para o rapaz desacordado no chão tinha vontade de chorar, então ignorou o corpo dele quando desceu o tronco da árvore e começou a andar em direção ao riacho. Quando estava formando as mãos em concha para beber da água, ouviu a voz de Tom entre a vegetação, à esquerda.

—Jonas? —Ele chamou e tossiu.

Correu na direção da voz e encontrou o homem ainda sentado de frente para o painel derretido pelo Dragão de Fogo.

— Tom!

—Onde está Jonas? —Tom perguntou temeroso pela resposta. — Ele... ele... — Noah estava envergonhado em assumir sua

covardia

— Vamos, me ajude... — Entendeu que o garoto estava em choque, talvez dar respostas conclusivas fosse um problema agora. —Você sabe onde ele está?

Noah assentiu com a cabeça e ficou de frente para Tom. O teto do avião havia se partido e o vidro da frente se quebrou em milhões de pedacinhos. Alguns estavam agarrados ao rosto do homem. Suas pernas estavam presas entre os pedais

—Me ajude a puxar minhas pernas, por favor.

Noah deu a volta e entrou na cabine do avião, olhou para as pernas de Tom e deu um passinho para trás. Estavam muito machucadas.

— Se você não me ajudar, eu vou morrer aqui. A perna esquerda eu consigo movimentar... olha. — Tom moveu a perna de um lado ao outro ainda perto dos pedais. — Mas por causa da outra eu não posso sair daqui.

A perna direita era a mais prejudicada, estava presa e um dos pedais que subiu no impacto rasgando sua carne. Noah focalizou no que precisava fazer e ajudou Tom a tirá-la da posição em que estava.

Ele gritou de dor e o garoto só pensava em voltar para casa. Voltaria a nado se pudesse.

Depois de liberto da cabine se deitou no chão e ficou olhando para cima.

—Tom, você está bem? —Noah perguntou.

— Não. Você precisa estancar o sangue da minha perna. — Noah olhou para a perna ensanguentada e sentiu ânsia de vômito. — Termine de rasgar minha calça e amarre um pedaço do tecido acima do corte. Na coxa.

Noah começou a rasgar o tecido devagar, contudo, quando viu o rosto de Tom branco feito papel, apressou a tarefa e enfim amarrou bem firme.

—Se não funcionar...

— O quê? Se não funcionar a gente faz o quê? — Noah perguntou. Pensou em ir correndo até Jonas para acordá-lo. Se é que estava vivo.

—Só fique de olho nela para mim... a gente pensa nisso depois. Ao ouvir sua nova tarefa, Noah fixou os olhos no machucado de Tom, ignorando sua aversão a sangue. E então ele parou de fluir para fora do corte.

—Parou de sangrar.

—Ótimo... ótimo... —Tom falou e se sentou. —Ali na cabine tem uma mochila... traga-a aqui.

Noah correu e pegou a mochila, depois a entregou.

—Não, esta não, a outra.

—Eu não vi outra.

—Está debaixo do acento.

Noah se esforçou o máximo que pôde e pegou a outra mochila. Tom abriu e encontrou suprimentos. Abriu um frasco com um líquido branco e jogou em cima da ferida. Apertou os olhos e o maxilar com força para aguentar a dor. O líquido em contato com o machucado borbulhou e chiou alto. Noah se sentou o mais longe que conseguiu com os joelhos no peito e os abraçou. Depois que o líquido parou de chiar, o homem jogou água limpando o local, então estendeu uma faixa enorme de bandagem de alga e a colocou em cima da extensão da ferida. Enrolou a perna com um pouco de outro curativo branco e esperou uns minutos para que a alga fizesse seu trabalho.

Colocou as palmas das mãos para trás e se apoiou. Estava se sentindo tonto. Torceu para que Jonas estivesse perto e que eles não demorassem a encontrá-lo.

Eles ouviram um barulho vindo da mata. A luz solar quase não penetrava aquele lugar há tempos inabitado. Tom abriu a outra mochila e puxou dela uma besta que estava dobrada em três. A esticou montando-a de novo. Alguns cliques e ela estava ponta. Estendeu o dedo na direção do gatilho e esperou. Era Jonas. Quando viu o tio respirou aliviado, mas ao ver Noah a poucos metros franziu o cenho e andou na direção dele.

—O que está fazendo, Jonas? —Tom perguntou.

Ele não respondeu. O garotinho levantou e cambaleou até uma árvore e começou a escalá-la. Jonas foi mais rápido o agarrou pela camisa o jogando no chão. Ele bateu a bunda no chão e começou a chorar. Levantou as mãos e suplicou:

—Por favor, me perdoe.

—Não era para você estar aqui. —Jonas rosnou com o dedo em riste.

—Jonas! —Tom tentou se levantar, porém a ferida ainda pulsava bastante.

—Você é um covarde! Me deixou pra morrer.

—Me desculpe. —Noah chorou magoado.

— O próximo animal que aparecer querendo te comer, eu vou deixar. — Vociferou.

—Jonas, ele é só um garoto. —O tio o repreendeu.

Ele olhou para Tom e então notou que estava muito machucado. Encarou Noah de novo com o rosto contorcido em ódio, chegou muito perto do nariz do menino e o apertou com o indicador. A cabeça dele foi para trás com violência.

— Dá próxima, você vai morrer. — Jonas o ameaçou e deu as costas.

Agachou de frente para perna do tio e perguntou:

—Foi feio?

—Vai ficar cicatriz... —Sorriu amargo.

— Beleza, as mulheres se amarram numa cicatriz de guerra. — Tentou fazer graça. Tom sorriu triste e passou o dedo em uma ferida aberta em cima da sobrancelha do sobrinho. Ele afastou a cabeça e

depois passou a mão, ainda não tinha se dado conta daquele machucado.

—Vai ficar cicatriz. —O tio falou sorrindo.

—O que é um pum, para quem já está todo...

— Beleza, pode parando, a gente não é tão íntimo assim! — Tom o impediu de terminar a frase. O garoto riu e se sentou a seu lado.

— A gente precisa sair logo daqui... precisamos voltar para o navio, outro dia a gente volta... — Jonas falou pensando nos machucados de Tom.

— Não. Se chegamos aqui, vamos terminar o que viemos fazer. — Tom respondeu rápido — Daqui alguns minutos a alga já vai ter terminado o trabalho dela, aí a gente começa o nosso.

—Tem certeza? —Jonas indagou receoso.

— Tenho.

O rapaz assentiu e depois pensou em todos os animais pela floresta.

— Se a gente fizesse uma fogueira, talvez ajudasse com os animais... ajudaria a repelir. O que acha?

— Eu posso fazer isso! — Noah disse se levantando do chão. — Vou pegar lenha.

—Duvido muito que consiga. —Jonas foi maldoso.

—Deixa o garoto se sentir útil. —Tom sussurrou. —Vai lá, Noah, pegue lenha

pra gente. Eu não trouxe nada afiado o bastante... você pode quebrar alguns galhos com as mãos... mas não vá muito longe...

—Já volto. —Ele respondeu e sumiu na mata.

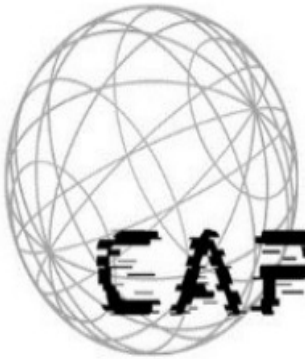
Tom esperou que ele saísse e então disse:

— Acredito que os animais daqui não vão se afugentar por causa do fogo. Se tiverem que nos encontrar, nos encontrarão. Só queria falar a sós com você. — Jonas assentiu e esperou que o tio começasse. Ele olhou na direção em que Noah havia sumido e então falou rapidamente: — Acho que o que procuramos está no templo aos deuses.

—Não sabia que eram politeístas.

—E não somos.

Jonas franziu o cenho.



CAPÍTULO 16

NOVEMBRO DE 1982, CIDADE DE FIDEM, ILHA FICTUS,
SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Valentina ficou com os olhos fixos na estátua da deusa Fertilitas. O templo estava cheio aquela manhã de domingo. As crianças sabiam que não deviam interromper os pais enquanto prestavam culto. O seu estava prostrado diante do deus Messis, fazendo sua prece. Deixaram as sandálias na entrada do lugar, como diz a lei. Assim, a menina podia ridicularizar as pessoas que se ajoelhavam mostrando os pés sujos. Gostava de equiparar a sujeira das pessoas no templo. Naquela manhã seu pai ganhara de lavada de todos os outros.

Vestia seu vestido de domingo. Sua mãe estava passando mal aquela manhã e não pode amarrar seus cabelos rebeldes que agitavam-se enquanto ela circulava em volta da deusa Fertilitas. Já havia elegido seu pai como “O Homem dos Pés Mais Imundos”, portanto, estava liberada para observar a estátua a sua frente.

A menina se perguntou se alguma mulher estava presa lá dentro, atrás da casca de bronze. Da última vez que fez esse tipo de pergunta, sua irmã Manuella desatou a rir, a irritando muitíssimo.

— Está olhando o quê? — Manuella pareceu de supetão. Ao contrário da irmã, seus cabelos eram lisos. Havia puxado à mãe.

— A deusa Fertilitas, não está vendo? — Perguntou mal- humorada.

— Quando eu era menor, achava que havia uma mulher aí dentro. — A irmã mais velha falou, fazendo a mais nova sorrir, mas logo recolheu o sorriso.

— Por que eles fazem isso? — A menor perguntou se referindo aos adultos prostrados.

—Isso o quê?

—Ficam falando com estátuas. —Falou achando aquilo ridículo. —Não são estátuas. São nossos deuses. —Manuella respondeu sem paciência, porém também não acreditava que as estátuas fariam algo por eles.

— Eles não ouvem, não falam... lá em Friaze acredita-se no Soberano, dizem que ouve, fala e tem poderes. — Valentina sussurrou com medo de alguém repreendê-la. — Dizem até que o espírito da criação está no Bosque.

— Temos um altar para ele também. É aquele ali vazio. — Disse e apontou para

o único altar vazio. — Mas você deveria evitar falar nisso... os friazenses não são muito... hã... civilizados.

Valentina mirou curiosa o altar esperando que algo se materializasse, todavia desistiu, então olhou para todas aquelas pessoas ajoelhadas à luz de velas. Não há janelas no templo e mesmo que o dia esteja claro do lado de fora, é como se estivessem em uma caverna. Valentina e Manuella detestavam ir aquele lugar, mas nunca disseram em voz alta.

Para elas, a pior parte de ir ao templo são as mulheres de véu. São mulheres casadas que cobrem suas cabeças com véus pretos parecendo fantasmas. Além de trazerem espanto às crianças, jogam pétalas sobre a deusa Fertilitas.

— Senhora, por que está fazendo isso? — Valentina perguntou a uma das mulheres que prestava culto a deusa.

Manuella ficou muito envergonhada e deu um beliscão na irmã mais nova como repreensão.

— Tudo bem, deixe que ela me faça perguntas. — A mulher disse. — Enfeitamos o caminho para que a deusa Fertilitas encontre o nosso. As pétalas servem para guiá-la às nossas casas, a visita dela trará filhos...

Manuella, mesmo que se esforçasse muito para ouvir o que a mulher dizia, estava concentrada em entender o que estava atrás do

véu. Depois de forçar a visão, conseguiu enxergar que aquela mulher era uma jovem casada.

— Ela precisa de pétalas para se localizar? — Valentina indagou incrédula.

A jovem olhou para ela e abriu a boca para falar, porém não sabia o que responder.

— Pare de incomodar a moça. — Sua irmã sussurrou quando notou o desconforto, mesmo que não tivesse prestado atenção em nada do que ela falou.

A mulher, como não sabia o que dizer, continuou seu culto jogando as pétalas ao chão. Eram brancas, contudo, já estavam oxidando e mudando de cor.

Valentina se perguntava como uma deusa podia aceitar algo tão insignificante como pétalas e por que ela não era capaz de encontrar as casas das mulheres que queriam filhos. Entretanto, enquanto os homens e mulheres faziam suas preces, a terra absorvia sua crença para mais longe, muito mais abaixo da superfície. Se eles ao menos soubessem...

—Quero ir para casa.

— Querer não é poder, Valentina. — Manuella falou, dizia mais para si mesma.

As duas olharam para seu pai beijando os pés do deus Messis. Conheciam a história. Seu pai era devoto. Prestava culto todos os domingos e fazia preces a ele todas as noites na hora do jantar. Conheciam de cor as palavras que ele usava. Sentiam-se estranhas ao vê-lo daquela forma e no fundo envergonhadas por alguém ser devoto a uma estátua que não ouve nem fala. Como podia depositar tanta confiança em algo que não é capaz de fazer nada?

Ó deus Messis, provedor de toda colheita. Encha meus celeiros com seu grande poder sobre a terra. Que o solo seja fértil como nos primeiros anos de vida do mundo. Afaste toda peste e doença que assolam nossos animais. Eu lhe rogo de todo meu coração, grande deus Messis.

Dominique, pai das meninas, era agricultor e dependia do que plantava para sustentar sua família. Sentia-se pressionado todos os dias e por medo de não ter o que oferecer a família, orava ao deus

Messis a todo instante. Suas preces nunca alcançavam o céu, muito pelo contrário, enraizava-se nas profundezas da terra.

— Precisamos orar pela viagem do príncipe Danilo. Oremos ao deus Hydro. — Disse uma das mulheres que pedia filhos a deusa Fertilitas. Sua fala chamou a atenção das meninas que não oravam a nenhum dos deuses de pedra.

—Para onde ele foi? —Outra mulher perguntou.

— Ninguém sabe... mas estão dizendo que ele atravessou a Redoma.

—Como isso é possível? —A mulher perguntou atônita.

— A Oráculo o enganou. Contou que o rei Adam estava distante... em perigo, eu acho.

—É impossível passar pela Redoma. Não é?

—Não faço ideia... Bom, de todo modo, ele será um bom rei para nossos filhos. O príncipe Gustavo não é confiável...

—Você tem razão.

— Acho que a Oráculo pode ter usado alguma magia para destruir a Redoma. — Valentina disse se intrometendo na conversa. —Valentina! —Manuella a repreendeu.

— Não é educado se meter nas conversas dos outros! — Uma das mulheres também a repreendeu.

— Magia não existe! E mesmo que existisse, somente os deuses seriam capazes de fazê-la. —Uma das senhoras a repreendeu.

O chão do templo tremeu forte.

— Esses tremores estão cada vez mais regulares. — A mulher contou, deixando a repreensão à Valentina de lado.

— Já pararam para pensar que talvez aquele que se diz profeta, estava certo a respeito de tudo isso aqui? — Valentina chocou todos mais uma vez.

A irmã ficou muito envergonhada, só que se fazia aquela pergunta todos os dias. Os avisos que o profeta havia dado gritando pelas ruas a assombravam a noite: “Só há um DEUS: O Soberano. A terra absorve o que dizem! Estão clamando para estátuas, mas as raízes delas é que respondem. Vocês serão destruídos!” O profeta saiu da ilha uma semana antes. *Será que ele estava certo?* As meninas se perguntavam.

Dominique agarrou o braço de Valentina e a levou para fora do templo com violência. Manuella correu atrás dos dois temendo o que iria acontecer.

— Papai, papai, por favor. — A irmã mais velha implorou olhando ao redor para os olhos curiosos. Sentia medo e vergonha.

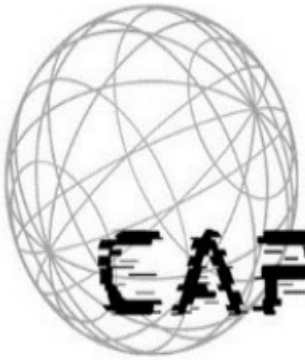
— Como ousa profanar o templo dos deuses? — Dominique indagou Valentina. Ele a jogou para fora do templo e uma roda de pessoas se formou ao redor.

A menina caiu sentada no chão. Os cabelos se eriçaram como se refletissem seu sentimento: raiva por ter sido humilhada. Porém ela sabia muito bem que não devia desrespeitar seu pai então abaixou os olhos para o chão e estendeu a mão esquerda na direção do pai, pedindo perdão. Quando o fez, sentiu a terra estremecer de novo. Vários grãozinhos cinzas, como flocos de neve choveram sobre suas cabeças. A mão de Valentina estendida no ar virou palco para aquela fuligem. A terra tremeu de novo, dessa vez, porém, muito mais forte, desestabilizando algumas pessoas.

Manuella ajudou a irmã a levantar e as duas esperaram o comando do pai, mas Dominique e muitos outros correram para o templo e começaram a orar para seus deuses fabricados. Ele não se importou com elas, se importava apenas consigo. As irmãs se entreolharam. Ambas estavam decididas que não se curvariam diante de deus de pedra nenhum.

Começou a chover fuligem em suas cabeças. Elas correram para se abrigarem debaixo do toldo de uma vendinha. As pessoas pela cidade não conseguiam compreender do que aquilo se tratava e andavam pelas ruas analisando os floquinhos minúsculos pousando em suas mãos.

Elas não sabiam que o Vulcão Garganta de Fogo começara a entrar em erupção. A Cidade de Fidem logo se tornaria a Cidade Perdida e Ilha Fictus, lar de dragões, passando a ser chamada de Ilha dos Dragões.



CAPÍTULO 17

JANEIRO DE 2014, CIDADE PERDIDA, ILHA DOS DRAGÕES, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Jonas teve que esperar que seu tio se recuperasse por completo para seguir com a missão. Noah, contrariando o que os dois acreditaram, foi capaz de acender uma fogueira sem ajuda. O fogo crepitava diante de seus olhos quando a noite finalmente chegou. Tom já havia recuperado a cor e não sentia mais dor.

O Marcus mais velho resolveu testar se as pernas estavam mesmo funcionando bem e se levantou. Deu alguns pulinhos para ver se sentia alguma coisa e notou um formigamento de leve devido ao tempo que ficou sentado na mesma posição. Aos poucos a circulação de seu sangue voltou ao fluxo normal. Clicou em seu Horloge:

— Ukulelê.

Ao dizer as palavras, o instrumento que parecia feito de luz se posicionou à sua frente. Ele girava no alto de seus olhos numa projeção que saía do dispositivo. Tom o agarrou e começou a dedilhar uma canção. O som saiu pelos minúsculos alto-falantes nas extremidade do Horloge.

Jonas nunca havia ficado tanto tempo sem comer e isso estava o deixando muito

irritado. O som das cordas parecia ecoar pelo cérebro. As notas o incomodavam como se micro agulhas fisgassem e perfurassem o órgão em constância. Respirou fundo de olhos

fechados e maxilar contraído. As narinas dilataram formando o símbolo do infinito.

Tom começou a cantar e logo em seguida Noah o acompanhou: — *Quando juntos atravessarmos o rio/ E entrarmos no paraíso, veremos lá/ Muitos mais do que podemos contar/ Quanta beleza nossa vista verá!*

Evitando o desejo de quebrar o ukulelê ao meio, apesar de ser impossível, Jonas se deitou de barriga para cima e contemplou o céu entre uma pequena fresta das árvores na mata fechada. Ele havia assumido a mais escura cor que lhe é permitido e luzinhas salpicadas no alto piscavam. Uma estrela cadente passou, deixando seu rastro de luz por poucos segundos. Ele sorriu já fechando os olhos para adormecer, *deveria ter feito um pedido*, ele pensou. *Coisa idiota, fazer pedido para uma estrela...*

Adormeceu.

Na manhã seguinte Tom estava ajeitando a besta e o alforje. Demorou alguns minutos para encontrar todos os dardos que na hora do acidente tomaram rumos diferentes. Noah e Jonas ainda estavam apagados, dormindo feito bebês. O mais velho não conseguiu dormir porque ficou de vigia a noite inteira. Alguns animais apareceram para olhar o que eles faziam ali, mas não se aproximaram o bastante para serem considerados ameaças. *Graças a Deus nenhum deles era dragão.*

Junto a besta estava uma adaga de aço que Tom acreditou que serviria muito bem na mão de Jonas. O rapaz ainda não sabia disso, porém a Espada Indestrutível ficou no Rosberta. Seu tio achou que não era uma boa ideia andar com uma espada de Friaze em seu encalço. Imagina só se algum friazense resolve se aborrecer? Só de pensar na possibilidade ficava com a nuca arrepiada. Os caras são difíceis de encarar.

O garoto menor, terá que se virar sem nenhuma arma. Ninguém mandou vir atrás da gente.

Sua garganta ardia de sede, só que preferiu poupar o máximo de água que

conseguisse, afinal agora eles eram três e parte do suprimento havia se perdido no acidente. Sem mencionar o fato de que Tom não fazia ideia de quanto tempo eles teriam que ficar na ilha. Muito menos o que deveriam fazer.

Checou as pernas tirando as bandagens dos ferimentos já cicatrizados pela alga. Sorriu aliviado, não pegaria infecções pelo caminho, a pele já estava fechada por completo. Cicatrizes marcaram o lugar deixando a história do dia em que um minúsculo dragão, do qual ele nunca havia ouvido falar, queimou e acabou com o motor do avião que alugou. Na verdade, com o estrago, o aeroplano destruído agora era dele. Pelos danos irreparáveis, seria obrigado a comprá-lo.

Oposto que o idiota do Uzias vai me cobrar duas vezes o que vale essa lata velha.

Trouxe uma muda de roupa para Jonas e uma para ele. Aproveitou que suas pernas haviam cicatrizado e trocou de calça para começar a viagem. Na bolsa de suprimentos encontrou algumas barras de cereais, mordiscou uma delas bem devagar para que durasse mais enquanto olhava os dois garotos dormindo silenciosos. Sabia que assim que eles acordassem teria que conversar e naquele momento precisava pensar em como atravessar a Floresta Amaldiçoada para chegar até o Templo dos Deuses na Cidade Perdida. Acreditava que as respostas estavam lá.

Um pequeno feixe de luz acertou os olhos de Jonas em cheio, mostrando que o dia havia começado.

Droga. Tom pensou, queria mais tempo.

—Argh! —O garoto rosnou como um animal.

Noah, ao ouvir o rosnado, despertou num pulo pensando que alguma fera havia chegado ao acampamento improvisado.

Tom xingou em pensamento e depois jogou uma barra de cereais na direção de Noah.

— Come.

—Vo-você ouviu aquele barulho?

— Será que VOCÊS PODEM CALAR A BOCA? — Jonas vociferou ainda deitado de olhos fechados. O auge da irritação por falta de comida foi atingido.

Tom jogou outra barra de cereais, mas dessa vez na direção de Jonas acertando seu rosto. Ele xingou baixinho em português e se sentou. Estava com os olhos inchados.

— O barulho que você ouviu, Noah, foi Jonas reclamando feito uma garotinha. — Tom falou e Jonas abaixou o queixo e o encarou

com ódio. — Come logo essa barra de cereais e vamos. Temos mais o que fazer.

Então ele se deu conta de que o que o acertou era comida. —Isso não vai matar minha fome.

— Tem 600 calorias aí. Se não matar sua fome por hora, nada mais mata. Anda logo porque eu quero sair daqui o quanto antes. Detesto mosquitos! —Falou e bateu no pescoço matando um.

— Você está numa floresta, queria o quê? — Jonas indagou mal- humorado.

—Que você calasse a boca e comesse sua barra de cereais. Noah que já estava comendo a sua deu uma risadinha. Em resposta, Jonas bateu na sua mão derrubando-a no chão. Ele deu de ombros, pegou o alimento e voltou a comê-lo.

—Nojento. —Jonas disse e o encarou enojado.

Então se deu por vencido, era o que tinha para comer, portanto, rasgou o pacote e comeu feroz. Aos poucos foi sentindo o ânimo voltando.

Depois de alimentados, começaram a desbravar a mata. Tom com a besta em punho, logo atrás vinha Jonas, revoltado porque lhe foi dado uma adaga e em seguida estava Noah com as mãos livres. — Noah, você vai ser meu *caça-dardos.* Eu disparo e você corre pra pegar. —O mais velho ordenou.

Andava com os joelhos levemente flexionados, dando ênfase a perna direita já recuperada, para ter mais estabilidade. Os sons das folhas secas no chão acusavam o andar dos três e Tom estava nervoso por causa disso. A qualquer

movimento na mata a ponta da besta era direcionada para origem do som.

Uma ave levantou voo quando eles passaram e assustado, Tom disparou um dardo e a acertou direto no coração. Quando caiu, Jonas disse impressionado:

—Boa mira...

— Não está mais chateado com a arma que eu te dei? — Perguntou e recomeçou a caminhada. Noah correu na direção da ave e pegou a flecha.

—Nunca vi um bicho tão feio quanto esse...

—Como ele é? —Jonas perguntou.

— Três olhos. Bico de pato. É marrom e do tamanho de um gato. — Noah respondeu cutucando o bicho com o dardo — Um bem gordo. Não sei como conseguia voar.

— Que espécie é essa? — O rapaz perguntou e Noah deu de ombros.

— Existem espécies que nunca foram documentadas aqui. Ninguém se atreve a vir neste lugar estudar nada... —Tom falou e se lembrou de quanto tentou estudar a Cobra Marinha de Duas Cabeças. Uma melancolia percorreu todo seu corpo como se fosse veneno na corrente sanguínea.

O sol iluminava parte da mata, mas boa parte da floresta estava escura devido a densa relva. Jonas segurava o punhal com a lâmina apontada para baixo. O dedão apoiado no cabo. O braço que segurava a arma levantava-a na altura do peito e o cotovelo apontava para frente em posição de guarda alta. A mão esquerda fechou-se em punho apertado na altura do queixo para proteção e possível ataque. Seu instrutor ficaria orgulhoso de vê-lo tão bem preparado. Seus olhos nunca estiveram tão atentos e o coração pulsava em frenesi.

As árvores ao redor quase impossibilitavam a passagem, com seus troncos de casco duro e cor escura. De vez em quando o lugar escurecia e havia um barulho no ar, como se alguém estivesse soprando no alto de suas cabeças.

—O que aconteceu? —Jonas perguntou olhando para cima.

Da primeira vez que isso ocorreu, eles conseguiram enxergar a barriga de um enorme dragão sobrevoando as árvores. Um suor gélido desceu pela espinha de Jonas.

— Acho melhor a gente continuar... — O garoto disse quando o dragão sumiu de vista. —Antes que Noah cague nas calças.

— Eu... para com isso! — O menino reclamou, mas era verdade, estava muito assustado.

Um barulho entre as árvores do lado direito chamou a atenção e eles se viraram juntos à procura do causador. Algo cinza escuro deixou rastro. Eles engoliram em seco. Fazia muito barulho. Só podia ser algo bem grande.

— Vamos seguir pelo caminho. Jonas, você passará na minha frente enquanto eu fico de guarda. Noah, fique atrás de mim

conferindo se nenhum animal me atacará pelas costas. — Tom ordenou mais uma vez.

Os dois obedeceram e tomaram seus postos. Tom levantou ainda mais os cotovelos deixando a besta em posição. O dedo indicador paralisado no ar, em frente ao gatilho entre um perímetro de segurança. Estava pronto para atacar.

O som se intensificou acima de suas cabeças. O mais velho levantou a besta para o alto procurando que animal estava fazendo aquilo.

—Seja o que for, está nos caçando.

—Ca-caçando? —Noah perguntou aterrorizado.

— Vamos, não podemos parar. — Jonas disse e Tom concordou. Graças a adrenalina, seus ouvidos ficaram ainda mais aguçados.

A boca de Jonas ficou seca. Ele estava com tanto medo. Nunca havia sentido algo parecido. Boa parte da vida soube lidar com seus problemas e muitas vezes os procurou porque gostava de enfrentar dificuldades. Aquela floresta, entretanto, era demais para ele. O que havia naquele lugar avançava em diversos níveis e por mais amarga que aquela realidade pudesse parecer, era a vida real.

— Estou vendo uma saída logo mais à frente. Deve ser a Cidade Perdida. — Jonas disse com a garganta seca.

Noah suspirou aliviado e correu os olhos para onde ele falava. Um descuido foi suficiente para que o basilísco, que se enroscou nos troncos das árvores, aparecesse pelas costas de Tom, de frente para o menino.

O monstro é uma serpente milenar gigantesca que consegue se camuflar entre as árvores. As escamas são cinzas, mas quando ela está caçando ficam eriçadas e mudam para a cor verde das folhas das árvores.

Noah ouviu um *clic* baixinho.

—Gente —ele choramingou.

Jonas olhou para trás e encontrou a serpente com as escamas todas verdes. Ela se movia lentamente com os olhos fixados em Noah que já não parecia assustado. Sorria e balbuciava palavras andando na direção do perigo. O rapaz segurou o braço do menino parando-o, então a serpente fixou seus olhos nos seus e tudo ficou claro: Ele estava na Ilha do Siri, sentado à beira do mar com as

ondas batendo nos seus pés. Passou os dedos entre a areia e pôde sentir o cheiro da maresia. Respirou fundo de olhos fechados e quando os abriu, Abigail estava ao seu lado. Segurava sua mão sorrindo.

—Filho. —Mara o chamou logo atrás.

— Mãe?

—O que vocês acham de a gente jantar torta de camarões hoje? —Hã... —Jonas olhou para Abigail sem entender o que fazia ali. —Eu vou amar, sogra. —A garota falou.

—Sogra? —Ele perguntou perplexo.

— Ah que bom, porque Elai vai trazer camarões da pesca hoje. — Mara disse voltando para dentro de uma casinha que de repente se materializou em cima das pedras na costa.

—Meu pai?

— O que acha de dar uma caminhada na areia? Daqui a pouco o pôr-do-sol aparecerá no céu. — Abigail estava brincalhona — Você sabe como eu fico linda à luz do pôr-do-sol.

—Fica mesmo. —Jonas concordou e engoliu em seco.

Abigail se levantou e estendeu a mão para ele se levantar também. Jonas levou a mão na direção da garota, mas sentiu um forte puxão para baixo. O tio tapou seus olhos com as mãos e o derrubou no chão.

— Ele só consegue atacar um por vez. Vem! — Gritou no seu ouvido.

Tom se levantou e puxou Jonas consigo. O basilísco se enrolou entre as árvores na direção dos três. Noah corria desesperado e chorando muito alto. Quando os pulmões já não aguentavam mais e as pernas reclamavam de exaustão, passaram por entre uma fenda e adentraram a Cidade Perdida. O monstro tentou passar, entretanto um escudo eletromagnético o impediu.

Os três deitaram no chão do que já foi uma rua e ofegaram durante minutos.

Era possível ouvir o som do campo eletromagnético à medida que a fera se lançava sobre ela tentando atacá-los. A cada tentativa o animal levava choques e urrava de dor, mais insistia na investida, como se os três fossem a carne mais apetitosa de todo sétimo continente. Noah, ainda deitado no chão, fechou as pálpebras com

força se forçando a esquecer a imagem que o basilísco o fez ver. Seus pais vivos. Este era seu maior desejo.

As lágrimas passaram pelos cílios do garotinho sem impedimento. Eram tão grossas que quando seguiram o caminho pelos lados do rosto, fizeram com que se sentisse ainda mais impotente.

Eles não estão chorando. Jonas também foi vítima da fera e não está chorando.

O rapaz se sentou no chão e ficou observando o animal tentar passar pela fenda.

—Que burro!

Noah, dolorido pelas acusações que fazia a si mesmo em pensamento, se levantou de supetão e encarou Jonas. Acreditou que ele concordava com seus pensamentos depreciativos. O rapaz o olhou de relance e notou sua feição avermelhada e carrancuda.

—Você está chorando?

—E isso não me torna burro.

— Eu não falava de você, falava da cobra do capeta ali. — Ele respondeu falando capeta em português e apontou para a fenda. A sensação foi tão louca que nem se importou com o fato de misturar as línguas.

—Eu sei que você não me quer aqui. —Noah falou com os olhos vermelhos — Vocês dois, na verdade.

Tom respirou fundo, ainda estava deitado no chão se recuperando da correria. Achava as brigas dos dois tão entediantes que queria muito que eles perdessem a voz por alguns instantes.

— Não queríamos mesmo, mas eu não estava falando de você, Noah. —Jonas respondeu tentando amenizar o problema.

— Eu sei bem que você não gosta de mim. — O menino falou com a voz embargada

— Noah, me economiza. — Jonas se levantou, limpou as vestes e começou a caminhar pela cidade. —Pare de frescura!

— Te economizar? Como eu poderia te economizar? — Noah indagou andando na direção de Jonas.

Tom se levantou e limpou sua roupa também. Olhou ao redor e tentou encontrar o Templo dos Deuses ou algum indicativo de onde ele poderia estar.

— Você é um tagarela, medroso, covarde... — Jonas enumerava os defeitos de

Noah apontando nos dedos.

—E eu deveria te economizar? —Indagou confuso.

—É uma expressão, seu burro!

— Aí, tá vendo, Tom? Ele está me chamando de burro. — Choramingou com os cantos da boca para baixo.

—Eu só te chamei de burro agora, seu tonto!

— Tonto? Você me chamou de tonto? — Noah perguntou com o rosto todo vermelho.

—Jonas, cala logo essa boca. —Tom disse sabendo onde aquilo ia dar.

—Tonto... tonto... tonto é o seu avô!

Tom respirou fundo.

— Desculpe, Tom. Não quis ofender seu pai. — Noah falou preocupado em ofender o homem mais velho — Falava do pai da mãe de Jonas.

—Garoto, cala logo essa boca. —Jonas falou rindo. Seu avô era mesmo um tonto. Toda sua família era, segundo os habitantes de Nova Terra.

Enquanto discutiam, o basilísco ainda investia contra o campo eletromagnético.

— Sabe de uma coisa? Eu estou achando muito estranho ter um campo eletromagnético aqui... —Tom queria apoio.

— ... retiro o que disse. Você não é tonto, você é um idiota. — Falou Noah aborrecido.

O mais velho andou pelas ruas da cidade abandonada observando cada detalhe. Não havia muito o que ver senão rochas altas no centro do que já foi a cidade. Depois que o vulcão Garganta de Fogo entrou em erupção em 1982, vários sedimentos cobriram o centro dela formando uma casca protetora. Ele nunca havia visto aquilo de perto e ao passar os dedos pelas rochas formadas pelo

sedimento, ficou se perguntando como as pessoas já puderam viver ali e principalmente o que eles deveriam encontrar.

Elai não deixou nenhum indicio do que deveriam procurar, só a incumbência de fazer algo. Tentou pensar como o irmão por alguns segundos e não encontrou nenhuma razão para ele fazer o que estava fazendo com Jonas. Se estava vivo ainda e soubesse da

presença do garoto no continente, provaria que não era exatamente o mocinho como muitos novaterrianos pensam. Se esforçava ao máximo para imaginar o que passava na cabeça do irmão mais velho, mas mesmo que quisesse com todas as forças, não o conhecia tão bem assim.

Rodeou as formações rochosas e encontrou uma abertura na altura de um homem. Olhou para os garotos ainda brigando e revirou os olhos.

—Será que os garotos podem agir feito homens por um instante? Encontrei uma entrada para a Cidade Perdida. O templo deve estar ali dentro.

—Isso é seguro? —Noah perguntou com medo.

—Isso é seguro? —Jonas o imitou com uma voz fina.

Noah deu um soco no braço de Jonas. O rapaz mal sentiu o soco, porém fechou o punho e disse:

—Minha vez.

Tom entrou entre os dois e deu tapas na cabeças dos garotos.

— Você tem quase o dobro da idade dele. — Falou para Jonas. — E você, se ele te der um soco, te desmonta. — Falou para Noah. — Parem de agir feito criancinhas. Será que não notaram onde estamos? Se não pararem agora com essa briguinha idiota, eu jogo vocês na floresta.

Noah assentiu passando a mão na cabeça onde levou o tapa. Jonas, porém, revirou os olhos. Tom se pôs na frente do sobrinho com o cenho franzido e os dentes a mostra como uma fera. O rapaz se ajeitou ao ver o tio nervoso.

— Revire os olhos para mim de novo e eu os arranco de seu rosto. —Falou entredentes.

O garoto assentiu, conhecia aquele olhar, já o havia visto em seu pai diversas vezes ao longo da vida. Ao passo que sentiu medo do tio, um sentimento de saudade se apossou do seu interior. Talvez fosse o efeito da hipnose do Basilísco.

— Agora vamos entrar. Eu vou primeiro e chamo vocês depois. Se eu não voltar em 10 minutos não venham atrás de mim.

Tom andou na direção da abertura na rocha e entrou. Haviam tochas iluminando um pouco o lugar. Pegou um isqueiro de dentro de sua calça e acendeu uma delas. A chama ficou vermelha e em

seguida mudou de cor: azul, como se fosse alimentada por gás. Em questão de segundos todas as outras se acenderam também.

—Não tô gostando nada, nada disso...

À medida que as tochas foram se acendendo, os olhos de Tom dançavam pela quantidade exacerbada de informações. Haviam tantas pinturas e adornos pelas paredes que ele não sabia bem por onde começar. A Cidade Perdida estava preservada como se tivesse sido congelada no tempo. Mal podia acreditar no que via.

Do lado de fora, Jonas fazia greve de silêncio. O garotinho, ficou inquieto, olhava em seu Horloge fixamente. Colocou o cronômetro em regressiva de 10min para obedecer à risca o que Tom havia dito. É claro que seu companheiro achou a ideia ridícula. Ele desobedeceria ao tio, se demorasse mais que 10min para aparecer, iria atrás para descobrir o que estava acontecendo. Não precisou do tempo completo, pois Tom colocou a cabeça para fora da abertura e os convidou a entrar com um aceno de cabeça. Os dois quase correram para entrar e quando viram o que estava lá dentro, ficaram boquiabertos.

—Como é possível? —Noah foi o primeiro a perguntar.

— Estou achando que depois que o vulcão entrou em erupção, a cidade foi coberta por um sedimento tóxico que os matou. — Tom falou convicto —Só que também preservou o lugar...

—... mas isso não está fazendo muito sentindo. —Jonas falou. —É, eu sei.

Sobrinho e tio se entreolharam por alguns segundos.

—O que você está pensando? —O mais novo perguntou.

— Acho que houveram sobreviventes e que eles estão em algum lugar da cidade.

— Concordo. Há algumas coisas aqui que parecem não fazer sentido. As tochas, por exemplo. Parecem ter sido colocadas aqui recentemente.

—Sim... e algumas pinturas são mais recentes.

Jonas olhou para o teto e notou que havia semelhança com a Capela Sistina (localizada no Palácio Apostólico na Cidade do Vaticano. Foi construída entre 1473 e 1481 e inaugurada em 1483 com base na arquitetura do Templo de Salomão, o primeiro Templo em Jerusalém.

Nela há decorações e pinturas feitas por grandes artistas da Renascença como Sandro Botticelli e Michelangelo). Os adornos no teto eram ainda mais imponentes que os das paredes.

— O lugar todo parece um templo. E quanto mais eu olho, mais lugar há para ver. —Tom disse chocado.

— Acho que conta uma história. — Noah falou. Ele estava mais distante dos Marcus. — Vejam, aqui tem um homem com os dedos apontados para o céu.

Jonas se aproximou da cena que Noah estava apontando e se lembrou de imediato da história que seu pai lhe contou quando era criança.

— Este é o profeta. Avisou a cidade que todos morreriam por causa dos deuses de pedra.

O homem da pintura parecia aflito com os dedos apontados para o céu. Usava roupas de saco rasgadas e cada centímetro do seu corpo estava tenso.

—Quê? —Noah perguntou incrédulo.

— Continue, Jonas. — Tom pediu. Ele conhecia a história, mas queria saber até onde o garoto poderia ir.

— ... ninguém lhe deu ouvidos. A cidade inteira foi morta com fogo do céu. — Jonas encurtou a história. Tom se aborreceu.

—Você não está contando tudo.

—Isso não importa, vamos procurar o templo.

— Estamos no templo, Jonas. Você não entendeu ainda? Toda a cidade se tornou um templo.

— Precisamos andar mais rápido, não quero passar a noite aqui. —O rapaz falou ignorando o tio. Estava cansado de historinhas. Andou entre as colunas que foram escavadas e pensou que talvez o lugar não fosse muito seguro. Olhou para o teto e o imaginou cedendo acima de suas cabeças.

O que eu preciso encontrar aqui?

A alguns metros estava o templo. No seu interior, as tochas acesas tinham uma cor esverdeada. As chamas tremeluziam fantasmagoricamente projetando sua silhueta nas paredes. Jonas queria passar o máximo de tempo sozinho analisando o lugar. Queria poder desvendar o enigma sozinho. Seus olhos não conseguiam entender o que eram aquelas formas empoeiradas à sua frente. Sete altares e apenas seis deles estavam ocupados por contornos humanos sem cabeças e mãos.

Os inscritos antigos formavam nomes. Tratava-se de uma língua antiga da Nova Terra. Seu pai lhe mostrou o alfabeto, então ele rapidamente traduziu o que as placas nos altares diziam.

—Esta é a deusa Sapientia. —Disse para si.

Jonas observava uma mulher sem cabeça e mãos, com inúmeras estrelas pintadas pelo corpo que ainda estava de pé. Parecia usar um vestido longo e posava como se estivesse pronta para dar um passo à frente. Ele conhecia a lenda a respeito dela. Seu pai lhe contou os mitos antes de desaparecer. Ao pensar nisso quase podia ouvi-lo contar de novo:

Eram seis deuses. Sapientia, a deusa da sabedoria. Tempora, o deus responsável pelas estações. Proelium, deus da batalha. Messis, deus da colheita. Fertilitas, deusa da fertilidade e Hydro, deus dos mares e rios.

Sapientia e Tempora se juntaram no Vazio para criar o mundo. Os dois uniram-se em casamento e geraram o universo. Os astros colidiram e com o pó da colisão o mundo foi estabelecido no centro do universo. Por causa da temperatura baixa em que o mundo se encontrava, Sapientia teve uma brilhante ideia. Ela gerou o sol em sua essência e então o mundo se aqueceu e deixou de ser o centro. O calor ajudou formando o restante dos seres. Tempora cuidou das estações para que cada ser pudesse sobreviver.

Com o passar dos anos, Sapientia e Tempora precisaram se sentir amados por outros que não fossem eles mesmos. Então criaram seres semelhantes a eles, mas muito menores, feitos da terra. Os dois brincavam como crianças com seus bonequinhos que argila, até que um dia decidiram soprar vida neles tornando-os seres humanos.

Os deuses amavam tanto os homens, que geraram outros deuses em favor das dores deles. Fertilitas para cuidar de toda infertilidade, Messis para cuidar do solo e toda colheita e Proelium para resolver os conflitos com justiça.

Todavia, com o tempo as pessoas foram morrendo porque o mar e os rios estavam fora de controle. As águas invadiam as casas e plantações. Então Sapientia e Tempora geraram Hydro, o deus das águas. Ele passou a controlar as águas e os seres que vem dela.

Os anos se passaram e uma moça muito bela nasceu entre os homens. Bella era seu nome. Hydro e Proelium se apaixonaram pela moça ao mesmo tempo e travaram uma batalha entre si, trazendo o caos. Feras aterrorizantes foram geradas pelos deuses para guerrearem pela moça. Mas eles não se atentaram ao tempo. O tempo dos deuses é diferente. Quando terminaram seus trabalhos criando animais terríveis como dragões e o próprio Giatã, Bella já estava idosa, prestes a morrer.

Em seu leito de morte, pediu que os dois se juntassem de novo e criassem uma proteção para o lugar de sua morte, para que a história dela nunca mais fosse esquecida. Por amor à mulher, os irmãos se juntaram e construíram a Cidade

Fidem, separada de todo o sétimo continente por suas águas densas, nas quais vivem animais perigosos e onde no centro da floresta, há diversos dragões. Eles protegem a memória de Bella para sempre.

Seu pai dizia que homens em Fidem escreveram esta história, porque era mais fácil acreditar que monstros foram criados por deuses para guerrear por amor, do que crer que Nova Terra não era santa. Para Elai, todos os monstros eram fruto do pecado instalado no sétimo continente e no fundo, Jonas confiava que era verdade.

— Encontrou o templo. — Tom disse adentrando o local. Jonas bufou baixinho. Não queria companhia.

— Por que eles estão sem cabeça... e mãos...? — Noah perguntou chegando perto também.

—Não sei. —Tom respondeu.

— Todos eles estão virados para este altar vazio... — Jonas começou a confabular para si mesmo.

—Ah, é verdade! —O tio concordou.

—... parece com a história do deus Dagom.

Tom olhou rapidamente para o sobrinho e se lembrou também. Todo seu corpo arrepiou-se diante do altar vazio.

— Quem é esse deus Dagom? Meus pais nunca me deixaram conversar sobre deuses... —Noah perguntou e se sentiu tristonho ao mencionar os pais. Às vezes ele esquecia que Abigail e ele são órfãos agora. — Depois que o Soberano se irou com a esta ilha, ninguém mais perde tempo com deuses de pedra... bom, tem sempre um maluco ou outro né?!

— Hã... bom, meu pai me contou a história de Dagom quando eu era pequeno... é muito difícil ter acesso ao livro sagrado... eu não... —Tom retomou o assunto.

Jonas encarou o tio esperando que ele dissesse que estava brincando. Na casa dele há pelos menos três Bíblias com traduções diferentes. Era impossível

imaginar que eles não tivessem acesso ao livro sagrado.

—Está falando sério?

Tom franziu o cenho envergonhado, pigarreou e continuou olhando as paredes fingindo costume. Jonas respirou fundo e se deu por vencido. Não ia conseguir terminar sua missão se não trabalhasse com eles.

— Teve um povo... filisteus. Eles roubaram a arca da aliança e a colocaram no templo do deus Dagom.

Tom continuou de costas para o sobrinho, envergonhado. Noah se apoiou no deus Hydro e se concentrou na história.

—Arca da aliança? —O menino perguntou.

— Era um baú em que o povo de Deus guardava o testemunho da aliança de Deus com eles. Tinha maná também e a vara de Arão. Noah ficou ainda mais confuso, não sabia o que era maná ou quem era Arão. Jonas notou e por mais que odiasse o papel de professor, continuou falando:

— Maná era tipo um pão que caiu do céu para o povo hebreu, o povo de Deus, quando eles não tinham o que comer no deserto. E Arão foi o primeiro sacerdote de Deus. A vara dele floresceu quando o povo duvidou que ele era mesmo o escolhido, aí para provar que ele era mesmo o cara que deveria ser o sacerdote, a vara floresceu. Tinham outras varas também na história, mas só a dele deu flor.

— Parece história inventada. — Falou Noah deixando de se escorar na estátua.
— Você viu o que aconteceu com esse povo aqui... todo mundo morreu por causa dos deuses.

— Eu não estou nem aí se você acredita ou não. — Jonas vociferou.

— Ele está falando a verdade... meu pai me contou essa história. —Tom disse saudosista. —Seu pai te contou isso?

Jonas assentiu.

—Você lembrou...

Ele não respondeu. Pensou na quantidade de coisas que gostaria de esquecer, mas não conseguia. Pensou em como desejava esquecer tudo que o pai ensinou para ser um inútil na tarefa dele e quem sabe assim voltar para casa, mesmo que não pudesse atravessar a Redoma naquela época do ano. Todavia havia uma coisa que ele não conseguia parar de pensar, na mesma proporção em que não esquece nada que já viu. O rosto de sua mãe perpassava sua mente a todo instante.

—Isso não explica nada! Por que eles estão decepados assim? — Ah, claro... vou continuar a história. — Falou Jonas — Os filisteus roubaram a arca da aliança e colocaram perto do deus deles, Dagom. Um dia pela manhã, a estátua do deus estava caída diante da arca e no outro dia a cabeça e as palmas das mãos estavam decepadas.

—Quem fez isso? —Noah perguntou.

Ele ignorou a pergunta. Sabia a resposta, só não acreditava nela. No lugar disso, se deteve às pinturas nas paredes. As representações dos deuses eram de arrepiar. Sapientia tinha a forma de uma mulher e o seu interior era o universo inteiro. O deus Tempora seu esposo, era alaranjado e seus cabelos eram verdes como as representações de duendes nos outros continentes. Ele também está retratado em cima de uma nuvem.

Seus filhos pareciam com seres humanos. Fertilitas tinha quadris largos e seus cabelos ondulados ficavam em contraste com várias pétalas coloridas. Messis foi pintado com largos ombros e rosto queimado pelo sol. A pintura de Proelium era de um homem muito belo que carregava em seus ombros um urso. A lenda diz que ele o abateu assim que nasceu. E Hydro foi representado com olhos azuis brilhantes. Também era um homem muito bonito, sempre sorrindo. Em sua mão direita havia um arpão.

O rapaz também reparou que as vestes dos deuses eram semelhantes aos deuses gregos e romanos. Ficou se perguntando se quem os pintou não pegou alguma referência no quinto continente, Europa.

—Ao Soberano. —Noah leu o inscrito no altar vazio.

— Você consegue interpretar o que está escrito aí? — Jonas indagou

desconfiado.

—Sim. —O menino respondeu e deu de ombros.

Sem que entrassem em um acordo verbal, cada um se pôs a procurar algum artefato que fizesse parte do plano de Elai para Jonas. Ele não havia deixado nada escrito ou nenhuma mensagem de fumaça. O garoto remoía a ideia na cabeça sempre que conseguia algum tempo para pensar. Era desesperador o sentimento de que eles estavam em um lugar sem saber exatamente por onde começar ou o que procurar. Ficou se questionando se eles deveriam mesmo estar ali ou se aquilo não passava de um delírio coletivo entre seu tio e ele.

Tom, por outro lado, tinha tanta certeza de que estavam no lugar certo quanto respirar. Sabia que mais cedo ou mais tarde eles esbarrariam no que precisavam encontrar.

Noah andava com os ouvidos e olhos atentos a qualquer movimento. Quando as sombras de seus companheiros andavam pelas paredes, se virava alerta com os punhos levantados. Estava assustado até os ossos. O basilísco foi demais. Fingia procurar por algo como os outros dois, mas torcia que não fosse ele a encontrar o que estavam procurando. Tinha medo do que Elai pudesse ter deixado para o filho.

Os Marcus são malucos, pensou.

No centro do templo, haviam finos vãos em forma de retângulo no chão. Nenhum dos três olhou para o chão desde que chegaram, portanto não notaram a presença da enorme forma desenhada. Quando se deram conta do que estava acontecendo, um grande elevador cheio de nativos armados com seus arcos e flechas já estavam os cercando. O elevador não fez um mísero barulho. E os homens armados que os cercavam eram tão silenciosos quanto caçadores. Não havia um coração que não estivesse correndo sérios riscos de ser transpassado.

— Ei, ei, ei! Calminha aí camarada. — Disse Tom com os braços levantados quando se deu conta. Jonas e Noah o acompanharam. Seis nativos usavam trajes pretos de couraça de dragão. Seguravam seus arcos na altura dos olhos com uma flecha engatilhada cada. Por causa dos capuzes negros, era quase impossível enxergar seus rostos. Pareciam mais perigosos que a

guarda na Ilha Real, e Tom tinha certeza que somente os seis fariam um verdadeiro estrago.

—Nós só estamos de passagem... —Falou Tom e deu um passo para trás.

Sabia que não poderia mirar com a besta em nenhum dos homens. Eles estavam em total desvantagem. Um dos nativos lançou a flecha engatilhada rente a orelha dele deixando um corte no seu caminho. Tom não se mexeu de novo.

—Beleza, entendi. Vocês estão no comando.

—Não deveriam ter vindo. —Respondeu um nativo.

— Agora sabemos disso. — Jonas falou com o coração se descompassando.

Noah estava sofrendo muito. Sua barriga começou a doer e todo o corpo suava. Tremia como se estivesse andando no gelo sem agasalho.

— Aposto que são da Ilha do Siri... — Falou um dos nativos. Jonas relaxou um pouco porque o rapaz parecia ter a sua idade.

—Por quê? —O rapaz indagou.

—Cala a boca, garoto. —Tom o repreendeu.

O rapaz abaixou o arco e tirou o capuz. Não era tão alto quanto Jonas, mas era muito forte como ele. Sua pele branca demonstrava que não estava sempre em contato com o sol.

—Nomes. —Ele falou olhando para Jonas.

— Você primeiro. — Tom arriscou e atraiu todas as flechas para seu peito. O garoto ainda fitava o rapaz e se aproximou cada vez mais com curiosidade.

— Noah Tales. Filho de Isaque e Rebecca... minha irmã está dentro do navio a alguns metros da ilha. O nome dela é Abigail.

— Tomara que te acertem, garoto. Língua solta! Tomara que te acertem... só não matem o garoto, por favor, os pais dele morreram há pouco. A irmã dele vai

surtar. — A língua de Tom se soltou tanto quanto a de Noah. Ele não se dá bem com situações como essa. Enfrenta animais e monstros, mas seres humanos envolve diplomacia que ele nunca chegou a aprender.

Jonas fechou os olhos e respirou fundo. Colocaria a mão na testa se pudesse, só que estava preocupado em ganhar algum arranhão, seu tio já sangrava o bastante na orelha. Esse foi o melhor alerta de

perigo que pôde detectar. Os nativos não estavam interessados em conversas triviais e se sentissem ameaçados, não hesitariam.

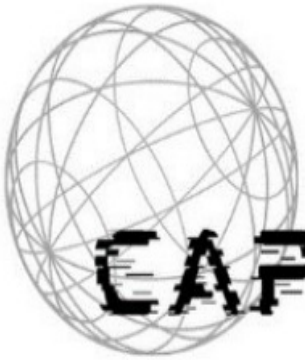
— Qual é o seu nome? — O garoto estava frente a frente com Jonas. Ele quase sentia sua respiração.

— Jonas. Jonas Marcus. — Respondeu marcando bem o sobrenome que pouco tempo atrás nem sabia possuir. Tom bufou em reprovação.

—Filho de Elai Marcus. —O nativo sorriu sombrio.

—Sim. Conhece meu pai?

— A pergunta certa não é essa. A certa é: ser filho de Elai é mesmo uma coisa boa de se anunciar por aí?



CAPÍTULO 18

CIDADE NOVA FIDEM, ILHA DOS DRAGÕES, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Todos entraram no elevador, com exceção de três nativos, por causa do peso excedente. A máquina balançou quando começou a dar partida. Parecia uma adaptação de um contêiner prata muito antigo. O silêncio era aterrorizante. Não havia nenhuma porta ou parede de segurança à frente, então quando começaram a descer foi possível ver a Cidade Nova Fidem ficando cada vez maior. Construída entre rochas, as pontes e casas de ferro alcançam a visão cada vez mais. Os forasteiros ficaram boquiabertos quando começaram a entender a dimensão da cidade construída abaixo do templo. As luzes neons esverdeadas deixavam o ar sinistro e por causa disso, Noah não parava de engolir em seco.

Estabelecimentos de comércio exibiam luzes convidativas, mas os habitantes da Nova Fidem deixavam o trio arrepiado. Quando mais desciam, mais notavam que estavam cercados por pessoas mal-encaradas de todos os lados. Rostos pálidos e olheiras profundas, semelhantes a caveiras andando pelas ruas de pedra. Jonas pensou na festividade mexicana *Día de Los Muertos* e engoliu em seco também.

O elevador parou e o jovem nativo estendeu a mão para os três a fim de que passassem primeiro. Eles obedeceram e caminharam em

linha reta na medida do possível, pois muitas pessoas os observavam curiosas.

— Levaremos vocês até o nosso líder, Draco. — O jovem disse e os três assentiram.

— Não entendo. Como vocês construíram este lugar? — Tom perguntou tentando parecer amigável. O nativo o olhou desdenhoso e não respondeu, sem a resposta que queria, o homem mais velho deu de ombros. —Sem problemas, pergunto a Draco.

— Tom, por favor... cala ess... — Jonas começou e então se lembrou que estava falando com seu tio. —fique quieto, por favor.

A cada dois passos que Noah dava, seus joelhos vacilavam.

— Está com fome, rapazinho? — Perguntou um dos soldados fazendo piada.

Os outros que ficaram para trás correram sincronizados para alcançar o grupo que foi à frente. Noah abaixou os ombros como um cão assustado e paralisou no meio do caminho.

O pobrezinho estava tão assustado, que ao ouvir os outros correndo em seu alcance, acabou urinando nas calças. Jonas e Tom notaram que atrás deles o movimento havia parado, então se viraram ao mesmo tempo para entender o que estava acontecendo. Noah ficou muito envergonhado quando percebeu que os dois estavam o observando. Esperou que Jonas fizesse algum comentário maldoso, mas em vez disso, correu na direção do garotinho, colocou a mão no ombro dele como se estivesse o abraçando e o forçou a andar com ele.

— Não tem problema, assim que encontrarmos com o líder Draco, pediremos a ele roupas para você. —Jonas falou baixinho.

O menino parou de tremer quando sentiu que Jonas estava ao seu lado e todos retomaram a caminhada em silêncio. Passaram entre inúmeros estabelecimentos e pessoas esquisitas. Quase não haviam crianças e as que haviam, apontavam para eles cochichando. A visão que podiam ter daquele grupo incomum eram as roupas e cor das peles muito mais bronzeadas. Jonas e seu tio, têm tons amendoados, Noah por outro lado é mais claro e ainda sim fazia contraste com

os nativos daquele lugar.

Jonas olhava de soslaio cada homem ou mulher que o encarava durante sua passada pelas ruas da cidade. O vozeiro era confuso,

haviam duas línguas sendo pronunciadas ao redor deles. Ele conhecia a língua nativa de seu pai, Sanctus, entretanto, havia também outra língua no meio daquela. Seus olhos corriam por toda parte como extensores de seus ouvidos, sedentos por mais informações. Tom também estava confuso, não reconheceu a língua e Noah, por mais que tentasse se concentrar, estava tão arrasado pelo medo que não conseguiu identificar nada ao redor. Até mesmo o Sanctus pareceu-lhe confusa naquele instante. Tentava andar mais rápido para acompanhar, porém estava enojado pela sua condição. Buscou na memória algum momento mais humilhante que aquele para tentar se confortar, só que não conseguiu. Teria que lidar com a fúria de sua irmã quando eles voltassem, além de tudo.

O destino deles finalmente chegou. Entraram numa taberna e assim que os homens dentro dela notaram suas presenças se calaram e o silêncio impregnou cada centímetro do lugar. Noah ficou louco com toda aquela atenção em cima deles.

Homens altos, muito maiores do que os nativos que os recepcionaram, estavam dentro do estabelecimento. Eram mais velhos também. Estavam diante dos fundadores da cidade, ou de seus sucessores. Um dos homens saiu detrás do balcão da taberna e andou na direção de Jonas. Era um homem pesado e ele fumava um cachimbo. De seu fumo saía uma fumaça avermelhada.

Quanto mais ele se aproximava era possível notar seus traços duros. Cicatrizes pelo rosto e barba rala. Olhos penetrantes e desafiadores. Tom entendeu naquele instante que estava diante de Draco, o líder. Em seu íntimo, confessava que até mesmo ele teria escolhido tal figura para defendê-lo.

— Sinto muito pelo avião de vocês. — Disse entre uma tragada e outra. Soprou a fumaça no rosto de Jonas e depois encarou Tom. — Ninguém sobrevoa a ilha, o Dragãozinho de Fogo nunca deixa.

— Então o nome daquele serzinho das trevas é Dragãozinho de Fogo? — Tom perguntou, Draco assentiu e abaixou os olhos para olhar as condições de Noah.

— O garoto mijou nas calças? — Gargalhou e os homens ao redor o acompanharam. O menino abaixou os olhos e reprimiu as lágrimas que se formaram. — Ah, vamos, garoto! Você enfrentou o

basilísco! O que são uns soldadinhos de Nova Fidem perto daquele monstrão? Nada. —Finalizou zombeteiro.

—Você sabe muito sobre nosso passeio. —Jonas afirmou. —Eu tenho olhos por toda a ilha... você ficaria surpreso.

—Já estou.

—Que bom, que bom... —Draco falou assentindo. —Está com a cara confusa... quer me fazer uma pergunta?

— Sim. Como este lugar foi construído longe dos olhos da Ilha Real?

— Direto ao ponto! — O líder gargalhou de novo — Eu poderia dizer que não ia te contar, mas valorizo sua cara de pau. Bom, digamos que foi construído há milhares de milhares de anos... mais do que você ou eu podemos contar. Algumas preces sobem ao céu e outras... — Draco levantou o indicador e o apontou para o chão lentamente. Todos na taberna riram.

— Só falta me dizer que foram os deuses que fizeram isso pra livrar o povo da morte... — Jonas debochou e Tom pigarreou desesperado atrás dele. Não era hora para abusar da sorte.

— Você acha que foram deuses? Tá certo. — Riu do menino de novo. — Isso te pouparia muito aborrecimento... pode até se dizer que foram eles mesmos — Deu de ombros —, enfim, resolvi fazer um favor a vocês.

—Que tipo de favor? —Tom perguntou desconfiado.

— Trouxe a garota que deixaram para trás. — Respondeu e apontou para os fundos do estabelecimento.

Um homem ainda maior segurava Abigail com a mão fechada em torno de seu braço. Ela estava com o rosto molhado de tanto chorar, muito apavorada. Jonas,

ao vê-la, avançou na tentativa de salvá-la. Draco colocou o dedo indicador em seu peito e o afastou, demonstrando sua força e poder. Era ele quem mandava ali e ir contra isso era burrice. Tom e Noah se emudeceram. Todos os habitantes de Nova Terra sabiam diferenciar as autoridades e não desafiavam nenhuma delas.

— Não vai agradecer? Pensei que seria muito mais interessante para vocês estarem todos juntinhos aqui na ilha. Sei que enfrentaram maus bocados... puxa vida, o garoto se mijou todo! — Gargalharam

de novo. — Ficou claro para mim que estão precisando de ajuda. Jonas, não é?

Ele assentiu com o rosto contorcido em ódio.

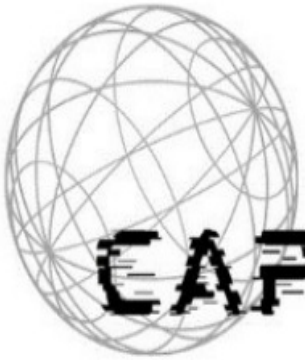
— Bom, vamos conversar sobre a razão de vocês estarem aqui. Só que não agora... agora eu não estou interessado em conversar... não sei vocês, mas eu estou meio... hã... que palavra posso usar, Dicionário? — Draco estalou os dedos na direção de um rapaz franzino no canto direito da taberna.

— Que tal: entediado, senhor? — Ele perguntou depois de dar um passo à frente.

— Boa! Entediado. — Sorriu — Eu estou entediado. Mas fiquem à vontade, minha guarda vai levá-los a seus quartos. O garoto vai poder tomar um banho, vestir uma roupinha cheirosa... — ouvem-se risadas mais uma vez. — Bom, pelo menos eu acho que as roupas vão estar cheirosas, não sei... E depois, quando eu estiver interessado, ficarão sabendo.

— Tudo bem, amanhã conversaremos. — Tom tentou parecer amigável. Todos ao redor romperam em risadas. — Disse algo errado?

— Acho que você não entendeu, Tom. — Draco começou e ele se assustou, pois não havia mencionado seu nome para ninguém. — Vocês são meus prisioneiros. Fiquem tranquilos, quando eu decidir o que fazer com vocês eu aviso.



CAPÍTULO 19

JANEIRO DE 2000, TRIBUNAL REAL, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Todo o corpo de Draco tremia. O gosto de bile havia queimado sua garganta com tanta força, que ele sentia dor ao engolir e engolir em seco tornou-se sua ação mais recorrente desde o que ocorreu. Elai ao seu lado nos bancos dos réus, continuava confiante como sempre e ele sabia que mesmo que estivessem sendo julgados em conjunto por algo que fizeram, apenas ele enfrentaria a punição. Ficou claro para todos no pelotão quando eram jovens que Elai era o favorito do rei Gustavo e que ninguém o tocaria.

— Nosso tribunal está fechado ao público hoje. — O rei começou seu discurso.
— As pessoas não podem nem sonhar com o que fizeram.

Draco assentiu com os olhos baixos e Elai permaneceu encarando o rei como se ele fosse um dos seus.

—O que é NASA? —O monarca perguntou.

—É uma agência norte-americana aeronáutica e espacial. — Elai respondeu quase entediado.

—O que exatamente eles querem comigo?

— Querem conversar sobre a Redoma e como o satélite deles não a captou antes. —Respondeu Elai olhando as unhas.

— Que parte de “nenhum continente pode saber da nossa existência” vocês não entenderam? — Vociferou — Por que

enviaram aquele satélite para o espaço? Nem tudo precisa ser sabido! Nós sabemos o suficiente.

— Eles estão à nossa frente em diversas tecnologias! — Elai se aborreceu também.

— E nós estamos à frente deles em diversas outras! — O rei respondeu ainda mais alto. — Vocês não entendem que nós nos escondemos nesta Redoma para proteção de nossos valores? Os outros continentes estão mortos! Eles se matam a torto e a direito... Nós temos a verdade, isso deveria te bastar!

Draco olhava para os dois discutindo e estava com medo até a medula. Não conseguia entender como Elai era tão ousado.

— E você — o rei levantou o dedo em riste na direção de Elai —, falando dessa forma comigo! Eu que sempre te tratei como um filho. — Você não é o meu pai. — Elai gritou e se levantou com o dedo em riste também. — Refaça o acordo com eles ou não. O problema não é meu.

A majestade arregalou os olhos surpreso com a forma como o soldado foi capaz de desmoralizá-lo na frente de um de seus companheiros da guarda. Ele jamais puniria Elai com severidade, mas tinha que dar um fim ao homem que os viu brigar e logo.

— Desde quando vocês lançaram o satélite? — Perguntou tomando sua pose real de volta.

— Sei lá, eu tinha uns 13 ou 14 anos. — Elai respondeu dando de ombros. —Em 85 ou 86... Foi assim que eu mapeei a Terra.

—E você, Draco? Qual foi sua contribuição?

Quando Draco ia contar ao rei sua contribuição como o engenheiro do satélite, Elai o interrompeu com uma risada alta e debochada.

— Essa cara? Ele ficou assistindo o trabalho sujo. Ele é um idiota, não fez nada. — Mentiu sem dificuldades. — Seu papo é comigo. Mande ele para casa, eu conto tudo que precisa saber e de bônus te ajudo a redigir um bom acordo para NASA.

— Está bem então. — O rei concordou sem dar a chance do homem abrir a boca.

Ele encheu-se de ira, porém antes que pudesse dizer qualquer coisa o rei havia convocado, através de seu Horloge, um guarda real para levá-lo para fora do tribunal. Enquanto caminhava na direção da

porta seus olhos colaram-se nas costas de Elai, que nem se quer se deu ao trabalho de vê-lo partindo. O guarda segurou seu braço com força e o levou até a saída do Palácio e de lá foi para casa.

Como um animal enjaulado, urrou de raiva. Sua pequena casa, dentro da Ilha Real, nos limites do Acampamento Militar, sofreu com os golpes que ele proferiu pelas paredes e ao arremessar de objetos que se quebraram facilmente. Odiou Elai com todas as forças, principalmente porque havia confiado nele e o chamado de amigo até pouco antes da ida dos dois ao tribunal. Seu ego e sua masculinidade foram feridas naquela audiência. Só parou quando os machucados nos nós de seus dedos expuseram os ossos e falanges. Com a adrenalina correndo pelas veias, demorou a sentir a dor excruciante que aquelas lesões cheias de sangue eram capazes de lhe proporcionar. Pisando fundo foi até seu banheiro e abriu a gaveta de remédios e curativos. Devido ao trabalho e os treinos constantes, ele as visitava com muita frequência. Seus dedos já sabiam bem por onde começar.

Pegou a bandagem de alga e então levantou os olhos para o espelho à sua frente. Seu rosto estava irreconhecível, contorcido em ódio. Olhou para sua mão direita, a mais prejudicada, e ficou analisando o sangue que brotava dela. Abriu a torneira e a jogou debaixo da água. Sentiu muita dor, mas a ignorou enquanto se encarava no espelho.

Começou a enrolar a bandagem na pele dilacerada e sentiu que o processo de

cura estava se iniciando rapidamente, muito mais veloz que o natural. Ele conseguia discernir o avanço da pele unindo- se a sua outra extremidade e então, depois de notar aquela incrível descoberta da ciência novaterriana, fixou seus olhos em seu rosto projetado no espelho mais uma vez. Passou horas naquela posição se olhando e buscando entender aquela apunhalada nas costas. Quando deu por si, já era tarde da noite e seus machucados estavam curados por completo, mas as cicatrizes eram altas, deixando a pele marcada para que a memória do ocorrido nunca se apagasse.

Draco deitou em sua cama e fechou os olhos. Só queria descansar.

Um estrondo o acordou. Sabia que haviam quebrado sua porta, não pensou muito, só andou furtivamente até o banheiro acendeu a luz e fechou a porta. Em seguida escalou as paredes do quarto e se posicionou no telhado. Retirou sua besta de um vão estratégico e a mirou agachado em um curto espaço.

Os soldados reais começaram a entrar silenciosamente. Eram três. Usavam óculos de visão noturna e suas bestas estavam com a mira infravermelha. Eles foram treinados para usar este recurso para *headshot* (Tiro na cabeça). Sua morte foi encomendada.

Elai quer me matar.

Um soldado abriu a porta do banheiro e constatou que não havia ninguém, então começaram a vasculhar a casa. Outro passou os dedos pela cortina e disse:

— Sei que está em algum lugar desta casa. Não queremos te matar, só levá-lo conosco. — Era a voz de Amis, melhor amigo de Elai e esposo da princesa Hadassa. Ele desligou o infravermelho e esperou resposta.

Os outros dois fizeram o mesmo. Ficou claro que aqueles eram garotos recém-chegados à guarda porque estavam dispostos a copiar cada movimento do mais velho. Draco também entendeu que, de fato, não estavam interessados em matá-lo, não enviariam dois novatos para o serviço e caso quisessem, haveriam muitos outros. Mirou sua besta na cabeça de Amis e ligou o infravermelho. Ele levantou os olhos quando notou que havia se tornado um alvo, antes, porém, que ele pudesse fazer alguma coisa, Draco acertou seu olho esquerdo e ele morreu em segundos. Os dois rapazes quando viram o corpo de Amis jazido no chão começaram a disparar dardos para o alto. Draco se jogou em cima de um dos

dois o derrubando e ao mesmo tempo acertou o joelho do outro rapaz com um de seus dardos, fazendo-o cair no chão.

O rapaz embaixo dele tentou revidar, mas ele apertou seu pescoço. Projetou seu joelho no peito do soldado para que ele desmaiasse o mais rápido possível. O rapaz com o joelho alvejado ainda no chão, mirou com a besta na cabeça de Draco, porém cometeu o erro de ligar o infravermelho. Antes que seu dedo chegasse ao gatilho, seu oponente disparou o dardo entre seus olhos e ele morreu logo em seguida. Assim que notou que havia

assassinado dois soldados, matou o terceiro com um dardo em sua testa.

Ele não tinha um arsenal em casa e nem munição suficiente para fugir, então de forma fria e calculada retirou os dardos que alvejaram os homens jazidos no chão e, em seguida abaixou-se para pegar mais dardos que os rapazes usaram erroneamente e pensou: *não estão treinando esses garotos direito.*

Enquanto estava abaixado, outros soldados da guarda adentraram sua casa. Draco levantou sua besta na direção de um deles, mas um dos soldados foi mais rápido e acertou seu pulso, fazendo-o largar a arma. Ele segurou firme o pulso machucado e começou a rir.

—Ah, Elai. Você me subestima.

— Não planejei nada disso. — Ele respondeu entredentes. Foi quem o acertou no pulso.

—Quem o fez então? O rei? — Debochou.

— Prendam ele e levem para o lugar indicado pelo rei. Eu cuido dos corpos. — Elai falou sem encará-lo. Já havia visto Amis morto à sua frente. Segurou-se ao máximo para não chorar na frente dos colegas.

Dois soldados seguraram os braços de Draco e o levantaram do chão.

— Não vai me dizer quem foi o idiota que planejou esse ataque? —Draco perguntou cheio de ódio.

— Coloquem um saco de estopa no rosto dele e joguem-no amarrado na floresta

da Ilha dos Dragões. — Elai ordenou com os olhos colados em seu amigo jazido.

— Nossa, realmente não foi você quem decidiu a forma de me pegar em casa. — Draco falou rindo debochado.

— Você matou homens inocentes! — Elai gritou e a voz dele ecoou até para o lado de fora da casa.

— Você me traiu! — Draco gritou de volta. Elai de aproximou e cuspiu em seu rosto.

— Se queria vingança deveria ter feito melhor. — Mentiu. Aquela fora a pior das vinganças. Não conseguia pensar em nada pior do que ver o corpo de seu melhor amigo sem vida no chão.

—Não se preocupe. Na próxima oportunidade, eu faço direito.

—Levem-no. —Vociferou Elai.

Naquele dia Draco foi enviado apenas com a roupa do corpo para a Ilha dos Dragões, entretanto, a ilha reconheceu que ele era um dos seus e o abrigou como ninguém.

Elai levou os corpos para o palácio. Colocou Amis em um aposento e os outros soldados jogou no meio do jardim real. Depois, ainda sujo de sangue, começou a gritar pelos corredores, acordando a todos. A única que não saiu de seu quarto foi Hadassa. O rei indagou o que estava acontecendo, mas o homem estava tão absorto em seu surto, que não conseguia ver sua majestade. Ele precisou sacudi-lo com força.

—Filho, pare! O que aconteceu?

— O que vocês mandaram ele fazer? — O encarou sem ver. Seus olhos já estavam minúsculos e vermelhos de tanto chorar — Por que Amis foi antes de nós para casa de Draco? Por quê?

—Se acalme, Elai! —O rei falou mais alto e ele parou.

—Quem o mandou ir na frente? —Perguntou de novo.

— Eu mandei, porque queria que ele se assustasse antes que vocês o levassem embora.

— Draco os matou. — Disse sem cerimônia. O rosto do rei transtornou-se em completo pavor.

— ... não pensou nisso sozinho. — Elai falou derrotado. — Eu fiz o que queria, ia levá-lo para longe, mesmo considerando um erro. Aquela ilha, se não matá-lo, vai transformá-lo para sempre... — Engoliu em seco —Draco era inocente até aquela investida... só que eu não entendo, o que disse para Amis?

O rei olhou para Hadassa, que apareceu subindo a escada e começou a falar baixo para que a filha não escutasse.

—Mandei que quebrassem a porta e usassem os infravermelhos. —Falou, mas aquela havia sido ideia de sua filha.

Elai bateu forte no peito e gritou de tristeza. Caiu de joelhos no chão e chorou tão alto que seu pranto ecoou pelo andar inteiro, acordando o restante das pessoas que não haviam despertado ainda.

— Pensei que assim ele se entregaria mais fácil. — A voz do rei saiu fraca.

Então, após ouvir isto, Elai se levantou e disse melancólico:

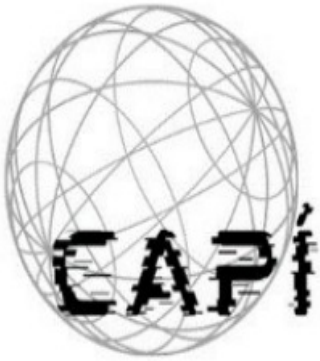
— Tem dois corpos no seu jardim e o outro está no aposento a norte da biblioteca.

Havia isentado Draco de toda culpa no tribunal, porque era melhor que ele fosse inocentado. Cometeram um crime grave e Elai sabia que o rei jamais lhe faria qualquer mal. Quis poupar o colega. O problema era que o rei não queria que ninguém soubesse o que havia acontecido naquele tribunal.

Elai saiu do corredor cheio de pessoas que o olhavam entristecidas também. Hadassa correu atrás dele nas escadas. Ele ainda chorava, agora baixinho.

—Elai! —Ela chamou e ele ignorou por completo.

No fundo sempre soube que aquilo era sua culpa. Todavia, acima de tudo se sentia culpado. Mesmo que não tenha sido ele quem puxou o gatilho, o dardo que matou Amis era para ter lhe encontrado.



CAPÍTULO 20

FEVEREIRO DE 2014, CIDADE NOVA FIDEM, ILHA DOS DRAGÕES, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Jonas não encontrava seu tio ou os irmãos Tales sozinhos há semanas. Via-os de longe enquanto trabalhavam na horta de Nova Fidem. Usando macacões de trabalho, os quatro tentavam se comunicar pelo olhar, mas não sabiam como se fazerem entendidos. Draco ainda permanecia entediado, em completo desinteresse de conversar com os forasteiros e cada centímetro da horta era monitorada constantemente.

As claraboias no alto de suas cabeças, há metros distantes do chão, muitas vezes eram obstruídas por animais, já que o ponto em que o plantio foi estabelecido, ficava abaixo da Floresta Amaldiçoada. Aqueles que haviam apresentado algum problema durante o trabalho, eram escalados para desobstruir o acesso. Alguns nunca voltavam. Por causa disso, Jonas compreendeu bem rápido a tirania de Draco e se sentia enjoado toda vez que ele aparecia para confiscar o serviço.

O plantio de alface fica alguns metros ainda mais baixo. O homem perverso

muitas vezes aparece nas barras de proteção, como se assistisse tudo de um mezanino. Sempre fumando com um sorriso satisfeito nos lábios. Jonas se lembrou do programa de culinária que vez ou outra acompanhava, antes de sua vida mudar

por completo. Sentia-se sempre na prova de eliminação, entretanto, se fosse eliminado naquele momento não voltaria para casa.

As claraboias são ajustáveis, é possível fazer com que o sol penetre o lugar certo em que as plantas precisam ser iluminadas e há um sistema de ventilação que não permite que elas fiquem abafadas. Além disso, a irrigação é feita por meio tecnológico que mantem o solo sempre hidratado. Muito melhor do que as celas em que todos têm ficado. Cubículos que parecem gavetas. Jonas tem que andar agachado.

No primeiro dia teve uma crise nervosa de claustrofobia. Ficou sem ar e quanto mais gritava por ajuda, para mais longe os soldados se distanciavam. As gargalhadas dos homens ecoam em sua mente à noite. Outro preso tentou acalmá-lo, mas ele não conseguia ouvir nada além de si e o som animalesco que os soldados faziam em resposta. Depois de tanto tempo sem conseguir respirar, ficou desacordado por alguns minutos. Foi terrível. No outro dia durante o trabalho, se sentiu agradecido por poder sair daquele lugar e quando teve que voltar, quase chorou em desespero.

— Você nunca me disse... faz quanto tempo que está aqui? — Perguntou ao seu vizinho de cela que borrifava fertilizante nos pés de alface. Os dois quase nunca trabalhavam juntos. As escalas de trabalho eram modificadas todos os dias.

— Há alguns anos... não consegui contar. Tinha 10 quando vim parar aqui. — Respondeu automático.

—Por quê? —Jonas perguntou em choque. Uma criança?

— Roubei remédio para meu pai que estava doente. — Samuel respondeu dando de ombros, tentando minimizar sua dor latente.

—E você acha que tem quantos anos?

—Não sei... talvez menos de 25.

A resposta deixou o garoto ainda mais perplexo. Samuel tinha alguns anos a mais que ele, mas parecia ser décadas mais velho. Os olhos fundos e a cor pálida em seu rosto o fazia parecer um doente terminal. Segurava o borrifador com as duas mãos e as unhas compridas cheias de terra. Jonas sentiu tanta pena que abriu a boca tentando dizer que sentia muito, porém foi interrompido.

— Nada de conversa! — Um soldado bateu com a besta em sua nuca e ele se calou.

O local ficou doendo pelo restante do dia, contudo, preferia sentir dor ali em volta das outras pessoas do que sozinho em sua cela. Estava começando a se acostumar com o mal cheiro de suor e sujeira, o que não é o tipo de coisa que alguém deva se acostumar. Na hora do almoço, todos fizeram fila para se direcionarem ao refeitório. Os trabalhadores almoçavam juntos e era nesta hora do dia que Jonas conseguia ver seu tio e os irmãos Tales, mas desde que foram presos, nunca puderam conversar.

Pelos corredores escuros dos setores de trabalho escravo de Nova Fidem, tentou saber um pouco mais a respeito de Draco, mesmo que ninguém nunca tenha tido coragem suficiente para conversar a respeito:

— Samuel, foi Draco quem fundou este lugar? — Perguntou baixinho enquanto caminhavam.

— Não. Tinha um cara antes e talvez outro antes. — Ele respondeu como quem diz trivialidades. — Draco chegou aqui e modernizou a cidade.

— Entendi.

— Você disse que ninguém nas outras ilhas sabe que há sobreviventes aqui. — Samuel indagou receoso: —Tem certeza?

—Sim, acham que a cidade está perdida.

— E se eles ficarem sabendo, o que acha que acontecerá? — Perguntou com um misto de esperança e medo.

— Na boa? Acho que a Ilha Real vai querer todos os tributos atrasados. — Jonas

respondeu sussurrando. — Eu adoraria mandar uma mensagem para a princesa Hadassa, aposto que ela ia gostar de saber o que acontece aqui.

—Ela seria uma heroína para nós?

— Não do jeito que pensa. Ela gosta de ter controle de tudo e talvez enxergue potencial na cidade para seus próprios interesses. — Falou entredentes, odiava aquela mulher com toda força — De todo modo, acho que tomaria as rédeas, só não tenho certeza se acabaria com o trabalho escravo.

—E o seu pai?

— Não sei. — Respondeu rápido com medo de alongar a conversa.

Jonas contou para Samuel a respeito de seu pai certo dia, mas não pensava nele há dias e não queria começar naquele momento. Talvez Elai estivesse mesmo morto. E para quem está com o emocional dilacerado, pensava que era melhor manter assuntos delicados fora dos pensamentos por um tempo.

O fato de não haver iluminação solar o bastante naquele buraco de cobra, deixava-os com deficiência de vitamina D. Na realidade, os escravos pareciam robôs prontos para ficar sem bateria a qualquer momento.

Além disso, não havia um dia que ele não acordasse e pensasse em como Noah e Abigail estavam sendo tratados. Pensou que o menino deveria estar morrendo de medo e claro, sentia-se culpado por tudo aquilo. A lista de coisas para se culpar só aumentava em Nova Terra. Por causa disso, no horário da refeição procurava-os e não sossegava até que os visse.

As luzes artificiais amarelas dão ao lugar claridade excessiva, se comparado ao local de trabalho e assim que adentraram o refeitório sentiram desconforto na visão. Em filas, todos se preparavam para pegar o alimento do dia. Recebiam suas bandejas com divisórias que nunca eram respeitadas. As comidas eram misturadas entre si. Legumes e grãos são servidos todos os dias, e carnes, apenas uma vez a cada quinze dias. Jonas sentia seu corpo enfraquecido e sabia que havia perdido peso. Costumava medir seus braços à noite antes de dormir e notou que estavam menores. A vaidade estava sendo posta à prova, porém era seu estômago que respondia, e respondia em alto e bom som.

— Fome ou gases? — Samuel perguntou ouvindo os sons que a barriga de Jonas faz todos os dias na hora do almoço.

— A mesma resposta de ontem. — Respondeu e deu dois passos à frente. A fila andou. Samuel riu.

Tom andava entre as pessoas na fila do almoço. Fazendo movimentos leves para não ser notado pelos guardas. Alguns reclamaram, mas ele sempre se movia ainda mais rápido para evitar passar mais tempo que o necessário entre aqueles que não queriam ser incomodados. Samuel notou a movimentação e disse:

—Só me promete que quando fugir, vai me levar junto.

Jonas se virou para encará-lo, aquele pedido foi estranho, quando o fez, viu seu tio se achegando, girou para frente de novo e tentou ser vagaroso para que Tom chegasse mais perto.

— Como está? — Perguntou com a boca quase fechada. Seria um bom ventríloquo.

— Sempre com fome. — O rapaz mal abriu a boca para responder.

— Draco me interrogou hoje. Acho que a realeza já está sentindo sua falta. — Falou com um sorrisinho triunfante — Estão rondando a ilha a sua procura. O cara está furioso.

— Entendi.

Chegou a vez do rapaz e ele estendeu a bandeja na direção de Abigail que o serviu com uma pasta de legumes. Não haviam muitas mulheres escravas em Nova Fidem, a garota sofria perseguições e sempre estava com a expressão assustada. Ele se demorou um pouco para que pudesse vê-la melhor e tentar encontrar algum indício de que estava bem, mas ela não o olhava nos olhos.

— Está atrasando a fila, vamos. — Tom interveio e Jonas seguiu para o lado com a bandeja ainda no alto para receber arroz cozido. —Só queria saber como eles estão. — Sussurrou.

— Bem. Estamos juntos. Mesma cela. — Abigail respondeu enquanto servia

Samuel. Jonas respirou aliviado e seguiu para uma das mesas.

Tom andou mais adiante e se sentou do outro lado do refeitório. Samuel acompanhou Jonas e se sentou de frente para o novo colega.

—Notícias ruins?

—Ainda não tenho certeza.

— Vai me tirar desse buraco, né? — Samuel perguntou rindo amarelo e depois colocou uma colher cheia de comida na boca. Havia depositado esperança em Jonas, mesmo que não tivesse certeza alguma de que ele pudesse ajudá-lo. Além do medo que sentia de piorar ainda mais sua situação. Jonas o olhou comer e decidiu não responder. Nada daquilo estava dentro de seu controle e nunca prometia algo que não sabia se ia cumprir. Era simples e racional. Fazer promessas não conhecendo as possibilidades do futuro é algo emocional demais. Às vezes, o garoto é mais cirúrgico

que homens feitos e isso é obra de Elai, o pai que ele julga não ser presente.

Notou que os homens da guarda estavam mais aéreos que o normal. Andavam com seus cassetes em punho e os olhos perdidos no alto de suas cabeças. Jonas conferiu o teto e não achou nada demais a não ser a formação rochosa que o amedrontava. Havia prometido para si mesmo que se eles conseguissem sair daquele lugar, nunca mais entraria em andares subterrâneos. Era incapaz de admitir, mas estava desenvolvendo sérias crises de ansiedade e claustrofobia. Precisava fugir daquele lugar e não sabia como. Colocou algumas garfadas da comida insossa na boca e as mastigou, forçando a mente a pensar em outras coisas para não se atentar a comida servida. Seu tio comia calmamente do outro lado do refeitório. Volta e meia balançava a cabeça como se estivesse ouvindo alguma música. De fato, estava contente naquela manhã. Draco estava desesperado e não há nada melhor do que notar a fraqueza de seu oponente. Para ele, aquele era o “xeque”, faltava só entender como chegou ao ponto para gritar o “xeque-mate”.

— Terminou sua comida? — Perguntou o guarda que os levou para Draco no primeiro dia.

—Sim. —Jonas respondeu sem emoção.

—Draco quer encontrar com você.

— Então ele finalmente ficou disposto a conversar comigo. — Falou ainda sentado à mesa. Os olhos de Samuel arregalaram-se devido a insubordinação.

—Garoto, se eu fosse você eu não abusava da sorte.

Ao ouvir isso, Samuel se levantou da mesa e se dirigiu ao balcão do refeitório para devolver a bandeja. Ainda não tinha terminado, contudo, o medo agia por si. Queria fugir, só não imaginava bem como aquilo ia funcionar.

— Tudo bem, estou indo. — Respondeu quando notou o desconforto de Samuel e dos outros prisioneiros ao redor.

Saindo da ala de trabalho forçado e da prisão, Jonas e o guarda subiram mais e mais. A sensação de alívio foi tomando seu coração em cheio. Estava se sentindo emocional demais à medida que ascendia para mais perto de um campo aberto. Mesmo que Nova

Fidem ainda ficasse abaixo do nível do mar, era ótimo sentir que se aproximava do mundo real.

Na taberna, agora vazia, Draco fumava seu cachimbo com a mesma fumaça vermelha, estava sentado diante de uma mesa repleta de comidas fumegantes e muito cheirosas. Quando percebeu a chegada do rapaz, abriu um sorriso diplomata e se levantou de braços abertos.

— Você chegou na hora certa! — Falou e parte da fumaça inalada saiu de seus lábios. —Estava te esperando para comer.

—Ele já comeu, senhor. —Disse o guarda.

— Aquela comida horrível do refeitório? — Perguntou como se falasse a um amigo —Não! Aposto que ele não se importa de comer comigo.

Jonas olhou para a mesa e seu estômago ameaçou roncar de fome. Engoliu em seco e encarou Draco nos olhos. Abaixou o queixo e franziu as sobrancelhas.

—Como você se parece com seu pai... —O homem falou rindo e se sentou. Apontou para o lugar vago à sua frente e garoto obedeceu. — Fico impressionado! Olhar pra você é como voltar no tempo. Ele tinha essa cara aí — apontou para o rosto de Jonas sorrindo —quando foi um grandessíssimo babaca! Sabia que ele me apunhalou pelas costas?

Jonas se surpreendeu com a afirmativa, mas fez cara de tédio. No fundo não acreditava que seu pai pudesse fazer algo desse tipo, porém ao passo que pensava a respeito, se sentia tão infeliz por não ter respostas que em parte, acreditou que Draco estivesse falando a verdade.

— Não precisa ser muito inteligente para saber que você guarda rancor. —Jonas respondeu e Draco gargalhou.

O garoto cruzou os braços diante da mesa. Por mais que aquele cheiro estivesse lhe matando aos poucos, temia que fosse envenenado. Draco olhou para ele e o leu, portanto se serviu da comida à mesa. Aquilo já fazia parte de seu plano. Se serviu do cozido de peixes (muito similar a uma moqueca capixaba), arroz, purê de batatas e salada verde.

— Será que foi você quem plantou essa aqui? — Perguntou esticando uma folha de alface na direção do rosto de Jonas e então

começou a comer.

O rapaz descruzou os braços, aquela era a prova de que a comida estava livre de qualquer veneno. O tirano jamais se serviria de algo que pudesse matá-lo. Ambos à mesa eram inteligentes, um deles, porém, era mais. Jonas se serviu dos mesmos e Draco, ao notar o padrão, gargalhou alto.

— Muito bom... muito bom mesmo! — Falou se deliciando do cozido de peixes. —Está gostando?

—Muito. Estava faminto. —Jonas respondeu sincero. —Faz tempo que não come comida de verdade né? —Sim. —Jonas respondeu de boca cheia.

— Pode ir agora, Caleb. — Draco ordenou ao guarda. Ele não gostou de ter sido mandado embora, todavia, não se recusou. Quando o guarda já estava longe, o homem recomeçou a conversa:

— Sua mãe cozinha bem assim? — Ao ouvir a pergunta, Jonas o encarou. Não queria que as palavras “sua mãe” tivessem saído daquela boca.

— Não muito. — Respondeu o encarando com raiva — Às vezes esquece do sal.

—Entendi. —Entregou o saleiro para Jonas. — Tome.

—Não, valeu.

— E seu pai, gosta da comida de sua mãe? — Fez outra pergunta.

O garoto odiou o rumo daquela conversa e tentava entender onde o outro estava querendo chegar. Semicerrou os olhos e franziu o cenho, mas a resposta saiu mesmo assim:

—Ele come até pedra, se minha mãe disser que foi ela quem fez. —Ele é um homem apaixonado... —Disse sorrindo.

— Não tenho certeza. Ele teria abandonado este continente se fosse. Ficaria conosco sempre.

—Ele faz falta? —Draco perguntou com a boca cheia.

—Todos os dias. —Jonas nem pensou para responder.

—O problema é que seu pai é um homem obstinado. —Falou se apoiando à mesa. — Ele ama mais o trabalho do que vocês. Não acha?

— Acho.

— E se eu der um fim nele por você? O que acha disso? — Tentou instigar o garoto.

— Eu vou até o inferno atrás de você. — Vociferou Jonas batendo o punho na mesa.

— Inferno? — Ralhou Draco — Calma ai, grandalhão! Só uma sugestão... até porque você nem sabe onde ele está se escondendo... não é?

—Não, eu não sei.

O rosto de Draco se contorceu, então ele encheu um copo com uma bebida amarela e a entregou a Jonas:

— Beba.

—O que é isso? —Jonas perguntou encarando o copo já na sua mão.

—Uma bebida gelada.

— Bom, não está tão gelada assim... e eu não vou beber, a menos que você beba um pouco dela antes.

Draco o encarou sem paciência e falou enchendo um copo para ele também:

— Pensei que já havíamos passado dessa fase. — Terminou de encher o copo e bebeu um grande gole. — Satisfeito?

— Não. Estaria mais satisfeito se pudesse sair deste lugar. — Jonas respondeu e bebeu um pouco da bebida também. — Você colocou algum soro da verdade aqui?

Draco semicerrou os olhos e depois abriu um largo sorriso. —Na comida toda. Seu tio não detectou, você sim. Por quê?

— Sou mais inteligente do que pensa... tem intenção de me matar? —Ele perguntou também.

— Eu tomei um antídoto antes de você chegar, mas posso lhe responder essa com sinceridade. — Draco apoiou os cotovelos na mesa. — Te matar seria muito fácil e eu não gosto de vinganças fáceis. Gosto de vinganças que ecoem pelo universo.

Jonas estremeceu e não conseguiu fingir superioridade por causa do soro da verdade.

— Você me assusta pra caramba. — Ele disse e Draco gargalhou. —O que meu

pai fez com você?

—Me menosprezou na frente do rei.

—E o que eu te fiz? —Jonas perguntou confuso.

—A questão não é essa. Vinganças não precisam fazer sentido. — É, você tem razão. Eu também vou me vingar de você um dia desses. Pode anotar isso aí. — Falou Jonas com convicção.

—Sei. —Falou desdenhoso. —A questão principal é: a princesa Hadassa sabe que você vinha para cá?

— Eu jamais contaria a ela. — Jonas respondeu e fechou a cara com raiva. Só a menção da princesa o deixava furioso.

— Ela mandou vários homens para te procurar. Estão sobrevoando a ilha...

— Me mande embora, com meus amigos e tio. Todos ficam felizes. Você já se vingou bastante e Hadassa pode terminar de me encher o saco. Me joga na floresta, eu ia morrer de medo se você fizesse isso. É a vingança perfeita. — Jonas falou despreocupado e se serviu de mais cozido.

— Para você contar a Hadassa o que há abaixo do templo? — Draco debochou. — Nem tudo que acontece aqui precisa ser sabido ainda.

— Ela vai acabar descobrindo com o tempo... aquela entrada para Cidade Perdida não foi nem um pouco difícil de encontrar. Quando eles descobrirem o campo eletromagnético vão somar um mais um e quando pensarem que não estão pagando tributos à coroa... aposto que estão com os tributos bem atrasados. — Jonas disse e deu mais uma garfada. — Samuel vem comigo, alias. — Finalizou.

—Quê? Quem é Samuel? —O mais velho perguntou entediado. —Meu vizinho de cela.

— Não me importo com seu vizinho de cela. Vocês ficam. — Draco respondeu sem paciência. — Caleb, pode levar esse idiota daqui! Não me serviu de nada.

O soldado apareceu rapidamente e segurou o braço de Jonas que ainda estava comendo. Encheu a boca com o restante do prato e seguiu para a ala dos prisioneiros mastigando. Ainda de boca cheia falou:

— Espero que eles não tentem abrir caminho com bombas. Esse buraco de cidade vai abaixo e a gente morre soterrado.

—Que história é essa?

— A princesa está me procurando... vai que ela não acha a entrada para a cidade, ou acha que há alguma coisa de baixo das formações rochosas... — falava rápido — ou quem sabe, vocês taparam a entrada para a Cidade Perdida. Se ela achar que tem alguma coisa para ser encontrada aqui em baixo, pode usar explosivos.

—Está mentindo.

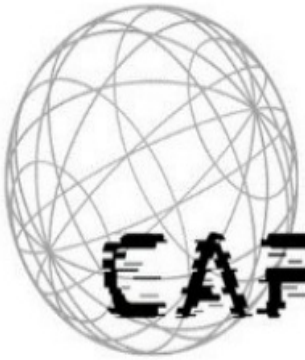
— Eu adoraria poder mentir, mas acontece que me drogaram com soro da verdade. — Jonas respondeu e eles já estavam na porta de sua cela. Caleb assumiu uma expressão preocupada. — Vocês fecharam a entrada né? —Ao ouvir a pergunta, ficou surpreso com a descoberta de Jonas. — Que porcaria hein?! A gente vai morrer.

Caleb jogou Jonas em sua cela e a trancou. Agachado dentro do cubículo gritou para o guarda que se distanciava:

—Você precisa fazer alguma coisa! A gente vai morrer!

—Por quê? —Gritaram outros presos —Você disse “morrer”? —Por quê a gente vai morrer? —Samuel indagou.

— Porque isso tudo vai desabar nas nossas cabeças. — Jonas respondeu ainda sob efeito do soro da verdade e toda a ala prisional ficou sabendo.



CAPÍTULO 21

CIDADE NOVA FIDEM, ILHA DOS DRAGÕES, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Já haviam se passado quatro dias desde a conversa de Jonas e Draco. Os ânimos entre os prisioneiros complicaram-se. Ninguém falava muito, mas a tensão era tangível. Samuel estava tão assustado que sempre que ouvia algum barulho incomum, dirigia seus olhos para o alto, esperando que a qualquer momento tudo pudesse desabar sobre sua cabeça.

Tom esquematizava um plano, porque pensou a mesma coisa que Jonas quando soube que o garoto estava sendo procurado. Imaginou que Hadassa faria o possível para descobrir qualquer pista, e também sabia que ela era capaz de colocar tudo abaixo se isso significasse que assim teria ciência de tudo. Por causa disso, trocou de cela com um colega de trabalho. Um senhorzinho já velho, que ficava na mesma ala que as mulheres e crianças. O fez para que pudesse ficar o mais perto de Abigail e Noah que conseguisse. O garotinho ficou aliviado quando ouviu a voz de Tom à noite.

—Estou aqui do lado.

— T-tom? — Abigail perguntou se achegando a parede que dividia as celas. — Como é bom ouvir sua voz.

—Também é bom ouvir a sua, garota. Como estão se sentindo? —Noah já se recuperou da gripe, graças a Deus.

—E quanto a você? Estou sentindo sua voz muito fraca.

— Ela está ardendo em febre, Tom. — Noah finalmente falou. — Eu me recuperei, é verdade, mas ela não está nada bem.

—Não... estou bem sim.

— Pare com isso, você precisa de remédios! — Noah ficou nervoso.

— Noah, não há o que eu possa fazer, nem ninguém aqui. Você sabe disso melhor do que ninguém. — A garota disse tentando acalmar o irmão, porém só o inflamou ainda mais.

—Maldita a hora que nos juntamos a eles.

— Eles nos ajudaram a sobreviver, Noah. Mostre mais gratidão. —Abigail falou e o menino fez careta pelas suas costas.

— O garoto tem razão. Quando a gente sair daqui, arranjaremos um lugar seguro para vocês. Não foi mesmo boa ideia. — Tom concordou angustiado. Se sentia culpado. Acha que Jonas não podia ser responsabilizado, mas seu pai sim e na ausência dele, era Tom quem tomava o devido lugar.

— Não fale isso, Tom. — A moça apoiou a palma da mão na parede gelada e depois a testa. Tremeu de frio, só que não saiu do lugar. — Você nos ajudou de forma inimaginável. Serei eternamente grata.

Noah pigarreou nervoso. Abigail o olhou de soslaio aborrecida com a falta de modos do irmão e depois colou os olhos na parede como se Tom fosse aparecer a qualquer momento.

— E quanto a Jonas? — Ela perguntou, o irmão bufou e revirou os olhos. Se deitou no colchão de braços cruzados, porém também ansiava pela resposta.

— Ele vai muito bem. Foi ele quem disse que esse lugar vai desabar.

—Sim, nós soubemos. Como ele soube? —A garota perguntou. — Conversou com Draco, finalmente. Hadassa está a nossa

procura...

— A procura de Jonas, você quer dizer! — Noah falou mal- humorado.

— Se ele é nossa chance de escapar, fico feliz que ela o esteja procurando. — Abigail mentiu. Ao pensar na princesa procurando por Jonas, sentiu um calafrio que não vinha de sua febre.

—Isso. Se estivermos no lugar certo... —Tom falou.

—E na hora certa... —Abigail completou.

Tom se direcionou ao colchão que pouco antes havia pertencido a outro homem e se deitou. A princípio, sentiu o cheiro senil e torceu o nariz, porém não demorou a se lembrar do porquê de estar ali naquela cela. Mesmo que se sentisse em dívida com Abigail e Noah, gostava da sensação de tê-los por perto. Às vezes via-os como seus filhos. Os três, na verdade. O sobrinho também foi somado a visão paternal. Queria passar valores e colocá-los em lugares seguros para viver. Desejava prover o que fosse necessário e os queria felizes.

Espero que Benjamim esteja bem. Dídimo prometeu cuidar dele enquanto eu estivesse fora... espero que os dois estejam bem.

Os pensamentos na família vinham e como se tratava de família, algumas vezes, Elai também os invadia, mas o sentimento ao pensar nele era controverso. Tom queria dar uma surra em seu irmão mais velho e abraçá-lo logo em seguida.

Entrementes, na ala dos homens, todos os prisioneiros deitaram assim que as luzes foram apagadas. Jonas não tinha muita escolha, afinal não conseguia ficar de pé na cela que lhe foi entregue. Era a menor de todas de propósito.

—Está acordado? —Samuel perguntou no escuro.

— Sim.

— Você não me disse o que veio fazer aqui nesta ilha. — Falou Samuel, estava muito desconfortável naquela noite e não conseguia dormir.

—Meu pai me mandou numa missão.

— Que tipo de missão? — Perguntou se ajeitando no colchão, queria sugar o

máximo que pudesse do lado de fora de Nova Fidem. Se agarrava a Jonas porque era um forasteiro cheio de histórias do mundo real.

— Não sei ao certo, eu tenho que encontrar algum artefato... talvez algo que seja relacionado a este lugar. — Jonas respondeu cheio de incertezas.

—Ele já lhe mandou em alguma missão assim antes?

— Na verdade, eu encontrei uma espada um tempo atrás... por causa dele.

— Espada?

— Sim. A Espada Indestrutível. — O rapaz respondeu e deu de ombros. Ela só o trouxe problemas até então.

Samuel deitou de barriga para cima e ficou imaginando o teto da sua cela, já que não conseguia enxergá-la devido a completa escuridão. Sabia que era incomum, mas reconhecia fragmentos da história.

— Meu avô me contava uma história, quando eu era menor... Sobre um herói. Parece que alguém encontraria a salvação do mundo que conhecemos. Haviam passos para se conseguir encontrar o artefato que ia livrar o mundo da morte.

—É mesmo? —Jonas perguntou sonolento.

— Sim, a primeira relíquia era a Espada Indestrutível. Depois ela apontaria para a Besta de Longo Alcance — Os olhos de Jonas se acenderam na escuridão. — E depois... não me lembro para qual relíquia a besta apontaria. Só sei que são três, elas mostram o caminho para a salvação.

— Você sabe onde encontrar essa Besta de Longo Alcance? — Ao ouvir a pergunta Samuel caiu na gargalhada e alguns prisioneiros mandaram ele calar a boca.

Jonas se aproximou da parede que os separava e implorou: —É sério, cara, onde ela está?

Samuel notou que Jonas estava mais perto e se surpreendeu. —Você acredita nessa baboseira?

—Só me fala. Onde?

— A lenda diz que é o Basilísco quem a protege na toca. — Respondeu desconfiado. — Só que é impossível tirar qualquer coisa daquele bicho. Ele é terrível. Você não vai querer dar de cara com ele.

— Já nos conhecemos. — Falou e a respiração ficou entrecortada. Esteve perto do próximo artefato, mas foi parar justo na toca errada.

—Quando? —Indagou se sentando no chão estupefato.

— Quando chegamos aqui, atravessamos a floresta e o encontramos... então a besta está na floresta.

—Meu avô dizia que sim.

— Entendi...

Jonas fez silêncio depois disso e se deitou no colchão desconfortável de novo. Seu vizinho de cela ficou sentado de frente para a parede por mais algum tempo, esperava que ele dissesse mais alguma coisa. Acreditou que aquela conversa havia sido a última que os dois tiveram e por pior que fosse, se sentia mal por isso. Gostava da companhia de Jonas, ele o considerava inteligente e gostava de ter um amigo que soubesse das coisas. Assim podia contar com ele para saber mais a respeito daquilo que nunca teve condições de entender, como as ilhas de Nova Terra.

Antes de ser preso, ele só ouvia histórias a respeito delas. Nunca teve o prazer de conhecer nenhuma. Por um tempo ficou obcecado por Friaze, por causa das histórias sobre o Bosque e o poder que emanava dele. Seu avô lhe contava sobre os heróis que cresceram naquele lugar e como os homens eram fortes e destemidos. Tudo que ele queria era ser como eles. Quando as ouvia, conseguia enxergar pelos olhos do avô, viajava através deles, todavia sonhava poder enxergar com seus um dia.

Deitou-se no colchão quando ouviu a respiração pesada do colega na cela ao lado. *Logo mais deveremos acordar para o trabalho.* Seus olhos foram ficando pesados e o sono veio.

Sirenes altas e uma luz amarelada acordou a todos. Jonas engatinhou até o portão de ferro e o empurrou de leve. Ele se abriu. — Os portões estão abertos! — Gritou um prisioneiro no fim do corredor.

Saiu da minúscula cela e esperou uma algazarra de homens correndo para todos os lados, mas se encontrou sozinho no corredor. Ninguém foi corajoso o bastante para sair do lugar. Draco aterrorizou aqueles homens de tal forma que acreditaram que se se rebelassem seriam mortos.

Jonas se colocou na frente do portão de Samuel, ele se segurava as barras com força.

—Não abra. —Ele disse.

— Você está maluco? — Jonas se sobressaltou — Venha comigo!

— Eu não vou. — Samuel tinha lágrimas nos olhos em completo terror.

— Samuel... você precisa se acalmar. Venha comigo, vamos sair daqui. —Falou e sentiu um tremor.

—Eu não vou. —Ele repetiu categórico.

Outro tremor sacodiu o lugar e um pouco de poeira se desprendeu do teto. Jonas limpou o rosto, respirou fundo e disse:

—Este lugar vai desabar.

— Você não entende. Se um guarda me encontrar do lado de fora... eu... eu não vou sair daqui.

—As celas estão abertas por uma razão, Samuel.

— Vá você na frente, se não te impedirem, volta aqui para me buscar. — O outro respondeu enlouquecido. — Você é muito mais corajoso que eu, Jonas!

— Está bem, está bem. — Respondeu e começou a correr. Não sabia como, entretanto, estava disposto a voltar para buscá-lo. Alguns homens, um pouco

mais corajosos, correram pelos corredores procurando uma saída. Jonas os acompanhou.

—Onde ficam as celas das mulheres? —Perguntou a eles.

—Para lá. —Um homem apontou para uma bifurcação à direita. Correu ainda mais rápido na direção indicada e encontrou algumas mulheres na direção contrária. Virou à esquerda e sentiu outro tremor. Dessa vez teve que se segurar na parede. Gritos atemorizados ecoavam pelos corredores. Continuou correndo contra a corrente de pessoas. Sentiu que o andar das mulheres era ainda mais no interior da terra, então seu peito ardeu em ansiedade, porém ignorou o medo e prosseguiu.

Não demorou muito a encontrar Noah correndo desesperado na sua direção. Logo atrás dele Tom com Abigail no colo desacordada — Corre, corre! — Noah gritou para Jonas. — O teto está desabando!

Tom passou por ele com Abigail nos braços e só então ele se colocou a correr também. Estava desacordada por causa da febre alta, só que o rapaz logo pensou o pior. Mas não viu nenhum indicio de terra nas vestes dela. Só observou que os cabelos estavam grudados na pele molhada pelo suor.

—O que aconteceu? —Jonas gritou a pergunta para o tio. —Ela está doente... — Tom respondeu.

— Preciso voltar. — Jonas disse. Noah e Tom pararam e o olharam atônitos. — Meu amigo Samuel... ele vai morrer.

— Vai! Anda logo! — O mais velho gritou para o sobrinho e se pôs a correr. Noah ainda ficou olhando Jonas partir para o lado contrário a saída. Sentiu uma onda de afeto, e logo depois correu atrás de Tom que já estava muito mais adiantado.

As paredes dos corredores se moviam com violência. Uma enorme placa do teto caiu logo atrás dele enquanto passava pelo corredor principal da ala dos homens, ainda assim, prosseguiu. O corredor de sua cela estava vazio, dessa vez encontrou todos os portões abertos, com exceção da cela ao lado da sua.

— Samuel? — O chamou em voz alta. Ele colocou o rosto na grade.

— Oi.

—Vem, vamos.

— Os guardas não lhe impediram? — Ele perguntou temeroso. Seus olhos pareciam alucinados.

— Não, ninguém tentou me impedir. Vamos. — Fez sinal com a mão para que ele corresse.

Samuel abriu o portão com cuidado e olhou para os dois lados do corredor, estava apavorado. O medo de ser descoberto pelos guardas era tão grande, que não parou para perceber o que estava acontecendo. Eventualmente, Jonas tinha que se desviar de algumas lascas do teto que desciam em profusão. Em alguns momentos precisavam se segurar nas paredes por causa dos constantes tremores. Fosse como fosse, estavam querendo entrar em Nova Fidem e logo conseguiriam, só que não seriam corpos vivos os que encontrariam soterrados. Jonas não queria que o corpo dele e de seu amigo fizesse parte do mau presságio, então correu e às vezes puxava Samuel para perto de si.

A saída já estava quase toda congestionada, porém, havia um buraco no teto que outrora fora uma claraboia, logo acima stava a floresta. Jonas a viu e soube que era a melhor saída naquele momento.

— Vamos por aqui. — Disse para Samuel que estava absorto em seus pensamentos.

—Onde? —Ele perguntou.

—Lá em cima, está vendo? A gente vai escalar.

—Tudo bem. Pode ir na frente e eu vejo como você faz. — Falou sem nenhuma confiança.

Jonas o olhou desconfiado, não tinha tempo sobrando para ficar fazendo perguntas então se pôs a escalar. A terra estava muito escorregadia naquele ponto, o desejo de fugir era tudo que tinha. A alimentação ruim atrapalhou seu desempenho de forma vergonhosa, mas a adrenalina, sua velha amiga, o

impulsionava a não desistir. A cada passada ele só pensava: *mais um pouco e eu chego lá*. Quando conseguiu parar em uma fissura considerável na parede

de escalada, resolveu olhar para baixo e chamar seu amigo, quando o fez encontrou Caleb ao seu lado. O guarda, ao ver que Jonas havia encontrado um lugar para escapar da morte, puxou uma adaga de seu cinto e a apertou no pescoço de Samuel deixando uma linha vermelha em sangue vivo. Em pouco tempo Samuel jazia morto e o caminho estava livre para Caleb.

Jonas, tomado de furor, grunhiu feito um animal. O som vindo de seu peito ecoou pelas paredes da bifurcação de tal modo que a terra acima deles começou a ceder. Tom ouviu-o, pois já estava na floresta à sua espera. Colocou Abigail no chão, deixando Noah responsável por ela e então correu na direção do som enfurecido. Encontrou o buraco no chão e viu a terra engolindo parte do corpo do sobrinho e gritou também. Vários pássaros ao redor nas árvores se dispersaram, outros animais e feras ficaram curiosos para descobrir a origem do som.

Aeronaves da realeza apontaram no céu.

Jonas escalou com mais determinação enquanto tinha Caleb em seu encalço. Seu tio estendeu o braço, já cansado de carregar Abigail, para apoiar o sobrinho que subia em tempo recorde. Quando finalmente agarrou o braço do tio, Caleb agarrou seu tornozelo para derrubá-lo, com isso ficou pendurado ao braço de Tom que urrava de dor. Com o tornozelo livre, Jonas proferiu vários chutes na direção do rapaz, mas não acertou nenhum.

Tom urrava como um animal ferido, pois tinham dois homens enormes pendurados em seu braço direito. Os tendões queimavam como se expostos a queimaduras de terceiro grau. O ombro deslocou-se, o fazendo gritar mais uma vez. Este grito desesperado

desencadeou em guardas reais descendo em cordas de suas aeronaves, assim como em Jonas finalmente acertando o rosto de Caleb em cheio.

O soldado ficou soterrado e Jonas finalmente sentiu a brisa gelada da Floresta Amaldiçoada. Vários sobreviventes corriam por ela buscando abrigo. Em alguns momentos foi possível ouvir gritos estridentes pelos quatro cantos dela. As feras estavam sendo muito bem alimentadas naquela noite.

Tom sentia tanta dor que rolou no chão da floresta. Segurava o ombro lesionado com força e urrava ignorando a atenção que estava recebendo. Abigail abriu os olhos ainda com dificuldades e Noah a abraçava firme, temendo que fossem descobertos. Não sabia o que fazer. Jonas se sentia tão culpado que tentou ajudar o tio, contudo ele não parava quieto.

Um soldado real chegou perto e Jonas assustou-se de imediato, não os havia notado ao redor ainda.

— Calma, Elaizinho. Viemos ajudar. — O soldado disse. — Segura a onda aí, Tom, vou colocar seu ombro no lugar. —O homem se aproximou do outro que se contorcia no chão. O segurou firme o sentando no chão, se virou para Jonas e falou: — Você vai ter que me ajudar aqui, grandão.

Ele foi ao encontro do tio e o segurou com força. Tom levantou o braço machucado no alto, era possível ver o ponto em que o osso estava fora do lugar. O soldado colocou a mão no lugar onde havia um vazio em que o ombro deveria estar e Tom fez uma careta terrível. O homem riu e então apoiou devagar o braço lesionado em seu ombro. O soldado moveu o braço para a direita ainda devagar e toda a cor do rosto de Tom desapareceu. Por fim, com o braço apoiado para baixo, colocou as mãos abaixo da axila dele e endireitou o osso.

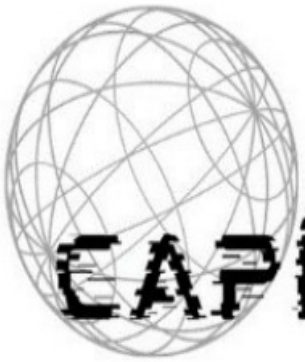
— Vem, vamos levar você para o hospital. Precisa de uma tala nesse braço. — Disse sorrindo. Tom o encarou aliviado, mas ainda sentia vontade de acertar um soco em seu nariz.

Colocaram um apoio em formato de cadeirinha para que ele pudesse subir na aeronave e então foi levado para o hospital. Noah, Abigail e Jonas foram em outro avião e passaram longe do ponto em

que os Dragões de Fogo estavam, a leste do vulcão Garganta de Fogo.

Abigail precisou ser internada, estava em um nível muito alto de desidratação. Noah e Jonas também estavam desidratados então tomaram soro e medicamentos intravenosos. E enquanto todos eram tratados no hospital, o rapaz pensava em como voltaria para a Floresta Amaldiçoada afim de encontrar a Besta de Longo Alcance. Estava claro em sua mente: não envolveria mais ninguém nesta missão. Muitos se feriram por sua causa e estava cansado de causar tantas mortes.

Ficou nos mesmos aposentos que Noah e seu tio no hospital, mas não trocou uma só palavra com eles. Seu silêncio ficou mais do que claro, Tom sabia que ele estava arquitetando algo, só que decidiu não interrogar o garoto naquele momento. Pelo pouco que o conhecia, sabia que era muito mais parecido com ele do que seu próprio filho. Sabia que se sentisse que seu plano, fosse qual fosse, estivesse ameaçado, se fecharia e talvez por impulso, iria mesmo assim. Queria que o sobrinho tivesse mais tempo para pensar. *Samuel nem teve a chance de conhecer outra ilha,* era nisso que Jonas pensava entre um plano e outro. A culpa crescia avassaladora em seu peito.



CAPÍTULO 22

MARÇO DE 2014, CIDADE FLUTUANTE, ILHA DO SIRI,
SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Dídimo não queria ajudar o garoto de jeito nenhum, porém sabia que ele ia dar um jeito de fazer o que queria e talvez acabasse fazendo besteira. Não estava de bom humor com relação a Elai, mas não queria ficar devendo nada a ele. Agora que Nova Fidem foi destruída e que Draco estava possivelmente morto, a ideia de deixar Jonas nas primeiras horas da manhã o mais próximo da Ilha dos Dragões não parecia ser tão ruim assim.

Deixo esse moleque a alguns metros da praia e volto para pescar o almoço do

dia, Dídimo pensou. *E depois eu penso se volto para buscá-lo.* Mentiu para si mesmo. Ele se responsabilizou por Tom, já que ele teve que fazer uma cirurgia e estava com uma tipoia impedindo serviços manuais. Os tendões foram gravemente lesionados e depois de reconstituídos, o homem precisava de repouso constante.

Jonas não estava se preocupando com os sermões do tio, já que os medicamentos que ele estava tomando o deixavam grogue o dia inteiro. Só precisava se preparar para ir até a ilha enfrentar o basilísco. Seu outro tio, Dídimo, parecia querer vê-lo pelas costas o tempo inteiro, então quando pediu ajuda para chegar o mais próximo da ilha de novo, o homem mal esperou que ele terminasse a frase para dizer:

“Te deixo lá por um dia inteiro.”

A resposta foi o suficiente. Não se importava com o que Dídimo pensava, só queria descobrir como matar seu tempo e desvendar de uma vez o que Elai queria dele. Era fato que Jonas já pensara diversas vezes em abandonar a missão e ficar quietinho na sua, porém não queria ver a cara decepcionada de seu pai. Odiava o efeito que aquela expressão tinha sobre sua vida. Detestava desapontá-lo, apesar de tê-lo odiado mais do que nunca nas últimas semanas. Isso, considerando que o homem estava vivo.

Depois de se alimentar direito por uma semana inteira, sentiu que seu corpo estava voltando ao normal e enquanto enfaixava as mãos com as bandagens do tio no banheiro do Rosberta, fitou sua aparência no espelho. Seu cabelo havia crescido bastante e alguns fios lisos teimosos arremessavam-se no seu rosto constantemente. Ele balançava a cabeça para tirá-lo dos olhos e notou que seu rosto parecia aborrecido. Respirou fundo e continuou o processo como se estivesse se preparando para uma luta de MMA. Usando roupas leves e tênis com tecido semelhante a meias, se sentiu pronto.

No cinto de sua calça estava a adaga que o serviu como arma tempos antes e ao lado dela também havia sua arma mais secreta: a Espada Indestrutível em sua forma mais compacta. Se olhou mais uma vez no espelho e viu o reflexo de seu pai por alguns segundos, balançou a cabeça em negação e saiu para encontrar seu tio Dídimo no navio ao lado. Quando o viu, logo mais atrás dele, o navio novo de Abigail e Noah reluziu a luz da manhã. Parecia quieto e tranquilo. *Devem estar dormindo.*

— E aí? Vamos ou você ainda quer ficar olhando para o navio da sua namorada?

— Ela não é minha namorada. — Jonas respondeu mal- humorado.

— É, ela merece coisa melhor. — Falou Dídimo com um sorriso debochado, mostrando todos os dentes de ouro.

Jonas revirou os olhos e pulou a bordo do navio do tio, que nem esperou ele pousar direito e já estava zarpando com tudo. Deu uma cambalhota no chão, como aprendera a cair em suas aulas de luta e depois se pôs de pé. O tio ficou impressionado, mas decidiu não

comentar. Não queria um Elai, ego inflado a bordo de seu Jelly Ruger.

Atravessaram parte do oceano Atlântico em alguns minutos e chegaram próximos à Ilha dos Dragões.

—Pega o bote a estibordo e zarpa logo daqui. —Falou Dídimo. — Antes de anoitecer você estará aqui de novo, né? — Jonas perguntou já colocando o bote na água.

—Sim. —Grunhiu. —Não esquece do meu pagamento.

—Pode deixar. Obrigado.

Jonas pulou no bote e o tio partiu. Devido ao motor modificado, logo a imagem dele se tornou um borrão. As águas cristalinas daquele lugar possibilitavam ao garoto a visão quase perfeita do fundo do mar. Vários peixes nadavam despreocupadamente abaixo dele. Ele sabia que aquilo era apenas um convite perigoso. Nada naquele lugar era digno de confiança e aprendera da pior forma possível. Ignorou a cena belíssima abaixo de si e logo encontrou o banco de areia nos limites da praia da Ilha dos Dragões.

Puxou o bote para a praia e colocou uma pedra pesada dentro dele para evitar que ele se movimentasse pela ação do vento. A areia branquinha grudava-se em volta dos tênis escuros de Jonas. Como a realeza não estava se opondo abertamente a ele nos últimos dias, devido sua descoberta a respeito de Nova Fidem, bem como a descoberta de todos os habitantes de Nova Terra a respeito

de sua existência, pôde comprar algumas roupas na Cidade Real. Agora parecia-se muito mais com ele mesmo. Tom lhe deu um pouco de dinheiro, dinheiro este que Jonas garantiu devolver assim que possível.

Nas suas costas, a mochila estava repleta de barras de cereal e garrafas d'água. À sua frente, a Floresta Amaldiçoada esperando para tragá-lo. Já tentara antes. Talvez fosse o momento em que ela fosse se empenhar ainda mais.

A mata fechada acima de sua cabeça fazia parecer o entardecer, o Horloge em seu pulso marcava 7h. Depois de dias sobrevoando a Ilha dos Dragões, a Inteligência Real mapeou-a por inteiro. O soldado Marques, um grande apoiador de Elai, cedeu o download do mapa para o Horloge que deu de presente a Jonas, quando ele

visitou a Ilha Real. Com as palavras certas, era capaz de convencer qualquer um.

O garoto já estava usando uma de suas melhores aquisições. O mesmo soldado, Marques, contou que a melhor forma de enfrentar qualquer missão com os mapas do Horloge era com o uso da Lente de Contato Horloge. Trata-se de um dispositivo tecnológico que permite visão a longo alcance, visão noturna e demarcações de caminho. Os soldados usam em um dos olhos e Jonas escolheu seu olho direito para o trabalho. A lente trabalha em conjunto com o Horloge, portanto Jonas tocou com o indicador na tela do dispositivo e falou:

—Horloge, demarque o caminho para a toca do Basilísco. ***Sim, Jo-Jonas.***

—Só Jonas, Horloge.

Em meu sistema, o Horloge que o serviu pela última vez lhe cadastrou como Jo-Jonas. Deseja mudar deu cadastro para Só Jonas?

—Sim, por favor. —Ele disse enquanto avançava pela mata. ***Tudo bem, Só Jonas...***

Parou para ouvir o Horloge e desatou a rir. Fazia tempo que não ria assim, foi bom se desconcentrar de toda a desgraça que aconteceu nos últimos dias.

... agora, demarcando o caminho para você, Só Jonas. —Obrigado, Horloge. —Ele respondeu ainda rindo.

Com a visão direita, tudo a sua volta estava cinza, exceto pelos feixes de luz no caminho que brilhava à sua frente. Ficou maravilhado com aquela tecnologia e a imaginou no mundo em que vive. Facilitaria a vida de muita gente.

Cuidado, senhor Só Jonas, há muito animais à sua frente e nenhum deles foi categorizado pelo sistema Horloge.

—O que é preciso para categorizá-los?

Nosso sistema deveria entrar em contato com as raças. Precisamos do máximo de informações possível.

—Talvez um dia alguém faça isso com o sistema.

Seria ótimo, senhor Só Jonas.

— Concordo, poupariam muitos problemas. — Jonas assentiu. — Será que você pode me dizer onde cada animal está?

Com prazer.

Através da lente de contato, os animais também foram demarcados e Jonas assustou-se, pois cada um deles apareceu como se fosse possível enxergar através da vegetação. Brilhavam como o caminho à sua frente. A maioria deles era de dragões e aos poucos Jonas foi compreendendo que a maioria estava muito distante.

— Horloge, demarque apenas aqueles animais que estiverem mais próximos...

Deve mudar à medida que o senhor caminha, Só Jonas? —Sim, por gentileza.

E então 90% dos animais desapareceu da sua visão e ele seguiu caminho. Ao saber onde cada um deles estava, perdeu boa parte do medo que sentia, como quando adentrou a mata pela primeira vez. Desviou-se dos animais desconhecidos ou que representavam perigo e fez o mínimo possível de barulho. Mais à frente ele viu um rio demarcado como animal.

—Horloge, houve um engano. Aquilo é um rio.

Não, senhor Só Jonas, aquilo é um animal.

—O sistema cometeu um erro. —Jonas rebateu. Estava olhando para o rio e as águas eram cristalinas. Conseguia até mesmo ouvir o som delas.

Nós não cometemos erros, senhor Só Jonas.

—Infelizmente, cometem sim.

Não cometemos, todavia, se o senhor se sentir mais confortável, posso desmarcá-lo como animal. Gostaria de desmarcar este animal da sua lista de animais?

Jonas balançou a cabeça em negação, não para dizer que se opunha ao que o Horloge dizia, mas porque havia ficado surpreso em encontrar alguém mais teimoso que ele. Era surpreendente que nem ao menos se tratava de uma pessoa e sim de uma máquina, projetada para agir racionalmente.

—Desmarque, por favor. —Respondeu entediado.

Como quiser, senhor Só Jonas.

O rio foi desmarcado e agora não brilhava mais. O caminho indicava o contorno dele, e como já havia entendido que ele não

representava nenhum tipo de perigo, resolveu atravessá-lo. As águas não eram profundas.

Estava prestes a colocar os pés no córrego quando um cervo enorme se aproximou do outro lado e começou a beber a água. Sua língua ficou presa e por ela, foi puxado para dentro do leito. O rio o mastigou. Do lado de fora da ação, Jonas viu a água mudar de cor devido o sangue do animal dentro dele. Foi dilacerado e rapidamente digerido. Depois disso voltou a ser exatamente como era minutos antes.

Jonas mal se moveu do lugar de tão boquiaberto que ficou. Colocou o indicador no Horloge de novo e disse:

—Desculpe, Horloge, você tinha razão.

Eu sempre tenho, senhor Só Jonas.

Ele decidiu obedecer Horloge em todos os detalhes e deu a volta no “rio”. Tudo naquele lugar parecia convidativo, porém, a intenção era levá-lo à morte.

A toca do basilísco brilhou em profusão. Jonas respirou fundo e apertou os punhos fechando-os em demasia. As pontas de seus dedos esbranquiçaram rapidamente enquanto caminhava naquela direção com os olhos e ouvidos atentos. Não demorou para que sua lente captasse o monstro movendo-se rapidamente na sua direção e logo estavam cara a cara.

Então a criatura o fez enxergar o mesmo desejo da última vez, seu olho direito, por outro lado permaneceu enxergando os olhos verdadeiros da fera. Os ouvidos de Jonas captavam a mesma conversa e o mar como na última vez, mas agora sua mente não estava totalmente envolta. Apesar da visão convidativa, estava muito ciente de que aqueles olhos cinzas e boca escancarada o tragariam assim que quisessem. Entretanto além de tudo, o basilísco gostava de brincar com sua presa. Jonas podia jurar que a boca escancarada com seu hálito de putrefação, inclinava-se para cima em plena satisfação.

O corpo do monstro estava enrolado acima de sua cabeça, e apertava-se mais como se já estivesse em volta de sua presa. Quebrava e dilacerava o tronco que a servia. Jonas correu para frente se desvencilhando da investida e sem delongas, o bicho veio atrás, só que agora fazia muito barulho. Circulou pela demarcação

da toca enquanto o basilísco atrás dele se debatia entre os troncos, derrubando alguns deles.

Fazia sons de cascavel, mostrando seu descontentamento com a falha na investida. Jonas escalou um paredão que havia ao redor da toca, puxou sua espada e clicou para que tomasse sua forma original. Enquanto ela se abria, pulou na direção do basilísco que também saltou em sua direção com a boca aberta, como se já tivesse ganho a batalha. A espada se abriu completamente e com as duas mãos segurando seu cabo, ele rasgou a cabeça do monstro e a medida em que caía, abriu-o ao meio, fazendo com que suas partes pendessem para os dois lados.

Ao chegar no chão, boa parte do corpo o monstro ainda estava intacto porque era muito grande. Como outros semelhantes à sua espécie, permaneceu com enorme rabo se movendo como se estivesse recebendo vários choques. Tremia e se levantava com violência, batendo no chão e levantando pó. O sangue do bicho era esverdeado e cheirava muito forte.

Jonas sacou de sua mochila uma garrafa de vidro e começou a coletar o sangue enojador. Aquele era o pagamento que seu tio Dídimo havia exigido. Como havia feito questão, ele resolveu encher uma garrafa para si também. Seu tio não disse como ele poderia se beneficiar com aquele sangue, Jonas sabia que haviam algo além, portanto se precaveu e guardou um pouco para ele mesmo, depois acionou o botão na espada e ela se compactou novamente. No caminho que fez, cuspiu gotas do sangue se limpando por completo. — A primeira parte já foi. — Falou para si mesmo e olhou no Horloge. —Dez da manhã? O tempo passou muito rápido!

Ainda usando a lente, conseguiu identificar alguns morcegos atrás do paredão em que havia subido para matar o basilísco. *Vampiros é?* Se lembrou do tio e sorriu. *Deve haver algo atrás dessa parede.*

Se aproximou e deslizou a mão por ela, depois foi para uma das extremidades e começou a empurrar, esperando que a pedra se movimentasse. Ele tinha razão, havia uma passagem ali. Se esforçou ao máximo e conseguiu abrir uma pequena entrada, apertou-se por ela, e entrou na escuridão. Um pequeno feixe de luz

atrás da passagem iluminava apenas o chão no lugar onde Jonas estava, não servia de ajuda.

—Horloge, preciso de um pouco de luz.

Ativarei a lanterna e a visão noturna.

O Horloge se acendeu e o olho direito de Jonas passou a enxergar através do breu. Assim que começou a enxergar melhor, ficou boquiaberto, parecia estar diante de uma tumba antiga com histórias pintadas à mão nas paredes.

— Que...?

Não era um local muito grande, portanto dez passos à frente encontrou a parede

principal. Nela está desenhada uma enorme engrenagem arredondada com várias outras pequenas no centro. Passou a mão direita nelas e sentiu que algumas se moveram e fizeram *clic* .

—É um enigma. —Falou empolgado.

Então voltou sua atenção para as paredes ao seu lado e viu que elas, de fato, contavam uma história. A pintura na entrada mostrava várias pessoas viajando de navio, abaixo dela estava escrito no dialeto antigo: Nação Santa 1. A esquerda da Nação Santa havia um homem segurando o que parecia uma caixa preta, o escrito abaixo dela estava desgastado, mas Jonas identificou uma palavra: Originais 3. Mais adiante havia uma pintura de Caelum Arcus e o escrito confirmou: Caelum Arcus 2. Depois encontrou a pintura do continente com todas as ilhas da Nova Terra e um círculo em volta de tudo, o escrito estava apagado, era possível apenas enxergar o número três.

Do outro lado, atrás de Jonas, mais uma história estava sendo contada. Havia ali o desenho da América do Sul e no Brasil, uma cruz pintada na altura do Sudeste. Jonas semicerrou os olhos e passou o dedo indicador na pintura como se tentasse apagá-la, não conseguiu. Abaixo dela o escrito estava embaçado, só que o número três ainda era presente. Ao lado, um bebê enrolado numa manta com o desenho do segundo continente com a descrição abaixo: Malus Sanguis 1.

Passou o dedo em volta do desenho e imaginou se não era uma profecia a seu respeito. Riu com o pensamento, se sentiu ridículo por uns instantes e depois continuou olhando o restante das pinturas.

Haviam mais duas: uma coroa e uma caixa preta, como a que o homem do outro lado segurava. Nenhum dos dois estavam com os escritos legíveis, mas os números haviam sido riscados recentemente. Um e seis, os últimos números da sequência.

— 1, 3, 2, 3, 3, 1, 1 e 6. — Disse para si mesmo. — Acho que este é o código para o que está ali atrás.

Andou até a parede das engrenagens e enxergou os números nas menores. Mexeu a primeira da esquerda até aparecer o número 1. Ouviu um barulho como se algo estivesse se movimentando na terra, todavia, não se atentou a isso, deu mais importância ao *clic* que ouviu quando colocou o número certo na

engrenagem.

Partiu para a segunda e girou até o número 3. Mais uma vez o barulho de algo sendo arrastado, porém dessa vez ainda mais alto. Terceira engrenagem, número 2. O barulho se intensificou. Quarta engrenagem, número 3 e então entendeu a origem do som. As paredes estavam se fechando.

Sua respiração começou a ficar entrecortada. O peito subia e descia, não havia mais volta. A pequena abertura que fez ao entrar estava completamente obstruída pela parede que estava se movendo. Um suor gelado percorreu sua espinha e a testa ficou minada pelo mesmo fluido. Precisava terminar o que havia começado. Das duas uma: ou encontraria o que estava atrás daquela parede ou morreria esmagado. Jonas preferia a primeira opção, então girou a quinta engrenagem para o número 3 mais uma vez. As paredes moveram-se e a partir daquele momento, permaneceram sem parar. Acelerou sua interação. Engrenagem seis: número 1. Engrenagem sete: número 1. A paredes estavam quase se chocando e Jonas virou de lado para ter mais espaço. Engrenagem oito: número 6.

As paredes pararam a milímetros de seu corpo. As rodas giraram sozinhas, se moveram para a esquerda como uma porta de correr, abrindo caminho para um corredor largo atrás das engrenagens. Pisou no corredor e então várias luzes foram acesas. Ao contrário do que estava atrás dele, aquele lugar parecia arquitetado com perfeição pelos melhores arquitetos do sétimo continente. Um mármore preto cobria o chão e as paredes pareciam placas de metal. Seguiu em frente e mais adiante alguns sensores foram ativados.

Atrás das paredes, dezenas de armaduras giraram para frente com suas espadas em punho.

Colocou a mão no bolso traseiro, pegou um *clip* de papel que encontrou jogado no quarto mais cedo e o lançou para frente. De início nada aconteceu, mas em um dado momento, o objeto bateu em um ponto específico acionando uma das armaduras, ela girou para baixo como se houvesse um homem a vestindo e golpeou o ar. Se Jonas estivesse ali, seria atingido nas canelas.

— Ela demorou alguns segundos para ser acionada, talvez eu tenha chances se correr mais rápido. — Falou puxando um dos calcanhares para cima a fim de se alongar para a corrida, depois

gargalhou e disse: — Minha mãe sempre achou que meus

exercícios era um desperdício de tempo!

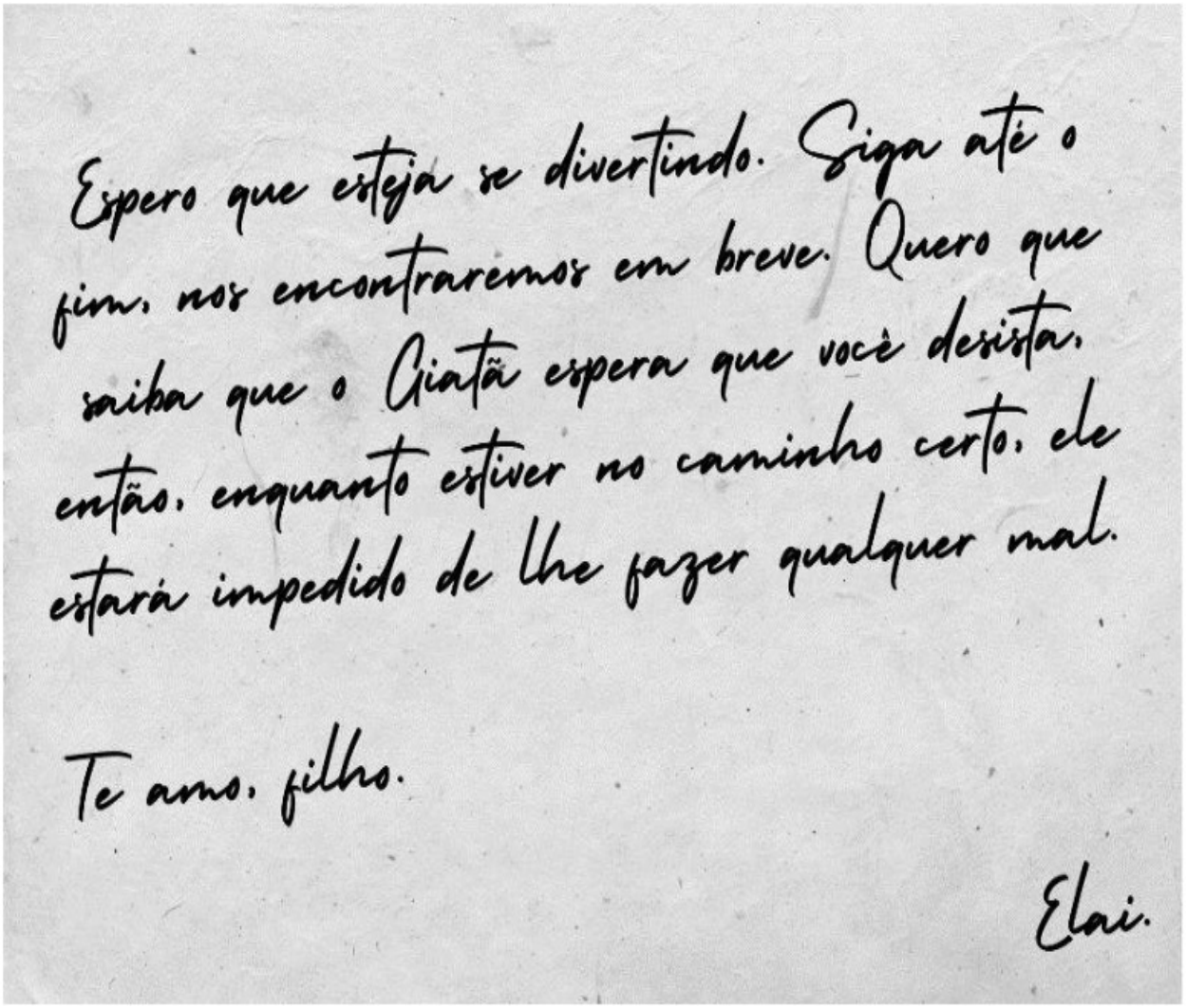
Já alongado, começou a correr. Ao contrário do que imaginou, as armaduras foram acionadas com rapidez. Se jogou no chão e deslizou alguns centímetros enquanto duas delas golpeavam, respectivamente, na altura de seu pescoço e tórax. Empurrou o chão com as duas mãos e se levantou. As outras duas armaduras, uma de cada lado, tentaram golpear sua cabeça e canelas em duas direções diferentes, então Jonas colocou a mão esquerda no chão e deu uma estrelinha. Enquanto a armadura da direita tentava golpear a cabeça, ficou rente aos seus calcanhares. A armadura da esquerda atacou segundos depois, dando tempo de o rapaz terminar o seu salto após tirar a mão do chão. Ainda assim levou um arranhão na investida. Parecia até que alguém estava ali para assisti-lo. Se divertiu no processo. Entre saltos, corrida e deslizamentos no chão, se desvencilhou de cada golpe no corredor.

Ao completar a passagem no fundo, um altar subiu do chão. Acima dele estava a Besta de Longo Alcance. Jonas a segurou e logo notou que era muito mais leve do que parecia ser, assim como a Espada Indestrutível. Dourada como ouro, com cordas brancas ornadas de fios dourados, também era maior do que a besta de seu tio.

Decidiu testá-la. Levantou-a em seus punhos e logo entendeu o seu nome. A besta abriu o zoom e ele viu a textura da parede à sua frente. Tirou os olhos da mira e chegou perto da parede para ver, e

não se comparava a riqueza de detalhes que o zoom da sua nova arma era capaz de mostrar.

Mirou em uma das armaduras, mesmo não vendo nenhum dardo engatilhado e ao apertar o gatilho, um dardo azul com a aparência de um raio atingiu em cheio o peito da armadura, fazendo um enorme buraco. Ficou boquiaberto e assustado com a potência da besta, pensou em devolvê-la para o altar, afinal, nas mãos erradas poderia representar muito perigo. Quando estava prestes a fazer isso, encontrou um bilhete.



Atrás do bilhete havia um botão, Jonas o apertou e a parede dos fundos se moveu revelando a praia da Ilha do Dragão.

Com a besta em uma mão e o bilhete na outra, o garoto ficou atônito. O sol já estava se pondo e logo mais seu tio apontaria no horizonte. Caminhou até a margem do mar e ficou parado olhando o sol em contato com a água, parecia mergulhar tranquilo. Olhou para

seu bote com a pedra, ainda no mesmo lugar e então se pôs a zarpar dali. Ao olhar para trás, a parede que havia sido aberta já havia tomado seu lugar de origem, camuflando-se com o resto da paisagem.

Ainda agarrado ao bilhete, Jonas parou no mar. Enquanto as ondas balançavam o bote de leve, tentou colocar sua mente em ordem. No fundo sabia o que cada uma das coisas que lhe aconteceram naquele dia de aventura significava, só não

queria admitir.

Olhou atônito mais uma vez para o lugar de onde saiu e depois mirou o bilhete em sua mão. Seu pai ia ter muito trabalho para explicar tudo. Por mais que quisesse respostas para ontem, estava tão feliz em saber que Elai estava vivo, que nem ligava mais para o fato de que toda a verdade sobre sua vida foi encoberta.

Quando Dídimo apontou no horizonte, Jonas prosseguiu para pegar sua carona. Subiu a bordo segurando a besta. O tio olhou para a enorme arma em sua mão boquiaberto.

— Seu pagamento. — Jonas jogou a garrafa cheia de sangue de basilísco. Dídimo pegou no ar e zarpou para a Ilha do Siri.



— Por que está se fazendo de difícil, filho? — Perguntou rei Gustavo. Conversava com Elai na sua sala de reuniões. Fazia tempo que não ocupava sua cadeira de frente para a mina de Caelum Arcus. Hadassa a tem usado com frequência.

A mina já não tinha mais o mesmo formato que antes, quando Elai era jovem. Ele notou isso e se sentiu saudosista. Quando era mais novo, ainda não tinha tantos ressentimentos a respeito do lugar mais além. Naquele momento, tinha motivos de sobra para odiá-lo. — Me fazendo de difícil? — Elai perguntou se divertindo. — Você sabe que preciso encontrar minha família mês que vem e essa missão vai custar muito do meu tempo.

Só de pensar em se afastar da família por uma missão que considerava inútil, era desesperador. Tinha um calendário em que riscava os dias até o primeiro dia de outubro, tamanha era sua saudade.

— Precisamos resolver isto antes que alguém o faça por nós. — Disse o monarca.

— Por que não pede a Ares? Ele ama ser um cachorrinho da realeza. Sempre quis meu lugar... — Falou Elai. Não queria o cargo que tinha, Ares, por outro lado, deixava claro seu desejo por ocupá- lo. —Seria legal vê-lo fazendo algo de útil.

— Não seja tão duro com Ares. Ele tem seu valor. — O rei o repreendeu sorrindo. Também não gostava nada daquele homem.

—Perfeito, contrate ele para a missão.

— Você é quem vai. Eu ainda sou o rei, sabia disso? — Se aborreceu. Se serviu com uma taça de vinho. — Eu te ofereceria, mas está a serviço hoje.

—Qual é o meu serviço? —Elai perguntou entediado.

— Hadassa não me contou ainda. Acho que tem a ver com um torneio que ela quer planejar para o próximo ano. Considera importante revelar a valentia dos homens de Nova Terra. Acha que pode estabelecer novos heróis.

Elai revirou os olhos. Sabia que era considerado um herói por ser um homem forte e por comandar o exército e a guarda real. Pela passividade de Nova Terra, eles nunca tiveram grandes problemas para serem enfrentados. No máximo, levavam homens que cometeram algum delito para Mina Caelum Arcus.

Levantou os olhos para mina mais uma vez e respirou fundo. Doía na alma ver os homens confinados àquele trabalho. Muitos deles nem ao menos cometeram crimes tão perigosos e acabaram se tornando escravos.

— A princesa vive entediada, não é mesmo? — Perguntou se voltando para o assunto do torneio.

— De todo jeito, você não ficará muito ocupado com o tal torneio, afinal tem uma missão em meu nome. — Falou trivialmente e bebericou um pouco do seu vinho.

— Aposto que Hadassa vai ficar muito decepcionada... — Elai se levantou para admirar a mina pelo vidro temperado.

— Seu sobrinho trabalha na mina... Hadassa me disse. — O rei falou surpreendendo Elai.

—Pensei que não se importasse com isso.

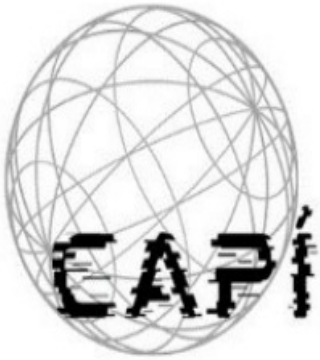
— Meu filho, eu me importo com tudo que está relacionado a você. Tanto que posso mudar a situação de seu sobrinho. — Os olhos de Elai se acenderam. — Mas terá que cumprir sua missão primeiro.

Elai sorriu debochado para o rei e voltou seus olhos para a mina. Imaginou como se sentiria se Jonas estivesse confinado aquele lugar. Pensou no irmão que havia perdido a filha e a esposa, não

conseguia mensurar uma forma melhor de aliviar a dor de Tom. Por mais que os dois não tivessem um bom relacionamento, sabia que se um dia Jonas precisasse de socorro, ele seria o primeiro a estender a mão.

— Por onde eu começo? — Perguntou ainda com os olhos colados nos trabalhadores da mina.

—Pela Caverna do Tritão.



CAPÍTULO 24

MARÇO DE 2014, CIDADE FLUTUANTE, ILHA DO SIRI,
SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Tom quase engoliu a própria língua quando viu a Besta de Longo Alcance. Estava na cozinha do Rosberta esquentando a comida que Dídimo havia feito mais cedo. Ficou aborrecido quando soube que Jonas havia saído sozinho em direção à Ilha dos Dragões, mas se sentiu aliviado em saber que estava bem e que havia encontrado finalmente mais uma relíquia. Afinal, o plano era esse.

Jonas não quis contar a respeito do bilhete de seu pai. Estava mais leve ao saber que ele está vivo, só não queria que o tio soubesse, pelo menos não por enquanto. Teve medo que ele reagisse mal, já que ninguém tinha entendido ainda o porquê do sumiço.

— O que mais me preocupa é que você só tem encontrado armas... — Falou Tom com a voz um pouco sonolenta por causa dos remédios.

—É, também tenho pensado nisso.

—E o que veio à sua mente?

—Só coisas terríveis. —Jonas falou e sorriu amarelo para o tio. — Tipo?

— Giatã... acho que ele está muito quietinho... eu estou aqui dentro e ele não apareceu mais.

— Eu pensei nele esses dias. Acho estranho não ter aparecido de novo. Como se ele estivesse aguardando você terminar a missão. — Disse Tom e depois encheu o prato com salada cozida e peixe frito.

Era o que Elai escreveu no bilhete. O Giatã espera que o garoto desista da missão e enquanto ele estiver no caminho, está impedido de fazer algo contra sua vida.

— Alguém pode impedi-lo...? Sabe, de fazer alguma coisa contra mim? — Jonas perguntou reflexivo. Não queria deixar seus questionamentos tão claros a ponto de seu tio entendê-los a fundo. O bilhete era um segredo só seu.

—Claro que não. Impossível.

Assentiu desconfiado de que Tom não soubesse de tudo que acontecia em Nova Terra. Talvez a extensão deste lugar seja tão desconhecida para ele quanto é para Jonas. Vai ver ele não soube de muitas coisas além das ilhas em que estava habituado a frequentar. Esse pensamento levou Jonas a tentar imaginar o que tinha além da Ilha Real ou da Ilha dos Dragões. O que mais havia para ser visto ou enfrentado.

O mundo em que vivia era muito distante do que estava ali ao seu alcance. Toda aquela imensidão imaculada aos outros seis continentes o faziam querer ficar. Muito provável que o sentimento que estava invadindo seu peito fosse a alegria em saber que seu pai estava em algum canto, canto este dentro das extremidades daquela Redoma feita do material mais intrigante que existia em todo o mundo.

Aproveitou o ensejo e se sentou ao lado do tio para comerem juntos. Estava aprendendo a desfrutar desse momento, era quase como se sentar ao lado do pai, que também tinha o hábito de permanecer calado à mesa. Algumas pessoas falam tanto que mal sabem a procedência do que dizem, mas existem outros, que partilham pensamentos de boca fechada. Os Marcus são assim.

Da mesma forma que se sentia em família ao lado de Tom, o tio também se sentia em casa ao lado do sobrinho. Para ele o sentimento era quase igual ao que

sente pelo filho, ainda que olhar para Jonas seja abrir caminho para a saudade.

—Estou pensando em visitar Benjamim amanhã. —Disse Jonas.

Tom assentiu. Por fora parecia quase alheio ao comentário do sobrinho, por dentro, entretanto, se sentia acolhido. E estava feliz, porque queria que o filho tivesse o máximo de companhia possível. Benjamim era contra visitas constantes, talvez agora as coisas realmente mudem.

Terminaram suas refeições e depois de escovarem os dentes em banheiros diferentes, cada um foi para seus aposentos. O mais velho não demorou a adormecer de novo, Jonas, porém, colocou os olhos no céu pela pequena janela do compartimento em que se instalou. Notou que Abigail fazia o mesmo. Ela subiu ao convés e se deitou no chão para admirar as estrelas. O vento de outono fazia com que ela abraçasse seu corpo, mas estava satisfeita em senti-lo, por isso permaneceu lá por minutos a fio. Jonas colou os olhos na garota e em alguns momentos mirava o céu tentando compreender o que ela enxergava. Queria vê-lo pelos seus olhos.

Quando não aguentou mais a distância, decidiu fazer-lhe companhia e como um verdadeiro acrobata, pulou os empecilhos entre os navios e se deitou ao seu lado. O cheiro do xampu de frutas vermelhas que a garota usa subiu às narinas, fazendo-o se sentir diferente. Ela mal se mexeu, como se já soubesse que viria. Admirava o céu e queria poder vê-lo em toda sua extensão. A negritude do firmamento repleto de pequenas joias reluzindo faziam- na querer mais, a confabular histórias, como se houvessem civilizações inteiras além das estrelas.

A alegria de Abigail pintava o canto dos seus lábios e por mais que o que havia a cima de suas cabeças fosse de tirar o fôlego, para Jonas, era o que estava ao seu lado o que o intrigava mais. Olhava-a como se quisesse desvendar tudo que estava em sua cabeça.

— A mente que pintou o céu... — Abigail começou, então Jonas olhou para cima. — Penso que a mente que pintou o céu é a mais criativa de todas. Queria poder entender o que há além dele.

Jonas mirou o céu em silêncio. Se sentia em paz. Era bom poder ter alguns minutos com esse sentimento aquecedor.

—Queria poder desvendar todos os mistérios da criação...

— Não dá. — Jonas falou — Acho que você enlouqueceria tentando.

Abigail sorriu. Não sabia como eles haviam se tornado tão íntimos assim.

— Fiquei com medo de que tivesse morrido. — Ela comentou um pouco emocionada e Jonas a encarou de novo. — Digo, que você, Noah e Tom tivessem morrido na Ilha dos Dragões... eu vi o avião caindo. Foi aterrorizante.

Jonas engoliu em seco e disse:

—Sinto muito.

Ela se virou de bruços e falou sussurrante:

—Sentiu medo?

—Muito. —A palavra pulou de sua boca. —Mas depois, quando ficamos presos em Nova Fidem... eu... eu realmente senti medo, como nunca senti em minha vida... a cela... eu...

Parou as palavras no ar porque o sentimento veio junto com elas. Devolveu os olhos para o firmamento. Os cantos de seus lábios penderam um pouco para baixo.

—O que havia em sua cela?

Jonas a encarou surpreso. Não esperava ter que responder essa pergunta, só que não imaginou respondê-la a mais ninguém que não fosse a garota que o encarava, portanto disse:

— Parecia um caixão de tão pequena. Era como se eu estivesse morto, como se as pessoas soubessem disso e eu não. — Olhou para o céu de novo — É bom olhar para algo tão imenso quanto o céu.

— Fico feliz que tenha vindo. — A moça respondeu e olhou para o céu também.

Ele a mirou mais uma vez e a achou a mais linda garota com quem já esteve. Ao

mesmo tempo que a via dessa forma, se sentia na obrigação de tratá-la diferente de todas as outras.

— Você tinha um amigo. — Ela afirmou e então Jonas caiu em si e voltou os olhos para o alto. —O que aconteceu com ele?

—Ficou apavorado demais... acabou morrendo.

—Sinto muito.

—É, eu também.

—Já havia lidado com a morte antes? — Perguntou.

—Não. Foi a primeira vez que vi alguém morrer.

— A primeira vez é chocante. — Ela falou com a voz um pouco embargada.

Jonas não soube o que fazer então segurou sua mão. Esperava que ela o soltasse, mas Abigail a apertou ainda mais forte em resposta.

—Sinto tanta falta dos meus pais. —Contou e fungou um pouco. Os olhos dele marejaram. Jonas queria poder voltar no tempo e corrigir o erro. — ... se estivessem aqui diriam que eu precisava dar logo um nome para o navio, porque dá azar navegar num navio sem nome... — riu triste — bom, eu não teria que comprá-lo se ainda estivessem vivos, então...

—Constelação. —Jonas disse em português.

—O quê?

— Um nome para seu navio. É a palavra naquela língua do meu pai, para o conjunto de estrelas. — Ele falou e Abigail sorriu com a resposta.

— Ah, constelação! — Ela falou em sanctus. — Gostei como soa nessa língua. Repete, por favor? — Ela pediu se deitando de bruços de novo.

Jonas se virou também, olhou nos olhos castanhos de Abigail e notou manchinhas verdes como uma galáxia própria. Ficou hipnotizado por alguns

segundos então se lembrou da pergunta e respondeu em português:

— Constelação.

Abigail sorriu aberto enquanto encarava Jonas e ele entendeu como um sinal verde para se aproximar ainda mais da linda garota à sua frente. E ela, ao perceber o avanço do rapaz, se levantou depressa, envergonhada. Assustado, ele se levantou também.

— Ér... — Abigail pigarreou e depois fingiu bocejar — Eu estou morrendo de sono, você não?

Jonas riu da reação dela e respondeu:

—É, eu também estou cheio de sono.

— Então tá... — Disse andando para trás, bateu as costas num mastro e então se endireitou. —Boa noite.

— Boa noite. — Respondeu ainda sorrindo, parado no mesmo lugar.

Abigail assentiu com a cabeça e desceu para sua cabine. Jonas ainda com o sorriso frouxo foi para o Rosberta. Naquela noite dormiu sorrindo.

No outro dia pela manhã, acordou com o tio gritando no mar:

— É, isso deixa aqui perto, fica fácil pra ele pular em cima e zarpar...

— Você vai deixar o moleque zarpar por aí sozinho? — Ouviu a voz de Dídimo.
— Quem te viu, quem te vê, hein? — Debochou do irmão.

—Eu não posso segui-lo por todo canto. Já é um homem.

— Tá, sei, sei! Agora me dá licença, vou dar umas voltar por aí... —A voz dele ficou mais longe. —Como tá o braço?

—Muito melhor.

—Ontem foi o último dia com aqueles remédios?

— Foi. — Tom respondeu. Jonas se levantou rápido e foi na direção das vozes.

—Ah, que bom! —Dídimo respondeu sincero.

— Está feliz por não ter mais que cuidar de mim, isso sim! — Ao ouvir a resposta, Dídimo gargalhou.

— Claro, você é um chorão quando sente dor. Olha aí, quem acordou. —Falou quando Jonas chegou ao convés superior.

— Bom dia. — Jonas disse, mas seus olhos foram na direção do Constelação à procura de Abigail.

— Tenho uma surpresa para você. — Tom apontou para baixo do navio com a mão imobilizada pela tipoia. — Agora pode sair por aí, só tem que me mandar sua localização de vez em quando.

Jonas se abaixou para olhar o que estava ao lado do Rosberta e encontrou uma pequena lancha branca colada ao casco do navio. Era bem velha e gasta, não havia explicações para a razão de flutuar no mar, mas mesmo assim começou a sorrir como se fosse manhã de natal. Abraçou o tio com cuidado, levando em consideração sua lesão no ombro. Quando o soltou, notou que tinha ficado surpreso com sua reação.

— Não é costume dos homens se abraçarem em Nova Terra? — Perguntou brincalhão.

— Eu não esperava que esses homens se abraçassem. Só isso. — Tom respondeu rindo também. Olhou para ele com os olhos semicerrados: —Dormiu bem esta noite?

— Muito! — Gargalhou — Obrigado... eu ainda não tinha te agradecido por cuidar de mim durante esses meses... muito obrigado. —Finalizou e o abraçou de novo. Tom o abraçou de volta. — Pode até me levar ao hospital hoje. — Disse e Jonas o soltou do abraço preocupado. — Ah, não há nada de errado... é que o médico me mandou uma mensagem. Parece que quer conferir se fez o trabalho direito.

—Está sentindo dor, ou algo do tipo?

— Não. Eu estou bem... agora vá lá escovar esses dentes. Qual é a sua, moleque? Maior bafo!

Jonas gargalhou e se aproximou do tio sussurrando:

—Eu estou com bafo?

—Saí, garoto! Comeu cocô?

Jonas gargalhou alto e continuou falando pertinho:

—Poxa, titio, vem cá...

—Já te falei! Fala direito! É tio! TIO!

— O que estão fazendo aí? — Abigail apareceu sorrindo na proa do Constelação.

Jonas, que ainda vestia uma bermuda velha do primo para dormir, ficou envergonhado, desceu rápido para escovar os dentes e se ajeitar um pouco. Deixou o tio morrendo de rir atrás de si. Ouviu-o dizer:

—Jonas estava com o maior bafo, mandei ele escovar os dentes. —Ah, entendi... —Abigail respondeu sem graça.

Ao ouvir o tio entregando-o, teve vontade de colocar a cabeça no vaso sanitário e se dar descarga.

Depois de devidamente alimentados e arrumados, Tom e Jonas foram para Ilha Real, cada um para um ponto específico dela. O tio encontrou-se com o médico responsável pela lesão em seu ombro e Jonas encontrou-se com Benjamim. Teve que esperar o primeiro descanso do primo para que pudessem conversar um pouco na mina de Caelum Arcus.

Ben estava no lugar onde o Palácio Real vigiava cada movimento dos escravos da mina. A enorme janela de vidro temperado estava ao alcance da vista, mas era impossível ver através dela. Jonas encarou-a com os olhos semicerrados. Estava

tentando entender por que eles tinham uma área no palácio só para encarar os escravos. Isso era, de longe, a coisa mais sádica que já tinha visto.

O alarme para o descanso soou e então Benjamim se juntou a Jonas. Os dois se sentaram nas pedras ao redor. O mais velho limpou um pouco o lugar com as mãos, pensando nas calças novinhas em folha. Não foi possível melhorar o aspecto do lugar. Benjamim deu risada da tentativa fracassada do primo.

Tom mandou sanduíches de sardinha, então os dois se puseram a comer.

— Como vão as coisas por aqui? — Jonas indagou de boca cheia.

— Do mesmo jeito de sempre. — Benjamim deu de ombros e depois sussurrou sorridente: — Mas podemos ouvir as fofocas que circulam pelo palácio.

—É mesmo?

— Sim. Ao que tudo indica, a princesa Hadassa vai fazer um torneio para estabelecer um herói entre os homens da Nova Terra. — Ele sorriu animado. — Isso significa que vários homens de todos os cantos virão para competir.

— Que tipo de torneio? — Perguntou tentando parecer interessado.

—Isso ninguém sabe.

—De repente você ganha! Quem sabe não sai desse lugar...

— Escravos não podem competir. — Falou um pouco chateado, porém logo se animou: — Não tem problema, se meu primo querido conseguir vencer... pra mim já vai valer de muita coisa.

— Eu, competindo? — Jonas gargalhou. — Até parece! Se eu entro numa competição dessas é bem capaz da princesa dar um jeito de me matar...

Benjamim encarou Jonas tentando entender o que ele queria dizer com aquilo. Não deveria ter dito. Ainda não sabia o quanto o primo conhecia do que estava acontecendo em sua vida ou o que se passava no palácio. Mordeu um pedaço bem grande do sanduiche

para manter a boca ocupada. Estava muito à vontade por causa do presente do tio de mais cedo. Para ele, aquilo foi uma demonstração de carinho que não esperava, devia ser por isso que estava tão falante. O mais novo seguiu o fluxo e comeu todo o sanduiche o mais rápido que conseguiu, pois em breve o alarme finalizando o descanso soaria. Quando Jonas ainda estava terminando de mastigar o último pedaço, o intervalo acabou.

—Obrigado por aparecer aqui.

— Não há de quê. — Respondeu sem jeito — De repente volto outro dia...

—Beleza. —Benjamim disse e deu um tapinha nas costas dele. Os dois se despediram e Jonas seguiu o caminho para longe da

mina.

Ao caminhar entre as ruas da ilha, notou que alguém o estava seguindo. Pôde ouvir os passos atrás de si enquanto atravessava uma ruela além da feira da Cidade Real. Mesmo que não estivesse sozinho, não sentia medo. Depois de tudo que enfrentou nos últimos meses, havia adquirido sua confiança vaidosa de novo. Se conseguira passar por tudo aquilo, nada era capaz de segurá-lo. Exceto lugares apertados, disso ele ainda não conseguia se desvencilhar.

Em um beco escuro, Ares se colocou em seu caminho cruzando os braços. O garoto tentou desviar, porém ele se moveu também.

— Eu até gosto de dançar, só que eu prefiro as loiras. — Respondeu petulante.

O Comandante real mostrou-lhe os dentes, mas não sorria. Esperou que o garoto avançasse mais uma vez para ter motivos para agredi-lo. Jonas, por outro lado, sabia exatamente o que ele queria. Os olhos do homem demonstraram fúria e puro descontentamento, como um animal sentindo que perdeu parte do seu território. Jonas até gostava daquela situação, sempre acreditou que era melhor incomodar do que ser incomodado.

O homem mais velho com os pelos eriçados feito um gato prestes a atacar, pronunciou as palavras a seguir como se as cuspisse na direção de Jonas:

—O que está fazendo aqui?

— Fazendo uma visitinha. — Jonas respondeu com um sorriso debochado.

— Ares? — Chamou Zacarias, um príncipe, filho de Hadassa. Estava do outro lado da rua com ar confuso.

Ao ouvir a voz do menino, o rosto contorcido em ódio transformou-se drasticamente. Se virou para o rapaz revelando Jonas atrás de si. Zacarias mirou o filho de Elai com curiosidade. Mesmo a meia luz, os olhos de Jonas brilharam como os olhos do pai.

— Não vai me apresentar seu amigo? — Zacarias perguntou a Ares.

— E aí? — Jonas andou na direção do rapaz e estendeu a mão para cumprimentá-lo. O príncipe sorriu com a falta de jeito e o cumprimentou de volta

—Jonas, o filho de Elai. —Zacarias afirmou.

—Sim. E você, quem é?

— Vossa Alteza, príncipe Zacarias. — Falou Ares empurrando Jonas para o lado. —Deveria demonstrar mais respeito.

—Não seja tão ignorante, Ares. As pessoas cometem erros. — O jovem príncipe disse. Parecia mais velho do que realmente era.

— Mas eu deveria tê-lo corrigido mesmo assim. — Finalizou Ares e Zacarias concordou.

— Vem comigo ao palácio. — O garoto convidou Jonas com o rosto alegre — Tenho certeza que meu avô ia gostar de te ver... Elai era como um filho para Vossa Majestade.

Ares revirou os olhos e bufou. Os dois rapazes fingiram não notar.

—Meu tio está me esperando no hospital.

—Ah, é uma pena! —O Comandante quase comemorou.

—Encontro ele lá e a gente vai junto ao palácio em seguida, sem problemas. — Jonas finalizou sorrindo.

— Beleza — O príncipe respondeu sorrindo. — A gente vai na frente e anuncia você e o...?

— Tom.

—Tom Marcus... Tudo bem! Vamos, Comandante.

Ares seguiu o príncipe, todavia de vez em quando olhava para Jonas de soslaio. O garoto demonstrando total controle da situação,

acenou e piscou para o homem afim de deixá-lo ainda mais irritado. O Comandante cerrou os punhos irado e seguiu seu caminho. Esperou perdê-los de vista para ir até seu tio, que o esperava na porta principal do hospital, ainda de tipoia e cara amarrada.

— Tá com esse sorrisinho por quê? — Perguntou enquanto Jonas vinha em sua direção.

—Porque faremos uma visita ao palácio.

—Agora? —Perguntou desapontado.

—O príncipe Zacarias me chamou. — Jonas disse e Tom revirou os olhos. — Vamos, vai ser divertido. E você está com raiva por quê? — O idiota do médico, mandou eu ficar mais tempo com esse troço idiota. Como eu vou pescar com isso?

—Eu posso te ajudar...

— Você? Pescando de arpão em alto mar? — Tom debochou. — Até parece!

—Eu quero ajudar de alguma forma, tio.

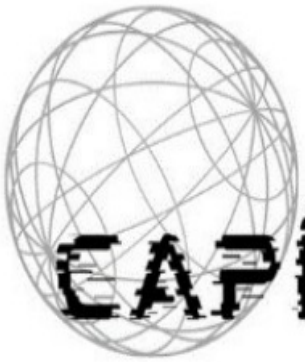
Ao ser chamado assim, Tom relaxou um pouco. Olhou para Jonas levemente emocionado. Até então o garoto não o havia chamado de tio, pelo menos não

com tanta naturalidade. O rapaz notou que ele havia gostado da forma como foi chamado e ficou um pouco desconcertado. O chamamento natural saiu de seus lábios sem que ele percebesse.

— E então, vamos ou não vamos para o covil da Cobra de Duas Cabeças? — Tom perguntou zombeteiro.

— Vamos! Quem é a Cobra de Duas Cabeças? — Jonas ficou confuso.

— Princesa Hadassa... se bem que eu não engulo muito bem esse rei Gustavo.



CAPÍTULO 25

PALÁCIO, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Os dois seguiram em direção ao palácio e então atravessaram as águas da ilhota que abriga todo o Palácio Real. Por causa do horário, o sol iluminava o jardim deixando claro as faces multicoloridas. Enquanto caminhavam viram na entrada do castelo os príncipes Zacarias e Augusto os aguardando. O mais novo exibia um sorriso infantil de excitação. Seu irmão mais velho exibia a coluna ereta tentando parecer mais adulto. Jonas e Tom se entreolharam e sinalizaram um ao outro, sem palavras, o quão estranha achavam aquela cena.

O Comandante Ares não demorou a aparecer atrás dos garotos. Sua estatura ultrapassava os dois com folga. Jonas segurou o riso, pois lembrou dos seguranças do Shopping Vitória. Certa vez ele e seus amigos da escola tentaram furtar bombons na Lojas Americanas e foram interceptados por dois seguranças enormes feito o homem à sua frente. Ninguém levou um misero bombom para casa, contudo, todos voltaram com as cuecas levemente úmidas.

— Jonas? — Perguntou Augusto, entusiasmado, e ele assentiu em resposta. —É muito bom conhecer você.

Jonas sorriu e os três levaram os visitantes para dentro do Palácio. Os corredores por onde passaram estavam pintados e adornados com arabescos de ouro. Não havia um só canto que não

estivesse coberto por dourado. O chão era feito de mármore branco e evidenciava, como na primeira vez, que os sapatos de Tom e Jonas não eram muito limpos. No centro de cada corredor há um lustre de cristal no teto arredondado. O rapaz achou aquele lugar semelhante a arquitetura gótica presente no quinto continente, Europa.

As janelas mostravam que o verde do jardim iluminado pelo sol da manhã, parecia brilhar como letreiros neon. De fato, a vegetação em volta do palácio era modificada geneticamente para que isso fosse possível. Quando se olhava demais, os olhos fadigavam-se por causa do brilho excessivo, mas era uma das mais belas vistas que os dois já haviam apreciado. Jonas pensou que Abigail ia gostar muito daquilo também, e ao passo que o pensamento veio, o afastou de sua mente para que se concentrasse na visita.

Sentado em uma das extremidades de uma enorme mesa de madeira maciça, rei Gustavo exibia um sorriso alegre, tal qual ao do neto mais novo. As rugas formadas em seus olhos deixavam clara a sua idade. Seus cabelos grisalhos estavam penteados com cuidado para trás e a barba grisalha bem aparada, emoldurando seu sorriso largo. Ele era um velhinho gordo como o Papai Noel que se cuidava com esmero, era possível notar. Ele se levantou quando viu Jonas se aproximar.

Tom se ajoelhou e o sobrinho fez o mesmo diante dos pés do rei. Ele colocou as mãos sobre a cabeça dos dois e pediu:

— Por favor, amigos, se levantem. Não precisam fazer tanta reverência a um velho como eu. —Fingiu modéstia.

— Tu ainda és o rei, Majestade, eles precisam se curvar diante de ti. —Ares falou enquanto os dois se levantavam.

— Bom, eu não exijo tal feito aos meus netos... e estão aqui diante de mim, minha família.

O Comandante olhou para o rei boquiaberto, mal pôde acreditar no que o velho disse.

— Veja como ele se parece com meu filho Elai. — O rei segurou o queixo de Jonas, ele não gostou, mas preferiu deixar como estava. Seguiu dizendo em tom de brincadeira: — A semelhança é inegável. Nem precisamos fazer exame para comprovar o DNA.

Seus netos riram da brincadeira e se sentaram à mesa em seus devidos lugares. Jonas e Tom se entreolharam sem saber como deveriam agir.

— Por favor, senhores, seus lugares são esses. — Falou Ana, uma das antigas criadas do reino. Estava presente quando a Oráculo teve a terrível visão. Ela apontou os lugares dos visitantes a alguns metros de distância do rei.

Quando eles se dirigiram para seus lugares o rei se aborreceu: —Não! Nem pensar! Os dois se sentaram ao meu lado hoje.

Ana assentiu sem se sentir ressentida, já estava acostumada a ser tratada de forma mais áspera. Aos poucos, mais pessoas foram se achegando. Era a hora do almoço e toda a realeza de Nova Terra se colocou diante da mesa. Os visitantes não sabiam como se portar e sentiram-se cada vez mais deslocados à medida que os membros da família enchiam a sala, vestidos com vestes reais, bem ornamentadas. Os irmãos Zacarias e Augusto de frente para Jonas e Tom sorriam como se fossem amigos de longa data.

O rei tem, ao todo, nove netos. Quatro moças adolescentes que se sentaram próximo aos primos. Quando notaram a presença de Jonas deram sorrisinhos encabulados e cochicharam umas entre as outras.

— Acho que está causando uma boa impressão. — Tom sussurrou no ouvido do sobrinho. Jonas sorriu e manteve sua pose como se não as notasse.

Os príncipes Seth e Mateo, filhos legítimos do Rei, quando chegaram, beijaram o topo da cabeça do pai. Os olhos deles pousaram em Jonas ao lado da majestade e logo notaram a semelhança. Seth foi o primeiro a cumprimentá-lo:

— Ainda bem que achamos logo um substituto para Elai enquanto está fora. Estava sentindo falta de ver olhos verdes à mesa. —Disse sorrindo simpático.

—O rosto deste é muito mais bonito, não tem as marcas de lutas sem sentido... —Falou Mateo com a mesma simpatia do irmão.

—É verdade. —Seth concordou.

— Marcas de lutas sem sentido? — Jonas perguntou enquanto os príncipes se sentavam com suas esposas.

— Seu pai é um brigão de mão cheia! Não tolera palavras tortas. — Respondeu Mateo rindo. Jonas sorriu também, sempre teve curiosidade em saber porque seu pai tinha tantas cicatrizes.

Ares, que permanecia de pé atrás dos filhos de Hadassa, fechou a cara carrancudo. Ao notar isso, o rapaz afirmou para implicar:

— Acredito que o Comandante tem muitas histórias a respeito de meu pai.

Em resposta, Ares o encarou enojado, mas ao perceber que todos o olhavam esperando palavras amigáveis, desfez o rosto descontente e mentiu:

—Seu pai era um homem de muito valor.

— Não precisamos tratá-lo como se pertencesse ao nosso passado. — Disse Seth e todos à mesa concordaram. — Elai está vivo em algum canto do sétimo continente.

Ares abriu a boca para se redimir, só que foi interrompido:

— Ou mais além... — Falou Mateo e levantou as sobrancelhas para o irmão que

riu.

— Ana, já pode servir o almoço. — Ordenou o rei, impedindo que os filhos falassem a respeito dos outros continentes.

Os criados colocaram à mesa o prato de entrada: salada de peras com creme de queijo semelhante ao gorgonzola e nozes. Tom e Jonas olharam em choque para aquela refeição.

— Mamãe está atrasada de novo. — Augusto falou baixinho para o irmão.

—Daqui a pouco ela chega.

Todos comeram e conversaram sobre trivialidades do mundo da realeza. Exceto os visitantes, que escolheram a parte mais interessante: a refeição que beiravam a perfeição. As papilas gustativas dos convidados estavam acostumadas com peixes e grãos, aquele prato devia ser degustado devagar.

Quando as louças vazias estavam sendo retiradas, os ocupantes da mesa começaram a ouvir o som de pedrinhas se chocando. O Comandante já sabia do que se tratava e como não foi convidado para se sentar à mesa, se ajeitou ainda de pé para receber a princesa Hadassa, que usava um vestido bordado com milhares de pedrinhas Caelum Arcus polidas. À medida que se movia, além do som que a peça fazia, o brilho inconfundível multicolorido enchia os

locais por onde ela passava. Seus cabelos estavam presos em coque na altura da nuca evidenciando seu colo nu. Suas sobrinhas ficaram energizadas, mas eram as únicas, além de Ares, que acharam a roupa apropriada para a ocasião.

Tom coçou a garganta e abaixou a mão boa no colo, longe da vista dos outros. Apertava e afrouxava o punho. A princesa conseguiu o que queria, deixá-lo desconfortável. Todas aquelas pedras de Caelum Arcus haviam sido mineiradas por pessoas como Benjamim, que trabalhavam incansavelmente na mina.

O maxilar de Jonas contraiu-se quando percebeu o desconforto do tio. Como se o véu que lhe cobria os olhos fosse retirado, compreendeu que aquilo na verdade era uma afronta.

— Ora, ora se não são meus queridos amigos, Tom e Jonas Marcus. — Hadassa

os cumprimentou enquanto caminhava na direção de seu pai. Deu-lhe um beijo no topo da cabeça e falou com os dois mais uma vez: —A que devemos a honra de recebê-los? Jonas a olhou de cima a baixo desdenhoso. Uma veia na testa da princesa saltou irada à petulância do garoto. O detestava e o sentimento era recíproco.

— Jonas e Tom são bem-vindos ao meu castelo sempre que quiserem. —Disse o rei. —Assim como Elai.

— Obrigado, Majestade. — Falou Tom e depois fixou seus olhos à mesa, desviando ao máximo da presença da princesa.

— Agradeço muito. — Jonas falou com sorriso aberto, ainda com ar petulante à presença de Hadassa.

Ele havia decidido ignorá-la. Funcionava com todas as garotas em seu continente e ela não passa de uma garota tentando chamar atenção.

Hadassa pediu para as sobrinhas pularem um lugar, de modo que se sentasse ao lado dos filhos. Zacarias a olhou de cima a baixo envergonhado. Augusto mal a olhou desde que chegou, como Jonas, decidiu ignorá-la. Mas para Tom aquilo estava sendo uma verdadeira tortura, afinal, ela escolheu um lugar estratégico para fazê-lo sentir mal.

— Hum, que fominha. — Falou passando a mão na barriga e as pedras se chocaram em resposta.

Serviram o prato principal: um enorme bife ao molho de tomate. A carne estava ao ponto e muito suculenta. Jonas quase revirou os olhos de tão empolgado. Tom, por outro lado, comia pensando nas Caelum Arcus cobrindo todo o vestido à sua frente. Depois disso a sobremesa não demorou a vir: merengue de frutas vermelhas.

— Todas as frutas são colhidas aqui nas terras do palácio. — O rei falou para Jonas. — Podemos te levar para conhecer nosso pomar.

—Será um prazer, Majestade.

— Ah, fico tão feliz que vocês estejam se dando bem... — Hadassa falou

chamando atenção para si. — Inclusive, Jonas, eu estava mesmo querendo falar com você. Em breve faremos um torneio para descobrirmos novos heróis no sétimo continente. Adoraríamos que você disputasse.

— Você e mais quem deseja isso, Hadassa? — Seth indagou desconfiado. — Nenhum de nós concorda com este torneio, muito menos temos interesse em ver o garoto, por quem temos muito apreço, numa arena.

— Já se tornaram grandes amigos? — Ela devolveu a pergunta sorrindo debochada.

—Ele é filho de nosso amigo Elai. Por quem devemos muito.

— Sem mencionar que ele já enfrentou um verdadeiro inferno na Ilha dos Dragões. —Mateo complementou a fala do irmão.

Os netos do rei olharam para Jonas esperando que ele se pronunciasse, porém ele se manteve em silêncio.

— Jonas, sentimos muito pelo o que passou confinado naquele buraco! —Mateo se dirigiu ao garoto.

— Obrigado.

— Foi nossa culpa não saber da existência daquele lugar — Seth também se desculpou. — Se não me falha a memória, Elai sempre desconfiou que havia algo errado naquele lugar... sentimos muito. Ele nos alertou e ignoramos. Peço desculpas a você também, Tom. Tom assentiu para Seth e voltou seus olhos para mesa. Hadassa aplaudiu os irmãos.

—Vocês são os homens mais incríveis do mundo!

—Não banque a engraçadinha, Hadassa. —Falou Mateo.

— Não, é sério — permaneceu aplaudindo —, vocês sempre falam as coisas certas. — Parou de aplaudir. — Mas não pensam no povo.

— Alteza, não venha dizer ao meu marido que ele não pensa no povo. — Falou Isabel, esposa de Seth. — Vossa Alteza está usando um vestido coberto de

Caelum Arcus, que poderia muito bem ser usado para fins mais importantes no continente. — Hadassa gargalhou. O rei continuou comendo sua sobremesa como se não os ouvisse discutir. — Olhe para si mesma antes de abrir a boca para dizer algo a respeito dos príncipes. Eles são homens bons, que se preocupam com o reino. E eu tenho certeza, Vossa Alteza, que Seth será um ótimo Rei.

— Há! Chegamos no ponto mais importante de nossa discussão à mesa. Quem será o rei de Nova Terra! — Hadassa falou debochada. — Não sei como pensam que podem governar este continente quando sou eu quem faz tudo por aqui.

—Será que não se enxerga? —Isabel perguntou incrédula.

— Tudo bem, querida. — Seth segurou o ombro da esposa. — Não entre na dela.

— Não vê que tudo que ela quer é chamar atenção? Olhe o vestido dela para um almoço em família! — Foi a vez de Jussara, esposa de Mateo se pronunciar a respeito.

— Ah, estava mesmo sentido falta dessa sua voz estridente, cunhadinha. Coloque mesmo as manguinhas de fora! — Hadassa debochou. — Mas eu sei bem que você é só mais uma invejosa... não me preocupo com sua opinião.

— Chega! — Mateo apontou o dedo em riste para Hadassa. Ares por impulso deu dois passos à frente para defendê-la. Os olhos do príncipe se colaram ao Comandante atrás da irmã, então disse: — Saia do salão, agora.

O Comandante não precisou ouvir de novo, se retirou sem nem olhar para trás. E também não podia, seu rosto estava todo contorcido e o corpo inteiro fervia em ódio. Esperava ansioso pela chance de ser considerado um deles. Assim que tivesse a chance fincaria as unhas no que mais desejava. É uma questão de tempo, pensou. Hadassa não se importou com a saída dele. Já estava sem paciência para suas investidas ousadas.

— Olha só, parece até um homem feito! — Hadassa falou a respeito da voz ríspida do irmão. Mateo por sua vez lançou-lhe um olhar de reprovação.

A mulher falou algo ao pé do ouvido do marido e ele concordou. Se levantaram e seus filhos Conrado, Ana e o pequeno Judá se levantaram também, fizeram

reverência ao rei e se retiraram.

— Espero que esteja feliz. — Seth disse se levantando. Sua família o acompanhou. Ester, Eva e Lilá, suas filhas levantaram-se tristes, pois não passariam mais tempo próximas a Jonas. Eles fizeram reverência e se retiraram também.

— Essa é a nossa deixa, garoto. — Tom falou ao ouvido de Jonas.

— Agradeço a receptividade. Foi um prazer conhecê-lo, Majestade. —Falou Jonas para o rei.

—Volte quando quiser, meu querido.

— Tchauzinho, Elaizinho. — Hadassa o abraçou se despedindo. Ele não sabia como se portar. —Espero que considere o torneio...

—Querida, não é hora... —Falou seu pai.

— Será um competidor por ilha. Estou pensando em homens de 10 a 20 anos... — Hadassa interrompeu o pai e encarou o garoto com um sorriso triunfante.

— Eu não moro aqui, lembra? — Falou petulante com um sorriso debochado no rosto.

— Claro que mora. Você consta em nossos registros como morador da Ilha do Siri... quantos homens há na sua ilha, Tom?

— Não tenho o controle da quantidade, Princesa. — Tom respondeu ríspido.

— Nem mesmo dos jovens? Vejamos... — Ela começou e colocou o indicador em seu Horloge também feito de Caelum Arcus, combinando com o vestido. — Horloge, quantos jovens homens existem na Ilha do Siri? — Apenas Hadassa ouviu a resposta. — Somente dois... entendi. Então, Jonas e Noah. Os únicos homens da ilha nesta faixa etária. Sem problemas, Jonas, já que não quer competir, Noah será convocado. — Ela finalizou com um sorriso zombeteiro. — Acho que por causa de sua terrível perda, será uma grande honra para ele participar de um torneio desta magnitude.

Jonas a encarou estupefato. Jamais permitiria que Noah arriscasse sua vida quando ele mesmo poderia competir.

— Como você seria capaz de convocar um garotinho para uma competição... como essa? —Jonas perguntou segurando sua ira.

— Você nem sabe como vai ser a competição! — Hadassa gargalhou. —Está sofrendo por antecipação, queridinho.

— De onde eu venho existem histórias assustadoras sobre torneios.

— Já que pensa assim, acha certo que um garotinho tenha que defender a honra de sua ilha?

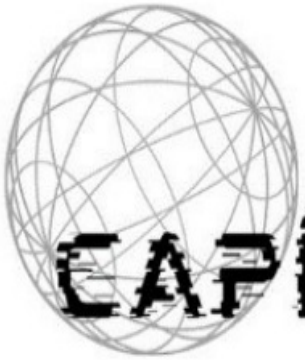
— Não é minha ilha, mas tudo bem, já me convenceu, Alteza. — Jonas sorriu amargo e Hadassa quase foi ao delírio — Quando será a competição e para que devo me preparar?

— O torneio acontecerá no início da primavera, e acho que terminará em outubro. — Os olhos dela faiscaram. — Vocês enfrentarão algumas coisinhas que eu estou bolando.

O garoto sentiu um arrepio na coluna.

—Acho louvável que queria livrar o garotinho. —Ela disse com a mão apoiada em seu ombro e depois se retirou, seus filhos a acompanharam. Augusto olhou para trás algumas vezes, a excitação ainda estava presente em seus olhos. Ele considerava o visitante um herói, mesmo que não tivesse recebido o título ainda.

Tom e Jonas fizeram reverência e antes que o rei dissesse algo, se retiraram de sua presença. Ficou claro quem comandava Nova Terra e não era o homem que eles acabaram de conhecer.



CAPÍTULO 26

ABRIL DE 2014, CIDADE FLUTUANTE, ILHA DO SIRI, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Jonas estava tomando seu café da manhã com os cereais de Nova Terra. Gostava do sabor, não pareciam com os de caixas dos outros continentes. Tinham um gosto fresco, deixando o gosto industrializado no chinelo. Ouvindo o doce som que sua mandíbula e dentes faziam ao triturar o alimento, viu seu tio colocar a Besta de Longo Alcance em cima da mesa. Por causa do tamanho desproporcional, a arma derrubou todo o conteúdo da tigela no colo do garoto.

—Qual é!? —Falou surpreso com os braços levantados.

— Na minha língua, por favor! Se vai me xingar, me xingue na minha língua para que eu possa cortar a sua fora! — Tom reclamou, pois Jonas esbravejou em português.

— Não tinha percebido... eu não xinguei você. Tenho muito amor a minha vida. —Respondeu se limpando.

—Precisamos descobrir qual é o próximo passo.

— Eu já tentei de tudo. A besta não quer me dizer. — Falou enquanto limpava a

mesa. —... ainda bem que não coloquei leite.

— Deixe para limpar isso depois! Precisamos descobrir logo o que tem que fazer. Jonas, você tem que terminar sua missão antes do torneio!

—Por quê?

— Pensei que queria ir embora! Esqueceu que em outubro a Redoma se abre e logo se fecha também? Esqueceu de sua mãe? —Tom perguntou indignado.

— Claro que não me esqueci dela. Só não consigo fazer nada com isso aí. — Ele apontou para a besta que ainda brilhava como se tivesse sido polida recentemente.

Tom revirou os olhos e então falou paciente:

— Você disse que ela dispara dardos que parecem raios. — Jonas assentiu. — Disparou de novo, desde que a pegou?

—Não, é muito potente.

— Use na água... acerte algum peixe no mar! Estamos num arquipélago, já parou para pensar nisso? — Arqueou as sobrancelhas e colocou a mão boa na cintura, como uma senhora idosa. Jonas segurou o riso.

— Está bem. Vamos para mais longe da Cidade Flutuante, não quero acertar ninguém por engano.

— Eu te dei uma lancha porque estou cansado de te levar para cima e para baixo. Se vire! —Disse entregando a besta nas mãos do rapaz.

Para Jonas, era muito divertido ver o tio o impulsionando para terminar sua missão. Ele jamais admitiria, mas se sentia muito amado e queria que Tom fosse parte da sua vida para sempre. Não era o mesmo com seu tio Dídimo, que quase sempre se retirava quando ele estava por perto. Ele tinha questões não resolvidas com Elai e não ajudava em nada o garoto ser tão parecido com ele.

—Pensei que ia comigo... —Falou brincando.

Tom respondeu de dentro de seus aposentos:

—Estou fora! Da última vez, você ficou pendurado no meu braço. O garoto gargalhou e saiu na direção de sua lancha. Era bem verdade que havia tentado de tudo para conseguir descobrir o que deveria fazer em seguida. Molhou a arma, a esfregou com pano. Apertou cada centímetro dela buscando botões ou alavancas. Quase a disparou em seu quarto uma vez, o que o deixou nervoso. Teve medo de que acidentalmente acabasse com a vida de alguém. Ou pior, que fizesse um buraco no Rosberta. Seu tio ia matá-lo.

Abigail e Noah estavam do lado de fora discutindo quem deveria fazer a pesca do dia. A menina notou que estavam sendo

observados e encerrou a conversa envergonhada. Noah a seguiu para dentro dos compartimentos do Constelação, falando a respeito de seu papel masculino, o qual fazia questão de exercer. O nome Constelação estava pintado no leme do navio, em sanctus.

Jonas olhou para o céu de novo, porém, agora nuvens branquinhas seguiam seu curso e o azul do firmamento estava claro, demarcando a manhã. Sorriu e então zarpou em direção ao ponto em que Lio e Luca o trouxeram para dentro do continente. O sol começou a demonstrar-se indiferente, estava alto e castigando sua pele. Olhou para baixo, onde a besta se encontrava, e o brilho já evidente tornou-se ainda mais forte, deixando-o cego por uns instantes. Parou a lancha no meio do oceano e observou a Ilha do Siri pequenininha. Respirou fundo pensando nas pessoas que estavam logo atrás daquele formato estranho e sorriu frouxo. Apesar de todas as dificuldades, se sentia imensamente feliz.

Pegou a besta e a sentiu vibrar como o *joystick* do *videogame* de seu primo Lucas. Apontou a mira para a Ilha do Siri e notou que a besta vibrou ainda mais. Envolto em sua curiosidade, não sentiu que sua lancha se moveu alguns centímetros para frente. Mesmo que não estivesse ancorado, não havia razão aparente para aquilo. Em questão de segundos, a movimentação ficou tão recorrente que Jonas olhou para trás e percebeu que pequenas ondas estavam se formando no ponto exato onde ele estava.

Colocou a besta no chão e se apoiou para ver com mais detalhes o que estava acontecendo. A água começou a fazer um barulho efervescente, como se tivesse atingido o ponto de ebulição. Estendeu a mão na direção do mar e sentiu que a

temperatura estava normal, mas o barulho e a espuma formavam-se tanto quanto as ondas foram aumentando de tamanho em escala absurda. Deu partida na lancha em direção a ilha tarde demais porque um enorme monstro subiu ao mar, deixando uma onda de dezenas de metros jogar a lancha para frente.

Com água na cintura, ele deu um brado de milhares de anos de existência. Sua couraça terrosa pareceu impermeável, milhares de dentes afiados e olhos azuis cintilantes como se guardassem raios em seu interior. Ao vê-lo daquele jeito, pensou nas representações de dinossauros. Aquele parecia o Tiranossauro Rex, em uma escala

muito superior, com braços e calda longa. Semelhante a um monte em sua altura, bramou mais uma vez, porém, permaneceu no lugar. Não podia tocá-lo. As sirenes, como quando Jonas acordou na Cidade Flutuante pela primeira vez, soaram. O garoto finalmente estava diante de seu maior temor: O Giatã.

O monstro levantou os braços e empurrou a água, formando ondas em profusão. Jonas atingiu quilômetros em segundos. Ficou tonto devido a rapidez. Seu corpo inteiro tremeu, segurou a besta na intenção de alvejá-lo, porém ela se virou sozinha para trás, como se não quisesse atingi-lo.

O rapaz gritou atemorizado e tentou apontar mais uma vez a besta na direção do Giatã, que não se movia do lugar. De novo, a arma se virou para o sul em direção a Ilha do Siri. Com a respiração ofegante e as sirenes altas, Jonas pensou que ia morrer, entretanto, o monstro não saía do lugar.

Gritou de novo, dessa vez levantou uma de suas pernas, projetando ondas ainda maiores, empurrando Jonas na direção contrária. A besta tremeu ainda mais forte, apontando para a ilha.

— Ficou maluco? — Tom apareceu com o Rosberta. Gritava com medo. Estava segurando o timão com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. — Você quer se matar?

—Por que ele não me ataca?

— É sério que você me fez essa pergunta? — Indagou com a garganta seca. O garoto olhou para a besta tremendo veementemente em suas mãos, apontando para a ilha.

— É uma bússola. — Falou para si e depois olhou para o Giatã, com seus olhos de raios azuis, no limite da Redoma. — E ele a ativou.

Quando o garoto realmente se deu conta do que estava acontecendo, o Giatã submergiu aos poucos, com seus olhos colados nele. Boquiabertos, os dois humanos encararam o monstro também. Por causa da pouca intensidade com que submergia, pequenas ondas formaram-se, desta vez deixando claro que ele não só era capaz de dominar o continente pela força, como também era capaz de fazê-lo por sua inteligência. Poderia ter acabado com Jonas ou até mesmo a ilha logo atrás do garoto, mas seus interesses

eram outros. Queria que a bússola, Besta de Longo Alcance, fosse ativada e que mostrasse o próximo destino.

— E-ele me aju-judou. — Jonas falou e depois engoliu em seco. Tom o encarou surpreso com aquela afirmativa. — Acho que o que estamos fazendo é muito maior do que eu pensava. Eu não estou à busca de meu pai.

—Pelo visto não.

— O que você acha que isso significa? — Jonas perguntou ao tio quando o Giatã sumiu de vez.

— Que você tem mais uma aventura... agora na Ilha do Siri. — Respondeu ignorando a pergunta principal. — Estava tão perto esse tempo todo! Como vai chegar até a ilha?

— Pela praia. — Respondeu ainda ofegante. Tom assentiu e tocou no Horloge.

— Desativar: Armadilhas de Forasteiros. — Tirou o indicador do aparato tecnológico sorriu e disse: — ... você sabe... vários explosivos na praia.

—É, eu me lembro —O garoto falou e olhou para a praia com os olhos arregalados. —Você não vai comigo.

—Nem pensar.

Tom voltou para a Cidade Flutuante e Jonas ainda ficou com os pés colados no

mesmo lugar. Estava receoso pelo o que viria em seguida. Olhou para Rosberta até que sumisse de vez dentro da puã do siri de pedra. Respirou fundo várias vezes. As mãos apresentaram-se suadas e a testa queimava por causa do sol. Apontou a lancha na direção da praia e seguiu viagem. Não demorou muito para chegar ao local que a besta apontava, o Giatã colaborou de forma significativa para que ele chegasse mais perto da praia. Ainda atônito pela vista aterrorizante de minutos antes, colocou os pés, que por pouco não se firmaram na areia de tanto que seus joelhos tremiam.

Com a arma em punho serpenteou a praia à medida que a besta se tornava mais sensível à direção. Queria não ter que adentrar muito, pois a mata fechada dava a entender que diversas espécies de animais o esperariam do outro lado, mas não teve jeito. O que quer que fosse, o esperava no coração da ilha. De novo, ia se aventurar em lugar desconhecido sem ajuda de ninguém. Mais uma

vez respirou fundo e torceu para que não encontrasse nenhum animal perigoso.

O som inconfundível dos pequenos animais acima de sua cabeça o relaxaram um pouco. Aves curiosas empoleiravam-se nas árvores. A luz da manhã entrava por pequenas frestas entre as folhagens das árvores. As raízes no chão eram convites a queda de desavisados. *Se eu tivesse com minha lente aqui...* Não havia tido tempo suficiente para planejar sua nova missão, o Giatã deixou claro a urgência de prosseguir no alvo.

Olhou para todos os lados e deixou-se guiar pelo movimento que a besta fazia. Quando apontava para determinada direção, ela tremia conforme a relevância. Se Jonas estivesse na direção certa, ela quase saltava de suas mãos, todavia, se ele apontava para outra direção, ela parava por completo. Por mais que fosse divertido ver o movimento que ela fazia, se ateve, em dado momento, ao caminho em que ela sinalizava. Ficou apavorado ao pensar que se se desviasse da rota, o monstro mais poderoso de todo o continente poderia aparecer para condená-lo.

Entre os sons de seus pés em contato com as folhas secas, seguiu seu caminho com os olhos e ouvidos atentos aos movimentos de ataque. Uma sensação engraçada surgiu, era como se já estivesse estado naquele lugar. Parecia a floresta que via em seus sonhos. Sorriu ao pensamento que considerou idiota e do mesmo jeito que ele veio sem avisar, uma chuva grossa atingiu a Ilha do Siri.
— Minha vida só melhora! Impressionante! — Debochou em voz alta. Decidiu

que aquela chuva não ia impedi-lo de permanecer no caminho.

Gotas grossas permaneceram na superfície da besta. Elas pareciam algum líquido brilhante por causa da cor da arma. Enquanto se moviam, a impressão que dava era que haviam finos grãos de *glitter* dançando no interior da água. A riqueza de detalhes que observou não o impediu de permanecer caminhando na floresta e este foi seu maior problema. A besta indicava a direção, porém não era capaz de dizer as armadilhas pelo caminho. Jonas não demorou a compreender isso quando caiu em um enorme buraco no chão, uma espécie de arapuca. Ela estava coberta por folhas de palmeiras,

o que indicava a inteligência por trás do feito, além de finas estacas presas no chão em pontos estratégicos.

Jonas caiu de pé, só que os joelhos vacilaram, então segundos após a queda, suas costas atingiram o chão e uma das finas estacas atingiu o músculo dorsal atravessando até o oblíquo em seu abdômen. O grito ecoou dentro da armadilha e para fora na floresta. Como as estacas eram finas e intercaladas em pontos distintos, sua canela direita também sofreu dano, mas felizmente, apenas um arranhão. Pelo menos estava protegido da chuva.

A estaca de madeira que o atingiu na altura do abdômen, desprendeu-se do chão, portanto, ele a puxou com as mãos na direção em que ela entrou, dilacerando sua carne. Prendeu o grito na garganta. Seus olhos encheram-se de lágrimas e algumas delas desceram pela maçã do rosto, deixando um caminho limpo, já que a terra fina na emboscada se prendeu ao seu corpo como se estivessem fazendo uma nova camada de pele.

Inspirou e expirou rapidamente por alguns segundos quando a madeira estava prestes a sair, para que tivesse mais coragem de retirá-la. E então com um último puxão, ela saiu, deixando atrás de si um caminho espeço de sangue quente. Jonas apertou o local com toda sua força e esperou alguns minutos na esperança de que parasse por completo.

Sua visão ficou turva e a emboscada girou ao seu redor. O barulho da chuva diminuiu gradativamente até que parou por completo.

Ele tomou a decisão de tirar sua camisa para amarrá-la no local em que havia se machucado. Como se estivesse arrancando uma bandagem, retirou a camisa rapidamente, mas se arrependeu, pois, a dor veio galopante e a emboscada girou mais uma vez. Rasgou o tecido ao meio com os dentes, deixando o acesso do sangue escorrer livre em seu abdômen. Depois amarrou-o em volta do machucado e olhou para cima buscando uma forma de sair daquele lugar.

A Besta de Longo Alcance ficou presa em algumas raízes no alto de sua cabeça. Ele a soltou durante a queda e nem havia se dado conta ainda. Pôs-se de pé para analisar sua situação e a visão escureceu mais uma vez. Esperou segundos para que ela se

estabilizasse, então compreendeu que estava a pelo menos quatro metros de

profundidade. Engoliu em seco diversas vezes, a única forma de voltar à superfície era através de escalada. Talvez as raízes não aguentassem seu peso e o pior, talvez ele mesmo não aguentasse de dor.

Segurou firme em uma raiz e a puxou para baixo para ver se ela desprendia com seu peso. Ficou firme e a dor no local lesionado pareceu mastigar sua carne de dentro para fora. Arregalou os olhos com a aflição enquanto a emboscada dava outro rodopio. Pisou firme na parede onde a raiz se segurava, ela cedeu um pouco, contudo, ficou estável.

Respirou fundo. Técnica infalível.

Olhou para o buraco por onde devia passar e encontrou um visitante inesperado. Como uma dançarina profissional, uma espécie semelhante a uma píton descia na direção de Jonas como se os dois fossem velhos amigos. A cabeça do tamanho de duas mãos masculinas juntas serpenteava devagar pelo buraco.

De olhos arregalados e boquiaberto, encarou a besta reluzindo a metros acima da sua cabeça enquanto o enorme animal descia e descia. Deixou espaço para que o bicho fizesse seu caminho e quanto mais ela se movia, maior seu corpo parecia ser, deixando o local claustrofóbico. O peito do garoto subia e descia rápido como a respiração de um asmático em crise. As narinas dilatavam como caixas de som buscando o ar que lhe parecia escasso.

Uma olhada nos olhos verdes penetrantes da cobra que rastejava e outra olhada na besta presa nas raízes. Uma olhada nas escamas em degrade verde, azul e roxo e outra olhada na sua arma altamente letal, alguns metros distantes. Parecia uma piada de mal gosto.

Ela deu a primeira volta entorno do corpo do rapaz, que parecia hipnotizado, sem crer no que estava acontecendo. O encarou esperando que lutasse contra, só que ele permaneceu imóvel. Os cantos da boca que guardavam suas presas finas sem veneno repuxaram no que o rapaz acreditou ser um sorriso animalesco, então ela deu mais uma volta em torno do garoto paralisado. O corpo dela ainda não havia descido por completo e quanto mais descia, mais ficava sabido o quão grande era. Grossa como uma cauda de

dragão, serpenteava pelo buraco, preenchendo-o quase que por completo.

Mais uma volta em torno do rapaz e para dar espaço para o restante de seu corpo, ela começou a subir pelo buraco fechando-se mais, apertando e comprimindo Jonas lentamente. Isso evidenciou a presença de sua lesão no abdômen. Arquejando baixinho de dor, gotículas de suor minaram em sua testa e seu rosto ficou branco feito papel. Os dedos presos na altura da cintura quase não tinham espaço para tremer.

O som da terra sendo movimentada junto com o corpo do enorme animal era como música fúnebre. Quando ela passou pela entrada da emboscada, o garoto reparou que algumas estacas espetaram seu corpo, ela não pareceu se importar. Com sua passada abrupta, a besta que antes estava presa nas raízes, foi levada para cima junto com eles.

Com o ar agora mais fresco, Jonas colocou sua cabeça para pensar em motivos para lutar. Movimentou-se rápido dentro do casulo da morte e em resposta, o animal se fechou ainda mais. Movimentou seus dedos para frente e para trás, a cobra o encarou de novo com a mesma feição de sorriso animalesco. Ele fincou as curtas unhas na pele do bicho e o sorriso desapareceu. A cabeça estava chegando próxima ao rosto de Jonas, seus olhos mudaram- se em repleto ódio. Soltou suas unhas e sentiu as escamas movimentarem-se em sentido contrário. O bicho parou no meio do caminho, abriu a boca soltando um gritinho de gastura, depois afrouxou um pouco o abraço da morte.

— Ah, então é disso que você gosta? — Jonas gritou a pergunta e puxou-as em sentido contrário de novo. O processo se repetiu. Com o corpo praticamente livre das voltas que ela deu entorno dele, Jonas soltou seus braços e fincou suas unhas com toda força nas escamas do animal. Ela o encarou e se movimentou para apertá- lo de novo, mas então ele puxou as unhas na direção contrária das escamas por vários centímetros, o que a fez arfar de novo de gastura desfazendo por completo o nó que havia feito para matá-lo. Aproveitando o ensejo, Jonas correu na direção da besta que estava a poucos metros dos dois. O animal o viu saindo e rastejou rápido na sua direção. Ele se jogou no chão para pegar a arma e

então se arrastou metros para frente, colocando-se de barriga para cima. Quando seus olhos iam cruzar o céu, encontraram os olhos frios e boca escancarada, dela saía um som sinistro.

Mirou para boca do bicho e disparou. O barulho de eletricidade repercutiu no ouvido direito e o dardo em forma de fino raio acertou o animal, o lançando

metros acima de sua cabeça. Acompanhou o movimento do bicho serpenteando no ar e quando a ponta final de sua cauda subiu também, ele pôde ver o raio descendo como uma cobra menor, deixando seu rastro de dentro para fora do corpo dela. Do mesmo jeito que subiu acelerado, o corpo já sem vida fez o caminho para o chão. Jonas se levantou para fugir da queda, e antes que conseguisse, o corpo do que parecia uma enorme píton, virou cinzas e o cheiro de carne chamuscada tomou todo o ar. Cobriu o rosto, voltando-se para o chão e o restos mortais caíram como chuva, acertando-o.

Quando terminou de cair, Jonas se levantou e analisou sua situação. Antes coberto de terra, agora coberto por fragmentos carbonizados.

— Não consigo pensar em nada pior, mas vou calar minha boca antes que minha sorte melhore. — Debochou e depois riu um pouco da situação.

O movimento da risada trouxe à memória a dor no abdômen. Levou a mão no local e sentiu o tecido um pouco úmido.

—Quanto antes sair daqui, melhor... —Disse para si mesmo. Pegou a besta de novo e esperou que ela pulsasse. Nada. Apontou para norte. Nada. Andou alguns metros. Nada. O dardo que disparou foi capaz de acabar com o encanto da bússola? Seguiu a incursão pelo coração da área com a arma em punho.

Alguns macaquinhos estalaram gravetos no alto enquanto pulavam de árvore em árvore. O som feito risada, ecoava, deixando o rapaz ansioso pelo o que encontraria no meio daquela ilha.

Cada vez mais dentro da floresta passou a ouvir um rio bem próximo. Acelerou na direção dele e o achou cristalino, como um oásis no deserto da confusão. Limpou seu corpo como pôde, matou sua sede e se sentou à margem. Se sentiu aliviado assim que se lembrou do “rio” que encontrou na Ilha dos Dragões, mesmo assim

tirou os pés que estavam em contato com a água corrente, para evitar qualquer surpresa.

Estava sentindo dor, portanto apertou os olhos como se fosse fazê-la passar e quando os abriu de novo, no alto de uma pedra do outro lado da margem do rio, um enorme leão albino o encarou com seus olhos de superioridade.

Jonas ficou apavorado, tentou se levantar, mas o leão rugiu e ao som de sua voz um vento soprou as árvores e tudo ao redor. Elas empenaram para trás e o rio se levantou formando uma onda mais alta do que o rapaz que assistia. Os peixes que haviam na água nadavam normalmente e a onda nunca quebrou. Jonas sabia, no interior de seu coração, que não devia se mover.

Andando sobre a onda, o leão se aproximou. O vento soprava sobre sua juba, balançando-a como se estivesse submersa em muitas águas. No alto da onda, Jonas encarou o ser mais majestoso que viu em toda sua vida. A luz do sol projetou um brilho atrás de sua cabeça, como uma coroa de ouro cheia de majestade.

O garoto levou a mão ao coração, ele batia forte, descompassado. Piscou algumas vezes e quando abriu os olhos para ver aquele ser repleto de majestade, ele pulou em cima de seu corpo e seus olhos se encontraram. A boca do rapaz se abriu para gritar, porém o som não veio de dentro de si, repercutiu pela garganta do enorme leão que rugia grave, como se de alguma forma Jonas o pertencesse. Deitado no chão, o garoto fechou os olhos aterrorizado. A força do rugido movimentou todo o ar sacudindo seus cabelos.

Quando o som terminou, ele abriu os olhos e estava sozinho, tudo voltou ao normal, exceto por um colar trançado de couro envolto do seu pescoço e como pingente: uma chave de ouro. Colocou a mão em sua lesão e não sentiu dor alguma. Tirou o tecido para avaliá-la melhor e encontrou uma cicatriz no formato e tamanho de uma moeda. Havia sido curado pelo rugido do leão. Entalhado na chave estava: *Friaze, 31 maio de 2013.*



HOSPITAL DA ILHA, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

—Sente algum incomodo aqui? —O médico perguntou enquanto apertava a cicatriz de Jonas com força.

— É chato ter um cara te apertando, mas não... nenhum incômodo.

—Não vai mesmo me contar como aconteceu? —O homem com a barba por fazer encarou Jonas nos olhos. Ele negou com a cabeça. — Seu tio quer que eu faça um exame completo em você, só que pelo o que vejo está tudo o.k.

— É, sei disso. Meu tio é exagerado... — Falou e revirou os olhos. O doutor continuou avaliando a cicatriz com cuidado.

— Devia agradecê-lo por cuidar de você, principalmente agora que... — começou e se interrompeu.

—“Agora que” o quê?

—... que seu pai... você sabe.

— Na verdade não sei não, doutor. — Jonas se aborreceu e começou a vestir a camisa.

— Calminha aí, rapaz. Não quero ofender nem nada, é que seu pai desapareceu...

— Já posso ir? — Jonas o interrompeu. Não queria discutir com ninguém se seu pai estava ou não vivo, muito menos o que aconteceu um dia antes na Ilha do Siri. No seu continente, os leões

não andam sobre as águas nem são capazes de curar ninguém. Estava arrependido de contar a história para seu tio.

—Já. —O doutor se deu por vencido.

— Ótimo, obrigado. — Cuspiu as palavras e saiu do consultório. Tom o esperava do lado de fora na recepção.

As paredes brancas em contato com a luz incandescente quase o cegaram. Colocou a mão direita na direção dos olhos, fazendo sombra. Tom se levantou da cadeira para ajudá-lo.

— Ei, tio, relaxa aí. — Falou colocando a mão no peito de Tom. —*Take it easy.*

— Que porcaria é essa que falou? Tá maluco? — Tom se aborreceu.

— É “pega leve” em inglês. — Respondeu segurando o riso. Tom continuou sem entender nada.

Os dois saíram do Pronto Atendimento do Hospital Real. Luca e Lio, os sequestradores de Jonas, passaram por eles. Luca se apoiava no comparsa, pois o calcanhar direito estava aberto numa ferida horrível. Deram uma bebida forte a ele para que não se concentrasse na dor. O trabalho na mina e sua infinita lista de desvantagens. O garoto os viu e antes que dissesse alguma coisa, seu tio o interrompeu:

—Pensei que você falasse português.

—Esquece. —Falou tanto para ele quanto para si mesmo. Brigar não era a melhor resposta agora.

Encarou o céu e a claridade afetou seus olhos mais uma vez, a ponto de não enxergar a presença que correu para abraçá-lo. Quando sentiu o cheiro inebriante de xampu de frutas vermelhas, apertou seus braços em volta de quem o abraçava. Fechou os olhos para sempre se lembrar. Não que um dia pudesse esquecer.

Alguns segundos depois Abigail o afastou e o encarou preocupada. Os cantos dos lábios do rapaz quase subiam aos olhos de tanto que sorria. Tom o olhava sem acreditar, *é sério isso?* Deu algumas risadas abafadas e mirou a cidade à sua frente. Enquanto Abigail o examinava com os olhos, Jonas fazia o mesmo. Seus cabelos estavam trançados de novo. Parecia mais alegre. Finos fios loiros subiam com o vento primaveril. O rapaz sorriu com as roupas

que ela usava. Macacão com um tecido similar ao jeans claro e sandálias de couro.

— Noah me contou que você estava todo ensanguentado... e teve o Gia... — Os olhos da moça encheram de lágrimas então, Jonas recolheu o sorriso e se aproximou dela. Colocou uma pequena mecha teimosa atrás de sua orelha. — ... o Giatã voltou. Eu fiquei com muito medo.

Ela abriu a boca para falar mais alguma coisa, porém Jonas a abraçou forte de novo e disse:

—Ei, eu estou bem.

— Já que está bem — O afastou de novo com o rosto corado. — Noah está me importunando para ir ao Magnus Leap.

As sobrancelhas do rapaz se arquearam surpresas ao ouvir aquele nome.

—Magnus Leap?

— É praticamente um rito de passagem. Como você não conhece? —Indagou incrédula.

— Sabe o que é? Ele não tinha permissão para ir. O pai dele tinha medo que ele aprontasse demais... — Tom apareceu na conversa. —Não viu como ele sempre

se mete em confusão? Abigail sorriu largo, depois recolheu o riso e disse:

—É verdade... então, é melhor obedecer seu pai...

— Hã, eu libero ele. Sou o pai postiço. — Tom falou sorrindo e Jonas o encarou surpreso. Porém, ainda que não dissessem em voz alta, ambos sabiam que aquela era a mais pura verdade.

—Vem com a gente? —Jonas perguntou ao tio.

— Não... — Respondeu e depois abaixou a voz para dizer: — ... mas me promete que vai se comportar e não vai fazer nenhuma idiotice. Vou mandar uma grana para seu Horloge. Use com sabedoria.

O garoto assentiu sorrindo. Iniciou aquela ida ao hospital com muito mal humor, porém a chegada de sua amiga mudou o clima por completo. Estava nutrindo sentimentos genuínos pela garota. Abigail também considerava Jonas demais, só não queria alimentar seus sentimentos, então se segurava ao máximo. Por outro lado, quando soube que ele estava no hospital, não teve tempo para pensar a respeito, simplesmente correu ao seu encontro. O passeio até o

Magnus Leap só aconteceria por causa de seu irmão, que de jeito nenhum permitiria intimidade demais entre os dois. Ela estava a salvo, ia conseguir manter suas intenções intactas. O garoto por outro lado, creu de todo coração que aquela era a oportunidade perfeita e que ela estava dando-lhe condição. Não foi a primeira vez que julgou errado.

A bordo do Constelação, seguiram na direção Noroeste nos limites da Redoma. Encontraram a Ilha Mar de Areia. O litoral da ilha era tão extenso quando a Ilha do Siri ou até mesmo a Ilha Real, porém, em seu interior haviam dunas e mais à frente o Magnus Leap. Magnus Leap é um desfiladeiro que deixa o Grand Canyon de queixo caído. Mais de dois mil metros de profundidade, cercado por paredes brancas como mármore, esculpidas pelo vento e o tempo. O forte sol na cabeça e a voz incessante de Noah podiam fazê-los delirar ao ponto de imaginar aquelas formações dançando. O vento levava finos grãos que os atingia com força, como micro agulhas perfurando a pele.

—Que bacana esse lugar. —Jonas debochou. Abigail gargalhou, Noah fechou a cara e disse:

— Você ainda nem viu tudo que há para ser visto e já está falando gracinha...

—O que mais? —Indagou, o desafiando.

Abigail pegou distância enquanto os dois discutiam. O vento levava seus cabelos para a esquerda e seu rosto já estava todo sujo de poeira esbranquiçada. Pressionou seu Horloge e murmurou algumas palavras, depois correu até o precipício e saltou. Os olhos de Jonas podiam colar-se à testa de tão surpreso. Correu na direção da moça com os braços para frente, na tentativa de agarrá-la pelas vestes. Com os dedos passando a milímetros de suas roupas, os fechou na palma das mãos com força, fincando as unhas na pele. Deu um berro apavorado abafando os gritinhos emocionados da garota que acionou um *bungee jump* a seus dispositivos recém- criados. Versões atualizadas de seus vagalumes de metal. Eles a cercaram com cordas finas quase imperceptíveis e se prenderam ao desfiladeiro, fincando-se metros adentro das rochas para garantir que ela não caísse no salto.

De barriga para baixo abriu os braços cortando o vento. As tranças serpenteavam no ar e ela dava gritos de alegria enquanto a gravidade fazia seu papel. A roupa colou-se ao seu corpo como se tivessem mergulhado no mar momentos antes.

Não demorou muito para que o dispositivo estabilizasse seu corpo de modo que ficasse na mesma proporção, deixando a cabeça no mesmo nível que os pés. Imaginando que estava voando entre o desfiladeiro, Abigail seguiu com os braços estendidos para os dois lados. Um rio com águas leitosas passava metros abaixo dela, mas os ecos de seus gritos alegres chegaram até ele espantando animais que se hidratavam.

As gargalhadas da garota preencheram cada centímetro daquele lugar mágico e assim ela pôde esquecer por um instante a sua situação difícil. Em breve o dinheiro dos irmãos Tales acabará e a irmã mais velha ainda não sabe como lidar com isso. Vender sua tecnologia é muito difícil, considerando que muitos sabem fazer o que ela faz. Alguns de seus dispositivos só são uteis em defesa pessoal, ou em guerras, porém o sétimo continente nunca se quer sentiu o cheiro de uma, apenas conhecia o nome por estar impresso nos livros de história dos povos dos outros continentes. E os textos didáticos deixaram muito claro que um dos motivos para que eles tenham sido julgados, era justamente seu problema com guerras. Quando a queda terminou, Abigail ficou parada esperando que algum

milagre a fizesse voar de novo, sem ajuda de nada, além dela mesma. Todavia a voz de Noah ecoou pelo desfiladeiro:

—É a minha vez!

Em resposta ela clicou em seu Horloge, murmurou “vamos subir” e as finas cordas a levaram em segurança para o ponto do precipício em que deixou os dois rapazes. Configurou o dispositivo em silêncio, para que seu irmão pudesse usá-lo e só se deu conta de que estava sozinha com Jonas quando ouviu o grito de Noah desfiladeiro abaixo. Ele sorria galanteador. Tom se engasgaria de tanto rir se visse a cena. Com o rosto cheio de poeira branca, a encarava com os olhos brilhando. Por mais que fosse motivo de riso para o tio, Jonas parecia mais bonito naquela situação, Abigail se pegou pensando nos “e se...”

—Gostei do seu truque. —O garoto falou e se aproximou, mas a mesma quantidade de passos que deu para frente ela deu para trás rindo sem graça. O sermão do tio sobre deixar a garota desconfortável veio à mente, portanto parou de caminhar na sua direção.

—Gostou é? Se quiser, pode pular também...

—Não sei se as cordinhas me aguentam.

— Pesa mais que 300 pondus? — Abigail perguntou enquanto ajeitava seu cabelo. O vento o deixou indomável.

— 300 pondus? — Ele apertou o visor de seu Horloge e perguntou: —Hã, 300 pondus, quanto deve ser isso em quilos?

300 pondus correspondem a 150 quilos.

— ... respondendo sua pergunta... — A sobrancelha da garota ficou franzida. — Eu não peso mais que 300 pondus.

— Claro que não! — Ela falou rapidamente. — Por que você queria saber quando é 300 pondus em quilos?

— Eu... eu me identifico mais com essa unidade de medida... — Respondeu sem graça e andou para perto do precipício para ver Noah, que já voltava.

— Quando mais eu te conheço, mais descubro que você é estranho! —Ela respondeu em tom de brincadeira. Jonas sorriu, mas ainda estava preocupado com todas as mentiras que teve que contar.

Ao olhar para a irmã mais velha dos Tales, percebeu o quanto queria ter mais tempo a sós com ela para quem sabe, contar a verdade. Entrementes, sabia que dizer sua história era o mesmo que falar que seus pais haviam sido mortos por causa dele. Eles mal tinham se recuperado do luto, Jonas não contaria, pelo menos não agora. Queria esperar o momento certo.

Abigail foi ao encontro do irmãozinho para ajudá-lo, entretanto, ele a recusou. Com muita determinação colocou os dois braços apoiados no precipício e fez força. Seu rosto ficou vermelho como tomate, mas depois de alguns segundos o sangue voltou a circular normalmente. Noah estava de volta ao seu devido lugar, limpava a roupa em vão, pois o vento sempre trazia mais e mais finos grãos esbranquiçados que se prendiam a qualquer superfície que encontrassem. Em seguida disse para Jonas:

—Agora é a sua vez.

—Acho que passo. —Respondeu dando de ombros.

— Está com medinho? — Noah perguntou zombeteiro enquanto a irmã o desamarrava. —Você não é o destemido?

A implicância não estava atingindo Jonas. Ele apenas revirou os olhos e continuou em silêncio.

— Tudo bem se estiver com medo. — Falou Abigail e Jonas se ajeitou. *Ela acha que estou com medo?*

—Eu não estou com medo. — Desesperou-se.

—Está tudo bem.

— Você não está entendendo, Abi, eu não estou com medo. — Falou categórico.

— Ninguém aqui vai te julgar. — Ela disse com um sorrisinho de canto de boca.

— Tá me zoando né? — Perguntou e ela assentiu. Noah caiu na gargalhada.

— Você não sabe como isso é bom. A vista é sensacional. — O menino falou depois que foi liberto das amarrações.

— Já tenho uma boa vista para admirar aqui de cima. — Jonas respondeu com os olhos colados em Abigail. As maçãs do rosto da garota avermelharam-se instantaneamente. Noah encarou a irmã e depois o rapaz que a elogiou nas entrelinhas, amarrou a cara e disse:

— Quero ir para Ilha do Siri. Vem, Abi, vamos. — Ele pegou a mão da irmã e saiu puxando-a.

— Ei, esperem. Não tem uma cidade por aqui? A gente podia comer alguma coisa antes de voltar para casa. O que acham? — Perguntou tentando compensar o flerte. Noah parou e o encarou com os olhos semicerrados. —É por minha conta.

— Não estou com fome. — O menino respondeu. Seu estômago acusou o contrário uivando de fome.

—Não é isso que seu estômago está falando.

—Estou com gases. —Noah respondeu e puxou a irmã de novo. Abigail e Jonas caíram na gargalhada. — Há há há, vamos logo embora!

— Eu quero almoçar, Noah. Se não está com fome, fique nos esperando no Constelação. — Abigail falou e firmou os pés. Não

queria ficar sozinha com Jonas, mas sabia que essa era a única forma de fazer seu irmão aceitar o convite. Noah bufou de raiva, só que se deu por vencido.

Os três caminharam cerca de duas horas para chegar à cidade Baia Falsa, no centro da Ilha Mar de Areia, onde está a Praia Cassar. Pelo horizonte é possível enxergar enormes formações rochosas, montes que protegem a cidade. Logo atrás dos montes está a Redoma, guardando a entrada para o continente. O sol em contato com areia branca doía os olhos, em contrapartida, o vento e o cheiro de maresia eram imbatíveis. Não houve um só dia em que Jonas não pensasse

em sua casa no Brasil e no fato de sua mãe estar sozinha. Naquele dia, porém, por mais egoísta que possa parecer, estava feliz demais para pensar nas duas coisas.

A cidade com rua de pedra, como na Ilha Real, é delimitada por tamanhos em perfeita simetria. Casas padronizadas de frente para a praia, bem como uma fila de comércios locais em direção ao píer feito de madeira. O comércio local exibia seus produtos na calçada. Abigail se deteve na frente de uma lojinha de roupas. Alguns vestidos de tecido leve e pedrarias balançavam com o vento nas araras sobre as ruas. Cata-ventos e sinos dos ventos em espirais pendurados no alto. Cada um toca em um tom diferente, formando uma sinfonia de sons que deixam os compradores relaxados.

No final do píer, há uma estátua da deusa Sapientia em mármore preto, com pequenos entales brancos representando as estrelas. À noite elas reluzem como os astros no firmamento. De frente para o comércio foi construído uma versão menor de um observatório com um telescópio em sua base. Noah correu na direção do instrumento para observar as aves que voavam no céu azul, sua irmã olhava atenta para os vestidos expostos nas araras. Jonas parou a uma certa distância para observar a garota passando os dedos entre os tecidos e analisando os bordados.

— Pensei que a gente ia almoçar. — Noah chegou de supetão, assustando o observador.

— Que susto, moleque! — levou a mão ao peito — A gente vai almoçar sim.

— Você deve pensar que eu sou idiota. — Se colocou na frente de Jonas com os olhos semicerrados. — Se você pensa que vai...

que vai... olha só, eu estou de olho em você. Posso não ser tão grande, mas já estive isso aqui —ele colocou o indicador e o polegar a curtíssima distancia na frente dos olhos de Jonas — de cortar seu pescoço. Sempre que pensar na minha irmã, lembre-se desse dia.

—Pode deixar, vou pensar nisso. —Respondeu sorrindo. —Eu estou falando sério!

— Entendi, matador, agora me diz onde a gente poder comer... estou cheio de

fome!

— Dã! Logo ali. — Noah apontou para um restaurante ao lado da loja de roupas. Jonas teve que segurar o riso de si mesmo por não ter enxergado outra coisa que não fosse Abigail.

O garotinho se pôs a andar na direção do estabelecimento convidando a irmã para ir com ele. Logo os três estavam sentados em volta de uma de vidro redonda na calçada, cada um segurando um cardápio. A moeda de Nova Terra é Nummum, Jonas já havia lidado com ela antes. De qualquer forma não havia dificuldade alguma, o continente inteiro usava as Nummuns digitais. Os Horloges funcionam como cartões de crédito, basta aproximar o pulso das máquinas registradoras e o valor é transferido para a conta do dono.

Jonas ficou preocupado com os nomes no cardápio, não conhecia bem aquela culinária. Seu tio não lhe apresentou muitos pratos locais porque sempre comiam peixes pescados por arpão. Nos últimos dias, Dídimo estava deixando claro a sua insatisfação em ter que fazer a pescaria para si e para os dois, afinal, Tom ainda estava com o braço imobilizado. Porém, por mais que demonstrasse descontentamento, não existia ninguém mais desconfortável do que seu irmão gêmeo, que se sentia inválido.

— Posso anotar o pedido de vocês? — Perguntou um garçom trajando roupas que pareciam sherwani indiano de linho branco.

— Quero um creme de milho com tiras de *dehydrated cibum*. Por favor. — Disse Abigail entregando o cardápio, encarou o rosto confuso de Jonas e mesmo sem entender a confusão, sorriu.

—Quero *agnus pie*. —Foi a vez de Noah pedir.

— E o senhor? — O garçom perguntou a Jonas depois de recolher o cardápio de Noah.

—Acho que *conditus panis*... parece bom. — O garçom assentiu e se retirou.

—Está com pouca fome? —Abigail perguntou a Jonas.

— Hã...

— Por que está preocupada com ele? Jonas pode cuidar de si mesmo. —Noah o interrompeu.

A garota ficou envergonhada com a falta de modos do irmão e então encarou o nada atrás da cabeça de Jonas que estava à sua frente. Ele vislumbrou o mar atrás dela, mas às vezes também a encarava. Seu nariz estava um pouco avermelhado pelo contato com o sol, deixando algumas sardinhas pintarem a pele clara. Noah encarava o telescópio à sua frente, louco para ir até ele observar a paisagem, em contrapartida, estava concentrado em não permitir que sua irmã ficasse sozinha com Jonas, por isso permaneceu afixado no mesmo lugar.

Enquanto a comida não chegava, Jonas viu que uma embarcação enorme e branca feito gelo apareceu no horizonte. As sobrancelhas dele franziram automaticamente com aquela mancha no mar azul. Por causa daquela feição, Abigail também teve a atenção atraída, porém não ficou curiosa com a aparição. Sabia que dentro dela haviam friazenses. Eles apareceram para abastecer a cidade de combustível.

—Conhece? —Ela perguntou.

— Eu? — Jonas indagou de volta, ela assentiu em resposta. — Não.

Quatro homens enormes apareceram no convés. Usavam casacos grossos, cabelos e barbas longas para aquecê-los do frio. Todavia, destoavam do lugar porque a ilha Mar de Areia não era nada fria. Tiraram os casacos e abaixo deles usavam roupas de couro de animais, como vikings. Suas peles não eram bronzeadas como a maioria dos homens que Jonas havia conhecido pelas ilhas, mas ainda assim eram mais escuras como a dele. Aqueles homens desceram no píer depois de ancorarem a gigantesca embarcação. Os moradores da ilha já estavam acostumados a encontrá-los, portanto, não se surpreenderam quando chegaram, mesmo que a presença deles pudesse ser ameaçadora.

Um deles tinha os cabelos brancos como neve e ainda não era barbudo como os outros. Também era bem menor, o que levou Jonas a acreditar que ele devia ser de sua idade. Sua pele também era clara, porém, apesar de suas diferenças com relação aos outros a seu lado, se portava como tal. Eles passaram pelo restaurante, só que os olhos do garoto de cabelos brancos se fixaram em Jonas. Como se já se conhecessem, se encararam enquanto o grupo passava. Jonas saiu

do transe quando notou que o garçom voltara com a refeição.

Os pratos dos irmãos comparados ao dele eram realmente grandes. Abigail tinha diante de si um prato cheio de vapor com um creme amarelo e tiras do que Jonas categorizou como carne seca. Noah comia uma pequena travessa com uma torta salgada recheada de carne de cordeiro, enquanto Jonas tinha pedido dois pãezinhos cobertos com diferentes guarnições como *bruschettas* .

Conditus panis são pãezinhos cozidos recheados com frango, lentilha e muita pimenta. A primeira mordida fez a língua de Jonas formigar, mas ele não quis dar o braço a torcer. Noah estava o encarando, esperando que dissesse alguma coisa que entregasse a sua falta de noção. Ele mordeu mais uma vez e a glote fechou por alguns segundos. Por causa disso ele virou a cabeça fingindo olhar algo atrás de si e tossiu um pouco. A garganta ficou desobstruída. Bebeu água e nada adiantou. Se lembrou de sua mãe quando o fez, pois certa vez, quando criança, comeu uma pimenta no quintal da avó pensando que se tratava de alguma fruta. A cor avermelhada brilhante chamou tanto a sua atenção que jogou a pimenta inteira na boca e mastigou. Era a pimenta cumari. E a única coisa que aliviou a ardência foi um copo de leite que sua mãe lhe deu. A memória veio vívida à mente do rapaz. Nunca desejara tanto um copo de leite. Quando abandonou o prato com apenas duas mordidas, Noah encontrou o motivo perfeito para importuná-lo com zombaria:

—Não aguenta um pouquinho de pimenta?

— O quê? — Perguntou com a língua mole. Abigail segurou o riso, o irmão, por outro lado, não se conteve. Ao vê-la rindo, o garoto riu de si também, o que deixou o pequeno Tales muito nervoso.

—Quero ir embora.

— Não vai nem terminar sua agnus pie? — Abigail perguntou notando os ciúmes do irmão.

—Perdi a fome.

— Isso é ótimo — Jonas falou com a língua mole de novo, puxou o prato do garoto e se pôs a comer —, estou cheio de fome.

Abigail riu e ao notar a cara enfurecida do irmão se conteve, só que ainda tinha um sorriso bobo pintado no rosto. O garotinho cruzou os braços à mesa fazendo beicinho.

— Se quiser, pode comer meus pãezinhos de fogo... — Jonas disse e piscou para Noah, que o ignorou. — Essa torta é demais! A pimenta está tirando um pouco o gosto... ótima escolha, Noah. Vou te pagar um sorvetinho... —Falou e bagunçou um pouco o cabelo do menino. Ele olhou furioso em resposta. — Beleza, não precisa tomar sorvete se não quiser.

Os friazenses voltaram todo o caminho que fizeram para o píer. O rapaz de cabelos brancos encarou Jonas mais uma vez e quando estava prestes a ir embora voltou, apoiou os punhos à mesa e falou em português:

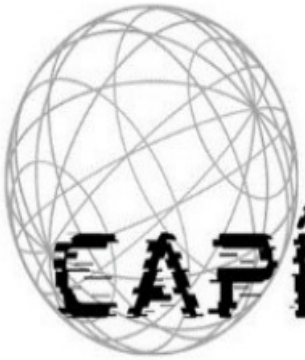
— Ele está vivo. — Sua voz era grave e antes que Jonas fizesse qualquer pergunta, se retirou para o píer atrás dos outros companheiros de viagem.

— É, eu sei. — Jonas respondeu para si mesmo, cheio de esperança.

— Que língua é essa? — Abigail perguntou atônita. Noah o encarava também.

— Abi, eu... eu queria poder te contar absolutamente tudo. É sério, eu queria mesmo, mas eu não posso.

—Tudo bem. —Disse cheia de certeza. —Eu confio em você.



CAPÍTULO 28

MAIO DE 2014, CIDADE FLUTUANTE, ILHA DO SIRI,
SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Depois de uma manhã treinando na praia, a areia fina e clara se agarrava aos pelos das pernas de Jonas. Antes de subir a bordo do Rosberta, bateu com os pés na passarela da madeira. Alguns grãos permaneceram enroscados entre os fios, decidiu então se limpar com as mãos. Enquanto fazia isso ouviu Noah bufando de raiva:

—Deveria estar usando uma camisa! Alguém pode te ver assim. — Bom dia, pra você também, Noah. — Ele disse ainda abaixado. Seu tio já havia lhe prometido uma morte lenta caso sujasse sua casa flutuante.

—Tem mulheres por aqui, sabia disso?

—Sim, eu sabia disso, Noah. —Jonas respondeu entendiado.

— E mesmo assim, fica andando pelado pela passarela? — Perguntou enfurecido.

Algumas pessoas passaram cumprimentando-os, mas não deram importância alguma ao fato do rapaz estar sem camisa. O garotinho, na verdade, se

preocupava com irmã. Para evitar problemas com o menino quem queria chamar de cunhado, desamarrou a camisa de sua bermuda e a vestiu. Estava toda amassada, riu quando a viu. Pensou no que a mãe diria, algo como: “achou na boca de uma vaca?”

— Satisfeito?

Noah bufou em resposta e desceu para sua cabine no Constelação.

Sorrindo com os ciúmes do garotinho, subiu a bordo do Rosberta. Encontrou Abigail, Tom e Dídimo conversando na cozinha. Eles haviam esticado um mapa do continente na mesa e argumentavam sobre algo que ele não compreendeu de cara. Cumprimentou a todos e entrou no banheiro.

Depois de seus momentos de relaxamento, saiu do banheiro pronto para enfrentar o que quer que seus tios e Abigail estivessem conversando e se surpreendeu com o conteúdo da conversa:

— Se você levar ao Acampamento Militar... — Disse Dídimo apontando para a Ilha Real.

— Sim, eu já entendi, Dídimo, você não gosta do Acampamento Militar! — Abigail respondeu sem paciência.

—De forma alguma você pode vender qualquer coisa que tiver aí para eles. — Dídimo insistiu.

— Eu sei quem ia gostar desse dispositivo. Mas ele está soterrado na Ilha dos Dragões em Nova Fidem. — Falou Tom com um sorriso amargo.

— Então você concorda com Dídimo, eles são perigosos. — Falou Abigail.

—Nas mãos de pessoas erradas, sim.

—O que faço? Preciso de dinheiro. —Ela estava desesperada. — Pense em algo mais prático... — Falou Tom recolhendo o

mapa.

—É, algo que não vire uma arma na guerra. —Dídimo disse sem paciência.

— Pare de falar idiotices, Dídimo. Que guerra, o quê! — Tom se aborreceu. — Esquece isso!

— Do que vocês estão falando? — Jonas perguntou e só então foi notado.

— Abigail tem um dispositivo de defesa... só que nós dois achamos perigoso demais. —Seu tio favorito respondeu.

— Venda a patente para mim. — Dídimo pediu a Abigail ignorando o sobrinho que acabara de chegar.

—O que vai fazer com ela? —A garota perguntou.

—Não confia em mim? —Indagou ofendido.

—Só você acredita que este lugar entrará em guerra... sim, estou preocupada com o que vai fazer com ela.

— Por mim, tudo bem. Só não diga que não avisei! — Dídimo respondeu e se retirou.

— Calma aí, Dídimo, não precisa ir embora! — A garota ficou preocupada.

— Deixe, deixe ele ir... tem criado muitas teorias malucas ultimamente. —Tom disse a Abigail. —Estão com fome?

— Sempre. — Os dois responderam em uníssono. Sorriram um para o outro e se sentaram à mesa.

—É hoje o grande dia. —A garota foi a primeira a falar.

— Sim. Hoje. É hoje. — Jonas falou e se surpreendeu com sua preocupação.

—Está nervoso?

— Ele não tem por que ficar nervoso. Eu vou. Meu braço está ótimo! — Esticou o braço que dias antes estava imobilizado. Os dois garotos riram do mais velho.

— Finalmente aquele médico idiota me liberou!

— Nem sei porque você ficou tão mal, eu sou muito levinho. — Jonas zombou e o tio riu.

Tom havia feito salada de frutas e colocou cereais por cima de cada porção que serviu. Dispôs uma porção exorbitante na cumbuca de Abigail, fazendo a rir baixinho. A porção de Jonas era ainda maior, mas estava acostumado. A corrida lhe deu fome suficiente para comer a sua e a dos outros.

Tom deu uma colherada no café da manhã e acabou se lembrando:

— Vou chamar meu amiguinho Noah, sinto falta daquele pestinha por aqui todos os dias... — Se levantou abruptamente balançando a mesa e derrubando a colherada que Jonas estava levando a boca. — Ei, Noah, vem. Vem comer com a gente. Você também está convidado, Dídimo.

—Tenho mais o que fazer. —Dídimo respondeu e zarpou.

— É. Eu... eu também tenho mais o que fazer! — Noah respondeu nervoso. Abigail e Jonas ouviram o barulho de porta batendo.

— O que eu fiz para o menino? — Perguntou se sentando à mesa.

— Espere aí, já volto. — Abigail se retirou da mesa. Jonas esperou ela sair de vista para dizer:

— Ele está com ciúmes de mim. — Tom o encarou com a colher o ar. Semicerrou os olhos. O rapaz ficou sem graça ao notar a feição do tio —No-notei desde a ida ao Magnus Leap.

— E por que ele sentiria ciúmes? — Indagou. Não queria incentivá-lo, mesmo que já tivesse notado que os dois estavam muito risonhos, sem mencionar a preocupação da garota com a saúde de Jonas quando ele voltou da última missão.

O garoto deu de ombros fingindo não saber a resposta. O tio pegou a cumbuca de Abigail e a colocou de frente para o lugar em que ele estava sentado e se sentou no lugar da menina que ficava ao lado de Jonas. O rapaz revirou os olhos

e abaixou a cabeça para continuar comendo.

— Não seja desrespeitoso! — Abigail falou empurrando Noah para cozinha. — Nossos pais não nos ensinaram isso.

— Desculpa, Tom. — Ele disse fungando e se sentou à mesa. Sua orelha estava vermelha. — O senhor pode colocar um pouco de...? — olhou para dentro da cumbuca da irmã — sala de frutas para mim?

— Eu sirvo você. — Abigail respondeu. — Se não se importar, Tom.

—Fique à vontade. —O homem respondeu.

Abigail serviu o irmão e fez cara de confusa quando viu sua porção em outro lugar na mesa. Tom sorriu com a boca cheia, deu um tapa muito forte na nuca de Jonas e apertou:

—Quis sentar ao lado do meu sobrinho querido.

— Você só tem esse. — Abigail disse brincalhona. — Se fosse nosso tio também, eu provavelmente seria a favorita.

— Há, há! Até parece, um sobrinho maravilhoso desses... — Jonas entrou na brincadeira.

—Ai, ai —Noah resmungou baixinho depois de revirar os olhos. — Concordo com meu amigo, Noah: Aiai! — Tom respondeu e soltou a nuca de Jonas.

Depois de devidamente abastecidos e de se despedirem de Noah e Abigail, os Marcus estavam prontos para zarpar rumo à Friaze. Mas Jonas se demorou um pouco para falar a sós com Abigail. Não sabia quanto tempo ficaria fora e queria fazer algo significativo. Ela ficou inquieta enquanto ele permaneceu de pé à sua frente no convés do Constelação. Sem muita demora, pegou frasco de vidro com o sangue de basilísco e o entregou a menina. Estava gelado por ficar na geladeira todo esse tempo.

— Quê? Que coisa nojenta é essa? — Ela perguntou encarando o líquido verde. Já ia abrir a tampa quando Jonas a interrompeu:

— Você não vai querer cheirar isso! — Disse rindo — Isso fede muito, sério...

—E o que é?

— Sangue de basilísco. — Ele respondeu e ela ficou em choque. —Deve dar uma boa grana.

— Sim. Isso vai dar muito dinheiro... eu não posso aceitar! — A menina falou com o rosto vermelho, depois estendeu o vidro na direção do garoto. Ele pulou para trás sorrindo.

— O quê? — Riu e correu na direção do Rosberta. — Não ouvi o que você disse!

— Jonas! — Ela sorriu envergonhada e andou na direção dele — É sério!!

Assim que Jonas subiu a bordo eles zarparam. Abigail, atônita com aquele frasco nas mãos, os viu se distanciando mais e mais. Tom havia deixado claro que o lugar era excepcionalmente frio, portanto os dois se equiparam com as roupas mais quentes que conseguiram encontrar no comércio da Ilha Real. A viagem durou algumas horas em direção ao sul, mesmo com o motor modificado, a distância entre as ilhas era realmente de se preocupar. Distante de todas as outras, Friaze dividia um pouco do limite com a Antártica. O sistema político deles é diferente e o palácio não comanda esta parte do continente, apesar dos mapas de Nova Terra indicarem isso. Aquele lugar pertence a um sistema próprio, que responde aos seus próprios interesses comerciais. Jogavam um pouco do lucro obtido com as ilhas comandadas pelo reino de Nova Terra nas mãos dos monarcas, mas eles não tinham poder suficiente para conferir de perto se aquela era mesmo a parte do que deveria ser repassado.

Friaze é o que Jonas entendeu por terra indígena. Pensou no Brasil e em como muitas comunidades são bem reservadas e incomunicáveis. Achou que os friazenses não os esperariam de braços abertos.

—Não faço ideia de por onde começar.

— Por que não viemos uma semana antes? — Tom falava consigo mesmo — Eu sabia que esse lugar era enorme... pensei em fazer isso, só que quando dei por mim já era dia 31.

— Acho que meu pai está aqui. — Jonas afirmou com o queixo tremendo no frio.

Tom o observou calado. Não tinha certeza se deveria esperar por isso. Seu irmão já o havia decepcionado tantas vezes que não conseguia mais contar. Elai estava vivo. No fundo de seu coração sabia disso, só não sabia se fazia mesmo alguma diferença. Ele não o via há anos, exceto pelas imagens nas propagandas projetadas nas Altas-Telas.

A cada 10 crimes cometidos, nossa Guarda Real soluciona 11. O décimo primeiro é por nossa conta.

A imagem de Elai estampada na propaganda, com os olhos de um Marcus brilhando exasperadamente dava nojo aos gêmeos. Se sentiam traídos todas as vezes que colocaram os pés na ilha. A esperança de Jonas era linda de se ver, mas seu tio esperava que o homem não estivesse ali. Os gêmeos aprenderam com Eleonor que amar a família é mais importante do que ter razão. Talvez fosse pelo ensinamento da mãe, que Dídimo tenha se sentido feliz ao encontrar com Jonas pela primeira vez, entretanto, ela estava morta. Ele podia guardar as suas cicatrizes se quisesse.

Ancoraram na praia e encontraram um rio desaguando no mar. O leito dele estava coberto por pedras negras lisas como as da Ilha do Siri. Colocaram suas mochilas nas costas, equipados com tudo que achavam necessário. Agasalharam-se contra o frio e à medida que colocaram seus pés na grama verde após a praia, sentiram-na quebrar como se pedrinhas de gelo estivessem abaixo de seus pés. Estava congelada por uma fina camada. O terreno tornou-se íngreme enquanto os dois foram subindo o rio.

Devido ao terreno tornar-se irregular a cada passada, a mochila ficou mais pesada e Jonas se arrependeu do treinamento que fez

mais cedo, pois as coxas e panturrilhas ainda queimavam. Tom parou um pouco ofegando. O ar rarefeito deixava a subida muito mais desconfortável. Para completar, o sol já estava sumindo por completo, o astro não os esquentaria por mais tempo.

—Eu estou velho demais para isso!

— Vem, tio, vamos terminar a subida... daqui a pouco estaremos no alto. — Jonas o encorajou.

Tom assentiu e continuou, mas escorregou algumas vezes. Murmurou baixinho algo como “primeiro o meu braço, agora isso?” O garoto fingiu não ouvir, sabia que aquelas experiências estavam sendo difíceis e ele não queria ter que enfrentá-las sozinho. Terminada a subida, encontraram um terreno gramíneo rasteiro e muito largo. Pedras cinzas arredondadas de tamanho regular, feito o punho fechado de um homem adulto, estavam dispostas em forma de círculos. Círculos com raio de cerca de 10 metros nas extremidades e dentro deles círculos menores. Quem fez aquilo provavelmente mediu as distâncias com muita atenção. Pareciam perfeitos.

Tochas de três metros de altura circundavam o enorme campo. Estavam acesas, o que preocupou muito os dois forasteiros.

— Acho melhor a gente dar o fora daqui. — Tom falou tremendo de frio. — Algum maluco fez isso, parece um campo... um campo de gente morta, sei lá.

—Cemitério. —Jonas o corrigiu em português.

—Isso. Parece a porcaria de um cemitério. —Ele repetiu mesmo sem saber o que significava. — Não quero ficar aqui, garoto. Vamos voltar por onde chegamos, a gente dorme no Rosberta mesmo e volta pela manhã... quero dizer, pelo outro lado da ilha, eu não vou passar no meio desse lugar nem mor... — Antes que ele terminasse a palavra os dois viram o leão albino que Jonas encontrou na Ilha do Siri. As palavras se esvaíram da boca de ambos.

Já no Bosque, na trilha, o leão os observava em silêncio. Suas patas pareciam não tocar o chão. O que os impressionou de tal forma que seus joelhos afrouxaram-se prostrando-os no chão. Tom abaixou sua cabeça, não ousou olhá-lo nos olhos nem mais um segundo. Jonas, porém, não conseguia deixar de encará-lo.

O leão olhou para trás notando a presença de alguém vindo no Bosque. Um homem muito grande andava vestido com peles e cabeça coberta por um capuz de pelos. Andando ágil, passou pelo leão e ele se dissipou como se fosse feito de fumaça. O homem viu- os ajoelhados no chão, parou abruptamente e então

colocou a mão na árvore onde o leão estava, respirou fundo de olhos fechados, como se tentasse sentir o que acabara de acontecer com a mente. Sorriu quando encontrou o que queria e então se voltou para os dois que já estavam se levantando

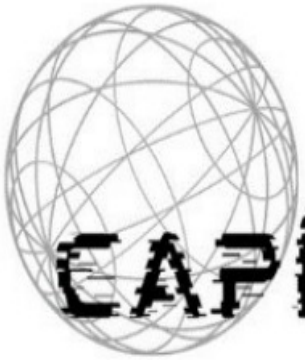
O rosto coberto do homem os deixavam desconfortáveis e em seus corações já sabiam a resposta para a pergunta que se faziam. O coração de Jonas acelerou-se bem como as passadas do homem. Pareciam conectadas por algo divino.

Tom limpou os joelhos e encarou o homem chegando com o queixo levantado. Seus olhos focalizavam em sua aparência e os lábios se contraíam ligados ao maxilar. O cérebro detestava a imagem que se aproximava, mas o coração também batia forte.

O homem parou no centro do campo. Colocou a mão fechada no peito e bateu. O barulho ecoou e chegou ao Bosque. Bateu mais uma vez e Jonas ouviu a batida dentro de seu cérebro. Ele também fechou o punho e o colocou na altura do peito. O homem bateu mais uma vez e vários outros apareceram na trilha do Bosque. Um deles Jonas reconheceu. Era o rapaz de cabelos brancos.

Bateu mais uma vez no peito e Jonas sentiu dentro de si. Tirou o capuz.

Elai estava mais vivo que nunca.



CAPÍTULO 29

BOSQUE ORIGINAL, FRIAZE, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Quando Jonas compreendeu que aquele era de fato seu pai, vestido como um friazense, com costumes dos quais ele nunca tinha imaginado, não conseguiu se sentir completamente feliz ao mirá-lo. Elai notou de imediato, mas foi na sua direção mesmo assim, o abraçou forte e disse ao seu ouvido em português:

—Este é seu lar, Jonas. —O largou e o garoto reparou que seus olhos brilhavam diferente. —Este é o nosso lar.

— Meu lar é onde minha mãe está. — Falou irado e se afastou por completo. Deixando um vão considerável entre os dois.

Tom andou furtivamente atrás do rapaz com os olhos vidrados nos homens no Bosque. Não confia em seu irmão e temia pela vida de seu sobrinho além da sua. Quando se aproximou finalmente, segurou o braço do rapaz dando apoio. Elai notou a proximidade entre os dois e sorriu. Estava feliz que tinham se dado bem.

—Onde está Dídimo?

Tom franziu as sobrancelhas para o irmão mais velho e perguntou:

—Por que o interesse?

— Esta é a nossa casa, Tom. — Elai respondeu como se dissesse o óbvio — Dídimo precisa conhecê-la.

— Olha, eu trouxe o garoto e não estou nem um pouco interessado em deixá-lo aqui. Se ficar falando esse monte de gracinha a gente vai embora e você que se vire com seus planos. — Tom falou com o dedo em riste diante dos olhos do irmão. Estava irado. Os homens do Bosque se aproximaram, mas Elai levantou a mão os impedindo de continuar.

— Admiro muito o seu cuidado com meu filho, Tom. Não tenho palavras para agradecê-lo. Como posso te compensar? — Elai perguntou sorridente.

— Está brincando com a minha cara? — Jonas segurou o braço antes ferido do tio, ele sentiu uma fisgada e deu um passo para trás. — Sente dor aqui? — Elai perguntou colocando a mão no ombro

do irmão mais novo, que ficou sem reação quando ele começou a balbuciar palavras de olhos fechados. Aos poucos, Tom sentiu seu braço aquecendo-se de dentro para fora. A dor foi embora por completo. —Pronto. Está bem melhor agora.

Tom se afastou e puxou Jonas consigo. Seus olhos ardiam como se estivesse com febre. Sentiu o desejo de chorar, só não sabia dizer o porquê.

— Vem, vamos para um lugar mais quente. Está anoitecendo, vocês não vão querer ficar aqui à noite. —Elai disse e deu as costas sinalizando que era a hora dos dois o seguirem.

— Eu não vou a lugar nenhum com você, pai. — Ao ouvir isso, Elai parou e se virou abruptamente na direção do filho. Quando o rapaz viu os olhos de seu pai sentiu arrependimento no ato. Abaixou a cabeça em sinal de submissão e o seguiu com o tio ainda agarrado ao seu braço.

Andaram pelo Bosque em silêncio, atrás de dezenas de homens que lideravam a incursão. Estes, por outro lado, conversavam entre si em uma língua desconhecida. Riam de suas próprias piadas. A trilha estava bem cuidada, mas

algumas raízes ainda dificultavam o caminho.

Durante a caminhada o céu foi ficando cada vez mais escuro.

—O Criador puxou o véu da noite. —Falou um dos homens mais à frente. Ele se aproximou de Elai e disse: — Não ficaremos seguros no Bosque, devemos andar mais rápido, senhor Dux.

—Estou de acordo.

—Perfeitamente, senhor.

Veloz, o homem correu entre as árvores avisando aos outros que precisavam apressar o passo para chegarem mais rápido ao seu destino. Jonas pensou que somente algo sobrenatural seria capaz de fazer aquilo. Viu-o correr ao ponto de parecer um borrão no ar.

—De onde ele vem? —Deixou a pergunta escapar.

— Ele é um soldado friazense. Treinou a vida inteira. — Elai respondeu orgulhoso.

Tom e Jonas não conseguiam acompanhar os outros, apesar de também terem se apressado consideravelmente. Elai andou mais lento para acompanhá-los a fim de trazer proteção. O Bosque abriga animais ferozes.

Já cansados da caminhada, seus olhos vislumbraram o Acampamento Militar, cercado por espessas muralhas, estendidas como muros de um castelo que se materializou do passado no futuro. Tom foi o primeiro a engolir em seco. Com os pés cansados do contato com as raízes no chão do Bosque, encontrar uma planície de paralelepípedos foi revigorante.

— Quero que faça o treinamento militar. — Elai falou para Jonas quando eles adentravam os portões da cidade.

—Como é que é? —Indagou surpreso e enojado.

—Você está inscrito no torneio da Ilha Real, não está?

— Como sabe disso? — Perguntou ainda mais surpreso. Estreitou os olhos esperando respostas.

—Você ficaria surpreso... —Elai iniciou sorrindo.

— ... com a quantidade de coisa que eu sei... — Jonas o interrompeu. — Tá, tá, já entendi, você sabe de tudo, só não me conta absolutamente nada.

— Isso muda hoje. Vou te contar tudo que eu sei, mas precisa entender, filho, se achou que a sua chegada até aqui foi complicada, é porque não entende o que está por vir. — Cochichou em seu ouvido.

Tom jogou sua mochila logo na entrada da cidade.

—A gente vai acampar aqui.

—Não seja ridículo, vocês vão entrar em minha casa e dormir de baixo do meu teto. — Elai pegou a mochila do irmão e retomou sua caminhada.

— Você acha que pode resolver tudo, não é, senhor Dux? Pois está há mais de 20 anos atrasado. — Tom vociferou na direção do irmão e bateu em suas costas.

Vendo aquela reação, os soldados se sobressaltaram.

— Podem parando aí. — Jonas estendeu a mão na direção dos homens. — Nenhum de vocês tem algo a ver com o que acontece aqui. Não cheguem perto, eu estou falando muito sério.

Elai se virou para o irmão, segurou os seus ombros e disse: —Me perdoe.

O rosto de Tom se contorceu e as lágrimas se precipitaram, querendo cair. Os olhos de Elai se encheram também.

—Você acha que é só assim? Que vai se cercar com esse monte de brutamontes me forçando a perdoar você?

— Eu sinto muito. — Disse o irmão mais velho ainda segurando os ombros do irmão. Seu hálito quente, em contato com o ar gélido de Friaze transformou-se em fumaça.

— Está pensando o quê? Que eu vou perdoar você, só porque fez aquilo no meu ombro? —Tom começou a chorar. Elai sorriu triste e o abraçou forte.

Entoou uma canção que somente os homens Marcus conhecem, sua voz grave e melodiosa chamou atenção para si. Ninguém ousou dizer nada enquanto ele cantava:

— Além do firmamento e todas as estrelas e suas formações/ Além do que posso ver ou tocar/ Além de mim ou de você/ Ali é meu lugar de descanso/ Encontro meu consolo/ Encontro a minha paz. Ouvindo aquela canção, Jonas olhou para o céu e as estrelas piscavam para ele. Algumas rasgavam o céu, deixando sua marca na escuridão. A lua em quarto crescente apareceu para observar aquela cena de perdão. O único que ainda não havia liberado perdão era ele. Nem sabia por onde começar, haviam tantas questões não respondidas e ele estava tão irado. Sem mencionar que estava achando aquela cena ridícula.

— Tá, chega dessa palhaçada! Onde você mora afinal? — Tom perguntou com a voz anasalada, empurrou o irmão brincalhão. Elai riu e apontou a direção.

Pelo caminho Jonas cutucou o tio e falou baixinho:

—Você chora agora? Tem demonstrações de carinho?

—Garoto, cala essa boca! —Tom o repreendeu limpando o nariz com o dorso da mão. —É culpa desse ar gelado.

— Não, eu só preciso saber para quando eu for falar alguma coisa com você...

— Cale a boca, garoto! — Deu um soco de leve no braço do sobrinho.

Pararam em frente a uma porta de ferro muito alta, provavelmente com mais de 10 metros de altura. Tom assobiou em aprovação. Elai a abriu e todos entraram. A pergunta principal na cabeça dos recém-chegados era: por que eles têm um acampamento militar?

Alguns soldados limpavam o pátio quando eles entraram. Cessaram o trabalho para prestar continência a Elai, que passava entre eles no chão que acabaram de limpar. O teto, assim como a porta, tem o pé direito alto, pois no meio do pátio

há uma árvore milenar. Seu tronco amarronzado estava torcido como se diversos troncos menores tivessem se rendido, entrelaçando-se ao principal. Um só andar comportava todos os aposentos e próxima à àrvore, uma fogueira crepitava. Minúsculas chamas subiam e desfaziam-se no ar.

— Esta noite contaremos histórias. — Elai disse e todos fizeram um círculo em volta da fogueira, Tom e Jonas obedeceram ao ritmo se sentando no meio deles. Os friazenses retiraram seus agasalhos de pele e permitiram que apenas a fogueira os aquecesse.

Com os olhos atentos ao pai, Jonas esperou que a verdade viesse em cascatas, que jorrassem dos lábios do homem que desapareceu, deixando-o sozinho.

— Ninguém sabe dizer ao certo o nome do homem que tudo começou. Ninguém pode nos dizer de onde ele veio, mas sabemos o porquê. — Iniciou e os homens ao redor assentiram. — O chamaremos de Original. Original, saído de sua terra, cercado por homens e mulheres que concordavam com seu pensamento, atravessou os oceanos. Alguns acreditam que a viagem durou anos, pois estavam tentando encontrar um abrigo que os livrassem da maldade do homem. Ele carregava consigo as Escrituras Originais, só nela havia a Verdade. Precisava esconder os seus e a Verdade da

corrupção humana. Original finalmente encontrou um lugar e deu o nome de Nova Terra.

Assim como o lugar descrito nas Escrituras Originais, Nova Terra prometia ser um lugar livre de qualquer maldição. Original, porém, precisava esconder esta terra dos homens que pudessem encontrá- la. Como ele poderia manter todos livres da maldade? Decidiu então construir muros de pedra. Porém os muros de pedra foram destruídos pela ação do mar. Construiu muros à base de aço. A maresia corroeu todo o material e Nova Terra estava desprotegida mais uma vez.

Passado o tempo, Original morreu, mas houveram outros que defenderam os novaterrianos e as Escrituras Originais. Os homens, em sua busca desenfreada, encontraram a maior proteção de todos os tempos: Caelum Arcus. Feita do material da aliança do Soberano com o homem, aquela sim protegeria Nova Terra. A Redoma foi feita a partir dela.

Não há nenhum lugar no mundo inteiro que seja capaz de defender-nos como ela faz. A Redoma tem vida. Ela pensa e respira. Nos esconde do mundo mal. Entretanto, houve alguém caído do céu. Ele adentrou a Redoma e corrompeu o homem bom e tudo que existe foi modificado. Em dado momento, aquele que caiu do céu, levou consigo vários homens a bordo de um navio e o seu feito mudou a Redoma para sempre.

Por causa disso, nosso povo clamou ao Soberano por alguém que cuidasse de nós e Ele nos deu Giatã para guardá-la.

Elai terminou sua história enigmática, deixando Jonas ainda mais aborrecido. Não estava interessado em historinhas. Queria a verdade.

— Por que o Giatã queria minha morte e não a quer mais? — Gritou a pergunta. Seu pai estava do outro lado da roda.

— Alguém pode responder à pergunta que meu filho fez? — Elai indagou aos outros.

— Eu posso, senhor Dux. — O rapaz de cabelos brancos estendeu a mão e encarou Jonas. — Você foi trazido à força para Nova Terra, ainda não sabia de sua missão, portanto Giatã o encarou como ameaça ao continente. Agora que sabe o que precisa fazer, ele

te deixa livre para cumprir seu papel. Se você se desviar dos caminhos, será morto.

— Ele matou os pais dos meus amigos. — Respondeu com o maxilar tenso. As palavras quase não encontraram abertura para saírem.

— Em tempos de guerra, infelizmente, essas coisas acontecem. —O rapaz respondeu.

— Que guerra? — Tom indagou se levantando — Não me digam que estão pensando em guerrear conta a Ilha Real. — Elai ficou o encarando. —Irmão, você enlouqueceu?

— Nova Terra já está em guerra há anos. — Elai respondeu paciente. — O palácio tem tentado atacar nossas terras. Chegará o momento em que nós

retalharemos. Não podemos ignorar.

— Nós, nós... você está se incluindo quando na verdade, sempre foi ratazana do Palácio Real! — Tom vociferou se esqueceu do momento que tiveram minutos antes — Como você tem coragem de agir assim, Elai?

O homem se levantou e andou na direção do irmão como um gato, ágil e sem fazer barulho.

— Está terra é nossa! Nossa terra! Está em nosso sangue, Tom. Pertencemos a este lugar, nós SOMOS este lugar.

— Guarde seus enigmas idiotas para quem pretende desvendá- los. —Tom o empurrou. —Fala logo de uma vez o que quer dizer!

— Nosso pai, Marcus. Ele abandonou o comando de Friaze quando se casou com Eleonor, nossa mãe. Nosso avô era o Dux desta terra, ele detinha o poder de contatar o Criador. O rei Gustavo me mandou na jornada pelas Escrituras. Quando cheguei a este lugar, o último ponto, no guardião das Escrituras, entendi. O poder está nas mãos de quem a guarda. A verdade está aqui e ele quer destruí-la. — Sua voz estava tensa. — Vossa Majestade é um rei corrompido, quer toda a glória para si. Quer destruí-la para que ninguém tenha a vida eterna. Homens livres não servem a rei nenhum, somente ao Rei que é a Verdade.

Tom bufava em ódio, enquanto a roda cheia de homens os encarava. Jonas se levantou ao ver o tio avançando. Temia pela vida dele. Estavam em menor número. Não conseguia classificar seu pai

como parte de seu grupo fechado. Havia enfrentado muita coisa sem ele, não pareceu justo incluí-lo.

—Por que eu estou aqui? —O garoto perguntou.

— Porque você será um Dux um dia. — Elai respondeu esperançoso.

— Então o fato de eu ter sido sequestrado... esse plano foi algo arquitetado por você? — Jonas perguntou esperando que a resposta não lhe desse vontade de socar a cara de ninguém, mas no fundo já sabia...

— Você está bem atrasado, na verdade. Achei que quando eu desaparecesse eles te buscariam. — Elai confirmou o que Jonas suspeitava. — Sabia que Hadassa o traria e esta foi a entrada perfeita. Se um de nós trouxesse você, a Ilha Real contra-atacaria. —E quanto a minha mãe? —Cuspiu a pergunta.

—Ela já sabia que isso ia acontecer. —Elai respondeu e ao ouvir isso, o garoto se sentiu traído. O chão sumiu debaixo de seus pés. Jonas apontou para uma das portas atrás de si na intenção de interromper o pai e disse:

—Em qual desses eu durmo?

— Atrás daquela porta, soldado. — Elai respondeu apontando para uma porta a sua direita. — Se quer ser tratado assim, por mim tudo bem.

— Eu não vou receber nenhum tratamento vindo de você. Amanhã, meu tio e eu vamos embora deste lugar.

— Jonas, nós não podemos. — Tom tomou a frente, estava preocupado —Você está inscrito no torneio. Não pode simplesmente ignorar isso.

— Por que não? Acha que eu não sou capaz de vencer um torneiozinho?

— A questão não é essa, Jonas. — Falou quase que se desculpando. —A princesa te quer morto.

—Ela não me assusta.

— Pois deveria. Eu sei como o torneio vai funcionar, está montando uma arena de ferro, como o Salão de Teste Militar da Guarda Real. Se você acha que consegue, é mais idiota do que eu pensava. —Elai falou nervoso. —Prove que estou errado.

— Psicologia reversa não funciona comigo. — Jonas falou em português.

— Funcionava quando era deste tamanho. — Elai respondeu em português também, colocou a mão na altura da cintura, sorria para o filho. — Você não gostava de banho... era só dizer que se não fosse eu te proibiria para sempre.

O sorriso paternal de Elai mostrou as finas linhas de expressão que se formavam

no canto dos olhos. Neles era possível enxergar a saudade que sentia de seu único filho.

— É que você não me vê há bastante tempo, por isso não está me reconhecendo mais. —Jonas devolveu-lhe um sorriso sarcástico. — Você vai fazer o treinamento. É minha palavra final. — Foi a vez do pai bater o pé.

—O que te faz pensar que pode tomar decisões por mim?

— É que você não me vê há bastante tempo, por isso esqueceu do que eu sou capaz. — Respondeu em tom debochado e depois disse em sanctus para os líderes de pelotão: — Levem o novo soldado para seus aposentos. Cuidado, ele morde! E você meu irmão, amado irmão... — Colocou o braço em volta do irmão mais novo. — Temos muito o que conversar. Descobri algumas coisas interessantes...

Tom e Elai entraram no aposento de Dux enquanto os líderes de pelotão foram na direção de Jonas. Ele havia se preparado há anos para aquilo. Andou até o centro do círculo que foi formado para a história. Os soldados permaneceram sentados esperando a cena seguinte. Ainda não sabia, mas esse tipo de demonstração de força é muito comum no acampamento militar de Friaze.

Eram quatro líderes que o cercaram. Jonas pegou o atiçador de fogo, um fino bastão de ferro, próximo à fogueira no centro da formação e o movimentou no ar como se fosse sua espada. Os rapazes sentados no chão começaram a rir da situação. Um dos líderes se aproximou com os braços cruzados atrás das costas. Era o mesmo de cabelos brancos com quem se encontrou na Ilha Mar de Areia. Para Jonas aquela era a pior das afrontas, portanto, assim que ele chegou mais perto, segurou o atiçador com as duas mãos o projetando com toda força na direção da bochecha direita do rapaz. Ele desviou colocando a cabeça para trás, foi tão rápido que Jonas

pensou ter visto as dimensões do vulto de seu rosto se afastando em câmera lenta.

O mesmo, ainda com as mãos para trás, girou a perna direita e proferiu um chute de esquerda no lado direito de Jonas, que o envergou com muita dor.

— Essa nem é minha perna dominante. — Ele disse e os soldados mais novos

foram à loucura. Ficou apenas este líder, os outros três se sentaram a roda para assistir.

— Há, há, muito bom... — Jonas debochou com o rosto contorcido, se endireitou e jogou o atiçador no chão, levantou guarda e disse: —Vamos lá então.

Soube que naquele momento deveria ficar atento a rapidez dos movimentos, talvez a força fosse afetada pela necessidade de precisão. Pensar rápido é algo inerente ao lutador, esta é lição básica. Em base diagonal, com a perna dominante direita, se aproximou do líder que permanecia com os braços grudados nas costas. Ele olhou a forma como Jonas estava posicionado e um sorriso de canto de boca surgiu em seus lábios debochados.

Jab, direto. O líder se moveu com a cabeça de um lado para o outro sem usar a defesa com as mãos. Por causa disso, Jonas achou que não era tão inteligente quanto se julgava ser. Apesar das risadas debochadas dos rapazes aos pés dos dois, o garoto se concentrou no que devia fazer. Já tinha marcado em sua mente que não deveria fugir da ordenança de seu pai, só que não deixaria que nenhum deles o desmoralizasse como estavam fazendo, então seu punho direito projetou o jab, mas o esquerdo se movimentou um segundo depois, formando um cruzado — soco na bochecha —. Quando o líder desviou do jab, o cruzado o acertou em cheio.

Nesta hora ele se desestabilizou, portanto, as mãos saíram detrás das costas. Um pequeno corte apareceu na maçã do rosto e dele brotou sangue. Jonas o observou por uns segundos, o silêncio reinou. Nenhum dos soldados esperava que o ataque do garoto fosse eficaz. O sorriso do oponente já havia se desmanchado naquele momento, que impressionado disse:

—Belo soco!

—Também achei. —Jonas respondeu debochando.

—Posso retribuir, ou você pode entrar no seu alojamento...

— Meu pai é o chefão aqui, já entendi... Está com medo de me machucar...? — Jonas perguntou tentando saber o nome do oficial na sua frente.

—Andreas. —Ele respondeu.

— Hum, nome de macho! — Jonas debochou mais uma vez. Se lembrou do significado que diz respeito a masculinidade. — Sabe que esse nome é grego?

— Vão ficar de papo ou vão brigar feito homens? — Perguntou um dos mais jovens soldados. Andreas o encarou e ele se arrependeu no ato.

— Sim, Jonas, eu sei que meu nome é grego. Meu pai é um estudioso a respeito dos outros continentes. — Ao ouvir esta afirmação, ficou surpreso, então as pessoas daqui sabem dos outros continentes. —Só que o que eu quero saber agora, é: vai entrar para o alojamento agora ou vai querer continuar a luta?

— Me responda você. Está com medo de me machucar? — Jonas, com a guarda levantada, rodeou Andreas e ele o acompanhou com os olhos.

— Não quero que nosso relacionamento inicie desta forma. Detestaria que você iniciasse sua vida em Friaze com ressentimentos. —Respondeu sincero.

— Acho que você não está fazendo jus a seu nome. Isso é conversa de florzinha.

— Flores não conversam, Jonas. — Andreas respondeu e Jonas gargalhou.

— Seja como for. Por que esse sentimentalismo todo para o meu lado?

— Você terá grande papel em nossa sociedade. — Respondeu como quem diz o óbvio.

—Como assim?

—Está no seu sangue.

O garoto abaixou a guarda e encarou confuso o líder o mirava de mesma forma. Não estava compreendendo onde aquela conversa ia chegar, mas ao mesmo tempo não estava conformado que deveria se rebaixar para perguntá-lo sobre seu sangue. Afinal, todas as pessoas sabem quem são. Se não compreendemos quem somos, o que nos resta?

Jonas, apesar de não saber naquele momento, era uma peça fundamental para planos dos quais ele nem se quer um dia imaginou. Um plano muito maior do

que qualquer outro, porque não estava em mãos pequenas. Estava diante de um povo diferente, conhecedor de muitas coisas e estava acostumado a ser esta pessoa, a que sabe tudo na sala. Estava acostumado a ser a pessoa que tem respostas e não perguntas.

Estava tão envolto em seus questionamentos que não notou quando um dos líderes, covardemente, segurando o atiçador de fogo, veio por trás e o acertou na nuca desligando seus sentidos. Ao fundo, com o cérebro teimoso que não queria desligar por completo, pôde ouvir:

— Zion, ficou maluco? — Andreas perguntou aborrecido. Agachou na frente do rosto do garoto e levantou uma de suas pálpebras. Os olhos estavam inertes.

— Levem o engraçadinho para o Alojamento Três. — Zion ordenou e sua voz ecoou pelo pátio, depois disse a Andreas: — Estava cansado da brincadeirinha de vocês.

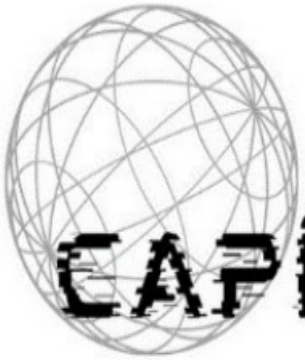
Dois soldados levantaram o corpo de Jonas e o levaram até o alojamento indicado. Zion estava prestes a dar as costas para Andreas quando este disse:

—Devemos ter paciência com ele.

— Por que ele é filho de nosso Dux? Não seja ridículo! A menos que ele próprio seja o guardião do que temos de mais precioso, será tratado com todo respeito a que devemos a nossos recém-chegados. — Cuspiu no chão. — Se quiser ser tratado melhor, que seja formado.

— Espero que nenhum de nós tenha problema por causa de seu comportamento, irmão.

— Você tem pouca fé em mim. — Sorriu abusado e adentrou no alojamento três atrás dos irmãos da guarda.



CAPÍTULO 30

ACAMPAMENTO MILITAR, BOSQUE ORIGINAL, FRIAZE, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Acordado com um balde de água gelada, Jonas se levantou. O choque da água não só o despertou por completo como o trouxe a sensação latente de traição. Se lembrou da noite anterior e se sentiu enojado por aquele ato de covardia. A nuca trazia a memória do que aconteceu sem o menor esforço. Latejava constante como uma luz de uma máquina, avisando ao seu portador a necessidade de conserto. Poderia pedir a alguém algum analgésico, mas pensou que curtir a dor seria um lembrete melhor de que ele poderia se vingar de quem o fez, só que para isso, o covarde precisava se apresentar. Não precisou convidá-lo, pois o autor do seu banho gelado, ainda

na cama era do próprio: Zion, seu líder de pelotão.

— Que bom que o principezinho acordou. — Zion disse. A imagem dele pela manhã fez Jonas pensar em Scar, o irmão que matou o Rei Leão Mufasa na animação da Disney. Pele morena, boca escura, olhos claros e algumas cicatrizes de garras no olho esquerdo.

O garoto se levantou para ficar cara a cara com o engraçadinho. Ambos de queixos erguidos, peitos quase colados. Um deles sorria com deboche e não se

tratava de Jonas.

—Cadê meu Horloge? —Perguntou entredentes.

—Não precisa mais dele.

—Quem decide isso sou eu.

— Tenta usar então, idiota. — Zion colocou o dispositivo na mão de Jonas que o afivelou, porém ele estava fora do ar.

—Fez o que com ele? —Perguntou com os punhos cerrados. —Nada, não funciona aqui.

Jonas o encarou esperando que se desmentisse, mas ficou calado em vão.

— Cumprimente seu pelotão. — Apontou para vários garotinhos com cerca de 12 anos, em posição de continência, todos enfileirados de frente para suas camas arrumadas. Uniformes azuis numerados e coturnos pretos reluzindo. — Essa agora é sua família. Soldado 000, como não está pronto, ficará sem a primeira refeição. Quando eu voltar, espero que este lugar esteja brilhando e que você esteja uniformizado como seus irmãos. Sentido! — Zion disse aos outros soldados. —Para o salão refeitório.

Os garotinhos o acompanharam ainda enfileirados como no jardim de infância. Andavam no mesmo ritmo, marchando. Quando todos já estavam fora do Alojamento Três, Jonas olhou as camas perfeitamente arrumadas e teve uma ideia. Bagunçou todas e jogou as roupas dos meninos pelo chão. Algumas coisas até molharam, pois ele estava ensopado e o chão próximo a sua cama também. Vestiu o uniforme com o número 000 que encontrou pendurado

na cama de cima de seu beliche e calçou o coturno que havia sido molhado como tudo que era seu. *Pelo menos o uniforme está intacto* , pensou, mas depois de um tempo com as meias molhadas desejou que fosse o contrário.

O alojamento tem algumas dezenas de beliches cinzas. Uma janela larga mostra o clima frio do lado de fora, todavia não fica aberta por causa da corrente de ar. A iluminação é precária e as paredes escuras deixam a imagem do lugar ainda mais enegrecida, apesar de já ser dia. O chão de cimento batido é tão áspero que

quando Jonas teve contado, o sentiu arranhar o solado do pé.

Zion voltou para a inspeção e encontrou Jonas deitado em cima das roupas dos garotos no centro do alojamento. Estava de bruços, o cotovelo direito apoiado no chão para segurar a cabeça e a perna direita dobrada. Sorria sem mostrar os dentes. O rosto do líder queimou de ódio e seu maxilar ficou ainda mais delineado.

— Gostou assim, chefinho? — Falou a palavra chefinho em português, na esperança de que ele perguntasse que palavra era aquela.

— Isso é uma brincadeira para você? — Zion devolveu a pergunta na língua do rapaz. Seu sorriso se desfez. —Achou que eu não saberia sua língua? Posso surpreender você com a quantidade de coisas que eu sei. —Imitou Elai — Levante-se agora. Espero que goste de montar guarda de estômago vazio.

Do lado de fora com as meias molhadas, o vento gelado o fez desejar voltar e limpar todo o alojamento com uma escova de dentes, como mostram os filmes. Deram-lhe uma besta já gasta e velha que o fez pensar na sua Besta de Longo Alcance. Queria saber o que fizeram com ela e com sua Espada Indestrutível. Tinha a esperança de que elas não estivessem armazenadas em lugar de difícil acesso. Queria poder pegá-las a hora que quisesse como pôde nos últimos meses. Não havia se dado conta até então que aquelas armas lhe davam a sensação de poder. Ah, como Jonas ama ter poder!

Para sua tristeza, Elai recolheu-as, assim como a chave que o garoto recebeu. A espada era sua, portanto guardou para si. A Besta de Longo Alcance, por outro lado, está com outras no Salão de Armas e ninguém que não esteja autorizado consegue adentrá-lo. Já cumprira seu papel naquela missão e não seria usada de novo a menos que algo terrível acontecesse.

Zion colocou o soldado rebelde de guarda nos portões leste do acampamento, estes lhe davam uma mínima visão da parte residencial de Friaze, que este julgou impressionante. Minúsculas casinhas agrupadas umas as outras. Ao longe, a impressão que tinha era que estava vendo casa de elfos no Bosque. Sorriu de si mesmo com a imaginação fértil. Mas mesmo com sua imaginação, muitas vezes infantil, jamais imaginaria um lugar como este em que está, ou em qualquer outro como os que conheceu em Nova Terra. Entre a cidade repleta de casas, o Bosque mostra uma trilha de tijolos cimentados, comprovando que as pessoas

podem sim se aproximar do acampamento militar. Porém aquele silêncio fazia parecer que seu trabalho de guarda ou a trilha direto para a cidade eram em vão.

Seu estômago sem nenhum alimento há muitas horas sinalizou com veemência seu descontentamento, chamando atenção da forma que conseguia. O garoto não ia implorar por comida. *De forma alguma!* Aguentaria a importunação como um homem de verdade. Cantarolou canções durante a espera e de pé até anoitecer. O vento castigava até mesmo seus ossos. O uniforme não era grosso e o frio, já o tinha deixado um pouco duro. Seus pés estavam quase congelados. Parou alguns momentos para urinar e o fez no portão mesmo, como um cão demarcando território. Não se importava com o que poderia acontecer.

Ao sul ouviu barulho de muitas águas, como ondas. Olhou para a origem do som e não viu nada. Semicerrou os olhos buscando alguma indicação do que tinha escutado, porém não encontrou nada. Mirou para frente, observando as casas mais uma vez e o som se repetiu, mas agora estava mais audível. Virou a cabeça de imediato, buscando a procedência dele, esperava que aquelas águas o acertassem em cheio. Nada. O Bosque estava vazio e escurecendo aos poucos. Olhou para frente e o barulho agora gritou alto em seu ouvido. Seu coração bateu forte e seus sentidos foram tomados. Fechou os olhos com força e os abriu mirando o Sul, procurando o sonido que ouviu e finalmente o encontrou. Estava com água até o pescoço. Seus pés batiam sozinhos. Era alto mar. Olhou para cima e encontrou o céu negro sem estrelas. Tentou dar braçadas, só que não se moveu.

De repente, uma luz se acendeu. Vinha de um bastão que ele segurava, todavia, Jonas não havia se dado conta dele antes. Abriu a boca para falar, não conseguia. Seus lábios se moviam, entretanto, nenhuma palavra saía de sua língua. Pensou que pedir socorro não era uma opção. Apesar de minutos antes saber exatamente quem era, naquele momento, Jonas não era ninguém. Ficou incapaz de se reconhecer. A luz no alto do bastão iluminou as águas abaixo e ele se viu. Olhou seu reflexo, moveu a cabeça para ambos os lados, mas não conseguiu distinguir a imagem. Sentiu que alguém o estava imitando mais abaixo da superfície, então mergulhou à sua procura. Com o bastão em mãos iluminou o lugar por onde passava.

Chegou tão fundo que pensou em voltar, já que não encontrou o homem que o imitava naquela profundidade e seus pulmões já

estavam desesperados por oxigênio, então bateu os pés para subir, porém não se moveu. Desesperado, olhou para baixo e seres negros, semelhantes a homens, o seguravam. A única coisa visível neles era os olhos que brilhavam amarelados. Jonas, que ainda não sabia quem era, mirou o cajado na direção deles na intenção de reconhecê-los naquela escuridão e com a luz, eles se afastaram. Bateu os pés com força e começou a subir

Eles o agarraram com mais força arranhando suas canelas, contudo, Jonas já sabia o que fazer. Apontou com o cajado na direção daqueles seres desprezíveis e estes se afastaram para mais longe da superfície. Com o peito queimando, os órgãos desesperados por ar, nadou. Uma das mãos segurando o cajado apontando para baixo, para que a luz impedisse aqueles seres o alcançassem.

Uma luz irradiou acima da superfície e ele enxergou sua mão estendida, dela pingava gotas de sangue. Estava machucada de tal forma que uma poça enorme se formou na direção para onde nadava. Manteve o ritmo. Um animal como os seres das profundezas apareceu, sentiu o cheiro do sangue, porém não se aproximou até que Jonas agarrou a mão que lhe propunha ajuda. Ela o agarrou com força e puxou. O animal se aproximou um pouco mais para assistir, mas nada fez. Quando deu por si, notou que havia uma ilhota feita de pedra, pois quem o segurou o pôs em cima dela.

Olhou para a mão coberta de sangue que o segurava. Era igual a sua. O líquido rubro molhou todo seu braço enquanto ele respirava ofegante. Mirou a mão mais uma vez e ela não estava mais o segurando. Procurou por quem o havia ajudado, só que não o encontrou.

—Deixou apenas o sangue. —Finalmente conseguiu falar.

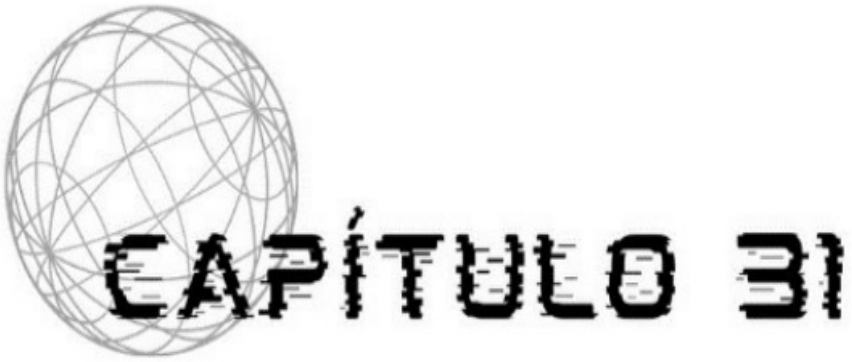
—O que disse? —Uma voz perguntou atrás dele. Jonas se virou e encontrou Andreas de frente para o portão leste do acampamento militar.

Ele havia dado alguns passos em direção ao Bosque. Os sentidos voltaram instantemente, mas não sabia interpretar o que acabara de ver.

Vão me chamar de louco.

—Nada. Estava pensando alto. —Jonas respondeu.

—Vem, já está na hora da última refeição do dia.



Não foi fácil passar por todos os desafios da jornada pelas Escrituras Originais. Elai estava exausto e aborrecido por ter perdido a oportunidade de voltar para sua casa na América do Sul. Subiu a colina com o rio que desagua no mar diante de seus olhos e as pedras pretas polidas lhe davam a sensação de desestabilidade. Agradeceu aos céus por ser verão, dessa forma não enfrentaria o vento gelado do inverno. Mas além disso tudo, sua cabeça ia e voltava no leão albino. Não compreendia o que aquilo queria dizer, foi o maior dos enigmas que já enfrentara. Já o havia visto outras vezes quando criança e considerou ser sua imaginação quando cresceu.

Colocou o polegar na tela de seu Horloge conferindo o local, o demarcando para mapear sua volta para casa. Ninguém havia mapeado Friaze ainda, seria o pioneiro em mais uma coisa em Nova Terra. Clicou mais uma vez, pois seu dispositivo se recusava a colaborar.

— Ah, vamos! — Falou com o indicador na tela de novo. Nenhuma voz em resposta.

Terminou sua subida e encontrou um campo vasto, repleto de pedras cinza. Achou aquela formação esquisita. Já havia visto filmes

nos outros continentes com histórias sobre alienígenas. Acreditava que se existissem, ele já os teria encontrado.

Mais adiante um bosque de folhagem escura. Semicerrou os olhos tentando encontrar alguma trilha e quando finalmente a viu, um idoso apareceu no meio dela. O primeiro pensamento que veio a sua mente é que ele surgiu rápido demais. Uma piscada de olhos e se moveu ainda mais veloz na sua direção. Pensou que deveria pegar a besta para alvejá-lo, só que não conseguia se mover.

— Que lugar é este? — Elai perguntou ao antigo Dux. Há dezenas de anos o mesmo Dux esperava por seu substituto, já que seu filho decidira abandonar Friaze.

— Cometi muitos erros no passado. — O senhor respondeu. Os cabelos brancos estavam trançados no topo da cabeça. As marcas da vida mapeavam o rosto que sofreu por anos. — Não fui capaz de passar a verdade ao meu filho e ele partiu.

—Seu filho está morto?

— Não falemos deste passado agora. Perderíamos tempo precioso, sou velho demais. Tenho urgências. Entende?

— Talvez...

—Você me perguntou que lugar é este em que estamos pisando. Sobre este passado eu quero falar no momento. — O velho disse calmamente. Se aproximou revelando a pele amendoada e seus olhos verdes brilhantes. — Há anos, dos quais não somos capazes de contar, houve uma batalha e o início da Guerra Sem Fim da qual nenhum de nós pôde enxergar. Muitos foram mortos. Cada pedra desta representa uma morte. Estão ligadas porque pertenceram ao mesmo povo. Guerreiros habilidosos foram mortos no campo de batalha, mas apenas um sobreviveu. O primeiro Dux, guardião das Escrituras Originais.

Apenas um guerreiro não seria suficiente para guardar palavra tão preciosa, portanto, entre o povo de Friaze despertaram homens que antes não eram

habilidosos, todavia, por força maior, foram transformados da noite para o dia. Músculos, carne, ossos. Os homens tornaram-se guerreiros. Moviam-se na mesma medida, sentiam as mesmas dores e compartilhavam da mesma força. Tudo lhes era em comum.

Da mesma forma que homens foram levantados para guardar as Escrituras Originais, os seres do Bosque foram corrompidos, nasceram monstros terríveis capazes de atrocidades. Porém, ainda que morressem alguns dos nossos, mais e mais homens tornavam- se fortes. Os monstros se espalharam por toda Nova Terra disseminando mentiras como a existência de outros deuses.

Porém, estes estão morrendo, já não são tantos quantos haviam no início da Guerra Sem Fim. Isso significa que os de nossa semelhança se reunirão para nosso extermínio. O poder é de quem as detêm. Os monstros aguardam o fim da guerra e mudarão seu nome e depois, quando esta tiver seu fim, o reino será outro.

O Dux idoso contou aquela história para Elai e aguardou até que ela penetrasse em sua mente. Esperou paciente. Quando o homem compreendeu, seus olhos se acenderam.

— Você veio a esta terra para destruir-nos, Elai, entretanto, hoje é o dia da sua convocação. — O Dux disse convicto. — Precisa tomar o lugar de seu pai.

— Foi por isso que meu pai morreu? — Indagou Elai esperançoso por respostas.

— Não, seu pai morreu pela desobediência. Abandonou seu posto e ignorou a profecia. Ao contrário do que todos pensam, ele era o alvo e não o príncipe que o levou para fora da Redoma. Mas todo mal é combatido com o bem, seu sacrifício serviu de porta de entrada para que o próximo Dux, depois de você, venha.

— Jonas.

— Exatamente. Ele será o último, pois virá o tempo em que não seremos mais necessários. Você tentará trazê-lo antes da hora, só que apenas nosso General sabe quando o jovem vem. Tem o dia marcado.

Elai ponderou sobre tudo que ouviu da parte de seu avô, o homem que nunca havia visto antes. Marcus nunca os apresentou. Seus olhos abaixaram-se para o

chão e então observou algumas das pedras que alcançaram sua visão. Soldados mortos. Por onde olhava via destruição. Já havia feito toda sua jornada pelas Escrituras e aquele lugar era o último. Fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes, absorvendo aquela atmosfera. Com isso ouviu claramente seu coração fora do ritmo. Esperou que se estabilizasse e quando

aconteceu, pôde ouvir muitos outros. Colocou a mão em seu peito tentando compreender do que se tratava, então abriu os olhos e viu seu avô com a mão sobre o peito também, de punhos fechados. Ele bateu uma vez, Elai o ouviu e sentiu em sua própria pele. Bateu outra vez, teve a mesma sensação. Outros corações batendo no mesmo ritmo. Centenas de homens apareceram no Bosque. De meninos a adultos. Corações ritmados.

Seu coração ainda fora do compasso, aos poucos foi entrando nos eixos. Mesmo que quisesse desesperar-se com aquilo, não podia, estavam em um só ritmo.

— Você veio para nossa destruição, mas A Voz de Muitas Águas lhe chama através do Bosque.

—Como eu resistiria? —Elai sussurrou calmo.

—Impossível. Ele te vê. Ainda que nas profundezas do mar. — O Dux respondeu baixinho também. Sua voz enfraqueceu. — Ele guarda a chave e no tempo certo ela virá para suas mãos, entretanto, não será sua. Guarde-a em lugar seguro.

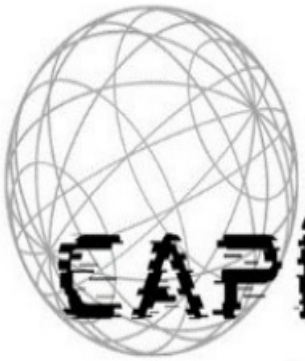
—Que chave?

— Quando a vir, saberá. — Falava da chave que o leão entregou a Jonas meses depois.

O senhor ajoelhou-se no chão diante das pedras do Cemitério de Soldados, Elai correu na direção do avô para segurar sua cabeça que pendeu para o chão. Caiu de costas nas mãos do neto e suspirou:

— Chegou sua hora. Nomeio-te Dux, Guardião das Escrituras Originais. Esta é sua casa, seu lar. O Giatã lhe obedecerá por causa da missão. —Disse e expirou.

O Dux venceu sua última batalha.



CAPÍTULO 32

JUNHO DE 2014, PALÁCIO, ILHA REAL SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Hadassa estava fugindo de Ares há semanas. Inventou um resfriado para não se encontrar com ele pelos corredores do palácio. Montou um escritório para si dentro de seu próprio quarto. Não foi difícil fazer com que o torneio fosse possível, estava tudo funcionando como o planejado. Em breve o menino seria posto em perigo e Elai apareceria do buraco em que se meteu, e caso não aparecesse, o garoto seria morto. Sabia que o pai reclamaria o corpo do filho assim que soubesse de sua morte.

—As inscrições foram encerradas, Alteza. —Disse a criada Ana. Já não era a mesma desde a partida do príncipe Danilo. Outra idosa parecia ter tomado seu lugar. Os olhos já sem brilho evidenciavam os longos anos de trabalho cansativo. Servir às mulheres da família real era um desafio sem fim.

—Ótimo. Distribuiremos cada um deles em pontos específicos da arena. —Falou sentada diante de uma maquete de uma arena de ferro. O teto havia sido removido e as paredes pareciam de ferro batido. Inúmeros projetores estavam instalados por todos os cantos. Ana deixou os aposentos da princesa e ela permaneceu confabulando o que faria em sua mente sórdida. No centro da

pequena arena, o chão está em um nível mais abaixo cercado por muros de ferro. Que na verdade são finos túneis por onde os

competidores ficarão à espera do momento em que tentará provar ser um perfeito herói para Nova Terra. Não que o continente precisasse de algum, nem mesmo Elai tinha tantos afazeres quando era intitulado. Hadassa sabia disso perfeitamente, a intenção não era encontrar um competidor à altura do desaparecido, era na verdade trazê-lo de volta, obrigando-o a se revelar. E quando ele aparecesse, garantiria que jamais se escondesse de novo.

Enquanto colocava os pinos representando os rapazes inscritos para o desafio, imaginou Jonas em um dos compartimentos. O pino que o representava estava em suas mãos, ela o observou imaginando-o na palma de sua mão. Sorriu maleficamente e o colocou no compartimento 01. Segurou o pino com o polegar e o indicador. Era prata em forma de cone com uma ponta arredondada, imaginou que aquela era sua cabeça e a apertou com toda força. Contorceu o rosto enquanto o movimentava no ar da pequena arena à sua frente. Estava tão compenetrada que nem notou a entrada abrupta de Ares.

— Tem sido muito difícil encontrar você... — disse e ela se assustou com a chegada repentina, deixou o pino cair na maquete. Ares se aproximou e colocou as mãos nos seus ombros — ... desde que tem fingido um resfriado, mal nos vimos, noiva.

— Argh! Noiva? Já disse que detesto ser chamada assim. — Vociferou se levantando. Apesar de demonstrar desinteresse, aquele tornara-se seu maior desafio, e para Ares, quanto maior o desafio, maior a recompensa.

O Comandante observou a arena e sorriu. Estava impressionado com a inteligência da noiva. Ela, por outro lado, queria se livrar dele o mais rápido possível.

—Saia do meu quarto. Você não tem permissão para entrar aqui. — Disse indo na direção da porta para que ele se retirasse. Ares andou atrás dela e fechou a porta. A mulher, surpresa com a ousadia, se virou para ele, nunca sentira tanto medo em sua vida. Aqueles eram os olhos mais maldosos que já viu. — Saia, ou eu grito.

Ares sorriu debochado. Beijou o rosto de Hadassa e se retirou. Enojada, Hadassa

trancou seu quarto à chave e correu para o banheiro para tomar banho. Sentiu tanto ódio daquele homem que

mal podia descrevê-lo em sua cabeça. O casamento deles estava marcado para uma semana após o torneio, mas se tudo ocorresse como ela gostaria, não precisaria se preocupar com nada daquilo. Confiou em seu plano que tinha duas alternativas. *Talvez fosse mais prudente pensar em mais outras alternativas,* pensou. E ela estava certa, seu noivo também era um homem inteligente.

Entrementes, Ares desceu as escadas do palácio e encontrou soldados da Guarda Real, seu sorriso se desfez quando os viu.

—O que fazem aqui?

— Senhor Comandante, as escavações ordenadas pelo rei Gustavo... —Disse um dos rapazes, estava preocupado.

—O que há de errado com elas?

— Não encontramos paradeiro do líder deles. Draco. — Falou quase sussurrando.

— Draco é um mosca morta, mesmo que esteja vivo não representará problema algum ao reino. — Respondeu sem entusiasmo. — E se por um acaso ele aparecer, até mesmo um idiota da Guarda Menor poderá detê-lo.

— Continuaremos escavando a cidade. Não há muito o que encontrar, já que parte da cidade está soterrada em um lugar inacessível. Se não fossem nossos geólogos e toda aquela parafernália que construíram, talvez a gente não fosse conseguir. — Disse o outro soldado.

Ares grunhiu com a quantidade de informação que ele julgava inútil. Os soldados já não eram tão bons quanto os que surgiram na sua época, isso era fato.

— Será que podemos voltar para nosso posto? — Ares perguntou aborrecido. — Ou vamos continuar conversando sobre geólogos e a ciência estúpida deles?

Os dois soldados o encararam envergonhados, prestaram continência e se

retiraram. Ares os assistiu partir, já ia se virar na direção da biblioteca onde acreditava que ia encontrar o rei, quando ouviu a voz de Zacarias, filho de Hadassa, no alto das escadas:

— Você julga a geologia inútil? — Perguntou deixando Ares ruborizado.

O garoto estava sendo uma enorme pedra em seu sapato. E isso não era uma piada sobre a ciência que detestava. Odiava tanto o

menino que se imaginou o afogando no chafariz do jardim.

— Ah, estava me ouvindo? Não é educado ouvir as conversas das pessoas dessa maneira.

—Meu pai me ensinou isso, mas nunca se referiu a lacaios como você. Podemos ouvir suas conversas se quisermos. Não sabia disso? —Perguntou em tom de superioridade.

Ares encarou seus olhos e enxergou Amis, um dos homens que mais odiou na vida. Desde novo é apaixonado pela princesa e os dois, Amis e Elai, estavam à frente sempre. Eram seus melhores amigos, um deles ganhou seu coração, o outro se casou com ela e lhe deu filhos insolentes, segundo sua avaliação de caráter deturpada.

— Seu pai te ensinou algo de bom? — Debochou. — Não sabia que ele era capaz e muito menos que tenha tido tempo pra isso... afinal, ele morreu muito cedo...

Zacarias ficou boquiaberto com aquela afronta. Olhou para os lados procurando encontrar alguém que testemunhasse aquele desrespeito.

—Retire o que disse! —Vociferou descendo as escadas.

—Sabe, ele sempre dizia algo interessante... —Começou Ares e logo foi interrompido:

— Não me ouviu? Retire o que disse! — O menino exigiu novamente. Prosseguiu, sem certeza, mal o conheceu: — Como ousa manchar a memória de meu pai dessa maneira? Ele era um homem corajoso! Bravo guerreiro! Importante para nossa comunidade. Sabia seu lugar, diferente de você que se contenta com migalhas.

O rosto do homem queimou como se estivesse exposto ao sol por horas. Seu sangue ferveu de tal maneira que em sua mente podia ouvi-lo chiar. A covardia havia sido sua companheira de vida desde muito jovem, sabia bem por onde começar.

—Você não se parece nada com ele então. — Debochou. —Como disse? —

Zacarias mordeu a isca.

— Seu pai era corajoso, tão corajoso que enfrentou o labirinto e não sofreu nenhum dano. — Mentiu.

—... me disseram a vida toda que aquela área é proibida.

— Claro que lhe disseram isso, você é fraco. Não seria capaz de voltar para casa depois de entrar no labirinto. — Falou como quem diz trivialidades, deu as costas e começou a andar na direção da biblioteca. Em seu Horloge, desativou o campo de proteção do labirinto.

— Ah, é isso que pensa de mim? — Zacarias indagou nervoso. —Provarei minha valentia, assim como meu pai provou a dele.

O garoto se colocou do lado de fora pisando fundo em direção ao jardim real. Haviam dois soldados de guarda. Ares foi para a janela mais próxima, esperou que ele fosse inteligente ao ponto de não se mostrar para os guardas. Zacarias, porém, estava tão absorto em seus pensamentos e sua mente era tão pura, que nem passou por sua cabeça que deveria fazer algo escondido.

Os soldados o chamaram, tentando interceptá-lo:

— Alteza?

— Não me sigam. Sou homem o bastante para enfrentar meus próprios medos.

— Vossa Alteza, esta área é proibida. — O outro disse e os dois correram na direção do garoto que apressou seu passo.

—Ele passou do limite e o campo não o deteve. Está desativado! —Gritou um guarda para o outro.

O coração de Ares estava batendo na boca, tal era seu nervosismo e esperança de que o menino caísse de vez em sua armadilha e deixasse de ser um empecilho.

Os guardas esticaram seus braços para pegá-lo, mas ele se desvencilhou com rapidez, como um animal silvestre. Se aproximou da entrada do labirinto de costas para enxergar os homens que estavam tentando impedi-lo. Aquele ponto

era crítico, pois os pés do garoto já estavam no limite, os guardas sabiam que se se aproximassem mais seriam engolidos como o garoto estava prestes a ser. E como se uma mão gigante o puxasse pelo tronco, assistiram Zacarias sendo puxado. Seus membros esticaram-se para frente como se tivessem vida própria. Ele gritou, todavia, o som não pôde ser ouvido, a não ser por seus próprios tímpanos, que tremeram assim como o garoto apavorado. Como num piscar de olhos, ele sumiu.

Ares riu para si mesmo, mas não pôde comemorar muito, precisava pôr em ação o restante de seu mal calculado plano. Encontrou os dois homens atônitos no jardim.

— Como puderam? — Atuava como um verdadeiro ator de cinema. Os soldados correram em sua direção. — Como puderam permitir que Vossa Alteza fosse engolido pelo labirinto?

—Se-senhor, n-n-nó-nós...

— Calem-se! Oh, céus! Que tragédia! — Gritou pelo jardim chamando atenção de vários funcionários. — O que será do garoto? — Gritou a pergunta enquanto sacudia um dos guardas. Seus olhos arregalados de terror marejaram lágrimas de crocodilo. — Vocês entrarão lá para buscá-lo.

— O que está havendo aqui, Comandante? — O rei apareceu atônito com a gritaria. —Por que a gritaria?

— Majestade... — Ares correu aos pés do rei aos prantos. — Prefiro a morte ao lhe dar esta notícia.

— Levante-se. — Ordenou. O detestava. Ele havia sido o último bom soldado que restou, nomeá-lo comandante foi ultrajante. — Não importa qual é a notícia. Diga-me agora.

Ares se levantou e avistou Hadassa a poucos metros de distância, estava com os braços cruzados, cabelos ainda molhados e o rosto reprovador como sempre.

—O príncipe Zacarias, majestade...

— O que tem ele? — Indagou já sentindo o peso das palavras. Hadassa correu na

direção dos dois para ouvir o que veio a seguir: — Estes homens, incompetentes... permitiram que o príncipe entrasse no labirinto.

—E o campo de segurança? —Perguntou com a voz falhando. — Não contaram, Majestade? O campo foi danificado, não funciona mais. —Mentiu —Os cientistas do reino não puderam fazer nada.

O rei caiu de joelhos e prostrou seu rosto em terra. A princesa encarou boquiaberta o homem detestável na sua frente e com respiração ofegante. A majestade pranteou alto chamando atenção de outros funcionários e familiares no palácio.

Hadassa gritou como uma fera cheia de ódio, olhava para Ares e sentia que ele era responsável por aquela tragédia. Correu na

direção dele e começou a proferir socos em seu peito com toda força. O comandante conseguira o que queria, segurou a mulher pela cintura apertando-a contra si, ela se contorcia no abraço, mas como uma serpente traiçoeira, ele apertava-a mais. A mulher gritou até perder completamente sua voz.

— Vocês! — O rei finalmente parou de prantear. Com a voz embargada apontou para os guardas e disse: — Entrarão naquele labirinto e a menos que morram, espero que o tragam aqui de volta. — Concordo com Vossa Majestade. — Ares falou ainda agarrado

a princesa que lutava com toda a sua força — Não há justiça maior do que esta. Afinal, foram vocês que causaram este mal.

— Se Elai estivesse aqui, isto jamais teria acontecido. — Falou o rei apoiando-se no filho Seth, que apareceu assim que ouviu o alvoroço. Ele amparou o pai, tirando-o do chão.

— Sim, querido pai. Todos sentimos muita falta de Elai. Ele jamais permitiria que algo terrível assim acontecesse. — Disse segurando o choro.

Ao ouvir essas afirmativas, Ares apertou a princesa ainda mais forte, extravasando sua raiva, ela por sua vez, estava sem voz, portanto, ninguém a ouviu clamar por ajuda. Seu corpo desfaleceu nos braços do homem mais perverso que conhecia e ele se encarregou dela pelo restante do dia. Seu maior

medo se concretizara.



O inverno chegou tão intenso, que pela primeira vez, Jonas viu neve. Só conseguia pensar no quanto seria legal ter alguma câmera para compartilhar com as pessoas que havia realizado o sonho de muitos, inclusive o seu. Entretanto, não daria o braço a torcer. Como ele poderia ter um sonho tão trivial assim?

O que as câmeras não mostram é o sufoco que alguém passa em contato direto com ela. A primeira prova de resistência daquele dia era enfrentar o frio congelante do Bosque vestindo apenas uma bermuda. O soldado 000 e todos os outros do mesmo pelotão estavam devidamente trajados para o desafio. Ninguém gostou da sensação quando saíram do conforto do acampamento. As palavras conforto e acampamento nunca estiveram na mesma frase até aquele momento.

Os pezinhos dos companheiros de alojamento marcaram a neve à frente de seus olhos. Marchando com os joelhos altos, o garoto pisou nos pequenos buracos que foram formados, alargando de forma cômica o caminho projetado. Nenhum deles riu. O principal pensamento era terminar aquele treinamento o mais rápido possível, já que mais tarde receberam permissão para descer até o Centro de

Friaze. Da última vez, Jonas comprou um vestido de inverno para Abigail como presente e convite para conhecer a cidade. Já havia

convencido seu tio a voltar à Ilha do Siri, mas Elai o proibiu de levar o presente da garota. A coroa poderia interceptá-los. O mal humor do rapaz subiu à cabeça rapidamente, só que o treinamento o havia deixado ainda mais racional. Reteve seu ódio na esperança de que oportunidades de extravasar viessem aos poucos. Poderia curtir seus pensamentos depreciativos apurando-os e fortalecendo-os enquanto isso. Trabalho fácil para o garoto que ultimamente tem recebido muito pelo o que odiar.

Depois que ficou sem comer por tantas horas e que tivera aquilo que julgou ser sua mente pregando peças por causa da fome, Jonas nunca mais passou por algo parecido, ou ficou sem comer. Estava se comportando pianinho, como dizem no Brasil. Quieto e obediente. Zion dificultou sua vida de propósito diversas vezes desde a travessura no alojamento. Poderia ter dito a seu pai o que aconteceu, mas decidiu não envolver o Dux na conversa. Estava disposto a lutar suas próprias batalhas. Contava os dias que faltavam para o mês de outubro, porque assim, voltaria para a sua antiga vida. Nunca quis tanto uma vida tranquila e pacata como a que tinha antes. Jurou para si mesmo que ouviria sua mãe e que assim que pisasse em seu continente, estudaria para o vestibular. Fosse como fosse, estava disposto a estudar de novo.

O ato de fomentar e guardar para si suas frustações estava lhe dando combustível para as disputas que ocorriam ao final de cada dia. Foi desafiado por outros soldados tantas vezes desde que perdeu a conta. A raiva armazenada tornara-se sua maior aliada. E naquele momento, marchando sobre a neve, sua frustação ateava fogo em seu cérebro, não permitindo que pensasse no gelo queimando seus pés como milhares de agulhas em brasa. O que não faria sentido algum, já que gelo e fogo são opostos naturais, mas para aqueles soldados que respiravam ritmados, o gelo debaixo de seus pés ardia como chamas.

Agasalhado, Zion os assistia marchando, em alguns momentos gritava:

— Quero ver seus joelhos chegando ao peito! Não deve ser tão difícil assim, vocês são tão baixinhos... — Quando disse isso, Jonas passou por ele. —Exceto o grandalhão aqui...

Ignorando a alfinetada, o rapaz suspendeu os joelhos comprovando sua boa

forma, vinda de anos de dedicação. O líder grunhiu com a obediência do novo soldado. Gostava mais quando ele demonstrava insubordinação. Era bem mais divertido.

Zion detestava Jonas, não só por sua insolência, mas porque cria em tudo que havia no Bosque. Cria no poder que emanava dos Dux. Cresceu ouvindo as histórias do povo e a importância das tradições. Aprendera diversas línguas de toda a Terra, como todos os soldados aprendem, só que para ele, aprendê-las significava formar pontes com o mundo que existe fora da Redoma, significava um mundo novo e novas oportunidades. Jonas desrespeitava a herança de seu sangue. Mesmo que parecesse, nunca quis o que ele tinha, pois entendia que o próprio Soberano instituí a cada um seu papel. Jamais barganharia, independentemente de qualquer desejo mais profundo. Acreditava no que tinha em mãos e dava seu melhor, ao contrário do futuro Dux, que não conhecia a história de seu próprio povo. Jonas não sabia da história que viaja por suas veias.

— Eu deveria mandá-los para Terra dos Gigantes, assim marchariam mais rápido. — Zion gritou e os soldados mais novos

marcharam depressa. Jonas, ao ouvir sobre gigantes,

descompassou. Não sabia da existência deles. — Está cansado, soldado 000?

—Não, senhor! —Respondeu rapidamente e se colocou de volta ao ritmo.

O que mais eu vou achar neste lugar?

—Bem melhor!

Elai abriu as portas do pátio e se escorou no batente para vislumbrar o pelotão do filho marchando na neve. Usava uma pesada pele de urso marrom sobre o corpo. Tomando café em uma caneca de barro, feita por soldados, seus olhos acompanhavam o filho que se tornara obediente nos últimos dias, entretanto, com a obediência veio o silêncio. Queria poder conversar e o garoto estava irredutível. Se reconhecia nele, cada mínimo detalhe era seu. Como se o tivesse feito por suas próprias mãos. Ao se enxergar, o peito queimou de arrependimento.

Mamãe.

Eleonor veio à mente e ele sentiu fundo em seu coração o silêncio que praticou com ela. Seus irmãos o odiaram por anos após sua morte. Tom, o de melhor coração, o havia perdoado, mas Dídimo jamais faria tal coisa. Sempre que a cicatriz está para ser finalizada, ele a abre com as próprias unhas, de modo que ganhe mais ranhuras e lacerações. Compõe e acrescenta culpas que nunca pertenceram a Elai, dificultando ainda mais uma possível reconciliação.

Quando se deu conta disso, sentiu que precisava resolver esta questão com o filho, só não sabia como. Temia que seu relacionamento jamais voltasse ao normal. Logo agora que não existem mais razões para esconder a verdade, quem sempre ansiou por ela não quer mais ouvir.

— Sentido! — Zion gritou e os soldados se enfileiraram em continência. Queixos tremendo, lábios roxos. O líder olhou um por um. —Descansar. Podem entrar.

Ainda sob o olhar do líder, os soldados marcharam até o Alojamento Três. Elai parou Jonas no meio do caminho. Colocou a mão no peito do filho que, por causa da raiva, parou abruptamente feito um robô defeituoso. Zion passou pelos dois de cara amarrada. — Como posso ser útil, senhor Dux? — Jonas perguntou formalmente, tremia de frio.

—Tome um banho quente e se vista. Vamos conversar. Demorando-se o máximo que pôde, tomou o banho quente, como ordenara seu pai, seu Dux. O vozeiro dos garotos mais novos ecoava pelo alojamento e todos o respeitavam como um irmão mais velho. Era o primeiro a tomar banho, a se servir nas refeições e sua palavra era lei. O banheiro dentro no alojamento era um dos mais limpos de todo o acampamento porque Jonas os havia ensinado a limpá-lo corretamente. Fazia como quando trabalhava na lanchonete em Vitória. Zion não encontrou um só erro no Três desde que o garoto tomara a decisão de ser líder dos seus companheiros de alojamento.

— Não sei por que ele não aproveita... o pai dele é Elai Marcus, uma lenda viva! Nosso Dux! —Disse um dos meninos.

— Se o Dux fosse meu pai, a gente ia comer sobremesa todo dia... não só nos finais de semana. — O outro disse. Ao ouvir isso,

Jonas revirou os olhos e riu baixinho.

— E se fosse meu pai, a gente não ia ter que ficar na neve no inverno. —Mais um deles disse com o nariz congestionado. Terminou seu banho ao som das possibilidades caso Elai fosse o pai daqueles garotos e não seu. Da mesma forma, pensou em como seria sua vida se o Dux não fosse seu pai. Imaginou quão mais fácil seria não ter que enfrentar nenhum daqueles problemas. Sem nenhuma cicatriz para explicar, sem sonhos absurdos... sem Abigail... O rosto da moça veio à sua mente e ele queria ter pensado em outra forma de conhecê-la, mas não havia outra ligação em seus mundos que não fosse Elai.

Existem outras garotas no mundo, tentou se convencer e no mesmo instante pensou: *outras que não são Abigail.* Sacudiu a cabeça tentando se concentrar em outra coisa. Já que ela não poderia visitá-lo, guardaria seus pensamentos assim como tem guardado sua raiva.

Enquanto se vestia, colocou o agasalho que recebeu no primeiro dia de inverno. Era uma tecnologia de Elai que aquecia o corpo conforme o vento frio da atmosfera. O tecido fino semelhante ao que é conhecido nos outros continentes como corta-vento.

Calçou seus tênis, amarrou-os e os desamarrou algumas vezes para protelar o encontro, até que não foi mais possível, pois seu pai em pessoa apareceu no alojamento. Respirou fundo e se levantou. Os outros garotos fizeram fila em continência. Jonas dessa vez ficou imóvel, estava cansado de fingir. Afinal era sua folga.

— Descansar. — Elai disse, olhava diretamente para o filho. Apontou para a saída com a cabeça o convidando para fora do Três. Jonas seguiu o pai até o alojamento do Dux. Amplo, do tamanho quase exato do apartamento em que sua mãe e ele dividem com muito esforço, este porém, não tem paredes finas atrapalhando a passagem. Vários aparatos tecnológicos sobre uma escrivaninha tão grande quanto uma mesa de jantar. Enorme cama, banheiro. Madeira maciça polida por todo lugar.

Enquanto os olhos do garoto percorriam o perímetro, seu coração acelerou. Estava cheio de raiva.

—Muito bonito, o Dux vivendo confortável enquanto a esposa e o filho se

espremem numa ratoeirazinha no Brasil. — Jonas falou com

os cantos da boca repuxados.

—Filho, você não entende...

—Entendo sim, você é um covarde.

O rosto de Elai ficou escarlate. Não tinha sangue de barata. —Por que você não ajudou? Você tem muita grana aqui...

— A porcaria do país em que você vive, tem algo chamado Receita Federal, sabia disso? Como eu poderia mandar numnums de ouro para vocês sem que fossem investigados? Ponha a cabeça para funcionar, Jonas! — Vociferou. — Como você tem coragem de me acusar assim? Se esqueceu de quem é o pai aqui? Preciso te lembrar?

Os olhos de Jonas arregalaram-se. Engoliu em seco, ainda o temia e não foi criado para desobedecer. Abaixou o olhar para a escrivaninha e se dirigiu até ela. Observou o que julgou serem placas de computadores.

—Isso tudo será seu num futuro próximo. —Seu pai disse.

— O que eu faria com isso, o gênio da tecnologia é você. — Respondeu dando de ombros. Já estava mais calmo.

— Você será o próximo Dux, Jonas. — Elai falou e o filho o encarou estupefato. — É, eu sei, é de se cagar de medo! — Falou e depois gargalhou com a expressão do garoto. — A Voz de Muitas Águas nos escolheu desde antes de nascermos... nunca parou para pensar como é tão resistente a acidentes entre outras coisas? É como se nosso organismo sempre soubesse a quem pertence.

Elai se aproximou e segurou o rosto filho com as duas mãos. Ambos acharam aquela demonstração de carinho estranha, mas ninguém foi capaz de se desvencilhar.

—Você será o último Dux.

Elai o soltou e os dois ficaram se encarando por alguns segundos até que Jonas

perguntou:

—Quando? E por que eu serei o último?

Ao ouvi-lo indagando a respeito se sentiu orgulhoso. Pensou que teria que convencê-lo por meses, ou talvez anos, só que Jonas parecia se sentir pronto.

— Não sei ao certo quando. E sobre você ser o último... é o que diz a profecia. É a única coisa que sei. — Jonas semicerrou os olhos desconfiado. O pai sorriu e disse brincalhão: — Eu não mito, só

omito. Lembra? Esse é o meu lance, como dizem vocês, jovens brasileiros.

Jonas riu contido e balançou a cabeça em negativa. Andou pelos aposentos absorvendo cada detalhe.

—Já houveram outros torneios?

— Este é o primeiro. Hadassa queria fazer algo desde quando fui direcionado para a missão pelas Escrituras Originais, só que acredito que o meu sumiço travou seus planos.

— Ela é maluca por você, não é? — Indagou esperando um desvio do pai.

—Sua mãe também —disse e piscou para o garoto que fez cara de nojo — e eu só tenho olhos para minha gata. Além do que, a única coisa boa que saiu de Hadassa são os filhos dela. Zacarias e Augusto.

—Eu os conheci...

— É mesmo? — O sorriso de Elai se acendeu e depois se apagou. —São filhos do meu melhor amigo, Amis. A gente era irmão de pelotão... foi morto injustamente.

—Sinto muito. —O garoto se compadeceu.

—Eu também, mas já fazem anos...

— Você cuidou dos filhos dele. — Não foi sua intenção, todavia, as palavras

saíram cheias de mágoa.

— Por mais que você queira ouvir o contrário, eu não me arrependo de ter cuidado deles. Ficar longe de você e de sua mãe foi o pior dos castigos. Eu até tinha um calendário em que riscava os dias que faltavam para voltar para casa. — Sorriu triste. — Vocês são minha casa. Sua mãe e eu cuidamos de você, Jonas, sei que nunca viu minha mão na sua criação, mas eu sempre estive presente. Os garotos não tinham ninguém. Hadassa nunca soube o que fazer. Ama os garotos, não tenho dúvida disso, só que eles precisavam de mim. Você tinha a sua mãe.

— Como se fez presente? — O garoto sussurrou a pergunta. Ainda não estava 100% convicto.

— Eu consegui estabelecer uma frequência de comunicação além da Redoma. Uns caras do segundo continente na América do Norte me ajudaram...

— O quê? — Jonas perguntou boquiaberto. — Então, gente de fora sabe de Nova Terra.

— Sabem sim, o rei molha a mão dos caras desde que fomos descobertos...

— E por que não fizeram isso por minha mãe e eu? — A pergunta sobre dinheiro voltou aos lábios de Jonas, que ainda não se conformara com as condições em que viviam.

— Porque eu não sou o rei, se fosse, vocês nem precisariam se preocupar com a distância. —Falou sério. —Meu filho, eu só não fiz o que não estava ao meu alcance. Entenda isso de uma vez por todas.

—Então a carta...

— Eu a escrevi na última vez que nos encontramos e disse pra sua mãe esperar para te entregar. Quando chegou a hora certa, eu avisei...

—Ela abriu... —Jonas disse e Elai gargalhou.

—Crime federal!

— Tô ligado... — Respondeu aborrecido. — Quero mandar mensagem para minha mãe. Ou talvez você devesse mandar. Só... só diz a ela que sinto falta.

—Ela sabe.

— Sabe? Sabe o quê? — A voz voltou a ficar amargurada. Elai assentiu, Jonas respirou fundo. —Sabia que eu ia vir pra cá?

— Ela sabia que existia a possibilidade, entretanto, acho que não acreditou que fosse acontecer. — Elai respondeu um pouco brincalhão. — 90% das mensagens que trocamos foi dela falando sobre você não querer fazer faculdade...

Jonas sorriu azedo. De repente a ideia não pareceu tão ruim assim. Devia tê-la ouvido.

— Tá falando como se eu não fosse nunca sair desse lugar... você realmente acredita nessa conversa de Dux...

Elai fez silêncio por um tempo e depois mudou de assunto:

— Seu treinamento vai ser intensificado a partir dos próximos dias. Vai treinar com os líderes de pelotão. — Elai mudou de assunto. — Quero que aprenda o máximo a respeito dos nossos costumes.

—Você vestiu mesmo a camisa de Dux...

Elai sorriu e se sentou ao pé da cama. Jonas se sentou diante da escrivaninha do pai, o que o deixou feliz, afinal estava cedendo, logo voltariam a ser como antes de seu desaparecimento.

— Existe algo poderoso em nós. Aqui dentro. — Apontou para seu peito.

— Que sentimentalismo todo é esse, agora? — Jonas debochou brincalhão, entretanto esperou a explicação. Seu pai gargalhou animado.

— Compartilhamos de tudo aqui. Estamos no mesmo ritmo. Nunca percebeu? Até nossos batimentos cardíacos são ritmados na mesma canção.

— Isso é muita poesia para mim. Sabe que nunca curti literatura! —Jonas

implicou.

— Estou falando sério, filho. Somos como um organismo vivo, mas sou eu quem comanda aqui, entende? Meu coração é quem demanda o ritmo. Por isso um Dux precisa de ordem, o ritmo certo ganha batalhas.

O sorriso brincalhão no rosto de Jonas deu lugar a incredulidade. —Precisa crer nisso, filho.

— Eu vi muita coisa durante a missão. — Jonas assumiu preocupação. — Deveria ser mais fácil acreditar...

— Não é o que vemos que nos traz fé. É o confiar sem ver. — Elai disse cheio de sabedoria.

Seus lábios se cerraram. Não queria discutir a respeito disso com o pai. Estava confortável com a atmosfera em que o relacionamento dos dois havia sido exposto, só que ser Dux era demais. Não queria e estava disposto a deixar seu pai acreditar que isso seria possível. Se calar muitas vezes é a solução mais lógica em uma discussão. Falar é expor pensamentos, e um bom estrategista, guarda-os para surpresa.

Durante o almoço Jonas se recusou a sentar com o pai, dessa vez porque não quer ser tratado de forma diferente dos demais. Se sentou na mesa do Alojamento Três junto dos garotinhos que o olhavam com veneração. Zion viu a forma como os meninos o observavam e sentiu ciúmes. Grunhiu entre uma garfada e outra de guisado. Andreas, ao seu lado na mesa dos líderes o ouviu, teve que tapar a boca para abafar o riso e depois disse:

—Quanta inveja!

—Do que está falando? —Zion perguntou enojado.

—Sente inveja de Jonas porque é um futuro Dux. Gostaria de ser um? Nasceu na família errada...

— Eu sabia que tinha ficado maluco, irmão, mas não exagere. — Ironizou. — Não sinto inveja. Ele é um idiota que não valoriza o poder que vai ter. É irritante!

— Zion, está querendo demais! Como ele poderia valorizar o que não conhece? Jonas não partilha de nossa mutualidade ainda, não nasceu entre nós e ainda é um descrente. Apesar que... — Andreas se lembrou de como encontrou Jonas no portão leste, quase um mês antes.

—Apesar do quê?

— Não é nada. Acho que quero muito que ele entenda de uma vez, porque acredito que assim que ele compreender, a Guerra Sem Fim receberá outro nome. — Os olhos de Zion assumiram-se preocupados.

—Irmão, você sabe no que isso implica, não é mesmo?

Andreas assentiu saudoso e disse:

— Às vezes eu só quero voltar para casa. Quando a guerra mudar de nome estaremos mais próximos de voltar...

— Você está em casa. — Zion falou virando-se inteiro para o amigo, preocupado.

—Não, não estou.

A conversa dos dois foi interrompida por Elai:

— Queridos, após o almoço, todos os soldados maiores de 17 anos poderão ir ao Centro de Friaze. — Nenhum menor resmungou em voz alta, entretanto, suas mentes borbulharam de raiva. Todos queriam sair um pouco. — Os mais novos podem andar até os limites do Bosque, só que quero todos de volta antes do anoitecer. Não preciso me explicar para vocês, mas antes que desmaiem de ódio — falou sorrindo —, vocês são muitos, a cidade enlouqueceria se os recebesse tão abruptamente assim. Os maiores de 17 podem voltar depois de anoitecer. Se forem fazer isso, precisam voltar em grupos de três, pelo menos. O Bosque é nossa casa e os seres que nele habitam acreditam nisso tanto quanto nós. — Fez uma pausa para olhar nos olhos do máximo de garotos que conseguiu, depois

disse: — No próximo sábado, os garotos de 14 a 17 anos poderão ir ao centro. E no outro será a vez dos mais novos.

O Dux se sentou mais uma vez diante da mesa dos soldados adultos. Jonas sentiu falta de seu tio que havia ficado entre eles durante os dias que se seguiram. A procura do rapaz atiçou a curiosidade do garotinho ao seu lado.

— Procura por seu tio? — Indagou com uma vozinha fina. Pigarreou e então falou mais grave arrancando risadas dos colegas ao seu lado: —Ele foi até a Ilha do Siri.

— Obrigado. — Respondeu e se ateve ao seu guisado. Gostaria de ter ido com ele, todavia, estava confinado na gelada Friaze.

Com as mãos dentro dos bolsos da calça de mesma tecnologia que Elai inventou, Jonas desceu a trilha de paralelepípedos até o Centro de Friaze. Cada soldado ganhava uma quantia Nummums para gastar como bem quisesse todas as semanas. Os mais espertos guardam parte do que tem para eventualidades, os mais compulsivos torram todo seu suado dinheiro em lojas de doces, evidenciando a pouca idade que têm. Jonas, apesar de não ser compulsivo como os outros, não vê outra razão para guardar as moedas de Nova Terra, já que não pretende ficar e não pode levar o dinheiro para fora da Redoma. Se pudesse, tudo que tivesse ganho seria para sua casa de verdade. Pensou em dividir o dinheiro com o tio, mas ele se recusou a receber. Tom entendeu como uma afronta e dispensou vários tapas na nuca do garoto. Os dois nem puderam passar muito tempo juntos desde que chegaram em Friaze. Jonas sempre está treinando ou dormindo por causa do cansaço, e o mais velho enfurnado com o irmão em seus aposentos discutindo estratégias que Jonas acha que nunca serão colocadas em prática, já que não crê na guerra.

Com o barulho dos tênis em contato com os paralelepípedos e o vozeiro dos rapazes, desligou os pensamentos, acreditando que era a forma mais lógica de aproveitar seu tempo em Friaze, já que ainda não tinha a opção de ir embora. Pelo menos o medo de que sua mãe estivesse sofrendo fora dissipado. O gosto não era de alívio. O fundo era amargo, feito traição.

Entrou na mesma taberna que sempre frequenta, se sentou em uma mesa escura e observou os homens sentados diante do balcão.

A taberna tem uma Alto-Tela pequena, pendurada no alto da parede atrás do balcão. Somente propagandas de bebidas estavam sendo transmitidas quando

chegou.

— O que vai querer? — A garçonete perguntou. Usava um avental molhado e os cabelos grisalhos bem presos num coque. Não é tão velha quanto os fios querem dizer.

—Um caldo de raízes, por favor.

— Claro, rapagão educado. Como vai nosso Dux? — Indagou enquanto limpava a mesa em que Jonas estava.

Todos os friazenses sabem sobre Elai, entretanto, mantêm segredo do restante do continente, pois para eles um Dux é o ser mais importante de toda comunidade. Delatar seu paradeiro é alta traição.

— Muito bem. — Respondeu fingindo educação. Ela sorriu e saiu na direção da cozinha.

Andreas e Zion entraram na taberna e quando o primeiro viu onde Jonas estava, se aproximou. O outro bufou, não queria se sentar ao lado do soldado que mais detesta em todo acampamento. — Soube que treinará conosco. — Andreas disse, tirou o casaco

e se sentou à mesa com Jonas ignorando a falta de convite. Zion por outro lado permaneceu de pé encarando o garoto.

—Soube disso também.

— Legal. Acho que dá conta. — O líder simpático disse sorrindo. Jonas riu debochado.

— Eu te disse. Ele é um babaca! Vem, vamos sentar em outro lugar. —Zion se aborreceu.

— Na verdade, acho que vou tomar porrada. — Jonas começou sendo sincero. —Por isso a risadinha.

Zion o encarou com os olhos semicerrados. Andreas encostou as costas relaxadamente no encosto da cadeira com um sorriso brincalhão nos lábios.

Sempre achou que Jonas pudesse ser uma boa companhia.

— Não vai se sentar? — Jonas perguntou para Zion. Ele se sentou de frente para quem o convidou, a expressão descontente não saía de seu rosto.

Alguns homens haviam bebido além da conta e resolveram brincar de arremessar dardos em um alvo de madeira disposto na

outra extremidade da taberna.

— Prontinho, aqui está. — A garçonete chegou com o caldo de Jonas em uma cumbuca de barro. —E vocês, o que querem?

— O mesmo que ele. — Zion respondeu. — Apimentado, por favor.

— Eu quero bolinhos de carne. — Andreas respondeu entretido com os bêbados jogando dardos.

—Nada para beber?

—Que tal um suco gaseificado?

— Temos um de limão perfeito para homens feito vocês! — Ela respondeu e Andreas estalou a língua. A senhora riu e finalizou: — Vou entender isso como um sim.

Andreas estava se divertindo muito assistindo os homens jogando sem coordenação motora. De vez em quando apontava e fazia comentários. Zion e Jonas até riam, não pelo mesmo motivo que o garoto de cabelos brancos e sim por causa da risada que em alguns momentos tornavam-se roncos. Envolto em seu próprio meio de se divertir enquanto come, não notou que acima de sua cabeça a Alta-Tela deixou de exibir a Bebida Queima Garganta para mostrar uma repórter, transmitida direto da Ilha Real. Vestida de preto e com semblante triste contou a notícia:

— Nesta manhã foi confirmada a morte do príncipe Zacarias Éden de apenas 15 anos. Filho mais velho da princesa Hadassa Éden com o já falecido, Guarda Real Amis Ferreira. A Família Real não quis comentar o caso, mas o Comandante Ares se colocou à disposição para contar o ocorrido.

Ao lado da repórter Ares vestia seu uniforme de Comandante da Guarda Real. Fingia sofrimento.

—Infelizmente, o príncipe partiu cedo demais.

Elai, empolgado com a reconciliação com o filho, foi até a taberna passar mais tempo com ele. Abriu a porta, esperava que fosse cumprimentado por causa de seu status, porém os olhos de todos estavam em cima de Ares que discursava:

— ... ele correu na direção do labirinto. Fizemos tudo que estava ao nosso alcance para resgatá-lo, mas foi em vão.

—Como foi possível detectar a morte do rapaz?

— Nossos cientistas instalaram dispositivos ao redor do labirinto que captam movimentos e a intensidade deles. Identificamos o príncipe algumas vezes e desde de antes de ontem não captamos mais nenhum movimento, isso significa que, infelizmente, o príncipe está morto.

A repórter suspirou triste e depois perguntou:

—E o labirinto, permanecerá intacto?

— Nossos melhores cientistas estão se esforçando ao máximo para criar uma fórmula capaz de matar a vegetação que forma os muros do labirinto, só que até agora ninguém foi capaz...

— Comandante, como está a Família Real neste momento de dificuldade? Primeiro Elai Marcus desaparece, amigo íntimo da família, quase como um filho para o rei — a repórter fazia a pergunta enquanto a câmera fixava-se no rosto do Comandante que espasmava levemente ao ouvir o nome Elai *— e agora o príncipe morto.*

Atônito, Elai se sobressaltou:

—Que Príncipe?

— Zacarias, senhor Dux. — Respondeu a garçonete notando a presença do

homem mais importante de todo o continente. — Ele entrou no labirinto.

— Ele sabe muito bem que não pode entrar no labirinto. — Respondeu como um pai prestes a castigar o filho por uma falha. Esta, por outro lado, já foi punida. Não havia mais o que fazer.

— Senhor, quer se sentar? Vamos, Roberval, saí desse assento, deixe o senhor Dux se sentar. O garoto que morreu era muito importante para nosso Dux. — Disse enxotando um dos bêbados sentados em seu balcão.

Elai mirou o homem saindo, mas se manteve imóvel, não conseguiu expressar o que sentia naquele momento. Seu rosto estava indecifrável. Observando o pai, Jonas não soube o que fazer. Naquele momento o tempo que lhes foi privado durante todos os anos, ficou evidente. Não o conhecia profundamente.

— Senhor, não vai se sentar? — A mulher perguntou, Elai deu as costas e saiu da taberna.

Jogando as Nummums referentes ao que consumiram, os rapazes correram para encontrar o Dux, que andava rápido demais.

Subiu a colina, deixando a impressão de que seu rastro pintava o ar. O chão pareceu sentir a força do sentimento reprimido por Elai, pois tremeu como compassos vindo de um coração. Jonas se perguntou o quão conectado ao Bosque seu pai estava.

Os três tiveram dificuldade para acompanhá-lo.

— Está sentindo isso? — Andreas perguntou a Zion com a mão no peito. O amigo assentiu.

Jonas franziu as sobrancelhas e apressou ainda mais o passo correndo pela íngreme colina. Seus companheiros concordaram com o ritmo porque logo estavam lado a lado. Não usaram da agilidade da guarda para acompanharem o futuro Dux. A terra sob seus pés tremeu, fazendo-os escorregar um pouco, mas logo se estabilizaram. Estava sincronizada com os batimentos cardíacos de Elai?

—Este é o coração do meu pai? —Jonas gritou a pergunta.

— Precisa ser mais específico. — Zion respondeu com a voz falhando.

— Zion tem razão. O que exatamente quer saber? — Andreas indagou ofegando.

— A terra está conectada com o coração do Dux? — Jonas indagou alto.

— Sim, só não é bem o que imaginou. O senhor Dux está tão nervoso que mal notou o que está acontecendo.

Chegaram na trilha plana do Bosque e a terra estava ainda mais trêmula, ficar de pé era um desafio. Os soldados mais novos estavam sendo escoltados para dentro do acampamento e só assim para Elai compreender o que estava acontecendo. Olhou para o sul, esbravejou algo numa língua desconhecida e depois disse:

—É melhor entrarem.

— Não, senhor Dux. Lutaremos com o senhor. — Andreas respondeu com os punhos levantados.

— Agradeço sua bravura, mas Jonas não está pronto ainda. Levem-no para dentro e convoquem os soldados da linha de frente. — Daqui eu não saio. — Jonas respondeu fincando mais a fundo

os pés na neve. —Seja o que for a gente dá conta.

Elai gargalhou mal-humorado, o que assustou muito os garotos. — O único louco de me desobedecer aqui é meu filho, se ele quer ficar, que fique. Os dois entrem agora e chamem os soldados.

Deixem o portão aberto, daqui um minuto Jonas entra correndo. Obedecendo as ordens do Dux, Zion e Andreas entraram pelo portão leste rapidamente deixando o rastro de suas aparições.

— O que vem aí? — Jonas perguntou, Elai não o respondeu, jogou a Espada Indestrutível compactada na direção do garoto, que a pegou no ar. Ele repetiu a pergunta: —O que vem aí?

Seu pai o ignorou por completo, portanto, clicou no botão feito de Caelum

Arcus, sua velha conhecida, armou-se. Como um extensor de seu próprio braço, a espada se moveu com destreza, como se o reconhecesse. Jonas se sentiu poderoso. Estalou o pescoço, como costuma fazer antes de qualquer combate e aguardou.

A terra movia-se tanto que o garoto teve a impressão de que estavam dando minúsculos pulinhos. Como se houvesse um tecido sobre toda a extensão da superfície e que alguém o estava levantando rapidamente. Feito um truque de mágica em que um pano é retirado depressa de uma mesa e nenhum objeto cai. Essa era sensação dos soldados da linha de frente, homens mais velhos como o Dux. O peito de Jonas compreendeu primeiro que seu cérebro o que estava por vir, porque seu coração pareceu subir pela garganta.

Ao longe do Bosque, as árvores dançaram música lenta enquanto o que quer que estava por vir se aproximava. A primeira coisa que veio à mente do rapaz foi que um monte havia desprendido do chão e andava tranquilamente pelo Bosque. Gigante, feito de pedra, caminhava vagaroso na direção do acampamento. Grunhia grave como trovão e através de seu hálito as folhagens se moviam. Musgos marcavam seu corpo como tatuagens. Algumas árvores foram arrancadas do caminho enquanto ele passava. Adrenalina a mil serpenteava nas veias de quem o assistia. Não tinha o que fazer a não ser vê-lo se aproximar.

Elai posicionado na frente de todos. Entre ele e o filho, os outros soldados com bestas em punho. *Minha besta seria a melhor opção agora, pensou.* Mas temia que agora ela não fosse mais sua e tinha razão. Na verdade, nunca foi.

O gigante sentiu o descompassar do coração de Elai e entendeu que algo errado estava acontecendo ao guardião das Escrituras Originais, aquilo poderia significar o tempo pelo qual os monstros

esperam. A raça de gigantes não é inteligente, não fala nenhuma das línguas humanas e nenhum ser humano foi capaz de aprender seu dialeto. Além de todas essas problemáticas, também não enxergam bem, por isso causam estrago quando se desprendem de seu descanso.

—Agora que sabe o que é, saia daqui, Jonas. —Elai ordenou. —... o senhor me entregou a espada.

— Se eu morrer, ela é sua. Por isso te entreguei. — Respondeu como se falasse

algo trivial. Então estava certo, a espada não era sua.

— Morrer?

— Anda logo garoto, não entendeu a ordem? — Um dos soldados indagou e Jonas finalmente obedeceu.

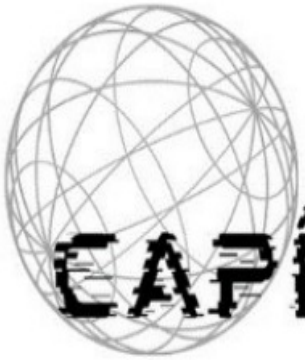
Foi difícil se manter de pé até ultrapassar o portão e depois que conseguiu, o manteve entreaberto para ver o que acontecia do outro lado do muro. Elai estava chorando, Jonas nunca o viu daquele jeito. Apertava o peito com força na intenção de se acalmar. O gigante se aproximava cada vez mais. Ajoelhou-se no chão, ainda com lágrimas nos olhos, tocou o chão com a mão livre e esperou. Balbuciou palavras com os olhos fechados, pouco depois o gigante parou, coçou o queixo e esticou a mão no chão. A terra tremeu de tal forma que o portão onde Jonas se encontrava rangeu. Ele se segurou firme na esperança de não ser notado, porém os soldados o encararam em seguida.

Elai estabilizou seu coração em frangalhos e o gigante sentiu que o Bosque estava como antes. Ainda que esperasse ansioso por sua parte no plano final do que estava por vir, deu meia volta para seu lugar de descanso.

Pai e filho se encararam quando o gigante se prendeu ao chão de novo e todos estavam a salvo. Se miravam por razões diferentes. Jonas observava o pai, que em poucos minutos pareceu envelhecer dezenas de anos por causa do luto. O sentimento que reinava em seu coração era de ciúme. Se perguntava se Elai seria capaz de sofrer a morte do filho de seu sangue, já que ambos mal se conheciam. Enquanto o Dux o mirava com desprezo por sua insubordinação. Mais cedo, tinha acreditado que estava mudado e que o tempo em Nova Terra havia lhe feito bem. O misto de

sentimento de perda e insatisfação pelo engano o fizeram tomar uma decisão que só o afastou ainda mais de sua prole. Com os olhos vermelhos e lágrimas se esgueirando pelos cantos dos olhos, Elai, após tomar a Espada Indestrutível de suas mãos, disse as palavras que reverberaram nos ouvidos de Jonas por horas a fio:

—Não deveria tê-lo trazido.



CAPÍTULO 34

JULHO DE 2014, ACAMPAMENTO MILITAR, BOSQUE ORIGINAL, FRIAZE, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

O tratamento de silêncio ensurdeceu o garoto. Estava treinando com os líderes de pelotão há semanas, porém seu pai ainda fazia voto de silêncio. No início achou que ele mesmo era quem se calara, mas a verdade era muito mais dolorida. O Dux era responsável pelo treinamento com arco e flecha dos líderes, todavia, desde que aquelas palavras saíram de seus lábios, se recusa a cuidar do ensino dos garotos. Fazia de tudo para não se encontrar com Jonas. Evitá-lo tem sido seu maior objetivo desde a desobediência. A verdade é mais profunda que o fato de fazer silêncio. A culpa pelo ocorrido no labirinto comichava seus ouvidos desde que aconteceu. Elai estava fazendo uso de chás medicamentosos, produzidos no Centro de Friaze por uma farmacologista. Uma senhora de 80 anos que se recusa a morrer, palavras dela. Ele tem acordado bem antes de amanhecer e descido a colina em direção da casa da idosa. Ciente do horário em que homem chega, ela já o espera do outro lado da porta de madeira vermelha e ao ouvir apenas uma batida a escancara para que o precioso Dux entre em sua humilde residência. O cheiro inconfundível de folhas sendo cozidas na cozinha enche

as narinas do homem enquanto ele retira seu agasalho e o pendura na primeira cadeira que encontra. Tira as botas sujas de neve e se senta na poltrona que

àquela altura, já tinha a marca exata das suas

nádegas. O peso de Elai somado a seu relaxamento diante de toda a pressão que vem sofrendo desde que o garoto foi dado como morto, fazem-no pender para baixo, marcando os móveis da mulher que o recebe diariamente.

Suzana, é seu nome, ela abre a porta e se dirige à cozinha para preparar o chá de ervas fortes, grandes doses para um grande homem, a fim de garantir que seu coração permaneça no mesmo ritmo que o dos outros e o Bosque continue seu curso.

Os cabelos finos grisalhos em cachos soltos chegando na altura da cintura, são os últimos a chegar na cozinha. Suzana anda rápido e é quase impossível ouvi-la caminhar. Aprendeu com a avó tudo que sabe sobre farmacologia, porém ela viveu épocas difíceis. Suzana a viu sendo queimada viva na praça do Centro de Friaze quando creram que ela era uma bruxa. Escondeu seus dons com as ervas por anos, até uma epidemia de gripe assolar a todos. O hospital e unidades de pronto atendimento estavam cheios. Aqueles que ficaram com medo de morrer se lembraram da terrível história e imploraram por ajuda, na esperança de que o dom tivesse sido transmitido.

A simples menção de bruxaria em seu histórico familiar a envergonhava muito, pois ama o Soberano de todo coração. A Voz de Muitas Águas a convocou para o trabalho, portanto, desde então tornou-se a médica informal da ilha. O Dux antes de Elai, seu avô, foi seu marido quando ambos se tornaram viúvos. Passaram parte da velhice juntos, por causa disso Elai tem toda liberdade de dizer:

—Vovó, —falou sonolento —acha que posso levar um pouco do chá para mais tarde? Às 14h meu coração costuma agitar-se um pouco...

— Por quê? O que acontece às 14h? — Perguntou enquanto entregava-lhe seu chá quente.

Elai suspirou, pois não esperava que essa pergunta viesse à tona. Aguardava que ela simplesmente lhe desse o material do chá ou o próprio para que o esquentasse quando necessário. O cheiro de seu velho conhecido subiu junto com o vapor quando assoprou o líquido. Segurava o recipiente com as duas mãos, torcendo para que ela esquecesse a pergunta que fez. Entretanto, seu rosto

permaneceu interrogatório. Era impossível ignorá-la em sua própria casa.

— Nada...

— Como nada? Você é um Dux, não é possível que não esteja fazendo nada às 14h horas da tarde! —Ela o repreendeu.

— Eu dava aulas neste horário... convoquei outro em meu lugar. —Bebericou um pouco do chá. O gosto era terrível, mas funcionava. — Vai ver é esse o problema, sabe que deveria estar ocupado com alguma coisa, porém decidiu abandonar seu posto. Seu corpo sente. —Falou. —Você é um Dux, Elai.

—Pode me ajudar então?

— Não, você mesmo consegue se ajudar. — Disse e deu um tapinha na mão do Dux —Volte para suas aulas que passará.

Elai assentiu, mas não seguiria seu conselho. Estava passando por um momento de muita dificuldade e encontrar com Jonas tem afetado seu estado de espírito. O garoto havia lhe puxado, já sabia bem disso, o cansaço de ver a si mesmo o exauria.

Pousou a cabeça no encosto da poltrona e fechou seus olhos por alguns instantes assim que terminou a bebida. O gosto amargo colara-se às suas papilas gustativas como chiclete velho. Engolia em seco regularmente na esperança de que aquele gosto saísse de sua boca. Aos poucos, o corpo compreendeu a substância ingerida e todos os seus músculos relaxaram. Seus olhos, que sentiam o peso da noite mal dormida, selaram-se como se fossem feitos de zíperes e ele adormeceu.

A imagem veio nítida em sua mente. Em volta à negritude do sono e no centro Amis segurava um bebê recém-nascido. Seu sorriso largo estampava orgulho. Este era seu sonho. Seu melhor amigo e o filho mais velho dele, ambos mortos injustamente. O controle passou por entre seus dedos.

Alguém bateu na porta de Suzana acordando Elai abruptamente, ele se levantou em um pulo.

—Não precisa... volte a dormir! —Suzana falou para Elai indo na direção da

porta para atender quem a chamava.

— Não, não. Já está na minha hora. — Respondeu já vestindo seu agasalho.

O homem que bateu a porta fungava resfriado. O nariz avermelhado agarrado aos seus agasalhos, tossia com a mão na boca. Era um dos soldados da Linha de Frente, o professor de arco e flecha que Elai havia instituído nas últimas semanas.

—Bento? Está doente?

— Senhor Dux, — falou com voz anasalada, depois prestou continência —sim, estou...

— Vem, querido, entre. — Suzana deixou que entrasse e fechou a porta. — Pode se sentar no meu sofá. Precisa de uma manta? Parece estar com frio.

—Seria ótimo, senhora.

—É para já. —Disse e entrou em seus aposentos.

— Sinto muito, senhor Dux. Não poderei me apresentar para o serviço hoje. — Bento falou se desculpando.

—Não se preocupe, Bento. Leve o tempo que precisar.

— Muito obrigado, senhor. Os céus veem sua bondade. — O homem agradeceu. Elai assentiu se despedindo. Se colocou para fora e assim que fechou a porta, encontrou outros soldados em situação semelhante.

— Gripe? — Os soldados na soleira da porta de Suzana prestaram continência e responderam afirmativo para a pergunta. — Levem o tempo que precisarem. — Disse educadamente — Desejo melhoras a todos.

Subindo a colina, mais e mais soldados a desciam na direção da casa da farmacologista. Narizes escorrendo, tosses, espirros, febre e alguns com garganta inflamada. Elai admitiu que esperava encontrar soldados doentes mais cedo, ficou surpreso com o tempo que demoraram para apresentar sintomas.

Adentrou o pátio do acampamento e as mesas do refeitório estavam em grande maioria ocupadas por outros soldados doentes forçando-se a comer. Descobriu que aquela havia sido uma recomendação de Andreas: que se alimentassem antes de fazerem usos de remédios, assim não sentiriam dores de estômago. Elai gostou da iniciativa do soldado e o parabenizou por isso, mas ele corria na direção de outro que estava se sentindo muito mal. Havia vomitado no chão do Alojamento Um, sujando vários de seus pertences. O garotinho reclamava com a mão na garganta,

provavelmente além de ter que enfrentar a dificuldade de vomitar, estava com a garganta inflamada.

Em uma mesa isolada Jonas comia seu mingau matinal. Desfrutava de perfeita saúde. Seus olhos vasculhavam o perímetro na direção de seus colegas do Alojamento Três. Elai se aproximou enquanto ele conferia a febre de um deles.

—Está febril. —Falou para o garotinho com carinho.

—E o que quer dizer? —O menino questionou com a voz fraca. —Que se você não melhorar até o almoço, nós vamos à casa de

Suzana.

O menino assentiu concordando com o irmão mais velho de pelotão. Os outros em volta dele também estavam adoentados e ao contrário do que Elai esperava, Jonas estava preocupado com eles. Estavam tão concentrados que nem notaram a chegada do Dux e quando o viram, todos, sem exceção, se levantaram para prestar continência.

— Descansar. — Elai disse e eles se sentaram. — Convocarei enfermeiros para cuidar de todos. — Falou para o pequeno grupo à sua frente. E depois se dirigiu a Andreas que voltara ao pátio com o rosto coberto: — Andreas, vá até o pronto atendimento e traga um enfermeiro competente para cuidar de todos. Chame Suzana também, se ela puder trazer seus medicamentos para o acampamento será de grande ajuda.

— Sim, senhor Dux. — Respondeu e correu para cumprir a ordem.

— Os líderes de pelotão que não estiverem doentes estão convocados para ajudar

o enfermeiro e aprender ao máximo com ele para que a próxima epidemia não nos pegue de surpresa. Assim como qualquer soldado que estiver saudável. — Encarou Jonas com o rosto indecifrável e disse: — Zion e Jonas. Me encontrem no campo de treinamento em 10 minutos.

Elai se retirou para seus aposentos. Zion, que estava servindo mingau aos soldados, encarou Jonas com olhar interrogatório e ele em resposta deu de ombros.

Os garotos chegaram ao campo de treinamento antes do prazo estipulado e o encontraram coberto de neve. Aguardaram Elai com as colunas eretas, mas as cabeças de ambos fervilhavam com

perguntas sem resposta. Ainda que os dois estivessem agindo educadamente um com o outro desde que começaram a treinar juntos, não eram amigos. Tratavam-se com cordialidade quase formal.

Elai entrou no campo de batalha, colocou a mão entre a neve no chão esticando os dedos para a terra abaixo do gelo que caí de céu. Sentiu a conexão de respeito com a criação, assim como a que tem com campos de batalha. Aquele havia sido um campo de batalha no início da Guerra Sem Fim, carregava em cada grão de terra a história da guarda das Escrituras Originais. Vestia uniforme azul como os dois diante de si e os encarava como se visse desconhecidos.

— A partir de hoje treino vocês separadamente. — Falou com as mãos nas costas. — Estão proibidos de adoecer. Entrem em contato com seus corpos, conectem-se para que eles se tornem mais fortes. —Sim, senhor Dux. — Responderam em uníssono.

—Escolham uma espada.

Os rapazes marcharam na direção das espadas e cada um escolheu a que mais lhe aprove. Jonas, não conhece a história das espadas nem a sua importância. Zion, por outro lado, pode recitar a história de cada uma de trás para frente. Ele escolheu uma Gládio Romano, pois considera-a mais fácil de manusear. Sabia que o peso colaboraria no treinamento, o que aumentaria seu tempo de desempenho. Ela tem lâmina mais curta e geralmente é mais usada em luta corpo a corpo. Jonas escolheu uma Espada Medieval, semelhante a Espada Indestrutível. Estava mais acostumado com aquele comprimento de lâmina e

sentia-se à vontade com ela.

— Escolheu pensando na praticidade, Zion. Pensou que eu mandaria você fazer movimentos repetitivos, portanto, aguentaria mais tempo manuseando-a. — O garoto ficou escarlate de vergonha. — E você, Jonas, escolheu esta espada porque se parece com esta aqui.

Elai levantou a Espada Indestrutível e clicou para que ela tomasse sua forma. Jonas segurava a espada escolhida com as duas mãos diante de seus olhos esperando a recomendação do pai, porém, em vez disso, Elai a partiu em dezenas de pedacinhos, acertando-a com força. Jonas, com o cabo da espada ainda em mãos, mirou os pedaços caindo em profusão.

Uma das coisas que ainda não havia compreendido, é que a guarda das Escrituras não é só composta de homens incrivelmente fortes, mas homens ligados à terra. A conexão de um Dux é ainda mais forte, de modo que o tempo lhe é sujeito. Enquanto Jonas assistia os cacos da espada escolhida caírem ao chão, Elai roubou a espada das mãos de Zion e a lançou como um dardo no alvo de arco e flecha. Após sua investida no tempo, os garotos compreenderam a primeira lição: não importa o que façam, jamais deixarão o Dux contente.

— Você, pegue a maior espada em encontrar. — Apontou para Zion. —E você a espada de madeira.

Eles obedeceram a ordem sem dizer uma só palavra. Elai tentou se impressionar com o filho, só que já conhecia esse seu lado. Gosta de obedecer em treinamento, fora deles, dentro da ação realista, age por suas próprias convicções. Zion cresceu neste meio, portanto, não fazia nada de impressionante. Obedecer sem questionar uma autoridade está inerente a sua conduta. Num campo de batalha, ainda não se sabia se toda essa obediência serviria para algo. Estava próximo o tempo em que a astúcia debaixo do obedecer chegaria e seria posta à prova.

—Ser um bom guerreiro vai muito além do serviço ou da força de suas mãos. — Elai discursou e os olhos dos jovens soldados fixaram-se nele enquanto se movia de um lado ao outro. — Nossos músculos de nada servem se estivermos mortos. Nossa agilidade de nada serve se o nosso oponente for mais inteligente ou até mesmo mais rápido. Vocês participarão de um torneio muito em breve... Jonas ainda não sabia que Zion seria seu oponente no torneio. Porém, agora que ouviu

as palavras saírem da boca de seu pai, compreendeu que não haveria melhor soldado para tal tarefa. Temeu o que estava por vir, esperava que não tivessem que lutar um contra o outro. Odiava a ideia.

— Acredito que Hadassa tem em mente o mesmo treinamento que os soldados recebem na Ilha Real. Na formatura somos expostos a muita tensão. Quem é capaz de finalizar a tarefa em menor tempo, vence.

— Senhor Dux, se me permite... — Zion deu um passo à frente, começou e esperou que Elai permitisse sua fala. O Dux assentiu e

ele continuou: —gostaria de saber qual é a tarefa.

— Não receberão tratamento especial porque são meus soldados, soldado Zion. — Elai respondeu entediado, Zion voltou para trás. — Se forem bons como dizem ser, passarão pelos desafios sem problema algum. Agora com suas espadas em mão, quero que cada um de vocês destrua aqueles troncos de madeira brava, — apontou para dois troncos avermelhados onde os alvos de arco e flecha estavam posicionados. — Voltarei para conferir o que fizeram.

Elai voltou para seus aposentos e os garotos ficaram sozinhos com as espadas em punho. Zion segurava uma Florete que é uma espada comum na prática de esgrima. Sua prioridade é a perfuração, enquanto Jonas segurava uma espada que parecia um brinquedo de madeira.

— A gente vai ficar nessa pra sempre. — Jonas reclamou encarando sua espada.

— É claro que você vai ficar reclamando no lugar de fazer algo a respeito. — Zion falou revirando os olhos. Correu na direção de um dos troncos e começou a investir na madeira, ela porém, é a madeira mais resistente de toda Nova Terra. Tronco como estes foram matéria prima para os navios Inobedientia I e II.

—E você, é claro, vai ficar falando com seu tom de superioridade o dia inteiro. — Jonas respondeu aborrecido. Zion o encarou estupefato.

— Realmente não entende o que está acontecendo aqui, né Jonas? Acha que tudo é uma brincadeira e que nenhuma vida corre risco, que estamos todos a salvo.

— Eu nunca disse nada disso, essas palavras estúpidas saíram da sua boca e não

da minha. Não enche! — Respondeu e começou a acertar a espada no tronco, transferiu tanta força que uma fina linha marcou o local.

Os troncos ainda estavam ligados à terra por suas enormes raízes, portanto ainda tinham vida. Zion não conseguiu marcar o seu, por isso, segurou a lâmina próxima a ponta da arma e investiu em golpes que perfuravam a madeira. Jonas estava em progresso lento, o que o deixou desconfortável, pois queria vencer seu oponente desde já. Cansado e com fome, após horas de esforço, tomou uma

investida diferente. Segurando o cabo de sua espada quase inofensiva com as duas mãos, se lembrou dos ensinamentos de Eduardo, seu professor de luta: “a força está nos quadris”. Com o corpo posicionado em diagonal para esquerda, pé direito na frente, jogou a espada para mão a esquerda dominar e a direita servir de apoio. Girou o quadril e os braços obedeceram como num espelho acertando a espada no tronco.

O movimento arranhou profundamente a madeira e dela saiu um líquido escarlate feito sangue. Boquiaberto com o que emanou, levou o indicador e notou que também era espesso. Zion ao perceber que seu opositor parara buscou entender o que estava acontecendo ao seu lado.

—Está sangrando?

—Eu não... eu não sei dizer.

— Não sabe dizer se está machucado? É sério? — Zion debochou.

— Não eu, idiota, a madeira que está soltando esse líquido... Veja. —Jonas deu espaço para que o soldado se aproximasse.

—A minha não faz isso.

Jonas revirou os olhos.

—O que, quer trocar de tronco agora?

—Não seja ridículo. Vença o desafio, seja ele qual for, pela ajuda de seu pai. Prefiro estar à altura por meus próprios meios.

— É toda sua. Não me importo. — Jonas deixou o tronco e se dirigiu na direção do que foi escolhido por seu colega.

Com a mesma investida projetou seu corpo e com o giro dos quadris acertou a madeira com força. Já haviam perfurações feitas com a ponta da Florete de Zion, mas a abordagem de Jonas causou o mesmo dano que antes, só que desta vez, o líquido escarlate jorrou da madeira como esguicho, sujando-o e manchando a neve. — Que droga! — Jonas gargalhou e depois fez trocadilho: — Estou pior que a Carrie (do livro Carrie a Estranha de Stephen King) no baile.

— Como você fez isso? — Zion o indagou com inveja. O garoto deu de ombros. — Troque de espada comigo, vamos ver se consegue fazer o mesmo.

Jonas tomou a espada do colega com força e jogou a sua na direção dele com ainda mais violência. Ele a pegou no ar, seu rosto

estava impassível, cheio de ciúme. O sentimento o dominava de tal forma, que esqueceu de suas convicções mais profundas. Cria de todo coração no trabalho de um Dux, fora criado para isso, porém o fato de Jonas estar superior a ele neste treinamento o fazia duvidar da índole de Elai. Pondo à prova sua lealdade.

Em posição de esgrima, Jonas encarou o tronco como seu inimigo, respirou fundo e atacou pela primeira vez. A lâmina quase se dobrou, mas resistiu. Talvez Zion tivesse razão e foi o que passou pela cabeça dele quando viu Jonas falhar. Sorriu satisfeito. Entretanto, o futuro Dux encarou os fatos com sua mente lógica. A lâmina que o colega tinha em mãos era perfurante e bem afiada, a questão nunca foi a arma e sim a precisão. Decidido a fazer diferente, na mesma posição que rendeu seu fracasso, persistiu mais uma vez, a lâmina por pouco não se dobrou mais uma vez, todavia, a ponta pendeu para baixo riscando o tronco de cima para baixo e dela o líquido rubro emanou mais uma vez. Zion não notou esse avanço. Jonas sorriu aberto finalmente entendendo o curso da madeira. O céu estava prestes a se render a escuridão. À sua frente o sol se punha pintando o firmamento. A luz alaranjada que vinha do enorme astro iluminou o movimento certeiro do garoto que agora usando a espada como um punhal, acertou-lhe diversas vezes de cima para baixo, deixando um enorme rastro do líquido vermelho no chão. Por onde ele passava, abria-se um caminho na neve. O contraste dos dois era bonito de se ver, no entanto, nenhum dos soldados parou para observar.

Notando a destreza do oponente, Zion batia com ainda mais força no tronco com posse de sua espada de madeira, estava, porém, tão preocupado com o que o Jonas fazia que não se ateve ao bom trabalho. Desse jeito, seu tronco só foi marcado pelo trabalho de seu antigo dono.

Jonas abriu a uma fissura de considerável tamanho na madeira porque atingiu o mesmo lugar diversas vezes. A ponta de sua espada perfurou o vão entre a circunferência, então ele a abriu ainda mais. A partir daquele ponto ficou mais fácil.

Quando Elai voltou, poucas horas depois do pôr do sol, Jonas estava sentado em cima do tronco dilacerado coberto pelo líquido semelhante a sangue. O queixo de seu pai quase atingiu o peito.

Zion havia alcançado parte da casca, mas ainda passava por dificuldades no desafio.

— Pode parar, Zion. — Elai falou e então os dois notaram a presença do Dux. Prestaram continência lado a lado. — Descansar. — Olhou para a Florete nas mãos de Jonas e se aborreceu: — Eu mandei você usar a espada de madeira.

—Pai, eu...

— Senhor Dux. — O corrigiu severamente. — Se eu ordenei que usasse uma espada específica, deveria tê-la usado.

Jonas olhou para Zion esperando que ele dissesse algo em sua defesa, o garoto permaneceu em silêncio encarando o Dux com respeito. Elai não disse nada sobre a espada de madeira nas mãos do outro rapaz, evidenciando seu descaso com o próprio filho. Ainda estava com raiva, ficou claro. Apertando o punho com força várias e várias vezes, Jonas contou até 5 repetidas vezes enquanto seu pai lhe dava um sermão a respeito da desobediência.

***

O líquido que emanou dos troncos de Madeira Brava, pareciam tinta corporal. Jonas ficou muito tempo no banho debaixo do chuveiro esfregando a pele com força, mas mesmo assim não conseguiu retirá-la por completo. Ainda estava muito vermelho quando saiu do banheiro. O garotinho que estava passando mal

pela manhã tomou um dos medicamentos de Suzana e dormiu o restante do dia para se recuperar. Acordou justamente no momento em que ele estava saindo do banheiro de frente para o seu beliche. Gritou apavorado, porque em sua mente infantil, algum ser das profundezas havia invadido o alojamento.

—Ei, ei, calminha aí, rapaz. Sou eu.

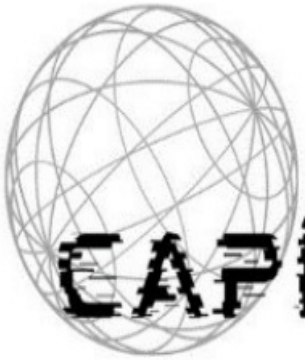
—Jonas? —Perguntou desconfiado, ainda com voz anasalada. — Isso. — Respondeu e sorriu. Andou na direção de sua cama e

se deitou.

Seguido pelo irmãozinho de pelotão, lembrou-se de Noah e sorriu. Sentia falta da companhia do garoto e se questionava o que os irmãos Tales deviam estar fazendo naquele momento. Se deitou em sua cama refletindo a respeito da vida e o que aprendera até então. Assim como a maioria das pessoas, pensou a respeito de

tudo que fez durante um ano. Se lembrou do trabalho e das coisas idiotas, riu de si mesmo e acreditou que sua vida estava diferente por completo e que, muito provável, não fará as mesmas coisas agora que se sente mais velho.

Encarou o velho Horloge que ganhou de presente do soldado da Ilha Real, ele não funcionava bem em Friaze, porém uma coisa ele ainda fazia: marcava a data e hora. 23h, 31 de julho de 2014. *Parabéns para mim.* Comemorou seu aniversário sozinho em sua cama.



CAPÍTULO 35

AGOSTO DE 2014, SONHOS DE JONAS, CAMPO DE BATALHA, FRIAZE, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

A morte tem cheiro e cor. Andando descalço pelo Bosque em direção ao Campo de Batalha, o cheiro da morte grudava nas narinas. A sensação de que algo importante para a história estava por vir assemelhava-se a grandes ondas quebrando na praia. Como se o alvo delas fossem o homem no Bosque que fincava os dedos dos pés na terra continuamente em busca de apoio. Era verão, mas ainda assim o vento gelado congelava os ossos dos pés de Jonas. Ávido por ligação entre sua casa e seu corpo. A mente estava consciente e o coração batia como todos os outros. Aos poucos, muitos se juntavam prontos, em formação, logo atrás em suas costas.

Para frente e para trás, seus braços movimentaram-se rápido em direções opostas. A consciência de movimentos como este era etérea, cabível ao momento de tensão. Sabia que precisava descrevê-los depois, portanto se ateve a cada segundo. Começara a correr e em resposta a terra movimentou. Talvez cientes de que Jonas estava mais confiante, os gigantes também se preparavam para lutar. Os soldados atrás receberam o ritmo à medida que ele pulava em pequenas formações de terra, levantadas devido a circulação dos gigantes que se desprenderam de seu descanso.

Mais e mais rápido, seus rastros pintavam a atmosfera ao seu redor, feito estrela cadente que deixa resquícios de sua aparição no céu escuro. Seus rastros, entretanto, eram tão brilhantes que não precisavam do escuro para existir. O campo já estava vasto de todos eles. Monstros, seres das profundezas. Apenas os friazenses sabiam da existência deles, pois o resto do povo de Nova Terra não se importava com a ancestralidade da Palavra do Soberano. Defender as Escrituras não era apenas uma missão. O instinto protetor corria por suas veias, desde que foram convocados pela Voz de Muitas Águas.

Assim como os guardas, os seres das profundezas também corriam para o centro do campo de batalha. Semelhantes a homens, vultos negros de olhos amarelados avançavam com tamanha rapidez que não era possível subjugá-los apenas pela força. A astúcia também deveria ser sua aliada. Os vultos não eram tantos e apenas Jonas tinha posse do cajado de luz. Avançou sobre eles com a luz, que entrando em contato, os dissipou, transformando-os em fumaça. O precipício está mais à frente e logo abaixo o mar. Nele, metamorfos, os Tritões, transformavam-se no mais profundo desejo dos bravos guerreiros, fazendo-os se lançarem para o fundo, onde encontravam a morte. Jonas, por outro lado, tinha uma única vontade: enxergar a realidade que fincava-se abaixo de seus olhos. Aqueles que seguiram seu exemplo, permaneceram vivos até quando o Soberano os permitiu viver.

Alguns homens foram mortos, pisados por gigantes que como não compreendiam o teor da batalha, até mesmo aliados de seu propósito infernal foram alvo de seus descuidos. Andando sem planejamento de guerra, os grandes montes em forma de homens, pisotearam até mesmo alguns dos seus quando sem intenção alcançavam o chão. Não sobraram muitos da espécie assim que a guarda das Escrituras avançou com suas catapultas, arremessando bolas lisas de ferro. O primeiro alvo dos bravos guerreiros eram as pernas. Devido a altitude, quando os atingidos chegavam ao chão a morte era certeira.

Dissipados os vultos pelas mãos da guarda, dragões assumiram seu lugar. Vindo pelos ares cuspindo fogo, lava e líquidos corrosivos. Levaram diversos homens à morte. Ao contrário dos gigantes de

pedra, estes eram inteligentes. Sabiam exatamente onde atacar, sinal de que forte mão os ajudava em sua estratégia de guerra. Dominando o avanço pelo cheiro dos adversários, os enormes animais de asa também levaram consigo, em suas garras, muitos outros ao céu. Ganhando altitude derrubavam-nos no oceano ou

no chão. A couraça dos dragões é impossível de perfurar. Nenhuma lâmina forjada no Acampamento Militar foi capaz de vencê-los em luta corporal.

Os gigantes não gostaram dos dragões sobrevoando suas cabeças e os atacaram, travando sua própria guerra. Devolvendo o mal que receberam, alguns dragões dispensavam lava sobre alguns deles, os transformando nos montes ao redor do Campo de Batalha. Os que sobreviveram voltaram apressadamente para seu local de descanso.

Neste instante, brotando das profundezas, outros vultos se aproximaram dos guardas das Escrituras, mas dessa vez usavam armaduras, deixando-os semelhante a homens comuns, confundindo a visão de diversos soldados.

Os arqueiros entraram na guerra, ajoelharam na extremidade do campo e alvejaram dezenas de dragões entre as costelas - onde a pele é mais fina - e nas asas os derrubando ao chão. Quando eles estavam prestes a contra-atacar, soldados mais experientes conseguiram escapar, o que facilitou a batalha para os homens que estavam em terra.

— Duque, perdemos muitos homens — Um soldado igual a Zion se aproximou de Jonas para informá-lo. Ele tinha acabado de vencer um vulto.

— Não podemos permitir que eles ganhem espaço. Estamos perdendo homens, porque estão avançando. —Jonas respondeu. — Comunique os outros.

—Assim seja, senhor Duque.

Com a espada que tinha em mãos, Jonas encarou o seu reflexo, não era ele. Mas haviam semelhanças. Seus olhos verdes brilharam de volta. Estava vendo através de um de seus antepassados que naquele momento se sentia invencível.

O Duque abandonara a Ilha Real levando consigo as Escrituras, porque sabia que Friaze era a melhor escolha para manter a Palavra

do Soberano intacta. A lâmina que estava em suas mãos parecia parte de seu corpo e não havia um só homem ou monstro que resistia a sua investida.

Barulho de trovão e deslizamentos de pedras ecoaram pelo campo de batalha. Todos prenderam a respiração. Era o Giatã aparecendo pela primeira vez, abriu

caminho entre as águas, onde era seu lar, para adentrar aquela terrível batalha. Ainda não havia sido convocado para ser guardião e diferente dos gigantes que se moviam devagar, ele correu fazendo grande agitação nas águas. Enormes ondas vieram em profusão para cima da areia na praia logo abaixo do Campo de Batalha. Por causa disso, muitos Tritões foram mortos e outros apavorados, nadaram para longe do enorme monstro que vinha do mais profundo oceano.

Confiante de que aquela era a deixa perfeita para continuar a batalha, o Duque avançou com os olhos fixos nos adversários. Enquanto o som dos pés do Giatã se intensificavam, o tilintar de sua espada em contato com as armaduras ecoava por todos os lados. Apaixonados pela possível vitória, seus companheiros de batalha o seguiram com brados graves, que unidos em um só se transformou em um rugido de leão. Foram avante ganhando mais espaço, dissipando os seres das profundezas, pois estes foram os únicos monstros que sobraram naquela guerra. Não eram monstros de carne e osso que representavam a guerra visível aos olhos. Travavam guerra espiritual e a única forma de se vencer uma guerra como esta é através de um espírito forte, como o que tinham os companheiros do Duque e o próprio. Foi naquela guerra que se uniram, pois somente a batalha é capaz de forjar almas em uma só. Quando o Giatã subiu para a batalha, o número de homens em guerra já havia diminuído consideravelmente. Com as mãos apoiadas no chão ele abriu sua boca e dentro dela, como se fosse fogo, saiu raios azuis que queimaram todos os seres das profundezas. Eles eram o alvo principal, mas alguns usaram de astúcia e levaram consigo soldados da guarda. O rugido do leão não perdeu sua força, apesar de todas as baixas.

O raio vinha na direção do Duque e ele tinha certeza de que aquele era seu fim. Transpassou mais um dos seres e aguardou a morte de braços abertos, pois havia combatido seu melhor combate.

A morte não era o fim. Com os olhos ainda fechados, suas íris capitaram o brilho azulado que vinha da boca do Giatã e então tudo ficou claro. Seu corpo queimou agradavelmente, cada célula agradecia aquele toque de luz. Seu coração se acelerou, todavia, sabia que não dividia aquele batimento com mais ninguém. A luz passou e então veio a escuridão. Ainda sentia a textura do cabo de sua espada. A morte era assim?

Abriu os olhos e lá estava o campo cheio de corpos. Apenas o Duque havia sobrevivido. Sem saber o que fazer, encarou a espada e ela estava diferente. Ainda não sabia, mas tornara-se indestrutível naquele momento. Diversas pedras

Caelum Arcus surgiram para enfeitá-la.

Os corpos jazidos no chão foram sepultados pela terra. Ela os engoliu gentilmente como uma velha amiga. Envolveu-os em seu abraço quente para que voltassem para sua verdadeira origem. Seus espíritos já não estavam mais na terra, entretanto, seus corpos serviram de manutenção do que tinham de mais precioso. Em alguns anos, outros desfrutariam da bravura daqueles homens sepultados. Em memória àquele acontecimento, o Duque viu o crescimento

de várias árvores de Madeira Brava e somente elas eram capazes de guardar na memória de forma viva, o sangue derramado de todos aqueles que lutaram bravamente para que as Escrituras Originais permanecessem guardadas até que a Guerra Sem Fim mudasse de nome.

— Jonas! — Elai o chamou despertando-o de seu sonho. — Está na hora de levantar.



CAPÍTULO 36

TERRA DOS GIGANTES, FRIAZE, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

Zion e Jonas, foram levados pelos Portões Sul através do Bosque quando o sol ainda nem havia se levantado. Segurando os bocejos no céu da boca, seguiram as

passadas silenciosas do Dux Elai, que não lhes deu informações suficientes para o treinamento do dia. Apesar de não saberem ao certo se ainda já era outro dia de fato. Os ombros e músculos dos membros superiores clamavam por descanso graças a exaustão do dia anterior. A lição foi aprendida. Obediência é a chave, assim como a técnica e não a força. Pelo menos foi isso que Jonas compreendeu. Calos nas palmas das mãos se intensificaram depois das horas de sono, porém não tinham tempo para se preocuparem com eles. Deviam se ater aos novos calos que surgiriam nos pés depois da caminhada. Mesmo que quisessem com toda força reclamar, jamais teriam coragem de fazê- lo.

Deveria ter uma enxada para capinar esse matagal todo? Jonas ironizava em sua mente para tentar esquecer a imagem da batalha que enraizou em sua cabeça durante o sono. Perdera o controle de seus próprios pensamentos, não como se partilhasse o corpo com outra pessoa, contudo, a mente sim. Sentiu cada movimento e até mesmo os cheiros e sons, tudo vinha de um Duque, e não um qualquer, mas o primeiro Dux da história. Ver o sangue dos

combatentes sendo sugado pelas raízes da Madeira Brava foi um tanto quanto assustador, pois considerou que o que jorrou em sua pele um dia antes, era o mesmo derramado durante o início da Batalha Sem Fim.

A neve já estava mais baixa naquele dia, o ar mais quente, entretanto ainda fazia um frio cortante. À medida que o sol nascia a esquerda dos homens que se moviam para o sul, à frente de seus olhos estava a folhagem das árvores do Bosque, congelada por uma fina camada de gelo. Era bonito encará-la com suas formas preservadas. Por pouco Jonas não se perdeu dos outros, *um friazense e outro metido a um*, debochou ainda aborrecido por ter sido acordado tão cedo.

Depois de tanta caminhada chegaram finalmente ao destino. A visão de Jonas precisou de mais tempo para distinguir o que estava à sua frente. Os montes tinham rostos. Exatamente como no seu sonho: gigantes feitos de pedra. Boquiaberto e preocupado com o limite de sua imaginação em sonho, esperou alguma explicação para aquela medida de seu pai, só que não conseguia tirar os olhos das formações rochosas: homens dormindo com olhos fechados com os corpos de pé escorados em outras rochas. A mudança de cor entre as duas formações delimitava onde um começava e o outro terminava. Com musgos no lugar de cabelos e barba, narinas dilatadas por onde vez ou outra apareciam aves voando para longe. Diante dos orifícios nasais, elas tomavam impulso, deixando claro que não só pareciam homens gigantescos, como também estavam vivos e

adormecidos.

— O que faremos, senhor Dux? — Zion perguntou também mirando os gigantes com curiosidade.

O silêncio reinou entre eles. Quando se deu tempo demais, os dois rapazes procuraram por Elai atrás de si, mas não o encontraram. Jonas apertou os olhos com força enquanto respirava fundo. Estava cansado dessa história de lições de moral. Queria terminar logo aquilo, portanto abriu os olhos para encarar seu colega e encontrou apenas suas costas, seu corpo adentrava o Bosque na direção por onde acabaram de vir.

— Ei? — Jonas o chamou, só que ele permaneceu andando ágil. Decidiu segui-lo. —Aonde vai?

—Estou procurando o Dux. Não está vendo?

— Minha bola de cristal quebrou. — Retrucou impaciente, porém ainda o seguia.

— Espero que não esteja brincando com adivinhações. Porque se estiver, fica cada vez mais claro para mim que não merece o sangue que tem. —Zion falou mal-humorado.

— Ih, já vi que não está de bom humor hoje. Não que eu já tenha encontrado você feliz algum dia...

—Me poupe, Jonas.

— Não, é sério, não sei porque todo esse ódio no coração. — Jonas já o tinha alcançado quando disse isso. Zion se virou com as mãos próximas ao seu pescoço e disse:

— Você... Você... — Abria e fechava as mãos em garra. Jonas encarou fundo em seus olhos sem se mover ou apresentar medo. — Não sabe de nada. —Voltou a caminhada.

— Claro que não! Vocês deveriam me ajudar... eu não estou aqui por vontade própria, se não notou.

—Só está piorando a imagem que tenho de você, cale a boca!

— Beleza. — Riu debochado — Você não gosta de mim porque gostaria de ter o meu sangue... entendi. É inveja o nome disso. — Jonas finalizou e deu de ombros, achava que implicar era a forma mais natural de se comunicar com as pessoas.

—Inveja? — Zion se virou estupefato. —Eu não invejo ninguém! — Então qual é o problema, Zion? Por que esse rancor todo? O que eu te fiz?

Zion o encarou por alguns segundos com os olhos colados na testa. Buscava na mente a resposta correta para aquela pergunta, entretanto, por mais que se esforçasse não conseguia entender o porquê. Talvez fosse verdade que se tivesse o sangue de um Dux, jamais seria tão zombeteiro quanto o garoto à sua frente, ao mesmo tempo compreendia que se estivesse no lugar que Jonas, era provável que não faria diferente.

— Eu sei que acha que não valorizo o que tenho como gostaria que eu fizesse e te respeito por isso. Mas eu praticamente não sei nada sobre o meu sangue... tenho sonhos malucos sobre um tempo que não vivi. É estranho pra burro, cara! — Foi sincero. — E o pior é

que meu pai não fala comigo pra gente trocar uma ideia sobre o que tudo isso significa.

—Anda tendo sonhos? —Zion se desarmou um pouco.

— Não, só quando estou deitado. — Ironizou. Zion revirou os olhos e continuou fazendo seu caminho. —Foi mal, eu sei que posso ser um idiota algumas vezes...

— Algumas?

—Ok, sou um idiota na maioria das vezes... —Jonas brincou. —Só na maioria?

—Quer me chamar de idiota né?

—Quero, quero muito. —Zion gritou para ele, pois alcançou uma boa distância.

—É, eu sou um idiota e eu estava pensando sobre esse assunto. Acho que tenho uma boa resposta para isso —falava enquanto dava a volta em uma enorme raiz de árvore —, é meu mecanismo de defesa.

—Te acho um idiota, não uma máquina sem sentimentos. — Zion respondeu.

—Não, acho que você não entendeu...

— Entendi sim — Zion o interrompeu, parou a caminhada e o encarou de frente —, você acha que a melhor forma de se sobressair é passando por cima das pessoas e usa as palavras quando não consegue fazer isso de forma física. Aposto que no seu mundo não tinha nenhum amigo porque priorizava a si antes das pessoas. Tentando não se fazer de ofendido, Jonas aplaudiu a análise. —É, como eu diria em português: *você é o bichão.*

—Acho que quis dizer —Voltou a caminhar e falou em português ironizando: — sabichão.

— Sabichão mesmo, fala um monte de língua... ui, que impressionante.

— Pare de debochar, Jonas, já entendi seu problema de autoestima e não sou médico de mentes para te curar. — Zion retrucou o deboche de Jonas — Poupe seu discurso para quem se importa.

—As pessoas aqui não têm empatia?

—Eu sou empático, só não sou com você.

Enquanto discutiam deram várias voltas no Bosque e quando perceberam estavam diante dos enormes gigantes de pedra, mais uma vez.

— Você me fez andar tudo isso para parar no mesmo lugar de início? — Implicou. Zion o olhou com desdém e se enfiou na mata mais uma vez. — Espere aí, amiguinho. Vamos continuar com o show de insultos.

—Não me siga! — Vociferou.

—Vamos ser razoáveis, duas cabeças pensam melhor que uma. — Prefiro nem voltar para casa se for para tê-lo atrás de mim. — Zion gritou irado. Estava

cansado do dia anterior e nem dormira o suficiente para aguentar Jonas. Não que achasse que era capaz de aguentá-lo descansado.

— Beleza, já que está indo para este lado, vou pelo lado contrário. Quem chegar primeiro, ganha. — Falou e começou a correr na direção contrária ao adversário.

—Ganha o quê? —Zion gritou a pergunta.

— O título de *Bichão do Mato*! — Jonas respondeu já do outro lado do Bosque. Zion não queria admitir, todavia, riu baixinho. Colocando a cabeça para pensar logicamente, os dois, apesar de não saberem, eram irmãos de pensamento. Iguais em determinação e ações. Espelhavam seus movimentos à medida que adentravam o Bosque, que na verdade tratava-se da Terra dos Gigantes. Ainda não sabiam do poder daquelas terras, mas elas já haviam se levantado contra eles, projetando o mesmo lugar várias e várias vezes com ilusão de ótica, a fim de que fossem entregues aos donos daquele pequeno mundo. Mesmo que adormecidos, suas terras lhes eram fiéis.

Corriam para receberem o título de Bichão do Mato e a oportunidade de se gabar, porém se um saltava de um lado, o outro também. Se parava para tomar fôlego, ao mesmo tempo, o outro do lado contrário, o fazia também, até que ambos se encontraram de frente para os rostos de pedra de novo.

—Argh! —Zion gritou fazendo aves em torno levantarem voo.

— Quer acordar os grandões ali? — Jonas indagou ofegante. — Se controle, cara.

—Você diz isso porque é desprovido de emoções.

— Ah, muito obrigado. — Jonas agradeceu abaixando a fronte como se atuasse em um teatro.

—Não foi um elogio.

—Sério? Pensei que fosse. —Jonas debochou.

— Você tinha razão, precisamos pensar juntos. — Zion se deu por vencido.

— É, eu costumo ter razão muitas vezes ao dia. Devia parar para me ouvir com mais frequência.

Zion revirou os olhos e recomeçou a caminhada.

—Já está fazendo besteira me deixando para trás.

— Cale logo essa boca e venha. — Zion gritou aborrecido já em mata fechada.
—Você fala demais!

— Desculpa aí. Não dormi nada esta noite, fico muito debochado com sono. — Jonas foi mais simpático.

—Informações demais, Jonas, informações demais...

— Aposto que também não dormiu, por isso está todo ranzinza. — O rapaz disse e Zion fechou os olhos cansado de tanto falatório, porém sabia que era verdade.
— Acho que vou mudar seu nome para Zinza, Zion não combina com você.

Jonas estava muito próximo, entretanto, tão absorto em seus pensamentos que não viu que seu colega, usando da agilidade da guarda, se virou em sua direção bruscamente acertando seu olho em cheio com um soco que o derrubou no chão. Zion estava irado com as brincadeiras que o outro fazia, mas até mesmo ele se deu conta de que havia passado dos limites. Abriu a boca para se desculpar, todavia, Jonas, usando a agilidade que adquiriu pela força do ódio, se levantou e encheu a boca do colega com seu punho.

Nervoso com a ousadia do filho de seu Dux, praguejou e pulou em sua direção derrubando-o no chão, caiu em cima dele. Acertou- lhe o rosto algumas vezes. Ainda debochado, Jonas gargalhava a cada golpe, sinalizando que aquilo não era nada demais.

— Minha vez! — Disse Jonas. Saiu da agarrada mudando a posição para atacá-lo de igual forma. Acertou o rosto do líder com muita força, projetando cortes na maçã do seu rosto.

Enquanto lutavam ignorando a neve e o vento frio, afinal ainda era inverno, o Bosque os mudou de lugar sem que notassem, levando-os até o mesmo ponto inicial. Quando era Jonas o alvo dos

golpes, ainda que um pequeno corte no supercílio emanasse sangue, dificultando sua visão, viu que os rostos que marcaram seu sonho na noite anterior estavam a poucos metros de distância.

— Pare! Pare! — Jonas falou enquanto batia no chão. Zion parou com o punho a centímetros de seu rosto. Ambos extremamente machucados. —Estamos no mesmo lugar...

— Quê? — Zion indagou, então conferiu os gigantes de pedra adormecidos. Se levantou estarrecido mirando as enormes narinas por onde o vento passava.

— Só pode ser brincadeira. — Jonas falou limpando o sangue do rosto.

—De muito mal gosto! —Zion concordou.

Irado, Jonas xingou em português, pois seu pai jamais o ensinou os palavrões de Nova Terra, é um homem muito correto para fazê-lo. Zion reconhecia a imoralidade de cada palavra que o seu companheiro de aventura dizia e ficou envergonhado como se fosse ele quem tivesse dito.

— Já está bom... — Zion pediu e ele o ignorou, xingando ainda mais. —Jonas, xingar não resolve o problema.

O garoto o encarou sem paciência, levou a mão no chão pegando um pouco de neve para por no rosto ferido.

— Isso não é boa ideia, apesar de branquinha, neve não é a coisa mais limpa que existe.

—Eu não me importo! —Vociferou e deu de ombros.

— Sinto muito se te machuquei. — Zion se desculpou e esperou que Jonas fizesse o mesmo, mas ele apenas assentiu. Já não queria mais ficar fazendo piadas.

— Você mora aqui desde criança. Como não sabe voltar para casa?

—Nunca vim aqui antes, e mesmo que soubesse, o Bosque quer nos trazer aqui,

não percebeu ainda? —Zion indagou sem paciência. — Beleza, sabichão. O que a gente faz agora? — Perguntou limpando o rosto da neve derretida misturada com sangue.

—Acho que vai pegar uma infecção no rosto.

— E eu acho que não estou nem aí. Vamos terminar logo com isso! — Se aborreceu. — Meu pai também, vou te contar... que cara sádico!

Ponderando sobre como sair daquele lugar, Zion teve a ideia de subir em uma das árvores para enxergar melhor o Bosque. Começou a escalada e Jonas considerou uma boa ideia, portanto fez o mesmo. Com alguns galhos beliscando suas peles, subiram rápido, ansiosos para terminar de uma vez o desafio. Quando chegaram ao topo, notaram que o Bosque não estava os enganando somente com relação aos lugares, estava os enganando com relação ao tempo. O sol já estava se pondo, o que significava que ficaram horas e horas dando intermináveis voltas.

—Que... —Jonas xingou bem alto.

— Quer fazer o favor de me respeitar? — Zion se aborreceu ainda mais.

—Ah, desculpe, vovozinha!

— Olhe, há um limite, uma barreira bem fina... está vendo? — Zion apontava para uma camada verde bem fina alguns metros à frente. Era o limite da ilusão na Terra dos Gigantes. Uma reprodução da Redoma em menor escala. Defendia o local, provendo alimento para os donos dele.

— Será que podemos continuar por aqui por cima? Seria melhor do que ser enganado de novo no chão...

— Acho que sim, poderemos seguir por aqui, saltando entre as árvores. Eu sei que consigo — Zion falou cheio de si — e você? Acha que consegue?

Jonas sorriu zombeteiro e saltou para o galho da árvore seguinte. Zion esperou que ele tomasse dianteira para que se sentisse confiante e depois o derrotar usando a agilidade da guarda a seu favor. Enquanto se preparava, agarrado ao tronco da árvore em seu ponto mais alto, não notou que atrás dele um dos

gigantes havia acordado. Desprendeu sua mão e o barulho fez o garoto encarar o que estava acontecendo. Surpreso, gritou por Jonas, mas foi tarde demais, pois o gigante já havia lançado a mão arrancando a árvore com raiz. Saltou a metros de distância para a próxima árvore, quase deslizando para cair no chão.

Jonas, ouvindo todo aquele barulho, parou no caminho para ver a cena. A árvore arrancada fez uma leve fissura na ilusão do Bosque deixando claro o horário do dia, porém em uma fração de segundos voltou ao normal. Zion continuou saltando para perto do

companheiro, que permaneceu parado assistindo aquela

aterrorizante desordem. O gigante levou a árvore, que antes tinha o rapaz agarrado a ela, para perto de si e quando não o encontrou, a lançou longe. Por pouco não bateu no outro gigante o acordando também.

— Está fazendo o que parado? — Zion indagou a poucos metros de Jonas. — Ficou maluco?

Só assim se deu conta e o acompanhou seguindo à sua frente, saltando para a próxima árvore. Uma delas foi novamente arrancada do chão pelo gigante, os dois o ouviram resmungar em seu dialeto e seguiram fingindo que suas pernas não estavam bambas de medo. A terceira árvore foi arrancada e o céu já estava escuro, todavia o gigante não se levantava de seu descanso.

— Ainda bem que esse é preguiçoso! — Jonas gargalhou. — Já pensou se...

— Nem termine a frase! Palavras têm poder. — Zion o interrompeu e Jonas assentiu seguindo o caminho.

Depois que atravessaram a fina camada ilusória do Bosque na Terra dos Gigantes, não levaram muito tempo para verem os Portões Sul do Acampamento Militar. Um dos soldados que fazia a guarda os aguardava do lado de fora. A noite já tinha se firmado no céu.

—Chegaram tarde demais.

—C-como assim tarde demais? —Jonas indagou preocupado. — O senhor Dux deixou claro que se vocês não chegassem antes do sol se pôr, deveriam passar o

restante da noite do lado de fora.

— Ele não disse nada sobre o tempo que tínhamos para enfrentar o Bosque. — Jonas falou e os três ouviram mais uma árvore sendo arrancada a quilômetros de distância.

— Bom, acho melhor se acostumarem com a ideia e torcerem para que o quer que vocês despertaram não resolver vir até aqui durante à noite. — O soldado finalizou a conversa dando-lhes as costas. Trancou o portão e adentrou o acampamento, outro soldado tomou seu lugar.

—Está satisfeito? —Zion perguntou aborrecido.

— Nas nuvens! — Jonas ironizou em resposta. — Era tudo que eu queria. Ficar no Bosque, no frio, com você ao meu lado! Não

poderia ter sorte maior.

— Deboche, deboche bastante, só que o maior culpado disso ter acontecido é você. Se não tivesse gritado tanto perto do gigante, ele não teria acordado.

— Isso é verdade. — O soldado que estava de guarda deixou o silêncio para concordar com Zion.

— É mesmo? E quem foi que queria fazer tudo sozinho, nos atrasando muito mais? Eu disse que se pensássemos juntos poderíamos terminar a missão mais rápido, mas não... você tinha que fazer tudo sozinho.

— Nossa, cara, você vacilou feio — O guarda agora concordava com Jonas.

—E esse monte de socos que você me deu?

— Argh! Você começou a briga, Zion! Só falou besteiras a meu respeito desde que ficamos sozinhos e eu nem acertei você primeiro por isso. Foi você quem começou!

—Tenho que concordar com Jonas, você fez besteira, Zion.

—Cale a boca, Álvaro! —Zion repreendeu o colega que montava guarda. —

Você é insuportável, Jonas. E Álvaro concordaria comigo se ficasse o mínimo de tempo que fosse com você.

—Já montei guarda com ele, Jonas é um cara divertido... —Viu? —Jonas se inflou feito criança.

—Cale a boca, Jonas.

— Engraçado, porque — Álvaro começou a falar risonho — quando eu fiquei com Jonas pensei: “cara, Zion se parece muito com esse carinha aqui, se fossem irmãos de sangue não pareceriam tanto!”

—Quê? —Zion e Jonas indagaram em uníssono.

— É sério, vocês dois têm um jeito parecido de fazer humor com as coisas...

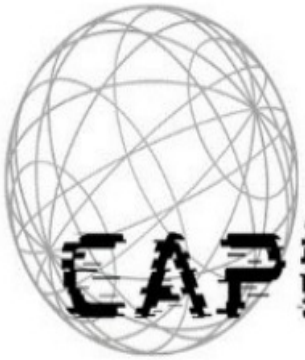
— Cale a boca, Álvaro! — Disseram, concordando pela primeira vez.

Os dois mal pregaram o olho preocupados com o que o Bosque era capaz. Nem se encararam também, estavam aborrecidos com o que havia acontecido mais cedo, assim como estavam pensativos com o que Álvaro disse. Seriam mesmo tão parecidos assim? O Bosque na Terra dos Gigantes comprovara a semelhança dos dois.

Movimentavam-se da mesma forma e ambos têm a mesma ambição: ser o melhor. Nenhum recebeu o título inventado por Jonas, mas ambos o queriam para poderem se vangloriar da estúpida conquista. São irmãos de mente como seus ancestrais já foram.

O primeiro Dux, tinha um amigo fiel escudeiro, que batalhou ao seu lado no início da Guerra Sem Fim. Deixou descendentes antes de morrer e era deste homem que Zion havia descendido. Por mais que todo o nosso universo seja feito de histórias independentes, elas se misturam e se repetem. Ainda que queiramos destinos diferentes dos que vemos no passado, somos feitos da mesma matéria. Interligamos nossas histórias e fabricamos quase as mesmas coisas. Ao terminar nossas batalhas, temos o mesmo fim: a terra também sepultará nossos corpos, nossas almas, porém, seguirão seus caminhos já firmados antes de qualquer guerra.

Zion compreendia isso, talvez mais que qualquer outro. Só que compreender e praticar são duas coisas diferentes. O único de sua família que sobrevivera até os dias desta história estava muito doente. E por causa da dor das perdas, ele não via o que estava diante de seus olhos. Enxergar além da dificuldade, assim como o aconteceu com os rapazes, só é possível quando encarada de cima. Se voltássemos no passado e visualizássemos do alto os dois soldados na Terra de Gigantes, encontraríamos a prova perfeita que comprova isso.



CAPÍTULO 37

SETEMBRO DE 2014, ACAMPAMENTO MILITAR, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

A vingança é um monstro. Entretanto este monstro foi projetado antes de Nova Terra. É um monstro invisível que se instaura em cima da sua barriga. Dificulta a respiração, aperta-lhe o peito e confunde a alma. A vingança é um monstro que te devora por dentro, queima a pele e tapa sua visão.

Abigail andou sozinha pela Ilha Real com os olhos marejados, já chorara a noite inteira e mal conseguia respirar. Se sentia traída e enganada. Pensou que tivesse controle de suas emoções, mas bastou ouvir os Marcus conversando de madrugada para mudar de ideia. Dídimo tem a língua solta quando bebe e ainda que se esforçasse para não o ouvir, sua voz reverberava no esqueleto do Constelação. Passou à noite pensando que o torneio logo chegaria e que finalmente poderia ver Jonas mais uma vez. Fazia tempo que não o encontrava e por mais que não quisesse admitir, sentia falta de sua companhia. Ainda não tinha conseguido dormir quando escutou a voz de um de seus tios, caindo de bêbado:

—Você fica se juntando com aquela gente...

—Nossa gente, Dídimo. São nossa família. —Tom o corrigiu.

— Nossa não! Só sua. Aquele garoto não é meu sobrinho porque o pai dele morreu pra mim... faz muito tempo! — Falou estalando os dedos.

Abigail instalou cortinas em seu compartimento e o lugar estava escuro como gosta, só que o som da conversa entre os irmãos estava-a deixando louca. Dídimo gritava e Tom tentava acalmá-lo para que ninguém acordasse na Cidade Flutuante.

—Faz silêncio, Dídimo.

—Vai voltar pra lá, não vai?

— Vou, pela manhã — Tom respondeu educado. — Vai deitar, vai!

— Você não manda em mim! — Dídimo gargalhou. — Lembra quando a gente brigava gritando assim um para o outro? Você não manda em mim!

—Pare, Dídimo! Vai acordar todo mundo.

— Tá bem. — Ainda falava alto. — Eu queria poder mandar em você, para te impedir de ir atrás daquele sangue ruim.

—Não fale assim, irmão. Ele é nossa família!

— Um Malus Sanguis! Jonas é Malus Sanguis... — Dídimo gritou e depois abaixou a voz dizendo: ... esqueceu que os pais da garota que ele fica por aí pra cima e pra baixo morreram por causa disso? — Cale a boca, Dídimo! Ficou maluco? — Tom interveio empurrando-o para baixo do convés. — Você vai para debaixo do chuveiro agora!

—Não quero! —Dídimo resmungou já dentro do Jelly Ruger, seu navio.

No escuro, a garota piscou diversas vezes absorvendo a conversa que acabara de ouvir. Seu corpo inteiro tremeu como se estivesse exposta ao frio. E era exatamente assim que se sentia: exposta, sem nenhuma de suas defesas. Jonas havia lhe privado da verdade sobre a morte de seus pais e sobre o que havia além da Redoma. Em sua cabeça ele só devia ter se aproximado por pena e nada mais. Com o lamento preso à garganta, as lágrimas jorraram de seus olhos. Se sentou

em sua cama apesar do escuro, lançou mão de seu travesseiro e gritou com rosto colado nele.

Os pensamentos vieram à sua mente com violência. Cada momento que ele poderia ter lhe dito a verdade sobre os fatos vieram como filmes de terror passando diante de seus olhos. Mesmo que quisesse parar de assisti-los, não podia. Eles iam e vinham em loop infinito. Não precisou ver a manhã chegar por completo quando se

lançou em sua lancha e zarpou a caminho da Ilha Real. Já distante da Ilha do Siri, gritou a plenos pulmões tamanha era sua raiva e ressentimento. Queria fazê-lo sentir, queria que ele perdesse quem mais lhe importava, queria ter a chance de salvá-lo, mas negar salvação. Esperava poder olhar em seus olhos nos últimos momentos de vida e assisti-lo morrer. Desejava que sua morte fosse lenta e que sua história não passasse de vento, que assim que expirasse, suas memórias fossem com ele.

Estava disposta a fazer justiça e assim que foi aceita para conversar com o Comandante Ares em seu gabinete tinha todo o discurso pronto:

— Obrigada por me receber, senhor. — Apertou sua mão e se sentou diante do perverso homem, que estava curioso. — Quero parabenizá-lo por seu casamento.

Ele assentiu sem interesse em suas congratulações.

—Você não veio da ilhota que mora para me dar os parabéns por meu casamento.

— Não, o senhor tem razão. — Ela disse e jogou diversas folhas em sua mesa. — Aqui estão todos os meus experimentos. Quero vendê-los a Guarda Real, contanto que me prometam uma coisa. Ares olhou para o complexo material à sua frente, nunca foi bom em cálculos e nem precisou ser, o cargo militar era sua vida. E o domínio sobre as pessoas sempre foi seu interesse. Todavia, por mais ignorante que fosse nestes assuntos, sabia muito bem quem estava diante de seus olhos e o quanto estes materiais valeriam em suas mãos. A fama de Abigail a precedia em qualquer lugar do continente.

— “A brilhante mente de Abigail...” — Falou estendendo as mãos como se exibisse as letras no ar. — Sabia que as pessoas se referem a você dessa forma?

Te chamam de brilhante. Por que dizem isso?

— Porque sou capaz de fazer muitas coisas. Sou boa com tecnologia. — Respondeu fingindo confiança, mas abaixo da mesa suas pernas tremiam assustadas, pois assim como sua fama a precedia, a de Ares também.

—Aqui diz que você precisa de sangue de basilísco... para quê? —É um bom alucinógeno.

—E bem caro também. —Ele disse desinteressado.

— Eu tenho o bastante. — Abigail respondeu, porém sentiu remorso em usar o sangue que Jonas lhe deu para ajudar nas despesas. Ela havia guardado na intenção de devolvê-lo e acreditava que em breve ele perderia sua validade, então ia usá-lo em sua vingança.

— Compreendo. — Falou sorrindo. — Acontece que você pertence ao outro lado...

—Que lado, comandante?

— O lado de Jonas e companhia limitada... meus interesses são outros. Sei que você é bem corajosa, só não espalhe por aí que quero ver o garoto morto... — Debochou.

—Temos o mesmo interesse.

Os olhos de Ares se acenderam e seu sorriso brilhou.

—Ora, ora, que ardilosa!

— Pode pensar o que quiser. Não me importo. — Mentiu para si mesma. —Se quiser entender minhas razões eu posso...

— Não, não! Me poupe de sua história triste, garotinha. — Disse ríspido. — Todo mundo sabe que seus pais morreram e blá, blá, blá.

— O.k. E todos sabem quem causou sua morte? — A garota perguntou com os olhos marejados.

—Queridinha, a única que não notou foi você. —Ares debochou, estava tão cheio de si desde que casou com a princesa, que não poupava seu veneno. — Assim que ele apareceu o Giatã apareceu com ele... a dedução era muito simples.

—Eu jamais imaginaria que a história de um Malus Sanguis seria verdadeira, afinal de contas não é isso que aprendemos dentro do continente. —Falou fingindo coragem.

— Essa história de que seis continentes foram subjugados por um deus é história pra dormir! Não sei bem se o que tem aqui é bom o suficiente, já que é tão atrasadinha assim.

Envergonhada e querendo fugir correndo dali, Abigail somou forças de onde não sabia que tinha e recolheu as lágrimas que se precipitavam em seu rosto. Estava decidida que nunca mais, homem nenhum a faria chorar ou a enganaria como foi enganada. Cheia de raiva falou como uma adulta dona de si:

— Se não quer o que tenho, vendo a outros. A conversa já chegou a Cidade Flutuante... todo mundo acredita que Draco está vivo e que travará guerra contra os monarcas.

— Lendas urbanas! — Ares usou a sua vez de mentir para si mesmo. —... como hoje eu acordei bonzinho, vou levar este material aos cientistas.

—Como posso ter certeza que me pagará?

—Sou um homem de palavra. —Ironizou, mas estava disposto a jogar umas numnums na mão da garota, mesmo que seu material não servisse de nada.

Ares já estava de saída, deixando Abigail para trás, quando ela indagou:

—Não quer saber qual é a minha condição?

— O pequeno Marcus morto. — Falou como se compartilhasse trivialidades. Ela engoliu em seco, pois se deu conta do que tinha acabado de fazer e depois assentiu.

— Fique tranquila, isso já estava em meus planos muito antes de você chegar...

gostei de ver esse seu lado — Apontou para ela, dobrou as folhas e colocou-as abaixo da axila. — ... estava esperando ansioso o dia que se daria conta, e então: CABUM, você explodiu muito melhor do que eu pensava.

—Trata-se de uma questão de justiça.

Ares abriu a porta de seu gabinete no Acampamento Militar e logo à frente estava o elevador do prédio. Apertou o botão para baixo e disse solene:

— “A justiça termina quando a vingança começa”, meu pai dizia isso. — Deu de ombros — Não foi à toa que morreu jovem. Tchau, garotinha, sanguinária! Entro em contato em breve.

A garota enrubesceu com a fala. Muitas vezes passava por sua cabeça que estava agindo errado e que talvez devesse dar a chance do rapaz se explicar, entretanto, a raiva a fez segurar a porta do elevador antes que ele se fechasse por completo. Ares a encarou aborrecido, mas ela o deixou feliz com a informação:

— O maior medo que ele tem é ficar preso em compartimentos pequenos. Sua cela em Nova Fidem era praticamente uma gaveta de tão estreita. Acabou com a mente dele.

Ares enfiou a mão no bolso e depois jogou uma Nummum pesada na direção da menina, que a pegou no ar enquanto a porta se fechava de novo.

— Isso ai, garota! — A voz dele ficou abafada e ela saiu do seu campo de visão.

Após o dia intenso de trabalho conversando com os homens inteligentes do departamento de ciências da realeza, chegaram à conclusão de que os protótipos criados pela garota Tales eram mesmo obras de primeira mão. Precisariam de alguns retoques e logo renderiam um bom armamento defensivo. Ares compreendeu que Abigail e seu irmãozinho precisavam morar aos arredores para que sua mente brilhante fosse explorada da forma correta. Os dois sairiam ganhando, ela não teria mais com que se preocupar, financeiramente falando, e seu irmão poderia frequentar a escola local, o que é bem melhor do que aprender em casa, como a família fazia.

Os Tales pais estavam mortos e Ares tinha razão em pensar que Abigail não queria ensinar o seu irmão mais novo em casa. O trabalho é desgastante demais.

Poderia não ser bom com números, porém era um ótimo estrategista.

Ao ver o Palácio diante de si, respirou aquele ar sorrindo. À sua esquerda o labirinto que ceifou a vida de seu enteado. Debochava em sua mente que era uma pena que não pôde ter sido seu padrasto antes de morrer. Enquanto andava pelos terrenos reais, guardas o cumprimentavam pelo caminho e ele os cumprimentava de volta, sorridente. Todos concordavam que Ares mudara muito desde que o repentino casamento aconteceu. Mas também era de conhecimento geral que Hadassa não estava contente com a união dos dois, era visível o desgosto que tinha ao vê-lo chegar em casa.

O Comandante pensou em levá-la para sua casa, a fim de que ninguém soubesse o que acontecia entre o casal, só que ela implorou ao pai que os deixassem viver debaixo do mesmo teto como todos os filhos do rei. Ele, é claro, consentiu, pois não se agradava do casamento tanto quanto a filha, a única razão para permiti-lo foi o bebê a caminho. Logo que souberam da existência

dele, armaram todo o circo para que ninguém suspeitasse que foi concebido fora do casamento.

A estranheza entre os plebeus foi avassaladora, já que a mãe que acabara de perder o filho estava se casando como se nada tivesse acontecido. Mesmo que não tenham feito festa, a união entre eles não foi bem recebida pela população, ainda mais agora que todas as ilhas foram obrigadas a inscrever um de seus jovens para o torneio. Este que era a última esperança de Hadassa. A única coisa que lhe dava forças para acordar todos os dias: a possibilidade de reencontrar Elai. Talvez ele a tirasse daquela agonia.

O jantar foi servido, mas os únicos que se fizeram presentes foram Hadassa, Augusto e o rei Gustavo, os outros não frequentavam mais a mesa de jantar ao anoitecer, pois era quando Ares chegava em casa. O rei, mesmo que desejasse ficar em seus aposentos, não seria capaz de permitir que a filha ficasse sozinha. Via o medo em seus olhos, portanto se fazia presente e prolongava o jantar o máximo que conseguia para mantê-los perto.

— O rei vive para sempre! — Ares adentrou o salão e beijou sua cabeça. —Me abençoe, pai.

—Que o Soberano te abençoe. —Respondeu entredentes.

—Como é bom chegar em casa... dia cansativo! —Se sentou ao lado da mulher, que desde que se casaram não usa maquiagem e veste roupas de velório. Beijou seu rosto e ela estremeceu enojada. Augusto não tem falado muito desde que o irmão morrera, pois

se lembrava perfeitamente de Elai explicando aos dois o que havia no labirinto. Sua morte ainda era um mistério, não precisou lidar com a do pai, já que ele morreu no ano em que nascera. Aquela era a primeira vez que teve que encará-la como é na maioria das situações: fria e chegando de surpresa. A falta que Elai faz aumentou um milhão de vezes por causa disso. E agora, um homem detestável tentava se aproximar.

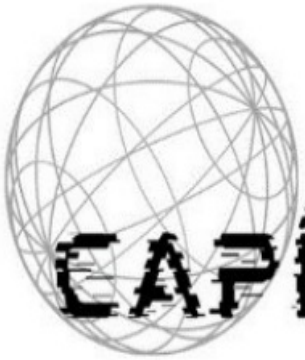
— Como foi seu dia, Augusto? Já colocou os pés no jardim? — Indagou e depois colocou um pedaço enorme de bife na boca. Todos o encararam estupefatos pela falta de tato. O garoto só tem andado pelos corredores do castelo e não olha pelas janelas desde que o irmão morreu. —Ainda não? Precisamos resolver isso.

— Ele tem total liberdade para andar por onde quiser, Ares. — Hadassa falou com a voz embargada.

— Meu amor, precisamos ser práticos. Se vamos criar os garotos juntos, temos que ajudá-los a enfrentar seus medos... acho que tem um garotinho aqui. — Sorriu colocando a mão na barriga da mulher e ela estremeceu.

— Com todo respeito a sua autoridade de pai, Ares, mas Hadassa tem razão. Se o garoto quiser ficar em casa, deixe que fique. — O rei se fez presente, todavia, já fazia tempo que sua opinião não significava nada para o comandante.

Ares cortou mais um pedaço de bife e o mastigou encarando o enteado. Augusto, assim como o irmão, tem um espírito impetuoso, manteve o olhar nos olhos do homem que zombava de sua limitação. A valentia do garoto fervilhou o sangue de Ares, portanto o sorriso que exibiu deixou o garoto arrepiado. Aquele era mesmo o mal encarnado.



CAPÍTULO 38

1ª PROVA DO TORNEIO DE HERÓIS EM NOVA TERRA, ILHA REAL, SÉTIMO CONTINENTE, NOVA TERRA.

A bordo do Rosberta, Jonas, Zion, Tom e Elai viajavam em direção à Ilha Real. Nenhum dos quatro falava, a não ser Tom que cantarolava uma canção de amor. Mesmo que parecesse, não estava se sentindo nem um pouco seguro ou à vontade, pois sabia bem o fim daquela história. Com os nervos à flor da pele porque todo o continente foi convidado para assistir o 1° Torneiro de Heróis de Nova Terra, inclusive os mineradores e escravos que receberam aval para conferir a abertura e a final. Benjamim estava animado, pois veria toda a família de novo. Ainda não sabia a respeito de Elai e mesmo assim ele havia planejado se esconder por enquanto. A Voz de Muitas Águas disse para fazer assim e ele estava disposto a obedecê-la como aprendeu desde que se tornou Dux. Sabia muito bem por quais lugares poderia ficar durante o torneio e como saberia de tudo.

Ainda não estava falando direito com Jonas e esta era uma das coisas que afetava seu relacionamento com o Bosque e a Voz de Muitas Águas. Se sentia péssimo pela morte de Zacarias, bastava olhar em seu rosto para saber o quanto queria poder abraçar Augusto, mas não podia. Pelo menos não ainda. Esperar era uma das suas maiores dificuldades, porém o plano ia muito além de sua vontade ou preferências. Significava futuro.

Enquanto navegavam pelo oceano ao som de “Meu Amor, Meu Coração é Só Seu” pela voz desafinada de Tom, Jonas sentiu que algo estava diferente. E no fundo de seu coração compreendia que abaixo do navio, entre as águas do oceano, alguma força projetava- se. Apoiou o corpo na proa do Rosberta para olhar para baixo e lá estava ele: o Giatã. Nadava abaixo do navio e em suas costas a luz azulada dos raios. Agora que sabia que sua espada favorita foi abençoada por ele, já não se sentia estranho em sua presença.

— Pai... quero dizer, senhor Dux. — Jonas chamou Elai. — Você sabia que o Giatã ia nos acompanhar na viagem?

Tom arregalou os olhos apavorado, quase largou o leme ao ouvir aquele nome.

— Relaxe, Tom. O Giatã está a serviço. — Elai tentou tranquilizá- lo. —Pelo visto estamos mesmo no caminho certo.

— E se não estivéssemos? — Tom perguntou com a voz falhando. Elai se aproximou do irmão apertou seus ombros e disse sorrindo:

—Já estaríamos mortos.

— Que bacana. — O irmão ironizou. — Estou muito tranquilo agora.

A gargalhada de Elai encheu o lugar, era nítida a felicidade do Dux prestes a finalizar sua missão. Quando mais perto do fim, mais perto do amor de sua vida.

— Tem visto Abigail? — Jonas perguntou ao tio quando ninguém estava por perto.

— Hã... — Tom pareceu envergonhado. — Não, na verdade. Ela se mudou para Ilha Real há alguns dias.

—Por que me disse isso com essa voz de enterro?

—Acho que ela fez justamente o que dissemos para não fazer. —O quê? — Perguntou, mas já sabia a resposta.

— Vendeu as bugigangas dela para Ares. Talvez encontre alguma coisinha

especial quando estiver no torneio. — Tom estava chateado.

— Ah, não faz mal. Ela estava preocupada com o que seria dos dois depois da morte dos pais. Ela tem todo direito... — Jonas tomou o partido da garota.

— Isso é verdade, sem mencionar que ela pode encontrar um marido na Ilha Real, na Cidade Flutuante não há ninguém para ela. —Tom falou trivialmente.

Jonas pigarreou sem graça, pensar que a garota que permeia sua mente 90% do tempo possa vir a se casar não é a sensação mais gostosa que já enfrentou.

— Ela não é garota para você, filho. — Tom falou baixinho, aconselhando o sobrinho. —Vocês são de mundos diferentes.

—E se eu ficar? —Jonas perdeu um pouco as estribeiras. —Não sei...

— Eu serei o próximo Dux. — Falou engolindo em seco. Esperava que isso fosse o bastante.

— Garoto, só entre nós — Tom chamou o sobrinho para mais perto —, seu pai faz uns truques legais, mas não anda muito bem da cabeça. Se eu fosse você não me animava muito com a ideia. Talvez fosse melhor voltar para seu cantinho no Brasil.

Jonas não disse nada, porque agora que a possibilidade de voltar para casa apareceu, entendeu que nunca quisera tanto ficar. Aquela era sua casa, seu povo, gente como ele. Não conseguiu, a partir daquele momento, se imaginar em Vitória ou fazendo qualquer coisa que não fosse pelo povo que era seu. Depois que descobrira que sua mãe estava tranquila sobre seu paradeiro, pensou em se esconder durante todo o mês de outubro para não ter que voltar para casa.

A abertura do torneio aconteceria à noite, portanto estavam navegando em águas multicoloridas pelo pôr do sol. Não havia nenhum lugar por onde Jonas já tenha passado que se assemelhasse à Nova Terra. Ele sabia disso e odiava ter que deixá- la para trás. Em sua mente passou a ideia de que talvez pudesse levar Abigail e Noah para Friaze, desse jeito, os três viveriam perto até que tivesse condições e coragem suficiente para pedir a garota em casamento. A realidade no sétimo continente era diferente, precisava fazer algo a altura. Esquematizou como poderia tornar tudo isso possível durante o trajeto e o sorriso abobado em

seus lábios demorou a se desfazer, exceto quando seus pés tocaram a praia da Ilha Real e viu que muitos estavam desembarcando ali também. A arena ficará cheia de espectadores.

—É muita gente. —Jonas falou com Zion que também reparara.

— Verdade. Mas de todo jeito, se alguém tem chance de fazer bonito, somos nós. — Respondeu com um sorriso amarelo. Tentou fazer amizade com essa afirmativa. Jonas sorriu aberto em resposta. Elai levou o Rosberta para longe e Tom se encarregou dos garotos, apesar de não precisarem de nenhuma ajuda, ele queria dar o máximo de apoio moral ao sobrinho e ao escolhido de Friaze. Diversos vagalumes de metal como os que Abigail construiu vagueavam pela praça, marcando a presença da garota. O coração de Jonas se agitou tamanha ansiedade em vê-la. Sabia que estava por perto.

Os caminhos até a arena se ascenderam com setas flutuantes como se estivessem dentro de um mapa enorme. Zion e Jonas andavam de forma igualitária, suas mentes pensavam igual, porém, seus corações ainda não foram ritmados em mesma frequência, portanto, o desejo de ambos era vencer o torneio.

A música feita apenas de percussão, auxiliada aos gritos eufóricos da plateia, deixavam os competidores receosos pelo tamanho da festa. Passou pela cabeça de Jonas a possibilidade de que todos o veriam falhar.

Quando chegaram a entrada do lugar notaram que estava fechada por enormes portões de ferro.

— Competidores à esquerda, plateia à direita. — Disse o Guarda Real. —Olá, Tom. Tem lugar vazio no K17, é melhor se apressar.

— Uau, tem lugares enumerados... a realeza não brica em serviço! — Tom brincou, estava muito nervoso. Não queria deixar Jonas sozinho.

Notando o nervosismo do tio, Jonas brincou:

— Esse lugar é bom? Quero que ele me veja vencendo do melhor lugar possível.

—O lugar é ótimo, mas de todo jeito, há telas por todos os lados, ele vai conseguir vê-lo direitinho. —O guarda foi educado.

— Então... nossa, que ótimo! — Jonas fingiu não ficar ainda mais desconcertado.

— Está nervoso, Jonas? — Zion perguntou tentando fazer graça também, só que sua garganta ficou seca e a voz saiu falhada.

— Vou me sentar então... você, você vai ficar bem. — O tio disse para si mesmo. Queria crer na afirmativa também.

—Eu vou.

— Aliás, vocês dois. — Tom falou para Zion também e ele sorriu agradecido.

— Bom, vamos logo com isso? Nomes. — O guarda finalizou a conversa dos três. Tom se afastou na direção da arquibancada, olhava para o sobrinho de vez em quando até que não teve mais jeito.

—Jonas Marcus.

— Oi, Elaizinho. Você é cara de seu pai. — O guarda tomou o dedo indicador do garoto e o espetou com uma agulha, quando a bolha de sangue apareceu, despejou-a no seu dispositivo computadorizado que mostrou a ficha completa do rapaz. Agora era competidor da Ilha do Siri.

—Já ouvi isso antes... —Respondeu sorrindo amarelo.

— Ele faz falta. Morreria de novo se visse o que fizeram deste lugar... — Falou despreocupado enquanto digitava alguma coisa. — Ah, me desculpe. Enquanto não há corpo, presumimos sempre que está vivo. E quer saber? Espero que esteja mesmo.

—Obrigado. —Jonas agradeceu e puxou seu dedo de volta. —E você?

—Zion Oscar. —Respondeu entregando seu dedo na direção do guarda que o espetou e logo em seguida pôde vislumbrar a ficha do rapaz.

Jonas observou que todos os nomes ligados a ele tinham uma cruz ao lado, exceto a de seu pai. Carlos Oscar. O garoto notou o interesse, então se colocou

na sua frente tentando parecer discreto. Detestaria que seu oponente começasse a tratá-lo de forma diferente por causa da história de sua família. Preferia que continuassem se insultado como sempre, era a parte mais interessante de seus dias. Assim não precisava pensar no que estava acontecendo ao seu redor.

Os dois andaram em silêncio por um estreito corredor feito de vidro escuro até a sala em que os onze competidores se encarariam pela primeira vez. A tensão era quase palpável àquela altura. Ao fim do corredor encontraram portas diferentes para cada um deles. Seus nomes e brasões das ilhas marcados a ferro nas portas de madeira. Jonas encarou seu nome logo à frente, Zion precisou caminhar mais

um pouco para encontrar o seu. Os dois pararam diante das portas enquanto outros competidores também chegavam e de cara se colocavam atrás delas. Quando terminaram de encarar seus nomes marcados se entreolharam.

—Boa sorte —Desejaram um ao outro em uníssono.

Os dois entraram e ambos encontraram uma sala pequena com três funcionários para prepará-los para o que estava por vir. O cômodo deixou Jonas um pouco claustrofóbico, portanto começou a suar antes mesmo de ouvir:

—Que bom que chegou Jonas, venha, precisa se vestir. — Disse uma arrumadeira baixinha. Parecia uma fadinha de filme infantil. — Aqui está sua vestimenta e ali é o lugar onde deve se trocar. Entregou um macacão preto, semelhante ao que já usava, além

de tênis de corrida que o fizeram pensar em como puderam adivinhar o tamanho de seus pés.

— Como descobriram meu tamanho? — Indagou enquanto se vestia atrás do compartimento indicado.

— Seu sangue, bobinho. — A arrumadeira respondeu. — Seu sangue disse tudo a seu respeito. Inclusive, seu colesterol anda um pouco acima do normal.

— Sei... — Jonas riu da afirmativa que parecia ilógica, mesmo vindo de Nova Terra e saiu vestido.

— Agora, venha cá. — A mulher o puxou para perto, subiu em uma escadinha e

disse: — Feche os olhos. — Ele obedeceu e assim que o fez, a mulher apertou um spray com tinta corporal branca, por cima de um estêncil que marcava apenas o vão entre as sobrancelhas e ponta do nariz. Depois por cima deste, colocou um estêncil de raio no olho direito e o pintou de verde, na cor do brasão da Ilha do Siri. — Prontinho, Jonas. Agora espere aqui diante desta porta, quando aquela lâmpada vermelha se acender, você entra na arena.

Jonas assentiu e os três ajudantes saíram de cena. À sua direita a parede era revestida com espelho de cima a baixo. Se encarou um pouco. Fazia tempo que não via seu reflexo. Tinha aumentado de tamanho. Os treinos haviam lhe feito bem afinal. Os olhos verdes ficaram evidentes enquanto se encarava. Aquela tinta evidenciou ainda mais a genética Marcus. Ainda não ficou exatamente

orgulhoso por causa disso e ao se encontrar naquele reflexo, se viu como nunca antes. Estava mudado, ia muito além de sua aparência. Agora tinha um propósito.

A luz vermelha se acendeu e ele passou pela porta. Sua confiança exalava longe, era preciso muito mais do que as paredes de ferro da arena ou o chão arenoso para abalá-lo. As pessoas nas arquibancadas gritavam seu nome com a percussão de fundo. Foi o último competidor a ser chamado, mesmo que na escala a Ilha do Siri fosse a primeira. Os outros competidores, ao ouvir seu nome na boca das pessoas, o encaram com curiosidade. Vasculhou na multidão a voz que lhe apresentava e encontrou Hadassa vestida com um comprido vestido branco de brilhos furta-cor, semelhantes a Caelum Arcus. No mais alto mezanino, acima de todas as cabeças, narrava no microfone:

— ... recém-chegado à Ilha Real, filho de nosso amado herói Elai Marcus. Sim, senhoras e senhores, temos um Marcus competindo. Isto não é maravilhoso? — A multidão foi ao delírio, entretanto, aquilo não inflou seu ego, como imaginou que aconteceria. — Ele quis competir, mesmo sendo filho de Friaze, em memória ao povo da Ilha do Siri. Está vestindo o Brasão de Siri em seu peito.

Jonas abaixou os olhos e notou que o tecido que antes não tinha nada, agora brilhava no formato de um siri esverdeado. A plateia estava animadíssima, por isso, acenou educadamente para quem o aplaudia.

— Agora que todos os competidores foram devidamente apresentados, gostaria de pedir que voltassem para seus lugares, pois cada um será testado

individualmente. — Hadassa continuava seu discurso e todos fizeram silêncio. — Saibam que hoje receberão pontuação, mas o desafio desta noite é para mostrar ao povo que vos assiste, o que são capazes de fazer. Entretanto, fiquem tranquilos, nosso reino é justo — Jonas deu uma risadinha abafada —, as pontuações serão computadas de acordo com a qualidade física de cada competidor. Já temos os dados de cada um em nossos computadores e vocês podem acessá-los em seus Horloges. — Hum, interessante... — Falou para si, só que sua voz saiu nos autofalantes sobrepondo a voz da princesa.

— Jonas está coberto de razão. Isso é muito interessante! — Hadassa concordou e o povo que os assistia foi a loucura.

Os competidores compreenderam naquela demonstração que estavam sendo vigiados de muito perto. Tudo que falassem era captado pelo traje em seus corpos. Apenas seus pensamentos estavam a salvo e talvez nem isso.

— Façam suas apostas! E boa sorte a todos. — Finalizou e uma breve microfonia encheu a arena.

Os rapazes voltaram para o lugar de onde saíram e esperaram. Cada ilha foi numerada para que as provas ocorressem em ordem. Com a garganta seca e os ombros tensos, Jonas aguardou, não muito, já que a Ilha do Siri é a número um na ordem, todavia, o tempo que esperou pareceu se estender graças a sua preocupação com o que viria a seguir. O fato da saleta em que estava ser muito pequena não auxiliou em sua tensão. Na verdade, desestabilizou seus pensamentos e respiração. Se fechasse os olhos para se concentrar, como gosta de fazer, sentia que as paredes se estreitavam e se ficasse de olhos abertos, pensamentos fora da linha de raciocínio lógico vinham à tona. Tentou reagrupar as possibilidades para as provas que viriam, porém, quanto mais pensava, mais nervoso ficava e menor a sala parecia ser. Levou a mão à maçaneta da porta por onde entrou pela primeira vez, para que a sensação a respeito do tamanho da sala se dissipasse, mas a encontrou trancada. Ciente de que era estupidez, foi até a porta que dava para o centro da arena e sem surpresa alguma, também a encontrou trancada.

Encheu e esvaziou os pulmões com cuidado, contando até quatro. Com o polegar numerava os outros dedos da mesma mão. *1, 2, 3, 4.* E de novo. *1, 2, 3, 4.* O suor encharcou sua roupa e a tinta em seu rosto ficou líquida de novo. Então, finalmente a lâmpada vermelha acendeu.

Hora do show.

Abriu a porta em um solavanco, tudo estava escuro com exceção do centro da arena de areia que agora parecia mais fofa que o normal. Ninguém na plateia dava um só pio, o que o deixou aliviado. Não tinha certeza se seria capaz de fazer qualquer coisa com todas aquelas pessoas o encarando.

Colocou a cabeça para pensar. Andou em volta da arena averiguando qual era a prova. Aparentemente, não havia nada que indicasse o que deveria fazer, nem ao menos a voz irritante de Hadassa para fazê-lo entender a prova. Vasculhou ainda do lado de fora do banco de areia alguma indicação. Seus olhos estavam rápidos e giravam atentos. Desejou ter posse de sua lente Horloge naquele momento, contudo, seria como roubar.

Encarou o teto onde havia um enorme refletor de luz amarela e depois de um tempo o fitando com a mão à frente dos olhos, encontrou um cronômetro. Cinco minutos já tinham passado e ele ainda não havia feito nada.

Encarou com mais coragem a areia à sua frente e viu algo brilhando, andou na direção do objeto que reluzia e o retirou de debaixo dela. Era um pedaço de um quebra-cabeça verde, na cor do brasão que usava. Ainda em cima da areia, arrastou-a um pouco ajoelhado no chão. Empurrou-a com suas mãos e alguns segundos depois encontrou mais uma peça. Quando quis se levantar, suas pernas pareceram mais pesadas que o normal, porém, pôde se estabilizar.

Voltou ao plano principal e não demorou a encontrar mais duas peças. Estava envolto no trabalho, sentia-se exausto, como se tivesse feito um treino extenso na academia. Tamanha era sua concentração, só pôde ver depois de encontrar a quarta peça, que suas canelas estavam submersas na areia.

— Areia movediça? Sério? — Reclamou para si mesmo. Escutou algumas risadinhas da plateia que o assistia, mostrando que ainda estava ali.

Continuou sua busca pelo que considerou mais duas peças, já que faltava parte da cabeça e da puã do Siri de seu brasão. Os grãos muito finos cederam mais um pouco, de modo que agora estavam até a cintura. Engoliu em seco pensando no que deveria fazer a seguir. Assustado com a possibilidade de ficar com o corpo inteiro preso, empurrou ainda mais a areia, jogando-a para todos os lados,

principalmente para fora do campo em que deveria estar. Espalhou-a como uma criança num parquinho, entretanto, em consequência disso, ela o levava cada vez mais para baixo, o engolindo como uma enorme garganta.

Apavorado, não conseguia pensar em outra coisa senão sair daquele lugar. Com a movimentação excessiva, a areia fina ficou cada vez mais espalhada e em uma de suas investidas jogou uma das últimas peças para fora do círculo em que estava. O objeto brilhou, revelando-se longe de seu alcance enquanto ele afundava. Seu coração disparou, mas não ousou gritar por socorro. Além de tudo, estava se sentindo humilhado.

Escancarou a boca para puxar o máximo de ar que pudesse, só que em vez disso encontrou a areia grudando-se na saliva. Já inteiro coberto, desejou que a morte fosse mais rápida, de modo que ninguém pudesse mais ver seu rosto, tamanha era a vergonha. Comprimido num caixão de areia sem nenhum vão de ar, Jonas não conseguia pensar em forma pior para morrer. A memória do lugar onde ficou preso veio à sua mente. Tentou gritar, mas mesmo que pudesse, não seria ouvido. Sentia-se enterrado vivo, que pesadelo! Depois disso, como se fosse cuspido para fora, a garganta que o levava para a morte o trouxe para mais uma chance. Despejou-o para fora do círculo e todas as luzes estavam acesas dessa vez, agora pôde encarar os olhos decepcionados da plateia.

— Bom, não foi bem o que esperávamos que um Marcus fizesse, devo admitir. — Hadassa zombou no microfone. Sujo de areia até as sobrancelhas, procurou a imagem da mulher que debochava e a encarou falando. — A prova era encontrar as peças e montá-las do lado de fora do círculo.

— Sim, eu entendi. — Respondeu para ela e sua voz soou mais uma vez nos autofalantes.

—E porque não fez? —Perguntou e todos riram.

Estava em suas mãos. Se respondesse mal à princesa poderia ser visto com maus olhos pelo povo. Entretanto, já soube lidar com momentos semelhantes no passado. Não que sua vida estivesse em perigo como esteve minutos antes, mas fingir simpatia era um de seus dons. Cuspiu um pouco de areia no chão, gargalhou e disse:

— Você tem razão! Sabe como é, de uns tempos para cá acabei ficando

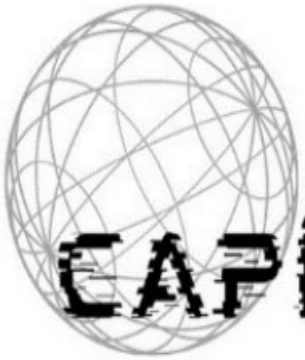
claustrofóbico... enfim, não é culpa dos organizadores, vocês jamais saberiam disso! — Disse sorrindo e ganhou a simpatia dos que o assistiam de novo. Sorriram junto com ele e o aplaudiram.

— Ah, ele não é um fofo? — Hadassa perguntou à plateia fingindo diplomacia. — De qualquer forma, querido, você terá outras chances de mostrar a valentia que sabemos que tem. Uma salva de palmas para nosso bravo competidor, Jonas Marcus!

Ele agradeceu os aplausos com acenos e sorrisos. Sacudiu o cabelo antes de sair deixando garotas suspirando na arquibancada. Piscou em resposta para algumas delas e se retirou da arena. Atrás da porta pôde respirar normalmente de novo. Seu sorriso já não pintava o rosto e a sensação desesperadora de estar preso voltou. Só que agora se enxergava como um animal enjaulado. Tentou abrir a porta por onde entrou mais uma vez, porém não conseguiu. Empurrou-a com o ombro, todavia ela parecia mais fincada aos portais do que nunca estivera, foi o que considerou, já que estava com a respiração ofegante de novo. Até mesmo a roupa o deixava com gastura. Por onde quer que passasse a mão encontrava areia, desesperou-se por um banho. Mas queria banhar-se em lugar aberto, mesmo que não pudesse. O suor minava suas vestes e cabelos, ainda que a temperatura estivesse amena naquele dia. Bateu à porta e pediu ofegando:

—Por... por... favor...

Sem oxigenação suficiente, seu cérebro desligou e ele desmaiou ao lado da porta com o corpo atravessado pelos lados da saleta.



CAPÍTULO 39

UM DIA APÓS A PRIMEIRA PROVA DO TORNEIO, ILHA REAL, NOVA TERRA, SÉTIMO CONTINENTE.

O desejo de tomar banho em lugar aberto não foi concedido, porém ao menos o chuveiro da antiga casa de seu pai era potente. Preferiu não comentar como se sentiu enclausurado após a prova. As janelas da casa tinham que ficar fechadas para que o dono dela pudesse se locomover com tranquilidade. Não era muito grande ou perto da cidade, o que facilitou a exclusão. Ele andou furtivamente pela ilha até sua casa, mas mesmo que andasse livremente pelas ruas ninguém o reconheceria, afinal usava capa e capuz de Dux. Entretanto, após a chegada do filho, soldado e irmão, estava vestindo roupas antigas, como se o tempo tivesse voltado. Algumas não lhe serviram bem, pois a comida de Friaze somada aos treinos intensivos da guarda o deixaram um pouco maior do que quando partiu.

A casa não era enfeitada ou possuía fotos como a casa de Jonas no Brasil, o que o deixou ainda mais inseguro desde o problema com a desobediência. Pelo menos era isso que ele imaginava ser a razão do silêncio. Elai tem um jeito estranho de lidar com a tristeza. Transforma-a em raiva porque acha que a administra melhor, assim como Jonas. As questões não resolvidas na infância o afetaram como pai. Em contrapartida, o garoto por não se ver em lugar nenhum na casa, sentiu que não era amado.

Elai ainda não comentara a prova, apenas disse que assistiu cada detalhe e que assim que a outra estivesse próxima, conversaria com os dois a respeito. Por enquanto precisavam descansar. Zion completou a tarefa, não foi muito bem, quase foi submerso como Jonas. Tom admitiu que dependendo do competidor a prova parecia mais difícil. O tempo de cada um era diferente. Assim como anunciado, a arena se adaptava a capacidade de cada competidor. —Eu só achei estranho o tempo que você ficou debaixo da areia.

— Tom falou durante o café da manhã com os quatro em volta de uma mesa quadrada de madeira. — Você foi o único que passou tanto tempo. Teve o garoto de Iumenta, o tal do Messis. Ele não conseguiu como você, mas não ficou todo aquele tempo debaixo da areia.

— Será que podemos falar de outra coisa? — Jonas perguntou com a boca cheia de pão.

— ... pelo menos foi inteligente com aquela história de claustrofobia. —Tom falou e mordeu seu pão.

—Não era uma história. Falei sério.

Os três o encararam surpresos.

—Sério? —Elai perguntou curioso, ele assentiu em resposta. —Garoto, você é um Marcus! —Tom o repreendeu.

—E daí?

— E daí? Ele disse e daí! Os Marcus não têm problemas psicológicos. —Tom falou chocado.

— Ah, tio, não exagere. Até parece que você não tem medo de nada.

— Claro que não e se falar isso de novo te dou uma surra. — Completou com o punho levantando, Zion sorriu com a dramaticidade e Jonas o acompanhou. —É sério!

— Beleza, tio. Já entendi! — Jonas respondeu com as mãos levantadas em sinal de rendição. —Encontrou o Ben?

—Sim, na saída. —Respondeu inexpressivo.

—Ele está bem?

— Acho que sim. Ele não fala direito comigo. — Tom disse sorrindo triste.

— Sei como é. — Falou, Elai fingiu não notar. — Encontrou mais algum conhecido...?

—Tipo quem? —Perguntou deixando o garoto encabulado. —Você sabe quem.

— Estava no camarote. — Respondeu tristonho de novo. — Ao lado de Ares.

—Quem? —Elai perguntou curioso.

— Uma amiga de Jonas... morava na Ilha do Siri, mas agora trabalha para o reino.

— Que tipo de trabalho ela faz? — O Dux largou o pão em cima da mesa e esperou ansioso pela resposta.

— Ela é praticamente uma cientista maluca. Criou vários dispositivos... é uma mente brilhante. — O irmão mais novo falou um pouco orgulhoso da menina. Havia se afeiçoado a ela.

— Foi para ela que você contou sobre seu medo de lugares pequenos? — Elai agora dirigiu a pergunta para Jonas deixando-o estupefato.

— Co-como...? — Jonas ficou surpreso com a pergunta. Mais uma vez Elai sabia de tudo. — É claro que ela não falou nada a ninguém!

— Para burro, só faltam as penas. (Essa expressão instiga o pensamento de que burro não tem penas, portanto não falta nada para ser considerado um) — O repreendeu com a expressão em português e se retirou da mesa aborrecido.

Sem saber ao certo o que fazer com relação ao pai, permaneceu sentado. Engoliu a raiva que estava sentido para não perder a fome. Ficou com o rosto passível, não tinha interesse em olhares de pena. Seu tio estava carregando um quando o

encarou depois que o Dux se retirou da mesa. Tom se levantou bruscamente, pensando em conversar com o irmão mais velho, Jonas o deteve:

— Não precisa me defender. Se ele quer sentir raiva de mim que sinta, não me importo mais. — Mentiu.

Se importava sim e muito. Parece que desde que se encontraram não conseguem conversar civilizadamente e a saudade que sente só cresce, mesmo que estivessem a poucos metros de distância. Os Marcus continuaram a refeição sem dizer uma só palavra deixando Zion deslocado. Foi uma péssima hora para estar junto deles e seus problemas exagerados.

Mais tarde os dois garotos quiseram andar pelas ruas da ilha em busca de alguma diversão, o que para Jonas significava ficar

quilômetros distante do pai. Estava disposto a passar o restante do dia longe e Zion, mesmo que quisesse se distanciar de Jonas porque eram adversários, não conseguia ficar dentro da casa, portanto aceitou o convite para desvendar os lugares daquela ilha. Caminharam entre as pessoas pelo centro e muitas os reconheceram, contudo, em sua maioria: garotas.

As moças da Ilha Real estavam derretidas por completo. Cochichavam e davam risadinhas por onde os dois passavam. Jonas viveu isso na escola, Zion por outro lado, nunca tinha tido uma experiência como esta. Tentava não se sentir vaidoso, mas o sentimento veio mesmo assim.

— Aproveite, no acampamento ninguém ri assim pra você. — Jonas brincou.

— E se risse arrebentaria a cara. — Entrou na brincadeira. Jonas gargalhou enchendo o local por onde passavam.

Mesmo que fossem quase adultos, ainda havia um pouco de meninice em suas almas, pois sem nem ao menos combinarem entre si, adentraram o comércio de guloseimas da ilha, Colmeia Real. Abarrotada de doces de toda espécie, apenas um vendedor atendia o mar de gente. Era ágil, quase como se possuísse a agilidade da guarda de Friaze.

Zion assistiu hipnotizado a produção de chicletes atrás do balcão. A extensa goma era esticada por braços mecânicos e quanto mais se pensava que a massa

romperia, mais se esticava perdendo a cor. — Nunca viu uma dessas? — Jonas perguntou ao colega que pigarreou envergonhado por ter sido pego. — É eu também não, só na internet.

—O que é a internet?

—É tipo Horloge, só que não tão interessante.

— O que vão querer, garotas? Temos os bombons das ilhas de Nova Terra. Estão quase acabando. — O senhor conversava com umas moças no balcão.

— Hã, quero uma de Germinate. — Falou uma delas e as outras duas pediram o mesmo.

— Ah, muito bem. Gostaram do garoto Kale! — Ele disse entregando os bombons e elas coraram. — Duas numnums de ouro.

— As meninas pagaram e saíram rindo. — E vocês garotos, vão querer bombons também?

—Hã... —Zion buscou palavras.

— Ah, vocês são competidores! — O homem os denunciou. A loja que estava cheia pareceu ainda mais quando ele declarou. — Levem o que quiserem! São presentes! Isso se prometerem voltar aqui.

— Hã... eu... — Zion ficou envergonhado, uma garota desmaiou ao seu lado e ele a pegou antes que caísse no chão.

—Então queremos dois bombons de cada ilha. —Jonas falou ao senhor sorrindo. Piscou para uma garota ao seu lado e completou: — Será um prazer voltar a sua loja.

— Aí, você viu? — A garota perguntou baixinho para a amiga. O vendedor entregou uma sacola cheia de bombons.

— Vem, Zion. Vamos embora. — Ele abanava a menina no chão que depois de certo tempo, só estava fingindo para receber atenção. —Deixe ela aí, alguém vai ajudá-la.

— Ah, sim... — A menina disse se sentando no chão devagar — É, eu estou bem. Obrigada. — Segurou o braço do soldado com força e disse olhando em seus olhos: —Você é muito atencioso.

Ele se levantou rapidamente, coçou a nuca e disse envergonhado:

—Hã, é... então, obrigado. —E os dois saíram da loja. Entrementes, Tom decidiu pescar com arpão algo que pudesse cozinhar para o almoço, deixando Elai sozinho em casa. Agradecido pelo tempo só, se sentou em sua velha poltrona de couro com um livro em mãos. Respirou aliviado por poder passar um tempo só com seus pensamentos sem se preocupar com sua ocupação de Dux. Deixou homens competentes a cargo de Friaze em defesa das Escrituras Originais, portanto poderia relaxar, já que não o fazia há tempo demais.

Pensou em enviar um e-mail para Mara, todavia estava receoso de que algum sinal fosse interceptado, já que não estava na sua terra. Ao menos deixou-a informada sobre início do torneio antes que partissem para a Ilha Real. Estava se sentindo mal por não permitir que ela falasse com o filho, porém ela poderia interferir no treinamento, deixando o garoto mais sentimental. Mesmo relutando

muito, entendeu que se tratava de algo maior e se submeteu a decisão do marido.

Com o livro nas mãos, os olhos passavam pelas palavras e cada letra era conhecida, só que o significado não era decifrado, já que o pensamento estava no Brasil. Não houve um só dia em que não estivesse, mas desde que Jonas chegou a Nova Terra a ideia de que estavam prestes a ser uma família unificada tornava-se mais sólida em suas mãos. E quanto mais real parecia, mais ansioso pelo fim da distância Elai se sentia.

A mente ocupada não o impediu de ouvir um barulho vindo do lado de fora. Pegou a Espada Indestrutível e se colocou atrás da porta. Eram passos para lá e para cá do lado de fora. Quem estivesse ali estava ansioso e talvez não tivesse boas intenções. A maçaneta girou um pouco, Elai levantou a espada com as duas mãos, mas quem a manuseava não foi até o fim. Ouviu uma batida na porta e uma respiração rente a madeira. Calculou que a altura da batida não tinha mais que 1m e 65cm.

Elai girou o restante da maçaneta abrindo a porta rapidamente, era Augusto.

Havia apoiado a testa na porta e caiu no chão quando foi aberta. O homem soltou uma gargalhada pesada fazendo o garoto se levantar num pulo. Encarou-o com os olhos marejados e boquiaberto. O Soberano havia ouvido sua oração, afinal. Na noite anterior pediu com todas as forças que Elai voltasse e lá estava ele, vivo. O homem fechou a porta de novo para que ninguém os visse e antes que completasse a ação, Augusto se agarrou a sua cintura com o rosto já lavado em lágrimas. Molhou sua camisa.

— Ei, vem. Sente ali... — Apontou para a mesa na cozinha e o garoto foi até ela. — Obrigado por me lembrar de ligar meu sistema de segurança. — Elai sorriu e abriu o teclado do dispositivo de segurança atrás da porta. Digitou uma senha e ativou as câmeras, as imagens se projetaram na parede, lado a lado. Fechou o teclado e disse paciente: —Não deveria ter me achado ainda, Augusto.

— Eu orei por isso ontem à noite. — Falou com a voz anasalada —Ele escuta mesmo como você disse.

—É, eu sei. Só que você não deveria ter me visto ainda...

—Tudo bem, eu fico quieto, ninguém vai saber! —Fez um X com os indicadores e os colocou na altura dos olhos. —Eu prometo.

—Tudo bem, mini Amis. — Elai bagunçou os cabelos do menino. —Que bom que veio, senti sua falta.

— Onde você estava? — Perguntou afoito, Elai suspirou. O menino ficou com medo de ser mandado de volta para casa, então disse: — Tudo bem, não precisa me contar... Só me ajude em uma coisa, por favor.

—Qualquer coisa.

— Eu sei que você é capaz de acabar com o labirinto. — Disse rápido e convicto.

—Eu não sou...

— Claro que é — Augusto o interrompeu —, sei que é. Os cientistas do reino estão fingindo que fazem algo. Eu sei que ninguém faz o trabalho direito, porque não é possível! Como um pouco de mato pode fazer aquilo?

— Augusto...

— Não precisa dizer que ele está morto — O garoto continuou com os olhos cheios de lágrimas, Elai se compadeceu e também começou a chorar —, eu sei que ele se foi. Mas não há nada mais terrível do que saber que meu irmão está apodrecendo naquele lugar.

Augusto havia amadurecido muito desde que Zacarias falecera e ao notar isso, o coração de Elai se comoveu ainda mais.

—Vou ver o que faço.

Augusto se levantou da cadeira e abraçou Elai com força de novo, rindo emocionado, o Dux o abraçou forte de volta. Zion e Jonas chegaram em casa e encontraram-nos ainda abraçados à mesa. Os dois não notaram a presença dos recém-chegados. Movido pelo ciúme, Jonas nem pensou duas vezes antes de dizer entredentes:

— Ah, que bom que reencontrou seu filho querido. Fico feliz. — Elai se surpreendeu. Jonas entregou a sacola cheia de bombons para Zion e saiu de casa.

Somente assim Elai compreendeu que seu silêncio estava causando mais estragos do que o sentimento de luto que corroía suas entranhas. Encontrar Augusto apaziguou seu peito que queimava de dor e a tempestade que se formara em seu âmago bateu em retirada, porque agora alguém próximo sofria a mesma

perda. A morte de Zacarias se equiparou a morte de seu melhor amigo Amis. Fazia tempo que não pensava na situação em que esteve quando levou seu corpo até o palácio. E agora, seu filho mais velho, encontrava-se morto dentro de um labirinto, sem que ninguém pudesse enterrá-lo. Augusto partilhava do mesmo sentimento frustrante de impotência, era bom poder encontrar alguém com quem pudesse chorar abertamente. Jonas não entendia isso e jamais poderia, seu pai se cercou de diversas barreiras ao logo dos anos. Pelas ruas da ilha Jonas entendeu no que aquele torneio havia o transformado. Um produto. A primeira sensação foi de reconhecimento de valor, entretanto a falta de privacidade começou a incomodá-lo de forma recorrente. Enquanto as pessoas ao seu redor queriam conversar e tocar nele, notou que não era bom com o público como imaginava

ser.

Entre uma parada ou outra de pessoas insistentes, acabou entrando em uma taberna com tema esportivo. Ficou preocupado em ser notado também, mas os homens que ali estavam só se importavam com suas bebidas. Pouco faziam se ele era ou não alguém importante no consenso dos outros. Respirou aliviado enquanto se sentava em um banco cromado diante do balcão, ao lado de um homem encapuzado que fedia a bebida forte. Os demais ao seu lado bebiam em silêncio enquanto encaravam uma moderna Alta-Tela com propagandas de bebidas. Ao contrário da que encontrou na taberna em Friaze, esta exibia mulheres com roupas indecentes.

—Vo-você... —O barman começou entusiasmado.

— Por favor! — Jonas o interrompeu. — Eu só quero alguma coisa para comer e uma bebida sem álcool. Será que dá pra ser? Fez sinal como se estivesse selando os lábios com zíper, sorriu com os dentes amarelados e bolsões cinzas de olheiras abaixo dos olhos. Os cabelos ruivos pareciam não serem lavados há semanas. — Batatas chips e uma bebida gasosa por conta da casa. Sou Frederico, a propósito. —Falou colocando um enorme copo de vidro no balcão e uma porção de batatas fritas em cortes finos. Encheu o corpo com um líquido esverdeado. — Pra combinar com a ilha pra quem está competindo!

Jonas ficou preocupado com o gosto que o líquido deveria ter, preferiu acreditar que era apenas um refrigerante de limão. Bebericou e tinha razão, só que a adição de açúcar não é tão levada a sério em Nova Terra como é nos outros continentes, por isso fez careta com a acidez da bebida, porém agradeceu.

—Sou fã de seu pai, sabia?

—Hã... senhor, eu prefiro que ninguém...

— Fique tranquilo — Frederico começou se apoiando no balcão —, os homens daqui não ligam muito para essas coisas. Nem nos escutam para falar a verdade.

—Tudo bem, então.

—Espero que ele esteja vivo.

—Meu pai? —Jonas indagou desgostoso, o homem assentiu. — Eu acho que ele está morto. Mas cá entre nós, penso que faz muito tempo.

Ao ouvi-lo dizer aquilo, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Agora vamos conversar sobre os melhores momentos da primeira prova do 1° Torneiro de Heróis de Nova Terra. — Falou a mulher na tela, atrás da cabeça de Frederico. Era a mesma repórter que cobriu o dia da morte de Zacarias. Rita Quiter exibia seus óculos de grau extravagantes. — *Ficamos surpresos com os competidores não é mesmo, LJ?*

— *Sim, com certeza, Rita!* — A câmera cortou para um homem negro mais jovem, com dreads pretos compridos. Exibia um enorme sorriso e vestia terno dourado como o brasão da Ilha Real. — *Alguns por motivos bem controversos...*

Então o rosto de Jonas encheu a tela. Estavam exibindo seu fracasso na prova.

— *Você imaginaria uma coisa dessas, Rita? — A voz de LJ narrava os detalhes.* — Acho que essa geração de Marcus não se saiu muito bem.

— *Mas você há de concordar que ele foi muito fofo ao dizer aquelas palavras no final!* —A tela ficou dividida entre Rita Quiter, LJ e a prova de Jonas. Sua mão saía do meio do círculo e descia para baixo da areia movediça.

— *Esperava muito mais valentia!* — Disse LJ. — *E você só está defendendo o garoto porque é uma Elaizete de carteirinha.*

— *Ah, nem me fale o nome dele, LJ, que falta este homem está fazendo! Se estiver nos ouvindo Elai, volte, precisamos de você.* — Rita disse e Frederico limpou o nariz emocionado. Jonas revirou os olhos.

— *Apesar de tudo, o rapaz ganhou 8 pontos.* — LJ voltou a falar

de Jonas. — *Como ele é um dos competidores mais fortes*

fisicamente — O rosto de Jonas estava estampando a tela com informações a seu respeito, feito um jogo de vídeo game. Assim como o brasão verde de Siri —, *ganhou 10 minutos de prova e ficou na arena todo o tempo estipulado.*

—Tadinho, o menino tem claustrofobia! Uma pena nosso sistema não ser bom o bastante para descobrir isso antes das provas. — Falou Rita. *—Sinto muito, fofinho, continuo torcendo por você!*

— 19 anos, filho de Friaze e residente na Ilha do Siri. Sua mãe é um mistério.... Poderia ser você Rita!

— Não foi por falta de tentativa! — Gargalhou e prosseguiu: *— Eu sempre tive uma quedinha por Elai, mas ele nunca me deu bola. — E é com essa informação desnecessária que prosseguimos para o próximo competidor!* —O homem disse e Rita gargalhou mais alto *—Nilo Victor. O garoto gosta de ganhar, viu?*

Mostrou a imagem de Nilo, um garoto forte como um guarda de Friaze. Alto e negro. Cabelos bem curtos e expressão impaciente. Completou a prova com rapidez, estava bem ágil na areia movediça. Os músculos de seus braços se sobressaíam à medida que lutava contra ela. Levou um pouco de tempo para montar o quebra-cabeça, fazendo Jonas crer que ele é mais músculo do que cérebro.

— Sei não, essa pinta de vencedor vai dar trabalho! — LJ falou e apareceu a ficha do rapaz. Sua foto estava de braços cruzados delineando bem os músculos dos membros superiores, com o brasão de sua ilha estampada ao lado de seu rosto: uma abelha amarela. *— Ganhou 10 minutos de prova, terminou em 7 e recebeu 19 pontos. Lembrando que o máximo é 20 e o mínimo 1. Também tem dezenove anos, nasceu e defende a enorme Ilha Mar de Areia*

— Uau, que pontuação alta! Impressionante. — Rita pontuou impressionada.

—Seguindo a ordem. Nosso competidor daqui da Ilha Real, Kauê Ferrás. Ele é muito novinho, tem apenas 16 anos.

—Ah, que fofinho! —A mulher elogiou.

A imagem da prova de Kauê foi exibida. Não é alto, pele clara, olhos arredondados e sardas por todo o rosto. Foi assim que Jonas o enxergou na tela. Notou que o garoto é rápido, entretanto, terminou faltando cinco segundos para o fim da prova.

— Recebeu 17 pontos e seu tempo estipulado foi de 10 minutos como os outros.

Apesar de novinho, a Comissão Organizadora viu que ele tem fibra!

— Olhe, não vá puxar sardinha para nosso competidor! — Rita brincou.

—Avante, Águia Dourada! — LJ completou fazendo Rita rir mais uma vez. O brasão da ilha apareceu ao lado do rapaz na ficha técnica. A águia dourada brilhava ao lado do rosto do garoto.

—Vamos seguir, então LJ? Ainda há muita coisa para comentar! —Sim, vamos continuar. Messis Lipidus. 14 anos, nascido na ilha que defende: Iumenta. — As imagens apareceram na tela. Um garoto de cabelos compridos apareceu fazendo uma prece enquanto o relógio marcava os minutos restantes da prova. Não a completou. *—Ele é devoto do deus Proelium.*

— Só que o pai é devoto de Messis, presumo. — Rita tentou não caçoar do menino.

— Isso mesmo. Ele demorou para iniciar a prova, portanto recebeu 11 pontos. E recebeu 15 minutos de prova.

— É muita prece para pouco menino! — Rita zombou e LJ a acompanhou nas risadas de fundo. A imagem do garoto apareceu na ficha técnica com o brasão de Búfalo Vermelho. *— Sabemos bem a história de quem gosta de deuses...*

Um vulcão em erupção apareceu na tela, os apresentadores musicalizaram a imagem com risadas.

—Seguindo a ordem... Mansur de Stratus. —O rapaz de cabelos encaracolados e estatura mediana apareceu afobado na tela, também não completou a prova. *— 18 anos, 10 minutos estabelecidos para sua prova, mas ele não deu conta, não é mesmo?! É Golfinhos Rosa, precisam controlar a ansiedade de seu competidor!*

— Pobrezinho, espero que consiga na próxima. — Rita foi solidária.

— Ravi Risus, ficou muito nervoso e pediu para sair da prova. — A imagem do rapaz da Ilha Luna apareceu já do lado de fora do círculo. Magricela, pele clara e estatura mediana. *—16 anos...*

—Ah que novinho, por isso não conseguiu, tadinho!

— Ele recebeu 15 minutos e não ficou nem cinco na arena. Esperamos que esteja bem, garoto! — A ficha técnica surgiu na tela com o brasão de um Macaco Azul.

—Kale Vanitas...

—Eu gostei desse rapaz! —Rita entusiasmou-se.

—... 15 anos, da Ilha de Germinate. Vai lá, Jacaré Marrom! — LJ também pareceu gostar de Kale que finalizou a prova nos 10 minutos estipulados. Pulou na areia com tudo e ao final, jogou beijos para a plateia. Era um rapaz de boa aparência, alto, forte, cabelos loiros na altura das orelhas. *— Ouvi dizer que a Colmeia Real nem tem mais os bombons com o card dele.*

— Claro, o garoto é uma gracinha, não me admira que as meninas estejam enriquecendo os bolsos do dono da loja de doces. —Falou Rita sorridente.

—Esse é mais bonito que Elai? —LJ brincou.

—Jamais! —Disse entre gargalhadas.

— O próximo candidato pode ser que não seja tão bonito quanto Elai também, mas deu o que falar! Paulo Low de Lince. Fez a prova em 9 minutos e tinha 15 para usar. — LJ recomeçou as apresentações e um rapaz baixinho de pele negra apareceu na tela. Ele ficou parado na frente do círculo segurando o queixo com uma mão por alguns minutos, depois pegou um pouco de areia e as observou mais de perto com seus óculos redondos. Compreendeu a prova e ficou de joelhos e mãos apoiados, quase não sofreu na areia movediça. *— Analisou a prova e completou em tempo recorde. Parabéns Paulo!* — A ficha técnica do competidor encheu a tela. 17 anos, Ilha Lince. Apareceu um lince na cor vinho, o brasão da ilha.

— Também tivemos aquele que comemorou jogando areia para cima, Berilo Comoedus de Iter, não é LJ?

— Isso mesmo. 15 anos e teve de tempo 15 minutos. Usou cada segundo na prova.

Berilo apareceu em sua ficha técnica, rosto sorridente, os olhos puxados se fecharam na foto por causa do sorriso.

— Caíque Adrogantiam de Loqui. O povo da ilha podia usar a tecnologia para ajudar esse garoto! —LJ começou.

—Fico com medo da resposta, mas vou perguntar mesmo assim: por que LJ? — Rita brincou com o colega.

— Caíque estava com muita preguiça no auge de seus 17 anos! Deixou a areia o engolir para não fazer a prova.

— Ah, eu não acredito nisso! Acho que ele ficou com medo também, como o colega, Jonas. —Rita defendeu o garoto.

— Eu sei como você gosta de um caso perdido! — LJ disse e Rita gargalhou enchendo o lugar.

—Hoje você está impossível!

—Vamos seguir com a ficha técnica do competidor.

Caíque, usando um gorro e roupas largas que pareciam sujas, surgiu com rosto entediado ao lado do brasão: uma Libélula Lilás.

— E por fim, um dos competidores mais esperados do torneio. Zion Oscar. 18 anos, Ilha de Friaze. Infelizmente sua performance foi um balde de água fria em nossas expectativas!

—Você achou? Eu gostei dele, tadinho.

—Seguem as imagens...

Zion ficou confuso com a prova, não sabia o que deveria fazer, olhava para todos os lados como se procurasse alguma coisa. Jonas compreendeu aquele olhar, ele esperava algum monstro, ou algo mais empolgante do que areia movediça. Quando terminou, os dez minutos já estavam vencendo.

—Viram só?

— É, agora olhando melhor, realmente esperava mais... ele é um friazense né?! Eles parecem tão... fortes... —Rita concordou com LJ. Enquanto a ficha técnica de Zion preenchia a tela junto do Leão Branco, brasão de Friaze.

Ao encarar o brasão da ilha, a pele de Jonas ficou arrepiada. Se lembrou do dia que o encontrou na Ilha do Siri e depois teve um pequeno vislumbre de sua imagem em Friaze. Ainda não tinha certeza se não era a sua cabeça pregando peças. A mente insistia que ele estava louco enquanto seu coração batia forte, sinalizando que esteve cara a cara com ele.

— Nós nos despedimos de vocês, por hoje. — LJ falou ao lado de Rita.

—Sim, foi um enorme prazer cobrir o primeiro dia de competição. Mas antes de nos despedirmos, temos um agradecimento vindo do Palácio Real. — Rita segurou um papel para ler enquanto falava. — *Recebemos em primeira mão a informação de que uma jovem da Ilha do Siri foi responsável pelo aprimoramento das provas.*

—Uau! Isso é ótimo.

O peito de Jonas ficou apertado para ouvir o restante daquele anúncio.

— Sim, ao que tudo indica, ela colaborou de forma significativa na Comissão Organizadora do Torneio. E o melhor nem é isso — Rita pousou a folha em cima da mesa e disse: — *Ela é uma menina de 18 anos. Muito nova, atingiu a maioridade em maio, acredita?*

— Meus parabéns, mocinha...? Como é o nome da mente brilhante por trás do Torneio?

— Bom, ela não foi a mente por trás de tudo, mas colaborou muito. E o nome dela é Abigail Tales.

— Isso é incrível! — Os créditos começaram a subir na tela. LJ completou: — *Espero que outras moças nessa idade sigam seu exemplo.*

—Eu também! E com essa notícia de que sim, as garotas podem ser engenheiras, me despeço de vocês! — Rita deu adeus aos telespectadores sorrindo e acenando.

— Sim, é verdade. Não só engenheiras, como jornalistas de primeira também! Até a próxima, pessoal! — LJ acenou também e piscou para a câmera.

— Essa garota deve ter dito algo muito impressionante para conseguir alguma coisa no palácio... — Frederico iniciou conversa depois que a tela voltou a exibir propagandas de bebidas alcoólicas — desde que Ares se tornou comandante e marido da princesa, ninguém consegue acesso para falar abertamente.

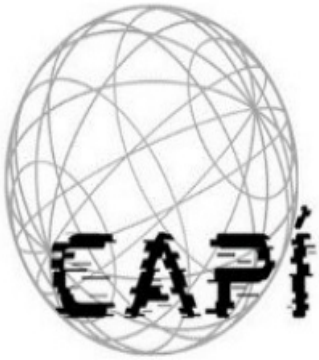
— Os dois devem ter propósitos parecidos. — Falou Jonas se dando por vencido. Ficara claro que Abigail estava aborrecida com ele.

— Com certeza. São 10 numnums de ouro. — Frederico disse com a mão estendida na direção de Jonas.

—Pensei que seriam por conta da casa!

— E eu pensei que você era um competidor melhor, nós dois nos enganamos. — Respondeu impaciente.

Jonas jogou 10 numnums na direção do homem. Poupou seu salário semanal antes de sair do acampamento militar em Friaze, ao menos assim seu tio não precisou desembolsar mais nenhuma grana como vinha fazendo.



CAPÍTULO 40

ARENA, ILHA REAL, NOVA TERRA, SÉTIMO CONTINENTE.

A prova seguinte foi um pouco mais interessante. Na ordem das melhores pontuações, os competidores iniciaram a prova. A arena mudara de tamanho, agora tratava-se de um enorme corredor com o solo arenoso, mas antes de começarem a prova, todos foram convocados para o centro dela

— Sejam todos muito bem-vindos. — Ela iniciou as saudações e a plateia aplaudiu — Já estamos na segunda prova do 1° Torneio de Heróis em Nova Terra, a penúltima para descobrirmos um herói em nossas terras. Isso não é maravilhoso?

As pessoas nas arquibancadas gritavam entusiasmadas, principalmente porque nenhuma delas sabia exatamente o que poderia acontecer naquele lugar. Estavam a salvo. E talvez essa seja a constatação mais complicada a respeito da maioria das pessoas: a incapacidade de se colocar no lugar do outro. Olhando para todas aquelas pessoas bradando animadas, Jonas pensou no que é entretenimento. Recordou de seus livros favoritos, onde crianças são forçadas a competir em jogos.

— Hoje, a prova é corrida de obstáculos. Quem fizer em menos tempo vencerá.

Lembrando que alguns receberam cinco minutos a mais porque nosso reino é justiça. — Hadassa finalizou sendo ovacionada, enquanto Jonas ria debochado na arena abaixo dela. —

Nilo Victor é o primeiro, portanto, o restante dos competidores, voltem para seus compartimentos.

Obedeceram sem reclamar. Exceto Jonas, sua mente fervilhava, pois acreditava que a saleta em que foi posto estava ainda menor do que antes, deixando-o inseguro na entrada. Deu uma última encarada nos camarotes buscando o vislumbre dos cabelos loiros de Abigail, porém não a encontrou. Não aguentava mais o silêncio. Queria poder tirar a história a limpo. Entender se realmente ela se juntou a Ilha Real com intenção de vê-lo sofrer, ou se só estava chateada por não tê-lo visto nos últimos meses. Aquela altura, pelo tanto que já se conheciam, defendia a ideia de que ela, mesmo que soubesse o que aconteceu, compreenderia. Não havia nada que ele pudesse fazer na época, talvez agora, que entende melhor quem é o monstro protetor da Redoma pudesse tentar algo.

A enclausurada sala estava o esperando, como um corredor fino o aguardava para mastigá-lo. A pressão em sua cabeça era tanta que mal conseguiu ver a luz vermelha piscar acima de sua cabeça. Foi preciso um guarda buscá-lo. Era o 8° competidor a ser convocado, o que indica a péssima posição no ranking.

Estava suado e a tinta em seu rosto não tinha mais o mesmo aspecto, entretanto, não escorreu, o que era um bom sinal. As luzes da arquibancada estavam apagadas como no outro dia. Olhou o céu e encarou um pouco as estrelas. Abaixou os olhos de novo e vislumbrou a pista de corrida. Ela faz algumas curvas e obstáculos de madeira o que dificulta as passadas em alguns momentos. Nada que não fosse capaz de fazer. O cronômetro marcava um enorme 10. Ele se aproximou da linha de saída e o relógio começou a contar. Disparou a correr.

Estava tão veloz que nem mesmo a plateia, que deveria ficar em silêncio, conseguiu se conter. A cada obstáculo vencido, um gritinho de aprovação. Quando estava prestes a finalizar mais uma volta, um buraco surgiu no chão engolindo o solo arenoso. Assim que o viu parou abruptamente, temeu que o restante do chão cedesse e o engolisse também. Alguém na plateia gritou “vá em frente” e foi como se uma luz se acendesse em sua mente. Pulou por cima buraco e continuou a corrida. Estava quase chegando a linha de chegada quando ouviu o barulho de engrenagens na sua nuca, recordou a

primeira vez que viu Abigail e seus vagalumes de metal. Apressou o passo sem olhar para trás, imaginando que deveria ser um dos aprimoramentos de última hora. Chegou ao final da corrida e sentiu uma picada forte no quadril. Seu corpo deu um leve tremor, sentiu a pele queimando de dentro para fora. O estômago embrulhou, porém permaneceu de pé. Agarrou o objeto que o havia perfurado com força. Um choque ardeu em sua mão, mas o puxou com força e então se virou para encarar o que tinha o machucado.

Viu um enorme escorpião de metal. Ele o havia ferroado e no lugar do veneno: eletrochoques poderosos. Quando as luzes se acenderam a surpresa estava estampada no rosto da plateia. Vira a imagem de um Jonas ofegante e com a mão no local ferido. Desde que essa prova começou, aqueles que receberam o eletrochoque caíram ao chão. Kauê da Ilha Real precisou de socorristas ao fim dela por causa de uma arritmia. E lá estava Jonas, inteiro e bem após o desafio. O silêncio de surpresa entre a arquibancada foi breve, pois logo foi aplaudido de pé.

O garoto acenou sorrindo para aqueles que o assistiam. Compreendeu naquela hora o que significava ser escolhido pela Voz de Muitas Águas e sentiu seu corpo arrepiar inteiro.

—Obrigado. —Falou e sua voz repercutiu em todo o lugar. Voltou para sua sala mais confiante, apesar de ainda se sentir estranho com relação a sua dimensão.

***

A luz vermelha acendeu e Zion já estava com a mão na maçaneta pronto para começar. Havia se sentido inútil desde a primeira prova e sabia que o Dux não estava contente. Ele prometeu ajudá-los antes da prova, mas se ocupou com fórmulas de botânica todos os dias desde que o príncipe Augusto apareceu. Às vezes o garoto aparecia em momentos inesperados, ofegante como se sofresse de asma. Jonas estava aborrecido, então os dois mal se encontraram.

Porém, fosse como fosse, apesar de toda a tensão fazendo-o desejar voltar para casa, girou a maçaneta com determinação. Compreendeu no instante que viu a pista que não seria apenas uma

prova de corrida. Naquele momento seu instinto dizia que havia muito mais.

Sentiu vontade de arrancar os tênis de corrida que lhe deram, eram inúteis para sentir a terra, talvez fosse por isso que não conseguiu se sair bem na prova anterior. O cronômetro marcando 10 minutos estava logo no alto, ia começar. Correu até a linha de saída e ainda mais no meio da pista.

Os obstáculos quase lhe fizeram adormecer e ele concordou que aquela prova era fácil demais, e se fosse fácil demais era uma afronta a sua capacidade. Fora proibido de usar sua agilidade da guarda e mesmo assim, como estava longe de casa, não funcionava tão bem.

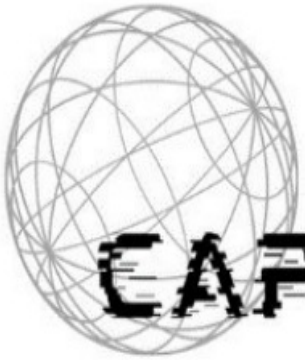
Deve ter algo a mais.

O escorpião surgiu do fundo do solo logo à sua frente. Demorou- se um pouco, em performance de sua entrada triunfal. O garoto segurou o riso diante do robô escalafobético. Era muita informação. Enquanto ele subia à superfície, uma pequena luz verde piscou dentro de carcaça de metal. Zion notou que aquele era o centro de sua vida sem coração. A cauda atingiu o ar a centímetros de distância na direção do olho esquerdo do rapaz, que desviou por muito pouco. A descarga elétrica que armazenou para aquele momento brilhou na ponta do ferrão.

— Então o bichinho dá choques... — Zion falou zombeteiro e o som se sua voz preencheu a arena. Em resposta, a plateia o aplaudiu gargalhando.

De forma ágil, mas ainda sem usar seu dom de guarda em Friaze, escalou o robô e pulou em cima de sua cabeça. O animal de aço balançou e lançou sua cauda na direção de seu oponente de carne e osso. Gargalhando alto, pela facilidade que achou naquela prova, enfiou a mão entre a couraça de metal e puxou com toda força o que encontrou lá em baixo. Fios foram desconectados deixando o escorpião jazido no chão.

A plateia, hipnotizada com Zion, o aplaudiu de pé e ele finalizou a prova antes do término estipulado. Havia recuperado sua confiança, afinal.



CAPÍTULO 41

PALÁCIO, ILHA REAL, NOVA TERRA, SÉTIMO CONTINENTE.

Finalmente alguém o havia impressionado. Desde que as competições começaram, Ares estava crente que o Palácio poderia ser tomado à força. Sabia que qualquer um poderia adentrar o castelo, já que todos estavam ocupados com o torneio. Naquele dia, resolveu assistir as provas pelo televisor no salão de mídia e foi assim que concordou que Zion era um ótimo competidor. Detectou, enquanto o assistia, que a forma como agia era muito semelhante ao que soldados como ele aprenderam no Acampamento Militar Real. Aquelas técnicas de combate eram familiares.

Ainda que tivesse uma leve impressão, não acreditava por completo que Elai estava vivo, pelo menos até encontrar aquela raridade em cima do escorpião de metal. Escancarou a boca em um sorriso debochado e aplaudiu junto da plateia.

— Então você está vivo mesmo! — Se levantou do sofá e gritou irônico para a tela como se Elai estivesse na sua frente. — Que grande prazer.

Recolheu o sorriso e mordeu o ar com força. Seu rosto inteiro tremeu. Imaginando o homem que tanto detestava à sua frente, desferiu diversos socos no vazio. Quando seus músculos arderam pelo movimento repetitivo, grunhiu

alto como um animal enjaulado. Caminhou de um lado ao outro pensando no passo seguinte

enquanto reposicionavam cada obstáculo e reconectavam o escorpião na arena. Estava disposto a fazer qualquer coisa para resolver o enorme empecilho chamado Elai e seu coração batendo. Pouco importava se ele era aclamado por todos e que talvez sua morte fosse de grande comoção para o povo de Nova Terra. Só precisava do plano perfeito, que o tirasse da cena do crime, assim como ocorreu na morte de Zacarias.

Augusto, depois de passar o dia com Elai fazendo testes para que o labirinto fosse extinguido, voltou para casa. Não sabia, todavia, que seu padrasto estava no palácio naquele momento. No sistema de segurança projetado ao lado da tela por onde encarava Zion finalizar um dos escorpiões de metal, viu o enteado no jardim jogando um líquido transparente nas raízes do muro gramíneo.

Então você voltou a frequentar o jardim? Seu irmão deve estar com saudades de você no inferno. Pensou maldosamente e sorriu do que acreditou ser um comentário digno a um comediante.

— Que tal uma visitinha? — Perguntou a imagem do menino no sistema de segurança.

— Senhor? — Um dos guardas reais apareceu e ao ouvi-lo falando ficou confuso.

— Estava falando sozinho. — Respondeu mal-humorado — O que quer?

— ... há um bêbado fazendo baderna no portão principal. — O soldado falou sem graça.

— E você quer que eu resolva para você? Soldado! Tome vergonha, como ousa me incomodar para cuidar de um bêbado? — Indagou ríspido, encarou a imagem do garoto de novo se decidindo quanto tempo deveria esperar para dar cabo de sua vida também.

—Ele exige falar com o senhor. —O soldado insistiu.

— Ah, e porque ele exige você achou que eu deveria falar com ele?

—N-não, é que as portas sempre estiveram abertas... —O rapaz ficou escarlate quando se deu conta do problema em se meteu — e como o senhor está aqui, pensei que talvez...

— Pensei que talvez — o imitou ridicularizando sua voz —, ponha-o para fora! Veja se eu vou perder meu tempo falando com um bêbado! Você é quem bebeu, só pode!

Desconcertado, o rapaz saiu com pressa na direção do portão principal. Como Ares não havia visto nenhum movimento estranho pelas câmeras de vigilância, semicerrou os olhos como se algo estivesse escondido na imagem e enquanto se concentrava, viu o soldado chegando confuso, pois não encontrou quem deveria mandar para longe.

As luzes do palácio piscaram. Ares levantou os olhos e viu que algo estava errado. Encarou as imagens de vigilância e encontrou Augusto se assustando com a falta de iluminação também. Em seguida, o viu correr na direção do portão leste desaparecendo na rua.

Para onde o pestinha foi?

As luzes foram apagadas por completo. Alguém estava invadindo, seu temor tornou-se realidade. Mas assim como acreditava que fosse possível, se preparou para o momento. Talvez essa fosse sua chance de comprovar que o palácio não havia perdido nada com o desaparecimento de Elai. Imaginou se não era o próprio tentando fazer uma aparição mais teatral, se fosse, estava na hora de descobrir qual dos dois era mais forte. Apostava tanto em si que puxou uma besta debaixo do sofá já com o indicador próximo ao gatilho. Queria tanto alvejá-lo que se decepcionaria se não fosse seu adversário de infância o audacioso que adentrara o local. Acionou suas lentes de combate pelo Horloge e vasculhou a área em que estava, mesmo que soubesse que ninguém conseguiria estar ali. Desceu as escadas devagar, em silêncio. Evitava longas inspirações para que sua respiração não fosse ouvida. Estava poupando-a para o que estivesse por vir. Suas lentes funcionavam perfeitamente em visão noturna, só que quando terminou de descer a escada, pararam. Seu Horloge desligou sozinho. Ficou no completo escuro, sorriu da ironia. Em sua mente a ideia de que era Elai o autor de todo o pane ficou ainda mais fixa. Não conhecia ninguém que tivesse capacidade de fazer algo semelhante.

Todas as janelas do primeiro andar foram abertas e o vento balançava as cortinas de linho deixando a luz do luar adentrar o lugar. A situação fantasmagórica deixava-o tão nervoso, que uma risada irônica se instalou em sua garganta, pronta para ser solta assim que encontrasse o homem por trás daquela afronta. Seus

olhos não tiveram outra alternativa a não ser acostumarem com a dificuldade. Sua audição tentava compensar a falta de estímulos visuais, mas foi um trabalho árduo, já que o silêncio imperava absoluto.

Pouco depois o som de algo de vidro partindo-se no chão atrás de si chocou o silêncio, o fazendo virar com violência em sua direção. Pé ante pé, agora mais rápido, foi até o salão principal e em cima da mesa de jantar, todos os soldados da guarda real que foram escalados para a ronda naquela noite, estavam amarrados e amordaçados. Cordas brancas e fitas acinzentadas. Seus olhos arregalados em pavor não só demonstravam o temor à destreza com que foram pegos, mas também o medo de serem punidos pelo Comandante que os encontrou. Tanto treinamento para nada, Ares pensou e riu baixinho, afinal os homens amordaçados eram soldados do comandante desaparecido.

Aquela era prova de que havia mais de um invadindo. Mesmo que o mais prudente fosse desamarrar seus homens para auxiliá-lo, sabia que aquilo era fácil demais. Havia uma armadilha. Encarou o teto acima da cabeça dos soldados aterrorizados e encontrou um homem pendurado no lustre. As cortinas balançaram e a luz adentrou o lugar, a sombra do homem pendurado exibia olhos amarelados como um animal selvagem.

Antes que ele pulasse em sua direção acertou um dardo em seu pescoço, ele arfou e desapareceu. Sem saber se era sua mente pregando peças, perguntou aos soldados:

—Há mais algum deles aqui?

Negaram com a cabeça em resposta.

Para ser o herói daquela história, os abandonou em cima da mesa e percorreu o castelo atrás do restante dos invasores. Torcia com toda sua força que estivessem acompanhados de Elai. Queria tanto que ele finalmente fosse homem o

suficiente para encará-lo cara a cara, que não considerou o quão louco era aquele plano. Liderar não é apenas comandar pessoas ou arquitetar estratégias. O cargo de Comandante estava consumindo Ares de forma traiçoeira, levando-o a loucura. Desde que se casou, estava crente que era superior até mesmo que o rei. O enxergava como um estúpido, que não o viu rastejando das profundezas até o seu

encontro. Traindo os interesses da coroa, se jogou no escuro. Ignorando o medo de ser pego, deixou seus passos pesados.

Cheio de si, abriu a Sala de Reuniões na intenção de selar o local. Elai não poderia ter acesso ao coração das tomadas de decisões. Mesmo que aquilo não significasse absolutamente nada. Demorou anos para conseguir entrar naquele lugar e agora o considerava seu por direito. Quando escancarou a porta, encontrou um homem assentado na poltrona do rei com os olhos na mina de Caelum Arcus. Seus soldados o rodeavam, mas não impunham os arcos ou bestas.

— Elai? — Indagou com a voz irada. O homem assentado se virou, porém, seu rosto estava encoberto por um capuz e pela escuridão. — Muita audácia sua achar que pode entrar no castelo dessa forma... — Ares mirou o homem no rosto e ele acendeu um cachimbo iluminando um pouco suas duras feições.

— Por que não cala sua boca e se senta comigo? — O homem perguntou com o cachimbo na boca, tragou um pouco e depois soltou a fumaça no ar. —Não foi um pedido, Ares.

Seus soldados fizeram-no se sentar com força. Sentiu-se menosprezado. Se fosse para se sentar, deveria estar no lugar do audacioso. Com o rosto contraído em ódio, se calou e esperou mais informações.

— Agora que se calou, queria te dar os parabéns — o aplaudiu irônico —, vamos aplaudir o homem mais inteligente da Ilha Real, meus garotos! — Os soldados o acompanharam. — Sua inteligência nos impressiona.

— E por que eu acho que estão caçoando de mim? — Ares perguntou rispidamente. O homem parou de aplaudi-lo, sorriu com o cachimbo entre os dentes e disse:

— Continua me surpreendendo. Acho que seu QI aumentou desde que subiu tão sorrateiramente ao poder.

— Você não faz ideia do que fiz para conseguir o que tenho, e se acha que vou lhe dar de mãos beijadas está muito enganado.

— Você já me deu, Ares, não percebe? Seus soldados estão lá em baixo e você aqui sozinho. — O homem disse despreocupado e tragou mais um pouco o fumo em sua boca — E o que exatamente acha que tem?

— Como assim o que eu acho que tenho? Sou Comandante da Guarda Real e...

— Comandante de uns soldadinhos muito meia boca, que demos conta quase com as mãos nas costas... e olha que estamos em menor número. Você é uma piada! Ele não é uma piada, garotos? — Perguntou aos soldados gargalhando com desdém.

— Eu — Ares falou mais alto que as risadas, marcando sua presença —me casei com a princesa deste Reino...

— E pelo o que eu sei, existem outras princesas neste castelo... mas novas demais para se casarem com você! Tenho certeza que elas agradecem muito por isso. —As risadas preencheram o lugar. — E você o que fez? Já que é um homem tão bom assim, o que fez? Não é capaz de mostrar seu rosto! Se quer me matar, poupe meu tempo e adiante o processo. —Ares finalizou jogando as costas no encosto da cadeira: —Ainda quero aproveitar o pós vida.

— Antes de tudo, quero dizer que no seu pós vida terá exatamente tudo que merece. — O homem falou com convicção, deixando Ares confortável e vaidoso. — Quero destacar aqui, que se eu puder contribuir para que você tenha o melhor de tudo que merece, eu o farei.

— Quem é você para garantir que eu terei tudo que mereço? É por acaso o guardador do pós vida? —Ares perguntou desconfiado. — Eu sou o aquele que mudará o rumo da história, inclusive a sua. Gosto do que vejo no seu futuro, Ares. — Apertou o botão na mesa que revelou o globo dourado.

O mundo falso se movimentou, então o homem colocou o indicador em cima de Nova Terra e o planeta parou assim que o fez. Ares sentiu que o vento que

adentrava as janelas do palácio parou de circular fazendo calor. Ele retirou o dedo e o lugar ficou fresco de novo.

— Sabe, Nova Terra é um dos lugares no mundo que eu mais gosto e quero cuidar de tudo que existe aqui, ao máximo que conseguir... porque, veja bem, eu tenho muitos domínios, porém existe um Reino que vez o outra, toma posse do que é meu. Você não odeia quando isso acontece? Quando alguém toma o que é seu?

Ares o encarou confuso, não entendeu uma só palavra que ele disse.

— Vou encarar isso como um sim. — Esperou que Ares se manifestasse, entretanto ele nada disse. — Continuando... eu quero comandar. Assim como você! E bom, eu sei que no fundo já desejava que eu ressurgisse dos mortos!

—Quem é você? —Ares perguntou de novo, pausadamente.

— Estou muito ofendido, Ares. Não me reconhece mais? — O homem indagou com os braços estendidos — Sou eu, Draco! Coisa feia o que fizeram com minha cidade!

— Draco?

— ... aqueles explosivos foram mesmo de matar! — Falou e soltou uma gargalhada acompanhada de seus soldados. — Mas, eu sei que você é um zero à esquerda, que jamais seria capaz de fazer alguma coisa contra mim. Só que o filho de Friaze, fez. Foi só ele chegar que as coisas desandaram.

— Elai?

— Não, a prole dele: Jonas. O garoto é só confusão, não é mesmo? — Draco perguntou fazendo piada. — Parece um teatrinho infantil: “Jonas o serelepe, peralta. Só arruma confusão.” Anota aí — apontou para um dos soldados mais próximos a ele —, vai dar um bom enredo.

— Meu alvo é o pai dele. — Ares admitiu tranquilo, o pior já passara, *estou diante do “mosca morta” do Draco, ele não representa nenhum perigo.*

— Esse é um dos momentos em que eu mais me impressiono com sua burrice.

Sei que comecei elogiando você, mas estou surpreso como não mudou absolutamente nada. Continua o mesmo idiota de sempre, que anda pelas ruas da ilha falando asnice.

— Como? — Ares perguntou se levantando com o punho fechado.

— Sente aí, machão. — Ares ordenou e os soldados fizeram o serviço. — Estou aqui oferecendo ajuda e você querendo acabar comigo! Que falta de respeito...

—O que você quer comigo?

***

Horas depois, Ares voltou ao salão principal com o rosto lívido e respingos de sangue no uniforme. Cortou as cordas e fitas que prendiam seus homens como se nada tivesse acontecido.

—Comandante? O senhor os aniquilou sozinho?

—Alguns. O restante fugiu.

As luzes voltaram e assim como elas, todos os residentes da casa, nobres e criados que foram assistir a segunda prova do torneio. Hadassa, ao ver Ares por perto, saiu de fininho na direção das escadas.

— Voltou, amor? — Ares a interceptou antes que sumisse de vista.

— Sim, Ares. — Respondeu. Ele foi em sua direção para beijá-la e ela desviou o rosto.

—Que bom que chegaram... —Ele disse fingindo ternura.

— Por que está sujo de sangue? — Hadassa perguntou atônita. Outros ouviram e se aproximaram. O rei já estava se retirando para seus aposentos quando a ouviu e voltou-se para Ares.

— Felizmente não é meu. Alguns homens invadiram o castelo, como eu suspeitava. — Falou e subiu dois degraus da escada, como se estivesse em um palco aclamado. — Não estamos em terras seguras, como acreditávamos,

Majestade. Entramos em tempos difíceis.

—Reconheceu algum deles? —Perguntou o príncipe Mateo.

— Sim. Gostaria que meus olhos não tivessem o visto, eu confesso.

— Falar por enigmas nunca foi seu forte, Comandante — Falou Seth sem paciência. Se recusava a chamá-lo pelo nome. — Diga logo o nome dele.

— Elai.

Todos se apavoraram com a possibilidade. O coração de Hadassa ao ouvir aquele nome deu pulos. Sempre soube que estava vivo.

— Isto é impossível. — Disse o rei inconformado. — Elai jamais nos trairia desta forma. Adentrar os portões à força, quando ele tem total liberdade para viver entre nós? Isto é impossível! Ele está

morto. Prefiro crer que o homem que amo como um filho está morto do que acreditar que ele se escondeu para nos pegar de surpresa.

— Infelizmente, Majestade, cometeu um engano. Elai quer usurpar vosso trono. —Ares disse categoricamente.

— É mentira! — Augusto gritou a plenos pulmões. — Elai não quer o trono de meu avô e não precisa dele!

— Como pode ter tanta certeza assim, garotinho? — Ares indagou com os olhos semicerrados. Augusto permaneceu com o queixo levantado, mesmo que seus olhos indicassem que guardava um segredo.

— No meu coração. — Apontou para seu peito. — Eu confio de todo meu coração que se meu tio Elai está vivo e que tem suas razões para ficar escondido. Também creio que ele não tem nada a ver com a invasão. Se é que ela realmente aconteceu.

— Majestade. — Os soldados da guarda se ajoelharam diante do rei e um deles continuou. — Se me permite, gostaria de dizer algumas palavras.

—Vá adiante. —O rei consentiu.

— Nosso Comandante fala a verdade — começou humildemente de cabeça baixa —, o castelo foi invadido. Fomos amarrados e amordaçados à vossa mesa de jantar. O Comandante aniquilou parte deles enquanto estávamos amarrados e o os outros sobreviventes conseguiram escapar.

Todos os monarcas encararam Ares mais uma vez e uma torrente chuva de granizo caiu ao redor do castelo. Pedregulhos afiados de grande força salpicaram o jardim. Ana, criada da princesa se recordou da última vez em que viu isto acontecer, 32 anos antes. O ano em que o destino do reino foi mudado para sempre.

— O rei perderá tudo que tem — cochichou para si mesma recordando o terrível dia em que encontrou a Oráculo.

Ignorando o restante da discussão sobre Elai ser ou não o autor da invasão, Ana andou silenciosamente até a janela que imprimia a imagem do jardim. Um raio pintou o céu iluminando tudo ao redor. Não sentiu medo, era como se fossem velhos amigos. Mais outro raio e então a chuva. Encarou as pedras feitas de água congelada caírem no gramado e desejou que tudo aquilo acabasse. Fechou os olhos em prece, como aprendeu ainda criança e quando os abriu lá

estava o mesmo homem, com o corpo feito de cobras. Lágrimas se precipitaram em seu rosto, já ciente do que viria a seguir. O presenciou uma vez e lá estava ele escondido entre os arbustos, aproveitando-se da alma do reino e enganando-os mais uma vez.

— Isto é mentira. — Falou em voz alta. Não veria sua majestade em apuros de novo. Mas ninguém lhe deu ouvidos. Talvez fosse a idade batendo à porta e enfraquecendo sua voz. —Isto é mentira. — Gritou desta vez e todos a encaravam. Ares fechou a cara carrancudo. — O homem enganador está nos arbustos de novo. Quando o príncipe Danilo foi enganado por aquela mulher que se dizia Oráculo, ele apareceu no jardim e lá está ele de novo.

— Está me chamando de mentiroso? — Ares vociferou para a criada.

Hadassa se aproximou com cuidado, crendo que ela estava com problemas sérios de sanidade. Ignorou o marido por completo, assim como todos os outros

membros da família. Ninguém mais se importava com o que ele dizia, o que o deixou desconcertado e com muito ódio. A princesa olhou pela janela e não encontrou ninguém. — Ana, você está muito cansada. O que acha de se deitar um pouco, sim? — Hadassa colocou a mão em seu ombro para redirecioná-la, mas a mulher resistiu.

— Primeiro: raios. Eles rasgam com céu como garras enormes. — Falou cheia de convicção. — E depois a chuva. Pedregulhos que batem com força na janela... parecem pedras negras afiadas. E então o homem no jardim. Cobras sobem e descem de seu corpo. Ele é o sinal do engano. “O rei vai perder tudo que tem”, ela disse.

—Ela quem? —Hadassa perguntou afoita.

—A Oráculo.

— A esta altura a Oráculo já está morta há anos. — Falou o rei paciente. —Ana, você precisa se deitar.

— Vossa Majestade não vê? Todos os sinais estão aqui. — Ana se ajoelhou aos pés do rei e agarrou suas vestes com força. — Precisa entender, o enganador acabou com o reinado de seu pai.

— Ana, querida, sei que amava meu pai e sei que ama nossa família, mas não há pelo o que se preocupar.

— Não está vendo no céu? — Ela apontou para a janela e assim que o fez outro raio o cortou. O rosto de Augusto se iluminou e ele

sentiu medo, encolheu-se ao lado da mãe.

— Querida, não há nada no céu. — O rei tentou tranquilizá-la. — Nunca vi noite de primavera mais bela.

Augusto, que via a chuva de granizo torrente do lado de fora, arregalou os olhos incrédulo. Como seu avô podia dizer algo como aquilo?

— Vossa Majestade tem razão, Ana. — Hadassa pousou as mãos nos ombros da mulher que cuidou dela por anos. Sentia-se na obrigação de fazer algo. — O céu

está limpo lá fora. Não há pedregulho algum. — Segurou o riso para não desrespeitar o delírio da mulher. —Vamos, você precisa se deitar.

Levou a senhora para seus aposentos no mesmo andar. Ana, enquanto caminhava pelas janelas à sua direita, via mais da terrível chuva avassaladora. Olhou para trás e ouviu um trovão muito alto, como se enormes pedras tivessem se chocado no céu. Já estava acreditando que aquilo não passava de sua mente pregando-lhe peças, porém, quando encarou Augusto, ele também se assustara com o barulho estrondoso. Ele olhava para a janela aterrorizado assim como ela. Não estava louca afinal.

Mais tarde enquanto dormia, sonhou que estava flutuando num profundo mar, as águas a puxaram para baixo com violência, entretanto, ela não conseguia nadar para cima. Quando seu corpo a levava para mais perto da superfície, sentia que a água estava sólida, como um enorme véu espeço feito de algodão. O ar lhe faltou, só que seus membros não se moviam, não obedeciam, mesmo em desespero. Quando já estava com o peito ardendo, clamando por ar, tudo ficou claro. Sentiu que seu corpo agora flutuava de novo, acima das águas.

No mundo real, um Ares cheio de furor deixou o quartinho humilde segurando a arma do crime: um de seus travesseiros. Ana, porém, flutuava acima das águas profundas em plena paz. Seu corpo, todavia, permanecia seco e frio em cima da cama.



CAPÍTULO 42

OUTUBRO DE 2014, ILHA REAL, NOVA TERRA, SÉTIMO CONTINENTE.

— Última prova, então... — Tom começou a conversa durante o café da manhã no primeiro dia do mês de outubro. Olhava para Jonas procurando entender o que se passava em sua mente. — O último dia do torneio.

Jonas ainda estava indecifrável, Elai se culpava e não sabia como resolver a situação. Conversar não era seu forte. Mara que era boa nisso e estava certo de que assim que estivessem juntos de vez, enfrentaria problemas sérios para se expressar. Encontrá-la uma vez ao ano por 30 dias não facilitava bem as coisas, tornava o relacionamento um mistério, porque por mais que se conhecessem há anos, haviam lacunas gigantescas entre eles. Principalmente agora que não sabia o que fazer. Não é bom com palavras e encarar o garoto esperando que ele faça o serviço não foi boa ideia, pois ele o encarou de volta.

“Mais parecidos, impossível!” Foi o título de um dos e-mails que Mara mandou a Elai no início da adolescência do filho. E ela está coberta de razão.

A mente de Jonas o jogava por todos os lados entre as paredes da cozinha. Só que ninguém o via de verdade. Por fora a expressão indecifrável e por dentro um turbilhão de pensamentos. Talvez fosse seu último dia na terra e queria poder

conversar com Abigail, esclarecer os mal-entendidos, confessar os erros e se reparar. Mas

do mesmo jeito, a vontade de pegar um navio e zarpar para fora da Redoma reverberava em sua mente. Teria que ter feito de madrugada antes de todos acordarem, em contrapartida, teve medo de que o sistema de segurança do pai o delatasse, ainda não tinha aprendido tudo que precisava para desarmá-lo. Seu pai encobriu isso também porque sabia que bastava contar-lhe uma vez e ele se lembraria.

— E aí, ansiosos? — Tom perguntou aos garotos. Jonas o encarou sem ver porque ouviu sua voz, não ouviu a pergunta.

— Tranquilo, minha pontuação é boa. — Zion respondeu depois que o silêncio ficou constrangedor. —Estou em primeiro lugar.

— É mesmo? — Tom perguntou parecendo animado, contrariando o silêncio por parte dos outros dois à mesa.

Augusto deu as batidas secretas na porta e Jonas se levantou para abri-la e o encontrou estampado nas imagens de segurança. Ainda magoado porque um garoto que não partilhava do mesmo sangue podia andar livremente pela casa e ainda por cima, tinha direito de trabalhar em um projeto secreto com seu pai. Ele não sabia que o pedido para que fosse secreto partiu do menino.

— Bom dia, Jonas. Grande dia. — Augusto o cumprimentou na soleira da porta, não sorria.

— Bom dia. — Respondeu educado, diferente dos outros dias que se recusou a responder.

O restante da mesa ficou estupefato com a mudança. Na verdade Jonas decidiu ser educado porque cria que aquele era seu último dia e que se fosse julgado por suas ações ruins, gostaria que o número delas diminuísse ao menos nas últimas horas em que estivesse de pé.

— Bom dia. — Augusto cumprimentou o restante e recebeu respostas.

— Já se cumpriu o tempo de luto no palácio? — Tom perguntou em respeito.

— Sim. Ninguém o cumpriu de verdade, já que Ana era apenas uma criada... — Respondeu tristonho.

—Mas você cumpriu. —Elai falou convicto.

Augusto o encarou ainda pensando no que viu antes da morte da mulher. Não contou a ninguém que partilhava da mesma insanidade.

— Já descobriram a causa da morte? — Jonas perguntou tentando fazer parte da conversa, surpreendendo Augusto em cheio. —Hã... não, Ares achou melhor enterrá-la logo.

—Típico... —Jonas debochou revirando os olhos.

—Perdão? —Augusto indagou.

— Sei que ele é seu padrasto e sinto muito por isso, mas aquele cara não me engana...

— O que você está dizendo é uma acusação muito séria, Jonas. —Augusto afirmou, só que desconfiava tanto quanto ele.

— Muito séria mesmo. — Elai o repreendeu, ainda que tivesse certeza de que Ares tinha culpa. — Não acusamos as pessoas sem provas.

— Digam o que quiserem. Eu ainda penso da mesma forma. — Jonas manteve sua opinião no ar.

Todos se calaram e Augusto pensou no padrasto pela manhã. Ele fez piada a respeito do lugar para onde o garoto ia todos os dias, deixando a entender que já sabia. Em seus olhos via o reflexo da verdade. Ambos sabiam que Elai estava vivo e o fato de Ares tê-lo acusado de traição quando o garoto não só sabia que mentia, como tinha provas, deixava ambos desconcertados, só que em proporções diferentes. Augusto estava com o Dux enquanto o castelo foi invadido.

***

— Hoje é o último dia do nosso 1° Torneio de Heróis em Nova Terra. — Hadassa agora falava do terreno arenoso da arena, cercada pelos competidores. Usava o vestido adornado com pedras Caelum Arcus e maquiagens fortes que

homenageavam cada ilha. — Hoje é a ultima chance de se tornarem heróis em nossa nação. Hoje é o último dia para recomeços.

Hadassa encarou Jonas no fundo dos olhos quando terminou de dizer estas palavras, tentando fazê-lo confessar que seu pai estava vivo. Queria encontrá-lo o quanto antes, pois o poder que haviam em suas mãos se esvaía como água. Quando mais ela apertava entre os dedos, mas escapava por entre eles. Elai era sua última chance, por mais que não soubesse como o herói ia resolver seus problemas.

Compreendia em seu coração a mais pura das verdades: o mal sempre é vencido pelo bem. E ela conhecia a maldade, a via pelos corredores de seu castelo e até mesmo refletida no espelho. Dava valor a valentia de Elai, pois sabia que ele lutaria para que as coisas tomassem o rumo certo. De repente, naquela noite, tamanho era seu desespero que se esqueceu de como e por que trouxera aquele garoto de olhos verdes para Nova Terra. A imagem da destruição da família do homem que amava não era mais recorrente. Apenas imaginava as correntes que a prendiam quebradas ao chão. Imaginava seu filho de volta a vida e a justiça imperando em sua casa.

Jonas estava tão compenetrado visando o fim, que não se importou com o que Hadassa tentava dizer com os olhos. A saleta diminuiu mais uma vez, contudo, desde que soube que o dia chegara estava tranquilo e sentia que seus irmãos de batalha estavam vindo. De repente assumiu-se mais parte deles do que jamais foi, porque veio a hora de vestir a camisa de sua casa. Zion, do outro lado da formação em meia lua, encarava Jonas com pensamentos parecidos. Seus corações quase ritmaram vez o outra, todavia, ainda não sentiram o estopim que os empurrará um ao outro.

Os guardas reais circundavam o local. Tomaram conhecimento da história do Comandante. Elai tornou-se o alvo que perseguiam em silêncio. Estavam enojados porque a história dizia que Elai os havia traído.

Ares ficou sentado no camarote encarando Jonas diretamente e Abigail, sua convidada, agarrava-se ao braço do irmão mais novo, temendo que talvez sua vingança tivesse ido longe demais.

— Em primeiro lugar: Zion Oscar! — Rita Quiter tomou a vez de narrar. Hadassa se retirou para o camarote real, ao lado dos seus. Zion cumprimentou a

plateia sem sorrir. O povo de Nova Terra estava muito entusiasmado nas arquibancadas.

— Peço que o restante volte para seus lugares. Zion será o primeiro a enfrentar a terceira e última prova. — Rita se despediu dos outros por hora.

Ele foi ligado a um enorme braço robótico que o segurava em torno da cintura. As luzes se apagaram, a plateia compreendeu que aquela era hora de fazer silêncio. Refletores marcavam o rapaz

acima de sua cabeça e a sombra da parte superior de seu rosto se projetou abaixo do nariz. Sua expressão ficou dura e descontente.

— Existem refletores por todos os cantos e eles te mostrarão a imagem de um enorme Dragão Cuspidor de Lava. É claro que o alucinógeno feito de sangue de basilísco... —LJ começou e a plateia fez barulho, estava em choque. — Se acalmem, pessoal, ele é inofensivo. Bom, o alucinógeno que foi aplicado o ajudará a enxergar as coisas com mais “clareza”. Mas não se preocupe, é apenas uma projeção de imagem. Um de nossos colaboradores lhe entregará uma espada de aço e você deverá usá-la na prova.

— Isso mesmo, pois nossos computadores captarão cada movimento. — Falou Rita Quiter. — Quando acertar o ponto exato entre as costelas do animal, onde fica seu coração, a prova terminará.

Os jornalistas encontravam-se em uma sala no alto da arena, cheia de telas que capitavam cada ângulo de Zion, o novo favorito do povo. Os dois partilhavam do sentimento, pois após Kauê, o competidor da Ilha Real, cair para sétimo lugar, decidiram apoiar Friaze. Estavam até vestindo branco.

—A prova vai começar. —LJ deu a largada.

Zion sentiu um leve tremor entre as garras que o seguravam. Apertou firme o cabo de sua espada e esperou que algo mudasse ao seu redor e foi o que aconteceu. A Ilha dos Dragões foi projetada. Ele engoliu em seco. Não sabia o que esperar quando viu toda aquela relva. O barulho incessante de aves por todos os lados dava a ideia que de que era real. Para encarar melhor o terreno, deu um passo para trás e olhou para cima. Folhas projetadas abaixo de seus pés se partiram e fizeram barulho pelos autofalantes. Se não controlasse sua mente com

atenção, a quantidade de detalhes poderia fazê-lo enlouquecer. Respirou fundo e aguardou o dragão que viria.

O som do ar cortado por enormes asas veio logo acima de sua cabeça e no lugar de refletores encontrou um céu limpo entre árvores de folhagem verde. A imagem que viu ainda era desconexa com o tamanho do animal, porém, aos poucos, o que pareceu uma pequena ave no céu, tomou proporções avassaladoras revelando um enorme dragão de couraça avermelhada, descendo com as narinas

dilatadas, expirando fumaça branca. Centenas de chifres crescidos desde a cabeça até sua cauda pareciam formar um chicote de ossos que balançava para todos os lados enquanto pousava. O enorme monstro derrubou várias árvores para se colocar diante de Zion que ainda tentava se convencer de que aquilo não era real. A espada reluziu em sua mão, mostrando que por mais que não parecesse, era ele quem tinha o poder de ferir alguém naquele instante.

Seus joelhos penderam um pouco para frente, fazendo-o sentir que ia cair, mas ajeitou-os com força e assim que o fez, a mão metálica que o segurava o levou a pular um pouco. Então ele só precisava saltar que o mecanismo o faria alcançar o alto. Compreendendo a prova, sorriu de canto de boca e pulou na frente do dragão. Como se tivesse asas, subiu e logo a gravidade o puxou para baixo.

Vendo o que Zion fez, o dragão cuspiu lava em sua direção, ele não sentiu nada, mas um alarme soou. O rapaz foi puxado para seu lugar de início e toda a projeção desapareceu.

— Você morreu, Zion. — LJ disse decepcionado. — Deveria ter se protegido! Lava mata, sabia?

— Mas a prova já terminou? — Zion perguntou surpreso, a mão metálica se desprendeu de sua cintura. — Nem tive tempo de me aquecer.

—Sentimos muito, garoto! —Rita Quiter disse com sinceridade. Zion se retirou da arena desapontado. Pensou no olhar de reprovação de seu Dux e sentiu raiva. Havia ido tão bem na prova anterior, tanto que ficou em ótima posição no *ranking* .

— O próximo candidato foi um arraso na prova anterior. — LJ engoliu sua decepção e continuou narrando a prova. — Mansur Ludus! Terminou a prova em

tempo recorde e ainda por cima não levou nenhum choque! Meus parabéns, Mansur.

Mansur entrou sorrindo. Cumprimentou a plateia com acenos e foi aplaudido de pé. Rita Quiter e LJ explicaram a prova e assim como Zion, ele recebeu uma espada para tirar a vida do dragão feito de luz e som.

O cenário foi projetado à frente do rapaz e seu coração pulsou rápido feito tambor. Os sons recorrentes da mata preencheram seus ouvidos o impulsionando de cabeça à realidade virtual. Sentiu todo o

corpo arrepiar-se e suas mãos ficaram escorregadias ao segurar o cabo da espada. Desde que soubera da existência da Ilha dos Dragões tem pesadelos com ela e agora ela estava diante de seus olhos. Quando o dragão chegou perto, seu coração veio à boca e antes que descobrisse como se locomover, o animal dispensou lava. A projeção do líquido espeço passou por seu corpo como uma calda de bolo.

— Berilo Comoedus, senhoras e senhores! — O próximo candidato foi convocado pela voz de LJ.

O rapaz já posicionado entre as garras pensou em toda a pressão sobre seus ombros. Havia feito ótima prova, sem levar nenhum choque e também confundiu a máquina que queria levá-lo à morte. Compreendia que a agilidade tinha sido sua maior aliada até o momento, portanto não faria diferente naquela prova. Estava decidido. Estalou o pescoço para ambos os lados quando viu o cenário começar a se formar a sua volta. Riu da capacidade em que a Ilha Real tinha de tecnologia, contudo não fazia muito tempo desde que foi pessoalmente até a Ilha Loqui comprar seu jogo de realidade virtual. O cenário ficou bom, ele tinha que admitir, até mesmo os sons foram fiéis, mas agora ele não estava ali para analisar os gráficos projetados, estava para ser o vencedor do 1° Torneio de Heróis em Nova Terra.

O dragão não lhe assustou quando pousou e assim que abriu a boca para alvejá-lo, Berilo mudou de posição, pois conhecia o que aquela garra metálica era capaz de fazer. Levou-o para o alto em segundos e o colocou gentilmente de volta ao chão.

— Esse é o melhor jogo de todos! — Falou e a plateia caiu na risada. — Quando

terminarmos aqui, ao lado do meu troféu quero uma cópia disso para brincar em casa.

Cheio de humor, seguiu pulando fora do alcance do dragão que lançava sua lava na direção do rapaz sem piedade. Ele não se movia pois era grande demais e não havia como se movimentar para outros lugares. A projeção pareceu frustrada depois de um tempo e abaixou a cabeça, inclinando um pouco para o lado. Rapidamente, Berilo pulou no alto de sua cabeça e fincou a espada entre as couraças de seu pescoço. Como se tivesse vida, o animal grunhiu alto, deixando Berilo um pouco mouco e desajeitado.

O dragão se sacudiu derrubando o garoto no chão diante de sua boca e mais um deles foi atingido pelo líquido espesso.

— Ele foi o melhor até agora, temos que concordar com isso! — Falou Rita enquanto os colaboradores do torneio ajeitavam a arena para o próximo competidor.

— Com toda certeza. Nenhum deles tinha entendido direito a prova ainda, o que é uma pena, já que queremos ver mais ação! — LJ completou a fala da colega.

— Sim, é isso que o povo quer ver: ação! Não é mesmo plateia? — A plateia respondeu com gritos e aplausos. — Gostaríamos de refrescar a memória de todos, que nossos bravos soldados só estão aqui hoje porque enfrentaram algo parecido.

— É verdade. O Acampamento Militar nos contou que a prova final para formatura de soldados é baseada na pontuação de soldados nesta mesma prova. —Falou LJ com animação. — Nossos soldados merecem aplausos.

A plateia obedeceu ovacionando os homens da guarda presentes. Ares acenou para todos do camarote, exibia um sorriso simpático.

— Já que vocês estão animados, em ritmo de festa, vou convidar o próximo competidor que tem feito bonito nas provas. Chega mais, Nilo Victor!

Ele adentrou a arena com o olhar fixo na garra metálica à sua frente como se já soubesse o que estava por vir. Quando a prova começou ficou um pouco ansioso, mas se controlou perfeitamente, pois previa cada movimento do dragão. Em

ritmo acelerado, fugiu correndo e subiu em árvores com auxílio da garra metálica. Grunhia feito animal em defesa de seu território.

O bicho despejou a lava em sua direção, só que o rapaz deslizou para baixo de seu peito com a espada em punho. A lava escorreu para seu encontro ao mesmo tempo em que ele empurrou a arma entre as costelas do monstro.

— Uau, essa foi uma prova e tanto! — Rita gritou surpresa. — Porém, infelizmente você morreu junto com o dragão, Nilo. Sentimos muito!

— Como é, loira? — O rapaz indagou irado. Seu microfone foi desligado antes que os xingamentos reverberassem nos

autofalantes.

— Continuando nossa competição que agitou todo o continente — Rita seguiu como se nada tivesse acontecido —, O próximo candidato enriqueceu o Colmeia Real. Estou falando dele: Kale Vanitas!

Kale entrou com o sorriso largo jogando beijo para a arquibancada. Garotas em resposta jogavam flores enquanto ele passava.

— Olha só, ele tem mesmo feito a cabeça da garotada! — LJ disse surpreso.

—Você não faz ideia, LJ!

A prova foi iniciada e Kale tremeu absurdamente. Algumas moças ficaram tão ansiosas que se precipitaram para fora das arquibancadas na intenção de salvá-lo e foram duramente impedidas pela guarda. A lava projetada atingiu o rosto do rapaz em cheio em menos de dois minutos de prova.

—Nossa, foi bem rápido... —Rita comentou envergonhada.

— Bom, não foi dessa vez, Kale. Mas acredito que tem emprego garantido na loja de doces! — LJ ironizou irritando boa parte da plateia. — Seguindo a prova, vamos agora com o Marcus que se recuperou absurdamente na prova anterior...

Jonas estava com os olhos fechados enquanto sentava entre o estreito corredor que tornou-se sua sala, nem mesmo suas pálpebras foram capazes de impedir o

brilho avermelhado no alto da porta que o levava direto para a arena. A respiração estava controlada quando atravessou o portal para o centro da arena. Teve um pequeno vislumbre de que o teto estava se abrindo, porém achou que era apenas sua cabeça lhe pregando peças. Ao menos a tinta em seu rosto permaneceu intacta dessa vez. Ele se sentia pronto para a batalha.

***

O dragão diante de seus olhos bufava fumaça. Não parecia ser parte do alucinógeno que injetaram em todos os competidores. Ele também sabia que haviam as projeções perfeitas diante de seus olhos, só que estava difícil crer que era ilusão quando seu cérebro

queria acreditar que naquela fumaça havia vapor. Talvez injetaram nele uma quantidade maior, porque até mesmo sentiu o calor que emanava por detrás daquelas dezenas de dentes afiados. Quis acreditar que o hálito do animal era apodrecido, pois foi o que sentiu. Sua cabeça estava até mesmo crendo que aquele monstro na sua frente estava sendo controlado por correntes, já que ouviu claramente barulho de correntes chacoalhando, mas na verdade não era isso que seus olhos viam. Havia algo novo, pois este dragão cuspia fogo.

O cérebro não é uma máquina capaz de assimilar a diferença entre o a ilusão e o real quando as duas são separadas por uma linha tão fina. Mesmo que não fosse sua arma favorita, aquela espada que lhe deram se encaixou na palma de suas mãos perfeitamente. Fez movimentos circulares com ela no ar enquanto o animal permanecia encarando-o com os olhos mais vivos que já havia visto.

Ele abriu a boca e soprou fogo na direção do garoto, que pulou alto, já sabendo o que aquela garra fazia. Foi levantado bem alto, porém já estava descendo quando ele ainda cuspia. Por sorte, quando chegou ao chão, o bicho já não tinha mais folego.

Um barulho como um estalar ressoou alto atrás de Jonas, ele olhou na direção do som, todavia a floresta ainda estava do mesmo jeito, com exceção de diversas árvores queimadas. A mata pegava fogo. Continuou a luta. Se jogou para frente em direção a cabeça do dragão. Ele se moveu para olhar o garoto vindo e o mesmo som de correntes ganhou espaço na mente de Jonas.

Com espada em punho, a levou na direção da asa esquerda para que pudesse

fincá-la entre as costelas, contudo, fez um corte no animal. Ele abriu a boca para cuspir fogo de novo, mas nada saiu de seu hálito, exceto um brado que sacodiu o lugar.

Jonas o sentiu em suas mãos e do corte saía sangue quente, e vermelho escuro. Engoliu em seco aterrorizado. O dragão se sacodiu para derrubar o garoto de suas costas, porém ele fincou a espada a fundo no bicho. Ele abriu a boca de novo para soprar fogo, contudo não conseguiu e mais uma vez, um som apavorante saiu de sua garganta. Acima dele, Jonas o sentiu tremer.

— Ele é de verdade! — Gritou e descobriu que seu microfone fora desligado.

Puxou a arma com força para cima a fim de mostrar o sangue que a tingia de vermelho, entretanto, o monstro levantou a coluna para alçar voo, derrubando o rapaz no chão perto de sua cauda. O barulho de correntes não só veio aos seus ouvidos, mas ao deslizar pela cauda do animal, as encontrou logo abaixo dele.

Por causa da dor excruciante da asa machucada, o dragão não pôde levantar voo e mesmo que pudesse, as correntes que o prendiam não lhe permitiriam.

Rápido, Jonas correu para frente do dragão e comprovou seu temor, quando estava diante dele era permitido que cuspisse fogo. Estava sendo controlado. Pulou mais uma vez e a garra o levantou, só que o aço em contrato com o fogo cuspido pelo dragão, cedeu um pouco, pendendo o maquinário para o lado. Além disso, um dos projetores foram afetados, mostrando os fundos incinerados da arena. Jonas conseguiu pousar no chão em segurança e gritou:

—Me soltem desse negócio agora!

A plateia apavorada abafou os gritos de Jonas e começou a correr quando se deu conta de que, na verdade, estavam usando um monstro vivo.

Sem se importar com o que faziam ao seu redor, o dragão marcou o garoto como seu alvo e cuspiu de novo. Rapidamente, Jonas se jogou para o lado, porém o fogo estava a poucos metros de distância e ele sentiu o calor. Se levantou ligeiro, poucos segundos antes de ser queimado. O fogo acertou o dispositivo que o levantava, fazendo com que a garra o largasse. Já solto, ele correu na direção do monstro com determinação de um verdadeiro soldado de Friaze. Com a arma em punho e o brado de guerra no peito, foi para debaixo do animal fincando a

espada entre a couraça e as costelas, direto no coração. O dragão cedeu um pouco, revirando os olhos e antes que caísse em cheio, Jonas saiu de baixo dele.

A plateia parou quando ouviu Rita Quiter gritar chocada:

—Jonas o matou!

Elai que se escondia entre a multidão trajando suas vestes de Dux, pulou da arquibancada na direção do centro da arena. Retirou o capuz mostrando seu rosto irado, que encarava o camarote real. O

último suspiro do dragão o acertou como vento forte, empurrando-o para trás. Ele tirou a Espada Indestrutível que estava compacta em seu bolso, clicou no botão de Caelum Arcus e mirou a ponta dela na direção do chão à sua frente. A espada tomou seu tamanho real fincando-se no solo abaixo de seus pés. Ela cortou o chão enquanto o suspiro do dragão o levava para trás. Seus olhos, porém, permaneceram fixos no homem do camarote.

A plateia boquiaberta se perguntava se aquele era mesmo Elai ou uma perfeita miragem dele.

— Pensei que isto era um torneio, não uma execução. — Elai disse e sua voz grave encheu a arena.

— Ora, ora, se não é o homem que invadiu o palácio em busca de poder. — Ares falou descendo pela arquibancada. — Pensei que fingiria sua morte por mais tempo.

— Se eu tivesse invadido o palácio, você estaria morto. — Elai falou despreocupadamente.

— Isso é o que você diz para se safar do que fez. Mas é minha palavra contra a sua, Elai.

— Como se sua palavra valesse de alguma coisa. — Elai debochou.

— Pai... — Jonas andou até ele preocupado, estava sujo de sangue de dragão. Elai estendeu a mão na direção do filho fazendo- o parar no meio do caminho.

— Elai Marcus, você está preso por invasão ao Castelo do Palácio Real. — Ares disse e então diversos soldados colocaram as mãos em cima dele. Ele não se moveu em obediência. Ares chegou perto, ficou cara a cara com o oponente para vê-lo suar e disse: — Não vai nem lutar?

Em resposta, Elai sorriu debochado e em seguida cuspiu em seu rosto.

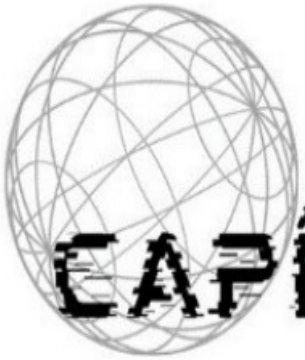
— Ah, por essa você não esperava não é mesmo? — Elai zombou.

O Comandante mostrou os dentes como se sorrisse, virou de costas para limpar o rosto e depois acertou um gancho de direita no estômago de Elai, que pendeu para frente urrando de dor.

— Levem-no daqui. — Ares falou rispidamente para os soldados ao lado do antigo herói.

Eles encararam os braços fortes do homem e depois seu rosto. Elai assentiu permitindo que o levassem e eles obedeceram.

A Espada Indestrutível ficou para trás, fincada no chão. Elai encarou Jonas nos olhos antes de sair pelos portões da arena. *Pegue-a. É sua agora.* A voz do pai soou alto em seus ouvidos.



CAPÍTULO 43

CÁRCERE DE NOVA TERRA, ILHA REAL, NOVA TERRA, SÉTIMO CONTINENTE.

Sobre o chão da cela mais desprezível, Elai se deitou e adormeceu. O corpo inteiro precisava descansar. Compreendia as implicações da ordem que ouvira da Voz de Muitas Águas, a princípio a achou muito vaga, mas assim que os soldados da Guarda Real o levaram cativo, entendeu que havia muita história por detrás dela. Se infiltrar no meio do povo da Ilha Real foi um desafio e tanto. Conhecia aquela gente como a palma de sua mão desde que se tornou soldado real e depois quando foi nomeado Comandante. Teve medo que fosse reconhecido, entretanto, como pudera pensar que o dono da Voz estava equivocado? Ele nunca erra. Se sentiu agradecido por tê-lo obedecido.

Estava se sentindo culpado por não conseguir resolver o problema de Augusto. Queria mais tempo. Não conseguiu aperfeiçoar o veneno antes de ser preso e também não se resolveu com seu único filho.

Riu internamente quando se deu conta de que fazer planos é inútil quando se coloca nas mãos do Soberano. A Ele pertence o tempo e Ele o dá a quem quer. Depois que se deu conta de que não tinha controle sobre nada, se pôs a dormir, mas Jonas passava por sua mente o despertando do sono diversas vezes. Ainda que precisasse muito descansar, não conseguia. Necessitava eleger o

novo Dux. Seu filho nasceu para ser o último deles. O porquê ainda não entendia. *Vai fazer um monte de besteiras. Como um moleque tão jovem vai conseguir ser um Dux?* Nem mesmo ele se sentia capaz na maioria das vezes.

A audiência para decidir a sentença de Elai foi marcada para o outro dia e seu coração quase se rompia tamanha era sua tristeza. Ser acusado por algo que não fez diante de uma justiça corrompida era o pior dos castigos. Sabia bem no que aquilo ia resultar, conhecia a lei.

Deitado sobre o chão liso e frio, sua mente o levou para longe. Segundo continente. América do Sul. Brasil. Espírito Santo. Vitória. As lágrimas desceram pelos cantos de seu rosto que àquela altura fora marcado pelo tempo. Esperava poder envelhecer ao lado da mulher que ama. Ter um monte de netos ao redor, que seriam tão teimosos quanto o avô e o pai, e que escutariam sua voz, porque compreenderiam que a sabedoria muitas vezes vem de uma autoridade mais velha. Aconselharia Jonas a fazer um monte de coisas diferente das que fez. A verdade sempre seria contada e ninguém precisaria viver longe. Elai só precisava da chance de fazer tudo de novo. Só precisava de mais tempo. Em pensamento pediu ao Dono do Tempo mais um pouco dele. Ouviu o silêncio.

A caminho do Tribunal com os rapazes que treinou levando-o pelos braços, se sentiu impotente e inseguro. Imaginou como deveria ser se sentir assim todos os dias. Saber que ia ser condenado mesmo não tendo feito nada. Entretanto, antes de pensar, estava cansado. Cansado de correr de um lado para o outro. Cansado de esconder. Casado de lutar.

A audiência foi fechada ao público, apenas os filhos do rei e Ares puderam comparecer a tomada de decisão.

— Você não sabe o meu desprazer de estar aqui na sua frente para julgá-lo. — Disse o rei.

Elai não pôde abrir a boca, pois o amordaçaram. Ares afirmou que as palavras do Dux eram poderosas e que podiam fazer coisas mágicas contra a vida de quem as ouvisse.

— Como teve coragem de trair a coroa dessa forma? Eu te criei como um filho! — Falava sobre outra traição, não a que o homem

estava sendo julgado. Elai compreendeu assim que o ouviu dizer as palavras.

— Minha majestade, não perca vosso tempo com este homem. Nada que disser fará diferença para ele. — Ares se apoiou diante da mesa do rei. — Não vê como é ardiloso para arquitetar o mal? — O sorriso nos lábios de Ares embrulhou o estômago de Elai.

Suas mãos suavam muito. Abria e fechava os punhos, à medida que pôde, para se segurar. Sabia que se quisesse — mas só se quisesse muito — poderia se tirar daquela situação. O problema é que seus ouvidos só capitavam o silêncio. A Voz não dizia nada.

—Não concordo com a forma em que as coisas têm sido levadas por este tribunal. — Hadassa iniciou sua participação. — Elai precisa ter a chance de se explicar.

— Vocês viram o que ele fez na arena. Trouxe um dragão cuspidor de fogo! — Ares mentiu.

— Ainda não estou certo de que foi ele quem o trouxe. — O príncipe Seth se pronunciou desconfiado.

— A história de nosso povo é bem específica. — Ares falou categórico. — Os Dux em Friaze são capazes de controlar a terra e algumas espécies de animais. Vocês sabem muito bem que são eles quem dominam o Giatã. Para quem o faz com um monstro tão poderoso, o controle mental de um dragão é o mais simples dos negócios. Sem contar que ninguém seria capaz de matar um bicho daqueles. É impossível que o filho dele fosse conseguir...

— Ainda prefiro que façamos uma investigação meticulosa a respeito disso. — Seth insistiu com os olhos movidos de compaixão. — Elai sempre foi um membro muito importante de nossa comunidade, como podemos desconfiar de sua lealdade sem permitir que ele se pronuncie ou que tenhamos provas suficientes para tal? — Eu entendo que seu relacionamento com Elai era, de fato, muito próximo. Mas ele se manteve escondido por meses! Como ainda conseguem pensar que este homem é inocente? — O Comandante dava pulinhos enquanto falava.

— Eu voto pela investigação. — Hadassa falou alto com lágrimas nos olhos.

—Eu também. —Seth logo se pronunciou.

— Sim, concordo com meus irmãos. Precisamos nos certificar de que não estamos cometendo um erro. — Mateo, que estava calado ponderando sobre o assunto, falou em voz decidida.

— Vossa Majestade tem total poder sobre a decisão deste tribunal. Ainda que os príncipes e princesa possam requerer voto, é o rei quem decide. — Ares falou encarando o homem que deveria decidir.

O rei mirava o Dux sentado metros distante. Mãos atadas e boca selada. Seu coração já havia se decidido, ele era culpado. Não de invadir o castelo, pois ouviu da boca do neto que esteve com ele durante a invasão e acreditou em sua palavra. Contudo, queria culpá-lo por não ter lhe entregue as Escrituras como ele ordenou. Se agora estivesse sob posse dos escritos originais não estaria preocupado com o futuro de seu reino e sua soberania. Destruir as Escrituras Originais era o melhor plano que tinha para garantir que todos fossem devotos apenas a realeza.

Friaze era uma afronta, uma vez que não era possível adentrar a ilha livremente e o rei sabia que não tinham controle sobre o tributo que lhes era devolvido. Todos aqueles poderes da terra e exército era perigosíssimo para o futuro de sua prole. Além disso, acreditava também que Elai era o responsável pelo dragão na arena um dia antes. Quem mais era tão poderoso e podia controlar um animal perigoso? *Friaze deve ser como qualquer outra ilha. Sem Dux, sem poderes. Sem Escrituras Originais.*

—Eu o sentencio a morte. —A voz do rei repercutiu.

Seus filhos se levantaram abruptamente para reclamar a decisão, porém, ele levantou a mão, os fazendo calar. Hadassa não poupou esforços para se segurar. Pranteou alto a decisão sobre a vida do homem que amava. Ares se conteve ao máximo que pôde, mas o sorriso debochado emoldurava seu rosto. Os príncipes se retiraram do tribunal pisando fundo. Os olhos de Elai brilhavam quase translúcidos pelas lágrimas. O único traído de verdade.

— Agora que o poder está sob minhas mãos — Ares começou —, já que depois

de autorizado pelo rei as ordens de execução de membros da Guarda Real cabem ao Comandante, eu o sentencio a morte em praça pública. — Hadassa gritou apavorada. — Nós

usaremos o fogo, representando o terrível monstro que trouxe para nossa festividade.

— Comandante! O senhor está exagerando na dramaticidade! — O rei se pronunciou aborrecido com o pranto de sua filha ao fundo. — Majestade, eu estou dramatizando? — Ares se fez de mal compreendido. — Este homem traiu vossa confiança. Jamais permitirei! Qualquer homem que usar de traição contra o vosso trono será executado.

—Apenas uma injeção letal será suficiente, Comandante.

— Majestade, com todo respeito, quem decide isso sou eu. Está na lei. — Respondeu fingindo paciência. — Agora se me permitem, vou levar meu prisioneiro de volta para sua cela. Amanhã pela manhã ele será executado e todos estão convidados para vê-lo morrer.

Os gritos arrependidos da princesa ecoaram pelos corredores do tribunal enquanto os dois passavam. Ares apertava firme o braço de Elai pelo caminho de volta ao cárcere. Entretanto, não conseguia dizer uma só palavra.

As lágrimas quentes que precipitavam pelo rosto de Elai eram sua única companhia. Mas ele estava tranquilo, fez o melhor que pôde. 41 anos. Viveu muito e ao mesmo tempo tão pouco. As cenas de sua vida vieram assim como o sentimento de arrependimento por diversas decisões que tomou. Se ele ao menos tivesse mais tempo, talvez sua vida tivesse representado muito mais. Morrer como traidor não era bem a sua ideia. Morrer por fazer sua parte é injusto e solitário.

Quando o telejornal deu a notícia, Jonas assistia a imagem dos jornalistas, que antes sorridentes agora estavam com olhos e narizes vermelhos de chorar contando ao povo a sentença injusta de seu pai. Do lado de fora da casa de Elai, vários homens e mulheres esperavam qualquer um que fosse para despejar sua frustração. Estavam decepcionados e queriam que seus familiares soubessem. Abigail estava no meio deles, porém sua frustração tinha a ver com Jonas. O descontentamento entre o povo também era com relação ao torneio que fora

cancelado. O público queria encontrar um herói a todo custo, só que estava prestes a enterrar o único que um dia havia sido.

O garoto abriu a porta da casa e encontrou toda aquela gente. Saiu pelas ruas para correr. Sem dizer uma só palavra, correu até que sua garganta secasse, então esperou um pouco e fez todo o processo de novo. Se recusou a chorar ou dizer uma só palavra a quem quer que fosse. As pessoas o encaravam com um misto de desprezo e compaixão. Todos estavam tão confusos quanto ele sobre o que sentir. Correu sem saber para onde ir, até que seus pés encontraram a areia da praia, amarelada e muito fina. Seus joelhos falharam, fazendo-o cair prostrado. Alguém veio na sua direção, ele ouviu os passos, mas estava tão cansado que não se levantou, apenas esperou que a pessoa se achegasse de vez. Desejou que fosse alguém capaz de tirar sua dor e frustração. Talvez um homem desesperado por vingança o levasse para o hospital, o deixando sem consciência.

— Agora sabe como me sinto. — Reconheceria aquela voz no meio da multidão. Estava cheia de ódio quando disse: — Meus pais foram mortos de forma brutal. Pelo menos não cometeram traição.

— Por que está cantando vitória? Você deveria morrer também! Me traiu. — Cuspiu seu veneno de volta. — Colaborou para que eu quase fosse morto. Ou vai negar que trabalhou ao lado de Ares?

— Você teve o que mereceu! Se não tivesse adentrado a Redoma nada disso tinha acontecido.

— Acha que eu não sei disso? — Ele sussurrou já de pé para ir embora.

— Aonde você vai? Eu não terminei, tenho muita coisa pra dizer! — Abigail gritou e Jonas parou de frente para ela. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu confiei em você...

— Também confiei em você. Contei meu medo e minha maior frustração... quase morri por causa da sua vingança. — Seus olhos arderam também.

—Você mereceu!

— Eu não podia te contar, Abigail! — Jonas gritou as palavras, nunca havia falado tão alto antes. — Eu queria muito conversar com você diversas vezes,

mas eu não podia!

— Por que veio para cá, Jonas? — Ela gritou a pergunta — Pra quê?

— Como assim, “por quê”? — Perguntou confuso. — Eu não tive escolha.

— Todo mundo tem escolha. Você veio atrás de seu pai e os meus foram mortos! Talvez eu devesse ir atrás da sua mãe também para ficarmos quites. — Ao ouvir Abigail ameaçando sua mãe, Jonas apertou o braço da garota com força. — Me solte, você está me machucando.

Ele a soltou, encarou dentro de seus olhos e disse:

—Nunca mais ameace minha mãe.

—Vai fazer o quê? Me bater? —Ela o desafiou falando alto.

— O que você disse, moça? — Um homem apareceu na praia também. —O filho de Elai quer bater em você?

—Sim, senhor, ele me ameaçou. —Disse com a voz lívida.

Ele agarrou Jonas com força, o puxou para rua, o jogou no chão e ele se encolheu esperando pelo pior. Não ia lutar. O homem chamou outros para que o linchassem, só que antes que o fizessem, um guarda justo que não consentia no agir de seu Comandante ou na violência, interveio.

—Ele ameaçou a moça. —O homem disse.

—É verdade, ele me ameaçou. —Falou Abigail se aproximando. — Vou levá-lo à prisão. É isso que fazemos. Encarceramos as pessoas que transgredem a lei. Não os linchamos pelas ruas da cidade. —O guarda os repreendeu. —Onde está a sua compaixão? O soldado levantou o garoto do chão para levá-lo preso. E antes que saíssem, Abigail cuspiu em seu rosto. Jonas limpou a saliva da face, mas não se sentia irado com a garota, apenas infeliz por não conseguir se acertar com ela.

— Eu vim para cá a força. Nem sabia que este lugar existia. — Jonas disse olhando fundo em seus olhos. A expressão da garota mudou assim que o ouviu

dizer.

—Você pode dizer qualquer coisa para se safar! —Falou com os olhos cheios de lágrimas se dando conta que talvez tenha cometido um engano.

— Vem, vamos. — O guarda puxou o braço de Jonas e o algemou.

Durante o trajeto se lembrou que talvez seu tio e Zion ficassem apavorados com seu paradeiro, porém, os dois estavam em uma

missão diferente. Pelo Atlântico, navegavam em direção a Friaze, precisavam comunicar a sentença do Dux aos outros. Jonas não estava em suas mentes enquanto se dirigiam para lá.

Aquela foi a segunda vez dentro de um ano que Jonas fora preso. Quando a ideia vinha à sua cabeça no Brasil, as razões pelas quais se imaginava na prisão não eram nem de longe por agredir uma mulher. Só de pensar no assunto imaginou sua mãe dando-lhe uma surra. Valorizava as mulheres, talvez até demais. A forma como segurou o braço de Abigail nunca foi para machucá-la, mas sim para ser ouvido. Não projetou força para que ela sentisse, foi para que não fugisse. Queria que ela soubesse de tudo. O tempo que segurou a verdade foi o mais desgastante e agora que precisava de amigos, não podia contar com a única com quem mais se conectou durante a trágica visita à Nova Terra.

Seu trajeto não foi nem de longe heroico. Imaginou que se um dia escrevessem sua história impressionaria muito mais do que realmente deveria. A sorte que teve até então não era digna de menção. E pensando nisso foi que descobriu que na cela de frente para sua, uma parte de olhos verdes o encaravam. Não sorria.

—Eu não vou nem te perguntar o que fez para estar aqui. — Elai disse e Jonas abriu a boca para falar, e ele o interrompeu: — Preciso nomeá-lo Dux antes de morrer.

— E-eu não quero. — Jonas disse e se deu conta de como sua garganta estava seca.

— Eu também não queria e olha onde eu fui parar... — O mais velho falou e gargalhou baixinho —Cara, que falta de sorte!

— O que disse no tribunal? Sempre foi bom com as palavras, como não se safou dessa?

— Eles me amordaçaram durante a audiência. — Falou já conformado. —Agora, pare de mudar de assunto. Nomeio-te...

— Espera, espera! — Jonas o interrompeu. Agarrou duas barras de ferro da grade que o prendia. — Você não pode fazer isso, pai. Ser Dux foi a melhor coisa que te aconteceu.

— Jonas, a melhor coisa que me aconteceu foi ouvir a Voz de Muitas Águas. Você e sua mãe vem logo em seguida... — Disse sorrindo carismático. — Ser Dux foi um enorme desafio e mesmo

que tenha durado tão pouco, foi bom viver o que vivi. Ver o que vi... mas o meu tempo acabou.

—Eu não quero ser Dux.

— Infelizmente querer não é poder. O primeiro Jonas desobediente foi engolido por um peixe enorme. Vai querer fazer graça também? — Elai brincou com o filho, apesar do tom leve de sua voz, o suor por causa da ansiedade minava por todos os poros de seu corpo. —Há quem diga que o Giatã é um baita peixão...

— Como consegue fazer graça numa hora dessas, pai? — O garoto o repreendeu tristonho. —Você vai morrer amanhã.

Todas as lágrimas que se esconderam quando soube da sentença de seu pai se precipitaram, fazendo seus olhos arderem com força e tingindo-os de vermelho.

—A gente nem teve tempo de se conhecer de verdade... —Eu te conheço, filho. Sempre te conheci.

Os dois choraram agarrados às grades das celas. A dor que sentiam não poderia ser medida com palavras. Era impossível estabelecer onde a dor de um começava e a do outro terminava. Naquele momento o coração de Jonas se ligou finalmente ao corpo da guarda de Friaze. E antes que os outros soubessem da sentença de Elai, ou que Zion chegasse em casa, eles sentiram também.

O sentimento de arrependimento por quem é, cheio de transgressões, pulsou forte em Jonas. Agora que o compartilhava, compreendia finalmente as razões pelas quais a guarda era movida. Sentiu-se ligado a Voz de Muitas Águas e no fundo de sua alma, o som dela ecoava devagar, se aproximando como na visão que teve no Bosque. Movido pela ideia de que agora seu filho pertencia ao mesmo coração que pulsava em favor da guarda das Escrituras Originais, Elai disse:

— Nomeio-te Dux, Guardião das Escrituras Originais. Friaze é sua casa, seu lar. O Giatã lhe obedecerá por causa da missão.

No momento em que disse isso, por causa do poder que as palavras ditas têm, deixou de ser Dux e sentiu que parte da força que possuía se esvaiu por seus dedos. Então foi isso que meu avô sentiu. E Jonas, assim que escutou o poder das palavras, a posse do título chegou por entre seus dedos e perpassou cada centímetro do seu corpo como eletricidade. Sentiu-se energizado e capaz de tudo.

O som da Voz de Muitas Águas encheu seus ouvidos, não dizia palavras, apenas impulsionava seu corpo comandando-o.

— Enquanto for obediente, A ouvirá. — Elai o advertiu entendendo bem o pensamento que passava por sua cabeça. Já esteve naquele lugar.

— Mas eu sinto como se não tivesse outra escolha a não ser responder.

— Isso é verdade, ninguém pode deixar de obedecê-la, só que com o tempo, ela pode desaparecer, caso você não se conecte verdadeiramente.

— Entendi.

—É isso, meu filho. Agora é só ficar atento. —Elai disse com um sorriso triste. Jonas assentiu. —Você está sentindo?

— Sim. — Jonas respondeu, sentia os corações da guarda ritmados ao seu. Era incrível e assustador ao mesmo tempo.

Passos vindo pelo corredor os acordaram para a realidade.

— Garoto Marcus, a moça que te acusou retirou a queixa. — O guarda disse abrindo a cela do rapaz para que saísse. Ele queria ficar com o pai o máximo de tempo possível, todavia seu sacrifício era solitário.

Encarou o pai já do lado de fora das grades. *A gente se vê*, falou para o pai através dos olhos. Elai assentiu sorrindo.

O sol já havia se retirado do céu de Nova Terra. Jonas encarou sua escuridão com a prisão logo atrás. As ruas de pedra recebiam a iluminação amarelada que queimava no alto, assim como o poder e impotência queimavam em seu peito. Parada na esquina, Abigail mirava o garoto que libertou, ainda não estava convencida de sua inocência. Apenas sua consciência dizia que não era certo incriminá- lo, já que não a machucou de verdade.

Jonas viu que a menina estava parada do outro lado da rua, porém a ignorou. Vasculhou com os olhos ao redor se perguntando onde estava. Os carros velozes deixavam sua marca no ar enquanto ele tentava ler as placas com os nomes das ruas. Não que fizesse diferença, já que não se recordava do nome da rua que dava para trilha na floresta até a casa de seu pai. Tentando se fazer de superior, Abigail atravessou a rua na direção do rapaz. Ele ainda não queria conversar então seguiu para frente, deixando-a sozinha.

— A casa de seu pai fica para lá! — Ela cutucou seu ombro e ele virou todo o corpo em sua direção. Ficaram cara a cara e ela engoliu em seco envergonhada. Apontou para a direita e disse: — Naquela direção.

— Obrigado. — Agradeceu ríspido e caminhou para o lugar que ela apontou.

—Você... —Ela disse atrás dele e Jonas seguiu a passos largos. —Você queria tanto conversar, agora chegou a hora!

Ao ouvir o desespero na voz de Abigail, o garoto começou a correr na direção indicada, deixando-a para trás, todavia ao contrário do que ele pensou, ela ganhou ritmo também.

— Jonas! — Começou ofegando. — Pare de correr... vamos... vamos conver... sar...

Jonas estava se sentindo cansado, triste e pesado. Enquanto corria com as

pisadas de Abigail logo atrás, pensou em como gostaria de se esvaziar até que não sobrasse nada. Pesados e grossos pingos de chuva começaram a despencar do alto no chão. *Sim, eu gostaria de me esvaziar como as nuvens fazem na tempestade.*

— Jonas, por... favor, va...mos conversar. — Abigail implorou, parou de correr e colocou as mãos nos joelhos, tentando fazer o corpo descansar.

Ele também parou, mas ficou de costas para a garota enquanto a chuva descia esvaziando a nuvem, ele, porém, permanecia cheio.

— Meu pai vai morrer amanhã por uma coisa que ele não fez. — Falou ainda de costas para ela. — Vai morrer e eu ainda nem sei direito quem ele é. A gente só se via uma vez ao ano quando a Redoma abria... Minha mãe está em outro continente sozinha e o homem que sabe se comunicar com ela morrerá amanhã. — Sorriu irônico. — Eu não vou conseguir sair de Nova Terra por um tempo, porque... quer saber? Eu não vou explicar tudo pra você.

— Como trouxeram você para cá? — Ela perguntou depois de um tempo de silêncio.

— Eu estava voltando para minha casa, dois idiotas, escravos da mina, jogaram pó paralisante em mim... e me trouxeram pra cá à força.

— Você sabia do Giatã, quando veio? — Abigail queria pegá-lo em falta. Jonas se virou e andou até quem o interrogava.

—Não. —Falou olhando em seus olhos. Ambos estavam com os olhos avermelhados.

— Deveria ter me contado isso antes. — Falou chateada. Jonas bufou de raiva se virou de novo, deu um soco no ar e depois se voltou para ela prestes a falar, mas a garota falou primeiro: — Deveria sim, ter me dito tudo. Eu sou boa em guardar segredos!

— Como que eu ia saber disso? A gente nem se conhece direito. — Ele falou como quem dizia o óbvio. — Todo mundo no continente ou quer me matar ou não se importa se eu vou morrer desde que cheguei aqui. Você está sendo muito injusta! Por que não me perguntou a verdade?

— Porque você me deixou e foi para Friaze! — Gritou magoada. — Ficou um tempão por lá e nem me mandou uma carta... o que queria que eu pensasse?

— Meu pai não me deixou fazer isso, Abigail. Ele estava se escondendo e se alguém interceptasse a carta... Será que você não entende que eu não tinha controle de nada?

—E agora? Você tem? —Ela o indagou se aproximando.

Abigail estava ali, tão perto que ele a podia tocar. Estava indicando que queria que ele o fizesse, só que Jonas sabia que seria pelas razões erradas. Mesmo que desejasse, no fundo sempre quis que ela fosse sua, mas não podia.

Deu dois passos para trás. A chuva continuava forte em suas cabeças.

— Se você soubesse de quanto controle eu tenho... — falou e sorriu amargo.

— Por que não me conta? — Ela sussurrou andando na sua direção.

Antes que se arrependesse, Jonas assumiu o controle mais uma vez e deu as costas para a garota que agora tinha certeza que amava. Não era o tempo certo, havia tanta coisa que precisava ser acertada entre eles e tantos anos precisavam se passar até que tivessem prontos... Todo o poder que agora tinha o fez enxergar isso. Jonas precisou se afastar porque amar é preservar. E muitas vezes para preservar aqueles que amamos, corremos sob a tempestade.



CAPÍTULO 44

PRAÇA CENTRAL, ILHA REAL, NOVA TERRA, SÉTIMO CONTINENTE.

O peso dos céus estava sobre a Ilha Real. As grossas gotas de chuva não bateram em retirada um só momento. As pessoas começaram a se questionar se os céus não estavam enviando uma mensagem sobre a execução de Elai, mas ainda que pensassem a respeito, a praça estava cheia naquela manhã. Guarda-chuvas pretos por todo canto faziam uma espécie de toldo ao redor do palanque que fora construído antes mesmo da sentença ser proferida. Ares já sabia que conseguiria o que mais desejava desde que era garoto.

Uma fogueira foi construída com espaço suficiente para que Elai pudesse ficar de pé no meio dela. Também havia uma tampa em cima, de modo que não conseguisse fugir. Um toldo amarelo cobria-a para impedir que fosse molhada. As pessoas a encaravam sem nenhum sentimento de culpa. Conversavam trivialidades como se aquele fosse um dia comum de outubro. Mal sabiam o erro que estavam cometendo e mesmo que os céus as avisassem, não estavam com os ouvidos atentos para a verdade. O universo é repleto de histórias dos céus avisando ao povo sobre a responsabilidade da injustiça, todavia, quase ninguém é capaz de ouvi-lo.

Dentro de casa, Jonas olhava para a mesa na cozinha, só que olhava sem ver.

Havia se sentado sozinho diante dela assim que chegou na noite anterior e não se levantou desde então. Sentia-se um pouco mais leve por ter dito todas aquelas palavras à Abigail, entretanto, ainda havia muito mais a dizer. Só não sabia mais por onde começar.

Quando a chuva começou a cair, sua mente o fez acreditar por alguns instantes, que o céu chorava com ele por seu pai. Mas a Voz que agora habitava dentro dele se silenciou. Aquela chuva não era por essa razão, mesmo que quisesse muito que fosse. O domínio debaixo de suas mãos é tão grande que ele mal podia acreditar quando se deu conta, contudo, não vem de si. Por mais que desejasse, existe um limite entre o seu querer e o querer de onde emana o poder. A Voz além de dizer, escuta e ordena somente conforme a sua vontade. Toda essa sabedoria veio junto com o título que recebeu.

Ninguém disse ou bateu à sua porta, no entanto, soube no momento em que eles chegaram na ilha. *A guarda das Escrituras atracou.* Colocou as vestes de Dux que seu pai deixou para trás e dividiu com eles seu enorme pesar assim que se aproximaram mais. Segundos depois abriu a porta e os encontrou do lado de fora na floresta encharcada pela chuva.

— Diga, senhor Dux. O que vamos fazer agora? — Zion liderou o questionamento mesmo que não se sentisse confortável em chamá- lo de Senhor. —O que a Voz te disse?

— Nada.

— Como nada? A Voz deve ter dito, vai ver não entendeu... — Zion insistiu. — Vamos, Jonas. O que a Voz está dizendo agora? Jonas o encarou aborrecido, mas decidiu tentar. Não custava nada confiar em quem já a conhecia a mais tempo, mesmo que esperar nunca tenha sido seu forte. Se concentrou ao máximo, abandonando todos os pensamentos buscando apenas ela: A Voz de Muitas Águas. O som das águas preencheu sua mente de tal forma que sentiu que poderia se afogar. *Ela é muito poderosa*, admitiu para si mesmo.

— E então? — Zion o interrompeu apressado. Faltavam poucos minutos para a execução.

Jonas abriu os olhos e todos os homens, seus soldados, o encaravam de volta. Estavam tão afoitos quanto Zion, entretanto ele já se sentia no direito de indagar

o jovem Dux.

— Nada.

—Não disse nada?

— Não, disse para não fazermos nada. — Jonas falou e se adiantou. Queria que seu pai visse um rosto amigo antes de morrer. Como no sonho que teve, a agilidade da guarda tomou conta de seus movimentos e em segundos alcançou grande distância com os soldados logo atrás. A sensação era de que eletricidade passava por seu corpo, como se minúsculas formigas corressem por cada membro.

— Não é possível. — Zion agilizou até o Dux. — Jonas... quero dizer, senhor Dux, não é possível que não devamos fazer nada! A história diz que já lutamos por muito menos que isso.

—Você está me atrasando. —Jonas o afastou.

— E ainda tem pressa para ver seu pai morrer? — Zion o interrogou nervoso.

O jovem Dux o empurrou para frente com força, ficou irado pela audácia. Zion permaneceu de pé, só que foi arrastado para metros de distância. Jonas arfava debaixo de seu capuz o encarando com o queixo baixo e olhos penetrantes. O ritmo dos corações ao seu redor mudou e ele foi compreendido.

— Nunca mais me questione desse jeito, soldado! — Jonas o repreendeu e Zion o respeitou naquele instante. Tempos antes todo esse poder o deixaria nas nuvens, mas desde então, Jonas nunca desejou tanto ser comum.

Zion não precisava de mais nenhuma demonstração de capacidade. Os dois dividiam as batidas do coração, eram irmãos. Ele compreendeu que Jonas era de fato um Dux instituído pelo Leão e sua Voz de Muitas Águas. Não tratava-se do sangue apenas, mesmo que fosse descente de Dux, ainda assim foi separado pelo Soberano.

—Sim, senhor. —Respondeu e se prostrou em terra.

Abismado com a forma com que Zion levou aquela situação, Jonas continuou

ágil até a praça onde levavam seu pai de mãos atadas e boca selada. A chuva descia em abundância e o único

morador do castelo que estava assistindo aquela cena de perto era Ares. Com seus olhos contentes apesar de encharcado. Não havia nada que o fizesse pensar que aquele dia não estava perfeito, mesmo que o céu descarregasse sobre o solo o quão pesado estava.

— O céu chora a traição do filho de Nova Terra. — Ares iniciou seu discurso no microfone.

Elai procurou auxilio na plateia e quando encontrou olhos iguais aos dele, suspirou aliviado. Não queria morrer sozinho. Jonas segurou as lágrimas o tanto quanto pôde, mas seus tios apareceram ao seu lado e ambos apertaram suas mãos com força. Engoliu em seco enquanto uma lágrima teimosa precipitava-se no canto esquerdo do seu olho.

Os gêmeos Marcus encararam aquela cena com os cantos dos lábios repuxados. Dídimo não conseguiu beber uma só gota de álcool. Estava se sentindo culpado por aquela sentença como se ele mesmo a tivesse pronunciado. Desejou a morte de Elai diversas vezes e lá estava seu irmão mais velho prestes a enfrentá-la. Entretanto, em sua mente sempre o via culpado, nunca inocente. Quando soube que o irmão estava para ser morto por algo que não cometeu, chorou amargamente. A bebida, mesmo que fosse um alívio imediato, pareceu tão errada quanto aquela situação. Se punir pelos pensamentos que reverberam em sua mente por anos pareceu adequado. Assistir à execução sóbrio foi a melhor, pior medida.

Tom se agarrava a Jonas de forma egoísta, em busca de forças, no entanto, ninguém precisava saber de seu conflito interno. Nem mesmo o rapaz conseguia compreender os seus e de todo jeito, jamais culparia alguém por tentar buscar conforto. Desde que Tom e Elai se reencontraram em Friaze, não conseguiu sentir mais nenhum rancor. Parecia que o tempo havia voltado para o momento exato em que eles eram apenas crianças brincando na ilhota Litoral.

E foi assim que os gêmeos o viram naquele palanque. Como se o tempo tivesse voltado e uma versão muito menor de Elai tivesse assumido o controle, o irmão que conheciam, doce, no entanto, muitas vezes esquentadinho e de humor inteligente. Era essa a visão que enxergavam no alto: Elai criança, prestes a ser

morto ao som da pesada chuva.

— Elai Marcus, espero que encontre redenção pelo crime que cometeu no pós vida. — Ares pronunciou as palavras com escárnio, quase rindo da oportunidade de ouro que encontrara.

Em obediência, Elai andou até a fogueira sem ajuda de nenhum soldado, não queria que quando soubessem o que fizeram, se sentissem culpados por levá-lo para morte. Entrou no emaranhado de madeiras e foi fechado lá. O cheiro inconfundível da madeira em dias de chuva veio às suas narinas, o fazendo recordar dos treinamentos no Acampamento Militar quando criança. Grossas lágrimas desceram pelo seu rosto. Fez uma oração para que fosse achado aprovado quando se encontrasse com o Soberano.

— Assim como as chamas que trouxe para nosso meio pelo hálito do dragão, que as chamas o queimem para sua própria danação! —Ares gritou contendo o sorriso e acendeu uma tocha. Levou-a acesa diante da fogueira e a luz amarela iluminou a perversidade em seu rosto, mas a madeira havia absorvido a umidade da torrente chuva que começou na noite anterior, portanto a fogueira permaneceu apagada. Tentou mais uma vez e agora, a luz da chama mostrou apenas um rosto impaciente e frustrado. O fogo passava pela madeira, porém não a consumia, sua frustração queimou como se estivesse no meio dele. Esbravejou.

— Mas será possível? — Indagou cheio de ódio. — O que há de errado?

Os soldados ao redor descompassaram sem graça e a multidão ao redor se assustou. Um vozerio cresceu no meio do povo que assistia.

—O céu é contra. —Disseram uns aos outros.

Os Marcus na plateia sorriram satisfeitos. Talvez a Voz não tivesse dito nada porque estava planejando a agir por seus próprios meios.

— Olha, se eu fosse você trocava de fogueira. — Elai gritou do lado de dentro dela. —Essa daqui não vai funcionar.

—C-cale a boca! —Ares ordenou sem jeito. A tocha em sua mão apagou. Ele tentou acendê-la de novo, contudo não conseguiu. — Amordacem-no de novo, ele deve ter dito alguma coisa para se safar da morte!

Os soldados foram na direção da fogueira, abriram-na e tiraram Elai de lá.

— Eu sou inocente. Ninguém me deixou provar. — Falou para o público que o assistia. A chuva parou de cair. — Como um tribunal pode ser justo sem ouvir o que o acusado tem a dizer?

Aterrorizado com o que poderia acontecer a partir daí, Ares cerrou os punhos e acertou um soco na boca de Elai para calá-lo. Ele cuspiu sangue no chão e continuou:

— Ele não quer que saibam a verdade! Abram seus olhos, abram seus...

Do outro lado da praça, Draco, cercado pelos seus, mirou sua besta na direção de Elai e antes que ele dissesse mais alguma palavra, disparou acertando-lhe as costas.

Todos os soldados de Friaze assistiram a cena que pareceu em câmera lenta: Elai despencando de joelhos no chão. Seus olhos arregalaram-se de surpresa pelo ataque covarde. Não soube quem o atingiu. Caiu com o rosto no chão.

— Se quiser um negócio bem feito, faça você mesmo. — Draco gritou atrás do corpo de Elai. Sorriu debochado, acendeu seu cachimbo, tragou um pouco e completou sem o menor remorso: — Vou ter que fazer tudo por aqui?

Estupefato, o rosto de Jonas perdeu toda a cor. Sua cabeça tremia pela ira que encheu seu peito. Um grito chamando-o para guerra vibrou desde seu estômago, passando por todo o caminho até a boca. Saiu forte e queimou como se estivesse rasgando as paredes da garganta. O rugido vindo do Campo de Batalha soou pela praça, pois Jonas não estava sozinho. Ágeis e rugindo feito leão, os soldados correram na direção do disparo.

Assim como os que se levantaram para combater a injustiça, os injustos foram ao seu encontro com suas espadas. Jonas abriu a Espada Indestrutível assim que o primeiro dos nativos veio à sua frente. Se abaixou com os joelhos no chão projetando seu corpo para frente, deslizou nos paralelepípedos abaixo de seus pés. Seu oponente levantou a espada também, mas a Espada Indestrutível o cortou pelo tronco e no lugar de sangue, encontrou um ser das profundezas dissipado. Aquela cena não o assustou, pois assim que terminou com um deles,

encontrou mais outro e dessa fez

transpassou-o do pescoço à axila, em um meio X, separando sua cabeça e braço do restante do corpo.

O rugido ainda soava na praça e aqueles que não se importaram em ver a morte de Elai, correram atemorizados para suas casas e pela floresta ao redor. Assim como fizeram os soldados da Guarda Real quando viram o que acontecia aos soldados de Nova Fidem, que na verdade nada mais eram do que seres das profundezas vestidos de homens comuns.

Dídimo e Tom, no meio de tudo aquilo não sabiam bem o que fazer. Não foram treinados, porém se recusavam bater em retirada como os outros, então usariam a força dos punhos para vencer a batalha.

— Como nos velhos tempos? — Dídimo perguntou com a voz embargada. Ainda pensava no corpo de Elai deitado no palanque.

—Como nos velhos tempos. —Tom respondeu convicto.

Os dois ficaram com as costas coladas e lutavam em círculo com os seres das profundezas que chegavam.

Ares ficou chocado com a capacidade de seu aliado. Não esperava que Draco pertencesse àquelas forças malignas, portanto, assim como os outros, correu para o castelo covardemente. Quando chegou ao portão principal o trancou atrás de si e continuou correndo até a entrada do castelo. Ouviu vozes sussurrando em sua nuca, mas quando se virou não encontrou nada. Elas o acusavam de coisas horríveis, muitas das quais nem se lembrava que tinha feito. Em terror, escorregou diversas vezes no caminho ao som do que as vozes diziam a seu respeito. Seu coração podia saltar do peito a qualquer instante. O medo saía por seus poros em forma de suor. Trancou a porta principal do castelo e correu para travar as outras entradas.

— Ninguém entra ou sai! — Gritou pelo castelo. Os criados se assustaram com o pavor na sua voz e o ajudaram a lacrar o lugar. Sua esposa, que chorava em seus aposentos por causa da execução de Elai, quando ouviu seus gritos ficou assustada. Augusto também estava em seu quarto tentando não pensar no que estava acontecendo a seu amado tio. Os outros membros da família, de igual

modo, pranteavam a morte do querido herói. Apenas o rei permanecia de queixo erguido, fingindo não se importar com a

injustiça cometida. Dentro de si, por outro lado, uma batalha o consumia por inteiro. Também ouviu os gritos de terror de Ares e foi em sua direção.

Agora que tinha a atenção de todos, pegou uma garrafa de bebida forte e começou a bebê-la do bocal.

— O que pensa que está fazendo? — O rei indagou e Ares deu de ombros.

Augusto mirava o padrasto quando viu em seu rosto o brilho de um raio que cortou o céu. Olhou para os lados, mas ninguém pareceu notar. Outro raio e ainda ninguém o viu. Mais um e seu corpo inteiro começou a tremer. O barulho da chuva de granizo chegou galopante.

— Elai pertencia à forças malignas. — Começou a mentir. — Agora que morreu, os seres saíram dele e estão aterrorizando as pessoas na praça. — Bebeu um grande gole de bebida e continuou: — Temos que ficar aqui até eles irem embora. Aqui dentro estamos seguros.

— Mentira. — Augusto falou seguro, sem medo. — Você está mentindo.

—Ah, Augusto... Augustozinho... sei que você amava muito o titio Elai. — Ares se aproximou e pousou a mão em cima da cabeça do garoto, Hadassa o puxou para si. Uma gargalhada triste saiu de seus lábios. Parecia louco. — O que foi? Não posso colocar a mão no meu enteado?

— Você está mentindo sobre tudo. — Augusto continuou agora próximo a mãe que o abraçava com medo. Todos os moradores do castelo pararam para escutá-lo. —Foi você quem procurou as forças malignas e agora elas vieram te buscar.

— Ficou louco, garoto? — Ares vociferou na direção do menino e cambaleou por causa da bebida. —Olhe como fala comigo!

— Foi você quem fez meu irmão morrer, não foi? — Arriscou. — Ele sabia que não podia atravessar o labirinto... estava no meu quarto quando te ouviu falando na escada. Ele odiava você, então deve ter feito alguma coisa para convencê-lo a se jogar no labirinto. — Se você se acha tão esperto, por que não me diz o que eu

disse? —Ares indagou zombeteiro. Quem o ouviu se chocou.

— Foi você? — O príncipe Seth indagou cheio de ira. — Foi mesmo você, Comandante?

—Não foi isso que eu disse. Eu mandei ele dizer o que acha que eu teria dito para mandar o garoto para o labirinto. — Se corrigiu debochando da sua língua solta. E depois perguntou entre risadas: —O menino era tão inteligente, não? Por que foi parar no labirinto? — Eu vou te matar. — O príncipe Mateo levantou as mãos na direção do pescoço do Comandante.

Ares bateu a garrafa que segurava com força na parede, o movimento fez o príncipe recuar e a garrafa se tornou uma lâmina afiada em sua mão. Puxou Augusto dos braços da mãe e o fez de refém com sua faca improvisada.

—É só dar mais um passo que o outro morre também.

Hadassa gritou com os olhos colados na testa:

—Eu te caço até no inferno se fizer algo com meu filho.

—Não se preocupe com isso! —Ares gargalhou.

O rei perdeu suas forças. Tudo que tinha estava nas mãos de outro que nem ao menos partilhava de seu sangue. A voz categórica de Ana veio à sua mente, assim como a voz cortante da Oráculo há mais de 30 anos. Engoliu em seco e clamou por ajuda em pensamento ao Soberano. Tarde demais, ninguém estava o escutando agora.

Ainda sob as mãos do homem perverso, Augusto olhou na janela, a chuva congelada ainda batia contra ela e o jardim, então diversos vultos negros de olhos amarelados, seres das profundezas, bateram com suas mãos no vidro. Apenas o garoto os enxergou assim o como via a chuva do lado de fora. São poucas as pessoas que são capazes de ouvir o que os céus dizem e menor ainda são os que são capazes de enxergar o mundo espiritual. O jovem príncipe, por crer de todo coração em tudo que aprendeu com Elai ao longo dos anos, era capaz de fazer os dois.

Aos poucos a janela foi abrindo por aquela força medonha e Augusto sabia o que

deveria fazer. Enquanto Ares discursava sobre a ineficácia do reino do rei Gustavo, ele se descuidou um pouco, foi o tempo exato para que o menino agachasse, deixando o caminho livre para que ele fosse entregue à sua danação, como disse para Elai.

Seu corpo foi levantado no ar e empurrado com força para trás. Ares gritou cheio de pavor, pois não enxergava a razão para flutuar. Boquiaberto, Augusto encarou seu padrasto encontrar a parede e a cena era como se alguém com um balde cheio de tinta preta tivesse a despejado no castelo. Eles marcaram o local por onde passaram, mas nenhum indício de que Ares um dia existiu ficou para trás. Assim que bateu na sólida parede, no salão principal, como raízes negras, o resquício da maldade tomou seu lugar de direito, subindo e se espalhando por toda parte. A chuva que Augusto via do lado de fora cessou e as raízes recém-chegadas eram vistas por todos, bem como o estalar da fundação do castelo.

— O castelo vai desabar. — Augusto assumiu a fala. — Precisamos sair daqui.

Todos correram para fora em direção ao jardim, com exceção do rei que decidiu ficar encarando a parede ceder aos poucos. Se sentou à mesa para saborear sua derrota. Sua família gritava, chamando-o para fora, mas ele não respondia.

— No fim, somos só você e eu. — Falou olhando para as raízes malignas. Elas saboreavam seu domínio enquanto ele saboreava a falta dele. — Sempre achei que você me encontraria mais cedo ou mais tarde. Espero poder ver minha Jamile... a perdi cedo demais... pelo menos ela não viu o castelo ruir...

A parede pendeu para o lado, contudo os alicerces ainda teimavam em ficar.

— Eu preciso entrar lá. — O príncipe Seth disse aos seus no jardim. —Não posso deixar que ele morra desse jeito.

— Não! — Isabel, sua esposa implorou — Querido, você vai se matar!

— Já volto! — Disse, deu um beijo rápido em sua testa e correu na direção do castelo.

Suas filhas se agarraram umas às outras e choravam com medo porque não conseguiam discernir o que estava acontecendo. A espiritualidade não pode ser enxergada com olhos de sangue, apenas os olhos espirituais compreendem a

complexidade do mundo invisível. As meninas queriam poder gritar, pedir que o pai voltasse, todavia, as palavras fugiram dos lábios.

A parede do salão principal pendeu mais um pouco deixando os alicerces em dificuldade. O castelo estava prestes a desabar.

—Eu... —Mateo engoliu em seco e disse: —eu vou até lá.

— Querido, por favor! — Jussara também implorou, só que ele já estava distante.

— Nosso pai vai morrer, não vai? — O filho mais velho do casal disse em voz alta.

— Não diga bobagens, Conrado. — Ana, sua irmã mais nova, o repreendeu.

—Crianças, por favor. Fiquem calmas. —Jussara falou aos filhos com o pequeno Judá no colo, dizia mais para si mesma do que para os outros..

Quando Mateo atravessou o portal principal, o castelo inteiro desabou. Não tiveram tempo suficiente para se despedirem porque o tempo a ninguém pertence senão ao Soberano.

Aos prantos a família real gritou quando a poeira da construção chegou aos seus pés. Sem nenhum homem à sua frente na linha de sucessão, Augusto acabou de se tornar o rei de Nova Terra.

Vida longa ao rei.



CAPÍTULO 45

BATALHA SEM FIM, PRAÇA CENTRAL, ILHA REAL, NOVA TERRA, SÉTIMO CONTINENTE.

Tudo que começa tem seu fim.

O pensamento de que aquele era o início do fim marcava a mente no novo Dux que avançava na batalha invicto. Queria enfrentar Draco sozinho, mas sempre que se aproximava, ele parecia se esconder na multidão de seres das profundezas.

Nova Fidem foi o buraco em que eles, feito cobras, se esconderam durante o inverno no período de brumação. Ficaram reclusos todos aqueles anos e em seu longo inverno os processos metabólicos foram reduzidos à espera do momento perfeito. O inverno acabou, chegou a primavera. Rastejaram covardes para fora do buraco.

O som que emanou do castelo ruindo veio aos ouvidos dos combatentes. Todos pararam para encarar o céu naquela direção e então viram a poeira dos destroços subindo alto. Quando sua atenção foi desviada, houveram algumas baixas na Guarda das Escrituras. Era possível senti-los partindo quando eram transpassados pelos malignos.

A batalha tem cheiro e cor.

Destruição.

O mundo a que pertenciam jamais seria o mesmo. Aquele era o início do fim.

A batalha finalmente mudou de nome: Tempo de Fim.

A terra começou a tremer como se todos os gigantes do mundo soubessem que o tempo havia chegado. Acima de suas cabeças o som de asas cortando assemelhava o lugar a um aeroporto. Os dragões saíram de sua ilha e estavam sobrevoando o perímetro esperando o momento certo para entrarem na batalha. Era sabido por todos que os monstros já não eram tantos quanto no início da Batalha sem Fim, entretanto, os que restaram estavam por perto.

Os combatentes de Friaze não tiveram tempo para planejar nenhum ataque, porém, lutavam bravamente com suas espadas em punho. A agilidade os favoreceu, mas os seres das profundezas também eram habilidosos. Assistir a luta era como enxergar borrões no ar. Os gêmeos Marcus receberam um pouco da agilidade de Friaze, afinal a força da Voz de Muitas Águas estava em seu sangue. Depois de várias horas de luta Jonas alargou o avanço ao lado de seus companheiros Andreas e Zion, e ficou cara a cara com Draco. O homem perverso já não se escondeu mais e exibia o sorriso maldoso nos lábios. O corpo de Elai jazia ao fundo, deixando a sensação no jovem Dux de que havia perdido a batalha, mesmo que ainda não tivesse chegado ao fim. Draco ainda fumando seu cachimbo, permanecia feliz com o fumo entre os dentes. Aproveitou o momento e acenou debochado para o garoto que se aproximava com a espada em punho.

No caminho, Jonas precisou dissipar diversos seres das profundezas enquanto o líder deles, os assistia tranquilo, de pé. Quando não havia mais ninguém com quem lutar, ele apontou para o homem à sua frente, que fingiu não entender. Draco olhou para trás, contracenando, como se achasse que ele apontava para outro atrás de si. Gargalhou da visão à sua frente e disse:

—Sabe, eu esperava um Dux um pouquinho maior. — Debochou da idade de Jonas.

Com os pés posicionados e em guarda, Jonas clicou no botão da Espada

Indestrutível e a guardou compacta no bolso da veste. Queria lutar com as próprias mãos. Parecia o certo a se fazer. Draco segurava sua besta com uma mão só, quando viu a coragem do garoto a jogou para o lado e se posicionou também sorrindo. O rapaz proferiu o primeiro soco, mas o homem desviou, ainda com seu

cachimbo na boca. Também era ágil. Sua imagem deixou rastro no ar. Jonas semicerrou os olhos para o truque sujo do seu adversário e direcionou diversos socos, contudo, não acertou nenhum. Em uma das vezes que desviou, Draco agachou e girou a perna direita, dando uma rasteira no Dux, que caiu no chão.

Jonas não esperou que o homem o acertasse, se levantou em um pulo e usando da agilidade de seu povo, deu-lhe um chute frontal derrubando o homem, que apertou firme o cachimbo entre os dentes. —Opa, essa foi boa! Quase perdi meu cachimbo.

Jonas não disse nada, sua resposta foi um chute giratório no rosto do homem que derrubou o cachimbo e um vulto se desprendeu devagar de seu corpo, como se estivesse se descolando da pele, porém logo voltou ao seu lugar. Ele não era um homem comum, nem estava só, Jonas entendeu isso.

— Ninguém mexe no meu cachimbo. — Draco disse com uma voz sombria e dispensou socos na altura do nariz de Jonas, que defendeu cada um.

Seu antebraço do rapaz queimava pela força com que era atingido, contudo manteve o ritmo. Lutaria até o fim, houvesse o que houvesse. Nos poucos espaços de tempo que lhe restavam entre um golpe e outro, Jonas acertava chutes laterais nas costelas do homem, fazendo-o bufar de ódio. Em resposta, Draco aumentou a frequência em que se jogava para golpear o garoto, que defendia com mestria, mas estava perdendo o espaço que havia conquistado. Zion lutava em frenesi ao seu lado. Saltava alto com uma espada em punho. Acertou a cabeça de um dos seres e a lâmina cortou-o ao meio. A fumaça negra opaca subiu ao céu, mas logo veio ao chão, voltando para seu lugar de origem.

A terra tremeu com força e Jonas sabia que agora não eram os gigantes quem se manifestavam, o Giatã estava passeando pelo centro da terra. Os seres das profundezas que ainda restavam se desestabilizaram um pouco, facilitando que a Guarda das Escrituras os dizimasse sem piedade.

Andreas também se fez presente, seus brados ecoavam pela praça, o que impulsionava os outros soldados. Estavam tão compenetrados que de alguma forma que nenhum deles soube explicar, sentiram que estavam ainda mais ágeis. Diversos

oponentes foram mortos em segundos. Restavam poucos deles e Draco soube disso, tanto que acelerou sua investida afobado, jogando Jonas no chão. Quando ele caiu o botão da Espada Indestrutível foi acionada. A lâmina passou rente a perna de Jonas fazendo um arranhão em sua cocha, mas porque ele estava usando a agilidade, ela demorou a abrir por completo deixando uma dor excruciante no caminho que percorreu. Draco notou que ele estava em dificuldade, então aproveitou que o jovem Dux estava deitado e levantou o joelho para pisar em sua barriga, quando o fez a lâmina assumiu seu tamanho e prendeu-se ao pé do homem que urrou de dor.

Os seres das profundezas restantes pararam para ouvir o grito. Os Guardas das Escrituras Originais aproveitaram o ensejo para vencer a maioria deles, seus vultos subiram feito fumaça e logo alcançaram o chão.

Jonas jogou o homem para frente derrubando-o, puxou a espada de seu pé e a levantou na altura de seus olhos.

—Quais são suas últimas palavras?

— Por favor, Jonas. Por favor! Sou homem feito você! Veja... — ele clamou por misericórdia mostrando o sangue que saía de seu ferimento. — Você nunca matou um homem na sua vida. Pretende fazer isso agora? Vai ficar marcado em sua mente para sempre.

O garoto considerou as palavras. Nunca havia matado ninguém intencionalmente e isso não estava na lista de coisas que gostaria de fazer. Os seres que atingiu não eram humanos e no fundo sabia que após a batalha enfrentaria uma guerra contra si mesmo. Isso se sobrevivesse. Compreendia que sua vida não valia mais do que a de ninguém e se assustou com a indagação que o homem fez: Pretende fazer isso agora? Respirou fundo diversas vezes enquanto ponderava. Draco ainda estava imóvel no chão arfando de dor. Zion se aproximou, encarou o dilema em que se encontrava o jovem Dux e o compreendeu.

Por um breve descuido, enquanto Jonas se decidia, Draco, com a perna boa,

chutou a coxa de Jonas o derrubando de novo no chão, só que ele ainda segurava a espada em punho. Draco se levantou para fugir, mas o pé que havia sido ferido apodreceu e como se fosse a coluna de uma fundação em ruínas, despedaçou-se, se

transformando em pó e fuligem. Por causa do desequilíbrio acabou caindo em cima de Jonas e foi transpassado na barriga. Gritou apavorado tamanha era sua dor, porém, segundos depois virou pó. Jonas se levantou atônito com o rosto coberto de fuligem, mas não tinha tempo para se lamentar. A batalha estava quase finalizada. Olhou para o mar logo mais à frente e viu que faltava apenas o ser poderoso que caminhava sobre as águas se achegar. Não era o Giatã. Ele emanava todo o poder de qualquer ser que existe. O Leão atravessava as ondas, pois a água sob si o pertencia e lhe era sujeita. Como se o céu colocasse suas mãos por cima dele o segurando, não permitindo que o mar fizesse ondas. Ele parecia em um enorme tapete de honra para que o Leão pudesse passar. Quando os seres das profundezas o encararam do outro lado bateram em retirada. Jonas ouviu o som de rastejar no chão, como se ao seu lado estivessem milhares de serpentes. Os guardas que morreram permaneceram no chão. Aquele não era o seu sonho no qual a terra se encarregava dos corpos, ainda sim sentia que estava sonhando, pois, o Leão continuava seu caminho sem nenhum desvio. Os gigantes se acalmaram e os dragões voltaram para a ilha. Nenhum deles se atreveu a vê-lo chegar.

O ser majestoso atravessou a praia com rapidez, fazendo Jonas tremer. Um vento gelado percorria sua barriga. Apavorado, prostrou seu rosto em terra e como um só, seus companheiros de batalha fizeram o mesmo. Seus tios, que não se retiraram e permaneciam vivos, nunca haviam visto ser mais incrível. Seguiram o fluxo dos demais e se prostraram também. Zion se arrastou até o lado direito do Dux e tocou sua mão anunciando sua chegada. Andreas também se aproximou, sorrindo animado. Jonas ainda tremia o corpo inteiro. Viu as passadas do Leão de olhos abaixados para o chão, não conseguiu encará-lo de queixo erguido. E ele caminhava de um lado a outro, porém, seus pés não tocavam o chão. Parou diante de Jonas, deixando-o admirado pela pelugem branca, que com a luz do sol mostrava-se translucida, sem mácula. Mais uma vez teve a impressão de que o Leão estava dentro d’água, pois seus pelos se moviam como se em uma grande corrente.

Sem dizer palavra alguma, a Voz de Muitas Águas reverberou no coração e mente de Jonas perguntando o que ele queria dizer.

— Se me permite, Majestade. — Jonas começou, só que seus olhos ainda encaravam o chão. — Sei que podes trazer meu pai de volta.

Sem nenhuma palavra conhecida em qualquer língua que exista nesta terra, a Voz de Muitas Águas indagou de novo o que ele queria dizer.

— Eu creio que Vossa Majestade pode trazer meu pai de volta à vida. —Falou mais confiante, com os olhos baixos.

A Voz manteve a pergunta.

—Majestade, traga meu pai de volta à vida. —Clamou chorando, mas sabia que a mesma pergunta viria de novo, portanto continuou: —Eu sei que tem poder. Também sei que pode fazer tudo.

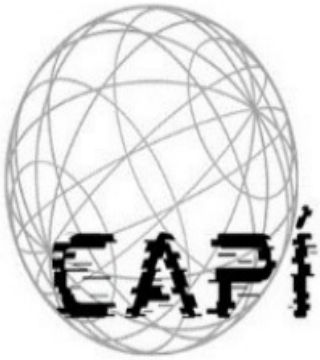
A Voz indagou o que seria exatamente tudo o que ele queria dizer.

—Tudo que quiser fazer. —Completou tristonho.

Foi neste momento que entendeu o que havia acontecido. O poder do Soberano tudo pode, entretanto, só faz aquilo que quer, assim como o vento que sopra aonde quer. E aquela não era sua vontade. Elai partiu para sempre.

O Leão desapareceu e assim que ele foi Jonas chorou como uma criança desamparada. Sofreu a morte de seu pai ainda mais intensificada porque agora compreendia a Vontade Soberana. E quem fica diante dela, tem sua vida mudada para sempre. O arrependimento por todas as coisas que não teve a chance de dizer ecoava em seu peito, mas ao passo em que pensava nelas, sentia que não as pertenciam mais, restava apenas a saudade.

Nos arredores da praça, aqueles que se esconderam da batalha que agora mudara de nome, caminharam de volta estupefatos com as marcas que ela deixou para trás. Ouviram o pranto de Jonas que sacodia todos os cantos do lugar e se comoveram junto dele. Ouve-se um choro. Doído, cortante como navalha.



CAPÍTULO 46

CAMPO DE BATALHA, BOSQUE ORIGINAL, FRIAZE, NOVA TERRA, SÉTIMO CONTINENTE.

Ao contrário do que imaginava, os monstros não despertaram ou tomaram conta de Nova Terra, e agora que se tornou o Dux Guardião das Escrituras Originais não sentia mais o poderio de Giatã sobre a Redoma. Ele daria trégua pelos anos em que Mara estivesse viva. Aquilo era obra do Soberano, um agrado ao bravo Dux que lutou bravamente.

Para Mara, encontrar o corpo do marido dentro de um caixão de madeira foi a pior sensação que sentira desde que Jonas desapareceu. Fazia tanto tempo que não o via que quase não acreditava que aquele era mesmo Elai. Durante anos acreditou que ele jamais morreria e lá estava ele, jazido em um caixão.

O rei Augusto mandou retirar todas as acusações contra Elai dos registros, ele era um herói e merecia morrer como um. Não se permitira chorar diante do povo, mesmo que sofresse demais. Enfrentou o velório de seus familiares um dia antes, com os corpos dos tios lado a lado. O corpo de seu avô, por outro lado, não foi encontrado, assim como as raízes negras que causaram a ruína do castelo. Sua alma pranteava com violência no peito. Jonas os abrigou em Friaze pelo tempo que precisassem e Augusto não tinha palavras para agradecer sua bondade, afinal estavam sem casa.

Jonas encarou o rei do outro lado do Campo de Batalha e se compadeceu. Sofriam a mesma perda, não importava mais o que sua mente queria acreditar. Na verdade, a dor do jovem rei era ainda maior. Perdera tanto nos últimos meses, que o pensamento recorrente de Jonas se sentindo desafortunado confrontou sua racionalidade, então ele o abandonou.

O jovem rei estava vislumbrando um homem a bons metros à sua frente que o lembrou seu irmão Zacarias, ele estava muito comovido, assim como seu irmão ficaria, mas não se aproximou de ninguém. Talvez fosse só a saudade, ou quem sabe o pensamento de que ele seria um rei melhor se tivesse tomado forma logo a sua frente. Aquele homem era mais velho que Zacarias jamais pôde ser. Decidiu olhar em volta, já estava sofrendo demais, não precisava de nenhum lembrete cruel de que seu irmão jamais envelheceria. Encontrou Jonas o observando, então o encarou de volta. Irmãos do mesmo pai. Elai Marcus só teve um filho com seu sangue, porém tinha dezenas de outros por adoção. Quando Augusto pensava nisso desejava poder retribuir à Nova Terra o que o herói fez por ele na ausência de seu pai Amis, que faleceu antes mesmo que se conhecessem.

Hadassa não largava o filho por um só minuto. Desde que tudo aconteceu, perdeu a voz e seus olhos indicavam que a sanidade a abandonara, assim como aconteceu com as mulheres Éden: sua avó e mãe. Feitas da mesma matéria, repetiram a história. O bebê que carregava em seu ventre não suportou a pressão e morreu muito antes de nascer.

— Talvez não seja a melhor hora, — Augusto se aproximou de Jonas e falou ao pé de seu ouvido: —mas eu não quero que a morte de Elai seja em vão. Quero retribuir.

—Estava pensando a mesma coisa.

— O que passou em sua mente, senhor Dux? — Zion perguntou entrando na conversa. Desde a batalha, mesmo que ainda não tivessem tido tempo de conversar, estavam unidos.

— As Escrituras Originais. Elas são do povo e para o povo. Quero que a gente a copie diversas vezes. Não importa se é criança ou velho, todos devem ter acesso a elas.

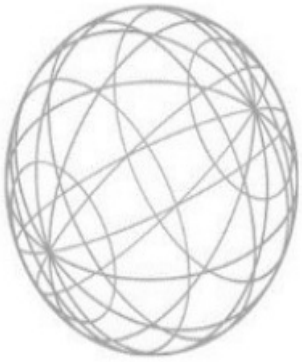
—Vamos ter muito trabalho. —Augusto assentiu sorrindo.

— Nada que a gente não dê conta. — Jonas sorriu de volta e estendeu a mão à sua frente para que selassem compromisso. — E aí, aguenta o rojão? Quer ser o melhor rei da história de Nova Terra? —Só se for sem segredos. —Confirmou apertando sua mão.

—Sem segredos.

Em seu peito, a chave que recebeu do Leão estava pronta para ser usada finalmente. Abriria a caixa que guarda as Escrituras Originais. Abaixo do Salão de Armas de Friaze, a maior arma está guardada esperando o momento para ser usada. Quem quem a possui não é dominado.

O Poder emana das Escrituras Originais. Nela há Verdade, Caminho e Vida.



EPÍLOGO

AGOSTO DE 2016, ACAMPAMENTO MILITAR, FRIAZE, NOVA TERRA, SÉTIMO CONTINENTE.

—Você já tem 21, precisa dar um jeito na sua vida. —Mara disse enquanto o Dux treinava todos os soldados da Guarda Real e Guarda das Escrituras

Originais.

— Você sabe que ninguém da nossa família vai à minha formatura né? — Brincou enquanto os soldados do Alojamento Quatro marchavam de joelhos altos no meio da neve.

— Nossa palavra vai valer muito quando os visitarmos em outubro.

— Então você quer poder dizer na mesa de jantar que seu filho finalmente está fazendo faculdade. — Jonas riu se lembrando do último jantar.

A família não aceitava não poder saber onde eles estavam morando, todavia, o assunto “estudos” sempre vence a noite. Os presentes vindos de Friaze também são muito bem aceitos.

—Exatamente. —Respondeu certeira.

— Mas eles vão querer ver o diploma e não vai ter o nome de nenhuma instituição conhecida... mãe, seremos massacrados. — Brincou de novo, fazendo trocadilhos.

— Não importa! Além do mais, eu prefiro que você encontre uma esposa numa biblioteca do que naquela taberna suja que você frequenta no Centro de Friaze.

—Ah, então a questão não é bem minha educação.

—Não. —Mara disse e sorriu para o filho.

—Então o “x” da questão é que eu me case. —Jonas riu da mãe e encarou os garotos tremendo de frio.

— Netas. O “x” da questão são as netas. — Mara o corrigiu e Jonas se surpreendeu com a rapidez em que a conversa seguiu. Parecia que ele já estava casado e tinha que dar netos a mãe.

—E por que meninas? —Perguntou e sentiu a gola apertada.

— Você não é o último Dux? — Perguntou como quem pergunta o óbvio. —Se você é o último, é porque não pode ter filhos homens. — Mãe, não é bem por

isso... — engoliu em seco. A ideia de ter filhos o deixava nervoso. — A guerra é outra no momento. E também, todos têm acesso às Escrituras agora...

— Tempo de Fim. — Ela assentiu. — Verdade, faz sentido. Mas ainda quero netas. E pelo menos um menino, já que a profecia não tem a ver com isso... quero que você tenha um filho homem para fazer você me pagar tudo que deve.

—Mãe! —Jonas se surpreendeu, então gargalhou. Apontou para os soldados e disse: —Olhe seus netos aqui.

—Nem brinque com isso —disse e deu um tapa na nuca do filho —, quero um monte de netos com a sua cara estampada neles. Se vire!

***

— Você não tem nenhum documento em Nova Terra. — A secretária da Faculdade de Lince falou o óbvio atrás do balcão.

— Sim. — Jonas respondeu entredentes, já cansado. — Eu não tenho nenhum documento.

—Você não estudou em nenhuma escola do continente.

—Exatamente. —Estava perdendo a paciência.

—E quer se matricular na Universidade de Lince? —Ela indagou com o chiclete aparente na boca. Jonas encarou enojado a massa branca na boca da mulher e perguntou:

—Você só está repetindo tudo o que eu disse, sabe disso né?

— É que é um absurdo você querer fazer uma graduação no continente sendo que para nós, você nem existe.

— Moça, onde você esteve nos últimos três anos? Eu sou Jonas Marcus, Dux, Guardião das Escrituras Originais!

— Sim, mas as Escrituras estão por toda parte agora... — A mulher apontou para seu exemplar pousado na cadeira atrás de si. — Então...

— Graças a mim. De nada. — Ele ironizou. — Agora, por favor, me diga o que eu preciso fazer para conseguir começar minha graduação.

—Nossa, que pressa, hein?! —Foi a vez dela ironizar.

— Sim. Estou com pressa. — Falou e a imagem do acampamento veio à sua mente. Já estavam no verão e o clima mais agradável rende ótimos treinos ao ar livre.

—Acho que vai precisar de uma autorização...

— De quem? Só me diz de quem que eu vou logo embora daqui. —Falou sem paciência.

—Do rei. —Ela o desafiou.

— Ah, que ótimo! Ele vem jantar na minha casa hoje. — Disse sincero, porém estava tão nervoso que pareceu deboche.

—Não precisa ser tão grosso! —Ela o repreendeu.

—Não, eu não estava...

— Pegue o documento de autorização na biblioteca e leve para seu amigo assinar. —Falou mal-humorada e deu-lhe as costas.

—Muito obrigado. —Tentou compensar.

Andou pelos corredores da enorme faculdade e a arquitetura que parecia grega clássica o fez repensar sua falta de interesse em estudar. Talvez não fosse tão ruim assim. Os jovens estudantes passavam por ele estupefatos pelas vestes de Dux. Estava tão acostumado com elas que se esqueceu que Friaze parece um continente dentro do próprio continente, como se fosse o oitavo. Chegou à biblioteca e se surpreendeu com a extensão dela. Parou diante do balcão, não havia ninguém, portanto pôde observar as enormes estantes repletas de livros do chão ao teto. Haviam dezenas de mesas redondas no centro do pátio, computadores brancos para acesso dos alunos e uma parede repleta de heróis da história de Nova Terra. Chocou-se com o sorriso de seu pai. Emolduraram uma

enorme pintura no alto da biblioteca. Os olhos verdes brilhavam e sorriam tanto quanto faziam em vida. A saudade

o atingiu em cheio, mas não como nos primeiros meses de luto. Agora ela se fundia às memórias. Não doía mais, apenas ficava ali junto das histórias.

A homenagem que a faculdade fez a seu pai minou seus olhos e ele sorriu quando constatou uma lágrima quente chegando ao canto de seu lábio.

— Também fiquei emocionada quando o vi. — Disse uma voz feminina ao seu lado. Jonas se virou para o lugar de onde veio o som.

— Reconheceria sua voz na multidão. — Ele falou sorrindo aberto.

— E olha que as aulas ainda nem começaram. — Abigail respondeu e riu. Seus cabelos não eram mais trançados e tão longos. Agora usava-os soltos na altura dos ombros. Havia mudado e amadurecido como Jonas. Ela se colocou atrás do balcão. — Quando começarem de fato, você vai ver o que é multidão. Ai a gente descobre se isso é verdade.

— Esqueceu que eu tenho superpoderes? — Brincou enquanto se apoiava no balcão. Ela sorriu feliz por vê-lo depois de tanto tampo.

— Ah é verdade, senhor Dux... — Abaixou em cumprimento, Jonas gargalhou. — A que devemos a honra da sua visita?

— Preciso de uma autorização para estudar aqui, já que eu não tenho nenhum documento ou comprovação de que não sou um analfabeto.

— Vou redigir pra você. — Falou e deu uma piscadela. Jonas engoliu em seco.

—Então... trabalhando na biblioteca da faculdade...

— Sim, sabe como é, eles pagam. — Caçoou porque estava nervosa. Pigarreou quando viu o sorriso sem graça de Jonas e então continuou: —Eu trabalho durante o dia e estudo a noite.

—Entendi... estuda o que?

— Engenharia mecânica. — Respondeu ainda digitando a autorização.

— Claro! — Ele riu e ela ficou sem graça, pois se lembrou do passado. —Como vai seu irmão?

— Muito bem! Hã, ele agora tem um monte de amigos da idade dele, já que nos mudamos para Lince... tem a escola... essas coisas...

—Adoraria visitá-los um dia. Sinto falta de... vocês.

— Ah, até parece! — Abigail brincou, mas seus olhos se encheram de lágrimas. — Com certeza tem coisas muito mais interessantes para fazer agora que é um super-herói com superpoderes...

— Nunca estou ocupado demais para passar tempo com meus amigos.

Ela sorriu e assentiu. Também queria que ele os visitasse.

— Então, o.k. Vamos marcar. — Ela disse e entregou a autorização. — Agora que vai estudar aqui, vamos nos ver mais vezes...

—É, vamos sim. —Ele sorriu aberto.

—Vai estudar o que? —Abigail perguntou.

—Sei lá, qualquer coisa com a menor carga horária... — Brincou e Abigail riu tanto que finalizou com um ronco. Ficou com o rosto escarlate fazendo Jonas rir também.

—Shiu! —Um estudante baixinho pediu silêncio.

— Ah, cale a boca, Rubens! As aulas ainda nem começaram! — Abigail repreendeu o rapaz. Em resposta ele apontou para a placa que pedia silêncio no recinto. A moça revirou os olhos, deixando Jonas ainda mais feliz em vê-la de novo. Nem tudo havia mudado.

— Bom, então eu vou nessa! — Jonas disse acenando com a mão. Não sabia se podia abraçá-la ou não. Ela assentiu também sem graça, se despedindo.

—Então, beleza. A gente se vê...

Jonas deu as costas e foi em direção a porta, só que sua cabeça fervilhava. Mil pensamentos por minuto. Temia que as coisas mudassem de vez e eles não se vissem mais. Quanto tempo demorou para que se reencontrassem! Não queria esperar, então deu meia volta pegando Abigail de surpresa.

—Vai fazer o que hoje no jantar?

—Hã... eu?

—É, você. —Ele sorriu, sabia que ela também sentia o mesmo. — Nada...

—Então, você e Noah vão jantar comigo e minha família. A gente vai comemorar os três anos de fim da escravidão em Nova Terra... meus tios, meu primo Benjamim, minha mãe... você não conheceu minha mãe, né?

—Ainda não. —Respondeu nervosa, se imaginando nessa mesa repleta de familiares de Jonas.

— O rei Augusto... bom, ano passado ele não pôde, teve um compromisso na Ilha Luna... acho que estava considerando se casar com uma moça de lá, mas não deu certo... — falava demais porque estava nervoso. — Enfim, tudo bem porque ele tem tempo de sobra! Só 16 anos, isso não é nada. Aposto que a mãe dele nem o cobra pra ter netas...

— Por que netas? — Ela indagou sorrindo, então ele se deu conta que o assunto estava ficando pessoal demais.

—Hã... não importa. Quer jantar com a gente?

—Onde vai ser?

— No Acampamento Militar de Friaze, às 19h. — Falou esperançoso.

—Tudo bem, a gente vai. —Ela respondeu sorrindo.

—Shiu! —O rapaz pediu de novo.

— Cale a boca, Rubens! — Jonas e Abigail disseram em uníssono.





Muitas vezes a escrita é solitária. Passei dias confinada no meu quarto escrevendo, enquanto o mundo passava pela minha janela. Por mais que o trabalho tenha sido árduo e difícil, na maioria das vezes meu sacrifício foi o mínimo que poderia fazer diante do que a história me ensinou. Valeu a pena o tempo reclusa no calor e as lágrimas de exaustão.

Obrigada, Senhor por esse tempo precioso. Sigo aprendendo contigo, e nunca quero parar. Obrigada pela história! Quando ela tinha outro rosto o Senhor me deu uma perspectiva melhor, muito obrigada!

Obrigada papai e mamãe pelo apoio de sempre, vocês são os melhores (melhores amigos de mim).

Obrigada a Manu e Tina, minhas sobrinhas. Espero que um dia, num futuro não tão próximo - já que são muito novinhas -, vocês possam ler meus livros principalmente este em que dei vida a duas personagens que não só têm seus nomes, como suas personalidades e aparências. Espero que vocês encontrem amor pelas Escrituras assim como Jonas encontrou no fim da jornada.

Bia Lírio, minha amiga/irmã, que separou um tempo na agenda de estudos e trabalho para ler este livro e que chorou junto comigo por ele. Te amo amiga, você e sua família foram uma das coisas

mais incríveis que me aconteceram desde a conversão. Louvo a Deus por conhecê-las!

Bruna Diana, esta lista de agradecimentos está repleta de autoras incríveis e você é claro, é uma delas. Obrigada por separar um tempo para ler essa aventura e por deixar seus milhões de comentários. É claro que você nunca me aborreceu, eu amei sua interação, muitíssimo obrigada!

Bruna Sousa, obrigada por seus toques sinceros que me ajudaram a melhorar este texto. Obrigada de coração por tirar um tempinho para conhecer a história de Jonas e por se preocupar em me alertar sobre o que precisava melhorar. Você é maravilhosa! Gabriela Ramos, Jonas não se casou com você, mas eu prometo escrever um par de papel adequado da próxima vez! Obrigada por sempre estar lá.

Gabrielle Costa, obrigada pela sinceridade e apoio, sei que essa amizade vai durar, somos parecidas demais para ficarmos longe! Muito obrigada por amar OSC tanto quanto eu. Sua opinião valeu e vale muito.

Obrigada Ioná Raquel Nunes, você me ajuda tanto sempre, não tenho palavras para agradecer! Obrigada por não só estar presente para me socorrer na correção deste livro, como para rir da vida. Sou eternamente grata.

Isis Hainner, minha primeira leitora não só de OSC como de Aquela que Dorme... Eu já disse que sou muito agradecida? Pois bem, eu não tenho palavras para te agradecer. Obrigada por sempre estar disponível, você é incrível!

Jane Cardoso, sua maravilhosa, obrigada por me encher de mensagens sobre

OSC. Eu amo trocar ideias contigo! Sempre que lembro de você penso em Bela andando pelas ruas com um livro nas mãos. Espero que faça isso com esse exemplar. Mas, por favor, cuidado com o tráfego!

Jani Gomes, eu ainda não acredito que você leu este livro em três dias. Sério, você me chocou de tal forma que vou sempre me lembrar desse episódio com um sorriso nos lábios! Eu amei ler cada comentário seu e por isso te batizo minha leitora beta para sempre. Bom, pelo menos enquanto você quiser... Obrigada, sua fofa!

Renata Aires, minha amiga/irmã/assessora/confidente, sou muito feliz por ser a sua segunda favorita. Gostaria de ser a primeira, mas me contento com o segundo lugar. Desisti de lutar! Obrigada por ler minhas histórias e surtar muito nos seus podcasts. Você é maravilhosa! Te amo. Espero que Bia não demore a ler esta história também...

Wildymara Miranda, obrigada pelo apoio de sempre! Significa muito.

Até logo...